



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO

MARIANA CARDOSO PUCHIVAILO

**REPERCUSSÕES CLÍNICAS DE UMA EXPERIÊNCIA EM GRUPO DE
MUSICOTERAPIA COM PESSOAS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE:
UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

Curitiba - PR

2014

MARIANA CARDOSO PUCHIVAILO

**Repercussões clínicas de uma experiência em grupo de Musicoterapia com Pessoas
em Sofrimento Psíquico Grave: Um estudo Fenomenológico**

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, da Universidade Federal do Paraná como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado
Holanda

Co-Orientação: Profa. Dra. Joanneliese de
Lucas Freitas

Trabalho financiado pelo Programa
REUNI.

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIANA CARDOSO PUCHIVAILO

REPERCUSSÕES CLÍNICAS DE UMA EXPERIÊNCIA EM GRUPO DE MUSICOTERAPIA COM PESSOAS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda
Orientador - Departamento de Psicologia,
UFPR

Profa. Dra. Joanneliese de Lucas Freitas
Co-orientadora - Departamento de
Psicologia, UFPR

Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa
Departamento de Departamento de
Psicologia, UNB

Profa. Dra. Rosemyriam Cunha
Departamento de Departamento de
Musicoterapia Unespar

Curitiba, 02 de Junho 2014.

Metade – Oswaldo Montenegro

*Que a força do medo que tenho
Não me impeça de ver o que anseio
Que a morte de tudo em que acredito
Não me tape os ouvidos e a boca
Porque metade de mim é o que eu grito
A outra metade é silêncio
Que a música que ouço ao longe
Seja linda ainda que tristeza
Que a mulher que amo seja pra sempre amada
Mesmo que distante
Pois metade de mim é partida
A outra metade é saudade
Que as palavras que falo
Não sejam ouvidas como prece nem repetidas com fervor
Apenas respeitadas como a única coisa
Que resta a um homem inundado de sentimentos
Pois metade de mim é o que ouço
A outra metade é o que calo
Que a minha vontade de ir embora
Se transforme na calma e na paz que mereço
Que a tensão que me corrói por dentro
Seja um dia recompensada
Porque metade de mim é o que penso
A outra metade um vulcão
Que o medo da solidão se afaste
E o convívio comigo mesmo se torne ao menos suportável
Que o espelho reflita meu rosto num doce sorriso
Que me lembro ter dado na infância
Pois metade de mim é a lembrança do que fui
A outra metade não sei
Que não seja preciso mais do que uma simples alegria
Pra me fazer aquietar o espírito
E que o seu silêncio me fale cada vez mais
Pois metade de mim é abrigo
A outra metade é cansaço
Que a arte me aponte uma resposta
Mesmo que ela mesma não saiba
E que ninguém a tente complicar
Pois é preciso simplicidade pra fazê-la florescer
Pois metade de mim é plateia
A outra metade é canção
Que a minha loucura seja perdoada
Pois metade de mim é amor
E a outra metade também.*

AGRADECIMENTOS

Aos participantes dessa pesquisa, obrigada pela disponibilidade, abertura e carinho. Apreendi muito com vocês e sempre vou recordar com carinho e gratidão de nossos encontros.

Novo tempo – Ivan Lins

“No novo tempo, apesar dos castigos

Estamos crescidos, estamos atentos, estamos mais vivos”

A meu grande amor e companheiro de vida, de casa, de sonhos, de caminhada. Anibal, obrigada por tornar minha vida ainda mais maravilhosa. Obrigada pelo apoio e paciência nesse período de mestrado.

Ainda bem - Vanessa da Mata

“Ainda bem, que você vive comigo, porque senão

como seria essa vida, sei lá, sei lá.

Nos dias frios em que nós estamos juntos, nos abraçamos

sob o nosso conforto, de amar, de amar.

Se há dores tudo fica mais fácil, seu rosto silencia e faz parar.

As flores que me mandam são fato, do nosso cuidado e entrega.

Meus beijos sem os seus não dariam. Os dias chegariam sem paixão.

Meu corpo sem o seu uma parte. Seria o acaso e não sorte”

A minha família por quererem sempre o meu bem, torcerem por mim e me darem apoio em todos os sentidos. Obrigada Mãe e Pai pelo carinho e por me criarem vendo o lado bom da vida, Enite pelas comidinhas e histórias, Rico por me fazer refletir sobre a vida e pelas cuias de chimarrão.

Cantinho escondido – Marisa Monte

“Dentro de cada pessoa existe um cantinho escondido,

decorado de saudade, um lugar pro coração pousar,

um endereço que se vive sem morar”.

A meus amigos de dissertação. Vocês fizeram essa caminhada muito mais divertida e menos solitária. Obrigada Guilherme, Doug e Marcelo pelas risadas, compartilhamento de desesperos, troca de ideias, cervejas e vinhos. Espero que nossa amizade continue sempre, adoro vocês. Junto com o Adriano e a Larissa vocês se tornaram minha segunda família nesses últimos dois anos.

“With a little help from my friends”

As minhas irmãs Paula, Cintia, Maristela, Carol e Lilian que aquecem meu coração e coloremeu mundo. A vida possibilitou nosso encontro como amigas e pelo amor nos fez irmãs.

Ciranda - Gilberto Gil

*“Vem de um lugar chamado Flores esta ciranda de tantas cores
Vem nos aliviar as dores, os maus olhados, os dissabores.
O cirandeiro, cirandeiro, que faz ciranda o tempo inteiro
Só por folia, só por amor...”*

Por último e especialmente, a meu orientador. Adriano, obrigada pela enorme dedicação e paciência. Agradeço seus incansáveis questionamentos que buscavam meu crescimento enquanto pesquisadora e profissional. Além disso, você sempre se colocou em uma posição de disponibilidade e humildade o que nos dava abertura para dialogar, perguntar, questionar ou até mesmo discordar. Uma verdadeira arte e um dos melhores atributos de um professor em minha opinião.

Intuição – Oswaldo Montenegro

*“Canto uma canção bonita, falando da vida, em 'Ré maior'
Canto uma canção daquelas de filosofia e mundo bem melhor
Canta o que não silencia, é onde principia a intuição
E nasce uma canção rimada da voz arrancada ao nosso coração”*

“Uma ostra que não foi ferida não produz pérolas”

Rubem Alves

Pérolas são produtos da dor; resultados da entrada de uma substância estranha ou indesejável no interior da ostra, como um parasita ou grão de areia. Na parte interna da concha é encontrada uma substância lustrosa chamada nácar. Quando um grão de areia a penetra, às células do nácar começam a trabalhar e cobrem o grão de areia com camadas e mais camadas, para proteger o corpo indefeso da ostra. Como resultado, uma linda pérola vai se formando. [...]

Foi difícil encontrar as pérolas desse trabalho. Hoje não entendo como não as vi o tempo todo, lá, a minha frente, claras e cintilantes. Não pela falta de apreciação das pessoas que me acompanharam durante a pesquisa, nunca duvidei de suas belezas. Meu carinho e apreciação pelos participantes dessa pesquisa nunca foram postos a prova, nunca houve dúvida sobre a preciosidade das pessoas que dividiam comigo o espaço do grupo. Porém durante o processo me sentia perdida, confusa, sem saber sobre o quê dessa experiência eu iria falar. Aos poucos aquela areia que incomodava, que era indesejável foi mostrando seu brilho, e quando me dei por conta, perdi-me na imensidão de riquezas que encontrava em cada relato, em cada momento vivenciado junto em sessão. Ia relendo as transcrições e pronto, ali estava mais uma joia pedindo para ser exibida. Mas como dar conta de tudo isso? Não dei. Dei o que podia, fiz o que era capaz de fazer com muito mais do que eu esperava. E o que fiz em quase nada se parece com que imaginava inicialmente. Espero que tenha feito jus a essa experiência divertida, levemente dolorosa, incômoda, trabalhosa, mas principalmente transformadora que passei. E das pérolas que encontrei com essa experiência, e das areias que tanto me incomodaram, criei também minhas próprias pérolas, nem todas perfeitamente redondas ou impecavelmente alvas, mas todas com enorme valor para mim.

Puchivailo, M. C. (2014). Repercussões clínicas de uma experiência em grupo de Musicoterapia com pessoas em Sofrimento Psíquico Grave: Um estudo Fenomenológico. 393f. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

RESUMO

O trabalho teve por objetivo investigar as repercussões clínicas apresentadas por sujeitos em sofrimento psíquico grave, frente a uma experiência em grupo de Musicoterapia. Trata-se de um estudo qualitativo de orientação fenomenológica com onze sujeitos que frequentam um CAPS II na cidade de Curitiba. Foram realizadas 17 sessões de Musicoterapia em grupo e entrevistas individuais no início e no final do processo da pesquisa. Como procedimento de análise das entrevistas foi utilizada a análise fenomenológica de Giorgi. As repercussões clínicas apresentadas foram: mudanças na relação com a música; interação; descontração; conquista de objetivos pessoais; elaboração de experiências recordadas; catarse; um projeto de vida; repensar a relação com o outro, repensar-se frente ao outro; realizar coisas novas; um espaço para estar; sentir-se compreendido; desconforto. Diversas reflexões foram disparadas durante a pesquisa a respeito da prática clínica da Musicoterapia e referentes às práticas em Saúde Mental de modo geral. A partir dessa experiência, percebemos o potencial da música para auxiliar no cuidado à Saúde Mental, através de sua utilização é possível criar um espaço mais descontraído, que facilita a interação e pode gerar um ambiente que tem como foco a vida e não a doença. Também notamos que a musicoterapia não será indicada a toda a população em sofrimento psíquico grave, já que pode haver desconfortos significativos em alguns membros do grupo frente ao contato com a música produzida em grupo. A música pode repercutir das mais diversas formas, por isso concluímos que é necessário cuidado ao escolher o profissional que irá atuar com essa ferramenta. Por vezes percebemos certa leviandade em relação ao impacto que as oficinas terapêuticas podem ter no indivíduo, inclusive as oficinas ligadas às artes. Referentes às práticas em saúde mental, notamos o entrecruzamento de duas formas conflitantes de compreender o sofrimento psíquico grave e na forma da atenção à saúde. Uma, ainda voltada a um enfoque na doença mental e a busca por um retorno do doente a uma normalidade e, outra, colocando o sujeito como foco do processo buscando compreender seu contexto e demandas para então modelar os processos de cuidado.

Palavras-chave: Musicoterapia, Sofrimento Psíquico Grave, Fenomenologia.

Puchivailo, M. C. (2013). Clinical implications of an experience in a music therapy group with people in a serious psychic suffering: A Phenomenological study. 393f. Master's Dissertation of the Post Graduate Program in Federal University of Paraná, Curitiba, 2014

ABSTRACT

The study aimed to investigate the clinical implications presented by people in a serious psychic suffering, over an experience in a group of music therapy. This is a qualitative study with a phenomenological orientation made with eleven individuals attending CAPS II in the city of Curitiba. Seventeen music therapy group sessions were conducted and individual interviews at the beginning and end of the research process. To analyze the data the Giorgi's phenomenological method was used. The clinical implications were presented: changes in relation to music; interaction; relaxation; achievement of personal goals; elaboration of remembered experiences; catharsis; a life project; rethink the relationship with others, rethink themselves facing others; experience new things; a space for being; feeling understood; discomfort. Several reflections were fired during the research about music therapy and clinical practices related to mental health as a general practice. From this experience, we realized the potential of music to assist in the care of Mental Health, through its use you can create a more relaxed space that facilitates interaction and can generate an environment that focuses on life and not disease. We also noted that music therapy is not indicated for the whole population in severe psychological distress, as there may be significant discomfort in some members of the group when in contact with music produced in groups. Music can reflect in many different ways, so we conclude that it is necessary to carefully choose the professional that will work with this tool. Sometimes we perceive certain levity about the impact that therapeutic workshops may have on the individual, including those related to arts workshops. Relating to mental health practices, we notice the crossing of two conflicting ways of understanding the serious psychological distress and forms of health care. One turned its focus on mental illness and the search for a return of the patient to a normality and another, putting the focus on the subject trying to understand his context and demands to then model the processes of care.

Keywords : Music therapy , Severe Psychological Suffering , Phenomenology.

LISTA DE GRÁFICOS E ESQUEMAS

Gráfico 1 – Ambiente Sonoro das Sessões Iniciais	68
Gráfico 2 – Expressões Sonoro-Musicais do Grupo	80
Gráfico 3 – Interação, Comunicação e Coesão do Grupo	98
Esquema 1 – Forma de interação do Grupo I	72
Esquema 2 – Forma de interação do Grupo II	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. MUSICOTERAPIA, PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL	7
1.1 Artigo: A história da Musicoterapia na Psiquiatria e na Saúde Mental: dos usos terapêuticos da música à Musicoterapia	7
2. FENOMENOLOGIA, PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL	26
2.1 Artigo: Reforma na Saúde Mental no Brasil e suas vinculações com o pensamento fenomenológico	26
3. METODOLOGIA	47
4. REFLEXÕES A PARTIR DO MATERIAL	59
4.1 Relação com a música	59
4.2 Descrição do processo musicoterápico	64
4.2.1 Reflexões sobre o processo musicoterápico	93
4.3 A Experiência dos participantes do grupo de Musicoterapia	106
4.3.1 Repercussões da experiência no grupo de Musicoterapia	113
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	152
ANEXOS	161
Anexo I	161
ANEXO 1 - Referências levantadas de algumas produções acadêmicas sobre Musicoterapia e Saúde Mental	161
ANEXO 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	168
ANEXO 3 - Documento de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR.....	171
ANEXO 4 - Documento de Aprovação do Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba.....	173
Anexo II – Transcrições	174
ANEXO 5 - Análise das Entrevistas Iniciais	174
ANEXO 6 - Análise das Entrevistas Finais	199
ANEXO 7 - Transcrição das Sessões de Musicoterapia	243
ANEXO 8 – Conversa com a respeito do estigma de ser uma “doente mental”.....	389

INTRODUÇÃO

A música é algo caro à história da humanidade. Ela está em nosso cotidiano há milhares de anos, nos acompanhando em nossos afazeres desde a pré-história. É usada para comunicar, como meio de expressão de suas angústias e alegrias, é utilizada para conquistar ou embalar histórias de amor. Foi usada no teatro grego como elemento essencial para que o público pudesse se sentir parte da história e como tal é utilizada nos filmes até hoje. É usada e criada por ouvintes e surdos, como o rapper *Signmark*¹.

O homem escuta, compõe, re-cria, descontrói, improvisa música. O homem age através da música, seja para protestar como *Apesar de você* de Chico Buarque durante a ditadura, ou para pedir paz como *Imagine* de John Lennon. A música já foi utilizada como arma de tortura por diversos países, como os Estados Unidos, para a rendição do presidente do Panamá, Manuel Noriega². Podemos conhecer a história através da música: as diferentes crenças dos povos ao longo da história, seus rituais, suas batalhas, todas descritas através das músicas. Podemos conhecer o homem e sua relação com o mundo através da música.

A música também teve diferentes usos terapêuticos ao longo da história da humanidade. Isso foi feito de diferentes formas: através da criação de cantos de cura pelos xamãs que retiravam o espírito possessor do corpo adoentado, pelo uso da música enquanto prática preventiva pelos gregos, que acreditavam que a música auxiliava no equilíbrio do homem, ou, mais atualmente, na reabilitação de acidentes vasculares encefálicos.

O enfoque de nossa pesquisa é a compreensão sobre os usos da música no cuidado à Saúde Mental, mais especificamente na atenção ao sofrimento psíquico grave. Optamos por utilizar a expressão “sofrimento psíquico grave” para falar dos sujeitos de pesquisa, com o intuito de ressaltar a dimensão contínua e próxima de qualquer sofrimento humano, para qualquer sujeito, possuidor ou não de um CID, frequentador ou não de um CAPS. O objetivo do uso desse termo é o de evitar as pressuposições e determinismos que vem a partir das classificações dos transtornos mentais.

¹ Signmark é um músico finlandês surdo que compõe Rap através de libras.

² A utilização de certas frequências sonoras podem afetar a orientação espacial de uma pessoa e seu sentido de equilíbrio. O exército estadunidense já utilizou a música como arma de guerra em diferentes momentos, em Maio de 2003 a BBC informou que eles utilizavam em interrogatórios de prisioneiros iraquianos as “Enter Sandman” de Metallica e “I Love You” de Barney, um personagem infantil, repetindo as canções com grande intensidade (Cusick, 2006).

Costa (2003) coloca que estamos metaforicamente presos a grilhões de conceitos como o de esquizofrenia, como os homens da caverna de Platão, que nos permite enxergar apenas sombras, o que nos dá um falso senso de realidade. Com a expressão “sofrimento psíquico grave” se pretende aproximar a realidade do sujeito que poderia ser chamado de esquizofrênico da nossa própria realidade, uma realidade que é comum. Não pretendemos diminuir a importância e a eventual necessidade da existência de tais classificações, como forma de uma linguagem comum a se falar em psicopatologias. Porém, pretendemos voltar o foco ao sujeito ao invés de sua “doença” ou sintomatologia.

A palavra sofrimento deriva do grego *pherein* e do latim *suffero*, que significam tanto resignação, tolerância, ação de suportar, permitir por tolerância. O sofrimento psíquico faz parte da vida do homem, uma condição passível ou inerente ao ser humano, com suas particularidades e contextos próprios. Cada sujeito irá vivenciar seu sofrimento de forma muito particular, singular (Costa, 2010, 2013). Minkowski (1968/2000) já afirma que o sofrimento não poderia ser considerado sinônimo de desequilíbrio ou de anormalidade; na verdade, o sofrimento é constitutivo da existência: “No cadinho do sofrimento forma-se a pessoa humana; por aí ela se afirma. (...) Esse aspecto pático da existência – e nós já o fizemos pressentir – atravessa a vida humana e de sua parte, nesse sentido, a fundamenta” (p.164).

É importante ressaltar que o sofrimento psíquico grave é um fenômeno multicausal e complexo. O sofrimento é entendido a partir da relação com o mundo. Ele se constrói e se expressa nas relações afetivas, sociais e culturais (Costa, 2013). O conceito de sofrimento psíquico grave engloba: o “sofrimento” enquanto parte da essência do homem; o “psíquico” para falar de um sofrimento que não é somente da ordem orgânica, mas também dos afetos; e “grave” para enfatizar sua intensidade e difícil manejo. As crises psíquicas graves são as situações de vivências conflituosas básicas que marcam definitivamente o sujeito (Costa, 2010).

O homem necessariamente passa por diferentes crises ao longo de sua vida; na maioria das vezes são momentos de surgimento de um elemento novo que exigem uma mudança de posição e que geram significativas mudanças e amadurecimento. Noutros momentos geram conflitos que desencadeiam estados de desordem que acabam cronificando estados de sofrimento que limitam a vida do sujeito em crise. Neste último caso se encontra a crise psíquica grave.

Segundo Costa (2013), a aproximação da Fenomenologia na compreensão do sofrimento psíquico grave representa a busca pela compreensão da experiência vivida

pelo sujeito em sofrimento, no abandono da atitude natural diante desse fenômeno, mediado pela intersubjetividade. O autor também aponta a importância ética dessa atitude fenomenológica. “As dimensões psicológicas da loucura não podem então ser reprimidas a partir de um princípio de explicação ou de redução que lhes seria exterior” (Foucault, 1954/1968 p.97). Todo este esforço na busca pela compreensão do sujeito em sofrimento, pela desnaturalização das concepções acerca da “doença mental”, pretende, além de um conhecimento a respeito desse fenômeno, um reconhecimento do sujeito e da recolocação desse sujeito no contexto de sua própria experiência.

Para compreender e buscar formas de amenizar o sofrimento psíquico grave são necessárias também formas transdisciplinares de atuação. Afinal, as particularidades do sofrer e do existir de cada ser humano necessitam de formas diferentes de interação.

A cada situação de crise, deve-se buscar os vários atores e diferentes estratégias de mobilidade e flexibilidade no serviço, para ativar o contexto de vida do sujeito, as alianças com sua rede relacional para reconexão e contratualidades, que, ao final, objetivará uma diminuição das recorrências de crise e uma possibilidade de estratégias de promoção de saúde mental e de exercício de direitos de cidadania (Silva, 2010, p. 33).

Como coloca Silva (2010), é preciso diferentes estratégias e diferentes atores para dar conta da complexidade do atendimento à crise. Todo sofrimento psíquico grave há um risco e uma oportunidade. Um risco de cronificação ou sua oportunidade de transformação e crescimento a partir de um momento de crise. Pela gravidade do sofrimento faz-se necessário um acompanhamento que possa promover ajuda e acolhimento, minimizar as morbidades secundárias e prevenir recaídas (Costa, 2013).

Com o intuito de pesquisar novas estratégias de atendimento que possam agregar aos atendimentos aos sujeitos em sofrimento psíquico grave propõe-se realizar uma pesquisa a respeito da clínica musicoterápica. Segundo a Federação Mundial de Musicoterapia, a Musicoterapia é definida como:

A utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de

alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais, e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento (Bruscia, 2000, p. 286).

A Musicoterapia é um campo – novo – da ciência que estuda o ser humano em suas manifestações sonoras e os fenômenos que decorrerem da interação entre as pessoas e a música, o som e seus elementos: timbre, altura, intensidade e duração (Cunha & Volpi, 2008). Enquanto prática terapêutica é um processo sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o cliente a promover a saúde utilizando as experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança (Bruscia, 2000). Neste trabalho utilizaremos a palavra *música*, porém, a música nesta pesquisa se refere a qualquer expressão ou experiência sonoro-musical. Sejam estas vividas através de notas ou ruídos, sons da natureza ou sons produzidos pelo homem, mas que dizem da relação homem e mundo que é atravessada por estas sonoridades. A música também não é considerada nesse trabalho um objeto, mas uma ação do homem.

Neste fazer³ musical, segundo Brandalise (2001), o indivíduo pode não só se expressar na música, mas “ser” na música. Na Musicoterapia há a possibilidade, no momento desse encontro, de se estar “vivendo na música”, com o terapeuta e o indivíduo vivendo/sendo nas experiências sonoro-musicais (Brandalise, 2001). Através da experiência sonoro-musical, o indivíduo pode expressar suas experiências e sentimentos, permitindo que ele os vivencie concretamente, a música realizada por ele e pelo terapeuta, onde, dá a estes sentimentos e experiências, forma.

O problema que propulsionou esta pesquisa foi: quais as repercussões clínicas apresentadas por sujeitos em sofrimento psíquico grave frente a experiência em um grupo de Musicoterapia? Nos referimos a repercussões clínicas como os efeitos, os impactos, as consequências da participação desses sujeitos na Musicoterapia em grupo em suas vidas. São repercussões clínicas, pois se referem a um contexto clínico. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de constantes ampliações das estratégias e possibilidades de atuação ao

³ Existem diversas modalidades do fazer musical: improvisação, composição, audição, etc. O Fazer Musical em musicoterapia possibilita a interação entre duas ou mais pessoas, ele é considerado um discurso musical, que é composto pelos signos musicais, produzidos pelo indivíduo e o terapeuta. Este conjunto de signos que se combinam entre si possuem sentidos e significados aos indivíduos que o produzem (Sampaio, 2005).

sofrimento psíquico grave por este ser um fenômeno complexo. Compreendemos também a importância de pesquisarmos as repercussões da atuação musicoterápica no contexto da Saúde Mental.

Para isso foi realizada uma pesquisa de campo, realizada em um CAPS II de Curitiba, em que era ofertada Musicoterapia em grupo, duas vezes por semana, durante dois meses, totalizando 17 sessões. O grupo era fechado, composto por 17 sujeitos com diferentes demandas e situações de sofrimento. Para compreender a repercussão desse trabalho proposto foram realizadas entrevistas com os participantes. A pesquisa foi realizada sob uma perspectiva qualitativa fenomenológica, utilizando o método de Amedeo Giorgi (1985/2000) para análise das entrevistas. Através da análise do material, pode-se perceber as repercussões da experiência clínicas dos participantes no grupo.

Consideramos interessante uma apresentação de um panorama a respeito da temática desta dissertação. Apresentamos no primeiro capítulo, a história dos usos terapêuticos da música desde a pré-história até a criação da Musicoterapia e suas relações com a Saúde Mental desde seu surgimento. Ao investigar a clínica musicoterápica no sofrimento psíquico grave, entendemos necessária uma metodologia fenomenológica, já que através desta se pode partir do fenômeno em suas particularidades para compreender as repercussões clínicas da atuação musicoterápica. Assim, no segundo capítulo realizamos uma breve articulação a respeito das contribuições da Fenomenologia às ideias da Reforma na atenção à Saúde Mental e as repercussões desse olhar neste campo, buscando assim, situar o leitor no porquê da articulação, realizada nesta dissertação, entre Musicoterapia, Sofrimento Psíquico e Fenomenologia.

O primeiro e segundo capítulo estão apresentados num formato de artigo, pois já foram encaminhados para publicação, estando um deles aceito pela *Revista Brasileira de Musicoterapia* (daí sua apresentação no formato da ABNT) e o segundo – sobre fenomenologia e a reforma – já publicado na *Revista Phenomenological Studies Revista da Abordagem Gestáltica*. Com relação ao terceiro e quarto capítulos, que dizem respeito à parte da experiência em campo, por sua extensão e pelo volume de dados ali contidos, decidimos não colocar na forma de artigo para que pudéssemos ter um maior aprofundamento no material de pesquisa. Posteriormente apresentaremos os dados e discussões em cima do material no formato de artigo para publicação.

No terceiro capítulo descrevemos a metodologia desta pesquisa, apresentando o contexto e os passos em que foi realizada, acrescentando ali, parte da história desse percurso, com suas idas e vindas, diversas interlocuções – especialmente com Comitês de

Ética e com equipes – e seu delineamento. O quarto capítulo foi construído para que pudessem ser apresentados os dados coletados já realizando uma discussão e reflexão desse material. Este capítulo foi dividido em três partes: relação com a música (que apresenta uma reflexão sobre a análise das entrevistas iniciais), descrição do processo musicoterápico, e a experiência dos participantes do grupo de Musicoterapia (em que será apresentada a análise das entrevistas finais juntamente com as repercussões da experiência no grupo de Musicoterapia. A dissertação é finalizada com algumas considerações a respeito da pesquisa e a apresentação de algumas questões a respeito do campo da Saúde Mental.

1. MUSICOTERAPIA, PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL

“Não posso dizer que uma coisa é terapêutica porque não pode ser exclusivamente terapêutica.”
Franco Basaglia (1924/1979, p.19)

A música possui diferentes representações que dependem do contexto cultural, social, histórico em que se encontra inserida. Uma dessas representações é de que “a música faz bem”, e que por isso poderia ser utilizada como estratégia de cuidado por qualquer pessoa e de qualquer forma. Porém, a música possui diferentes funções e usos ao longo das diferentes épocas e culturas (Merriam, 1964), a música já foi utilizada até mesmo como instrumento de tortura (Cusick, 2006). Uma pesquisa realizada por Bastos (2012) descreve as implicações sociais, à saúde e ambientais da poluição sonora e a compara a uma tortura socialmente aceita.

Neste trabalho, buscamos compreender melhor como a utilização da música, através da Musicoterapia, pode repercutir clinicamente no cuidado à Saúde Mental. Neste capítulo retomamos a história do uso terapêutico da música para quiçá compreender um pouco melhor algumas representações que temos da música enquanto ferramenta de cuidado ao sofrimento psíquico grave.

1.1 ARTIGO 1: A HISTÓRIA DA MUSICOTERAPIA NA PSIQUIATRIA E NA SAÚDE MENTAL: DOS USOS TERAPÊUTICOS DA MÚSICA À MUSICOTERAPIA

The history of music therapy in psychiatry and in mental health: of the therapeutic use of music to music therapy

La historia de la musicoterapia en psiquiatría y salud mental: dos usos terapéuticos de la música hasta la musicoterapia

MARIANA CARDOSO PUCHIVAILO*⁴
ADRIANO FURTADO HOLANDA**⁵

*Mestranda e Graduada em Psicologia - UFPR, Graduada em Musicoterapia - FAP, Pós-graduada em Psicologia Analítica - PUCPR. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia NEPIM/CNPQ e do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade LabFeno/CNPQ. CV: <http://lattes.cnpq.br/9832588061745060>

**Doutor em Psicologia - PUC-Campinas, Mestre em Psicologia - UNB. Professor Adjunto e Orientador de Mestrado - UFPR. Editor da *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica* e da revista *Interação em Psicologia* (UFPR). Membro da Diretoria da Sociedade Brasileira de Psicologia Fenomenológica. Coordenador do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade LabFeno/CNPQ. <http://lattes.cnpq.br/7344227427939366>

Resumo: O uso da música no cuidado à saúde mental, na cura ou prevenção do sofrimento psíquico remonta ao surgimento do homem. O objetivo desse artigo é recuperar aspectos dos usos terapêuticos da música desde os primeiros momentos da história até a criação da Musicoterapia enquanto disciplina independente, traçando paralelos com a Psiquiatria e a Saúde Mental. Para tal foi utilizada a pesquisa bibliográfica. Este artigo demonstra o quanto a música esteve presente no cuidado à saúde do homem. O aprimoramento desse uso avança ao ponto do surgimento de uma profissão especializada no uso terapêutico dessa ferramenta: a Musicoterapia. A Musicoterapia desenvolveu diferentes formas de intervenção no cuidado à saúde mental. Algumas dessas possibilidades e experiências interventivas serão citadas neste artigo.

Palavras-chave: Musicoterapia, História, Psiquiatria, Saúde Mental.

Abstract: The use of music in mental health care, cure or prevention of psychological suffering dates back to the dawn of man. The aim of this paper is to recover aspects of therapeutic uses of music from the first moments of history to the creation of music therapy as an independent discipline, drawing parallels between Psychiatry and Mental Health. For this purpose was used bibliographic material with a qualitative approach. This article demonstrates how music was present in the health care of man. The improvement of such use advanced to the point of the emergence of a profession specialized in the therapeutic use of this tool: Music Therapy. Music therapy has developed different forms of intervention in mental health care. Some of these possibilities and interventional experiences will be presented in this article.

Keywords: Music Therapy, History, Psychiatry, Mental Health.

Introdução

Quais as possibilidades do uso da música no cuidado à Saúde Mental? Hoje, na rede de atenção à Saúde Mental, existem oficinas de música e Musicoterapia em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), em Centros de Convivência, além da música estar inserida em diferentes propostas de atenção de diferentes profissionais da saúde como psicólogos, educadores físicos, músicos, entre outros. Em 1970 o primeiro curso de Musicoterapia, que inicialmente era uma especialização para educadores musicais graduados, na Faculdade de Artes do Paraná (Chagas & Pedro, 2008). Desde 1972, há no Brasil, o curso de graduação em Musicoterapia que forma profissionais especializados na utilização da música em diferentes processos interventivos, inclusive no cuidado à Saúde Mental.

Faz-se uso da música como forma de cuidado da saúde do homem e como uma das formas de tratar a “loucura” há milhares de anos (Podolsky, 1954; Tyson, 1981; Costa, 1989). Enquanto profissão e disciplina, a Musicoterapia inicia em 1950 (Bruscia, 2000; Chagas & Pedro, 2008). Desde então ela tem procurado aprofundar ainda mais os estudos científicos a respeito do papel da música no cuidado à Saúde Mental. Temos no Brasil atualmente musicoterapeutas trabalhando em diferentes espaços e contextos da rede de atenção à Saúde Mental, de hospitais psiquiátricos à CAPS.

Mas qual a relação entre a música e o cuidado à Saúde Mental? Será essa uma relação atual? Ou será que podemos encontrar paralelos dessa relação ao longo da história

da humanidade? O objetivo desse artigo é retomar a história do uso terapêutico da música para tentar compreender um pouco melhor a relação entre a música e o cuidado à Saúde Mental.

Segundo Pahlen (1947/1965), a música é, junto à dança, uma das mais velhas das artes; como forma de expressão, é ainda mais antiga que a linguagem (Maranhão, 2007). Diferente das artes plásticas e da pintura, não pressupõe uma disposição técnica, bastando a espontaneidade do som percutido em seu corpo ou em qualquer objeto. O som faz parte da vida, onde há movimento, há som. Porém, os sons, para o ser humano, são mais do que percepções acústicas, através dos sons o homem cria diferentes sentidos e significados sobre sua relação com o mundo (Amui, 2006). A música é um dos territórios de relação do homem com seu mundo, com seus pares e consigo. No contexto cultural o homem constrói os significados que atribui aos sons.

A música então surge como uma forma de expressão e comunicação. Os sons vem da natureza, mas a música é o homem quem faz. A música não é um objeto, mas sim uma ação do homem sobre o mundo: “Ela se realiza como uma forma do homem entender, organizar, classificar, interagir, manipular, ser manipulado, construir, desconstruir, enfim, uma forma de se relacionar com o mundo” (Sampaio, 2005, p. 22).

História dos usos terapêuticos da música

Segundo Schneider (1957), pouco se sabe da pré-história da música já que a notação musical se constitui mais tardiamente. Assim, a pré-história da música é constituída a partir de estudos comparativos de achados de antigos mitos, músicas, instrumentos, e materiais de povos indígenas atuais. Mas o maior problema é que faltam registros das sonoridades das músicas de cada época (Pahlen, 1947/1965).

Para Pahlen (1947/1965), o homem na pré-história possuía apenas algumas poucas palavras e estas estavam ligadas a objetos concretos do cotidiano. A música serviria para exprimir sentimentos de alegria ou tristeza, sentimentos belicosos ou de crença nos poderes dos Deuses. De acordo com Schneider (1957), a música estava ligada aos rituais e à comunicação diária, e era utilizada também para cumprimentar, agradecer, brigar, elogiar. A palavra cantada ampliava o vigor da linguagem falada e enfatizava características afetivas do que se estava querendo transmitir.

O advento da escrita aumentou o material encontrado para os historiadores e musicólogos compreenderem as relações entre o homem e suas produções sonoro-musicais. Da Antiguidade, pode-se encontrar diversos escritos, poemas, lendas, contos

que falam sobre a música, seu poder, sua magia. Porém, segundo Pahlen (1947/1965), nada que possa transcrever de forma minuciosa como eram estas produções sonoras.

No Egito parece ter havido uma “vida musical” muito profícua, com música religiosa e profana, canções de trabalho e melodias de danças. Segundo Blasco (1999), há indícios de que possuíam instrumentos de sopro, percussão e cordas; ali foi encontrado o primeiro documento escrito – um papiro datado de 2.500 a.C. – sobre a influência da música no corpo humano. Já na Bíblia, algumas citações de formas terapêuticas do uso da música estão no livro de Samuel, onde se lê: “Que nosso senhor ordene, e teus servos aqui presentes procurarão um homem que saiba tocar harpa e, quando o mau espírito de Deus estiver sobre ti, ele tocará o instrumento para acalmar-te” (I Samuel 16:16,23).

Segundo Schneider (1957), a ideia de que os deuses possuíam o domínio sobre o som era bastante preponderante neste período. Em diversas culturas é possível estabelecer uma relação entre o som e os mitos cosmogônicos, sobre o início do cosmos e do homem. A concepção de que o mundo se origina de um acorde, som ou canto teve grande difusão nas mais diversas épocas e localizações, e está presente em diversas cosmogonias até hoje. Para os egípcios, por exemplo, o Deus Thot criou o mundo com um grito (Blasco, 1999), ao que os egípcios chamam de “Riso” ou “Clamor” de Thot (Schneider, 1957).

Para evitar alguma ameaça, muitos povos acreditavam ser importante preservar secretamente seu próprio som, tema ou canção. Na busca pela cura os feiticeiro ou xamãs procuravam descobrir o motivo sonoro do objeto, pessoa ou espírito em questão para estabelecer uma vibração simpática. A partir desse tema-som ele compunha um canto de cura que retirava o espírito do corpo do doente para o do Xamã e saía deste junto com a canção (Schneider, 1957).

A música na Antiguidade Grega era considerada a Arte das Musas, sendo uma forma de revelação divina, e se demonstrava importante para harmonização do corpo e da mente (Tyson, 1981). Segundo Podolsky (1954), Platão acreditava que a saúde mental e física poderia ser obtida através da música. Os gregos entendiam que a música possuía um *Ethos*, ou seja, ela podia criar determinados estados de ânimo. Eles consideravam dever do Estado regular a música para estimular o crescimento moral e ético dos cidadãos (Tyson, 1981). A crença da música como um estimulador da mente, e em seu poder profilático é tida por Tyson como um dos primeiros princípios relacionados à música como terapia. Na mitologia grega há diversos exemplos da música sendo utilizada como elemento curativo. Porém, o primeiro uso da música como uma modalidade terapêutica, segundo Podolsky (1954), vem dos gregos Zenocrates, Sarpender e Arion, que utilizavam

a harpa para diminuir surtos violentos de pessoas com *mania*⁶, evitando o uso do método mais comum, o da força física.

Segundo Blasco (1999), da Pré-História à Idade Antiga o uso terapêutico da música se dava baseado em um pensamento mágico, ou seja, um pensamento causal que buscava correlações entre os fenômenos da natureza e as doenças. Nas diferentes culturas, o poder de cura sobre as doenças estava nas mãos de poucos iniciados: xamãs, sacerdotes, benzedeiros e curandeiros. Um dos princípios fundamentais que embasavam as práticas de cura deste período, que utilizavam a música, era o da crença da música ser um dom dos deuses que poderia reestabelecer a harmonia do corpo enfermo desarmonizado. Além disso, a música poderia aplacar também a fúria dos deuses diante do pecado do homem, obtendo assim a cura para a doença por meio da expulsão do espírito maligno causador da doença.

O período da Idade Média marca o uso da música com fins quase estritamente religiosos (Costa, 1989). Durante este período, a música considerada divina era bastante específica, toda música tocada de forma diferente era considerada pagã e afastaria os homens de Deus (Alvin, 1967). Segundo Sigerist (1944/2011) encontram-se menções aos efeitos curativos da música nesta época; acreditava-se que o Hino à Natividade de São João Batista atribuído a Pedro Diácono (1107-1140) tinha efeito sobre os resfriados. Segundo o autor também era costumeiro compor para a nobreza quando esta adoecia, muitas vezes em busca de cura ou para a animar e confortar.

No século XI as escolas médicas retomaram algumas tradições greco-latinas, porém, ainda permaneceram bastante carregadas de códigos religiosos. Segundo Costa (1989), durante o século XII a música se tornou presente no currículo das faculdades devido a sua ligação à teologia. Bartholomeus Anglicus, autor de uma enciclopédia que reunia os conhecimentos do século XIII, trazia como forma de tratamento dos melancólicos a distração com instrumentos musicais durante parte do dia.

A música como tratamento mostra novo impacto durante a “epidemia da dança”, no século XIII. Nesta epidemia, comunidades inteiras juntavam as mãos, berrando e se sacudindo por horas a fio, até caírem de exaustão (Podolsky, 1954; Costa, 1989). O tarantismo era uma das “epidemias da dança”, comentada por Sigerist (1944/2011), que existiu na Apúlia, sul da Itália, durante séculos, e que até hoje se tem notícia de alguns

⁶ A “loucura” na Antiguidade Grega tinha como uma de suas denominações, a chamada *mania*. Platão (*apud* PELBART, 1989) em seus escritos faz uma associação da palavra *mania* que corresponderia para nós hoje a delírio ou loucura.

raros casos. A doença do tarantismo era atribuída na época à picada da tarântula. No auge do verão as pessoas saíam correndo de suas casas para a rua em grande excitação, se juntavam a outras pessoas e dançavam de “modo selvagem”. Segundo o autor, os doentes começavam a dançar ao nascer do sol e assim permaneciam até o anoitecer, parando apenas para comer algo leve, pois não tinham fome. Isso durava alguns dias, por vezes semanas, até que estivessem exaustas e curadas. A música era o único meio de “cura” da doença. Os músicos passavam pelas aldeias com violinos, flautas, cítaras, harpas, pandeiros e tambores pequenos tocando para os doentes. A melodia rápida era tocada e cantada, geralmente com letras sobre amor ou de conotação sexual, já que a doença possuía também um caráter sexual. A este tipo de música se deu o nome de Tarantela. Porém, posteriormente verificou-se que a tarântula não possuía veneno.

O autor acredita que o tarantismo era uma forma de neurose. Devido ao alto índice de consanguinidade entre a população havia muitas pessoas com transtornos mentais. A Apúlia era uma colônia grega, por isso, adoravam-se nessa região alguns deuses gregos. Quando o cristianismo chegou à Apúlia encontrou raízes fortes nas antigas tradições gregas. O cristianismo teve de se ajustar à realidade do povoado, porém ritos oferecidos aos deuses gregos como Dionísio eram impraticáveis. Assim, o autor acredita que provavelmente o tarantismo funcionou como possibilidade de vivência desse importante rito cultural de Apúlia sem que as pessoas se sentissem pecadoras.

Durante o Renascimento vários médicos começaram a se interessar na relação entre música e saúde (Alvin, 1967). Segundo Tyson (1981), na Renascença o contato da música com a medicina era realizado através do resgate da teoria dos quatro humores – dominante na Escola de Cós, desde Hipócrates e Galeno – que associava os quatro elementos (terra, água, ar e fogo) aos quatro humores do corpo (sangue, fleuma, bile amarela e a bile negra); destes humores derivariam os quatro temperamentos (sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico). Os elementos influenciariam os temperamentos, logo, um desequilíbrio dos elementos poderia ocasionar doenças mentais, já que alteravam o comportamento do homem (Tyson, 1981). Esta teoria humoral tinha correspondência com a teorias a respeito da música durante o século XVI, que afirmava que o baixo era ligado a terra, o tenor à água, o alto ao ar e o soprano ao fogo. Como estes quatro elementos eram comparados aos quatro humores, a música era utilizada como prevenção de doenças, por meio dessa correspondência dos elementos às sonoridades (Tyson, 1981).

O médico Robert Burton (1577-1640) foi um dos primeiros a escrever a respeito dos efeitos da música em tratamentos médicos, especialmente da melancolia. Em sua obra “Anatomia da Melancolia” – publicada em 1621, Burton (1961/2012) descreve os efeitos terapêuticos da música, discorrendo sobre as possibilidades da música extenuar medos e fúrias, e do uso da música como cura de “aborrecimentos da alma”. Com relação à melancolia ele colocava que a música podia alegrar o melancólico e reavivar sua alma, mas também advertia quanto aos malefícios e doenças que podem ser “geradas pela música”.

No fim do século XVIII começam a ser estudados os efeitos fisiológicos da música (Tyson, 1981; Costa, 1989). A partir do advento do Empirismo, buscavam-se terapias no fazer psiquiátrico que atingissem o sistema sensorial dos internos. A música, assim, possuía um lugar privilegiado nas pesquisas da época (Costa, 1989). As pesquisas desenvolvidas neste período abordavam os efeitos dos sons no sistema sensorial humano. Eram utilizados os elementos da música (ritmo, melodia, harmonia) para verificar as influências fisiológicas da música e seu impacto sobre os sentimentos do homem (Tyson, 1981). Pierre-Joseph Buchoz (1731-1807) representa um pesquisador da época que investigou a ação da música sobre as fibras musculares de melancólicos. Buchoz escreveu o livro intitulado “*Mémoire sur la manière de guérir la mélancolie par la musique*”, no qual relatava sua pesquisa sobre a ação da música melhorando a atonia ou hipertonia das fibras (*apud* Costa 1989).

Os séculos XVIII e XIX foram marcados pelo advento de métodos experimentais nas pesquisas relacionadas à influência da música no homem (Podolsky, 1954). A música passou, então, a ser considerada como tratamento específico para doenças do campo psiquiátrico. Segundo Costa (1989), Jean-Étienne Esquirol (1772-1840), um dos iniciadores da Psicopatologia recomendava música a seus pacientes, difundindo seu uso nos hospitais psiquiátricos. Esquirol acreditava que a ordem e a métrica da música poderiam influenciar no tratamento do doente mental, recuperando normas morais e comportamentos socialmente adaptáveis, e despertando emoções em seus pacientes.

Iniciam-se nesta época também discussões a respeito da eficácia dos tratamentos musicais: qual seria o melhor método? O método receptivo (audição) ou ativo (pacientes executam a música)? O método ativo foi ganhando mais visibilidade, “em meados do século, quase todos os asilos, notadamente os franceses, possuíam suas bandas ou seus corais, que executavam peças musicais sob a batuta do médico musicista” (Costa, 1989, p.30). Outros autores discorriam sobre alguns princípios que deveriam ser levados em

conta durante o tratamento através da música. Chomet, em 1846, falava da importância de se conhecer o indivíduo que se irá atender, para eleger os temas musicais mais adequados, acomodá-lo a tonalidades e ritmos que convinham e adaptá-los aos devidos instrumentos (*apud* Alvin, 1967). Benito Mojan, neste mesmo período, discorria sobre a importância de se conhecer a natureza da enfermidade, os gostos do indivíduo em questão, os efeitos das melodias sobre o sujeito em questão, as contraindicações, etc. (*apud* Alvin, 1967).

O século XX, com seu desenvolvimento tecnológico e o uso da música nos meios de comunicação, promove uma modificação na relação do homem com a música, e nas pesquisas a respeito dessa relação. Tyson (1981) descreve como exemplo desenvolvimento da *milieu therapy*, no Kansas, durante a década de 30. Neste modelo, algumas atividades terapêuticas como a música foram analisadas pelos seus valores terapêuticos, sendo muitas vezes prescritas como medicamentos. Pela primeira vez a música se tornava o agente primário no tratamento. Defendia-se a necessidade de conhecer a história médica e social do sujeito em atendimento assim como os objetivos do tratamento para a realização das intervenções através da música.

As atividades propostas eram guiadas por prescrições psiquiátricas e consultas da equipe. A ênfase que foi dada no trabalho terapêutico relacional neste período deu à música um espaço de facilitadora desta interação social. Os esforços cooperativos entre a equipe geraram o conceito de *psychiatric team*, no qual cada membro, incluindo os musicoterapeutas, representava uma fonte de estimulação psicológica para cada sujeito, este último representava o centro de todas as medidas tomadas. Neste período não existiam critérios para a seleção daqueles que trabalhavam com a música nos hospitais, havendo muitos músicos e educadores realizando este trabalho. Segundo este autor, criaram-se alguns grupos musicais e de dança, que acabaram por tornar os internos mais acessíveis às outras formas de terapia.

Tyson (1981) assinala que a música foi utilizada durante a Segunda Guerra Mundial também como parte do programa do exército para auxiliar o condicionamento físico, educacional e como terapia ocupacional. Este foi o primeiro reconhecimento da música como meio especializado de tratamento usado pelos militares, apesar da música ser utilizada para os soldados desde a Primeira Guerra Mundial.

Surgimento da Musicoterapia

A Musicoterapia enquanto profissão e disciplina teve seu início em meados do século XX. Nos Estados Unidos, a música passou a ser utilizada cientificamente e com fins terapêuticos na reabilitação e recuperação dos soldados egressos da Segunda Guerra Mundial (Bruscia, 2000; Chagas & Pedro, 2008). Nos hospitais de recuperação havia recitais, onde se escutava e se ensinava a tocar instrumentos musicais. Acreditava-se que assim a música poderia ajudar a recuperar a sanidade mental dos soldados. Em 1950, foi criada a *The National Association for Music Therapy (NAMT)*, em Nova York.

Na Argentina, a Musicoterapia passou a ser utilizada em casas de depressão pós-poliomielite (Costa, 1989). Os sobreviventes da poliomyelite apresentavam sequelas graves como quadros depressivos profundos que em alguns casos os levavam à morte. No entanto, os recursos terapêuticos conhecidos não demonstravam resultado. Assim, tentou-se a “musicoterapia de guerra”, a mesma praticada nos hospitais de recuperação dos soldados egressos da Segunda Guerra. Os bons resultados obtidos levaram à criação do primeiro curso de formação de musicoterapeutas da Argentina e da América Latina, na Universidad del Salvador. Os musicoterapeutas passaram a aprofundar seu corpo referencial em teorias de música, psicologia e pedagogia.

Gaston (1968) coloca que alguns objetivos comuns da Musicoterapia em hospitais psiquiátricos na década de 1960 eram: aliviar tensões, estabelecer ou reestabelecer relações interpessoais e melhorar a auto-estima através de auto-conhecimento. Além disso, era considerado por alguns como um recurso de comunicação para pacientes psicóticos, dada suas dificuldades de comunicação verbal. Alvin (1967), musicoterapeuta argentina, colocava que as aplicações mais utilizadas neste campo eram as recreativas. A autora escreveu também sobre a prática de escuta de música em grupos em hospitais psiquiátricos. Ela colocava que esse tipo de intervenção poderia despertar sentimentos individuais e coletivos, e que ao trabalhar em grupo, o musicoterapeuta deveria buscar integrar os membros do grupo, criar relações interpessoais baseadas em uma experiência emocional comum. Há, porém, reações adversas que poderiam surgir nas intervenções com música que podiam dar informações úteis para o tratamento psiquiátrico. Ela afirmava a importância da música realizada ou escutada estar no tempo subjetivo do paciente. Alvin acreditava que a música fazia esvanecerem as defesas, criava pontes entre a realidade e o mundo isolado em que muitas vezes os pacientes com enfermidades mentais se encontravam em busca de refúgio.

Chagas & Pedro (2008) descreveram um caso clínico de uma psiquiatra e musicoterapeuta chamada Jacqueline Verdeu-Pailles que realizou uma intervenção com música na década de 70. Os contatos com o paciente em questão eram muito breves e superficiais. O pai do paciente contou à psiquiatra que ele havia demonstrado interesse por um concerto de órgão que foi veiculado na televisão. Ela então colocou para tocar no pátio um disco de um dos Corais de Bach, e em seguida percebeu que o paciente parou sua caminhada e se emocionou, deixando escorrer lágrimas até o final do fragmento musical. Ainda na década de 70 surge, através de Mary Priestley, o Modelo⁷ Psicanalítico de Musicoterapia no tratamento psiquiátrico. O modelo de Priestley alterna momentos musicais com momentos de reflexões verbais (Wigram, Pedersen & Bonde, 2002).

No Brasil o primeiro curso de especialização em Musicoterapia surge na Faculdade de Artes do Paraná em 1971 e o primeiro curso de graduação em 1972 no Rio de Janeiro no Conservatório Brasileiro de Música. Um dos primeiros registros de pesquisa efetivada no Brasil foi realizada por Di Pancaro, no Rio Grande do Sul, em 1975, chamada “Uma investigação e respostas a um estímulo musical repetido com doentes mentais” (Piazzetta, 2006). Em 1975, encontra-se também o trabalho de Maria de Lourdes Vignoli e Olívia Ambrósio da Silva intitulado “Musicoterapia na Comunidade Terapêutica” que descrevia o trabalho da Musicoterapia realizado em uma Comunidade Terapêutica do Rio de Janeiro. Neste trabalho ela descrevia os objetivos terapêuticos das intervenções musicoterápicas, formato do grupo, tempo de duração, etc.

Ainda na década de 70, no Paraná, encontram-se os trabalhos da Prof^a Clotilde Leinig, uma das precursoras das pesquisas em Musicoterapia no Brasil (Barcellos, 2012). Em seu “Tratado de Musicoterapia”, de 1977, a autora abordava as ações da Musicoterapia nas neuroses e nas psicoses esquizofrênicas e maníaco-depressivas, indicando que a Musicoterapia atuaria na modificação de conduta, buscando a integração social do paciente. Com pacientes psicóticos, buscar-se-ia ainda sua adaptação à realidade.

Durante a década de 80 crescia a Musicoterapia na América Latina com a ajuda do médico, psiquiatra, psicanalista e musicoterapeuta Rolando Benenzon (1988) que descrevia como objetivos da Musicoterapia, a abertura de canais de comunicação para

⁷ O conceito de modelo utilizado é baseado na definição de Bruscia (2000). Para o autor “Um *modelo* é uma abordagem abrangente de avaliação diagnóstica, tratamento e avaliação que inclui princípios teóricos, indicações e contra-indicações clínicas, objetivos, orientações e especificações metodológicas e utilizações de certas seqüências e procedimentos técnicos” (p.123).

facilitar a introdução de outras terapias, atuando como coadjuvante destas outras terapias. Benenzon trabalha com diagnósticos prévios ao tratamento; considera a música como potencializadora de catarses, que são muitas vezes necessárias ao tratamento. Benenzon (1988) utiliza o conceito de Identidade Sonora (ISO) de Altshuler e o desenvolve enquanto som ou conjunto de sons e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada ser humano. Benenzon & Yepes (1932/1972) afirmam que para se comunicar com um paciente maníaco – que possui, segundo os autores um tempo mental acelerado, inquieto e disperso – devia-se utilizar um tempo musical *Allegro* (ligeiro e leve – 120-168 bpm) e *Vivace* (rápido e vivo – 152-168 bpm), com andamento rápido, pois assim estaria de acordo com seu ISO.

Além da Musicoterapia psicanalítica, que durante algumas décadas prevaleceu na América Latina, existiam alguns modelos de Musicoterapia também preponderantes no mundo no final do século XX. Even Ruud (1990) divide estes modelos em: teorias do modelo médico, teorias psicanalíticas, teorias behavioristas e tendência humanista/existencial em psicologia.

Na década de 80, a musicoterapeuta Clarice Moura Costa desenvolveu o *Projeto de Pesquisa Interdisciplinar de Musicoterapia e Serviço Social* (1985-1988), em parceria com a musicoterapeuta Martha Negreiros (Barcellos, 2012). Ao longo dos anos 80, as pesquisadoras publicaram alguns artigos de relevância para a área e vinculadas ao tema da Saúde Mental (Costa & Vianna, 1982, 1984a, 1984b, 1985). Além disso, elas também possuem o trabalho intitulado “A importância da linguagem musical para psicótico – abertura de canais de comunicação” (Costa & Vianna, 1987), baseado em uma pesquisa que foi realizada durante cinco anos em um hospital psiquiátrico através de questionário, avaliação de prontuário e depoimento dos pacientes. Costa (1985, 1986, 2008) também publicou outros artigos a respeito do uso da Musicoterapia com pacientes esquizofrênicos. Em 1989, publicou o livro “O despertar para o outro”, tratando da Musicoterapia e Psiquiatria (Costa, 1989). Posteriormente a autora continua escrevendo trabalhos e em 2010 publicou mais um livro que trata da Musicoterapia neste campo de atuação: “Música e Psicose” (Costa, 2010).

Em 1989, Even Ruud organiza o livro “Música e Saúde”. Dos artigos apresentados no livro, um em especial aborda a questão da relação entre Musicoterapia e Psiquiatria, da musicoterapeuta Frohne no qual ela coloca que a função do musicoterapeuta tanto no trabalho psiquiátrico quanto no da educação social é de proporcionar “o tempo e o local para saborear, comer e digerir a sociedade humana” (Frohne, 1991, p.36). Neste artigo, a

autora também discorre sobre as bases teóricas de seu trabalho que relaciona Musicoterapia e Gestalt-terapia.

O primeiro artigo publicado na *Revista Brasileira de Musicoterapia* a respeito da Musicoterapia na Saúde Mental foi “Musicoterapia nas Oficinas Terapêuticas: trilhando e recriando horizontes”, de Claudia Lelis & Lúcia M. Romera, em 1997. As autoras discorrem sobre um projeto interdisciplinar realizado junto à Clínica Psicológica da Universidade Federal de Uberlândia. As oficinas de Musicoterapia funcionavam uma vez por semana com os usuários do serviço, e também eram realizadas atividades sonoro-musicais com os estagiários. Segundo as autoras, a oficina era um lugar de reflexão e questionamento a respeito das relações humanas.

Em 1999, é publicado um livro, editado por Tony Wigram & Jos de Backer, intitulado “Clinical Applications of Music Therapy in Psychiatry”. Este livro apresenta 15 artigos que discorrem a respeito da Musicoterapia na Psiquiatria. Em um dos capítulos desse livro, Bent Jensen (Wigram & Backer, 1999) discorre sobre a relevância da Musicoterapia para pacientes psiquiátricos em geral, possibilitando diferentes contatos com pacientes psiquiátricos. Como a proximidade pode ser ansiogênica em muitos casos, na música é possível alternar aproximação e distanciamento, para conservar este espaço.

Em 2001 é sancionada a Lei 10.216, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em Saúde Mental. Assim, mudam-se aos poucos algumas características dos atendimentos musicoterápicos neste campo já em mutação.

Zanini (2004) apresenta algumas possibilidades de atuação da Musicoterapia na área da Saúde Mental: nos transtornos esquizofrênicos quando se possibilita a expressão através dos instrumentos musicais a concretude desses objetos pode favorecer o contato com a realidade. A autora relata que no fazer musicoterápico se busca estar na mesma paisagem sonora, em sintonia com a musicalidade do paciente, através do fazer musical conjunto. Barbara, Duarte, Mello & Goldenstein (1999) elaboraram um gráfico que mostra o perfil de expressividade de um paciente esquizofrênico no processo musicoterápico. Os diferentes níveis de expressão parecem contextualizar a vida de relações do sujeito o mundo.

Algumas mudanças podem ser percebidas nos trabalhos que são desenvolvidos no campo da Musicoterapia a partir da década de 90. Uma característica dessa década é o crescimento de grupos musicais de usuários de serviços de Saúde Mental. “(...) cuja qualidade estética é compatível com a dos grupos musicais que não fazem parte do

cenário da saúde mental” (Silva, 2012, p.62). Uma musicoterapeuta de destaque na área da Saúde Mental que aborda este tema é Raquel Siqueira da Silva que trabalha nesta área desde 1995. Em sua dissertação de mestrado sobre uma experimentação musicoterápica que culminou no grupo musical criado com usuários de serviços de Saúde Mental, os *Mágicos do Som*, Silva discutiu sobre como o grupo engendrou um movimento coletivo que colocou em cheque o lugar instituído da loucura, as formas de cuidado na Saúde Mental e o trabalho da Musicoterapia neste campo de atuação (Silva & Moraes, 2007). Em sua tese de doutoramento, Silva (2012) abordou as formações de grupos musicais dos usuários de serviços de Saúde Mental, suas funções e repercussões, e também comparou as diferenças dos grupos e das redes de Saúde Mental do Brasil e de Portugal. “A visibilidade e geração de renda dos grupos brasileiros foram os elementos novos que ainda não havia na formação de grupos musicais anteriores” (p.13), e que não estão presentes nos grupos portugueses. Ressaltou ainda a importância desta particularidade dos grupos brasileiros como consequência de movimentos da Reforma Psiquiátrica e como abertura para uma amplificação da voz dos usuários dos serviços de Saúde Mental.

Considerações Finais

Como pudemos verificar ao longo deste artigo, a história do uso terapêutico da música está intimamente entrelaçada com a história do cuidado do homem com sua Saúde Mental. A partir da consolidação da Musicoterapia enquanto disciplina, esta se fez presente da história da Saúde Mental.

O homem cria e utiliza a música em sua relação com o mundo, inclusive a emprega como meios de cura e cuidado com a saúde. Observamos a partir da bibliografia pesquisada que durante a pré-história e durante parte da antiguidade o uso terapêutico da música estava baseado em um pensamento mágico. As características desse período mostram que a música era usada por alguns poucos iniciados, como os xamãs. A doença era vista com um desequilíbrio, uma possessão ou punição divina. Acreditava-se que a música era um dom dos deuses e os sons faziam parte da identidade do homem, podendo assim ser restabelecida sua saúde através do uso da mesma.

A ideia de que a cura das doenças se dava através da ligação estabelecida entre a música e as forças espirituais permaneceu prevalente nos séculos seguintes. Aos poucos a teoria dos quatro humores foi ganhando força novamente e a música volta a ser utilizada como uma forma de reequilibrar a saúde do homem. Ao longo da história se verifica alguns escritos que discorrem sobre outras características do uso da música no cuidado à

saúde. Algumas das funções mencionadas são a de alegrar ou distrair os “doentes mentais”.

No fim do século XVIII os estudos a respeito da possível função terapêutica da música se voltam à compreensão a respeito dos efeitos fisiológicos da música no corpo humano. Desde então os métodos experimentais ganharam cada vez mais força e continuam muito presentes nas pesquisas atuais a respeito dos efeitos terapêuticos da música.

Segundo Tyson (1981), o desenvolvimento da utilização da música em hospitais psiquiátricos durante os séculos XVIII e XIX pode ser descrito a partir dos seguintes objetivos: atrair a atenção e expandir a capacidade de atenção, distrair e substituir certos pensamentos considerados não saudáveis, modificar humores, estimular os indivíduos intelectualmente, aliviar tensões internas, facilitar a expressão e estimular a ressocialização. Costa (1989) afirma que os objetivos terapêuticos do uso da música nos hospitais condiziam com os objetivos da Psiquiatria desse período, que procurava modificar o sujeito internado para que pudesse voltar a viver em sociedade.

O surgimento da Musicoterapia, enquanto profissão e disciplina, ampliou e especializou ainda mais os estudos e pesquisas relacionadas a utilização terapêutica da música na Saúde Mental. Após o surgimento da Musicoterapia temos diversos exemplos de experiências de utilização da música, seja para o alívio de tensões, reestabelecimento de relações interpessoais, melhora da auto-estima. Em muitos momentos a Musicoterapia ganhava reconhecimento ao conseguir acessar, afetar e se comunicar com indivíduos que não respondiam a outras intervenções terapêuticas.

Podemos perceber que a maioria dos trabalhos iniciais de pesquisa da Musicoterapia estava relacionada à Saúde Mental, e esta continua sendo uma importante área de atuação dos musicoterapeutas brasileiros. Durante o século XX diversos modelos, como coloca Ruud (1990), foram sendo criados, bastante deles baseados em concepções e conceitos de outras áreas, especialmente da psicologia. Porém, cada vez mais percebemos nas pesquisas musicoterápicas da atualidade um esforço em compreender e buscar descrever nosso trabalho através de uma linguagem que dialogue com outras áreas do conhecimento, mas que deixa de transplantar conceitos de outras áreas, conseguindo então utilizar conceitos, os adaptando à realidade da Musicoterapia ou criando conceitos da própria Musicoterapia.

Não entendemos esse movimento como uma forma de se esconder atrás de um discurso que somente nós, musicoterapeutas, podemos compreender. Podemos observar,

ao longo da história, uma busca de diferentes áreas do conhecimento por conceitos adequados as suas realidades, incluindo a psicologia. Entendemos esse movimento como um amadurecimento da compreensão das especificidades da Musicoterapia.

Nas pesquisas relacionadas ao tema Musicoterapia e Psiquiatria ou Saúde Mental, podemos perceber também mudanças acontecendo ao longo das décadas do século XX e XXI. Tanto na compreensão do sofrimento psíquico, da loucura, e reflexões a respeito do tipo de atenção oferecida a estes sujeitos, quanto das especificidades do trabalho da Musicoterapia e como este poderia contribuir a esta atenção.

Percebemos as pesquisas em Musicoterapia e musicoterapeutas, enquanto profissionais, assumindo diferentes lugares com diferentes perspectivas, algumas enfocando a doença mental e acompanhando objetivos de modificação de comportamento em busca do reestabelecimento de uma normalidade, e em outras, repensando este fazer e tentando incluir a Musicoterapia numa compreensão de cuidado que tenha como foco os sujeitos, suas perspectivas e possibilidades.

Os trabalhos desenvolvidos por Silva (2007, 2012) são um exemplo do papel da Musicoterapia enquanto área de conhecimento que está repensando as formas de atenção à Saúde Mental e possibilidades de contribuição do musicoterapeuta na atuação nesse campo. Na descrição do trabalho com os Mágicos do Som, a autora mostrou uma ação que partiu de um desejo dos usuários do CAPS Usina dos Sonhos e que acabou produzindo um espaço ocupado por diferentes profissionais do CAPS, no qual funções e papéis do profissional x usuário, ou as concepções do que é o cuidado à Saúde Mental, eram testados, repensados, experienciados de outras formas.

Hoje as possibilidades do uso da música no cuidado à Saúde Mental se ampliam ainda mais. Os grupos musicais formados por usuários dos serviços de Saúde Mental têm se demonstrado uma estratégia bastante recorrente nesse campo. Mas como pudemos verificar há bastante variedade nos tipos de intervenções nesse campo. Neste fazer musical, segundo Brandalise (2001), o indivíduo pode não só se expressar na música, mas “ser” na música. Na Musicoterapia há a possibilidade, no momento desse encontro, de se estar “vivendo na música”, com o terapeuta e o indivíduo vivendo/sendo nas experiências sonoro-musicais. Através da experiência sonoro-musical, o indivíduo pode expressar suas experiências e sentimentos, permitindo que ele os vivencie concretamente, a música realizada por eles e pelo terapeuta, onde, dá a estes sentimentos e experiências, forma.

Ao longo da história também pudemos verificar que desde cedo, já se discutia os efeitos “prejudiciais” da música e dos sons. Os xamãs deveriam saber muito bem que

tipos de sons e musicais utilizar para conseguir a cura, caso contrário estariam piorando a situação do “doente”. Burton (1961/2012) no século XVI também alertava quanto ao risco de gerarem malefícios e doenças. E desde então essa posição continua a ser afirmada por estudiosos da música, musicologia, da Musicoterapia, entre outros.

A Musicoterapia também vem como possibilidade de um fazer que leva em conta a potência da música, tanto para desorganizar, isolar ou gerar sofrimento, quanto para auxiliar em uma organização, possibilitar experiências de inclusão e acolher o sofrimento. Aprofundando-se no estudo da música como uma das formas de relação entre o homem e o mundo, a Musicoterapia se coloca a pensar sobre os fazeres que incluem a música no cuidado à Saúde Mental.

Assim como o indivíduo que em sofrimento está vinculado ao seu contexto familiar e ao contexto social, é inconteste que um único saber isolado não dá conta dos fenômenos orgânicos, psíquicos, sociais, antropológicos e familiares (entre outros) que compõem a dimensão do sofrimento humano. Sem dúvida, a interdisciplinaridade fortalece o tratamento através da união de diferentes formas de saber e de olhar o caminhar do indivíduo. Dessa forma, o olhar interdisciplinar enriquece o tratamento (NICK, 2005, s/p).

A complexidade do atendimento à Saúde Mental requer uma complexidade de disciplinas e profissões atuando conjuntamente. A Musicoterapia vem somar a esta rede e por sua possibilidade de atuação. No cuidado à Saúde Mental é importante pensar em como os diferentes tipos de atendimento podem acolher as singularidades dos sujeitos em sofrimento. A história dos usos terapêuticos da música nos revela o quanto é antigo o uso da música em diferentes formas de cuidado e como a Musicoterapia surge como resultado da compreensão da importância do papel da música no cuidado da saúde humana.

Referências

Alvin, J. (1967). *Musicoterapia*. Buenos Aires: Editorial Paidós.

Amui, J. M. (2006). Imagem musical: reflexões sobre a musicalidade da alma. *Anais do IV Congresso Latinoamericano de Psicologia Junguiana*, (pp. 30-35). Punta del Este, Uruguay.

Barbara, B. B.; Duarte, C.; Mello, H. C. & Goldenstein, N. (1999). Musicoterapia e Psiquiatria: Um estudo de caso. *Revista Casos Clínicos em Psiquiatria*, 1 (1), pp.16-20.

- arcellos, L. R. (2012). Levantamento sobre o 'Estado da Arte' da Pesquisa em Musicoterapia no Mundo. *Anais do XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Olinda, PE, Brasil.
- Benenzon, R. O. (1988). *Teoria da Musicoterapia: Contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal*. São Paulo: Summus editorial.
- Benenzon, R. O. & Yepes, A. (1972). *Musicoterapia en Psiquiatria*. Buenos Aires: Barry. Original de 1932.
- Bíblia. (1950). A. T. Samuel. Português. *Bíblia sagrada*. Reed. Versão de Anttonio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Da Américas.
- Blasco, S. P. (1999). *Compendio de Musicoterapia*. Barcelona: Herder.
- Brandalise, A. (2001). *Musicoterapia Músico-Centrada: Linda – 120 sessões*. São Paulo: Apontamentos.
- Bruscia, K. E. (2000). *Definindo Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros.
- Burton, R. (2012). *Anatomia da Melancolia*. Trad. Guilherme Gontijo Flores. Vol. III. Segunda partição: A cura da Melancolia. Editora UFPR. Original de 1621.
- Chagas, M, & Pedro, R. (2008). *Musicoterapia desafios entre a modernidade e a contemporaneidade: como sofrem os híbridos e como se divertem*. Rio de Janeiro: Mauad e Bapera Editora.
- Costa, C. M. (1985). A estranheza do corpo: uma abordagem musicoterápica. Trabalho apresentado em mesa redonda no *I Congresso Internacional do Corpo*, Rio de Janeiro. Disponível na Biblioteca da Musicoterapia Brasileira (online).
- Costa, C. M. (1986). A linguagem musical no tratamento de esquizofrênicos. Trabalho apresentado no *XI Congresso Internacional de Psiquiatria Social*, Rio de Janeiro. Disponível na Biblioteca da Musicoterapia Brasileira (online).
- Costa, C. M. (1989). *O despertar para o outro*. São Paulo: Summus.
- Costa, C. M. (2008). Uma pesquisa sobre Musicoterapia nas esquizofrenias. Anais eletrônicos, 1CD-ROM, do *VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, Rio de Janeiro, Brasil.
- Costa, C. M. (2010). *Música e Psicose*. Rio de Janeiro: Enelivros.
- Costa, C. M. & Vianna, M. N. (1982). Musicoterapia - grupos de pacientes psiquiátricos internados por períodos breves. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 31(3), 185-194, 1982.
- Costa, C. M. & Vianna, M. N. (1984a). Musicoterapia - uma pesquisa sobre sua utilização para pacientes esquizofrênicos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 33(3), pp. 178-185.

- Costa, C. M. & Vianna, M. N. (1984b). Musicoterapia - Música e Linguagem nas esquizofrenias. *Revista do Corpo e da Linguagem*, 2(6), 153-157.
- Costa, C. M. & Vianna, M. N. (1985). Música – uma linguagem terapêutica para psicóticos. *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria e da Associação de Psiquiatria da América Latina*, 7(27), 163-167.
- Costa, C. M. & Vianna, M. N. (1987). A importância da linguagem musical para psicótico – abertura de canais de comunicação. *III Congresso Mundial de Niño Aislado*, Buenos Aires, Argentina.
- Frohne, I. (1991). Musicoterapia na educação social e na psiquiatria. In: *Música e Saúde*. Ruud, E. (Org.) (1991). Trad. Vera Bloch Wrobel; Glória Paschoal de Camargo; Mirian Goldfeder. São Paulo: Summus.
- Gaston, E. T. (1986). *Tratado de Musicoterapia*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.
- Lelis, C. & Romera, L. M. (1997). Musicoterapia nas Oficinas Terapêuticas: trilhando e recriando horizontes. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, 2 (3), pp.41-49. Rio de Janeiro.
- Leinig, C. E. (1977). *Tratado de Musicoterapia*. São Paulo: Sobral Editora Técnica Artesgráficas LTDA.
- Maranhão, A. L. V. (2007). *Acontecimentos sonoros em musicoterapia: a ambiência terapêutica*. São Paulo: Apontamentos.
- Nick, E. (2005). Musicoterapia em Saúde Mental. Anais da V Jornada Científica de Musicoterapia. *Musicoterapia: Teorias e Práticas Contemporâneas*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Pahlen, K. (1965). *História Universal da Música*. Trad. A. Della Nina. 5 ed. São Paulo: Edições Melhoramento. Original de 1947.
- Pelbart, P. P. (1989). *Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: Loucura e desrazão*. São Paulo: Brasiliense.
- Piazzetta, C. M. (2006). O Desenvolvimento da Pesquisa em Musicoterapia no Brasil. *Anais do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Goiânia, GO, Brasil.
- Podolsky, E. (Ed). (1954). *Music Therapy*. Nova York: Philosophical Library.
- Ruud, E. (1990). *Caminhos da Musicoterapia*. São Paulo: Summus.
- Ruud, E. (Org). (1991). *Música e Saúde*. Trad. Vera Bloch Wrobel; Glória Paschoal de Camargo; Mirian Goldfeder. São Paulo: Summus.
- Sampaio, R. (2005). Por uma nova noção de Música em Musicoterapia. In: *Apontamentos em Musicoterapia*, 1, 21-24. São Paulo: Apontamentos.Schneider, M.

(1957). Sobre la esencia de la música. In: *Origenes de la Música – La Literatura*. La Música. Barvelona: Editorial Labor, p.845-958.

Sigerist, H. E. (2011). *Civilização e Doença*. Trad. Marcos Fernandes da Silva Moreira. São Paulo: Hucitec. Original de 1944.

Silva, R. S. (2012). *Grupos musicais em Saúde Mental: conexões entre estética musical e práticas musicoterápicas*. Tese (Doutorado) em Psicologia. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia. 198f.

Silva, R. S. & Moraes, M. (2007). Musicoterapia e saúde mental: relatos de uma experiência rizomática. *Revista Psico*, 38(2), 139-147.

Tyson, F. (1981). *Psychiatric music therapy: Origins and development*. New York: Wiedner & Son.

Vignoli, M. L. & Silva, O. A. (1975). Musicoterapia na Comunidade Terapêutica Anais do XII Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, Brasília.

Wigram, T. & Backer, J. (Ed). (1999). *Clinical Applications of Music Therapy in Psychiatry*. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.

Wigram, T., Pedersen, I. N., & Bonde, L. O. (2002). *A comprehensive guide to Music Therapy: Theory, Clinical Practice, Research and Training*. London: Jessica Kingsley.

Zanini, C. R. de O. (2004). Musicoterapia e Saúde Mental: um longo percurso. In: Valladares, A. C. A. (Org.). In: *Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental*. (pp.181-203). São Paulo: Vetor.

2. FENOMENOLOGIA, PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL

Como observamos no capítulo anterior é estreita a relação entre os cuidados com a saúde do homem e a música, e desde a origem da Musicoterapia esta atua no campo da Saúde Mental. Porém, para investigar as repercussões da clínica musicoterápica no sofrimento psíquico grave, entende-se necessária uma metodologia fenomenológica, já que através desta se pode partir dos sujeitos de pesquisa, em suas particularidades, para compreender o fenômeno.

Partindo da ideia de que existe uma unidade “indissolúvel” entre o metodológico e o epistemológico, entre a produção e a elaboração do conhecimento (Holanda, 2006), compreende-se que a Fenomenologia não se encontra somente na construção metodológica deste trabalho, mas em todo o entendimento a respeito do fenômeno estudado.

Para melhor compreender as relações entre as repercussões de uma clínica de uma experiência em grupo de Musicoterapia e a Fenomenologia, será feita uma articulação a respeito do uso da Fenomenologia nas pesquisas do campo da Saúde Mental e as repercussões desse olhar.

2.1 ARTIGO 2: A REFORMA NA SAÚDE MENTAL NO BRASIL E SUAS VINCULAÇÕES COM O PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO

*Brazilian Mental Health Reform and linkages with the phenomenological thinking
Reforma de Salud Mental en Brasil y vínculos con el pensamiento fenomenológico*

MARIANA CARDOSO PUCHIVAILO
GUILHERME BERTASSONI DA SILVA
ADRIANO FURTADO HOLANDA

Resumo: A reforma na Saúde Mental brasileira teve como grandes diretrizes, a experiência de desinstitucionalização italiana e do pensamento de Franco Basaglia. Estes, por sua vez, possuem bases e fundamentos em discussões e posições derivadas do pensamento fenomenológico (na filosofia) e de perspectivas da Psiquiatria fenomenológica, a partir de autores como Jaspers, Binswanger e Minkowski. O objetivo deste artigo é demonstrar as vinculações do pensamento fenomenológico na concepção da reforma da atenção à Saúde Mental brasileira. Para isso foi articulado teoricamente o pensamento destes autores na compreensão da Saúde Mental.

Palavras-Chave: Reforma na Saúde Mental brasileira, Fenomenologia, Psiquiatria.

Abstract: The reform of mental health had as major guidelines, the experience of Italian deinstitutionalization and Franco Basaglia's intellectual legacy. These, in turn, have bases and foundations in discussions and derivative positions of phenomenological thought (in philosophy) and phenomenological perspectives of Psychiatry, from authors such as Jaspers, Binswanger and Minkowski. The purpose of this article is to demonstrate the linkages of the phenomenological approach in the designing of the Brazilian

reform of mental health care. Therefore was theoretically articulated the thought of these authors in the understanding of mental health.

Keywords: Brazilian Mental Health Reform, Phenomenology, Psychiatry.

Resumen: La reforma a la salud mental tuvo como grandes directrices, la experiencia de desinstitucionalización italiana y el pensamiento de Franco Basaglia. Estos, a su vez, tienen bases y fundamentos en los debates y posiciones en derivados del pensamiento fenomenológico (en la filosofía) y las perspectivas fenomenológicas de Psiquiatría, de autores como Jaspers, Binswanger y Minkowski. El propósito de este artículo es demostrar la vinculación del enfoque fenomenológico en el diseño de la reforma de la atención de la salud mental para el brasileño. Para ello se articula en teoría el pensamiento de estos autores en la comprensión de la salud mental.

Palabras-Clave: Reforma de la Salud Mental en Brasil, Fenomenología, Psiquiatría.

O Processo Histórico de Reforma na Saúde Mental Brasileira

No Brasil, a reforma da atenção à Saúde Mental tem como marco a Lei 10.216 aprovada em abril de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em Saúde Mental (Brasil, 2001). O direcionamento dado por esta Lei é o de uma atenção em Saúde Mental preferencialmente comunitária, com equipamentos territorializados, seguindo a lógica do Sistema Único de Saúde (SUS).

A partir dessa proposta, diversos serviços e equipamentos foram implantados visando atendimento substitutivo ao Hospital Psiquiátrico: os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), os Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT), os Centros de Convivência e Cultura, os Ambulatórios de Saúde Mental e leitos de atenção integral em Hospitais Gerais (Ministério da Saúde, 2005).

A reforma na atenção à Saúde Mental brasileira foi formulada e desenvolvida a partir de diferentes reflexões teóricas e experiências práticas e, uma de suas principais fontes foi a da “Desinstitucionalização” Italiana, que Amarante (2007) divide em três períodos. O primeiro deles surge a partir de críticas à estrutura dos hospitais psiquiátricos, que se institui após o término das duas grandes guerras mundiais. Principalmente depois do nazismo, existia certo desconforto mundial a todos os tipos de confinamento. Além disso, no período das guerras, muitos europeus morreram e vários voltaram para suas casas com “doenças mentais”. Concomitantemente, havia uma busca por força de trabalho, logo, existia a necessidade de que os soldados pudessem ser tratados (Amarante, 2007).

Um dos exemplos dos processos de desinstitucionalização deste período são as Comunidades Terapêuticas, que surgem na Inglaterra nos anos 50 e 60 como alternativa e complemento ao tratamento em hospitais psiquiátricos (Robortella, 2000), visando

liberdade de comunicação e reaprendizagem social. Este sistema receberia críticas da Antipsiquiatria e da Psiquiatria Democrática por ainda manter os hospitais psiquiátricos, e não questionar a questão da exclusão e responsabilidade junto a toda comunidade (Amarante, 2007). Segundo Robortella (2000), a concepção de Comunidades Terapêuticas contribuiu para a ideia da desinstitucionalização italiana, devido a sua característica de não hierarquização entre médicos, pacientes e auxiliares que participavam no tratamento da doença mental.

O segundo período se caracteriza por uma procura por soluções diferentes e substitutivas ao hospital psiquiátrico (e, portanto, à ideia de manicômio), baseada na prevenção e promoção da saúde (Amarante, 2007). Nasce, nos Estados Unidos, a Psiquiatria Preventiva, que tinha como objetivo reduzir as doenças mentais através da prevenção; o objeto da psiquiatria passa, então, a ser a Saúde Mental. Jardim & Dimenstein (2007) colocam que os tratamentos eram realizados através de medidas “terapêuticas de urgência”, porém estas, segundo os autores, não viabilizavam novas configurações, mas apenas um enquadramento às regras já instituídas, causando assim, frequentemente, mais sofrimento e iminentes reedições da crise.

Na Psiquiatria preventiva, a situação de risco é entendida como um prenúncio do agravamento ou desencadeamento de uma suposta doença mental. Este conceito está atrelado à ideia da medicina preventiva, já que nasce a partir do cálculo estatístico da probabilidade de surgimento de alguma doença com o intuito de preveni-la. A medicina preventiva é herdeira do movimento higienista que buscava não o combate ao problema, mas apenas um deslocamento, uma limpeza social (Jardim & Dimenstein, 2007).

O terceiro período surge com uma proposta de ruptura do paradigma psiquiátrico (Amarante, 2007). Tem-se, neste período, a Antipsiquiatria como possibilidade de desinstitucionalização na qual o papel da Psiquiatria é posto em cheque e é reforçada a ideia de que a loucura é produzida na relação com a família e a sociedade.

A Antipsiquiatria – movimento constituído em torno de uma contestação geral das práticas psiquiátricas tradicionais (o termo foi cunhado por David Cooper, em 1967⁸) – propunha um questionamento desse modelo tradicional em múltiplas dimensões.

⁸ Uma nota importante a ser destacada refere-se ao conteúdo mitificado construído em torno da expressão “antipsiquiatria”. Laing (1989) declara que “(...) nunca disse que eu era antipsiquiatra: os antipsiquiatras são os outros, os médicos que mancham o nome da psiquiatria com a sua brutalidade, a sua crueldade” (p. 138). Por outro lado, Cooper (1979) coloca que: “Quando comecei a usar o termo anti-psiquiatria (...) não imaginava quanto inocentes que trabalham no campo da loucura – dos dois lados da suposta divisão entre loucos e os que tratam os loucos – seriam apanhados na rede mítica e repleta de misticismo que se gerou em torno dessa palavra aparentemente simples (...). Para mim, a anti-psiquiatria era e é inteiramente

Numa perspectiva “epistemológica”, ou seja, no que se refere à construção do saber em relação à patologia, a Antipsiquiatria apontava que a Psiquiatria clássica estaria apoiada numa representação objetiva de “doença mental”, entendida como entidade mórbida, de fundo orgânico ou “mental”, criando assim uma dicotomia organicismo *versus* mentalismo, sem contudo superá-los. Assim, a Psiquiatria clássica estaria retida num modelo empiricista que não questionaria nem a essência nem as condições de possibilidade dos fenômenos psicopatológicos (Laing & Cooper, 1964/1976; Laing, 1979).

Decorre disto uma concepção “antropológica” da noção de loucura que desconstitui o sujeito (Szasz, 1961/1982; Laing, 1989), o desqualifica enquanto experiência – pois a “doença” ou é do corpo (cerebral) ou da mente (um suposto psiquismo subjetivista) –; o que tem repercussões “políticas”: esta noção faz com que o “louco” seja destituído de cidadania e, ao ser segregado em hospitais – aqui comparados a outras instituições totalitárias – leva-o a diversos modos de mortificação, como o alheamento, o despojamento material, a degradação da autoimagem, a violação da intimidade e a desqualificação de seu próprio ser no mundo, dentre outras (Goffman, 1961/1993; 1963/2003).

Por fim, promove um questionamento aos modos de “tratamento”, centrados na hospitalização e no manicômio (por um lado), e na farmacoterapia como principal ferramenta (por outro), pondo em cheque, inclusive, os interesses da indústria farmacêutica na constituição de demandas de terapêutica (Szasz, 1961/1982; Cooper, 1967/1989). Tudo isto teria como consequência, o que comumente passou a ser chamado de “psiquiatrização do social”, ou seja, o fato de que, sob o prisma dessas apropriações, todos os aspectos da vida humana passariam a ser objetos “psiquiatrizáveis”. Decorrente disto tudo, a Antipsiquiatria acaba por propor novas formas de entendimento de todas essas dimensões.

A tudo isto, contrapõe a ideia de um sofrimento psíquico não mais centrado no orgânico ou na interioridade de um sujeito, mas como um problema construído socialmente: a “doença mental” passa a ser um mito (Szasz, 1961/1982) e retoma-se os determinantes sociais da loucura (Laing & Cooper, 1964/1982; Cooper, 1967/1989). Ainda nesta direção, faz-se um grande questionamento em relação às classificações

suscetível de definição (...)” (p. 69). A melhor definição para esta ideia vem do próprio Cooper (1979): “A anti-psiquiatria procurar inverter as normas do jogo psiquiátrico como um prelúdio para pôr fim a esses jogos” (p. 71).

psicopatológicas – nosológicas e nosográficas – como meras rotulações, propondo a loucura como uma linguagem (Cooper, 1979; Laing, 1979), e uma certa dialética, pautada na continuidade entre saúde/doença ou normal/patológico. No campo político, faz uma crítica social à Psiquiatria, na direção de um resgate da cidadania do “louco”, priorizando a dimensão política e social do tratamento da loucura. E, finalmente, à dimensão do tratamento, faz uma negação do modelo hospitalar, propondo serviços substitutivos; e um questionamento mordaz ao tratamento farmacológico – entendido como uma “camisa de força química” – propondo transformações sociais como fundamento para a modificação da loucura (Szasz, 1961/1982; Laing & Cooper, 1964/1982).

De todas essas críticas, resulta o clássico questionamento sobre a existência ou “realidade” da “doença mental” – mais claramente expresso a partir da obra de Thomas Szasz (1961/1982), particularmente no *O Mito da Doença Mental* – e a construção de uma série de conceitos e ideias que falam do “sujeito” da psicopatologia, como a noção de “estigma”, desenvolvida por Erving Goffman (1963/2003). E tudo isto, junto, leva ao Movimento Antimanicomial.

No que nos interessa particularmente a este texto, é que – do ponto de vista filosófico – a Antipsiquiatria encontra boa parte de seus alicerces conceituais na Fenomenologia, em especial no que direciona para o rompimento com as lógicas determinísticas, apoiando-se particularmente nos pensamentos de Jaspers e Sartre (Spohr & Schneider, 2009) – mas tendo Sartre como interlocutor direto ou, como afirma Delacampagne (2004), “de Sartre à Antipsiquiatria, a via foi direta” (p. 27) – tendo, contudo, outros autores da fenomenologia como apoio, como Scheler, Merleau-Ponty e o próprio Husserl, que Laing (1981) leu após conhecer o *Ser e o Nada*, de Sartre⁹.

Já na Itália, a reflexão acerca do enfrentamento aos manicômios e a mudança na forma da atenção em Saúde Mental, surge com Franco Basaglia e seus colaboradores. Goulart (2007) aponta que a principal experiência, enquanto momento fundante do movimento antimanicomial e das mudanças subsequentes, foi a da cidade de Gorizia, no qual Basaglia atuou como diretor do hospital psiquiátrico, no início da década de 60. O grande impacto dessa experiência foi a de que o encontro com o doente mental só seria possível se ele e todos os membros da comunidade, incluindo médicos, enfermeiros, entre

⁹ Sobre a importância de Sartre na fundamentação do pensamento antipsiquiátrico de Laing e Cooper, basta assinalar que é o próprio filósofo francês que faz o prefácio ao livro *Razão e Violência* (Laing & Cooper, 1964/1976), datado de 1963. Este livro, na realidade, é um ensaio sobre o pensamento sartreano, a partir de três ensaios, cada qual referente a uma de suas principais obras: *Questions de Méthode* e *Saint Gênet* (escritos por Cooper), e *Critique de la Raison Dialectique* (escrito por Laing).

outros, se encontrassem em um plano de liberdade e responsabilidade (Goulart, 2007). Enquanto a experiência de Gorizia foi o início de uma geração de profissionais de Saúde Mental que questionava os manicômios, a experiência seguinte, da cidade de Trieste, foi o local de consolidação de uma prática que influenciou diversos modelos de reforma, incluindo a brasileira. A experiência de Gorizia deu origem ao livro “A instituição negada” (Basaglia, 1968/1985), com relatos dos procedimentos e discussões que resultaram na gradativa abertura do hospital psiquiátrico.

Basaglia chegou a Gorizia, com uma concepção fenomenológico-existencial da relação médico-paciente, baseada na antropofenomenologia de Binswanger e de Minkowski, e na filosofia de Sartre (Goulart, 2007). Esta influência pode ser percebida em suas ideias e em seus textos, como nos seus *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*, nos quais cita, além dos autores supramencionados, Foucault, Goffman, Husserl e Scheler, dentre outros (Basaglia, 2005). Tal concepção dizia de um outro olhar à doença mental e suas formas de cuidado. Basaglia discorre sobre a importância de se colocar entre parênteses a doença como categoria dada, para compreender o sujeito que se encontra à sua frente. Basaglia (2005) traz uma crítica à ciência, mais especificamente à ciência médica no campo da Psiquiatria, que caminha em busca de explicações para a “doença mental” numa posição metafísica dogmática, sob a égide da qual teve de confirmar suas hipóteses no corpo do próprio doente: encaixá-lo em suas hipóteses construídas.

Segundo Goulart (2007), Basaglia liderou uma passagem do movimento filosófico antropofenomenológico e existencialista para um movimento social e politizado. Sob a crítica do movimento filosófico e epistemológico da Fenomenologia, Basaglia questionou um fazer, uma situação social dentro de um contexto político. Pode-se compreender a crítica de Basaglia como uma metáfora da crítica de Husserl ou Dilthey ao modelo das ciências naturais, aplicada às ciências humanas. O que Basaglia traz, em sua crítica, é que ao tornar o doente mental um corpo objeto no qual se aloca uma doença, perde-se todo o contato com o sujeito em sofrimento, perde-se também o olhar atento ao fenômeno que se coloca. Ao invés desse olhar atento, há um olhar que é perpassado e direcionado por uma concepção teórica a respeito da doença mental.

Que a psiquiatria asilar reconheça, enfim, ter fracassado em seu encontro com o real, esquivando-se da verificação que – através daquela realidade – poderia ter efetuado. Uma vez que a realidade lhe escapou, ela limitou-se a continuar fazendo

“literatura”, elaborando suas teorias, enquanto o “doente” se via pagando as consequências dessa fratura – encerrado na única dimensão considerada adequada a ele: a segregação (Basaglia, 2005, p. 69).

O que Basaglia alerta é que, ao compreender e tratar os sujeitos com esta forma de sofrimento, criam-se outras questões que marcaram o sujeito como um sujeito que não sabe de si, sem liberdade nem responsabilidade sobre si. Esse isolamento é metaforicamente e fisicamente representado nos muros do manicômio.

A questão é que, mesmo a ciência tratando seu objeto de pesquisa como um objeto que pode ser compreendido através do afastamento subjetivo do pesquisador, o pesquisador, ainda sim, influencia seu objeto. Segundo Basaglia (2005), a consequência da ciência ter se ocupado da pesquisa ideológica da doença mental ao invés de se dedicar ao sujeito doente, ou em sofrimento, foi a “coisificação” do “doente mental”, sua exclusão, sua intimidação e “docilização”. As formas de tratamento manicomiais que foram uma consequência do olhar para o sujeito em sofrimento como um objeto que não possuía autoridade sob si mesmo nem voz para falar de si, tornaram este, um ser imóvel, sem objetivos, sem futuro nem interesses.

Uma das principais posturas preconizadas nessa nova compreensão fenomenológica, na qual se baseia Basaglia, é a de escutar o sujeito sem pressuposições e representações a respeito de suas possíveis patologias, na expectativa de superar os pré-julgamentos tradicionais e os estigmas derivados dessas representações. Nas palavras do autor:

Uma instituição que se pretende terapêutica deve tornar-se uma comunidade baseada na interação pré-reflexiva de todos os seus membros; uma instituição na qual a relação não seja a relação objetificante do senhor com o servo, ou de quem dá e quem recebe; na qual o doente não seja o último degrau de uma hierarquia baseada em valores estabelecidos de uma vez por todas pelo mais forte; na qual todos os membros possam – mediante a contestação recíproca e a dialetização das recíprocas posições – reconstruir o próprio corpo próprio e o próprio papel (Basaglia, 2005, p.89).

Basaglia lutou por uma modificação no olhar que se tinha da loucura, para que pudesse ser vista como sofrimento existencial e social. O movimento social que surge

com Basaglia e seus colaboradores, a partir das experiências práticas de desinstitucionalização, seria denominado de Psiquiatria Democrática (Robortella, 2000).

A Reforma na assistência à Saúde Mental brasileira se baseia neste modelo italiano de desinstitucionalização. Então, como se verifica nas bases que norteiam a Reforma, ela é mais do que uma simples modificação física dos equipamentos de atenção em Saúde Mental; ela é o resultado de complexas discussões a respeito da compreensão sobre o conceito e os múltiplos sentidos com respeito à “loucura”.

Atenção à Saúde Mental: Contribuições da Fenomenologia

Para a realização dessas discussões e reflexões a respeito da “doença mental” e da reforma dos modos de sua atenção, estaremos retomando o embasamento teórico da Fenomenologia, pois “[...] a maior parte das concepções atuais de saúde mental – em especial as críticas à formalização e aos tradicionalismos psiquiátricos – ali encontra apoio e estímulo” (Holanda, 2011, p. 120). A Fenomenologia influencia novos caminhos da compreensão da “loucura” na atualidade, tendo reverberação particular nos movimentos da Antipsiquiatria e da Luta Antimanicomial que ali encontram um alicerce teórico para suas propostas.

Fenomenologia é uma palavra de origem grega, *phainómenon*, que significa “aquilo que vem à luz”, que “se mostra”, que se manifesta. Este termo foi utilizado por diversos pensadores como Kant e Hegel. Porém, a Fenomenologia, a que nos referimos, a que produziu uma revolução paradigmática, é a de Husserl (Holanda & Freitas, 2011) e é a esta que aqui nos reportamos.

A Fenomenologia surge com Husserl no início do século XX como um questionamento sobre os rumos e fundamentos da ciência positiva. Toda a vida filosófica de Husserl é marcada por um sentimento de crise da cultura, e a própria Fenomenologia surge em meio à crise da ciência e da filosofia, sendo este um tema que acompanha o pensamento husserliano desde suas primeiras obras – como temos, por exemplo, em *A Filosofia como Ciência de Rigor* (Husserl, 1910/1965) – até seus últimos escritos – como em *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*, por exemplo (Husserl, 1935/2006). Essa crise diz respeito ao objetivismo da ciência, o mesmo ao qual Basaglia também se reporta, como mencionado anteriormente; crise de uma ciência fundamentada na positividade do conhecimento, mais especificamente na sua objetividade ao abrigo das construções subjetivas, que não deu conta da complexidade da vida, especialmente da vida humana (Husserl, 1935/2006; Dartigues, 2008). Paul Ricoeur (1986/2006), ao

discutir a crise da humanidade europeia, discorre sobre a compreensão de Husserl de que esta crise está relacionada à significação das ciências para a vida.

Não se pretende com isto, realizar uma destruição da ciência positiva, visto que esta tem e deve ter seu espaço garantido. Carl Sagan (1995/2006) relembra a importância da ciência em seu livro *O mundo assombrado pelos demônios*, ressaltando a importância da atitude científica de não acomodação em “verdades” ou hipóteses. O cientista deve compreender as limitações do ser humano em sua busca pelo conhecimento. Sagan recorda que a ciência é construída por perguntas, e que o bom cientista é aquele que sempre se questionará sobre sua verdade. O próprio Husserl (1910/1965) faz uma defesa importante da necessidade de um saber “rigoroso”, tendo a ciência como referência.

Porém, em meio a uma cultura positivista, as ciências do espírito¹⁰ se debatiam com as exigências da ciência naturalista que ditava todo o pensamento e aceitação da época. Assim, a psicologia buscou se adequar criando uma psicologia explicativa que funcionava através de lógicas causais, segundo o princípio de causa e efeito. Ao considerar o homem, assim como toda a natureza, matematizável, ou seja explicado através de sistemas formais, a ciência compreende o funcionamento psíquico assim como o físico. Segundo Ricoeur (1986/2006), tanto a separação entre físico e psíquico como o naturalismo psicológico atestavam uma perda da subjetividade do homem.

Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu “psiquismo”, eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência [...] eu sou a fonte absoluta; minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta (Merleau-Ponty, 1945/1999, p.3).

Começam a ser feitas críticas à adequação desse modelo de ciência à compreensão do ser humano. Wilhelm Dilthey é um exemplo dentre diferentes pensadores que questionam a universalidade do entendimento da ciência positiva. Em seu livro *Idéias acerca de uma psicologia descritiva e analítica*, de 1894, defende a impossibilidade das

¹⁰ Ciências do espírito, aqui é a expressão corrente entre os séculos XVIII e XIX, para se referir ao conjunto de ciências distintas das ciências naturais. Posteriormente, a partir do século XX, passa a denominar o conjunto de ciências do homem, que podemos atualmente circunscrever como o espectro das ciências humanas, antropológicas e sociais.

ciências do espírito funcionarem da mesma forma que as ciências naturais. Dilthey (1894/2008) coloca que as ciências do espírito, em oposição às ciências da natureza, não podem ser explicativas, somente compreensivas, já que seu objeto parte do homem, a partir de dentro, como uma conexão viva.

A Fenomenologia surge na tentativa de dar conta desse desafio, buscando uma “terceira via” entre o raciocínio das ciências positivas, que considera apenas os aspectos objetivos do mundo e o discurso especulativo da metafísica, que acabava por produzir teorias “descoladas” do mundo e que se encerram em si mesmas (Dartigues, 2008). Para isso ela não se enfoca apenas no sujeito ou apenas no objeto, mas na relação entre eles. Ela se dá através da apreensão das relações do homem com o mundo. O mundo para a Fenomenologia é um objeto intencional, ou seja, que é referido por um sujeito e que faz referência a um sujeito. O homem também não é homem sem o mundo, assim a consciência é uma consciência intencional, pois é sempre uma consciência no mundo e voltada para o mundo, sempre direcionada ao mundo (Ricoeur, 1986/2006).

Husserl declara que fenômeno é tudo aquilo que se reporta a uma consciência. E o fenômeno subjetivo tem como característica central o fato de ser consciência-no-mundo e em relação, o que constitui como sendo necessariamente intersubjetivo, já que não pode ser considerado destacado do mundo, pois aí sim estaria fechado sobre si mesmo (Husserl, 1931/1980; Merleau-Ponty, 1945/1999; Drummond, 2007). O mundo não é apenas uma representação de uma consciência, mas é compartilhado. Assim, por ser um fenômeno intersubjetivo, só o poderemos compreender, ou seja, co-apreender. Para que haja uma compreensão do fenômeno é necessário ir às coisas-mesmas, ou seja, ao fenômeno, à relação entre uma consciência e o mundo. A compreensão parte da descrição do fenômeno, de como ele se apresenta à percepção, e é preciso que esse contato seja sem prévias representações ou significações, para que se consiga uma descrição fiel (Holanda, 2009).

Husserl foi aluno de Brentano e traz em sua obra a influência deste. Uma das heranças diz respeito à construção de uma Psicologia Descritiva (Holanda & Freitas, 2011). O entendimento de que a descrição deve preceder a explicação nas ciências do espírito também está presente na obra de Dilthey (1894/2008).

Segundo Dilthey, para a realização de uma psicologia descritiva e analítica é necessário buscar expor a realidade integral da vida psíquica através da descrição, e quando possível, analisá-la. Para isso não é possível ir de encontro ao fenômeno com hipóteses, estas devem ser realizadas após o encontro com o próprio fenômeno. Para

compreender, conhecer, se aproximar de um fenômeno é necessária uma atitude de redução, ou seja de se colocar de lado pressuposições a respeito do fenômeno para vislumbrá-lo enquanto tal. É, como relata Basaglia, colocar o conceito de doença mental entre parênteses para se encontrar com o sujeito que se encontra a sua frente. A compreensão é um processo integrativo, não dissociativo, no qual toda perspectiva é válida pois nos auxilia a compreender diferentes aspectos do fenômeno.

Neste sentido, não mais falamos em “revelar” o mundo, oculto de algum modo, mas em des-velar sentidos, naquilo que o mundo se apresenta para uma consciência, não mais como “coisa”, mas como fenômeno e, portanto, como dotado de um conjunto de significados que incluem – de modo inalienável – todos os elementos da equação: sujeito, ato e mundo de fenômenos (Holanda, 2009, p. 88).

A Fenomenologia se estabelece como uma epistemologia enquanto crítica e teoria do conhecimento; mas é também uma filosofia, no sentido clássico do termo, enquanto reflexão sobre a realidade, e uma metodologia dessa mesma realidade. Além disso, é uma ciência, um conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa (Holanda, 2009). A Fenomenologia é um marco na história da filosofia e influenciou diversas áreas do conhecimento (Holanda & Freitas, 2011).

A revolução realizada pela Fenomenologia possibilitou uma nova forma de acesso ao mundo, especialmente o “mundo humano”, recuperando as relações intersubjetivas e recolocando a subjetividade num contexto histórico e mundano. Recoloca-se o sujeito da ciência como ator; o homem é o centro, já que tudo que é percebido no mundo é referente a uma consciência e esta ligação entre mundo e consciência é colocada como enfoque (Holanda, 2011). É justamente na recolocação do homem como referência num contexto histórico e mundano que se dá fundamento para repensar a “doença mental”. É contraditório para a Fenomenologia pensar em uma ciência centrada na patologia ao invés de estar centrada no ser. O enfoque não está na explicação das causas da doença, mas na compreensão do significado que ela tem para o sujeito na experiência presente (Stockinger, 2007).

Psiquiatria, Psicopatologia Fenomenológica e Saúde Mental

Muito do que se entende hoje como “psicopatologia” se constrói alicerçado em fundamentos fenomenológicos (Holanda, 2011). Ao longo da história podem ser

encontrados alguns importantes psiquiatras fenomenólogos que contribuíram para a Psicopatologia, e assim, para a compreensão da “doença mental”. Compreende-se nesta pesquisa a Psiquiatria como profissão prática e a Psicopatologia como ciência propriamente dita, como assim caracterizou Karl Jaspers (1913/1987).

Apesar da Psicopatologia ser um campo anterior a Jaspers, sua obra é de 1913 – *Psicopatologia Geral* – esta funda e marca o início da chamada Psicopatologia Fenomenológica (Holanda, 2011). Esta obra realiza uma ampla discussão a respeito da Psicopatologia e descreve os fenômenos psicopatológicos. Jaspers é quem inaugura uma forma de se pensar as psicopatologias a partir da Fenomenologia em uma posição epistemológica voltada à apreensão da transformação nas psicopatologias, em oposição à posição de enfoque na estabilidade (Messas, 2004).

Outros grandes nomes da Psicopatologia fenomenológica que podem aqui ser referenciados são Ludwig Binswanger, Eugène Minkowski, Henri Ey, Viktor Emil von Gebattel, Erwin Straus, Henricus Cornelius Rümke, Janse de Jonge, L. Van der Horst, Frederik J.J. Buytendijk e J.H. Van den Berg, dentre outros (Van den Berg, 1966/1994; Messas, 2004; Holanda, 2011). Deste rol, escolhemos Jaspers e Minkowski como autores para demonstrar a relação entre Psicopatologia, Psiquiatria e Fenomenologia. Não serão realizados aprofundamentos em seus trabalhos, mas será apresentada como a atitude fenomenológica os perpassa.

Jaspers, em sua *Psicopatologia Geral* (1913/1987) discorre a respeito de algumas posições que tomam frente ao desafio do psicopatologista. Seu objetivo não é criar uma compêndio de classificações didáticas e de fácil memorização, mas o de exercitar o pensamento psicopatológico dentro de um saber estruturado e de uma experiência metodológica que possa abranger a complexidade desse fenômeno. Logo na introdução, Jaspers realiza diversas discussões a respeito da tarefa de construção de uma Psicopatologia geral, apontando que o objeto da Psicopatologia é o homem como um todo. Mas alerta para os limites dessa ciência, pois não se pode reduzir o sujeito aos conceitos psicopatológicos: “Sempre o homem é algo mais do que se pode conhecer” (Jaspers, 1913/1987, p.63). Por isso a atitude científica fundamental é estar aberto a todas as possibilidades de investigação empírica. Há de se esforçar para conhecer a vida psíquica por todos seus lados e por todas as vias.

A influência da Fenomenologia aparece em diversas partes de seu trabalho, como por exemplo, na compreensão da consciência enquanto relação intersubjetiva com o mundo; uma totalidade de um mundo interior e um mundo ambiente. Jaspers não

considera a consciência como objeto, mas enquanto fluxo, herança da compreensão de William James. Ele também ressalta que trabalha com o que é vivenciado, com a vida psíquica imediatamente dada. Jaspers alerta acerca dos preconceitos, ou seja conceitos anteriores que anuviam nosso olhar ao fenômeno. Um dos exemplos trazidos pelo autor é o preconceito teórico, pois corre-se o sério risco de se voltar somente ao que confirma a teoria em questão. Também critica a naturalização da vida psíquica, colocando como tarefa constante a abstração das teorias e outros preconceitos em busca de um acolhimento dos dados.

Com respeito ao diagnóstico, coloca que este é o menos essencial no trabalho do psicopatologista, e que, apesar de fazer parte do processo, é a última compreensão em um caso. Realiza também uma discussão a respeito dos métodos, abrangendo várias possibilidades metodológicas, sempre se perguntando como cada um pode ampliar, aprofundar, alargar a experiência, levando em conta sua relevância e seus limites. Ele também aponta a importância das outras ciências, com diferentes métodos e conceitos. Em suas palavras: “A consciência metodológica nos mantém frente à realidade que deve ser apreendida sempre de novo. A dogmática do ser nos tranca num saber que, como um véu, se antepõe a toda nova experiência” (Jaspers, 1913/1987, p.58).

A história da Psicopatologia Fenomenológica remonta também à figura de Dilthey (Holanda, 2011). Segundo Van den Berg (1966/1994), pode-se verificar em Jaspers a influência de Dilthey em seu trabalho e o fato de ter sido o primeiro a introduzir na Psiquiatria suas ideias. Para Jaspers o método explicativo também será utilizado para a compreensão da psicopatologia, porém, esse não abarca a complexidade deste fenômeno. Assim, Jaspers defende o método compreensivo, como aquele capaz de acolher a subjetividade.

Assim como outros psicopatologistas fenomenólogos (Minkowski, Van den Berg, entre outros), Jaspers irá discorrer a respeito da importância dos casos raros para compreender os casos triviais. Ele defende que muitas vezes o aprofundamento em um caso particular ensina o que é geral para outros casos. Não há necessidade de exemplos de série, visto que a compreensão da psicopatologia não está na quantidade, mas na qualidade dos casos estudados. Um exemplo disto é o livro *O Paciente Psiquiátrico* de Van den Berg (1966/1994), no qual se descreve a condição de um paciente. Ele escolhe um só sujeito pois acredita que um paciente pode englobar toda a psicopatologia.

Minkowski é um psiquiatra francês de grande influência na história da Fenomenologia e na Psiquiatria da França. No início do século XX introduziu a obra de

Husserl em seu país; foi membro fundador e primeiro presidente do grupo *Évolution Psychiatrique*, em 1925. Minkowski trabalhou com Bleuler em Zurique (entre 1912 e 1914), e conviveu durante este período com Binswanger, Jung e Rorschach (Abreu e Silva Neto, 2004). Apesar de sua importância, especialmente na Psicopatologia Fenomenológica, a obra deste autor não é muito conhecida no Brasil. Nenhum de seus livros foi traduzido para o português (Abreu e Silva Neto, 2004).

A Psicopatologia para Minkowski (1968/2000) constitui uma psicologia do patológico e não uma patologia do psicológico. Ou seja, a “loucura” é compreendida enquanto modo de estar no mundo, não errado ou doentio, mas apenas como mais uma forma de estar em relação com o mundo. Assim desconstrói-se a noção de “normalidade”, enquanto padrão absoluto a partir do qual se definem os “desvios mórbidos” da vida mental.

Ao conhecer a experiência humana como intrinsecamente *pática*, fundada sobre o *pathos* da paixão e do sofrimento, a psicologia do patológico tem por tarefa a descrição de formas singulares de existência e de estar-no-mundo. A psicologia do patológico se refere à descrição global da experiência vivida pelo enfermo e, global, nesse caso, implica em visão integrada do todo psíquico com o todo vivido pela pessoa. Com tal atitude metodológica, Minkowski aborda o fenômeno de *pathos* visando exprimir seu fundo existencial, antes de realizar um recenseamento de sintomas e de alterações na alma.

Minkowski procurou desenvolver uma ciência antropológica, já que buscou o homem enquanto referência. Entende-se por “antropologia” a ciência da totalidade do fenômeno humano. Uma visão antropológica da psicopatologia busca compreender as modalidades existenciais do homem, levando em conta sua singularidade com o objetivo de elucidar os sentidos dos sintomas. Nesta “visão antropológica” da psicopatologia se propõe tentar alcançar um quadro mais amplo da estrutura existencial do homem (Holanda, 2001).

Em seu livro *A Esquizofrenia*, publicado originalmente em 1927, Minkowski alega que o método utilizado em seu livro não se deteve à psicopatologia, mas sim a aspectos da vida. O fenômeno psicopatológico não é delimitado por seu caráter mórbido ou doentio, nem por comparação com a normalidade, e sim por se constituir como uma outra forma de ser (Pereira, 2000). Minkowski (1968/2000) concorda com as ideias de Bergson sobre a impossibilidade de quantificar e mensurar aspectos mais fundamentais da existência, tais como a vivência de *pathos*; recorre ainda a suas próprias experiências clínicas para se aproximar de tal fenômeno.

Segundo Minkowski (1968/2000), o enfoque clínico ou teórico ao colocar seu olhar sobre o *pathos* deve separar seus processos em si das alterações nos desempenhos mentais; deve-se também abrir mão da exatidão, exigida pela ciência exata. Na Psicologia do *Pathos*, os sintomas servem a um fim (Pessotti, 2006), são assim como a carne, sangue e nervos, apenas finas camadas que envolvem um segredo invisível, uma história que mora em nós; os sintomas são apenas a superfície que protege o fenômeno pático. “O paciente não é um caso, e sim uma pessoa, cuja linguagem da alma se expressa no corpo, no tempo do relógio e no tempo vivido” (Costa & Medeiros, 2009, p.383).

Minkowski fala do sofrimento como um momento da existência: “O sofrimento não é absolutamente sinal de desequilíbrio, não há nada de anormal nele. Ele faz ‘normalmente’ parte de nossa existência [...] o sofrimento humano é o que nos revela o aspecto mais aparente, mas dramático e mais ‘vivo’” (Minkowski, 1968/2000, p.164). Na Psicopatologia fenomenológica o enfoque está, pois, no “mundo-vida” do indivíduo, no significado de “ser patológico”. Assim, interessa-se em compreender as modalidades existenciais do homem, seus “modos de ser” e as “maneiras de vivenciar” as psicopatologias (Holanda, 2001). Busca-se não apenas uma pura descrição dos fenômenos psicopatológicos, mas a sua essência, transcendendo suas manifestações particulares (Messas, 2004).

À fenomenologia compete apresentar de maneira viva, analisar em suas relações de parentesco, delimitar, distinguir da forma mais precisa possível e designar com termos fixos os estados psíquicos que os pacientes realmente vivenciam. (Jaspers, 1913/1987, p.71)

A característica fundamental da Psicopatologia fenomenológica é a busca pela compreensão das vivências psíquicas tais e quais realmente experimentadas pelos pacientes. “Uma das principais características da fenomenologia é que não visa à procura de uma teoria sutil, mas apenas a um plausível conhecimento íntimo” (Van den Berg, 1966/1994, p.8). A Fenomenologia busca olhar o homem e seu sofrimento não como um entrecruzamento de múltiplas causalidades que o determinam, mas como uma singularidade que se apresenta à compreensão. A Fenomenologia da psicopatologia não irá se focar na doença, mas na expressividade, contexto e forma de ser do sujeito que se apresenta.

Já não deveríamos retroceder ante à tarefa, por extensa que esta seja, que consistiria em estudar todas as manifestações, o mesmo que todas as atividades e todos os movimento da alma, em sua variedade e em suas matrizes, que chega a fixar e a expressar a linguagem. Em todos os casos, nada nos impede de nos comprometermos a esta via. Quiçá seja essa também um meio de liberar a psicologia do cerco estreito no qual, em virtude dos princípios que ela considera científicos, se encerra, para aproximá-la novamente do humano e do vivido, para retorná-la a grande arena da vida. E a psicopatologia se beneficiaria igualmente isto. Perspectivas... (Minkowski, 1927/1960, p.218, tradução nossa).

Minkowski finaliza seu livro “A Esquizofrenia” com esta passagem, alertando à tarefa que é também proposta pela Fenomenologia, a de se aproximar da experiência vivida. Uma tarefa que como coloca Jaspers (1913/1987), exige esforço, mas se torna a forma mais coerente para se aproximar da complexidade do fenômeno humano.

Considerações Finais

A Reforma da Saúde Mental brasileira é influenciada pelo modelo de desinstitucionalização italiano, cuja principal influência são o pensamento e as experiências de Franco Basaglia. Como pode-se observar, Basaglia possui influência da compreensão fenomenológica e de psiquiatras fenomenólogos. Igualmente a experiência de Laing e Cooper, com a Antipsiquiatria inglesa, trouxe alternativas e reflexões de forte cunho fenomenológico e existencial para o movimento da Reforma na atenção à Saúde Mental brasileira.

A perspectiva de reabilitação psicossocial; de reintegração do sujeito da Saúde Mental em seu contexto familiar, social, econômico e cultural; a ideia de “território”, devem muito ao resgate da subjetividade contextualizada propugnada por uma série de pensadores da Filosofia e Psiquiatria fenomenológicas. Como podemos observar igualmente na ideia de “rede”, proposta pela referência aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS):

Para constituir essa rede, todos os recursos afetivos (relações pessoais, familiares, amigos etc.), sanitários (serviços de saúde), sociais (moradia, trabalho, escola, esporte etc.), econômicos (dinheiro, previdência etc.), culturais, religiosos e de

lazer estão convocados para potencializar as equipes de saúde nos esforços de cuidado e reabilitação psicossocial (Ministério da Saúde, 2004, p. 11).

A influência da fenomenologia no pensamento de Basaglia e de psiquiatras como Jaspers e Minkowski está na possibilidade de colocar a doença entre parênteses para que se possa alcançar o fenômeno em si, neste caso, o sujeito. Uma aparente pequena mudança que traz grandes consequências. Uma delas é o posicionamento do sujeito como centro da questão tanto do estudo psicopatológico quanto da atenção à Saúde Mental. Como traz Basaglia, as formas de tratamento são consequências do olhar que se tem à doença mental.

Dilthey e Husserl discorrem a respeito da impossibilidade das formas de explicação das ciências naturais darem conta da complexidade das ciências do espírito. Assim eles trazem como alternativa o método compreensivo que pretende ir de encontro ao fenômeno e o co-apreender. Jaspers constrói sua Psicopatologia Geral demonstrando sua forma de pensar a Psicopatologia, cujo objeto é o homem como um todo. Jaspers busca compreender o homem sob diferentes ângulos e ao mesmo tempo com especial cuidado às diferentes possibilidades de pré-conceitos. Minkowski busca a compreensão das psicopatologias como modos de estar no mundo, o que desconstrói a noção de anormalidade ligada à psicopatologia, colocando o homem como centro de referência ao invés de sua doença. Tanto Minkowski, quanto Jaspers e Basaglia buscam compreender aspectos mais amplos dos fenômenos psicopatológicos: sua expressividade, contexto e formas de ser; um sofrimento existencial e social.

As discussões propostas pela leitura fenomenológica apontam mesmo para um novo questionamento sobre o que é saúde e doença – como encontramos nos clássicos pensadores da Psiquiatria fenomenológica –, que encontra eco nos contemporâneos questionamentos sobre a noção de “saúde mental”, por exemplo (Amarante, 2007). Mas é, fundamentalmente, uma “mudança de paradigma”:

O processo de desinstitucionalização torna-se agora reconstrução da complexidade do objeto. *A ênfase não é mais colocada no processo de “cura” mas no projeto de “invenção da saúde” e de “reprodução social do paciente”.* (...) O problema não é a cura (a vida produtiva) mas a produção de vida, de sentido, de sociabilidade, a utilização das formas (dos espaços coletivos) de convivência dispersa (Rotelli, De Leonardis & Mauri, 1986/2001, p. 30. Grifos no original).

A “simplicidade destas mudanças ajuda a compreender como a desinstitucionalização é sobretudo um trabalho terapêutico, voltado para a reconstituição das pessoas, enquanto pessoas que sofrem, como sujeitos” (Rotelli, De Leonardis & Mauri, 1986/2001, p. 33). E este é um dos principais focos do pensamento fenomenológico: o resgate da subjetividade.

A Fenomenologia influencia diferentes áreas do conhecimento, dentre elas a Saúde Mental e a Psicopatologia. O processo de reforma na Saúde Mental brasileira e as concepções atuais de Saúde Mental sofreram influências e também encontraram fundamento e inspiração nela. Espera-se que essa herança continue a ser fonte de inspiração e recurso de fundamentação para que o processo de reforma da atenção à Saúde Mental não se perca em aspectos meramente estruturais ou políticos. Já que como bem apontam os fenomenólogos citados ao longo do artigo, o ponto central de preocupação deve ser o sujeito.

Referências

- Abreu e Silva Neto, N. (2004). A Atualidade da Obra de Eugène Minkowski (1885-1972). *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, XXIV(2), 50-62.
- Amarante, P. (2007). *Saúde mental e Atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Basaglia, F. (1979). *Psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática*. (Vol. 1). Tradução de Sonia Soianesi e Maria Celeste Marcondes. São Paulo: Editora Brasil Debates.
- Basaglia, F. (1985). *A Instituição Negada: Relato de um Hospital Psiquiátrico*. São Paulo: Graal (Original de 1968).
- Basaglia, F. (2005). *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. Organização: Paulo Amarante. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Garamond.
- Brasil (2001). *Lei 10.216 de 6 de abril de 2001* (Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental). Brasília: Senado Federal. Disponível em http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/legis/legis1.asp
- Cooper, D. (1979). *A Gramática da Vida*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cooper, D. (1989). *Psiquiatria e Antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva (Original publicado em 1967).

- Costa, V. E. S. M., & Medeiros, M. (2009). O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski. *Psicologia em Estudo*, 14 (2), 375-383.
- Dartigues, A. (2008). *O que é fenomenologia?* Tradução Maria José J. G. de Almeida. (10 ed.). São Paulo: Centauro.
- Delacampagne, C. (2004). A contestação antipsiquiátrica. *Mental* (Online), 2 (2), 27-34.
- Dilthey, W. (2008). *Idéias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica*. Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia (Original publicado em 1894).
- Drummond, J.J. (2007). *Historical Dictionary of Husserl's Philosophy*. New York: Hardcover.
- Goffman, E. (1996). *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva (Original publicado em 1961).
- Goffman, E. (2003). *Estigma. Notas sobre uma manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC (Original de 1963).
- Goulart, M. S. (2007). *As raízes italianas do movimento antimanicomial*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Holanda, A. (2001). Psicopatologia, exotismo e diversidade: ensaio de antropologia da psicopatologia. *Psicologia em Estudo*, 6(2), 29-38.
- Holanda, A. (2009). Fenomenologia e Psicologia: diálogos e interlocuções. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(2), 87-92.
- Holanda, A. F. (2011). Gênese e histórico da psicopatologia fenomenológica. Em V. A. Angerami (Org.). *Psicoterapia e Brasilidade*. São Paulo: Cortez.
- Holanda, A. F. & Freitas, J. (2011). Fenomenologia e Psicologia: Vinculações. Em Adão José Peixoto, *Fenomenologia diálogos possíveis* (pp. 97-112). Campinas: Alínea Editora.
- Husserl, E. (1965). *Filosofia como Ciência Rigorosa*. Lisboa: Atlantida (Original de 1910).
- Husserl, E. (1980). *Méditations Cartésiennes. Introduction à la phénoménologie*, Paris: Librairie Philosophique J.Vrin (Original de 1931).
- Husserl, E. (2006). *Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. Lisboa: LusoSofia (Original de 1935).
- Jaspers, K. (1987). *Psicopatologia Geral*. Tradução Samuel Penna Reis. Rio de Janeiro: Atheneu (Original publicado em 1913).
- Jardim, K. & Dimenstein, M. (2007). Risco e crise: pensando os pilares da urgência psiquiátrica. *Psicologia em Revista*, 13(1), 169-190.

- Laing, R. (1981). *Sobre loucos e sãos. Entrevista a Vincenzo Caretti*. São Paulo: Brasiliense.
- Laing, R. (1989). A loucura. *Entrevistas do Le Monde* (pp.137-141). São Paulo: Editora Ática.
- Laing, R. & Cooper, D. (1976). *Razão e Violência*. Petrópolis: Vozes (Original publicado em 1964).
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1945).
- Messas, G. P. (2004). *Psicopatologia e Transformação: Um esboço Fenômeno-Estrutural*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ministério da Saúde (2004). *Saúde Mental no SUS. Os Centros de Atenção Psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Ministério da Saúde (2005). *Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde/OPAS.
- Minkowski, E. (1960). *La esquizofrenia: Psicopatología de los esquizoides y los esquizofrénicos*. Buenos Aires: Paidós (Original publicado em 1927).
- Minkowski, E. (2000). Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto pático da existência). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3(4), 156-164 (Original publicado em 1968).
- Pereira, M. E. (2000). Minkowski ou a psicopatologia como psicologia do pathos humano. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, III, 153-155.
- Pessotti, I. (2006). Sobre a teoria da loucura no século XX. *Temas em Psicologia*, XIV(2), Dezembro, 113-123.
- Ricoeur, P. (2006). *Na escola da fenomenologia*. Rio de Janeiro: Vozes (Original publicado em 1986).
- Robortella, S. C. (2000). *Relatos de usuários de saúde mental em liberdade: o direito de existir*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Rotelli, F.; De Leonardis, O. & Mauri, D. (2001). Desinstitucionalização, uma outra via. In Franco Rotelli, Ota De Leonardis & Diana Mauri, *Desinstitucionalização* (pp. 17-60). São Paulo: Editora Hucitec (Original publicado em 1986).
- Sagan, C. (2006). *O mundo assombrado pelos demônios*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Companhia de Bolso (Original publicado em 1995).

- Spohr, B. & Schneider, D. R. (2009). Bases Epistemológicas da Antipsiquiatria: A Influência do Existencialismo de Sartre. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15 (2), 115-125.
- Stockinger, R. C. (2007). *Reforma Psiquiátrica Brasileira: Perspectivas Humanistas e Existenciais*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Szasz, T. (1982). *O Mito da Doença Mental*. São Paulo: Círculo do Livro (Original publicado em 1961).
- Van den Berg, J. H. (1994). *O Paciente Psiquiátrico*. Campinas: Editorial Psy (Original publicado em 1966).

3. METODOLOGIA

“Os métodos nos devem proporcionar a base de determinado conhecimento, aprofundar nossas concepções e ampliar o mundo de nossa experiência”
(Jaspers, 1913/1987, p.52)

Há nesta pesquisa a compreensão de que o sujeito é o detentor do saber sobre seu sofrimento. Assim, buscamos adotar uma metodologia condizente com esse pressuposto. Partindo da pergunta de pesquisa que nos guia, nos perguntamos: quem pode avaliar as repercussões clínicas de uma ação dentro da atenção à Saúde Mental? A primeira resposta foi “o sujeito de pesquisa”. Porém, levamos em conta também que havia nessa relação pelo menos mais um componente: o musicoterapeuta, neste caso, a própria pesquisadora. Assim, buscou-se construir uma metodologia que pudesse abarcar tanto o saber e subjetividade do sujeito de pesquisa quando o da pesquisadora.

A pesquisa qualitativa traz em sua epistemologia o caráter interativo do processo de produção de conhecimento. Segundo González Rey (2002), a relação entre pesquisador e pesquisado é uma condição para o desenvolvimento de pesquisas nas ciências humanas. Assim, esta pesquisa tem como direcionamento uma compreensão qualitativa da pesquisa. Holanda (2006) define a pesquisa qualitativa a partir de dois aspectos: a inclusão da subjetividade do ato de investigar, incluindo aí o pesquisador, e uma visão abrangente do fenômeno, levando em conta aspectos circunscritos a este. A epistemologia qualitativa surge como um esforço para conhecer a realidade da subjetividade que, por sua complexidade, plurideterminação, irregularidades, interatividade e historicidade necessita de um tratamento diferenciado (González Rey, 2002).

Uma das abordagens qualitativas é a pesquisa fenomenológica. Holanda (2003) coloca três elementos essenciais para caracterizar a pesquisa fenomenológica: a redução fenomenológica, a intersubjetividade e o retorno ao vivido. A fenomenologia busca compreender os fenômenos ao invés de explicá-los. Para que haja uma compreensão do fenômeno é necessário ir às coisas-mesmas, ou seja, ao fenômeno. A compreensão parte da descrição do fenômeno, de como ele se apresenta à percepção. Para isso é necessário realizar a redução fenomenológica, que é a colocação “entre parênteses” do conhecimento *a priori*, de ideias, valores, conceitos e julgamentos. Ou seja, o pesquisador deve se colocar diante do mundo numa atitude ingênua, para que possa entrar em contato com o

observado e com o vivido, sem que os pressupostos que detém a respeito do fenômeno se sobreponham ao fenômeno em si. Entende-se que essa redução não é total, mas um objetivo a ser perseguido. É uma mudança de atitude, da natural à fenomenológica (Holanda, 2003). É ser capaz de deixar de lado suas estruturas e pressupostos ou não considerá-los rigidamente para que possamos ser capazes de mudanças frente ao fenômeno (Amatuzzi, 2003). Buscamos deixar de lado compreensões prévias sobre o fenômeno, para que possamos estar abertos à vivência que será investigada.

Em segundo lugar, a intersubjetividade. O ser humano se constitui em relação, na esfera do inter-humano. Logo, o homem não pode ser apreendido separadamente de seu contexto, de suas relações (Holanda, 2003). A pesquisa fenomenológica está interessada na relação dialética entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado e o que decorre desta integração. No caso dessa pesquisa, ao lidar com o sofrimento humano, se reconhece que o sujeito que sofre, não sofre sozinho, mas em suas relações e suas interações com o mundo. E em terceiro, o retorno do vivido, a retomada da vivência do sujeito através de seu depoimento. A pesquisa fenomenológica, sendo a pesquisa do vivido, só pode acessar este vivido em relação, como mencionado no parágrafo acima. Este vivido “é surpreendido na relação” (Amatuzzi, 2003, p. 19). A busca de qualquer ferramenta utilizada no campo é a de compreender a experiência vivida.

Amatuzzi (2003) divide o processo de pesquisar em dois tipos: partir dos fatos para chegar a uma teoria (uma construção) e partir da teoria para se chegar aos fatos (uma verificação). A pesquisa fenomenológica se encaixa no primeiro caso, ela é uma metodologia descritiva e compreensiva. Descritiva porque parte de vivências concretas, e compreensiva por buscar apreender a vivência em suas relações de significado, e não explicá-la. É uma co-apreensão ou apreensão-com. “O que se apresenta na fenomenologia, só o sabemos indiretamente pelas descrições próprias dos pacientes, entendidas por analogia com nossas vivências” (Jaspers, 1913/1987, p. 40).

Para a fenomenologia é importante se conectar ao solo empírico da realidade pesquisada. Nossa pesquisa é realizada através de um trabalho de campo, que segundo González Rey (2002), se caracteriza como uma pesquisa empírica de participação ativa do pesquisador que depende das condições apresentadas pelo campo. Este trabalho volta-se à construção de sistemas de relações pelas quais a pesquisa vai se construindo, seguindo o caminho dos sujeitos estudados nos contextos que se expressam. Neste processo, as informações novas e imprevistas são bem-vindas, não há um recorte teórico definido *a priori*, nem problemas ou hipóteses que cerceiem o olhar do pesquisador.

A presente pesquisa foi realizada a partir de entrevistas e sessões de Musicoterapia em grupo. As entrevistas realizadas foram analisadas pelo método empírico-fenomenológico de Amedeo Giorgi (1985/2000). O método é composto de um procedimento de análise que se utiliza de quatro passos:

- 1) Captar o sentido do todo.
- 2) Discriminar as unidades de significado.
- 3) Transformar a linguagem diária do sujeito em linguagem psicológica.
- 4) Sintetizar as unidades de significado.

Após a transcrição do material, tem-se o primeiro passo, que consiste na busca pelo sentido do todo a partir da leitura da entrevista do sujeito. O objetivo central desse passo é obter o sentido de experiência na sua globalidade (Giorgi & Sousa, 2010). No segundo passo, discriminam-se as Unidades de Significado. O pesquisador busca perceber na transcrição da entrevista os momentos em que ocorreram mudanças psicologicamente sensíveis de significado da situação para o participante da pesquisa. A linguagem do sujeito quase não é mudada (Giorgi, 1985/2000). A divisão das entrevistas em partes menores auxilia o pesquisador a aprofundar sua análise (Giorgi & Sousa, 2010).

O terceiro passo busca a compreensão psicológica de cada Unidade de Significado através da transcrição de cada uma delas em linguagem psicológica. O objetivo desse procedimento é desvelar e articular o sentido psicológico vivido pelo participante da pesquisa em relação ao objeto de estudo (Giorgi & Sousa, 2010). Giorgi (1985/2000) coloca que a dificuldade do terceiro passo está no fato de não existir uma linguagem psicológica consensual estabelecida. Assim, a melhor alternativa seria usar a linguagem descritiva, esclarecida pela perspectiva fenomenológica. Busca-se chegar à essência da estrutura de cada unidade de significado, passando por expressões concretas, através de um processo de reflexão para verificar exatamente o que o entrevistado quis dizer, com ênfase no fenômeno estudado (Giorgi & Sousa, 2010).

O quarto passo é elaboração de uma estrutura descritiva geral, realizada a partir da síntese das unidades de significado, através da composição de sínteses específicas e gerais, extraíndo-se daí a estrutura do vivido (Giorgi, 1985). A elaboração da estrutura gerada passa pela descrição dos sentidos mais invariantes, chamados de constituintes essenciais da experiência, e pela interdependência destes (Giorgi & Sousa, 2010).

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE – ANEXO 2). Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR, sob Protocolo CAAE 13502213.6.0000.0102 (ANEXO 3). A viabilidade da pesquisa foi avaliada pelo Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba. A gravação visual (filmagem) das entrevistas e grupos não foi autorizada, com base no parecer *ad hoc* de profissional da Saúde Mental e na deliberação do colegiado do CEP. Uma vez que são sujeitos com quadros graves, o uso desse recurso poderia motivar exacerbação de sintomas. Assim, o CEP/SMS aceitou as modificações propostas, aprovando-o e possibilitando o início da pesquisa de campo (ANEXO 4).

Para o trabalho em cima do material coletado foi formado um grupo de auxiliares de pesquisa. Este grupo era constituído por quatro graduandas em Psicologia da Universidade Federal do Paraná, dentre elas uma aluna que era também graduanda do curso de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná e que estagiava no CAPS II Bigorrilho. Esse grupo se encontrou semanalmente sob a coordenação da co-orientadora da pesquisa durante o período de transcrição do material para que pudessem ser sanadas possíveis dúvidas.

Participantes

Os participantes dessa pesquisa foram indivíduos em sofrimento psíquico grave com manifestações psicológicas de profunda repercussão (afetiva, emocional ou relacional) em si próprio, na família ou no seu contexto relacional imediato, e que estavam sendo atendidos pelo CAPS II Bigorrilho durante o período da pesquisa. As informações sobre o histórico de adoecimento e internações dos sujeitos de pesquisa foram obtidos posteriormente à pesquisa de campo e foram adquiridas através da ficha de acolhimento de cada integrante e conversas com a equipe do CAPS.

Foi formado um grupo, caracterizado por pessoas de diferentes idades, dos 30 aos 60 anos. Alguns integrantes já tinham um histórico de poucas situações de crise e internações. Duas integrantes do grupo tiveram sua primeira internação recentemente, há menos de dois anos. Cinco integrantes tinham um histórico de doença mental com internações ou acompanhamento em Hospitais dia e CAPS por mais de dez anos. Dois tiveram suas primeiras internações há cerca de seis anos e dois integrantes não possuíam essa informação em sua ficha de acolhimento. Dos onze integrantes, dez já tinham sido

internados, cinco tiveram apenas um internamento e cinco tiveram mais de um internamento. Destes cinco, três tiveram mais de quatro internamentos.

Uma grande parte do grupo já tinha tentado suicídio, alguns mais de uma vez. Dos onze sujeitos de pesquisa, oito tiveram tentativas de suicídio e um apresentava ideação suicida. Outro fator relevante para as discussões dessa pesquisa é que oito pessoas manifestavam alucinações auditivas e/ou visuais. A maioria dos membros do grupo era tímida, falava baixo e tinha pouca interação entre si. Apenas um membro do grupo tinha experiência prévia de tocar instrumentos musicais. Todos se demonstraram dispostos a participar da pesquisa.

Seleção dos participantes

O recrutamento foi realizado através de um convite por parte dos terapeutas de referência (T.R) aos participantes que quisessem participar de sessões grupais de Musicoterapia. Percebemos ao longo do processo, no relato dos participantes, que a seleção foi mais um encaminhamento por parte dos T.R. do que um convite. Os casos selecionados foram apresentados em reunião com a equipe a fim de discutir os possíveis riscos de cada um da participação no estudo.

Local

A pesquisa de campo foi realizada no CAPS II Bigorrião, do município de Curitiba. O CAPS II Bigorrião fica localizado na Rua Josefina Rocha 300, num edifício de dois andares com salas de atendimento para grupos e individual. O CAPS II Bigorrião é um Centro de Atenção Psicossocial para Transtornos Mentais. Este CAPS atende usuários adultos “portadores de transtornos mentais”. O tratamento é realizado por equipe interdisciplinar formada por profissionais das áreas de Psicologia, Psiquiatria, Clínica Geral, Enfermagem, Musicoterapia, Terapia Ocupacional, Pedagogia, Artesão, Consultores em Dependência Química, entre outros. Os usuários são encaminhados através das Unidades de Saúde dos Distritos Sanitários Santa Felicidade, Matriz e CIC Norte. O CAPS II Bigorrião possui Gestão do município de Curitiba.

Materiais e equipamentos

Foram utilizados nessa pesquisa um aparelho de mp3 para captação de áudio. Também foram utilizados instrumentos musicais que eram levados aos CAPS em todas as sessões. Os instrumentos foram escolhidos para abrangerem boa parte dos timbres e

possibilidades de produção de sonoridades. Foram utilizados instrumentos de percussão de diferentes tipos e sonoridades, melódicos com duas variações, harmônicos e um instrumento lúdico. Estes instrumentos foram levados a partir da primeira sessão. Porém, os integrantes do grupo só os tocaram (com exceção do violão que foi utilizado desde o primeiro encontro), na sexta sessão.

A sala onde foram realizados os atendimentos media cerca de 20 m², e continha cadeiras de plástico, um armário com instrumentos e outros materiais, além de uma pilha de colchonetes no canto da sala. Havia instrumentos musicais do CAPS na sala: dois atabaques, dois teclados (desligados), uma caixa com instrumentos, um metalofone que ficava em cima do armário, e um violão com corda faltando. Esta era uma sala considerada a sala mais fria do CAPS, com duas janelas e sem aquecimento.

Instrumentos de coleta de dados

As informações para pesquisa foram coletadas mediante entrevista individual. As entrevistas foram gravadas com aparelho áudio de mp3. Também foram realizados atendimentos musicoterápicos grupais, nos quais eram realizadas intervenções musicoterápicas. As sessões foram gravadas em áudio através de um aparelho de gravação de mp3.

Durante esta pesquisa foi realizado um diário de campo. Este consistia em um caderno no qual a pesquisadora anotou todos os acontecimentos desde a submissão do projeto ao Comitê de Ética até o último dia no CAPS II Bigorrilho. As anotações descreviam as experiências vivenciadas em campo, descrições, impressões, sensações e sentimentos durante todo o processo.

Após cada sessão de Musicoterapia era pedido aos participantes para que notassem ou desenhassem num caderno uma imagem, frase, palavra ou letra de música referentes a dois itens (o que levavam da sessão; e referente à música especificamente, o que tinha sido o momento mais significativo). Aos participantes que pediam melhor esclarecimento a respeito desses itens, imediatamente eram fornecidas explicações.

No primeiro item era explicado que essa anotação se referia a um sentimento, sensação, frase ou palavra que pudesse resumir a experiência daquela sessão. No segundo item era explicado que o momento significativo não queria dizer o momento que mais gostou, já que poderia acontecer das experiências musicais serem desagradáveis, mas que o sujeito deveria anotar o que havia chamado mais atenção da experiência, o que havia sido mais importante, mais significativo para ele. Era explicado que poderia ser uma

música, um instrumento, uma sonoridade, a experiência de tocar, de cantar, sozinho ou em grupo, o partilhar uma música ou uma experiência referente à música, entre outros.

Tínhamos ciência de que estes itens eram bastante abrangentes e abertos para diferentes tipos de interpretação. Porém, era importante que eles pudessem anotar algo referente a sua experiência pessoal na sessão e a sua experiência em relação à música. A intenção não era a de que as respostas fossem parecidas, ou que se encaixassem em categorias específicas, mas funcionavam como perguntas disparadoras. Esse instrumento de coleta de dados foi escolhido para que se pudesse acompanhar no dia-a-dia as impressões dos participantes. A entrevista final tinha o mesmo objetivo de buscar compreender como o sujeito vivenciava as experiências das sessões de Musicoterapia. Porém, como a pesquisa teve a duração de dois meses, o caderno serviu como um instrumento que auxiliaria na compreensão do andamento e não apenas da impressão final a respeito do processo. Este procedimento foi utilizado para que pudéssemos recolher algumas informações a respeito daquela experiência para cada sujeito em uma distância temporal menor do que a entrevista final.

Procedimentos para Coleta de Dados

A pesquisa de campo foi realizada em três etapas. A primeira etapa consistiu na coleta de dados, a segunda etapa na descrição de análise dos dados e a terceira na reflexão em cima da análise realizada.

As entrevistas iniciais foram realizadas individualmente e gravadas em áudio. A entrevista iniciava com a seguinte pergunta disparadora: *Qual é a sua relação com a música?* A pergunta disparadora foi utilizada para estimular o depoimento dos participantes a respeito do tema; a partir dessa pergunta a pesquisadora deixava o sujeito livre para discursar. Esta entrevista tinha como objetivo conhecer alguns dos significados atribuídos pelos participantes à música e as relações que estabelecem com a música em seu dia-a-dia.

Foram realizadas um total de 12 entrevistas iniciais, porém só serão utilizadas 11, pois um dos sujeitos de pesquisa não quis permanecer no grupo de Musicoterapia, pois queria fazer outra Oficina que era no mesmo horário. As entrevistas foram realizadas antes dos participantes iniciarem as sessões de Musicoterapia; esse foi o planejamento da pesquisa e foi o que ocorreu com a maioria dos participantes, com exceção de duas integrantes (LI e RO) que tiveram as entrevistas iniciais realizadas depois da sessão de Musicoterapia. Isso influenciou nas respostas das entrevistas, porém, decidimos manter

essas entrevistas no conjunto de dados analisados pois consideramos que traziam informações relevantes para a compreensão da experiência delas no grupo.

Ao longo de dois meses foram realizadas 17 sessões de Musicoterapia em grupo, nas quais, além das gravações, houve também coleta de dados através de anotações em cadernos individuais de cada integrante do grupo. Ao final do processo musicoterápico foram realizadas entrevistas finais. Estas entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas em áudio. A entrevista iniciava com a seguinte pergunta disparadora: *Descreva sua experiência no grupo de Musicoterapia*. A partir dessa pergunta, a pesquisadora deixava o sujeito livre para discursar a respeito do tema. Essa entrevista tinha como objetivo buscar compreender a experiência de cada sujeito da pesquisa no grupo de Musicoterapia. As entrevistas foram posteriormente transcritas.

Primeiras conversas com o CAPS II Bigorilho

Foi marcada uma primeira visita ao CAPS II Bigorilho no dia 30 de Junho de 2013. Neste dia houve uma conversa com a musicoterapeuta do CAPS, que é contratada e acompanha as atividades de Musicoterapia realizadas na instituição. Nessa conversa foi explicada a pesquisa e conversado sobre a organização e formação dos grupos. A instituição possui uma musicoterapeuta contratada e três estagiárias de Musicoterapia, todas realizando os atendimentos à tarde.

Para que o grupo atendido não participasse de outras sessões de Musicoterapia que aconteciam comumente na instituição, foi decidido que o melhor seria realizar os atendimentos pela manhã, já que os indivíduos que frequentam o CAPS pela manhã não teriam atendimento musicoterápico. Também foi decidido que a pesquisa seria realizada com um grupo, duas vezes por semana, para que o processo terapêutico fosse mais contínuo.

No dia 09 de maio a pesquisadora foi apresentada à equipe do CAPS II Bigorilho durante a reunião semanal dos técnicos. Durante a reunião foi apresentado o projeto e a pesquisadora. Foi discutida como seria realizada a formação dos grupos. Os terapeutas de referência ficaram responsáveis por selecionar um grupo de 8 a 12 pessoas. Também foram discutidas questões do CAPS. Foi combinado que a pesquisadora participaria da próxima reunião clínica da equipe da manhã no dia 15 de maio, porém a pesquisadora não pode participar. Ela avisou a autoridade sanitária que não poderia comparecer e que participaria da reunião clínica na semana seguinte (22 de maio). Nesta data, a pesquisadora participou da reunião clínica da equipe da manhã. Nessa reunião estavam

sendo reorganizados os projetos terapêuticos singulares dos usuários do CAPS. Eram selecionados também os indivíduos que participariam da pesquisa. Foram selecionados 14 sujeitos, porém, alguns deles não estavam mais frequentando o CAPS. Decidiu-se iniciar os grupos quando a nova grade horária iniciasse.

Primeiros encontros com o grupo

Dia 11 de junho de 2013 foi realizada uma conversa com o grupo. Não estavam todos os participantes selecionados para a pesquisa, apenas cinco integrantes. A psicóloga do CAPS deu à pesquisadora a lista do grupo selecionado pela equipe técnica do CAPS. Foi pedido que a pesquisadora esperasse a sessão do psicólogo acabar pois alguns dos integrantes do grupo estavam neste grupo. A pesquisadora esperou na entrada, junto à secretária e alguns participantes, até 10h30. Então decidiu começar o grupo com os participantes já liberados e pediu para a educadora física, que estava ajudando a chamar demais participantes, avisar àqueles que estavam no grupo do psicólogo. Cinco participantes acompanharam a pesquisadora até a sala de Musicoterapia. Os participantes se apresentaram, assim como a pesquisadora. Então, o grupo começou a conversar a respeito de seus gostos musicais. Quatro dos cinco integrantes falaram que gostavam de rock e começaram a conversar sobre bandas. Um dos participantes, MO, fez algumas perguntas a respeito de como tocar violão, e pediu para tocar violão também. MA e RO interagiram menos. Às 10h50 foi verificado pela pesquisadora se o grupo do psicólogo havia acabado. Havia acabado de terminar, mas os participantes já haviam ido embora. A pesquisadora voltou para o grupo. Alguns dos temas abordados pelo grupo foram:

- O que é terapia?
- As músicas que seriam tocadas nos grupos.
- Crises / Psicopatologia.
- Horários para as entrevistas.
- Funcionamento do CAPS.
- Cotidiano.

O objetivo dessa conversa inicial foi explicar sobre a pesquisa, tirar dúvidas, e realizar apresentações. Porém, como havia poucos integrantes do grupo, nesse primeiro encontro foi conversado a respeito de alguns temas que surgiram no grupo e sobre música. Foi avisado que na próxima sessão a pesquisa seria melhor descrita a todos.

No dia 13 de junho ainda não estavam todos os integrantes da pesquisa, porém foi avaliado pela pesquisadora que seria interessante já iniciar a explicação sobre a pesquisa e as entrevistas. Foi explicado sobre a Musicoterapia, sobre a pesquisa que estava sendo realizada, apresentado o TCLE brevemente e posteriormente nas entrevistas individuais lido na íntegra. Foram explanadas dúvidas e todos os presentes aceitaram participar da pesquisa. Assim, foram iniciadas as entrevistas individuais que duraram cinco encontros.

Nos dois primeiros encontros, do dia 13 e 18 de junho, foram realizadas somente entrevistas. O grupo permanecia na sala da Musicoterapia enquanto a pesquisadora realizava a entrevista individual na sala ao lado. A pesquisadora falou que eles poderiam chamá-la a qualquer momento, caso necessitassem. Alguns participantes que já haviam feito a entrevista (no caso, do dia 18) pediram para ir embora, e a pesquisadora concordou. MO sabia tocar violão, então começava a tocar a cantar músicas que gostava, geralmente rock. Alguns outros integrantes do grupo também gostavam desse estilo e conversavam sobre as bandas.

No primeiro dia, ao voltar da entrevista para a sala, a pesquisadora percebeu que uma das integrantes, RO, estava com o rosto franzido. A pesquisadora se aproximou e perguntou se estava tudo bem, ao que ela disse que não. Foi perguntado o que ela estava sentindo. Disse que estava mal, que estava escutando vozes. Questionou-se se era por causa da música, já que MO estava tocando rock em intensidade alta, com muitas improvisações em meio aos acordes, ou seja, bastante estímulo sonoro, o que pode ser desconfortável para algumas pessoas. Ela disse que sim. Foi perguntado se ela queria tomar uma água, ficar em um lugar mais silencioso. Ela disse que sim. Ao final das entrevistas a pesquisadora foi ver como RO estava, e disse que estava um pouco melhor.

A partir desse momento tomou-se um maior cuidado para que nos intervalos das entrevistas fosse verificado como estavam os membros do grupo. Apesar do aviso que eles poderiam chamar a pesquisadora a qualquer momento, foi observado que haveriam casos em que os sujeitos não se queixariam do som, não sairiam da sala, caso não quisessem permanecer, nem chamariam a pesquisadora caso precisassem.

No dia 20 de junho ainda haviam pessoas que não tinham realizado as entrevistas individualmente. Assim, foi repensado o esquema de entrevistas, pois verificou-se que esse processo poderia demorar mais do que o esperado. Então, foi proposto que se iniciasse a sessão e que terminaria mais cedo para a realização das entrevistas com quem ainda não tinha feito e estava presente naquele dia. Foram realizadas duas entrevistas neste dia, porém, como elas foram feitas posteriores à sessão de Musicoterapia, elas não

serão utilizadas como dados finais da pesquisa. Nas duas sessões seguintes (25 e 27 de julho) foram realizadas primeiro as entrevistas e, posteriormente, a sessão.

Atendimentos em grupo

Como o primeiro contato com o grupo se deu no dia 11 de junho, e houve um período de realização das entrevistas, considera-se o início das sessões de Musicoterapia a partir do dia 20 de junho. Os encontros ocorriam duas vezes por semana e tinham a duração de mais ou menos uma hora. As sessões ocorreram até o dia 29 de agosto, totalizando 17 encontros.

A pesquisa foi pensada para a realização de 15 à 20 encontros, período delimitado para que houvesse tempo de estabelecimento de vínculo com a terapeuta e dos participantes do grupo entre si, um tempo de aplicação das intervenções a partir de demandas clínicas do grupo, e um terceiro momento de fechamento do processo. Os atendimentos em grupo eram gravados em áudio, num aparelho que era colocado no centro da sala assim que os participantes começavam a entrar na sala. A opção pela gravação de momentos nos quais, oficialmente, não havia sido “iniciada” a sessão, foi realizada porque se percebeu que aconteciam várias interações e eventos musicais, no início e fim da sessão. Esses momentos foram considerados importantes para esta pesquisa.

A pesquisadora realizou registros dos atendimentos em um caderno, logo após serem realizados. Nele ela descrevia a sessão, suas ações e percepções. A descrição enfatizava principalmente aspectos que não podiam ser percebidos pelo áudio, como expressões faciais e corporais, olhares entre os membros do grupo. Também eram descritas sensações e sentimentos da pesquisadora. As gravações foram transcritas e a elas foram acrescentadas, também, as informações da descrição realizada ao final de cada sessão pela pesquisadora. Durante o período de coleta de dados, a pesquisadora tinha supervisão com uma musicoterapeuta. A supervisão começou a partir da 6ª sessão e continuou, semanalmente, até o final das sessões.

Foram utilizadas as seguintes formas de expressão musical nas sessões grupais: Improvisação, Recriação e Audição. Na improvisação, o grupo faz música, tocando ou cantando, eles podem criar melodias, ritmos, canções ou peças musicais. Eles podem improvisar sozinhos, junto ao terapeuta ou em grupo. A improvisação pode ser realizada através de instrumentos, da voz e de percussões corporais. Na recriação, o indivíduo executa, reproduz, transforma e interpreta uma parte ou um todo de um modelo musical

existente, uma música. Na audição, o indivíduo ouve música, que pode ser executada ao vivo (tocada pelo terapeuta) ou em gravação.

4. REFLEXÕES A PARTIR DO MATERIAL

Neste momento apresentaremos as reflexões realizadas em cima do material de pesquisa coletado em campo. A transcrição de todo o material: sessões, entrevistas iniciais e finais, caderno de anotações, está no Anexo II desta dissertação. As análises das entrevistas na íntegra também estão nesse anexo. No corpo do texto utilizamos os dados já selecionados para a reflexão.

Apresentaremos primeiramente o tema “Relação com a música” que foi central nas entrevistas iniciais. Seguindo vem a descrição do processo musicoterápico e algumas observações e reflexões a esse respeito. Por fim, apresentamos e discutimos as experiências dos participantes do grupo de Musicoterapia e as repercussões clínicas desse processo.

4.1 Relação com a música

Para a entrevista inicial utilizamos como recurso uma pergunta-disparadora: *Qual a sua relação com a música?* Esta pergunta inicial serviu para que pudéssemos nos aproximar do contexto de vida de cada indivíduo, especialmente em relação à música, e dos significados da música para eles. Levamos em conta, ao escolher essa pergunta disparadora, que os entrevistados poderiam ser levados a se perguntarem sobre: “O que exatamente ela quer saber com essa pergunta?”. Interessava, neste momento da pesquisa, que pudessem surgir diferentes perspectivas e compreensões da pergunta, já que se buscava conhecer diferentes realidades e perspectivas a respeito do que era música e de como ela fazia parte da vida de cada um; surgindo, daí, o sentido “disparador” da pergunta, conforme encontramos na literatura (Giorgi, 1985/2000; Amatuuzzi, 2003; Holanda, 2003, 2006).

Bohlman (1999), em seu texto *Ontologies of Music*, discorre a respeito de diferentes compreensões da música. Ele relata sobre a complexidade do conceito e como a música pode significar um sentimento, uma emoção, uma sensação, pode ser algo que serve para a dança, para a reza ou para o amor, ou em algumas culturas, ela está tão intrínseca aos afazeres culturais que não há um momento de parada para escutar música.

As entrevistas iniciais foram realizadas com 11 participantes. Ao discorrerem sobre sua relação com a música eles relataram sobre: se escutavam música ou não no seu momento atual; se houve mudanças ocorridas em sua relação com a música e quais eram estas; sobre a relação de seus familiares com a música; a música em seu cotidiano; a

música em sua história de vida; sobre como a música os afetava (sentimentos, alucinações, alteração do humor, lembranças), etc. Ao analisar as entrevistas iniciais algumas estruturas essenciais foram percebidas em seus discursos: a presença ou ausência da música em suas vidas, e respostas eliciadas pela música. Um dos temas trazidos a respeito de suas relações com a música foi em relação a presença ou da ausência da música em seu cotidiano. A tabela abaixo mostra os integrantes que se enquadraram em cada categoria:

Escuta ou não música	Nº	Integrantes				
Não escuta mais música	5	RO	LU	MA	VA	HI
Escuta pouca música	3	NEI	LI	AN		
Escuta música regularmente	3	ZI	MO	WO		

RO, LU, MA e VA declararam não ouvir mais músicas e evitam lugares com música, enquanto que HI relatou que depois que se afastou de seus filhos parou de cantar as músicas do Elvis, que costumava cantar para seus filhos. Alguns relatos:

Não escuto música (MA)

Minha relação com a música era quando eu era feliz [...] Aquela alegria ... Aquela vontade de cantá as músicas do Elvis acabou (HI).

ZI, MO e WO discorreram em suas entrevistas sobre como gostam de música e a importância desta em suas vidas:

A música sempre foi uma coisa na vida muito profunda [...] Eu acho que toca na alma (WO)

Eu não consigo viver sem música. (MO)

Os cinco participantes que relataram o seu afastamento da música disseram que costumavam escutar música. Eles apontaram um evento ou um momento no qual houve essa ruptura: morte ou afastamento do(s) filho(s) ou adoecimento. Além deles, uma das participantes (AN), que declarou ouvir pouca música, disse que reduziu seu contato com a música (passou a ouvir somente música religiosa) depois da morte de seu filho. Ao serem questionados se sua relação com a música sempre havia sido assim, os participantes relataram:

Não. Depois que, que eu perdi meu piá ... Faz quatro anos (AN)

Antes eu gostava [...] depois passei a ficar doente, a partir do momento que eu comecei a adoecer eu acabei me afastando da música (RO)

Não. Acho que depois mais que eu, que eu fiquei com, que entrei em depressão (MA)

Alguns não souberam ao certo a razão desse afastamento, outros discorreram sobre o porquê pararam de escutar música:

Ela traz muitas lembranças [...] fico muito agitada ... começo a escutar voz (RO)

Por causa da vontade [...] de algumas coisas, vamos dizer assim, da vida [...]

Mais autoestima, como diz a doutora. A autoestima minha tá muito ainda pra baixo, ainda. (LU)

Ah, é ruim né. Eu me sinto mal ... Me dá tristeza (AN)

Nestes relatos pudemos perceber um afastamento da música de mais da metade dos integrantes do grupo. Esse grupo representa aqueles que se relacionavam com a música regularmente: escutavam músicas, cantavam, frequentavam locais com música, escutavam música em família ou com amigos, tinham grupos e estilos musicais favoritos e que, por uma crise suscitada por perdas ou outros tipos de sofrimento, cessaram essa busca pela música. A relação que estes indivíduos possuíam com a música se modificou. Houve também outros afastamentos de atividades, trabalho, festas de família, entre outros. Porém, o afastamento da música será o foco da discussão, pois acreditamos que este afastamento pode clarificar outros afastamentos.

Elaborando mais profundamente essa questão, podemos pensar que a música, as sonoridades do mundo não desapareceram das vidas desses indivíduos, eles ainda possuem uma relação com a música, porém esta sofreu uma grande transformação. Nossa relação com a música está em constante transformação, como indivíduos e como humanidade. Mas, é interessante observar o que a nossa relação com a música nos diz de nós mesmos. O que as transformações dessa relação dizem sobre nossas vidas?

Segundo Pavlicevic (2006), as experiências que vivemos impactam a forma como nos vemos, como pensamos a nós mesmos – ou nossa relação com o mundo – e isso irá

impactar nossa musicalidade¹¹. A música é parte de nossa vida pessoal, social e cultural. Segundo Ruud (1998), nossa identidade pessoal e social pode ser refletida e gerada pela música, pois ela possui um importante papel na construção, manutenção e transformação de nossa identidade. A música serve como matéria prima na edificação de valores, orientações, conceitos e características pessoais; uma forma de dar contorno ao contexto de um certo período de nossas vidas; uma estrutura que pontua e une momentos significativos, como uma forma de posicionar a nós mesmos dentro de nossa história e nossa cultura. No caso de alguns desses participantes, podemos perceber que houve um momento ou uma situação vivida de quebra de algumas referências e nelas a música também acabou se perdendo enquanto tal. Como exemplo, temos a fala de VA, que relata ter parado de ouvir música depois que seus filhos morreram.

Não lembro da música, adorava, adorava ... Sempre gostei de música lenta ... Não me lembro de algum lugar com música nenhuma (VA).

Houve uma quebra dessa relação com a música, a forma como ela se dava não pôde mais continuar. Passamos então a atentar a como esses indivíduos responderiam a esse reencontro com a música. Segundo Ruud (1998), os sons e as músicas podem representar memórias, associações, histórias, situações, nas quais subjetividade e realidades vivenciadas são representadas. A complexidade dos efeitos da música é imensa. O relato de que a música suscitava lembranças esteve presente em muitas falas, tanto dos indivíduos que não escutavam mais música, quanto daqueles que ainda escutavam. Também foram mencionadas diferentes respostas que cada integrante possuía diante a escuta ou produção da música.

Respostas eliciadas pela música	Nº	Integrantes						
Lembranças	7	ZI	RO	NEI	VA	HI	AN	LI
Agitação e alucinações auditivas	1	RO						
Sentimentos:								
- Felicidade	1	LI	HI					
- Tristeza	3	AN	VA	ZI				
- Alegria	5	LU	AN	MO	HI	NEI		
- Irritação	1	MA						
- Sentimento espiritual	1	WO						
- Paz/Calma	2	RO	NEI					

¹¹ Ansdell (2004) define musicalidade como a capacidade humana para responder e fazer música.

Podemos observar que houve sete relatos que remetiam ao fato da música suscitar lembranças da história de vida de cada um, de pessoas, de períodos ou momentos da vida. Também podem ser observados que todos os entrevistados mencionaram que a música suscitava sentimentos. Um dos relatos associa a música às respostas de agitação e alucinação auditiva. Como pudemos perceber a música pode suscitar diferentes respostas para cada indivíduo, mas as respostas de lembranças e sentimentos foram as mais mencionadas, e é importante ressaltar que muitas vezes os sentimentos estavam associados às próprias lembranças.

Para melhor compreender essas respostas suscitadas pela música buscamos pesquisas nas neurociências. As funções musicais no cérebro são complexas, múltiplas e de localizações assimétricas, envolvem o hemisfério direito e esquerdo (Muszkat, Correia & Campos, 2000). As neurociências têm evoluído com rapidez na compreensão dos efeitos da música no cérebro, na audição, composição, execução ou apenas no ato de imaginar uma peça musical. A música possui uma representação neuropsicológica extensa, ela ativa áreas límbicas cerebrais, que controlam nossos impulsos, emoções e motivação; estimula a memória não-verbal; tem acesso ao sistema de percepções integradas que unificam as várias sensações (gustatória, olfatória, visual e proprioceptiva), em um conjunto de percepções que permitem integrar as várias impressões sensoriais em um mesmo instante, como uma lembrança (Muszkat, Correia & Campos, 2000), o que podemos identificar no seguinte relato:

Me dá recordações, me faz chorar, me faz sorrir [...] me transmite vida, e às vezes tristeza, lembranças boas, lembranças ruins (ZI)

Ruud (1998) discorre sobre a ligação da música com a nossa identidade. A música está intimamente ligada ao tempo e espaço, podendo marcar eventos ou épocas importantes da vida; dá a base para uma organização temporal, coerência e continuidade ao tempo que passa (músicas da infância, bandas favoritas da adolescência, por exemplo). A música nos ajuda a construir uma representação da história de quem somos, da onde viemos, quais nossas influências.

Alegre ... Pra limpá a casa ... A música ajuda bastante (LU)
Ah, é ruim né. Eu me sinto mal ... Me dá tristeza [...], [antes] eu ficava alegre [quando escutava música] (RO)

Me irrita ... me irrita quando fica muito alto (MA)

Algumas pesquisas que tratam da temática da música no cotidiano trazem resultados semelhantes. Pacheco & Cunha (2011), em pesquisa sobre o cotidiano de jovens e idosos, relatam que as músicas escolhidas pelos participantes, para serem ouvidas em seu cotidiano, estavam relacionadas à expressão de estados emocionais e a eventos vivenciados em suas histórias de vida, e que a música, com as quais as pessoas conviviam, permitia aos indivíduos um contato com sentimentos próprios e despertavam lembranças. Além disso, a música e as sonoridades presentes em sua história de vida estavam diretamente relacionadas ao desenvolvimento de seus processos psíquicos, às formas como se constituíam e as suas formas de ação no mundo.

Já Ilari (2006) realizou sua pesquisa com jovens com o objetivo de investigar o papel da música na atração interpessoal, escolha de parceiros e relacionamentos afetivos. Uma das solicitações de sua pesquisa era que os participantes descrevessem um episódio em que a música teve um papel importante em suas vidas. E 92% dos participantes puderam recordar um evento com tal especificidade, levando à conclusão que a música constitui um artefato mnemônico que pode estabelecer ligações entre pessoas e eventos vivenciados, o que ajuda o indivíduo a armazená-los na memória. Em ambas as pesquisas todos os participantes relataram escutar música em seu cotidiano, diferentemente do resultado das entrevistas iniciais realizadas em nossa pesquisa.

Estes relatos trazem à tona a possibilidade de discussão sobre o papel da musicalidade nas relações que o homem estabelece com o mundo e como a música pode nos afetar, nos fazendo lembrar, nos emocionar e reviver momentos e situações de nossa história. E o quanto isso fala da relação estabelecida entre a música, musicalidade e subjetividade. A partir dessa relação o trabalho da Musicoterapia pôde ser desenvolvido, apostando que a música iria mostrar realidades subjetivas, contextos de vida, e que a partir dela é possível realizar uma clínica.

4.2 Descrição do Processo musicoterápico

Um dos papéis do musicoterapeuta é o de planejar o grupo em que se propõe a atuar. Pavlicevic (2006) alerta para as consequências de um trabalho onde se pensa muito, distanciando o musicoterapeuta do próprio grupo que se apresenta e, para um trabalho em que se pensa pouco. Ambos podem causar danos.

No caso dessa pesquisa, alguns planejamentos foram realizados antes do grupo iniciar: ficou definido que o grupo seria fechado e breve. No decorrer do processo se percebeu que o grupo de fato era fechado, pois os participantes eram fixos, porém, havia momentos em que outras pessoas entravam no meio do grupo e, dependendo do sujeito e do contexto, a pesquisadora avaliava a decisão de pedir para que a pessoa se retirasse, ou não, da sessão. Então havia sessões em que alguns usuários do CAPS permaneciam para ouvir uma música e depois saíam. Além disso, havia uma alta rotatividade de participação dos membros do grupo (muitos faltavam bastante), o que dava uma “cara nova” ao grupo a cada sessão, mas que dificultava também a coesão do grupo.

Outro planejamento foi com relação aos instrumentos que seriam utilizados. Foi tomado o cuidado que tivessem diferentes possibilidades de timbres e alturas, instrumentos melódicos, harmônicos e percussivos. O planejamento da entrevista inicial também foi proposto para que a pesquisadora pudesse conhecer algumas características dos membros do grupo, sua relação com a música, sua identidade. Abaixo segue uma descrição do processo musicoterápico do grupo em questão. Em anexo estão todas as sessões transcritas.

Construímos uma tabela para auxiliar a contextualização das sessões. Segue abaixo a referida tabela:

DATA	ATIVIDADE	Número de Participantes	Sessão
11/jun	Conversa	5	/
13/jun	Entrevista	7	/
18/jun	Entrevista	5	/
20/jun	Sessão + Entrevista - Canção (pasta)	4	1 ^a
25/jun	Entrevista + Sessão - Canção (pasta)	8	2 ^a
27/jun	Entrevista + Sessão - Canção (pasta)	9	3 ^a
02/jul	Canção (sem pasta)	6	4 ^a
04/jul	Canção (sem pasta)	9	5 ^a
09/jul	Canção + Instrumentos	10	6 ^a
11/jul	Não houve grupo (greve de ônibus)	/	/
16/jul	Improvisação	8	7 ^a
18/jul	Não houve grupo (fórum dos CAPS)	/	/
23/jul	Opção (Canção)	5	8 ^a
25/jul	Sessão	8	9 ^a
30/jul	Sessão	6	10 ^a
01/ago	Sessão	7	11 ^a
06/ago	Sessão	5	12 ^a

08/ago	Sessão	8	13 ^a
13/ago	Sessão		14 ^a
15/ago	Não houve sessão (Fórum)	/	/
20/ago	Sessão		15 ^a
22/ago	Não houve sessão (Outra atividade no CAPS)	/	/
27/ago	Sessão	6	16 ^a
28/ago	Reunião com a equipe	/	/
29/ago	Sessão	5	17 ^a
03/set	Entrevista	3	/
05/set	Entrevista	2	/
10/set	Entrevista	2	/
12/set	Entrevista	3	/

Conhecendo o grupo

Nesta primeira etapa do processo, iniciamos utilizando canções, pois na primeira conversa MO já pegou o violão e começou a tocar e cantar. E assim continuou enquanto realizávamos as entrevistas. Então levamos pastas (quatro pastas com cerca de 300 músicas, em inglês e português, com a maioria em português e em diferentes estilos musicais: sertanejo, caipira, rock, samba, bossa nova, pop, rap, entre outros) aos encontros em que realizávamos as entrevistas, para que o restante do grupo pudesse participar mais desse primeiro momento, interagindo com o objetivo de escolherem músicas.

Essa primeira fase também se caracterizou por um processo de escuta na qual estávamos voltados à observação, compreensão e vinculação com o grupo. As três primeiras sessões (20, 25 e 27 de junho) foram bastante curtas pois eram realizadas entrevistas durante parte do tempo destinado à sessão. Foram trabalhadas nessas sessões canções, pois o grupo já havia, durante as entrevistas, tido experiências compartilhadas com canções tocadas no violão por um dos integrantes. Além disso, nas sessões, em que as entrevistas eram realizadas no início da sessão, eram distribuídas pastas com canções para que cada um pudesse escolher uma canção que seria cantada e tocada com o grupo todo, depois da realização das entrevistas.

O trabalho com canções também foi escolhido por uma rejeição inicial dos instrumentos por parte, principalmente, de uma integrante do grupo. Na primeira sessão, a pesquisadora levou alguns instrumentos para a sala, porém, antes mesmo de retirá-los da capa, uma das participantes, LI, quando chegou ao grupo, falou, olhando para o rebolo, que não gostava de música e que não estava bem.

O grupo nas primeiras sessões era um grupo mais silencioso, com poucos integrantes falando durante a sessão, ou enquanto esperavam na sala (durante as entrevistas), havia pouca interação entre os membros. A musicoterapeuta assumiu um papel centralizador no grupo, buscando incentivar a participação e diálogo entre os integrantes. Alguns membros cantavam com baixa intensidade as músicas, e alguns não cantavam durante a sessão. MO assumiu um papel de liderança no grupo. Um gráfico foi criado como representação do movimento entre canções e silêncios do grupo nessa primeira fase:

Gráfico 1 – Ambiente Sonoro das Sessões Iniciais

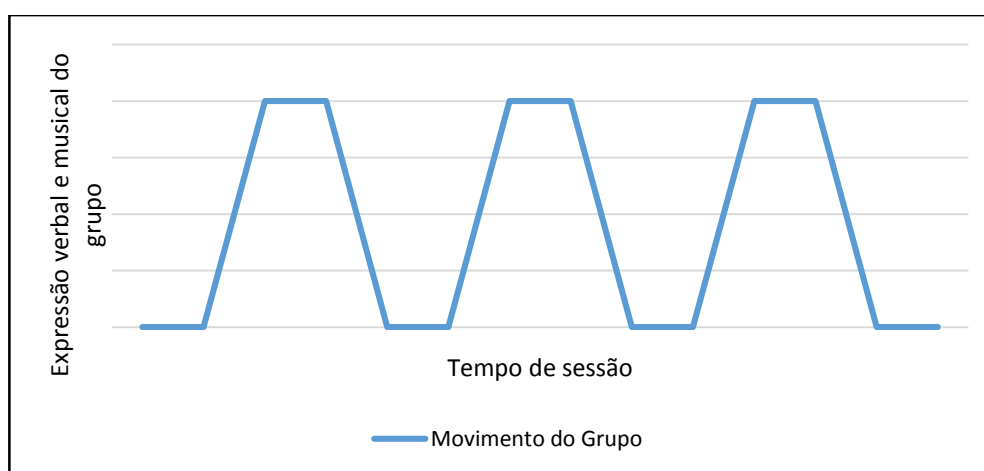


Gráfico criado como demonstrativo da expressão verbal e musical do grupo durante a sessão.

Este gráfico simboliza o silêncio do grupo, num primeiro momento, que crescia lentamente na expressão verbal enquanto se escolhia uma canção para se tocar e cantar em grupo e, que atingia o ápice no momento de sua execução. Depois havia um movimento de queda do fazer musical e verbalizações do grupo até o silêncio novamente. As três elevações são meramente demonstrativas pois esse movimento acontecia mais do que três vezes durante a sessão.

Começaram a se desenvolver, nessas primeiras sessões, alguns rituais do grupo. Um deles era a chegada dos integrantes na sala; eles chegavam em silêncio, respondiam ao cumprimento da terapeuta e se sentavam em silêncio. Quando MO chegava, ele também cumprimentava a terapeuta, pegava o violão e começava a cantar e tocar músicas de seu repertório, geralmente rock internacional e pop rock nacional. MO realizava esse movimento enquanto a musicoterapeuta ajeitava os instrumentos e materiais na sala, e

quando percebia que a musicoterapeuta tinha acabado de ajeitar a sala e se sentava, ele finalizava a música e soltava o violão.

O ambiente sonoro do início da sessão, criado principalmente por MO e algumas vezes por WO com as canções, costumeiramente acontecia. Foi percebendo esse ambiente sonoro, desde os primeiros encontros, que a pesquisadora decidiu começar a gravar as sessões desde o momento que os integrantes do grupo começavam a entrar na sala, pois este ambiente trazia muitas informações interessantes à pesquisa e já era o início da sessão.

Este era um momento de descontração enquanto o restante do grupo ainda não havia chegado; a pesquisadora ajeitava os instrumentos no chão, as cadeiras em círculo, interagia musicalmente, às vezes saía da sala para chamar algum integrante do grupo, e o ambiente sonoro continuava. Era também um momento que a pesquisadora acreditava ser importante para MO e WO fizessem sua música mais livremente e, para o restante do grupo, um momento de descontração. Porém, é importante ressaltar, que era para alguns membros do grupo um momento difícil, pois o ambiente sonoro desses primeiros momentos geralmente era bastante intenso.

A pesquisadora deixava esse momento inicial acontecer, mesmo perturbando alguns membros do grupo, pois acreditava que era uma expressão autêntica do grupo. Esse movimento surgiu desde o primeiro encontro e apesar de ter o MO como principal elemento, esse momento inicial tinha vários atores, uns que pediam música, outros que tocavam junto com MO, outros que iniciavam uma conversa com outros membros. Era um momento de todo o grupo e cada um o tomava da forma como quisesse. Havia inclusive a possibilidade dos membros, que não estavam se sentindo bem com o ambiente, se retirar por alguns instantes e depois retornar caso quisessem.

Outro ritual era a forma como as canções eram utilizadas. Os integrantes escolhiam as canções nas pastas e cada um apresentava sua música à musicoterapeuta para que ela tocasse no violão enquanto eles a acompanhavam, cantando ao seu lado seguindo a letra e outros integrantes do grupo acompanhavam cantando.

Depois de finalizadas as entrevistas, as sessões foram um pouco mais longas, o que modificou um pouco sua característica. O grupo continuou trabalhando primordialmente com canções por mais duas sessões (dias 02 e 04 de Julho – 4ª e 5ª sessão). Na 4ª sessão, a musicoterapeuta começou a pedir para que os participantes tentassem lembrar de canções ao invés de escolherem canções da pasta. O objetivo desse pedido da musicoterapeuta foi no sentido de tornar a escolha das canções mais

espontânea, já que os integrantes podiam pensar em uma música que não estava na pasta, e quando não a encontravam, não a mencionaram. Outra questão foi o exercício de se recordar e de começar a dar espaço para conteúdos musicais que surgiam durante a sessão ou durante a semana e que pudessem ser trabalhadas em sessão. Mas a pasta ainda era oferecida como recurso de apoio ao grupo e utilizada por alguns integrantes (RO). As músicas da semana anterior que foram escolhidas através da pasta também foram requisitadas. Na quarta sessão, MO não compareceu, a sessão teve outra ambiência, mais silenciosa, as canções foram realizadas com menos intensidade e velocidade. A musicoterapeuta ficou ainda mais centralizada durante a sessão. Quase todos os integrantes escreveram no caderno de anotações sobre lembranças e recordações. Apenas LU relacionou a música que pediu a um momento que estava vivendo atualmente da saída de seu filho de casa.

RO – *Emoção: lembrar de um familiar, Mãe*

HI – *Zaqueu. Tentando ter uma boa memória*

AN – *Lembrança: No dia que eu saí de casa*

ZI – *Saudade misturando com tristeza*

LU – *Hoje eu levo paz: música Zezé di Camargo e Luciano Filho cria Azas (sic)*

Na 5ª sessão, o mesmo incentivo foi dado pela musicoterapeuta e o grupo tentou lembrar de músicas. LU disse “*sabe que quando eu venho aqui eu me sinto bem*”. Contou que naquele dia, no ônibus, pensou em pegar uma arma e se matar, mas pensou melhor e que queria melhorar. Disse que não sabia que existia esse tipo de tratamento (referindo-se à Musicoterapia). MO escolheu a música “Desculpe mas eu vou chorar” do Leandro e Leonardo, depois de cantar no andamento requisitado por MO, foi proposto e tocado pela musicoterapeuta a mesma canção, em um ritmo mais lento. Depois dessa segunda versão, MO falou que a música era meio “deprê” e acrescentou que não seria legal tocar essa música. Foi então voltada a questão ao grupo, a respeito de do que achavam de cantar uma música triste. RO disse que não gostou, LU disse que gostou da música do MO.

HI falou que estava nervoso, que sentia um aperto, uma falta de ar. A musicoterapeuta perguntou a ele se estava assim antes do grupo ter cantado a música, ele disse que fazia tempo que estava assim. Adicionou que não gostava de escutar música, pois lembrava de seu passado, ele disse que cantava essa música. VA disse que a música traz uma lembrança, pouca coisa. MO propôs então uma música do Elvis. Ele cantou

“Maybe I didn’t treat you right” e “Love me do”. A musicoterapeuta lhe pediu para parar um pouco pra ver como o pessoal estava. HI falou que quando melhorasse cantaria Elvis.

Nos cadernos desse dia houve variações de sentimentos de paz, saudade, tristeza e esperança no grupo. RO e LU trouxeram a palavra *paz*; VA e AN falaram de *saudade*; MO e ZI falaram de *esperança* e relacionaram esse sentimento às músicas religiosas tocadas.

Estas primeiras sessões foram momentos do grupo e da pesquisadora estarem juntos na música, de se conhecerem musicalmente e enquanto pessoas. A pesquisadora teve como objetivo principal, neste primeiro momento, perceber como o grupo e os indivíduos que formavam o grupo se relacionavam na música e com a música. Buscou-se perceber quais eram as demandas do grupo naquele momento, quais suas dificuldades e potencialidades, e suas formas de estar na música. É importante ressaltar que essa percepção não era só referente ao grupo, mas também a cada um que compunha o grupo.

Algumas impressões se destacaram neste primeiro momento do processo. Foi percebido que eles não sabiam os nomes uns dos outros e também não se dirigiam muito entre si. Isso surpreendeu bastante a pesquisadora, pois haviam pessoas que já estavam no CAPS há semanas ou até mesmo há meses, fazendo atividades diárias com algumas pessoas do grupo, mas mesmo assim não sabiam sequer seus nomes. A pesquisadora começou a se indagar sobre o tipo de interação que esses sujeitos tinham dentro do CAPS, nas oficinas, terapias ou mesmo nas horas livres. Aos poucos, a interação do grupo aumentou um pouco, os diálogos e o afeto entre integrantes também. Até a sexta sessão, a canção foi o meio de expressão principal da musicalidade do grupo. A canção pareceu ter sido a forma de expressão mais familiar ao grupo e, através desta, eles puderam aos poucos trocar experiências e conhecer a que vinha essa nova proposta de oficina/grupo terapêutico e quem era a nova terapeuta.

Ao mesmo tempo, a canção ressaltava a heterogeneidade das musicalidades do grupo, já que a canção era o terreno de conforto de MO, o que foi interessante em vários momentos, porém, como forma de expressão única durante toda a sessão, acabava gerando desconforto e até sofrimento em alguns dos membros do grupo. Além disso, o modo como a canção era utilizada pelo grupo, não privilegiava a interação do grupo. O esquema abaixo pode representar esse movimento.

Esquema 1 – Forma de interação do Grupo I

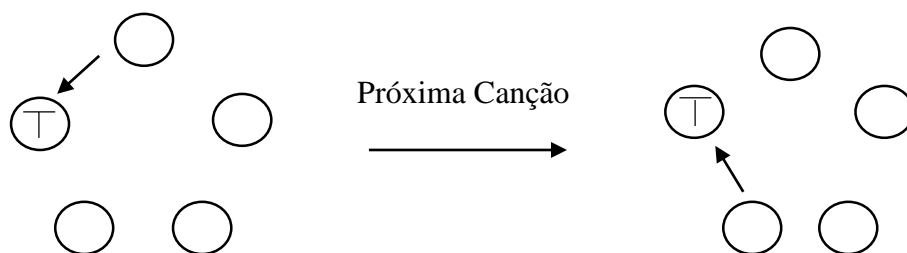


Gráfico criado como demonstrativo da interação do grupo.

Cada integrante se direcionava à terapeuta (T) para pedir e cantar sua música. Isso também acontecia nos diálogos entre membros do grupo. Durante essas cinco sessões, o foco estava na pesquisadora e não no grupo como um todo. Por exemplo, quando alguém queria se dirigir a um membro do grupo, o fazia através da pesquisadora; fazia uma pergunta a que se referia a algum membro do grupo à pesquisadora, mesmo o sujeito estando à sua frente. Eles não se dirigiam uns aos outros, não se falavam, quase não se olhavam. Isso também chamou bastante a atenção da pesquisadora. Como será que se dariam as outras oficinas e terapias em grupo? Havia falta de interação e coesão no grupo.

A canção como forma de expressão da musicalidade do grupo não auxiliava na interação entre os membros do grupo. A musicoterapeuta, então, buscou a partir da sexta sessão trazer outras formas de expressão musical e outras formas de estarem na música que facilitasse essa interação.

Outra questão que apareceu nesta primeira etapa foi a sensibilidade e irritabilidade que alguns membros do grupo tinham com algumas sonoridades. Aparecia também nos relatos o quanto alguns participantes não tinham mais muito contato com a música. Também foi observado que alguns membros do grupo não expressavam o incômodo que tinham com algumas sonoridades. Às vezes permaneciam na sessão mesmo não querendo estar ali. Outra questão levantada, a partir desses primeiros encontros, foi em relação à heterogeneidade do grupo. A maior parte do grupo era bastante silenciosa, falava pouco, quando falavam era com baixa intensidade e por pouco tempo. Não perguntavam, não faziam pedidos nem exigências, não se colocavam, eles esperavam que o outro os dissesse o que fazer. Eles tinham um tempo mais lento: o tempo acelerado da música, por exemplo, parecia lhes causar grande incômodo. Sonoridades mais intensas também pareciam ser desconfortáveis. Porém, um dos membros, MO, gostava muito de música, tocava violão

e cantava, tinha uma forma de estar na música muito diferente dos outros membros do grupo. Esta característica, somada a sensibilidade à música do grupo, causavam algumas divergências. MO cantava e tocava com grande intensidade, com alta velocidade, dedilhava bastante no violão utilizando muitas notas e acordes complexos. Em alguns momentos, o grupo se irritava ou se perturbava enquanto MO estava tocando: RO, quando indagada se estava bem, respondia que não e relatava que começava a ouvir vozes e se sentir mal; LI reclamava que não aguentava ficar na sessão pois lhe irritava muito; NEI e AN também demonstravam em alguns momentos, através de expressões faciais, um certo incômodo.

No dia 09 de julho (6ª sessão), foi realizada uma experiência com os instrumentos em sessão. A sessão ainda foi bastante voltada para a canção, mas o manuseio e experimentação dos instrumentos trouxe um ambiente diferente ao grupo. Foram escolhidos instrumentos pequenos e que produziam som de pouca intensidade e distribuídos no meio da sala. Esta escolha foi realizada para que o grupo tivesse uma aproximação dos instrumentos mais sutil, com sonoridades que não incomodassem tanto aqueles que tinham uma irritabilidade maior. O foco não foi nos instrumentos, continuou-se o trabalho com as canções que estava sendo realizado, e a proposta era que quem quisesse poderia experimentar tocar, junto com as canções, os instrumentos. O objetivo dessa proposta foi o de conhecer como eles lidavam com a presença e a sonoridade dos instrumentos.

Conversamos sobre alguns instrumentos, sobre suas origens ou o material de que eram feitos; o chocalho (feito de unhas de cabra) chamou atenção dos membros do grupo que tentaram adivinhar do que era feito (HI, LU, ZI, AN). Esta conversa criou um clima de descontração. Nesta sessão, MO pareceu gostar bastante da atividade, experimentou vários instrumentos, estava bastante sorridente. Os outros integrantes do grupo, como RO, LU AN e ZI, também demonstraram interesse e também sorriram durante a experimentação dos instrumentos. Porém, quando o MO começou a tocar o tamborim, a expressão facial de RO mudou. Além de RO, AN também disse que não estava bem e LI passou boa parte da sessão com a cabeça baixa, apoiada em uma cadeira e tinha os olhos lacrimejados. Nesta sessão, a diferença da musicalidade entre os membros ficou mais evidente ainda. ZI e LU apoiaram MO quando ele não estava bem. HI falou que teve vontade de falar quando colocou o colar (instrumento que ele escolheu e colocou em volta do pescoço).

A partir dessas impressões e das discussões em supervisão foram estabelecidos alguns objetivos a serem trabalhados nas próximas sessões: aproximação e familiarização com a experiência sonoro-musical; auxiliar na compreensão e delimitação do que exatamente nas sonoridades lhes causava desconforto; proporcionar momentos para que os membros do grupo se conhecessem e interagissem entre si; criar um ambiente de conforto para que os participantes do grupo se sentissem à vontade para se expressar.

Aprendendo a lidar com a música

A sétima sessão foi realizada de forma mais estruturada que as anteriores. Ela foi pensada a partir de questões que foram observadas durante as primeiras semanas de atendimentos. Porém, é importante ressaltar que apesar da sessão se dar em uma estrutura com sugestões de atividades, a proposta era que o ambiente da sessão permanecesse flexível, que não se tornasse rígido. Poderia ser criada qualquer expressão sonora escolhida pelo grupo ou individualmente, e a estrutura também poderia ser ultrapassada, questionada ou desconstruída. As propostas sugeridas na sessão tinham como objetivo buscar a coesão do grupo, retirar o foco da pesquisadora, aproximá-los das sonoridades dos instrumentos e possibilitar um espaço para estarem juntos musicalmente.

A primeira proposta, se chama “Eco”, onde o grupo ficava de pé em círculo e cada um falava seu nome em um ritmo; para que o grupo conseguisse falar todos juntos, a musicoterapeuta repetia o nome batendo seu ritmo no agogô de coco, aí o grupo repetia. Essa atividade tinha como objetivo que o grupo aprendesse os nomes de seus colegas, um primeiro passo para a coesão do grupo. Essa atividade é considerada musicalmente simples, pois trabalha com seus próprios nomes (elemento familiar a qualquer membro do grupo) e com ritmos simples, ainda mais facilitado com o uso de um instrumento de percussão que dá suporte ao grupo. Esse ambiente familiar, de fácil acesso e seguro, foi uma maneira de iniciar a aproximação do fazer musical de forma simples e aos poucos. A musicoterapeuta buscou criar um ambiente que o grupo sentisse como seguro para suas expressões. Esta atividade proporcionou uma participação do grupo como um todo, até das pessoas que não participavam ativamente do grupo, como VA. Eles conseguiram aprender os nomes, pelos menos conseguiram utilizá-los na segunda brincadeira com os nomes. O foco desviou do terapeuta um pouco e voltou-se para os membros do grupo.

A segunda proposta foi uma continuação da atividade de Eco, na qual os participantes utilizaram os nomes de seus colegas. Esta atividade também estava relacionada com aspectos rítmicos expressados através do corpo, já que eles tinham que

bater os pés duas vezes e bater uma palma em direção a algum membro do grupo, falando seu nome. O objetivo desta atividade era de relembrar o nome dos colegas. Essas duas atividades iniciais também proporcionaram um momento de descontração para o grupo. Como todos estavam participando ativamente, o que nas outras sessões não acontecia, isso também passou para a pesquisadora, no momento da sessão, a sensação de que era a primeira vez que o grupo estava fazendo algo junto.

A terceira proposta foi a de “Conhecer e Experimentar” os instrumentos. O objetivo dessa atividade era proporcionar uma experiência mais agradável e controlável relacionada aos sons. Mesmo que algum som os incomodasse, dentro do ambiente que foi criado, isso poderia ser discutido e manejado. Tocar individualmente tinha como objetivo tornar o som o mais simples possível, inicialmente, e sob o controle do indivíduo que o tocava. Essa aproximação mais controlada e estruturada da experiência de tocar os instrumentos trouxe bem menos irritabilidade. Inicialmente alguns membros do grupo estavam receosos com os instrumentos, mas disseram que a experiência foi agradável pela forma como havia sido realizada a atividade.

A musicoterapeuta propôs que o grupo se dividisse em duplas e que estas escolhessem um instrumento para tocarem juntos. Cada um treinava e apresentava sua composição enquanto o resto do grupo ouvia. Após todos se apresentarem, foi proposto que, com aqueles mesmos instrumentos, eles tentassem tocar todos juntos. A improvisação em duplas teve como objetivo uma interação mais próxima entre os membros do grupo, visando a possibilidade de um conhecimento musical de cada um, aprendendo a conviver musicalmente. Este tipo de improvisação também foi utilizado como um caminhar vagaroso, que foi da experimentação individual do som de um instrumento, para duas pessoas tocando um mesmo instrumento até o ápice de tocarem juntos vários instrumentos. Isto foi feito para que eles se acostumassem com as sonoridades aos poucos, já que havia um histórico de irritabilidade e dificuldades com algumas sonoridades. Essa foi a sessão que mais houve interações, até então, entre os membros, independentes da terapeuta. O esquema a seguir exemplifica esse novo movimento do grupo.

Esquema 2 – Forma de interação do Grupo II

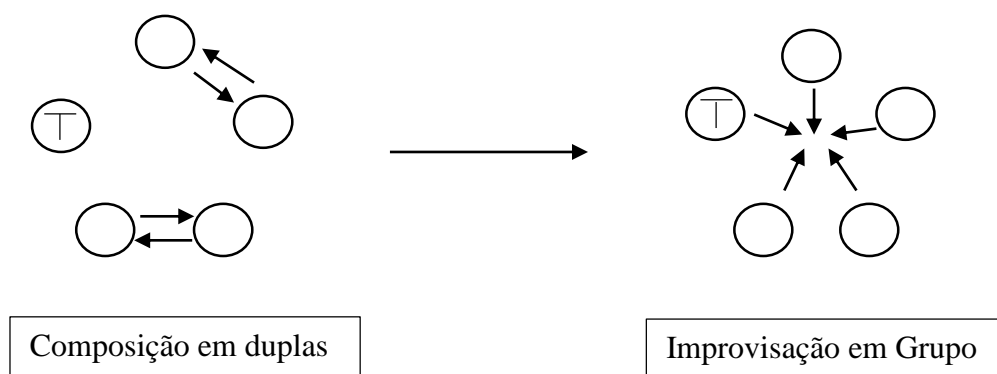


Gráfico criado como demonstrativo da interação do grupo.

Com esse formato o grupo conseguiu lidar com a dificuldade de ser um grupo, de fazer música enquanto um grupo bastante heterogêneo, com indivíduos com uma musicalidade à flor da pele, cheios de energia, e indivíduos que não escutavam música há anos. Houve uma certa insegurança por parte dos membros do grupo nessa interação, eles demoraram a escolher suas duplas, e isso foi feito com auxílio da pesquisadora, pois eles permaneceram em silêncio, sem se posicionar, ou escolher uma dupla, com exceção de LU que em voz alta falou que queria fazer com MO, e MA que deu a entender a AN, que estava do seu lado, que elas fariam juntas. Essa insegurança se demonstrou também na hora de escolher os instrumentos e de iniciar a produção em dupla. Um exemplo disso foi MO que não falava com sua dupla ao escolher o instrumento. Houve uma intervenção verbal por parte da pesquisadora para incentivar a interação entre as duplas. MO buscou diálogo com sua dupla a partir dessa intervenção. Apesar da visível dificuldade, nesta primeira improvisação em duplas, houve uma retirada do foco da terapeuta e uma aproximação dos membros. Eles tiveram que criar normas, regras ou estilos para tocarem juntos, houve uma “crise” e eles tiveram que lidar juntos com ela.

A improvisação em grupo teve como objetivo colocar o grupo em uma experiência de tocar juntos, de realizar algo juntos. No final da improvisação do grupo houve um momento de criação que não era previsto, mas que tornou a improvisação ainda mais lúdica. MO começou a narrar uma descrição junto à improvisação, falando do ambiente de fora da sala, da televisão, de uma filmadora, filmando esse momento, e das cenas mostrando o ambiente no entorno do CAPS. Ele falou isso olhando para fora. Ao final, ele descrevia vários cachorros entrando e imitava seus latidos. Todos finalizam a

improvisação rindo. O grupo pôde rir junto, aproveitando o momento enquanto grupo que tocava uma mesma música e se divertia com uma mesma situação.

Em diversos momentos da sessão foi colocado pela pesquisadora que aquele que não quisesse não precisaria fazer a atividade. Esta intervenção verbal tinha como objetivo deixar os membros do grupo à vontade para falar de seus incômodos, mas não pôde ser confirmado se todos realmente se sentiram à vontade para se colocar ou dizer não a alguma proposta. Houve alguns momentos em que participantes se recusaram a fazer algo (VA não tocou os instrumentos, HI não fez a improvisação, WO saiu da sala).

Para auxiliar na compreensão e delimitação das sonoridades que causavam prazer ou desconforto aos membros do grupo (uma questão que também havia surgido nas primeiras sessões), foi pontuado ao longo do encontro que eles buscassem perceber, enquanto tocavam e escutavam os outros, como estavam se sentindo, quais sons eram agradáveis ou não. Esta indicação foi feita verbalmente. Não houve muitos comentários a respeito dos sons (HI falou que era uma “misturação” e que não estava se sentindo bem; alguns integrantes comentaram que gostaram e que os sons não os irritou). Logo, não se pôde afirmar se esta intervenção verbal repercutiu nas percepções dos sons para os integrantes do grupo. Essas intervenções verbais buscaram criar um vínculo e demonstrar uma abertura para que os participantes pudessem assumir seus lugares como atores e construtores daquele encontro, daquele espaço.

Com relação à heterogeneidade do grupo, as improvisações instrumentais foram pensadas como possíveis ferramentas para colocar os membros do grupo em um lugar mais comum a todos: o de desconhecimento. A tentativa foi a de tirar o MO de seu lugar de conforto, tocar o violão e cantar, trazendo-o um pouco mais próximo ao lugar de não familiaridade do grupo em relação à música, o que poderia trazê-lo para mais perto do próprio grupo. A forma encontrada de se fazer isso foi através da improvisação com instrumentos menos familiares a MO. A maioria dos instrumentos utilizados na improvisação eram desconhecidos a MO. A expressão musical de MO estava muito diferente na improvisação em relação ao início da sessão. Isso pôde ser notado na diferença dele tocando o violão e cantando canções nos primeiros minutos de sessão, para as expressões com outros instrumentos na improvisação. Sua expressão se tornou um pouco mais contida, menos intensa, mais simples. Mas, ao mesmo tempo, ele deu seu toque pessoal nas improvisações, em especial na sua narrativa da última improvisação.

Desde o início da pesquisa, buscou-se olhar para o grupo e para os sujeitos desse grupo. Assim, além da percepção do grupo, citada acima, pôde-se perceber algumas

questões de cada sujeito do grupo. AN sorriu algumas vezes ao tocar os instrumentos. Foi uma das poucas que aceitou escolher instrumentos nessa sessão. AN era bastante silenciosa, não colocava ao grupo seus desejos e desgostos, tinha uma verbalização de pouca intensidade e de poucas palavras. Mas, musicalmente, muitas vezes AN surpreendeu, como foi no caso dessa sessão, na qual ela foi uma das poucas que, quando ofertada a oportunidade de tocar um instrumento que nunca havia visto na vida, optou por experimentar. Além disso, quando AN cantava (observação de sessões anteriores) as músicas elegidas por ela mesma, ela cantava com maior intensidade do que quando falava. Parece que AN demonstrou, em sua relação com a música, um lado que “arrisca”. AN escreveu em seu caderno: *“Alegria”* e *“Gostei de tocar”*.

HI estava bastante agitado e parecia angustiado, principalmente no final da sessão quando a pesquisadora começou a conversar com ele individualmente. Falava que estava com dificuldade para respirar. Disse que gostou da proposta desse dia. HI pediu para a pesquisadora escrever em seu caderno: *“Misturação de barulho”* e *“Não to bem hoje”*. RO sorriu bastante ao experimentar os instrumentos. Conseguiu tocar o metalofone durante algum tempo. RO pediu para a pesquisadora escrever no seu caderno: *“Emoção – alegria”* e *“Gostei de tocar”*. MO se destacou no grupo. Pôde-se perceber, como mencionado, que ele apresentou uma variação em seu fazer musical da recriação para a improvisação, sua expressão se tornou mais próxima a produção musical do grupo (mais simples e com menor intensidade), o que possibilitou uma aproximação maior de MO com a produção coletiva que estava sendo realizada. Ele buscou adaptar-se em seu fazer musical ao grupo, seja experimentando os instrumentos como os demais (por exemplo, quando colocou o violão no colo) ou nas improvisações, nas quais buscava acompanhar seus companheiros.

MO tem uma percepção muito apurada das propriedades sonoras e outros conhecimentos musicais, mesmo assim, ele se mostrou respeitoso aos outros fazeres, valorizando as improvisações mais simples de seus colegas. Ele se propôs a ouvi-los com atenção e a incentivá-los. MO teve um papel de liderança no grupo durante todo o processo. MO escreveu em seu caderno: *“Palavra: Alegria Harmonia. Música: A força e o Poder que a música maravilhosamente exerce sobre nós. Frase: Mariana a senhora é um benção. Que Deus te abençoe e proteja grandemente”*. LU estava bastante receptiva à proposta e, em alguns momentos, foi a primeira a escolher o instrumento, a fazer perguntas e a dar sua opinião. LU escreveu em seu caderno: *“Eu gostei da união, c/ os colegas.”* e *“Toquei o violão”*.

Com a proposta mais diretiva da sessão por parte da musicoterapeuta, VA acabou ficando mais presente no grupo, interagindo mais, e também colocou seu limite, falando que não queria tocar os instrumentos, e pedindo para ir embora antes do final da sessão, uma prática que sempre fez durante as sessões. VA escreveu em seu caderno: “*Saudade*”. WO saiu algumas vezes, mas voltava. Estava difícil entender o que ele falava; seu fazer musical na época estava oscilante, ora ele tinha firmeza e conseguia tocar as músicas, ora se perdia nas músicas; ou por não conseguir cantar ou improvisava um pouco fora da harmonia. Mas ainda assim, sua musicalidade parecia bem mais preservada que sua comunicação verbal e escrita. Pôde-se perceber isto nessa sessão quando ele tocou o violão ou quando tocou o grave no metalofone, acompanhando RO. Especialmente no metalofone, pôde-se escutar o quão organizado é sua produção musical, que acompanha RO, dando suporte musical a esta, permanecendo em um mesmo ritmo constante e acompanhando o andamento de RO, criando uma melodia com tensões e resoluções. Ao comparar sua expressão sonora com sua expressão verbal pôde-se notar uma gritante diferença. A sonoridade de sua expressão verbal é de difícil compreensão, é por vezes sussurrada e pouco articulada, sua voz tem pouca expressividade e dinâmica.

A relação que WO estabeleceu com o grupo também é interessante de ser pontuada. Sua presença é bastante inconstante, saindo às vezes no meio de uma atividade, e mesmo a pedido de outros membros do grupo, não permanecia. Mesmo tendo uma presença inconstante, quando estava no grupo sua presença musical era bastante marcante. WO escreveu em seu caderno: “*Presados amigos do caps do Batel levo de hoje algumas boas lembranças ainda mais na hora da musica comverçativa [?] Ass WO*”.

Foi a primeira sessão de MA, ela faltou nas sessões anteriores, depois da entrevista inicial. Ela estava bastante tímida e silenciosa no início, mas desde a primeira proposta ela aceitou participar e sorriu durante a sessão. MA demonstrou uma identificação com MO pelo gosto musical similar. MA escreveu em seu caderno: “*tranquilidade – liberdade*” e “*tocar todos os instrumentos juntos*”.

Foi criado um desenho de gráfico como metáfora do desenvolvimento da sessão:

Gráfico 2 – Expressões Sonoro-Musicais do Grupo

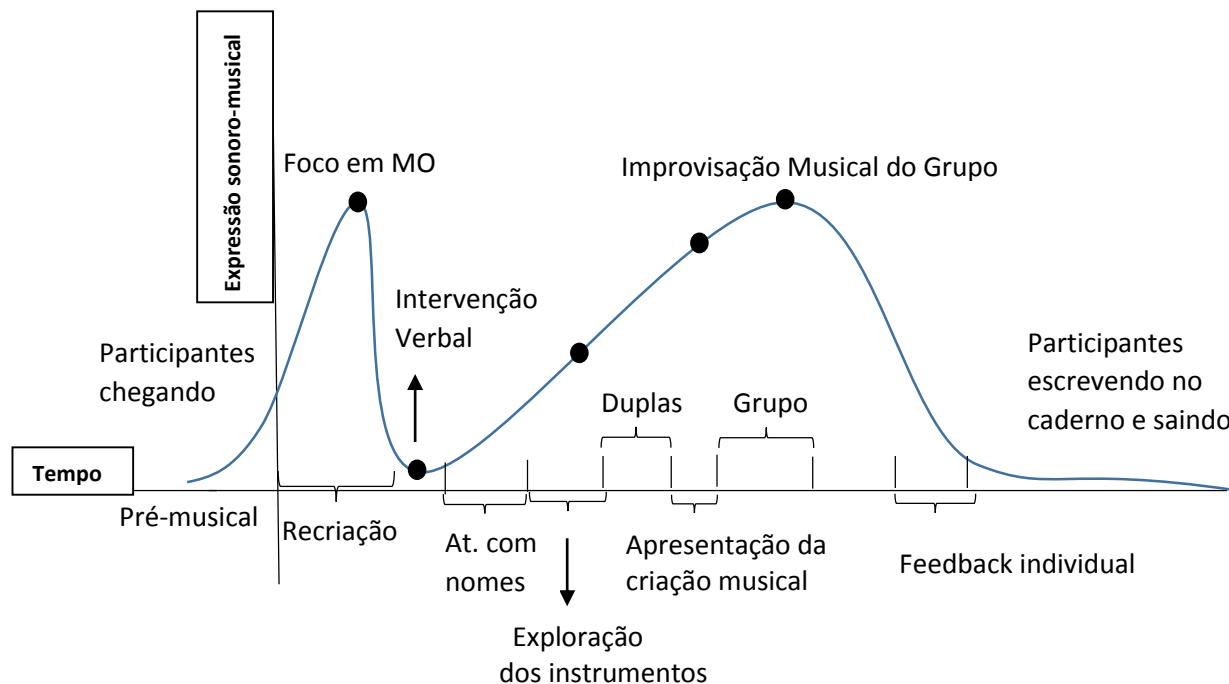


Gráfico criado como demonstrativo da expressão sonoro-musical do grupo durante a sessão.

Este é um desenho, em formato de gráfico, que foi utilizado como metáfora para demonstrar a percepção dos ápices da sessão. O gráfico foi criado a partir das expressões sonoro-musical do grupo em relação ao tempo decorrido na sessão. O eixo vertical, da expressão sonoro-musical, não se refere apenas à intensidade e ao volume da expressão. As diferenças desse eixo se dão principalmente na relação percebida pela pesquisadora como sendo os ápices e o momento entre esses dois ápices que foram metaforizados no gráfico.

O gráfico foi criado a partir da percepção de que houve dois momentos crescentes na sessão, um primeiro, da recriação, e um segundo, que se deu após a intervenção verbal da pesquisadora que chama o grupo para estarem juntos musicalmente, os convocando para a proposta sugerida. A partir da primeira proposta de trabalhar com os nomes, há um “crescendo” na expressão de musicalidade, participação, interação e descontração no grupo. Uma fala interessante foi a de MA que bem espontaneamente no final da sessão falou que gostou de ouvir MO tocar: “*Ah, eu gostei do MO tocando*”. O ponto culminante desse segundo crescendo é na improvisação grupal, e que finaliza com muitas risadas do grupo todo.

A partir do gráfico podemos identificar algumas questões desta sessão. O primeiro momento da sessão, de recriação, foi um momento importante de aquecimento e descontração que certamente auxiliou na criação de um ambiente de abertura à musicalidade. Mas como podemos perceber, o foco desse primeiro momento fica somente em MO, com algumas contribuições de WO. Já no segundo ápice da sessão MO também acaba sendo o destaque da improvisação com sua narrativa, porém, ele não é o foco, o foco é a improvisação coletiva.

Entende-se que cada passo dessa sessão tornou possível estar tocando juntos diversos instrumentos sem que isso causasse desconforto. Como traz MA em sua fala: *“Eu achei que ia incomodar [...] Mas assim, é, da forma como foi feita assim, não incomodou”*. Talvez no início da sessão essa cena pudesse parecer impossível a ela. Os relatos de AN e RO, que tiveram em outras sessões dificuldade com certas expressões sonoras, também demonstraram uma melhor aceitação das expressões sonoras nessa sessão.

O que chamou mais a atenção – do início dos atendimentos até esta sétima sessão – foi a importância de uma escuta especializada. As primeiras sessões se deram de forma bem livre, com atividades de preferência do grupo, seguindo o ritmo do grupo e conhecendo suas características e seus integrantes. A partir desse primeiro momento foram percebidas algumas questões que exigiam um posicionamento do terapeuta, em especial por se tratarem de questões de sofrimento deflagrado pela música.

Foi realizada uma tentativa de uma sessão mais estruturada na qual houvesse um ambiente mais controlado ou seguro diante a experiência musical. Devido à conversa no final da sessão, anotações no caderno, e percepções ao longo da sessão, pode-se dizer que esta estruturação proporcionou para a maioria dos integrantes do grupo uma experiência mais amena com a música. Podemos apoiar essa hipótese através de algumas falas de LU ao longo da sessão: *“Até o dia assim de sala de aula pra mim tá diferente. Porque tem dia que eu tenho vontade de ir embora [...] Diferente... de outra, de outras aulas que a gente teve. [...] Pra mim foi diferente. Bem legal”*.

Vivendo a música em grupo

Na 8ª sessão, ao serem oferecidas as possibilidades de improvisação ou o trabalho com canções, o grupo optou pela segunda alternativa. Durante a sessão houve bastante diálogo entre os membros e manifestação de várias expressões afetivas. O grupo se colocou mais, falando de suas dificuldades e sobre o que queria ou não fazer. Além disso,

o grupo parecia mais descontraído e assumindo o espaço do grupo de Musicoterapia. Um exemplo disso é que ao final da sessão WO pediu para ligar o rádio enquanto eles escreviam nos cadernos. Mas o formato de canções ainda deixou o fluxo da sessão um pouco segmentado.

Na semana seguinte (9ª sessão), a musicoterapeuta propôs uma intervenção ao grupo, chamada “Siga ao mestre”, na qual havia inicialmente duas funções (a de mestre e a de líder): o mestre era quem controlava a intensidade e andamento da improvisação, e o líder criava uma melodia no metalofone que o restante do grupo deveria acompanhar. Assim, os integrantes do grupo que tinham dificuldade com o som de alguns instrumentos ou com a intensidade da improvisação poderia ter controle sob esses aspectos, e ao invés de permanecer em sofrimento diante da produção musical do grupo, eles podiam ter uma ação sobre a situação.

A maioria das improvisações foram curtas, talvez porque o grupo não estava acostumado a fazer improvisações. Elas iniciavam com alguém propondo uma frase musical – dada pelo metalofone nessa sessão – até que cada um passava a ouvir mais os outros participantes e aí o ritmo começava a se estabelecer. A musicoterapeuta teve a impressão de que essa intervenção trouxe um ambiente novo ao grupo, o que resultou em uma certa leveza, curiosidade e espontaneidade do grupo. Essa leveza pode ser constatada também por terem surgido espontaneamente no grupo várias músicas infantis. Essa ambientação permitiu que o grupo pudesse experimentar momentos de música mais intensa sem que se criasse um clima de tensão, como costumava haver nas canções com intensidade mais forte. Houve mais conversa entre eles e elogios com relação ao desempenho de cada um ao tocar seu instrumento. Durante essa sessão surge no grupo também a ideia, que parte de MO, de compor uma música. De forma geral, se pôde observar o grupo arriscando novas ideias e novos comportamentos. Uma das discussões finais do grupo, realizadas nessa sessão, explorou o sentido que as experiências musicais adquirem para cada participante. Nos cadernos os integrantes escreveram:

LU – *Eu gostei da união do grupo, cada um tocando instrumento (sic)*

AN – *Satisfação. Tocar.*

RO – *Emoção – Boa. Tocar o metalofone.*

MO – *Frase: A música alegre o espírito na maioria das vezes. Frase Música fortalece e enleva o espírito, as nossas vidas.*

NEI – *Gostei foi uma diferente. Gostei de ficar com o pandeiro.*

HI – *Barulho na cabeça. Não é muito bom. Nada chamou atenção. Metalofone – barulho de lata. Meio esquisito o som.*

MA – *Divertido. Acompanhar meus colegas nas melodias.*

Na 10ª sessão foi dada continuidade à proposta desenvolvida na sessão anterior e foram acrescentadas algumas funções novas ao longo da sessão para que mais membros pudessem participar das influências (além do próprio fazer musical), na improvisação e que desafiavam o grupo a prestar atenção uns nos outros. LI estava nesse dia, então foi proposto que ela fosse o Maestro (que controla a intensidade da produção musical), já que ela se incomodava com algumas sonoridades e intensidade do som. As funções criadas ao longo da sessão levaram em conta qualidades de cada membro, assim, RO ficou responsável pelo ritmo com o pandeiro, já que em outras improvisações tinha demonstrado gostar de fazer o ritmo e ser boa em manter a velocidade da improvisação. Ao pensar em uma função para HI, MO propôs que fizéssemos uma improvisação bem tensa para representar o HI com suas dores, o grupo conversou a respeito das dores de HI e LI contou sobre seu acidente com o ônibus.

Foi proposto como alternativa que HI fizesse o começo da improvisação, ao perguntar sobre qual instrumento ele queria ele disse cantarolando “Deus abençoe as crianças”. Então foi proposto que esta fosse a frase que começava a música. HI pegou novamente o colar de sementes. MO começou a dar risada ao perceber que o grupo estava obedecendo suas direções enquanto Maestro. LI tentou baixar a intensidade da música como Maestra, porém MO não percebeu, então ela olhou para musicoterapeuta que sugeriu que ela o fizesse perceber, então ela o fez agitando os braços para chamar sua atenção. LI disse que a improvisação irritava a cabeça, complementou que o metalofone a irritava. Então foi proposto que ela tocasse o metalofone, assim poderia controlar sua intensidade. Ao final ela disse que foi tranquilo, porque ela controlou o som.

A intervenção teve como objetivo que os membros do grupo pudessem individualmente testar sua relação com a liderança. Conforme o encontro se desenvolveu, o grupo passou a participar e se posicionar mais acerca das atividades. Até mesmo as conversas aumentaram. O grupo, aos poucos, nas improvisações vai transformando a dinâmica, antes de um enfoque individual para o grupal, na medida que os participantes tem que necessariamente se escutar para realizar a improvisação em conjunto. Nessa sessão trabalhou-se também com canções e os instrumentos acompanhando a canção escolhida. Ao final, alguns membros do grupo não estavam se sentindo bem, e

propuseram uma música religiosa, para finalizar com a música do grupo “Como Zaqueu”. Nos cadernos os participantes escreveram:

RO – *Ansiosa – Levo a música. Pandeiro.*

MO – *Palavra: Tranquilidade, união e atenção.*

LI – *Eu gostei de tocar porque eu abaixei o volume. Eu estou irritada.*

HI – *Me sinto sufocado, nervoso. Levo uns barulhos, a música como Zaqueu.*

LU – *Hoje estou normal. Eu gostei dos instrumentos de tocar.*

MO ainda se sobressai nas sessões e assume um papel de liderança. Verbalmente ele é mais conciliador em dividir tal liderança e reconhecer a musicoterapeuta como líder também. Mas, musicalmente, por vezes continua a tocar, enquanto os outros estão falando, e nas improvisações sobrepõe seu som aos outros. Isso demonstra o modo como MO se relaciona com a música, e como considera o espaço da Musicoterapia. Esse modo de se sobrepor aos outros e muitas vezes ter dificuldade de parar para ouvir o outro é algo que os outros terapeutas do CAPS afirmam que acontece em suas sessões também. Mas é interessante observar que há uma preocupação e afeto de MO com os outros membros do grupo; assim, quando requisitado, ele consegue dar esse espaço para o outro, mesmo sendo muitas vezes difícil para ele. Aos poucos, com as intervenções da musicoterapeuta, se percebe uma mudança na dinâmica do grupo com relação a essa liderança de MO. Ele permanece na sua posição de liderança, aceita pelos membros do grupo, porém estes tem mais espaço para se colocarem e interagirem na sessão.

Na 11ª sessão foi novamente dada a opção deles escolherem entre a improvisação e a recriação. O grupo escolheu a recriação. MO deu a ideia de compormos uma música e lembrou da música “Novo tempo” do Ivan Lins. Essa canção foi trabalhada durante a sessão. MO ficou bastante centralizado nessa sessão, mas o grupo estava junto musicalmente. RO tocou o rebolo e, enquanto o fez, estava bastante sorridente. Vale ressaltar que o rebolo é um instrumento de percussão grave e com bastante potência o que fazia com que a produção musical de RO se ampliasse no grupo, motivo pelo qual a musicoterapeuta sugeriu o instrumento. RO escolheu o pandeiro, instrumento que já havia gostado de tocar. WO enquanto tocava o violão junto com o grupo em diversos momentos olhou para a musicoterapeuta e sorriu como que sinalizando que estava contente com a produção musical que estava sendo feita. Na 12ª sessão a música “Como Zaqueu” foi retomada por MO. Ele, nessas duas sessões, especialmente na segunda, ficou bastante

centralizado, e demonstrou certa rigidez com relação a música que estava sendo feita, qualquer erro ele voltava ao início e reclamou bastante na 12ª sessão por WO não permanecer e a musicoterapeuta errar alguns acordes.

A experiência de tocar junto, agora com a canção como centro, principalmente na 11ª sessão, deu a sensação à musicoterapeuta de um grupo mais coeso. Os relatos nos cadernos parecem demonstrar também um ambiente mais leve.

WO – *Quando nos encontramos formamos mesmo um laço de união para que todos sejam (incompreensível) Para todo o sempre assim que achamos alguém para compartilhar nosso sonhos aí então realizamos tudo aquilo que nos é permitido.*

NEI – *Amo coisas diferente. Talves nosso planos dão certo. As vezes alguém pode ver nosso trabalho.*

RO – *Feliz. Novo Tempo.*

MO – *Nunca pare de lutar pelo seu ideal. Palavras: paz, amor, esperança, confiança.*

VA – *Saudade. Tristeza.*

HI – *Sufocado e Nervoso. Sonho das músicas na cabeça.*

Interessante perceber que RO escolheu a palavra *Feliz* para escrever em seu caderno, mesmo sendo essa a sessão em que ela tocou o rebolo, um instrumento de forte intensidade. HI escreve em seu caderno na 12ª sessão: “*Cada um fez a música que gosta. Boa as música*”, referindo-se às escolhas de canções ao final da sessão.

Na 13ª sessão haviam estagiários de medicina participando do grupo, então a sessão foi iniciada com uma proposta de apresentação dos nomes. Depois passamos para a estrutura de improvisação com funções “Improvisação do Maestro”. A musicoterapeuta encorajou bastante a tomada de decisões e negociações do grupo e a interação entre membros sem a mediação da terapeuta. Houve bastante negociação e diálogo entre os membros para que a dinâmica acontecesse. WO, apesar de bastante desorganizado, saindo da sala a todo momento, escutou o lamento de ZI de não estar se sentindo bem (escreveu no caderno: *Eu hoje estava com muito mal estar na cabeça*) e ofereceu uma música a ela, mas não conseguiu acabar porque desafinou (o tom estava muito alto), MO tentou continuar a música e o incentivar, assim como a musicoterapeuta, mas ele saiu da sala. ZI agradeceu. A música era assim:

Você vive feliz, mas nunca encontrou uma razão para saber o que é o amor

E vive a sofrer, se ao menos perceber que [Inc] amor

Eu vou transformar o seu viver eu vou tentar te amar o seu viver e te fazer feliz

(Composição de WO)

O depoimento no caderno de HI foi diferente pois ao invés de falar de suas dores ele colocou “*Levo um espírito de paz pra casa. Lembro que é a mesma música de ontem. Música pra ter paz na vida*”.

A música faz bem?

Na 14ª sessão o grupo dividiu suas experiências de sofrimento e como lidam com este, o que os ajuda: ficar sozinho em silêncio ou estar junto com outras pessoas. Inicia-se uma discussão a respeito do uso da música em momentos de sofrimento. MO fala da sua dificuldade com os outros membros do grupo, o grupo dá um retorno a respeito da importância do MO para o grupo. Essa conversa foi significativa no processo da pesquisa e por isso segue descrita na íntegra:

P: Eu tava conversando com o VA uma coisa que eu acho que de repente é uma coisa um tema que faz sentido pra vocês também né. É, daí assim, quando a gente tá mal, quando vocês tão mal, tiveram um dia ruim e tal, vocês acham melhor ficar aqui ou ir pra casa ir pra algum lugar, como que é pra vocês assim?

RO: *Eu gosto de ir pra casa*

P: Você prefere ir pra casa? Por que assim RO, você consegue identificar porque?

RO: *Porque eu fico quieta no meu canto, deito fico quietinha, sem ninguém me incomodar.*

P: Aí esse é o jeito que você se sente melhor...

RO: *Aham.*

P: E vocês pessoal? AN?

AN: *Prefiro ir pra casa também.*

P: Também, quando você não tá legal... uhum. E você HI?

HI: *Hum?*

P: Você, quando você não tá bem você prefere ficar aqui com as pessoas nos grupos ou você prefere ir pra casa?

HI: Tanto faz.

P: Tanto faz, uhum. E você MO?

MO: Ah, Mariana eu gosto daqui eu acho legal aqui, você, o pessoal aqui, ficar aqui. Mas é que o problema é que muitas vezes, por exemplo eu, você precisa da companhia de alguém pra você ter aquele...

P: Essa é a questão se a companhia ou conversar com alguém ajuda num momento que tá mal ou se vocês preferem ficar sozinhos né, eu acho que é uma questão pessoal né, mas...

MO: No ponto de vista psicológico as vezes pra mim vamos dizer particularmente fica meio chato, fica fica triste, eu ficar aqui tocando música "um novo tempo" [cantado] e cantando num sei o que e pá, e eles assim tudo quietinho assim sabe, e daí você gostou da música? Né porque, não esse quietinho não é pejorativo, entendeu, eu só to dizendo assim que eles tem os problemas deles, mas fica chato assim pra quem tá tocando, você tocar, vamo tocar, "When the night has come" [cantado], sabe e eles assim todos assim amuados, assim todos quietinhos assim...

VA: Eu gostava dessa música MO. É que eu sofro demais, não to desrespeitando ninguém aqui, eu sofro demais, eu não consigo ficar (incompreensível)

MO: Sabe, daí fica chato.

P: Mas acho que aqui todo mundo entende que teve uma dor forte que não dava conta e ele precisava ir né, acho que ninguém, alguém aqui culpa o VA quando ele precisa embora? Alguém acha ruim quando ele precisa ir embora?

MO: Não dá pra pegar essas pessoas aqui e trocar elas por outras pessoas.

[barulho de risada e surpresa da pesquisadora]

MO: Não, não, não desrespeitando, pega elas, se elas não estão se sentindo bem aqui nessa aula de musicoterapia, nessa terapia, nessa musicoterapia e tal, coloca elas lá com a K. coloca elas lá com a C. lá, e traz três quatro pessoas que se adaptem bem a música aqui.

P: Então, mas eu sempre falo pra todo mundo inclusive pro VA, quer lenço VA?

[VA acena que não]

P: Não? Tá. Inclusive pro VA, né VA, conversei com ele várias vezes, se a musicoterapia não tiver legal, se eles não tiverem gostando, se eles não tiverem se adaptando, eles podem a qualquer momento me fala e eles podem ir pra outro grupo sabe?

MO: Mas pro grupo não ficar vazio aqui né...

P: Não, tudo bem tudo bem, mas assim tipo ninguém nunca chegou aqui pra mim assim, olha Mari eu não quer ir mais pra musicoterapia porque eu não acho legal, vocês sabem que vocês tem total liberdade disso, né, vocês podem escolher a melhor terapia que vocês acharam que é melhor pra vocês né, isso é... e no dia que não tiver legal pode ir né, se aqui não não for ajudar..., porque as vezes ajuda, mas se você achar que não... né

MO: Porque as vezes Mariana sabe, presta atenção, se a pessoa carente assim por formação, a bíblia tem um versículo que fala assim que a gente não deve entoar canções perto de alguém que tá que tá ferido, que tá machucado, só um tolo, a bíblia diz lá em sua versão, que só um tolo entoaria músicas né próximo de alguém está com o coração que está despedaçado.

P: Por que será?

MO: Não sei. Aqui é uma terapia né... eu não sei se....

P: Por que será? O que será que eles querem dizer com isso?

MO: Ele tá querendo dizer que por exemplo, você tá fragilizada, você tá fragilizada porque é... faleceu um parente teu, faleceu um parente teu e você voltou lááá do enterro lá e você pega tá aqui aí eu pego um violão e começo a cantar "Ilarilariê" [canta]

P: Ah, tá, mas e se for uma música que conforto, por exemplo.

MO: Ou então...

P: Né tipo assim, eu to pensando assim, claro, uma música totalmente alegre pra alguém que tá triste não talvez não faça muito sentido, mas talvez uma música de conforto né, porque tem outras partes na bíblia onde as pessoas estão doentes estão mal e existe, e vem um anjo toca uma harpa, tem algumas passagens que são assim, eu não vou lembrar das histórias né.

MO: Então tem que ver muito bem, você tem que analisar né, porque a gente (incompreensível) não é você, tem corações aí que, sabe como é que é essas coisas do coração, né Mariana, tem coração aqui que, igual ele falou, olha eu sofro demais, gostaria té que vocês me perdoem, eu sofro demais, e esse aqui não sei o que, sabe, entende?

P: Eu eu...

MO: A música...

P: Eu acho que você tá falando uma coisa interessante MO. Eu acho que quando a gente tá com o coração muito quebrado, não sei, acho que é uma questão muito

individual se a música pode ajudar ou não mesmo, acho que tem vezes que pode não ajudar, pode quebrar mais talvez mesmo.

MO: Mas só que daí é o seguinte, só to te dando um toque aquele toque, vai de pessoa pra pessoa, ele ali já tá tão fragilizado assim, ele tá com o coração, o coração tá tá tá como sensibilizado, fragilizado, agora ela ali já não, ele ali também tá com o coração fragilizado, ela ali aqui também, mas ela lá não.

P: É. E a gente tem que lidar com toda essa diversidade né. Mas assim eu queria pra pra pra ah pra gente pensar sobre isso na prática, eu ia eu ia propor VA se você não se incomodar, se você quiser, de eu gostaria de cantar uma música pra você que é uma música que a gente já cantou várias vezes aqui e que e que eu acho uma música do grupo que o grupo trouxe e que ajudou vocês em vários momentos, então eu queria, se você quiser, que a gente cante pra você ela pra você ver se te traz algum tipo de paz ou se não ajuda em nada sabe? Que que você acha? É um jeito que eu to tentando achar de te ajudar nesse momento sabe?

VA: *Pode ser.*

P: Pode ser? É aquela "Como Zaqueu", pessoa, lembra né? Tem vários momento aqui que o pessoa tava meio mal e a gente cantou e trouxe uma paz né.

MO: Porque é o seguinte Mariana, você falou um negócio muito importante essa coisa lá dos anjos lá do louvor, não sei o que, porque é o a música também ela serve pra libertar a pessoa também dessa situação, porque a pessoa se encontra presa em cadeias de circunstâncias, de situações, de sentimentos, né de lembranças, de problemas, então de repente assim você entoando músicas, ali sabendo entoar, isso liberta a pessoa, também tem, então assim

P: Eu acho que tem essas duas situações, uma que machuca mais e uma que pode de alguma forma ajudar né.

MO: É por isso que a gente tem que ver muito bem que músicas que a gente toca aqui, né?

P: Eu concordo.

MO: O cara tá com o coração fragilizado ali e o cara começa a cantar uma música igual ele tava cantando agora "Ela alisava o canudinho, ela alisava o couro, ele alisava o canudinho e num sei o que lá e bababa e todas elas rebolando e num sei o que..." [canta]. E o cara com o coração, e o cara tocando um tipo de música desse, esse tipo de música ta servindo pra colocar o cara lá pra baixo, agora essa música aí já é uma espécie de louvor a Deus pra libertar o coração

da pessoa que tá com o coração ali contundido, ali é apertado. Você entende mais ou menos né?

P: Eu to concordando com você, e por isso que eu acho pessoa que é importante quando uma música não tá boa, eu já falei isso várias vezes, quando uma música não tá fazendo bem de vocês falarem, né? Porque as vezes, né MO, a gente tá tocando uma música e nem sabe que o outro tá mal com aquela música, como é que a gente vai saber, então tem que falar pra gente escolher uma música que faça bem.

MO: É e as pessoas que tão aqui, igual você disse, as pessoas tem que chegar aqui e quando você pergunta, e você sempre pergunta, e aí pessoa como vocês tão se sentindo hoje? A pessoa tem que abrir a boca e falar hoje eu to me sentindo meio na solidão, hoje to me sentindo meio nervoso porque eu fiz um negócio lá e tomei um prejuízo, hoje eu to bastante alegre porque eu fui em tal lugar, sabe, a pessoa só tem que falar o sentimento e de acordo com o sentimento da pessoa é que você vai tocar aí.

P: É verdade. Então vamo lá, quem quiser acompanhar com os instrumentos...

Essa discussão realizada principalmente com MO, mas com a importante contribuição de VA, RO e AN, espelha vários aspectos que aconteciam no grupo. Um deles é a dificuldade de MO em estar num grupo tão diferente dele em relação a musicalidade, ele reconhece essa disparidade e num primeiro momento pensa na solução como “trocar as pessoas”, essa solução é respondida por VA que se desculpa por ser como é. Essa atitude de VA mostra como apesar de parecer ausente nos encontros ele está presente e criou um afeto em relação ao grupo. Isso é confirmado na próxima sessão quando ele traz as fotos de seus filhos que morreram para mostrar ao grupo. Algo que ele não tinha feito em nenhum outro grupo ou oficina. O ato e a história de VA mobilizou o grupo todo. Foram duas sessões seguidas em que VA ditou o caminhar do grupo.

Outra importante questão levantada por MO foi sua percepção que certas músicas não são adequadas a certas situações. Uma reflexão muito pertinente a esta pesquisa, à Musicoterapia, ao grupo e a MO. Pertinente a esta pesquisa pois se pergunta se a música faz bem, se qualquer música faz bem pra qualquer pessoa. MO questiona algo que muito comumente é utilizado sem reflexão: a música faz bem? Pertinente também à Musicoterapia, já que se propõe a utilizar a música como terapia e que busca reforçar aonde vai a importância da consciência de contexto para a utilização da música.

Essa reflexão foi importante também ao grupo e ao MO pois ele falou de algo que acontecia desde os primeiros encontros: a heterogeneidade do grupo e em especial o lugar de MO no grupo. Neste momento, MO começa a questionar as músicas que são tocadas em sessão se incluindo também como alguém que traz música aos encontros. Ele se pergunta se as músicas que ali estão sendo reproduzidas estão adequadas a como se sentem os outros participantes. Inclusive um pouco mais à frente na sessão, WO chega na sala e pede uma música, e MO aponta sobre as discussões que estavam sendo feitas e que WO deveria ter cuidado ao escolher a música, pois no grupo haviam algumas pessoas que não estavam bem.

Na 15ª sessão não houve música. A musicoterapeuta falou sobre o final do grupo e os integrantes presentes conversaram sobre esse tema. VA trouxe as fotos de seus filhos que morreram, o grupo então dividiu histórias de vida a respeito de suas perdas e tristezas. Foi uma sessão na qual o grupo se abriu, dividiu suas dores, conheceram as histórias de vida de seus companheiros de grupo. Houve bastante emoção e afeto nessa sessão. Parece-nos que esta sessão só pode acontecer devido a um processo de amadurecimento do grupo e provavelmente também como repercussão das reflexões do encontro anterior. Os relatos escritos nos cadernos seguem abaixo:

LI – *Foi bom comentar sobre se gostei ou não da música. Mais eu não consigo gostar.*

MA – *Conversa muito boa. Uma lição de vida.*

MO – *É tempo de se definir como ser-humano que existe para vencer ter consciência de paz, amor e Deus. Palavra: Esperança e fé.*

HI – *Nervoso, sentimento pela morte do rapaz, tristeza. Hoje não tá bom pra música.*

LU – *Eu gostei muito da conversa me senti leve.*

Na 16ª sessão haviam três estagiários de medicina, o grupo estava bastante silencioso, e MO não estava presente. O grupo discutiu um pouco sobre a dispersão do grupo e sobre solidão. A musicoterapeuta propôs que se escolhessem uma música enquanto grupo para que tocassem e cantassem juntos, para tentarem pelo menos naquele momento estarem juntos mesmo que em sua solidão. Um dos estagiários propôs “Tocando em Frente”, mas o grupo não conseguiu uma coesão nesta música. Então a

musicoterapeuta propôs “Como Zaqueu” que se tornou ao longo das sessões a música âncora do grupo, nesse momento o grupo pareceu novamente estar junto.

Final

A 17ª sessão foi um encontro com bastante interação, brincadeiras, risadas, conversas bastante informais e troca de depoimentos afetivos. HI e AN pediram músicas, algo bastante incomum. O grupo falou sobre o final das sessões e se despediu. A sessão começou com o ritual de início de sessão, MO tocando o violão e cantando, o grupo o acompanhava cantando. Foram tocadas e cantadas canções. MA pediu uma música para MO. HI não dormiu nessa sessão, ficou atento as músicas, sorriu nas músicas do Elvis e do Raul Seixas.

Foi sugerido à equipe do CAPS que o próprio grupo pudesse opinar sobre o que gostaria de fazer no lugar das sessões de Musicoterapia (se gostaria de permanecer no mesmo grupo, quais oficinas ou atividades colocar no lugar) já que não havia musicoterapeuta para substituir a pesquisadora. Assim, no último encontro, a pesquisadora perguntou ao grupo o que gostariam de fazer nos horários da Musicoterapia.

MO: Ah, uma coisa que tivesse a ver com música né Mariana.

P: Você gostaria que tivesse a ver com música?

MO: Música né, é boa a música né, a música é é tem tudo a ver né.

MA: Mas a música cantada, assim tipo, entendeu? Não...

P: Como, como que seria diferente?

MA: Mais ou menos assim como a gente faz.

P: Aham. Mas assim, mas o que você não queria?

MA: Ah, ficar muito conversando.

P: Ah, entendi, entendi, não mas assim que digamos você disse Ah, mais música cantada assim, você diz em oposição a o que, a conversa ou a outro tipo de música?

MA: Ah, acho que mais assim que nem a gente toca instrumento, nesse nível.

[...]

HI: Ficar aqui.

P: Ficar aqui, como assim?

HI: Escuta vocês cantando.

[...]

LU: Pra ser uma outra pessoa música, pra ser uma outra música... pra ter uma outra pessoa... ninguém é igual a ninguém, a outra pessoa que vir vai ser diferente de você. O único problema assim é que a pessoa tem que ser como você, extrovertida, você sempre tá pedindo pra gente interagir no meio. Por exemplo, terça-feira eu fui dormir, pedi pra ir pra outra (incompreensível) entendeu. Acho que você tem que passar mais esse lado, pra, pra não sei pra quem lá de cima

P: Do que assim?

LU: Pra pessoa ser extrovertida. Os outros ficam muito quietos.

P: Entendi, ter um terapeuta que ajuda...

LU: Daí tem não sei se o professor ou professora, que seja, que são quietos, só passam ali [incompreensível] e ficam na deles, não passa assim aquele astral que você passa pra gente de alegria. Mas poderia ser a música mesmo.

[...]

MA: Uma pessoa ativa que nem você assim, entendeu?

LU: Porque uma pessoa desagradável não sabe, a pessoa nem vai querer ficar aqui.

[...]

MA: E eu queria assim que nem aqui assim, queria ser fora daqui, porque fora daqui eu não consigo.

P: Como assim? O que que você não consegue fora daqui?

MA: Sair de casa assim pra ir em algum lugar que tenha música, que tenha pessoas assim, porque meu corpo assim é quando eu for sair de casa assim vamos supor, ah tem um aniversário do meu sobrinho, é amanhã, de noite já começo a ter vômito, já começo a ter diarreia, já começo a ter ansiedade. Então é, fora eu não consigo. Aqui eu to assim conseguindo, porque assim, porque eu sei que se eu tiver fixo aqui, eu sei que as pessoas vão entender e lá fora eu não sei se elas vão entender, também não sei qual vai ser a reação né, de agredir ou alguma coisa

P: Dá um certo medo?

MA: Aham. Certo medo não, totalmente.

Os integrantes discorreram sobre alguns assuntos que depois retomaram na entrevista a respeito das diferenças entre outras terapias, características do terapeuta e conquistas individuais. Uma questão interessante que surgiu dessa conversa foi o

depoimento de MA sobre o quanto é difícil fazer essa transição do CAPS para o “lado de fora”, a musicoterapeuta apresentou ao grupo a proposta dos centros de convivência que está prevista na rede de Saúde Mental.

A musicoterapeuta anotou em seu diário de campo que saiu da sessão com a sensação de um grupo autônomo, que ainda não sabe de sua autonomia, um grupo mais exigente e mais interativo. A musicoterapeuta discorreu nessa sessão sobre a possibilidade deles continuarem se encontrando em alguns momentos no CAPS para tocarem juntos, ou mesmo só para conversarem. MO assumiu um papel de liderança musical, WO dava o suporte musical, MA e LU auxiliavam na condução e decisões do grupo, somando isso com a interação que já estava começando a acontecer mais frequentemente e sem a intervenção da musicoterapeuta, este poderia ser um grupo de encontro, que se encontra para fazer música, que funcionaria autonomamente, sem a presença de um terapeuta.

4.2.1 Reflexões sobre o processo musicoterápico

Avaliamos que o processo musicoterápico do grupo se deu em busca de um objetivo inicial central da musicoterapeuta que surgiu a partir dos primeiros encontros com o grupo: interação e coesão do grupo. Apesar de, ao longo do processo, surgirem diferentes objetivos que partiram também da experiência junto ao grupo (aproximar e tornar mais familiar a experiência sonoro-musical, auxiliar na compreensão e expressão do que lhes causava desconforto e alguns objetivos que os membros do grupo foram traçando para si mesmos ou para o grupo) a interação e coesão do grupo era central e necessária para que os outros objetivos pudessem ser realizados. Assim o foi considerado, pois a musicoterapeuta percebeu que o grupo tinha bastante dificuldade em se comunicar ou interagir uns com os outros. Ao invés de se direcionarem aos outros membros do grupo, eles se direcionavam à musicoterapeuta (como mostra o Esquema 1 da descrição do processo musicoterápico – p.73). Esta acreditava que o grupo poderia ter muito mais ganhos, troca de experiências, possibilidades de diferentes vivências, estando num processo grupal, aprendendo e convivendo uns com os outros, ao invés de apenas com a musicoterapeuta.

“O isolamento não precisa ser o tom das nossas vidas individuais” (Rogers, 1970/1994, p.166). A questão do isolamento foi um tema recorrente no grupo, tanto nas entrevistas quanto durante as sessões. O isolamento para o grupo se referia à dificuldade de sair de casa, de interagir com outras pessoas, à perda de relações de amizade e ao

afastamento do convívio social com família secundária. Rogers (1970/1994) afirma que existem muitos caminhos para aliviar a solidão, porém, ele considera que o melhor instrumento para lidar com sentimentos de impessoalidade, irrealidade, distância, separação e solidão são as experiências em grupo.

Alguns integrantes falaram do espaço do grupo como um espaço de busca pela interação, por reaprender a conviver e a interagir com os outros. Um dos temas mais comentados nas entrevistas finais a respeito de suas experiências com o grupo foi sobre o momento de interação que o grupo permitiu.

Segundo Bruscia (2000), a interação, diferentemente da auto-expressão, diz de uma preocupação de se engajar no mundo, numa influência mútua entre dar e receber do outro. Por coesão grupal entendemos, nesse caso, um estado do grupo e onde houvesse espaço para todos, oportunidade para experimentarem novas situações, onde houvesse disponibilidade para conversar, trocar ideias, discordar. A coesão criada na forma de estar na música não necessariamente cria uma produção musical que pareça a um ouvinte como algo que está em coesão. Na Musicoterapia a produção musical possui uma estética flexível, uma estética que o próprio grupo delimita.

Não nos referimos a coesão grupal como o resultado de todos do grupo tocando juntos, ou todos se dando bem, ou todos caminhando no mesmos sentido. Inclusive consideramos como demonstrações de que o grupo estava mais coeso, a reclamação de MO sobre o grupo ser muito quietinho e amuado, ou quando LU reclamou que ninguém participava. Esse momentos mostraram que havia um nível de confiança suficiente para que eles pudessem confrontar o grupo. Ambos foram movimentos espontâneos que surgiram por necessidade dos participantes.

O antropólogo Charles Keil (s/d) discorre sobre o conceito de “groove” (suingue, fluidez) que diz de um espaço musical que tem uma flexibilidade de tempo que acomoda as discrepâncias dos tempos de cada indivíduo que está realizando a produção sonora. Esse tipo de disponibilidade da produção musical convida todos a participar. Assim, uma produção comum ao grupo não quer dizer uma produção no mesmo andamento ou intensidade, mas uma produção que abarque diferentes andamentos e intensidades. Para que o “groove” aconteça o grupo deve estar em coesão.

Este é o momento quando a coleção fragmentada de indivíduos se torna um grupo.

Este é o momento que o grupo se torna coeso. Não há sub-grupos neste momento,

nenhuma divisão em alianças, no lugar há um grupo focado trabalhando juntos (Pavlicevic, 2006, p.110, tradução nossa).

Podemos verificar ao longo do processo musicoterápico esse movimento de um grupo fragmentado se tornando um só grupo. A partir dessa avaliação montamos um gráfico representando esse caminhar do grupo:

Gráfico 3 – Interação, Comunicação e Coesão do Grupo

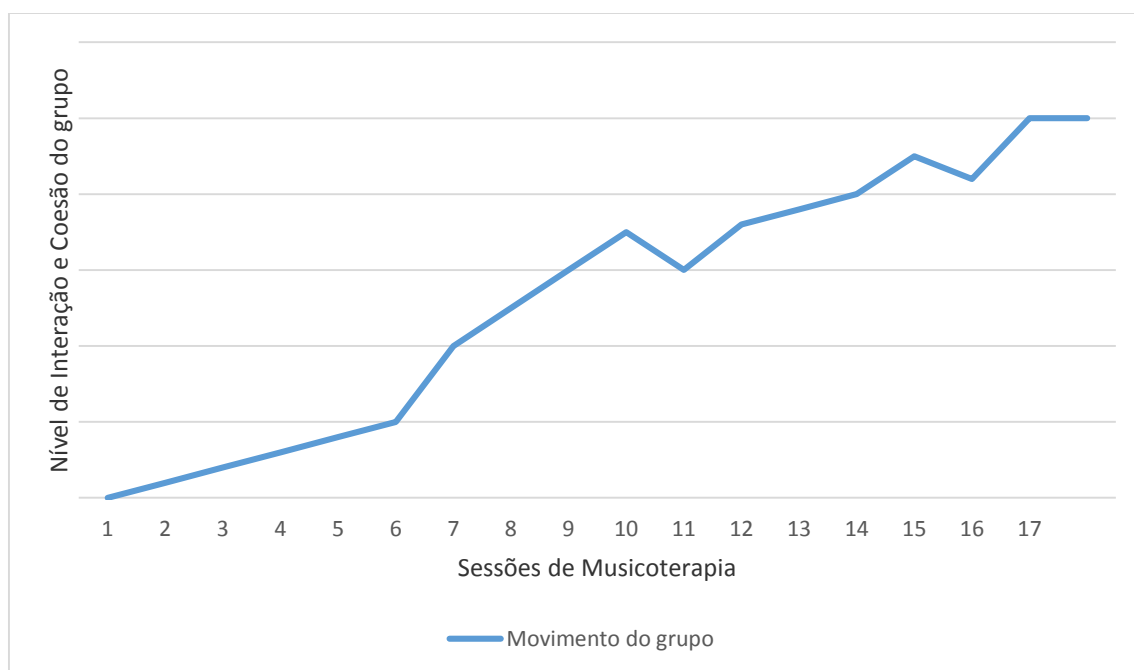


Gráfico criado como demonstrativo da interação e coesão do grupo no decorrer das sessões.

O nível de interação, comunicação e coesão do grupo não foi medido quantitativamente, o gráfico serve como representação de uma percepção clínica da pesquisadora a respeito do processo do grupo. Compreendemos interação como o processo de escuta e reconhecimento do outro, de se colocar disposto a estar com o outro, em um processo de diferentes intercâmbios afetivos, musicais, verbais. Como comunicação consideramos a troca de ideias e sentimentos, mensagens e informações, experiências verbais e olhares, que são transmitidos ao outro. Bruscia (2000) considera a comunicação como a interação com um propósito particular.

Como pode ser observado, o nível de interação e comunicação foi crescente inicialmente, porém de forma vagarosa e com muitas intervenções da musicoterapeuta

para que o grupo pudesse interagir. Na sétima sessão houve uma grande diferença na interação do grupo devido a uma abordagem mais estruturada, porém que os deixava mais livres para interagirem entre eles a partir de desafios propostos. A partir da sétima sessão o movimento de aumento da interação continuou, porém, de forma mais rápida devido às intervenções que facilitavam esse desenrolar da interação, comunicação e coesão do grupo. Nas sessões 14 e 15 percebemos o quão complexas e desenvoltas se tornaram as comunicações verbais entre os participantes. Na sessão 13 pudemos notar também essa progressão na comunicação musical no momento em que WO dedica uma música composta por ele mesmo para ZI. Nas improvisações que ocorreram durante várias sessões (7, 9, 10 e 13) ou como um exemplo de trabalho com canção bem mais interativo nas sessões (8, 10, 11, 12, 14 e 17) pudemos também perceber esse escalar nas interações e comunicações do grupo.

Em alguns momentos, principalmente nas sessões 11 e 16, houve uma queda na interação do grupo, o grupo não conversou muito entre si, e se dirigiram mais à terapeuta novamente. Musicalmente, foram sessões nas quais as expressões se deram através da canção; porém, as canções foram utilizadas novamente (como nas primeiras sessões) de forma mais individual pelos integrantes, ao invés de serem utilizadas de forma compartilhada como em outros momentos. Um movimento de oscilação que consideramos normal ao processo do grupo.

Com a mudança no processo de interação do grupo, os integrantes permaneceram com suas características individuais, os momentos de silêncio permaneceram e as falas com baixa intensidade contrastando com a alta intensidade de MO. Porém aos poucos esses sons e silêncios foram dialogando e criando um ambiente com outras sonoridades, com outras variações, com mais diversidade, ao invés somente dos intervalos de silêncio do grupo e sons de MO. Podemos comparar os Gráficos 1 e 2 e os Esquemas 1 e 2 para perceber essas mudanças na dinâmica do grupo. No Gráfico 2 podemos perceber uma complexidade bem maior com relação as expressões verbais e sono-musicais na sessão. Nos Esquemas 1 e 2 podemos também notar a modificação no direcionamento dessas expressões.

A questão da interação do grupo está diretamente ligada ao processo de se tornar um grupo. Tornar-se um grupo não é apenas estar junto em um mesmo espaço escutando ou fazendo música. Pavlicevic (2003) discorre a respeito de como pessoas que passam por uma experiência similar, juntos experienciam uma sensação de se sentir parte de “algo maior”. As experiências coletivas, realizadas através da música, também podem

possibilitar uma sensação de união. Outro aspecto que aponta para um processo que caminhava para uma maior interação é a criação de rituais. É comum que os grupos desenvolvam seus próprios rituais (Pavlicevic, 2006). Neste grupo, os rituais surgiram espontaneamente. Alguns rituais foram citados na descrição do processo musicoterápico: o início da sessão e a forma de utilização das canções.

Outro ritual desse processo foi criado pela musicoterapeuta ao longo das sessões e que ela só percebeu esse ato como um ritual para o grupo quando realizou as entrevistas finais e percebeu o quanto era significativo para o grupo. A musicoterapeuta chegava no CAPS carregando todos os instrumentos utilizados na sessão e ao chegar na sala retirava todo o material e os colocava arrumados no centro da sala. Pavlicevic (2006) coloca que o ritual muitas vezes não é percebido como tal ou mesmo notado, porém, dá ao grupo a sensação de que algo especial está acontecendo. Os rituais criados pelo grupo desta pesquisa parecem ter sido como tal. Algo que era feito espontaneamente, e da mesma forma, repetido ao longo das sessões e que no decorrer ou ao final do processo demonstraram ter importância e significado ao grupo.

Outro aspecto trazido nas entrevistas a respeito da experiência no grupo foi em relação a este ser um ambiente mais descontraído, no qual havia brincadeira entre os participantes, risadas, conversa e música. Presenciamos esse ambiente descontraído em diversos momentos ao longo do processo, pudemos perceber isso nos sorrisos, risadas e até mesmo no tranquilo sono de HI. Houve também nas entrevistas e nas sessões relatos a respeito de falar em sessão que trouxe algumas reflexões a pesquisa.

Porque tem dia que a gente não quer assim falar, assim dialogar, parece que ele olha com aqueles olhos pra mim, de quem diz “fale alguma coisa”, porque eu não falo nada lá dentro (LU)

MA: Mas a música cantada, assim tipo, entendeu? Não...

P: Como, como que seria diferente?

MA: Mais ou menos assim como a gente faz.

P: Aham. Mas assim, mas o que você não queria?

MA: Ah, ficar muito conversando. (Relato de sessão)

Porque você faz um trabalho que uma pessoa às vezes que é mais fechada assim, às vezes cê quer falar alguma coisa a pessoa te corta. Eu vi que às vezes alguém

falava no grupo assim e você deixava falar, né? Entendeu, e às vezes tem pessoas que não. Você quer falar alguma coisa e te cortam, então aquilo lá cê já cria uma barreira, né? [...] Porque a gente tinha que falar sempre da dor, da dor, da perda, que nem eu tive, mas então aqui eu acho que era mais ao contrário, aqui você se soltava com a música e esquecia a dor [...] Porque nos grupos é bom assim você falar da dor, é importante você falar, pra tentar compreender por que você sente aquela dor. E a música, ela acho que tira um pouco da tua dor, tipo, cê tá cantando cê não tá muito focada ... né? (MA)

Aqui podemos discutir dois temas. Um em relação a se criar um ambiente de certa “obrigatoriedade” em se falar em grupo, e como isso pode se tornar uma barreira que distancia o sujeito da proposta do grupo. LU, por exemplo, que nesse trecho reclama dessa obrigatoriedade, elogia em outro o incentivo da terapeuta a participação na sessão. Além disso, LU era uma das integrantes do grupo que mais falava em grupo, inclusive ela reclamava da pouca participação dos outros membros. MA também traz a questão da obrigatoriedade em relação a um certo cansaço de grupos que funcionam através do relato de cada participante. Ela discorre sobre como estar em grupo, todos os dias da semana, sendo requisitado a falar, pode ser cansativo.

MA aponta também para a necessidade de cuidado com o momento de participação dos integrantes, pois, cortar um integrante do grupo, especialmente alguém mais “fechado”, como coloca MA, pode também criar uma barreira. Pelos discursos e experiência em sessão, o ambiente descontraído e de liberdade do grupo propiciava essa sensação de um incentivo sem obrigatoriedade ou de abertura para que a pessoa pudesse dividir suas histórias quando quisesse, sem medo de ser interrompida.

O grupo tinha um papel ativo no desenrolar das sessões, assim se decidissem que naquela sessão seria importante apenas conversar, era isso que seria feito, sem pressa, sem precisar que todos contribuíssem necessariamente a discussão e isso dava mais tempo àqueles que naquele dia sentiam a vontade de falar. HI traz em sessão, quando se perguntou o que gostariam que ficasse no lugar da sessão de Musicoterapia quando a pesquisa finalizasse, que gostaria de ficar ali escutando o grupo cantar.

HI: Ficar aqui.

P: Ficar aqui, como assim?

HI: Escuta vocês cantando (Relato de sessão)

Isso nos colocou a pensar sobre a importância de dar espaço também no grupo para a escuta, e o quanto esta pode ser também importante para o sujeito. Em muitos momentos, HI dormia em sessão e lhe era dada liberdade para tal, mas se pode perceber ao longo das sessões a importância de HI no grupo. Ao final do processo em sua entrevista se pôde perceber o quanto aquele tipo de estrutura de sessão mais descontraído foi importante para ele. Pavlicevic (2006) aponta para essa característica do grupo ser uma micro-sociedade:

Todos em seu grupo – e isso inclui você como o líder do grupo – é muito mais que uma pessoa que veio ter uma experiência musical em grupo. Cada um de nós traz nossas experiências físicas, mentais e sociais de nós mesmos no mundo; nós trazemos as nuances e sabores da nossa cultura e identidade, nossa cosmologia, nossas preferências musicais e experiências musicais passadas. Nós também trazemos nossas tendências nos relacionamentos humanos e nossos engajamentos criativos com a vida (Pavlicevic, 2006, p.23, tradução nossa).

Nesse relato, a autora traz duas importantes questões. Uma, a respeito da responsabilidade do terapeuta acolher diferentes formas de se estar em sessão, diferentes musicalidades que dizem de uma forma de estar no mundo. Muito mais do que respeitar a liberdade de escolha, diz de um respeito à forma como essa pessoa encontrou para viver, ou em muitos casos ali, para sobreviver. Afinando-se a essas colorações de cada integrante que no grupo formam uma verdadeira aquarela é que se encontra a potência criativa do grupo. Potência de criar para si mesmo novas possibilidades e para em grupo criar uma forma singular de estarem juntos. Mas para isso foram necessárias algumas intervenções da musicoterapeuta que serão melhores discutidas a seguir.

“Apesar dos atos do musicoterapeuta serem baseados em pensamento clínico, seus atos são musicais” (Pavlicevic, 2006, p.107, tradução nossa). Bruscia (2000) define intervenção como a ação que tem como objetivo uma mudança em uma situação existente. Assim, nem toda ação do musicoterapeuta é uma intervenção, muito do trabalho do musicoterapeuta é uma atuação clínica, que visa não só intervir, mas acolher, acompanhar ou compreender. Essa diferenciação será melhor aprofundada nas considerações finais, já que foi fruto de uma reflexão realizada durante a pesquisa, porém, não foi o foco desta pesquisa.

As intervenções musicoterápicas possuem sua especificidade em se tratarem de intervenções realizadas principalmente através de atos sonoro-musicais a partir de um compreensão clínica do fenômeno. Podemos pensar que de modo geral as intervenções musicoterápicas propostas durante este trabalho tinham como objetivo permitir, possibilitar ou facilitar que os membros do grupo pudessem ter uma experiência significativa de si mesmos e de seus companheiros de grupo. Compreende-se que as intervenções realizadas ao longo do processo não foram somente sonoro-musicais, porém, estas eram o foco central do trabalho. Além de propostas de novas formas de se estar na música, como a improvisação, no caso desse grupo, e atividades, como a de “Eco”, a maioria das intervenções são realizadas através de ações musicais.

Pavlicevic (2006) diferencia o trabalho do não-musicoterapeuta, que pode oferecer a oportunidade de criar boa música, comunidade, experiências sociais, do trabalho do musicoterapeuta que pode realizar as mesmas tarefas, mas pode também reparar uma falta de coesão, rigidez ou fragmentação que pode ser o resultado de uma desordem, falta de habilidade ou disfunção neurológica, psicológica, emocional ou social. Alguns exemplos de ações da musicoterapeuta realizadas durante este trabalho são: afinar-se ao grupo, propor improvisação, utilizar de estruturas musicais como suporte às produções em grupo, utilizar da canção âncora e criar espaço para todas as musicalidades.

Afinando-se ao grupo

Uma das principais tarefas do musicoterapeuta é a de se afinar ao grupo. O musicoterapeuta deve se afinar com a musicalidade que emerge dos indivíduos e do grupo. Essa sonoridade muitas vezes não se percebe através dos sons apenas, mas da ritmicidade de um andar, da velocidade de uma respiração, da intensidade da voz. As informações percebidas através dos afetos de vitalidade e da musicalidade comunicativa do grupo, de expressões verbais ou corporais. São percepções que dão indicações a respeito de como esse indivíduo pode estar e como sonoro-musicalmente podemos estar junto a ele (Pavlicevic, 2006). Todas essas informações são utilizadas pelo musicoterapeuta para o desenvolver da sessão.

Como coloca Trevarthen (2011), aprendemos sobre o mundo, e as relações estabelecidas com este, através de várias ferramentas, uma delas é a musicalidade. Essa musicalidade fornece expressividade a nossos atos comunicativos (Malloch & Trevarthen, 2009). O conceito de musicalidade comunicativa se relaciona com a percepção de Stern (1998) sobre o papel das sonoridades e músicas na constituição dos

afetos de vitalidade. O autor desenvolve, a partir da ideia de Aristóteles a respeito da correspondência sensorial, o conceito de afetos de vitalidade. Ele defende que experimentamos uma mesma qualidade partindo de vários sentidos. Por exemplo, em um caminhar podemos verificar andamento, intensidade ou forma, podemos perceber a qualidade de intensidade através da visão, da audição ou mesmo do tato (o estremecer de um chão de madeira quando pisado).

Os afetos de vitalidade são experiências subjetivas de qualidades de sensação que não se ajustam ao vocabulário de afetos existentes. Eles estão presentes também nos afetos categoriais (raiva, tristeza, alegria), porém estão também presente para além destes. Eles representam dinâmicas temporais (crescendo, explodindo, intensidade, tipos de ritmicidade ou de fluidez), elas falam de maneiras de sentir mais do que um sentimento específico. O bebê, por exemplo, quando observa o comportamento dos pais não consegue atribuir um sinal de afeto a este comportamento, é a forma como a mãe o levanta, como seu pai troca sua fralda, como soa e se sente o vento antes de tempestade. Através dessas percepções ele vai construindo seu repertório de musicalidade comunicativa com os outros e com o mundo.

Os conceitos de musicalidade comunicativa e de afetos de vitalidade nos dizem de uma musicalidade presente nas relações e comunicações estabelecidas com o mundo. Assim, através da experiência musical além dessas musicalidade, que falam do tipo de relação que o sujeito tem com o mundo, possibilitam que ele viva musicalmente essas relações e no caso do grupo entre em contato com outros tipos de musicalidade, ou de formas de estar no mundo.

O musicoterapeuta olha para o grupo como pessoas com qualidades de energia, como define Pavlicevic (2006), como qualidades de ser, naquele momento e com sua história, e a junção dessas qualidades naquele grupo, naquele momento. E a partir daí poder se afinar a essas qualidades, sintonizar-se. O grupo está silencioso, animado, paralisado, entorpecido, distraído? Alguns membros estão silenciosos outros altissonantes, alguns paralisados outros vibrantes? Como se afinar a diferentes tonalidades de grupo? Essa última questão era a mais relevante durante o processo musicoterápico do grupo em questão. Pois havia claramente uma comunicação de informações conflitantes. Assim, mesmo que a musicoterapeuta pudesse perceber esse conflito, precisava manejar, afinar-se e estar na música de maneira flexível a ambas as qualidades de energia do grupo. A música dá essa possibilidade de ser flexível a diferentes qualidades. Porém, ao estar em afinação com MO muitas vezes a musicoterapeuta saía de

sintonia com o restante do grupo. Esse tipo de qualidade de fazer música (intensa, altissonante, acelerada) refletia no grupo como desconforto. Assim como a forma do grupo estar em sessão (quietinho e amuado – nas palavras de MO), também o incomodava. Esse desconforto é totalmente compreensível, já que de fato os membros do grupo não encontravam uma afinação, um jeito de estar na música que abarcasse a todos os membros.

Pavlicevic (2006) relembra as dificuldade de qualquer grupo de lidar com a tensão entre aspectos e necessidades individuais e em grupo. Ela relata que muitas vezes o musicoterapeuta se vê em uma situação em que precisa decidir entre necessidades conflitantes de membros diferentes. Segundo a autora, o musicoterapeuta precisa se afinar aos atos sonoro-musicais, pensamentos e sentimentos pessoais e eventos interpessoais enquanto ainda permanecer engajado no fazer musical que acompanha o grupo. E a partir daí tomar decisões na sessão e através de intervenções sonoro-musicais.

A ideia era que o grupo não ficasse polarizado, separado, devido a suas formas diferentes de estar na música. O movimento corriqueiro do grupo era deixar MO no lugar de fazer música enquanto eles ouviam apenas. Essa eram as posições que estavam acostumados a assumir, silêncio e som. Apesar do grupo aparentemente estar fluindo, “grooving”, na verdade aquela era uma produção confortável ao grupo, porém que não privilegiava sua coesão, ao contrário, os distanciava cada vez mais. Revisitando as sessões, percebemos que a musicoterapeuta tinha algumas atitudes que reforçavam o movimento do grupo. Porém, no momento em que isso acontecia, mais nas primeiras sessões, a musicoterapeuta não se dava conta desse movimento. Um dos exemplos era o de reforçar o lugar central de MO no grupo e sua predominância na música. Um das falas da musicoterapeuta que nos fez pensar nisso foi dizendo por exemplo no início do ritual do grupo (no qual MO chegava na sala e começava a tocar e cantar), ou mesmo muitas vezes ao privilegiar os sons de MO aos silêncios dos outros participantes.

De certa forma, o grupo polarizado era também vivenciado pela musicoterapeuta, que começou a se incomodar, a se sentir perdida no grupo, até reconhecer esse movimento e as possibilidades de ação a partir dele. Outra postura percebida foi a de muitas vezes até se dar conta que o ritual de início era de fato um ritual do grupo, falar “agora vamos começar a sessão” ou discursos similares, enquanto posteriormente foi entendido que a sessão já havia começado há muito tempo.

Estes são exemplos de um caminhar também da musicoterapeuta. Muitas vezes, nos deparando com a literatura, achamos que é um erro fatal não perceber um movimento

do grupo, entrar em um movimento do grupo que não privilegia uma produção coletiva, não conseguir se afinar com seu grupo, entre tantas outras preocupações. Porém, esquecemos que o caminhar do grupo também é o nosso caminhar, e se não o fosse, não estaríamos sendo autênticos em nossa relação com os outros membros desse grupo do qual também somos participantes. E que acima de tudo, além de terapeutas, somos humanos e se não erramos, assim como o outro, em que posição isso nos colocaria? Certamente não de igualdade...

A pesquisadora deixou o fluir do grupo acontecer, mesmo depois de perceber que aquela forma de estar musicalmente em sessão estava sendo difícil para alguns integrantes. Num primeiro momento a musicoterapeuta esperou para ver se o grupo reagia àquele desconforto. Mas o grupo não o fez. Assim, quando ela percebia expressões de muito desconforto, se dirigia ao grupo perguntando como estavam e o que achavam da forma da produção musical que estava sendo realizada pelo grupo. Os colocando em processo de reflexão sobre o que estava acontecendo no grupo.

Pavlicevic (2006) discorre a respeito de grupos co-existindo dentro de um mesmo espaço, e aponta que nem sempre o grupo tem consciência dessa subdivisão, indicando que o musicoterapeuta use isto de forma criativa, não transformando esse movimento em um problema, mas tentando “celebrar a diversidade” do grupo. Para isso a musicoterapeuta achou necessário realizar algumas intervenções para facilitar esse encontro do grupo num espaço musical comum.

Propor Improvisação

Uma das intervenções propostas ao grupo foi a da improvisação. Pois a musicoterapeuta acreditava que talvez em um lugar mais desconhecido, porém, atrativo a MO, ele pudesse descobrir novas formas de estar na música, já que estaria fora de sua zona de conforto, a canção. Para o restante do grupo isso possibilitaria um espaço em que todos poderiam estar juntos, mesmo com baixa intensidade, e se complementarem. Porém, antes de propor a improvisação ao grupo, foi necessário endereçar a ele duas questões: a interação do grupo e a questão do receio do grupo com relação aos instrumentos. Assim, o primeiro passo tomado, foi apresentar de forma lúdica e musical todos os membros do grupo por seus nomes, já que os integrantes não sabiam o nome de seus colegas de grupo. Com relação aos instrumentos foi proposta uma experimentação para que o grupo conhecesse os sons dos instrumentos de forma segura e controlada.

O território da canção poderia ter sido o espaço pelo qual o grupo encontraria seu *groove*; porém, não foi inicialmente o melhor caminho pelo qual o grupo conseguiu estar junto. Num primeiro momento foi o caminho possível, já que foi escolhido pelo grupo. Mas que não facilitava essa interação. Posteriormente com o grupo já mais interativo e coeso a canção se tornou um lugar onde o grupo poderia também estar em *groove*. A improvisação de fato deu uma cara nova ao grupo, uma possibilidade de troca bem maior do as canções estavam proporcionando. Mesmo assim, a musicoterapeuta mesclava propostas de improvisação em algumas sessões e noutras perguntava no início do grupo que tipo de fazer musical queria no dia, e geralmente o grupo decidia pela canção. Porém, após algumas sessões com as improvisações o grupo já tinha mudado um pouco sua forma de lidar com as canções, permitindo mais interatividade.

Utilizar de estruturas musicais como suporte as produções em grupo

Como mencionado ao longo do trabalho, criar estruturas de apoio ao grupo era algo bastante necessário ao processo. Uma das estruturas utilizadas para auxiliar aos objetivos do grupo era a musical. As diferentes formas de criar estruturas musicais (através de elementos estruturais musicais como pulsação ou harmonia, ou através de modelos estruturais ABA, AABAA, ABAB¹²) podem ajudar o grupo a se situar, pode orientar os integrantes e facilitar a vivências de um mesmo momento musical.

Segundo Pavlicevic (2006), as estruturas musicais podem oferecer um lugar de segurança e familiaridade ao grupo por se tratarem de convenções culturais aprendidas desde as primeiras relações do bebê com a música. Assim, os integrantes do grupo podem improvisar espontaneamente, experimentar novas sonoridades, ritmos, melodias, e retornar a um coletivo, no refrão, por exemplo. Este retorno a um ponto em comum ao grupo possibilita a sensação de sentir-se incluído, parte de algo que está sendo construído coletivamente.

Utilizar da Canção âncora

Outra forma de intervenção foi através da canção âncora. A canção-âncora é um termo criado pela musicoterapeuta Márcia Cirigliano (1997, 2004), para quem o termo se refere a uma canção trazida pelo musicoterapeuta durante a sessão que surge a partir de uma circunstância apresentada pelo sujeito atendido que mobiliza o terapeuta. A canção-

¹² As siglas mencionadas se referem a A (estrofe) e B (refrão).

âncora serve, segundo a autora, para ajudar o musicoterapeuta a sair de um estado “paralisado”, de impasse, que possa se encontrar diante tal circunstância. Seria uma ancoragem terapêutica pessoal.

O termo canção-âncora, utilizado neste trabalho, diz respeito a uma possível variação desse conceito criado por Cirigliano. Nos referimos nesse trabalho a uma canção que surge no contexto grupal e que tem a mesma função da canção-âncora proposto pela autora, porém, direcionada ao grupo ao invés do terapeuta. É uma canção que dá suporte, segurança e conforto em situações conflitantes, um acalanto escolhido pelo próprio grupo. No contexto desta pesquisa a canção âncora, foi utilizada em vários momentos do processo grupal, muitas vezes enquanto um pedido do grupo noutras como uma intervenção da musicoterapeuta. A canção âncora surgiu do próprio grupo e foi utilizada pela musicoterapeuta como ferramenta.

Criar espaço para todas as musicalidades

*It don't mean a thing,
if it ain't got that swing.¹³*

O *groove* é um conceito utilizado na música e adaptado por Keil (s/d) para falar do espaço musical flexível que acolhe diferentes tempos musicais. Uma das intervenções musicoterápicas utilizadas durante esse processo foi o de possibilitar um estado de *groove* no grupo, muitas vezes criando, através da música, espaços de acomodação. O grupo, a partir dessa experiência, pôde experimentar uma inclusão proporcionada pelo momento musical. Como vimos nos depoimentos, a possibilidade de estar com outras pessoas que passam por situações similares deu a alguns integrantes do grupo a possibilidade de relaxar, de se permitir estar como se é, experimentar se colocar em situações novas, enfim, deu-lhes confiança. Porém, a experiência de sentir como um só em um grupo, em um só fazer, começou na música.

Essa experiência de se sentir como um só, foi nomeado pela pesquisadora durante o processo de reflexão sobre o grupo; não houve relatos específicos a este caso, e pode ser que seja apenas uma impressão da pesquisadora. Porém, enquanto partícipe do grupo, ela em alguns momentos musicais se sentiu um só junto ao grupo e o grupo como um só.

¹³ Jazz de 1931, composição de Duke Ellington e letra de Irving Mills.

Ansdell (2006) menciona uma experiência, descrita por ele e por Pavlicevic (2006), em um hospital psiquiátrico. O grupo iniciou com sete integrantes com diferentes humores, energias e necessidades, e a música produzida era uma colagem de monólogos. Aos poucos a comunicação musical foi sendo estabelecida, o que levou a uma experiência de congruência musical, física e emocional. Eventualmente o grupo pôde vivenciar o que os autores chamam de “musical communitas”, no qual tempo, espaço, gesto e energia comuns são divididos pelo grupo no qual se podem encontrar diversidade e unidade.

Acreditamos que o caminhar do grupo da pesquisa de Ansdell e Pavlicevic foi parecido com o caminhar do grupo desta pesquisa. A experiência que vivenciamos em grupo foi um desafio, a diversidade do grupo nos fez ter que lidar com a diferença. Mas foi possível nos encontrarmos nesse espaço de congruência e posteriormente em uma “musical communitas”. Ao vivenciarem esse ambiente, os integrantes do grupo puderam experimentar uma outra e nova possibilidade de si mesmos, novas vivências, re-experimentar situações em que não se colocavam há muito tempo, alguns há meses, outros há anos.

4.3 A experiência dos participantes no grupo de Musicoterapia

As entrevistas finais utilizaram como recurso uma pergunta-disparadora: *Como foi sua experiência no grupo de Musicoterapia?* Esta pergunta serviu para que pudéssemos nos aproximar da experiência dos participantes da pesquisa no grupo de Musicoterapia. A partir da análise das entrevistas – que se encontram em anexo – foram separadas estruturas essenciais: avaliação, características da terapeuta, diferenças em comparação a outras oficinas e grupos terapêuticos e as repercussões dessa experiência.

Avaliação

Com relação à avaliação, o grupo oscilou entre membros que consideraram a experiência positiva e membros que consideraram a experiência razoável, negativa ou indiferente. A tabela abaixo demonstra essa oscilação:

AVALIAÇÃO	Nº	Integrantes				
No início não gostava, depois passou a gostar	1	AN				
Positiva	5	MA	LU	MO	ZI	NEI
Negativa	2	RO	LI			
Indiferente	1	VA				
Razoável	1	HI				

A tabela demonstra que 6 participantes avaliaram positivamente sua experiência. HI considerou a experiência razoável, porém durante sua entrevista aponta que se pudesse continuaria participando do grupo.

Pra mim a música faz muito bem ... Paz, me sentindo assim bem aliviada (LU)

No começo assim eu não tava gostando muito ... Depois foi indo ... Eu acabei gostando (AN)

Alguns participantes tiveram uma experiência negativa. Isso alerta para a possibilidade de que a Musicoterapia em grupo não fosse a melhor estratégia terapêutica para esses sujeitos.

Não foi muito bom ... Não me sentia bem ... Às vezes me sentia muito mal com as músicas (RO)

Nada vai me ajudar. Nada. Só vou onde me mandam (VA)

O que fizeram esses indivíduos avaliarem suas experiências como negativas? Por que eles permaneceram no grupo mesmo não querendo estar? Por que seus PTS não foram modificados durante o processo? Algumas dessas perguntas puderam ser respondidas ao longo das entrevistas. Alguns participantes discorreram a respeito de momentos de desconforto durante o grupo:

Sentia aflição... Uma tristeza [no começo] [...] Não estava acostumada a ouvir música assim... Fazia tempo que eu já tava meia isolada (AN)

É como se mexesse alguma coisa por dentro ... A música... Daí eu começava a passar mal [...] Eu escutava vozes e ficava me sentindo muito mal, me dava crise nervosa, agitação (RO)

Nesse momento que eu queria sair correndo, era o dia que eu assim não estava bem né, não queria ficar ali ouvindo música, mas eu fazia uma forcinha né, pra ficar (LU)

Ah, pra mim foi um terror [...] a porque eu não gosto, eu não consigo me sentir bem com música [...]eu tenho vontade assim de de fazer voar tudo longe, de jogar

as coisas muito longe, tenho raiva muita raiva. [...] Desespero, vontade de sair correndo, ir embora. (LI)

Aqui podemos observar que as quatro integrantes (RO, AN, LU e LI), que discorreram sobre seus momentos de desconforto, haviam relatado em sua entrevista inicial não escutar mais música em seu cotidiano (com exceção de AN que escutava músicas religiosas, mesmo assim ela mesma considerava que escutava pouca música). Em seus relatos, descritos acima, podemos verificar a ligação de seu desconforto com sua relação com a música. AN, por exemplo, explicou que não estava mais acostumada a ouvir música e por isso no começo sentia aflição e tristeza. Depois ela relatou que se acostumou e começou a se sentir melhor nos encontros. RO fez uma descrição bastante similar a da sua entrevista inicial sobre sua relação com a música, quando ela escutava música costumava ter essas reações. LU relatou que quando não estava se sentindo bem ela não queria estar na sessão, mas fazia um esforço para permanecer. LU também relatou em sua entrevista inicial sobre não escutar mais música desde que perdeu a “vontade da vida”.

O que podemos observar nessa análise é a importância de compreender o contexto de vida de cada integrante do grupo, especialmente de suas relações com a música. Já que, conhecendo suas relações com a música, é possível ficar atento a desconfortos, muitas vezes graves, como no caso de RO, para que o musicoterapeuta possa adequar a sessão, levando em conta essa dificuldade.

RO, AN e LU relataram dificuldade em expressar seu sofrimento, desconforto e vontade de sair da sessão.

Eu ficava quietinha ... Eu não queria incomodar os outros do grupo [...] Vergonha de chegar e falar que não queria participar (RO)

Todas essas integrantes tinham um bom vínculo com a terapeuta e com os participantes do grupo. Além disso, a musicoterapeuta perguntava constantemente ao grupo como estavam se sentindo e deixava livre aos membros a escolha de participar do grupo ou não e de sair a qualquer momento. Também indagava especificamente a estas integrantes sobre como estavam se sentindo quando percebia em suas expressões faciais algum desconforto. Mesmo assim podemos observar que houve vários momentos em que

esses participantes não conseguiram expressar esse sofrimento e tomar para si a decisão de permanecer com aquela oficina/grupo musicoterapêutico como escolha em seu PTS.

Isso nos faz refletir a respeito do porquê estas mulheres não tomavam para si o poder de decisão sobre as atividades terapêuticas que queriam ou não participar. Será essa a consequência de um funcionamento institucional? Será um comportamento submisso aprendido ao longo de sua história de vida ou suas histórias de internamentos? Será uma característica pessoal ou situacional? Outra reflexão possível, frente esse discurso, é a respeito ao PTS, sobre o quão cuidadoso deve ser não só o momento de construção inicial do PTS, mas também, o de acompanhamento deste e de sua constante transformação.

LI foi a única integrante que pedia para não participar, conversou com sua terapeuta de referência e com a musicoterapeuta sobre querer sair do grupo. A musicoterapeuta ao ouvi-la, deu liberdade para ela não participar quando não quisesse, e de fato, LI faltou em muitas sessões.

Características do terapeuta

Alguns integrantes também mencionaram algumas características da personalidade e trato da musicoterapeuta com o grupo que, segundo eles, facilitou o processo.

Você é uma pessoa muito simpática [...] carismática [...] você com todo esse carinho pela música né, colocando esses instrumentos tudo ali, trazendo aquelas caixinhas bonitinhas [...] é algo comovente (MO)

Esse relato de MO tem relação a sua vontade de trabalhar com a música; assim, ele se identificou com o que representou como um empenho da musicoterapeuta de estar ali para trabalhar com a música. Interessante notar o quanto pequenos gestos, mesmo que impensados, podem criar uma conexão e um sentido. Nem sempre será uma atividade ou uma intervenção que será o mais significativo ao participante do grupo, mas, às vezes, uma simples atitude ou característica do terapeuta. Rogers (1961/1987) traz um relato que reafirma essa compreensão da importância das atitudes do terapeuta baseado em diferentes pesquisas a respeito das psicoterapias:

[...] as atitudes e os sentimentos do terapeuta são mais importantes que a sua orientação teórica. Os seus processos e as suas técnicas são menos importantes do

que as suas atitudes. Deve também sublinhar-se que é a maneira como as suas atitudes e os seus processos são *apreendidos* que é importante para o cliente, de uma importância crucial. (Rogers, 1961/1987, p. 48, grifos no original)

Souza (2006) – em artigo sobre investigações em psicoterapia – apresenta diversas pesquisas que relatam os fatores que mais contribuem para a promoção de mudanças terapêuticas. Um dos fatores é o que são chamados “fatores comuns” que dizem respeito, não a uma abordagem teórica ou um tipo de intervenção específica, mas daquilo que é comum a todas, estando ligado principalmente à qualidade da relação terapêutica. Dentre as características dessa relação, que contribuem para a promoção de mudanças terapêuticas, aponta as seguintes: “confiança, aceitação, compreensão, encorajamento para exploração de novos pensamentos e comportamentos, alívio emocional” (Souza, 2006, p.375).

Você né como professora sempre tando ali junto, incentivando a gente a participar (LU)

Podemos perceber que os critérios abordados por Souza (2006) são também apontados em nossa pesquisa como fatores importantes aos integrantes do grupo. É interessante perceber que essa relação de confiança, aceitação e compreensão eram proporcionados também e, talvez, principalmente pelo grupo como um todo, e não somente pela terapeuta (características mencionadas na categorias anterior: empatia, confiança e vínculo). Rogers (1961/1987) ainda discorre sobre a importância do psicoterapeuta se demonstrar caloroso, interessado e respeitador da própria individualidade e a do outro; além da importância da confiança, de se sentir compreendido e o sentimento de independência. VA traz em suas entrevistas um relato a respeito de como se sente no CAPS:

Eu só gosto de vir aqui [...] Aqui eu, meu coração parece que dói um pouquinho menos quando venho aqui [...] A calma que eles tem de conversar com a gente [...] Eles entendem né (VA)

VA demonstra a importância de atitudes que Rogers e Souza mencionam como uma atitude calorosa e interessada de escuta, confiança, aceitação e compreensão; o que

trazem a ele um alívio emocional. Uma característica que o grupo considerou importante foi a personalidade extrovertida da terapeuta, que para este grupo pareceu criar um ambiente em que se sentiam confortáveis. Além disso, MA atentou à importância da liberdade do grupo falar, sem que a terapeuta os interrompesse.

Você assim é, cativa as pessoas... Você se sente mais segura, do que uma pessoa assim que ela é mais fechada, assim sabe? [...] que todo mundo assim se sentiu mais à vontade de vir. Porque você faz um trabalho que uma pessoa às vezes que é mais fechada assim, às vezes cê quer falar alguma coisa e a pessoa te corta. Eu vi que às vezes alguém falava no grupo assim e você deixava falar, né? Entendeu, e às vezes tem pessoas que não. Você quer falar alguma coisa e te cortam então aquilo lá... cê já cria uma barreira (MA)

Podemos pensar em uma liberdade não só para a fala dos participantes, mas também da importância da liberdade como um todo nos trabalhos em grupo. Rogers (1970/1994) discorre sobre a importância do grupo trilhar seu próprio caminho, sobre a importância dessa liberdade. Podemos ainda abordar a especial importância dessa liberdade a participantes de grupos em Saúde Mental, já que sabemos historicamente o quanto esses sujeitos foram calados e que continuam em seu cotidiano a ser destituídos de seu saber e controle sobre sua vida e sua saúde, devido a um estigma que ainda carregam.

Diferenças entre a Musicoterapia e outras Oficinas e Grupos terapêuticos

Perguntamos a alguns participantes durante a entrevista final sobre as possíveis diferenças e similaridades do grupo de Musicoterapia com as outras oficinas e grupos terapêuticos oferecidos pelo CAPS. Essa pergunta não foi pensada previamente, foi acrescentada durante o momento da entrevista, assim como outras perguntas que partiram do diálogo realizado com o entrevistado. A questão foi realizada com somente quatro integrantes da pesquisa. Consideramos o conteúdo trazido interessante para a discussão da pesquisa, por isso as respostas foram utilizadas. Os relatos revelaram que os quatro participantes achavam que o grupo de Musicoterapia era diferente dos outros grupos e discutiram a respeito dessa diferença.

Mais comunicativo (AN)

É que nas outras equipes não é, não tem música né, não tem assim as pessoas se dialogando, brincando, que nem tinha aqui na Musicoterapia (LU)

A gente se expressava mais assim com a dor que a gente tinha. Aqui a gente se, soltava a dor, acho que na música né? Porque a gente tinha que falar sempre da dor, da dor, da perda, que bem eu tive, mas aqui eu acho que era mais ao contrário, aqui você se soltava com a música e esquecia da dor (MA)

Eu achei diferente porque os outros grupos falam muito de coisas ruins né, pessoas falando das que aconteceu na vida deles, e coisas ruins, coisas que deixam a gente assombrado [...] Não gosto muito de ficar ouvindo essas coisas assim sabe, muita coisa ruim, e na coisa é da Musicoterapia gente escuta coisas boas né, é música, alegria, conversa assim, você conversa assim das música né, coisas de Deus assim né, é uma coisa, o grupo melhor que eu achei era a terapia das música, o grupo que achei melhor. (HI)

É que ela mexe mais com o sentimento... Mexe mais com o emocional (ZI)

As estruturas em comum nesses discursos dizem respeito a três características principais: o grupo ser mais dialogado, mais comunicativo; a forma descontraída de funcionamento do grupo; o foco do grupo ser a música, o grupo mexer mais com o emocional.

Uma pesquisa realizada por Goldberg, McNiel & Binder (1988) discorre sobre as diferenças e similaridades dos fatores terapêuticos de grupos de psicoterapia e Musicoterapia. A análise dos terapeutas, a partir dos relatos e avaliações dos participantes, revela que na Musicoterapia havia mais interação entre os participantes do grupo e mais expressões emocionais, enquanto a psicoterapia enfatizava mais a solução de problemas concretos. Podemos perceber que algumas falas dos participantes reverberam com a pesquisa realizada por estes autores. Costa (1989) discorre sobre como é comum ouvir relatos de que a Musicoterapia dá prazer, que diverte, agrada e distrai. Um grupo ou oficina voltada para a música parece produzir, dependendo é claro de como é conduzida e seus objetivos, um ambiente mais descontraído e informal. O que pode facilitar a interação entre seus integrantes.

Foi interessante perceber também a discussão trazida por HI e MA sobre a relação com o sofrimento que era estabelecido no grupo de Musicoterapia. Para eles o grupo não se focava na dor e no sofrimento, e isso o tornava diferente das outras terapias. MA e HI

compreendiam que o enfoque dos outros grupos era em seu sofrimento, e no grupo de Musicoterapia o enfoque era diferente, o foco permanecia na música, o que permitia que eles “*esquecessem*” a dor e usassem o espaço para falar de “*coisas boas*”. MA discorre sobre como em outros grupos se expressava através de sua dor enquanto que na Musicoterapia se expressava através da música, possibilitando com que a dor não ficasse em primeiro plano ou enfoque. HI ressalta a importância de momentos em que o foco seja as “*coisas boas*”. Assim podemos pensar da importância na construção de um PTS que leve em conta atividades mais descontraídas, pois, pelo relato dos participantes, isso pode ter grande importância.

4.3.1 Repercussões da Experiência no Grupo de Musicoterapia

Neste momento do capítulo utilizamos como mais um passo de aproximação à pergunta que direciona esta pesquisa: quais as repercussões clínicas apresentadas por sujeitos em sofrimento psíquico grave frente a experiência em um grupo de Musicoterapia? Nas entrevistas finais alguns membros do grupo discorreram a respeito de conquistas que obtiveram ao longo do processo musicoterápico, utilizamos essas informações e a complementamos com nossa percepção do processo musicoterápico tanto do grupo quanto de seus integrantes. Essa percepção estará baseada em nossa participação enquanto integrante do grupo e musicoterapeuta do grupo, e em suas análises a partir do material coletado.

As repercussões da experiência do grupo de Musicoterapia dessa pesquisa foram as seguintes: mudanças na relação com a música; interação; descontração e distração; conquista de objetivos pessoais; elaboração de experiências recordadas; novas formas de realizar catarse; um projeto de vida; repensar a relação com o outro, repensar-se frente ao outro; vivenciar novas experiências; um espaço para estar; sentir-se compreendido; desconforto.

Mudanças na relação com a música

“Consegui ouvir música” (MA)

Um dos temas que surgiram em relação às repercussões da experiência com o grupo de Musicoterapia foi o que fala das mudanças na relação com a música. Pudemos perceber essa mudança em alguns os membros do grupo. Parte das mudanças foi em

relação a reaproximação de alguns integrantes à experiência musical. Como mencionamos, havia pessoas que não escutavam música há meses ou até anos.

Para LU conseguir escutar música em sua casa foi a consequência de uma mudança que ocorreu durante o grupo em sua relação com a música. LU não escutava mais música pela perda “*da vontade... De algumas coisas, vamos dizer assim, da vida*”. Assim, podemos pensar que outras repercussões advém de uma mudança na relação com a música. Se LU parou de escutar música porque perdeu a vontade de viver, o que representa para ela voltar a escutar música, além de uma conquista pessoal? Terá sido para LU voltar a escutar música um primeiro passo em direção a uma nova vontade de viver? Esta questão ficou em aberto, pois não foi discutida com a participante.

Conseguí o que... ouvir música na minha casa né (LU)

Conseguí ouvir música, assim mais alto (MA)

Para MA, conseguir escutar música alta representava, segundo seu relato, o início de um caminhar para a superação do isolamento, que a preocupava bastante. Já que ela não participava de diversos eventos da família porque se incomodava com a música alta. AN mencionou o quanto no início do processo era difícil escutar música e o quanto isso foi se modificando até ela se “*acostumar*” a “*aproveitar melhor a sessão*”.

AN: Teve no começo assim, eu não tava gostando muito assim,

E: Aham...

AN: Mas depois foi indo... foi indo que... eu acabei gostando!

E: É? E me fale um pouquinho desse sentimento que você teve no começo, que era ruim para você assim...

AN: Ah porque eu não tava acostumada de escutar música assim...

E: Aham..

AN: ...fazia tempo que eu já tava meia...isolada assim né, de música...

E: Uhum...e daí como que era quando você escutava música que você não gostava muito, assim, aqui no grupo no começo?

AN: Ah eu sentia aflição...

E: Aflição...

AN: Aflição, uma tristeza...

E: Uhum...e você conseguiu perceber o que exatamente te deixava aflita assim? na música que a gente fazia?

AN: Não.

E: Não...você só sentia-se aflita

AN: Só...

E: E quando que isso começou a mudar AN? Quando você percebeu assim que, poxa mas não é só aflição, como é que foi...me conta

AN: *Foi no período que eu fui me adaptando... foi assim... na metade assim..*

[...]

E: Hum... Entendi. E daí como é que foi então depois assim, quando você se acostumou, e você começou a vivenciar diferente o grupo...

AN: *Ah daí eu ficava contente...*

E: Uhum

AN: *aproveitava mais né.*

E: Uhum...O que que te deixava contente?

AN: *Os toque das músicas, as música...*

E: Uhum... e o que que elas te traziam assim?

AN: *Trazia... paz.*

Podemos perceber, na entrevista final de AN, o processo de modificação de sua relação com a música. Apesar de entender que a música ainda trazia lembranças de seu falecido filho, o que a deixava triste e aflita, como ela mesma relatou nas sessões, ela pôde experimentar a música de outras formas também. Além disso, ao longo do processo pudemos acompanhar o quanto as expressões musicais de AN a colocavam numa postura diferente: ao cantar sua voz aumentava de intensidade, e em alguns momentos das improvisações AN se aventurava a ser uma das únicas a escolher um instrumento. O que pode apontar não somente a uma mudança em sua relação com a música, mas também para o fato de como a música a colocava numa “qualidade” (se formos pensar no conceito de musicalidade comunicativa) diferente de se apresentar ao mundo, uma outra disposição que não costumávamos ver nos momentos de interação somente verbal.

Podemos avaliar que, apesar de em muitos momentos RO continuava escutando vozes dependendo da música que era tocada, durante sua experiência no grupo ela pôde vivenciar experiências positivas com a música. Em diversas sessões e em sua entrevista final, RO descreve como a música também em alguns momentos lhe fez se sentir bem.

É, não me sentia bem. Às vezes sim, às vezes eu me sentia bem, às vezes eu me sentia muito mal, com as músicas [...] O bom era o instrumento, que eu me sentia... Me sentia parece mais leve, tocando, mexendo com alguma coisa (RO)

ZI e MO ampliaram suas possibilidades de ação e ganhos com a música. ZI continuou tendo a música como um elemento importante na sua vida, que trazia lembranças boas e ruins, mas conseguiu, durante o grupo, enfrentar e elaborar algumas lembranças doloridas através dela. MO continuou tendo a música como algo essencial em sua vida, porém repensou o que poderia fazer com essa paixão. Isso despertou nele um desejo de investir em si mesmo e ele começou a pensar em como conseguir trabalhar utilizando esse seu dom.

Interação

É eu tava procurando assim, interagir um pouco né (LU)

Tanto MA quanto LU estabeleceram para si metas durante a experiência em grupo, que não foram reveladas durante o processo, mas que ao longo da pesquisa foram apresentados. LU queria superar sua timidez e conseguir conversar mais com as pessoas. MA queria tentar voltar a sair de casa. MA acreditava que se o grupo continuasse ela poderia conseguir superar esse isolamento em que se encontrava.

Então pra mim acho que nessa parte assim de tentar, tentar sair, sabe? Tentar assim sair mais. E com a música já assim, já tolerei assim, aqui no grupo também, tinha que ficar em silêncio [...] mas pra mim assim foi muito bom essa parte de conseguir passar nesse estágio assim, né, de conseguir ouvir música, assim mais alto, assim, né? [...] Mas acho que com esse trabalho assim, ou tivesse assim continuando, né, a gente acho que conseguiria mais, né? Sair de casa, que acho que o pior medo fora tudo que eu tive assim, seis abortos, é o isolamento, de você não sair [...] Porque a gente podia mais tempo por causa que aí a gente ia conseguindo, né, sair um dia, tentar, né? Entender da música, muito bom assim, né? Foi muito bom assim. Eu gostei bastante. (MA)

A questão do isolamento foi um tema que surgiu em diversos momentos do processo da pesquisa como já mencionado. Com relação às repercussões da experiência no grupo de Musicoterapia esse tema estava ligado às conquistas de objetivos pessoais, especialmente de LU e MA, que estabeleceram objetivos para si mesmas e conseguiram conquistá-los, mesmo que como primeiros passos de um longo processo. Além de MA, LU também mencionou a interação como uma conquista. Ela traçou como objetivo pessoal dentro do grupo buscar conversar e interagir, e considera que melhorou essa sua capacidade.

LU: É eu tava procurando assim, interagir um pouco né. Porque eu falo pra você que eu tenho um colega meu, eu falo por telefone eu falo bastante, mas pessoalmente, assim eu sou calada.

E: Você acha que conseguiu?

LU: Um pouco sim.

MA afirmou que ainda não tinha conseguido construir novamente afinidade com ninguém, mesmo dentro do CAPS, e que no grupo conseguiu construir esse laço.

Antes do grupo, assim, eu sou totalmente isolada assim. Não conversava com ninguém assim, trocava uma ou outra palavra assim, mas não era assim. Sabe, não tinha afinidade assim (MA)

Um dos aspectos mais marcantes a respeito do processo musicoterápico desse grupo, foi em relação à capacidade da música possibilitar laços entre seus membros. Segundo Bruscia (2000), a música propicia um espaço de escuta e ação compartilhados; já Pavlicevic (2006) discorre sobre a potência da música em possibilitar várias pessoas se sentirem como uma só na experiência musical, se movendo e sendo movidas juntas através da música, pois a música teria a capacidade tanto de alienar quanto de incluir e unir. Em pesquisa realizada por Pavlicevic, Trevarthen & Duncan (1994), foi demonstrado que as sessões de Musicoterapia com indivíduos com esquizofrenia crônica melhoraram seu estado clínico, sua interação musical, sua qualidade de vida, suas habilidades interativas e comunicativas.

Segundo Bruscia (2000), a Musicoterapia envolve a interação entre cliente e terapeuta, e entre os próprios integrantes do grupo. O autor discorre sobre como a música

torna a interação mais fácil para algumas pessoas, especialmente aquelas que acham que começar uma conversa não é nada fácil, pois essa interação não necessariamente precisa ser iniciada através da comunicação verbal, ela pode ser realizada por outros meios não verbais ou musicais. Além disso, a música proporciona infinitos modelos de interação (Bruscia, 2000), por exemplo: quando se recria uma canção, o grupo acaba buscando uma sintonia de tempo, tom, melodia, para que a canção possa soar com uma estrutura que lhe traga identidade. Ou, quando há um solista e acompanhantes, esse tipo de arranjo demanda outras formas de interação, com papéis mais fixos. A música exercita a movimentação entre parte e todo, cada um compreende a sua parte e sua função dentro de um todo. A música cria um contexto para a interação.

Descontração e distração

As integrantes NEI e MA trazem com uma das repercussões do grupo a descontração e distração, além disso, trazem também a descrição de um ambiente em que podiam se soltar e “*desviar o pensamento*”.

Distrai um pouco ... Acalma assim, uma espécie de tranquilo, tranquiliza [...] Cê tira o foco ... desvia o pensamento (NEI)

Distraí ... Dava pra gente se soltar um pouquinho [...] Cantando cê não tá muito focada (MA)

Silva (2012) discorre em sua tese como percebe que a atividade musicoterápica em ambientes hospitalares, por exemplo, os torna mais descontraídos e até mesmo alegres, que facilita as comunicações verbais, gestuais e musicais aconteçam; ressalta ainda a importância da convivência e interação no processo de tratamento dos usuários em saúde mental, fazendo com que a música promova uma “convivência prazerosa” (p.78).

Elaboração de experiências recordadas

“Me ajudou a superar momentos que antes eu não conseguia lembrar” (ZI)

Para ZI, a repercussão no trabalho em grupo da Musicoterapia se deu a partir da relação que ZI estabelece com a música: música a faz recordar, a traz lembranças boas e ruins. Através delas ZI pôde elaborar alguns momentos de sua vida, um processo

doloroso, mas que segundo ela foi importante, pois segundo ela, “Consegui vencer a dor”. Isso a fez acreditar em sua capacidade de superação. Não podemos precisar o quanto essa lembrança foi de fato superada, porém, através de seu discurso podemos pensar que algo que não possuía sentido, nem sequer era lembrado, foi de alguma forma significado por ZI.

A música pode representar diversas coisas, inclusive lembranças. Através da música podemos nos reconectar com aspectos de nossa própria história (Bruscia, 2000): “Quando cantamos ou tocamos um instrumento somos chamados a conectar nossos ouvidos com nossas mentes, nossos olhos com nossas mãos, nossos pensamentos com nossos sentimentos [...] experienciamos o passado com o presente” (p.74).

Pavlicevic (2006) aponta que a ação de musicar possui uma capacidade de trazer associações pessoais e sociais ao grupo e seus integrantes e de eliciar sentimentos. Porém, simultaneamente, ela ocorre no presente, no aqui-agora. Mesmo que a música nos leve a reviver uma lembrança do passado, isso ocorre numa experiência musical coletiva que acontece no presente. Acontece, no aqui e agora, junto com outros.

Fazer música em grupo permite uma experiência profundamente pessoal e privada e simultaneamente coletiva. Segundo a autora, isso pode trazer, à experiência de fazer música em grupo, um grande potencial de aproximação de seus integrantes.

Novas formas de realizar catarse

“Uma hora a gente tem que extravasar”(MA)

O conceito de catarse surge com Aristóteles (1990) para dizer de uma purificação realizada através de uma descarga emocional incitada pela tragédia grega. Esse conceito de catarse fala de uma catarse por um processo de identificação com a cena e o mito. Não nos aprofundaremos nas diferentes formas de se compreender o conceito de catarse. Nesta pesquisa utilizamos esse conceito para falar dessa descarga emocional, através de uma experiência musical, no qual o próprio sujeito pode tanto se identificar enquanto ouvinte (assim como na tragédia grega) ou, enquanto faz música. Uma das participantes traz como repercussão do grupo “um momento para extravasar”, que compreendemos por sua fala como um momento de catarse.

E eu acho que devia ter mais assim, pra gente extravasar, né, porque uma hora a gente tem que extravasar, porque a gente fica tão presa, tão presa em tudo, que

se a gente não extravasa desse jeito, a gente extravasa agredindo, jogando as coisas na parede, né? Uma coisa que eu faço, né? (MA)

A única forma que MA possuía para realizar uma descarga emocional, quando não aguentava mais suas preocupações constantes, ou quando não conseguia lidar com uma situação em que se encontrava, era o de “jogar as coisas na parede” ou de agredir alguém. Na Musicoterapia ela encontrou uma outra forma para “extravasar”.

Um projeto de vida

Meu sonho é ter uma banda gospel (MO)

Uma das importâncias do grupo para MO foi enquanto um alerta para que ele buscasse progredir em sua busca por uma atividade ou uma profissão ligada à música. MO na entrevista inicial falou de sua frustração frente sua relação com a música, o grupo instigou nele a vontade de dar prosseguimento ao seu sonho de se desenvolver musicalmente, o grupo instigou nele a vontade de dar prosseguimento ao seu sonho de se desenvolver musicalmente.

MO: Se desse pra viver só de música, isso aqui que eu passei você aqui. Essa experiência, isso só faz com que... que... que você tenha aquilo que comichão, que comichão assim do seu coração assim... que poxa porque que eu não aprendo mais, por que que eu não me aperfeiçoou mais. Poxa, eu tenho tempo ainda, tanta gente gostaria de estar sabendo isso e não sabe. Então é dessa forma. Então você só vem a, você veio, você veio chamar minha atenção né. No caso, você né, eu participando dessa terapia aqui. No caso você veio chamar minha atenção, principalmente por Deus ter me dado esse talento, poder cantar, tocar

Esse movimento dá a MO perspectivas, uma possibilidade de futuro, um sonho a ser perseguido. Entendemos que um projeto de vida para MO dizia de uma compreensão da importância da música em sua história de vida e uma compreensão da responsabilidade que ele possui em criar seus próprios caminhos para conseguir conquistar seu sonho de viver da música.

Jorge, Pinto, Quinderé, Pinto, Sousa & Cavalcante (2011), analisando os dispositivos de cuidado no contexto de um CAPS, discorrem sobre a autonomia como

que tem como pilar o projeto de vida de cada usuário. Acreditamos que o projeto de vida deva ser um importante pilar de qualquer projeto terapêutico. Pois a preocupação os projetos de vida de qualquer usuário do CAPS diz de um interesse por sua vida, superando uma simples interesse em seu processo de adoecimento. Assim, foi conversado com a equipe e mais profundamente com os terapeutas de referência de MO sobre esse seu projeto de vida, e sobre as possibilidades de se pensar em um PTS que envolvesse aulas de músicas e outras atividades ligadas à música, que o interessassem, para além das oficinas ofertadas dentro do CAPS. Esse dado trazido não repercutiu apenas na possibilidade de mudanças no PTS de MO, mas gerou reflexões a respeito do enfoque que damos às formas de atenção que oferecemos. Acreditamos na importância de descobertas como a do projeto de vida de cada indivíduo no desenvolvimento de seus projetos terapêuticos.

Repensar a relação com o outro, repensar-se a partir da relação com o outro

“As pessoas tem cabeças diferentes” (MO)

Pode-se averiguar por discussões durante as sessões e relatos de MO, que o grupo foi uma importante ferramenta para que ele pudesse refletir a respeito de suas relações com os outros.

MO: Eu to vivendo um período da minha vida que eu to, eu to tendo muitas descobertas e redescobertas assim. [...] você encontra pessoas aí que você vê a essência da vida né. Você coloca os pés no chão né. Você... descobre que nem todo mundo gosta de berinjela, você adora berinjela, aí você pega e adora brócolis, aí você descobre que a minoria das pessoas gosta de brócolis. Então a música é assim. Eu achava que todo mundo gostava de música [...] Você descobre que essas pessoas são diferentes, as pessoas tem cabeças diferentes [...] eu diminui o meu ritmo. (MO)

MO relata, a partir de sua experiência, o quanto o grupo o colocou a pensar sobre a diversidade, e o fez repensar suas próprias atitudes no grupo, tendo como consequência um controle sobre suas formas de agir no grupo. MO sempre defendeu seu jeito de ser, o que sempre pareceu uma defesa autêntica e justa. Alguns terapeutas do CAPS

costumavam confrontar MO por atitudes suas em sessão e sua resposta geralmente algo que dizia que esse era seu jeito e que não teria como ser diferente, assim, ele parecia defender que não era aquele o seu problema. E, de fato, pela observação da pesquisadora, algumas atitudes de MO eram consequência de sua personalidade e não de alguma patologia. A descoberta de MO ao longo do processo não foi que ele precisava mudar porque estava “errado”, mas que algumas características suas (como sua forma de tocar), refletiam no grupo e que havia momentos em que ele precisava diminuir seu “ritmo”, modificar o jeito como tocava as músicas ou sua expectativa sobre como seria a sessão, para acolher o jeito de seus companheiros.

Bruscia (2000) coloca que a música – especialmente a música feita em grupo –, propicia um espaço de desenvolvimento da escuta do outro. Num trabalho com canções, por exemplo, não é somente a canção de um indivíduo que será realizada. Para tocarem juntos não é suficiente executar somente o seu instrumento sem levar em consideração o resto do grupo (como observamos em MO, que possuía uma percepção musical muito apurada); para fazer música como um grupo se torna necessário que cada membro ajuste sua expressão a um contexto geral para que consigam estar juntos na música. Essa negociação e experiência com o outro não foi uma repercussão somente para MO, mas para vários membros do grupo, que a todo momento em que eram chamados para produzir uma improvisação, por exemplo, esforçavam-se para ouvir o outro e conseguir estarem juntos.

Não foi possível identificar repercussões muito claras dessa experiência em grupo para WO, especialmente porque no período em que foram realizadas as entrevistas finais, WO estava bastante mal e não conseguiu realizar a entrevista com a pesquisadora. O que podemos afirmar é que a música é muito importante em sua vida, e que de alguma forma, ao tocar e cantar, WO muda bastante, sua fala – que é muito difícil de ser compreendida – se desenrola quando está cantando e se pode compreender a letra da música quase que perfeitamente. Mesmo que seu discurso estivesse desorganizado, quando começava a tocar uma música no violão, por mais difíceis que fossem as sequências harmônicas, ele as lembrava de cabeça.

Também pudemos perceber que houve alguns momentos em que WO gostava de fazer música junto com outras pessoas; em seu caderno ele sempre pontuava essa características: *“que possamos compartilhar mais e mais, música converçativa, desfrutei das melhores coisas da vida o encontro depois de 3 dias com o MO um cara que é o chapa”* ou *“Quando nos encontramos formamos mesmo um laço de união”*.

Partindo da avaliação do processo de WO, pudemos observar que, para alguns participantes, o grupo também representava um lugar no qual assumiam uma postura que não estavam acostumados a assumir. Um exemplo disso foi MO, que passou a ter um momento no CAPS em que podia fazer música junto a seus colegas, ou LU e MA que encontraram no grupo um espaço para desenvolverem mais sua extroversão; ou ainda RO que pode assumir papéis de liderança através da expressão musical com os instrumentos.

Uma das repercussões das experiências em grupo é a possibilidade de se encontrar a partir do outro. NEI mencionou a função de distração que as sessões tinham para ela, e lembrou o dia em que viu WO tocar e como isso a impactou positivamente.

Como que uma pessoa tão deli... debi... Debitada assim é... consegui tudo, tentar ele tocou inteiro, né. Daí eu fiquei pensando é... qual atitude, né? A pessoa pode tudo. (NEI)

No caso de NEI podemos perceber o quanto aquele momento em que WO começou a tocar trouxe a ela uma perspectiva, uma esperança que ela poderá levar com ela como inspiração para si mesma; mesmo que não possamos medir o quanto essa experiência a impactou, podemos afirmar que aquele momento a impactou de alguma forma, pois foi o momento que ela escolheu para falar em sua entrevista.

Essa possibilidade de transformação e auto-conhecimento na experiência com o outro pode ser dar também a partir da observação do outro, como iremos observar com o relato de MO abaixo.

MO: Essas pessoas não são débil mental elas conseguem falar, organizar as ideias e tudo. [...] aqui na terapia você descobre a cabeça dessas pessoas. Essas pessoas não são débeis, essas pessoas tem sua especificidade, um problemas. Elas são uma parte... né.... ali no intelecto delas ali elas tem bipolarismo, né, é esquizofrenia, tal tal tal. Então você descobre que essas pessoas são diferentes, as pessoas tem cabeças diferentes, as pessoas falam que não gostam de música. Quando eu ouvi eu fiquei de boca aberta. [...] Quando você encontra alguém que fala que não gosta de música, que não gosta de nenhum tipo de som, qualquer tipo de harmonia, qualquer tipo de harmonia incomoda a pessoa... É impactante pra você [...] O WO, por exemplo, aquele cara né. O WO tem uma espécie assim, meio psicótico né meio psicótico né. Ele fica falando ali sozinho... t t t t t . De

repente ele falou ah é... Vou pegar esse cidadão aqui [MO pega o violão] Você vê só... que o cara mete o caralho, já começa. [MO começa a tocar no violão imitando-o] E você que toca um pouco... no caso eu. E eu tenho essa sensibilidade pra capta quando a pessoa tem assim aquele dom pra música. Então são coisas chocantes né, e eu não sabia disso.

MO pôde, através do grupo repensar sua relação com o outro, percebendo que a forma como agia no grupo muitas vezes afetava seus companheiros. Mas, para além disso, nessa passagem percebemos também que MO passou a repensar a forma como se relacionava com a música através da relação como os outros integrantes do grupo se relacionavam com a música.

No grupo cada um de seus membros tem a oportunidade rara de ver o mundo e a si mesmo com os olhos do outro, de se ouvir com os ouvidos do outro, de se tocar com as mãos do outro, de se amar com o coração do outro, de se descobrir imensamente limitado e potencialmente divino (Ribeiro, 1994, p.11)

Tanto NEI quanto MO demonstraram em suas falas o impacto de ver suas possibilidades, limitações e potencialidades nos outros. Para NEI esse impacto trouxe a ela uma exemplo de esperança, para MO a afirmação da diferença dele e dos outros trouxe a ele o reconhecimento e a responsabilidade de investir em seu potencial.

Vivenciar experiências novas

“Porque eu não estava acostumada” (AN)

Para muitos, então, o grupo de Musicoterapia repercutiu como um espaço para experimentar ou atuar papéis que não encontravam espaço em outros grupos e oficinas, ou até mesmo em suas vidas. O grupo então representava uma oportunidade de tentar algo novo.

O grupo para AN pareceu servir como um desafio, pois como ela mesma afirma, não estava acostumada a estar em um grupo assim com música. E no final ela avalia que se acostumou e passou a aproveitar o grupo tendo momentos em que se sentia em paz. Podemos considerar que todos os integrantes do grupo, em algum momento, fizeram algo de diferente, que nunca haviam feito antes. Bruscia (2000) discorre sobre como ouvir e

fazer música coloca o sujeito em uma exploração de seus próprios sons, ouvir os sons e canções dos outros. Fazer música é experimentar.

NEI inicia sua entrevista final percorrendo em sua primeira associação com sua experiência no grupo como “Foi diferente”. HI também relata que experimentou muitas coisas diferentes no grupo, como por exemplo, os instrumentos.

Ruud (1998) afirma que a música possibilita a experimentação de novas possibilidades do sujeito diante a vida. O autor utiliza a improvisação como uma metáfora do viver, no qual geralmente começamos com algumas ideias preliminares que queremos seguir, mas nunca sabemos exatamente quais caminhos iremos trilhar ou aonde iremos acabar. Além disso, todo o processo envolve pessoas, assim como a música, nosso caminhar é influenciado por outros. “No processo, podemos achar um novo tempo, transpor, correr riscos, e encontrar crises envolvendo um possível colapso na improvisação – muito da mesma forma como na vida” (Ruud, 1998, p.28, tradução nossa).

Um espaço para estar

“Ficar junto com vocês” (HI)

Para HI, a experiência do grupo foi razoável, porque trazia tristeza quando o fazia lembrar de pessoas e situações de sua vida. Mas ao ser questionado se faria o grupo novamente ele disse que sim, porque para ele era um ambiente agradável, alegre, com conversas e músicas de Deus. Aqui, a criação de um ambiente mais descontraído, no qual o foco não era necessariamente a doença ou o sofrimento, mas o estar em grupo no aqui-agora, repercutiu em HI no momento em que abriu espaço que ele pudesse estar no grupo da forma como fosse possível (dormindo, escutando o grupo) o que importava para HI era “ficar junto”.

Pavlicevic (2006) relata um caso bastante similar ao de HI. Uma integrante de um de seus grupos costumava adormecer durante as sessões. No grupo em questão, ela ocupava um lugar de acalmar e estabilizar as sessões por sua presença. O grupo seria outro sem sua presença. Seu adormecer sugeria que ela considerava o grupo um lugar confortável, considerando que sua necessidade era de ser deixada em paz, e discute a respeito de seu comportamento não ser considerado uma resistência, por exemplo, visto que permanecia indo as sessões. Apesar de não saber ao certo o quê, ela supõe que a música dava a ela uma sensação de pertencimento.

HI possuía esta mesma qualidade de energia, era considerado uma pessoa essencial ao grupo e muitos participantes criaram um vínculo forte com ele. Podemos perceber isso no fato de que as músicas de Elvis de tempos em tempos eram lembradas e cantadas para HI, mesmo que este estivesse dormindo, ao iniciarem a canção ele acordava e apreciava a oferta carinhosa do grupo.

Sentir-se compreendido

“Eles vão entender porque eles têm a mesma coisa [...] Confiar” (MA)

Outra repercussão da experiência no grupo de Musicoterapia relatada foi a sensação de se sentir compreendido pelo grupo. MA relatou em sua entrevista final que se sentia mais a vontade e mais disposta a enfrentar seus medos junto ao grupo, pois ali eles a compreenderiam, porque viviam situações parecidas. VA trouxe as fotos de seus filhos buscando uma compreensão do grupo *“Pra não ficar me condenando do jeito que eu sou”*.

Esta experiência de ser reconhecido é enormemente válida para a maioria das pessoas de todas as idades na vida diária, mas ainda mais para aqueles que é marginalizado pela sociedade por incapacidades, doenças, dificuldades de comportamento [...] (Pavlicevic, 2006, p.207, tradução nossa).

No caso de VA, por exemplo, a questão da vinculação com o grupo e com a terapeuta foi o principal e praticamente único relato que dizia sobre sua relação com o grupo de Musicoterapia. Em uma sessão, VA trouxe as fotos de seus filhos, que haviam morrido e fez questão de mostrar para todo grupo. Esse foi um dos poucos momentos em que VA se colocou em grupo e interagiu com os outros integrantes.

Só queria que eles vissem [fotos de seus filhos] pra não ficar me condenando pelo jeito que eu sou [...] Eles falaram que você já tinha ido embora [na semana do último encontro] eu... Eu senti saudade de, nossa nem dei tchau (VA)

Percebemos nos discursos desses participantes o valor dado a possibilidade de estar em um grupo no qual as pessoas o compreenderiam, pois estavam passando por situações parecidas. A questão do vínculo apareceu como uma importante repercussão ao

grupo como um todo, principalmente porque para alguns isso era o que os trazia ao grupo, o que os fazia dividir suas experiências e o que os ajudava a suportar algumas situações difíceis. MA, por exemplo, criou um vínculo importante com MO e, em diferentes sessões, esse vínculo se tornava essencial para diversas reflexões e ações do grupo. MA dava suporte e encorajava MO e este criava uma ambientação para MA que a deixava à vontade para se colocar e interagir com ele.

Desconforto

Alguns membros do grupo avaliaram a experiência como negativa. Voltemo-nos a estes participantes para melhor compreender seu desconforto no grupo. O que fez com que alguns membros do grupo avaliassem a experiência no grupo de Musicoterapia como negativa? Ao articular as informações das entrevistas, sessões e caderno de anotações pudemos compreender um pouco melhor a respeito dessa experiência negativa que algumas pessoas tiveram no grupo.

Primeiramente, é importante ressaltar a fala de alguns integrantes, tanto nas entrevistas quanto durante as sessões (LU, ZI, MA, MO, HI), de que haviam dias em que não estavam se sentindo bem e por isso tinham dificuldade em permanecer no grupo de Musicoterapia. Esses participantes podem nos ajudar a pensar em uma parcela significativa de sujeitos que apresentam algum tipo de sofrimento mais grave, e que terão momentos de maior dificuldade ou desconforto, durante qualquer atividade, quanto mais uma atividade que abre espaço a possibilidade de transformação.

Em segundo lugar, temos o caso de VA, que com relação à experiência que teve no grupo disse: *Nada vai me ajudar. Nada. Só vou onde me mandam.* No caso de VA, desde a primeira sessão ele disse que nunca mudaria o que escreveria no caderno. Ele sempre afirmou que sua condição de sofrimento nunca mudaria. E assim, mais um vez o fez na entrevista final. Ele acrescentou que não era somente na Musicoterapia mas em todos os outros grupos, que nada adiantava. Porém, durante a mesma entrevista pontuou a importância do CAPS de um modo geral (referindo-se a todos os grupos) em sua vida.

Eu só gosto de vir aqui [...] Aqui eu, meu coração parece que dói um pouquinho menos quando venho aqui [...] A calma que eles tem de conversar com a gente [...] Eles entendem né (VA).

Além desse depoimento, durante as sessões e na entrevista final, VA também deixou transparecer que se importava e tinha afeto para com os membros do grupo e a musicoterapeuta.

Só queria que eles vissem [fotos de seus filhos] pra não ficar me condenando pelo jeito que eu sou [...] Eles falaram que você já tinha ido embora [na semana do último encontro] eu... Eu senti saudade de, nossa nem dei tchau (VA)

VA parecia nos dizer que seu sofrimento nunca acabaria e que nada mudaria a forma como se sentia. Mas que, ao mesmo tempo, algo a respeito das relações que estabelecia no CAPS trazia algum conforto momentâneo. Nem todo processo musicoterápico possui, como objetivo final e central a mudança. Este não era, igualmente, o objetivo principal, dessa pesquisa. A mudança foi sim necessária e desejada em alguns momentos do processo, mas não era central a ele.

Pavlicevic (2006) descreve as tarefas do musicoterapeuta em quatro verbos: testemunhar, intervir, modificar e escutar. No caso de VA, testemunhar sua dor e escutar o seu lamento eram as melhores ações que o grupo e a musicoterapeuta, enquanto parte também do grupo, poderiam realizar. Acreditamos que essa é uma postura ética do trabalho do musicoterapeuta, não impor seus desejos e objetivos ao sujeito a sua frente, mas escutar seus desejos e objetivos. VA sempre deixou os dele muito claros. Assim, apesar de VA considerar que não houveram repercussões de sua experiência no grupo, sua presença no grupo repercutiu muito durante o processo, bastando lembrarmos que VA praticamente deu o tom a duas sessões, como mencionado na descrição do processo. Ainda podemos acrescentar que a nosso ver, partindo do relato de VA na entrevista final, o grupo repercutiu enquanto um espaço em que ele se sentiu compreendido, como mencionado no item anterior.

Os últimos casos são os de RO e LI, que possibilitaram uma importante reflexão a esta pesquisa. No caso dessas integrantes, a experiência foi avaliada pelas mesmas como negativa. Pelo relato delas em entrevista e acontecimentos em sessão podemos verificar que apesar de experimentarem momentos em que se sentiam bem, as experiências negativas com o grupo prevaleciam. Ambas disseram em suas entrevistas iniciais e em algumas sessões iniciais sobre suas dificuldades com a música.

Ela traz muitas lembranças [...] fico muito agitada ... começo a escutar voz (RO)
Não...não sou acostumada [...] Não, mais se ele começar a tocar esses
instrumentos eu não vou poder ficar [...] porque eu não, tipo assim, nada contra
a pessoa que vai tocar, mas... é... não consigo aguentar esses instrumento! (LI)

Algo da relação que elas passaram a estabelecer com a música as impedia de servir como ferramenta para outros propósitos, como a interação do grupo, por exemplo. Podemos avaliar que houveram repercussões positivas para RO durante o processo, e isso pode ser confirmado pelos relatos de sessão ou de seu caderno de anotações. A possibilidade de RO liderar uma improvisação tocando o metalofone, ou de tocar em diversas sessões instrumentos de percussão variados que mantinham o ritmo da música, uma função importante dentro do grupo e que era valorizada, colocavam RO em lugares de importância que ela não estava acostumada a ocupar. Ela esbanjava sorrisos nesses momentos. RO escreveu em seu caderno alguns aspectos positivos do grupo.

Emoção, alegria, gostei de tocar [7ª sessão – experimentação e improvisação com os instrumentos]

Emoção, boa, vermelha. Tocar o metalofone [9ª sessão – dia em que RO assume a liderança na improvisação com o metalofone]

Porém, no final do processo os momentos ruins foram mais preponderantes para RO.

Não foi muito bom ... Não me sentia bem ... Às vezes me sentia muito mal com as músicas [...] É como se mexesse alguma coisa por dentro ... A música... Daí eu começava a passar mal [...] Eu escutava vozes e ficava me sentindo muito mal, me dava crise nervosa, agitação.

Como já mencionado no caso de ZI, a música promove conexões. Por vezes essas conexões trazem sentimentos agradáveis, noutras sentimentos desagradáveis. No caso de RO algumas conexões promovidas pela música eram insuportáveis. Buscamos literaturas a respeito de alucinações serem deflagradas pela música, porém encontramos somente materiais que se referiam a alucinações musicais, ou seja, a alucinação de escutar uma música ou trecho de uma música. Mas o que podemos perceber através da experiência de

RO é que a música provavelmente lhe suscitava lembranças e sentimentos que quando “negativos” a “abalavam”, ou seja, a deixavam “agitada” e ela começava a ter alucinações auditivas. LI também experimentava sentimentos desagradáveis quando escutava música:

Ah, pra mim foi um terror [...] a porque eu não gosto, eu não consigo me sentir bem com música. [...] eu me sinto muito mal, eu tenho vontade assim de de fazer voar tudo longe, de jogar as coisas muito longe, tenho ravia muita raiva. Sentia raiva, tinha um nossa um barulhão na minha cabeça assim, terrível. Tipo por mais que peguei aquele dia e eu mesma toquei, mas mesmo assim eu não consigo, é muito difícil. [...] Ah, porque tipo assim eu queria é ver se eu conseguia acompanhar junto com eles, continuar, pra tipo, que eles falam que é bom pra gente fazer esses, por isso me colocaram lá, porque seria bom pra mim, mas não consegui.

LI esteve em poucas sessões (cinco sessões das 17 realizadas), mas nas que participou teve uma boa resposta a algumas intervenções da musicoterapeuta, como no dia em que a colocou na posição de controle sobre um instrumento que a irritava.

Eu gostei de tocar porque eu abaixei o volume. Eu estou irritada [...] Foi bom comentar sobre se gostei ou não da música mais eu não consigo gostar. (LI)

Como mencionado por LI, ela simplesmente não conseguia lidar com a presença da música. LI avalia que apesar de querer poder escutar música sem se incomodar porque percebe que está em um mundo cercado por sons e músicas, considera que naquele momento ela não conseguiria dar conta de enfrentar isso.

É que tipo eu queria pode conseguir com os barulhos, porque lá fora eu vou ter que enfrentar isso, mas é, eu vou ter que um dia me libertar disso, dessa coisa ruim assim que eu acho que é horrível assim. [...] Eu pensava que não valia a pena, aqui pra mim não servia. (LI)

No caso de RO e LI, talvez um trabalho individual fosse mais indicado. De qualquer forma, há vários tipos de oficinas e trabalhos terapêuticos que são realizados pelo CAPS, então há outras possibilidades mais confortáveis a elas para que possam

participar. E caso elas queiram lidar com sua relação com a música, como LI indicou, isso poderia ser realizado num momento em que considerassem mais propício, e provavelmente inicialmente de forma individual.

Um dos pontos trazidos então a partir da experiência da pesquisa é de que a música não é indicada a todos, e para que seja utilizada, é necessário cautela e observação aos danos que ela pode ocasionar. No caso dessa pesquisa, esse cuidado foi tomado através de um acompanhamento constante das duas participantes em questão (em especial) e de quaisquer outros participantes que tivessem tendo dificuldades ao longo do processo. Este mesmo tema foi trazido por MO em uma discussão em sessão (transcrita neste capítulo). A discussão trazida por MO na 14ª sessão, diz da importância das escolhas das músicas em grupo ser um ato sensível ao contexto desse grupo, e por consequência aos seus indivíduos. Pavlicevic (2006) afirma: “Música pode fazer mal! Ela nem sempre cura ou fornece uma experiência coletiva ou social ideal” (p. 118, tradução nossa).

Interessante observar também na fala de LI que ela foi encaminhada à Musicoterapia, não foi uma escolha dela em seu PTS. Em segundo lugar, lhe foi transmitido, verbalmente ou lhe foi passada a impressão, de que este tipo de grupo lhe faria bem, o que nunca foi o pressuposto da musicoterapeuta, mas era uma mensagem explícita ou não dos terapeutas. Isso nos faz pensar em como se compreende e se constrói o PTS, e o que isso está representando nas formas de cuidado à Saúde Mental. O terapeuta é o detentor do conhecimento sobre o que é o melhor para o usuário? Porque o sujeito se sente obrigado a participar (no caso de AN e RO)? Porque o sujeito após perceber que uma oficina ou grupo está piorando sua condição não pede para modificar seu PTS? Com quem está o poder sobre a saúde e a doença dos sujeitos em sofrimento psíquico grave?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver é afinar o instrumento
De dentro prá fora
De fora prá dentro
(Composição: Walter Franco)

O uso terapêutico da música acompanha toda a história do homem. Já se buscou exorcizar espíritos, curar e prevenir doenças, reabilitar sujeitos, ocupar os “alienados”, acolher vivências patológicas, oferecer vazão a expressões de loucura, dar voz aos “usuários”, dentre tantas outras possibilidades de atuação no cuidado à Saúde Mental. A música foi utilizada com essa função por diferentes indivíduos com papéis sociais diferentes (xamãs, médicos, músicos, padres, entre outros) e hoje é empregada também por diversos profissionais (musicoterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, psiquiatras, músicos, entre outros).

Nossa busca ao longo dessa pesquisa foi a de compreender melhor os impactos do trabalho musicoterápico no cuidado à Saúde Mental. Para isso, desenvolvemos uma pergunta norteadora: quais as repercussões clínicas apresentadas por sujeitos em sofrimento psíquico grave frente a experiência em um grupo de Musicoterapia? Não nos interessava tanto, enquanto ponto central, o enfoque dado pelos profissionais a respeito de “progressos” dos pacientes com a Musicoterapia, ou uma mensuração do quanto o sujeito havia mudado sua forma de tocar, como uma interpretação de mudança no sujeito. Queríamos compreender como aquela experiência poderia ou não os impactar e, principalmente, como isso repercutiria em suas vidas. Afinal, quando propomos algo, enquanto profissionais da saúde, precisamos nos preocupar com as consequências de nossas ações.

A Fenomenologia permeou todo o caminhar desse trabalho. As reflexões e críticas feitas pelos autores da Fenomenologia serviram como ponto de apoio e estímulo para que se pudessem ser questionadas as concepções do que seriam “doenças mentais” e as formas como elas poderiam ser tratadas terapeuticamente. Alguns autores, como Dilthey e Husserl, nos colocaram a refletir sobre o modelo de explicação da realidade das ciências naturais e seu uso nas ciências humanas. Nestes autores, é possível concluir que a lógica explicativa não daria conta da complexidade do fenômeno humano; assim, o modelo compreensivo surgiu como possibilidade de aproximação e co-apreensão do fenômeno homem-mundo. Uma co-apreensão, onde o sujeito é o centro e não apenas mais um objeto a ser dissecado.

A partir dessa compreensão nascem diversos questionamentos sobre a forma da Psiquiatria explicar a loucura. Um deles é a visão antropológica da loucura, que busca tentar alcançar um quadro mais amplo da estrutura existencial do homem, procurando compreendê-la em sua totalidade, para além das categorias e categorizações. Franco Basaglia se inspira nessas ideias – dentre outras propostas –, para repensar também o lugar do “louco” enquanto um corpo objeto calado e explicado pela ciência psiquiátrica tradicional.

Porém, apesar de termos atuado dentro de um dispositivo central para a reforma da atenção à Saúde Mental, notamos a partir de nossa experiência de campo uma compreensão da loucura enquanto doença mental e todas as implicações desse entendimento ainda bastante presente. Notamos isso nos técnicos, nos usuários dos serviços, nas estruturas de atendimento e, muitas vezes, até mesmo, nas políticas governamentais. Discorramos por um momento a respeito dessas percepções.

Apesar de ser realizada na presença do usuário e levar em conta sua opinião, não percebemos uma real autonomia do sujeito na construção de seu PTS. Um dos exemplos disso foi que alguns de nossos colaboradores – no caso, especificamente, LI, AN, e RO – claramente demonstraram que não queriam estar no grupo de Musicoterapia, mas mesmo assim, foram alocadas por seus terapeutas de referência nessa oficina. Outra questão ligada ao PTS foi em relação ao nosso retorno dado à equipe a respeito de um possível projeto de vida em relação a outro de nossos colaboradores, MO: cerca de um mês após a conversa com a equipe e seus terapeutas de referência, voltamos ao CAPS e não havia sido realizada qualquer mudança em seu plano terapêutico. Podemos pensar em diversas justificativas para essa falta de ação, frente a uma informação valiosa. A equipe do CAPS estava sobrecarregada, por exemplo; afinal, essa foi a resposta do técnico de referência, que ele ainda não tinha tido tempo. Isso nos leva a refletir sobre o fato que, talvez, as estratégias públicas da Saúde Mental estejam sobrecarregando os técnicos, ou mesmo, sejam elas próprias objeto de sobrecarga, eventualmente se propõe mais do que possa ser factível ou realizável.

Mas, finalmente acreditamos que ainda lidamos com o entrecruzamento de dois olhares. Um novo olhar que busca compreender o sujeito em suas especificidades, considerando o contexto em que está inserido. Pudemos ver esse esforço em toda equipe do CAPS, que é referência em Curitiba. Os profissionais sempre se colocavam à disposição e demonstravam muito respeito ao usuário, vemos cenas muito diferentes do modelo dos internamentos mais tradicionais. Porém, simultaneamente, um segundo olhar,

revelado através de lógicas, ações, comportamentos, que evidenciam uma perspectiva que permanece bastante atuante; qual seja, uma compreensão de “doença mental” que deve ser “tratada” em busca de uma “normalidade”.

Não nos deixamos de incluir nessa discussão. Nós mesmos percebemos o quanto acabamos por repetir modelos que criticamos. Ao longo do processo musicoterápico dessa pesquisa nos preocupamos em escutar o grupo, a suas necessidades, a suas formas de estar no mundo, a seus desejos para com o grupo e pautar as intervenções realizadas nessa escuta. Durante o processo, tínhamos um grupo de estudos em Saúde Mental e outro em Fenomenologia. Estávamos refletindo a respeito da compreensão de psicopatologia, do funcionamento da rede de Saúde Mental, dos conceitos de saúde e doença, do protagonismo do usuário. E mesmo assim, ao nos debruçarmos sobre o material, percebemos alguns posicionamentos, intervenções ou comportamentos em sessão, da própria pesquisadora, que acabaram por repetir algo dos modelos anteriormente criticados. São resquícios que alertam para algo que ainda está presente no cotidiano da atenção à Saúde Mental.

Basaglia coloca que as formas de tratamento manicomiais foram consequência da compreensão do sujeito em sofrimento como um objeto que não possuía autoridade sobre si mesmo, nem voz para se expressar. As formas de atenção estão ligadas às formas de se compreender o sofrimento psíquico. Então, apesar de termos uma reforma na atenção à Saúde Mental, ainda permanece uma compreensão do sofrimento enquanto doença mental, e todas as implicações dessa lógica.

Ainda temos um ambiente em que vemos a intimidação do usuário e sua docilização. Um exemplo disso é o depoimento de colaboradores, como RO ou AN, que revelou que ambas não falaram que queriam sair da sessão por vergonha, para não incomodar. Além disso, percebemos valores estabelecidos em cima de uma suposta normalidade, ao invés de buscar compreender o que é a normatividade do próprio sujeito. MO, por exemplo, escancarava essa situação quando falava que era “*negão*”, “*grande*”, quando falava alto que era assim mesmo, defendendo-se de que sua forma de ser não estava errada; ao passo que, simultaneamente, víamos a equipe falando das “dificuldades” de MO, que percebia esse desconforto da equipe com sua forma de ser. Percebíamos, também, o desconforto da equipe em não saber ao certo como considerar essas características de MO, se como parte de sua essência ou parte de sua patologia. Nessa incerteza acabavam por reprimir alguns comportamentos seus, principalmente durante os grupos. Em determinado momento, MO relatou em sessão sua revolta com relação a esse

tipo de atitude. MO tinha momentos que interrompia seus colegas, mas durante o processo percebeu que enquanto queria escutar uma música alegre, por exemplo, havia pessoas ali, que naquele momento, estavam em muito sofrimento e que talvez aquela música não fosse adequada. Ele traz em sua entrevista final que por conta disso, mudou o seu “ritmo”.

O sofrimento psíquico é um fenômeno que faz parte da vida humana, e que assim como qualquer outro fenômeno humano, nunca poderá ser alcançado em sua totalidade. O que se anseia alcançar através da Fenomenologia é uma compreensão desse sofrimento psíquico, levando em conta seu momento, contexto e singularidade. Para esta compreensão é necessária uma escuta do sujeito que sofre, pois ele é quem tem acesso direto ao fenômeno do seu sofrimento. A reforma da atenção à Saúde Mental foi pensada levando em conta essas compreensões e atitudes. Mas serão esses pressupostos levados em consideração no cotidiano de atuação dos profissionais da rede de atenção à Saúde Mental? Será possível aliar uma escuta subjetiva com um modelo que traz perspectivas generalizantes de ação? Como lidar com questões concretas e particulares, num contexto pautado por políticas que lidam com generalidades?

A crítica à interpretação ideológica da doença, que encontramos em Basaglia (1924/2005), e que também encontra ressonância na Fenomenologia e na Psicopatologia Fenomenológica, aponta para uma reflexão sobre as formas de atenção ou cuidado ao sujeito em sofrimento. A crítica feita por Basaglia à construção científica da Psiquiatria – assim como a de Dilthey à impossibilidade de se explicar o mundo anímico, e a de Husserl à necessidade de construção de um conhecimento a partir do fenômeno mesmo e não partindo de teorias – fazem pensar nas formas de atuação na atenção à Saúde Mental. O “cientista” que busca se afastar do fenômeno, na crença de uma neutralidade, se afasta também do sujeito que à sua frente se encontra, assumindo certa passividade diante desse fenômeno. Segundo Basaglia (1924/2005), esse é o mesmo pressuposto que irá conduzir um tratamento seguindo uma rotina técnica, “(...) cuja finalidade parece ser discriminar entre aquilo que é normal e aquilo que não o é” (Basaglia, 1924/2005, p.62).

Os manicômios, por exemplo, partem de uma concepção de doença mental como um acometimento que possui uma causa, para a qual, enquanto terapêutica, se oferece uma cura. Na própria concepção de saúde da OMS, que a caracteriza como completo bem-estar físico, mental e social, percebe-se um enfoque mecanicista, que inevitavelmente irá enfatizar a possibilidade de restauração de um “estado normal” mencionado (Holanda, 2011a). A discussão a respeito de como se aborda o objeto da ciência, que neste caso é o ser humano, nos leva inevitavelmente a discussões a respeito

dos conceitos de saúde, doença, cura e normalidade. Não se pretende neste trabalho aprofundar em questões tão complexas quanto polêmicas. Um dos pontos centrais, aqui, com essa discussão, é o de refletirmos a respeito do impacto do posicionamento, seja ele ideológico ou fenomenológico, diante do ser humano, ao abordar o sofrimento psíquico; e, atentarmos ao fato desse posicionamento afetar a prática do profissional da saúde.

Georges Canguilhem faz um extenso debate a respeito do conceito de normalidade em seu livro *O normal e o patológico*, de 1943, realizando uma crítica às influências da tradição positivista na Medicina. Censura a compreensão de patologia enquanto um estado mórbido que se trata de uma variação quantitativa do estado normal. Ele defende que o “estado mórbido” é uma forma de se viver (Canguilhem, 1943/1995). Discorre ainda a respeito de duas formas de atuação na saúde: uma orientada pela perspectiva médica, um “fazer” técnico, e outra a modos de apreensão do sujeito, um “fazer” que volta seu olhar a uma “totalidade”. Esta segunda forma, para o autor, é uma tentativa de reconquistar um estado de estabilidade das normas, na qual: “curar é criar para si novas normas de vida, às vezes superior às antigas” (p.188).

Já para Foucault (1954/1968), “nem a fisiologia nem a terapêutica podem tornar-se os pontos de vista absolutos a partir dos quais a psicologia da doença mental possa transformar-se ou suprimir-se” (p.68). Foucault edifica sua crítica também sob pressupostos e ideologias construídos historicamente a respeito de algo que foi denominado “doença mental”. O que ele coloca nesta passagem é a impossibilidade de qualquer ciência apreender o fenômeno da doença mental em sua totalidade, e que qualquer terapêutica ou explicação etiológica que se atreva a dizer que o faz, merece crítica. “Esta ‘visão de mundo’ nos remete ainda a um *modus operandi* dos profissionais, e aos modos de comportar relativos aos modos de ver ou perceber o mundo” (Holanda, 2011a, p.72). A visão de mundo, a visão de homem, a busca pela explicação ou pela compreensão do sujeito em sofrimento, vão influenciar diretamente as formas de atenção à Saúde Mental.

Não há como refletir a respeito da compreensão sobre o que é saúde e doença, sem repensar também a própria clínica, e vice-versa. Se considerarmos as psicopatologias como formas de ser no mundo, as ações terapêuticas que visam mudanças que objetivam um estado de normalidade perdem seu sentido. As duas coisas estão intrinsicamente ligadas. Uma das questões levantadas durante o percurso dessa pesquisa diz respeito à diferença entre a atuação clínica e a atuação terapêutica. Compreende-se que há uma

diferença entre essas duas formas de atuação do profissional da saúde. Procuraremos explicitar esta diferença a seguir.

O objetivo inicial desta pesquisa era o de investigar as repercussões das *intervenções* musicoterápicas. Porém, no decorrer da pesquisa foi verificado que a investigação abarcava muito mais do que simplesmente as intervenções. A pesquisa tratava das repercussões de uma experiência em um grupo de Musicoterapia. Além disso, ela englobava a *clínica* musicoterápica que não se resume, apenas, às suas intervenções. Abordemos essa noção de clínica.

Holanda (2011a) traz, através de Foucault, o debate a respeito das consequências de terapêuticas que visam a cura. Isto pode alijar o sujeito de sua própria experiência, com sua identidade, transformando-o em um objeto de um contexto externo que deve ser normalizado. Já Costa (2013) traz dois significados para as formas de atenção à Saúde Mental, uma, como cuidado e, a outra, como cura ou tratamento. Esta última é considerada quando a saúde é restaurada ao doente através de substâncias curativas e a doença é entendida como um mal que deve ser extirpado. Porém, o autor pontua que por vezes o indivíduo necessita adoecer, ocasionalmente, como um descanso da tarefa de viver, noutras, como um encontro com a realidade que já não existe na saúde falsamente empostada. Tanto o cuidado quanto o tratamento devem ser considerados ao se atuar na Saúde Mental (Costa, 2013).

Holanda (2011a) divide os fazeres, partindo de Canguilhem e Foucault, em dois tipos, o fazer médico (cura) e o fazer psicológico (cuidar do ser direcionado para um cuidado de si). O primeiro remete-se à ideia de uma causa da doença a qual a técnica pode descobrir e modificar. O termo “terapia” acabou sendo vinculado a este fazer médico que se associou a ideia de uma técnica instrumental que “aplica”, medica, ou se realiza procedimentos no sujeito buscando um reestabelecimento de seu “estado pré-doença” (Holanda, 2011a). O segundo tipo de fazer, é o fazer psicológico, mais especificamente, a clínica, que remete ao cuidado do homem dentro de um contexto, um cuidado que entende necessário um contínuo questionar-se de seu próprio fazer, sem tornar o sujeito em sofrimento em um objeto de um saber anterior. Este fazer é feito por uma escuta atenta do sujeito, o qual será sempre o maior detentor de conhecimento sobre si mesmo e suas formas de existência (Holanda, 2011a).

A partir desta discussão, podemos diferenciar pelo menos duas formas de atuação na Saúde Mental. Uma que se pode chamar de “interventiva”, que se constitui como uma aplicação técnica que tem como objetivo um retorno a um estado anterior que uma suposta

saúde pode indicar. A outra forma de ação seria a “clínica”, com formas de atuação mais diversificadas que são realizadas a partir das necessidades e particularidades do sujeito que se encontra a sua frente, não só diante do profissional da saúde, mas à frente do seu cuidado de si.

Optamos por tratar nesta pesquisa da clínica musicoterápica, já que não havia suposições sobre o que o grupo necessitaria *a priori*. Nem toda intervenção técnica invalida a subjetividade do indivíduo em sofrimento. Porém, esta pesquisa não se apoiou em um fazer, em uma forma de atenção à Saúde Mental, que se dava de forma unicamente técnica; ou em um fazer no qual não houvesse uma escuta do sujeito em sofrimento. Apostando na importância dessa atitude fenomenológica, buscou-se pensar em uma atitude clínica, que englobasse um fazer terapêutico, mas não se limitasse a este. Já que assim a atuação poderia se dar de forma muito mais ampla e flexível.

Qualquer disciplina que se proponha a ser uma clínica deve transcender os modelos instituídos, através de outras formas de ver a realidade. Acreditamos que a Fenomenologia possa vir a ser uma resposta a esta demanda, quando esta se propõe a superar a visão naturalista para se alcançar um saber anterior, *pré-reflexivo* (Holanda, 2011a, p. 82)

A clínica então se constitui numa forma de cuidado que poderá adquirir diferentes facetas, e uma delas pode ser a terapêutica. A característica central da clínica é a da colocação do sujeito à frente de pressupostos e teorias a respeito do que possa ser saúde, doença, tratamento ou cura; para que se possa compreender o que estes conceitos podem significar para o sujeito. Para isso, há a necessidade de se estar disponível para o outro e, deixar o outro, ser o que ele pode ou possa ser. Costa (2013) coloca que este posicionamento exige muito mais manejo do que interpretações.

As possibilidades da clínica musicoterápica são tantas quanto as necessidades do sujeito ou grupo atendido. O caminhar das intervenções e propostas de trabalho foram construídas partindo dos sujeitos de pesquisa. A experiência da sessão poderia se dar como um coral, com a construção de uma banda, um momento de escuta de CDs, um tempo de discussão a respeito de músicas, uma experiência do tocar junto ou a utilização de técnicas cujos objetivos se davam a partir de demandas trazidas pelo grupo. Porém, apesar de durante o processo dessa pesquisa estivéssemos constantemente pensando nosso fazer, buscando dar autonomia e atuar de forma a respeitar o contexto e

singularidade de cada integrante, notamos em alguns momentos em que uma interrupção, uma frase, uma intervenção acabou mostrando uma repetição de um fazer contrário à idealização proposta através dessas ideias. Pudemos perceber isso durante o processo de transcrição e análise do material. Foram momentos em que interrompemos um fazer musical do grupo que já estava acontecendo, para propor uma atividade que havia sido pensada anteriormente. Nos colocamos em um lugar de liderança que não era necessário, esquecemos muitas vezes de nos juntarmos ao grupo enquanto integrante. Explicamos nosso fazer como algo que objetiva a uma mudança. E muito provavelmente, mesmo depois de escutar e nos debruçar sob cada sessão e entrevista, ainda não enxergamos todas as ações e consequências dessas.

Vivemos num tempo atônito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser. (Santos, 2003, p.46)

Como Boaventura de Souza Santos coloca, a respeito das ciências na transição para uma ciência pós-moderna, em processos de transição, nos vemos por vezes reproduzindo ideias do século anterior e ora imaginando viver num futuro idealizado. Assim, nos parece também em relação ao ideal da “Reforma Psiquiátrica”. Cremos atuar seguindo uma nova forma de pensar, agindo de forma muito diferente das maneiras dos manicômios. Acreditamos estar numa posição totalmente diferente. Porém, ainda regemos nossas formas de atuação sob o enfoque na doença; buscamos uma normalidade, traçamos objetivos que muitas vezes pouco importam aos sujeitos que atendemos; somos terapeutas que “sabem o que é melhor a seus pacientes”. Ainda assumimos um lugar de suposto saber e não damos a devida autonomia ao sujeito em sofrimento. Se olharmos para nossos pés, veremos as sombras do nosso passado. Repetimos o que criticamos e percebemos-nos falíveis. Mas é melhor que percebamos antes as repetições que continuamos a realizar, do que nos gabarmos do quanto nossa atuação se transformou com a “Reforma Psiquiátrica”.

Tentamos com nossa pesquisa fugir desse lugar comum. Porém, fatalmente, em alguns momentos, acabamos atuando em repetição. E o pior, na maioria das vezes, isso nem era recebido como uma afronta pelos participantes. Era uma situação que passava

desapercebida. A repetição de um modelo focado na doença e na busca por uma normalidade é uma situação que passa desapercibida, mascarada de um novo fazer. Não queremos dizer com isso que nada mudou em relação às formas de cuidado na Saúde Mental. Muito mudou. Porém, acreditamos necessário reconhecer que muito ainda não mudou. E que essa repetição ainda se dá na compreensão e atuação do profissional, ou velada em políticas públicas que acabam também colocando ideologias como prioridade, ao invés de se deparar com as situações reais e com os próprios sujeitos. Sujeitos, e não adjetivos, dessa história.

Entendemos então que temos que nos esforçar a cada momento em busca do que acreditamos ser o mais ético. E talvez o reconhecimento desse esforço é que tenha permitido uma aproximação e uma vinculação intensa com o grupo. Talvez o peso dessa tentativa é que tenha resultado nas respostas positivas dos participantes sobre essa experiência. Freire (2003) define ética da clínica como uma postura que leva em conta a constituição da subjetividade como responsabilidade do outro. O autor coloca que é preciso abstrair-se da capacidade de intervir no outro e buscar desenvolver a habilidade de abrir-se ao outro, pois aquela supõe que o terapeuta sabe mais do que o sujeito que sofre, enquanto que a escuta ética coloca esse saber-poder em xeque. Segundo Freire (2003), isso demanda uma reformulação de práticas, questionamento de métodos e instrumentos.

Hávamos já entendido que a pessoa doente tem como primeira necessidade não só a cura da doença, mas muitas outras coisas. Necessitava ter um relacionamento humano com quem a tratava. [...] O doente não é apenas um doente, mas um homem com todas as suas necessidades (Basaglia, 1924/1979, p. 17)

Podemos perceber que esse trabalho não fala somente das repercussões na vida dos usuários que participaram da pesquisa. Ele implicou em uma rede de questionamentos sobre o nosso fazer enquanto profissionais da saúde e a respeito do contexto da Saúde Mental atualmente. Tratemos finalmente do foco dessa pesquisa, as repercussões do processo nos usuários, porém mantendo articulações a respeito de reflexões sobre a prática da Musicoterapia e o cuidado à Saúde Mental.

Em relação às repercussões clínicas, nos sujeitos de pesquisa frente à experiência em grupo de Musicoterapia, podemos avaliar que a pergunta de pesquisa foi parcialmente respondida. Ao nosso ver, a metodologia foi adequada, já que permanecemos

considerando que as repercussões de um trabalho devem ser avaliadas principalmente pelo próprio sujeito afetado: o que ficou para eles dessa experiência, algo que os ajudou, que acrescentou, que os fez pensar, ou que não deixou marcas, ou que deixou marcas negativas. Porém, o que avaliamos foi que a repercussão de uma experiência em grupo deve ser medida também a longo prazo. Para que o sujeito pudesse avaliar com um maior tempo os impactos dessa experiência em grupo.

Odell-Miller (1999) realizou uma pesquisa que tinha como objetivo investigar o valor da Musicoterapia na Psiquiatria. O objeto de seu estudo foram os resultados do processo musicoterápico. O resultado é considerado pela autora como um efeito ou repercussões de um evento ou circunstância, no caso as sessões de Musicoterapia. Além disso, Odell-Miller (1999) faz um apanhado das diferentes formas de se fazer pesquisa com o objetivo de analisar as repercussões do trabalho musicoterápico. Ela cita diversos tipos de pesquisas. Algumas enfocam somente nos parâmetros musicais para verificar os impactos da Musicoterapia. Porém, a autora afirma que parâmetros musicais revelam mudanças, mas não necessariamente verificam que outras mudanças tenham ocorrido na vida do sujeito. A autora considera necessário o acompanhamento tanto das mudanças ocorridas em sessão, em relação aos parâmetros musicais e as relações estabelecidas no grupo, quanto as mudanças em áreas gerais da vida do sujeito de pesquisa.

Pudemos perceber algumas similaridades da nossa pesquisa com a pesquisa de Odell-Miller (1999). A seguir, apresentamos alguns trechos desses relatos da pesquisa da autora e, ao lado, colocamos com quais participantes de nossa pesquisa o relato se aproxima. Sobre as repercussões do trabalho musicoterápico, apresentadas pelos participantes da pesquisa de Odell-Miller: “letting off steam” – podemos traduzir como desabafar ou extravasar (MA), deixar saírem as frustrações (MA), sentir-se seguro (MA), sentir-se compreendido (VA), desenvolvimento de auto-percepção (MO, ZI), dá acesso a partes que não é acessível através de palavras (ZI), possibilita entrar em contato com sentimentos (ZI), deixar fluir (MA, LU), era mais fácil para interagir com os integrantes do grupo, não precisava falar se não quisesse podíamos interagir na música (MA, LU).

Na pesquisa de Cardoso & Cunha (2011), a respeito de uma experiência de Musicoterapia em grupo em um CAPS AD de Curitiba, o relato dos participantes da pesquisa a respeito das funções da música e do grupo também revelou pontos parecidos com os encontrados nos relatos dos participantes desta pesquisa. Apesar de algumas especificidades do contexto de um CAPS álcool e drogas, eles consideravam que a música e o grupo foram favoráveis em relação a: distração, interação, expressão de conteúdos

internos, desenvolvimento pessoal, voltar o foco a uma atividade, exercitar a paciência, auxiliou no tratamento, deslocou pensamento de seus problemas, articulação de conhecimentos da vida cotidiana e do musical. Podemos perceber também vários pontos em comum.

Para a maioria dos participantes de nossa pesquisa, o grupo foi uma experiência impactante e significativa em suas vidas. Notamos que a vinculação com os membros do grupo, as amizades que desabrocharam durante esse processo, o afeto que permeava as relações dos integrantes entre si foram repercussões importante para eles, pois surgiram no relato de diversos integrantes. Espantou-nos o fato de que os participantes do grupo não sabiam os nomes de seus colegas, mesmo participando com eles de outros grupos; e que também tinham pouco ou nenhum vínculo com outros usuários do CAPS. Parecia que eles chegavam no CAPS, entravam nos grupos, falavam de suas dores, escutavam seus terapeutas e iam embora, praticamente sem interagir com ninguém.

A maioria dos participantes discorria sobre o quanto estavam isolados de tudo, que ficavam em casa, que não conseguiam sair pra lugar algum além do CAPS e que tinham perdido os amigos. Mas de certa forma, a reclusão e o isolamento que viviam em casa eram experienciados também no CAPS. Parece-nos que o formato dos grupos talvez não propiciasse um ambiente de trocas, mas muito mais um ambiente de fala e escuta, ou de aprendizado. Provavelmente o CAPS não estava ciente dessa falta de interação entre os usuários. E se estivessem, talvez atribuíssem essa característica às patologias dos usuários, sem se darem conta do fato mais importante, que isso era reforçado pelo próprio funcionamento do CAPS.

Então, quais características do grupo de Musicoterapia facilitavam essa interação? Pelos discursos dos participantes, pareceu que um ambiente mais descontraído facilitava a *inter-ação* (frisamos a *ação*, já que a interação era um esforço para muitos deles) até dos membros mais tímidos; parecia lhes dar uma maior segurança. Alguns também falaram sobre certas atitudes da terapeuta como importantes para o impulso de tentar se colocar em sessão e de interagir com os colegas. Uma delas era o incentivo à participação, outra era sua personalidade mais extrovertida. Também foi mencionado a importância de não serem interrompidos enquanto se expressavam no grupo; uma participante comentou que isso acontecia em outro grupos. Preocupamo-nos em tentar criar um ambiente de autonomia no grupo, no qual eles pudessem escolher o que queriam fazer. HI relata em sua entrevista final a importância desse respeito. HI dormia em quase todas as sessões, mas para ele, aquela era a melhor oficina do CAPS, e ele gostaria de continuar a “*ficar*

junto de vocês”. Talvez esse respeito e liberdade possibilitou uma sensação de aceitação e de espaço para estar, estar junto.

Uma das repercussões mencionadas por MA foi a de ter encontrado uma outra forma de “*extravasar*”. De Backer & Van Camp (1999) discorrem a respeito das necessidades de alguns grupos, especialmente grupos intitulados pelos autores como grupos de pacientes psiquiátricos, de utilizar a expressão musical como um alívio emocional, uma forma de catarse. Os autores definem tensão como uma sensação sem forma e acrescentam que na Musicoterapia podem ser dadas formas a essas sensações e elas podem ser experienciadas de outra forma que não a tensão corporal por exemplo. Ou no caso de MA, através da ação de destruir objetos.

A comunicação entre integrantes foi relatada em algumas entrevistas, dando a entender que o formato do grupo permitia com que houvesse mais comunicação entre os membros, ao invés de falas (relatos de vida) direcionados ao terapeuta. Pudemos verificar, de acordo com o Esquema 1 e 2 (p.73 e p.77), que o grupo repetiu inicialmente esse movimento, mas que aos poucos isso foi sendo quebrado. Mas é possível que o tipo de interação demonstrado no Esquema 1 seja o mais comum nas oficinas e grupos do CAPS.

Como já mencionado, Silva (2012) discorre sobre como a música traz uma possibilidade de vivência prazerosa. Consideramos que a música possibilitou a formação desse ambiente descontraído. Afinal, naquele momento o foco do grupo era a música, não a doença ou o sofrimento, temas que podem dar ao grupo uma característica mais séria. Além disso, enquanto tocavam ou cantavam, mesmo sem se darem conta estavam praticando interações, negociações, diálogos. Notamos no discurso dos participantes o quanto essas qualidades do ambiente do grupo eram importantes em seu cotidiano. Isso nos fez pensar a respeito da ligação entre o ambiente produzido em uma instituição e seus objetivos pretendidos. Será que se o enfoque do CAPS fosse na vida dos usuários, suas potencialidades, recursos e projetos de vida, os invés de suas doenças, o ambiente seria mais descontraído e talvez propiciasse uma maior interação e comunicação entre os usuários?

Outra questão revelada pelos relatos foi em relação ao enfoque do grupo. Como mencionado no parágrafo anterior, o grupo tinha como foco a música. Através das falas dos participantes pudemos perceber que os outros grupos, em sua maioria, tinham como foco a doença e o sofrimento. Isso nos fez pensar a respeito do enfoque das ações da Saúde Mental como um todo e como isso repercute no cotidiano das pessoas que frequentam o CAPS, por exemplo. Talvez o esforço naquele momento do grupo não

fosse “curar uma dor”, entender o porquê se sentiam como se sentiam, contar suas histórias de sofrimento mas, simplesmente, um esforço de estarem juntos na música. MA e HI deixam bem claro em seus relatos o quanto se tornava cansativo falar e ouvir em todos os grupos relatos de sofrimentos e histórias tristes.

Nise da Silveira é uma terapeuta que conseguiu voltar o foco de sua atuação para a vida, e não para a doença. E veja o impacto dessa – aparentemente pequena mudança, porém, no fundo, enorme transformação – no foco das ações do cuidado à Saúde Mental. Não estamos falando do cuidado à Saúde Mental? Então, por que pautamos nossas ações em cima da doença? Talvez devêssemos voltar nossa atenção e esforços para pensar na vida, nas possibilidades, nas potencialidades desses sujeitos, ao invés de suas dificuldades, impossibilidades, doenças. Qual o oposto de vida? No final, estamos nos voltando a processos de morte: morte da possibilidade, morte de uma vida “normal” ou de uma vida boa, morte da possibilidade de ter um emprego, de casar, de ter filhos. Morte da possibilidade de ser.

Outro aspecto trazido com a pesquisa a respeito da clínica musicoterápica é o fato de que a música pode fazer mal. Como pontuamos no início da dissertação, a música pode ser utilizada até mesmo com fins de tortura. Ao propor uma atividade com música, devemos estar atentos à possibilidade desta provocar efeitos indesejáveis ao sujeito. E que, como pudemos observar através dessa experiência de pesquisa, muitos sujeitos podem não comentar sobre o sofrimento que a música lhe está ocasionando. E o mesmo vale para qualquer proposta de intervenção em Saúde Mental. Parece-nos necessário estarmos atentos aos limites dos nossos fazeres, e as consequências que podem gerar nossas ações.

Essa discussão nos remete a pensar sobre a proposta das oficinas terapêuticas, já que muitas vezes a Musicoterapia é alocada no CAPS como uma oficina terapêutica. Além disso, as oficinas também costumam estar associadas a atividades ligadas as artes, incluindo assim a música. O questionamento realizado, partindo de nossa experiência, é que só por serem arte não querem dizer saúde; a arte de forma geral pode repercutir das mais diversas formas, inclusive piorando a situação de saúde do sujeito que participa das oficinas. Será que há um cuidado em relação à escolha e preparo do profissional que irá atuar nas oficinas? Ele está ciente do que suas ações podem deflagrar? Ou ele também pensa que a música apenas “faz bem”? A tese de Botti (2004) demonstra que as oficinas terapêuticas se encontram em uma fase de transição entre a repetição de uma lógica manicomial e as novas formas de atuação no cuidado à Saúde Mental. Ela discorre sobre

como, apesar de diversas mudanças, as oficinas muitas vezes ainda visam um ocupacionismo que remete a um modo operante manicomial.

Fato é que a música nos afeta. Como ela irá afetar a cada um é algo que desconhecemos. Mas é importante que saibamos da potência desse impacto. No caso de nossa experiência com o grupo, os desconfortos que estavam sendo causados pela música foram percebidos já nos primeiros contatos com o grupo, e houve uma preocupação em buscar outras formas de se estar na música para que pudéssemos acolher as diferentes demandas e especificidades do grupo. O musicoterapeuta trabalha com a musicalidade das pessoas. Essa ação exige uma formação que, via técnicas e metodologias específicas, possibilita que o profissional estimule a expressão de sons e melodias, sem que a pessoa tenha conhecimento teórico e musical prévio. Essa escuta e aceitação da pessoa como ela é, a leitura das suas possibilidades de desenvolvimento, agregam uma qualidade diferente às interações.

Existem, hoje, diversos profissionais realizando oficinas de música em CAPS. Um exemplo das intervenções que são realizadas com a música hoje é relatada em uma pesquisa em um CAPS de Castro no Paraná (Leandro; Liz; Puhl; Camargo; Bueno & Galdino, 2011). Foram criadas oficinas pedagógicas de música por alunas do curso de licenciatura em música. Pudemos perceber nessa pesquisa que o enfoque do grupo era pedagógico e, por esse objetivo, a atuação foi bastante diferente da do musicoterapeuta. As atividades oferecidas nas oficinas e seus objetivos foram pensados anteriormente ao encontro com os usuários no dia da oficina, sendo assim, de certa forma descolados da realidade e especificidade daquele grupo. A oficina de canto foi proposta pelo “caráter coletivo” do canto e de sua “capacidade de promoção da integração e socialização entre pessoas”. O objetivo do grupo com as oficinas era o de propiciar inclusão social e melhorar a qualidade de vida dos usuários. Os autores ainda consideraram que as oficinas não estavam “deslanchando” devido à “falta de sincronismo e de afinação dos participantes” e, acrescentam que consideraram como situações que iam “contra a oficina” o fato de haver pacientes sem alfabetização, “fato que os impossibilitava do acesso à leitura da letra da música” e as dificuldades “gerais de memorização, corriqueiras entre a clientela” (Leandro *et al*, 2011, p.61).

Percebemos uma lógica muito diferente de ação proposta pela Musicoterapia nessa pesquisa. Observamos uma proposta de ação pronta, que parte de premissas dos profissionais atuantes, que não foi construída junto aos sujeitos e não levou em conta o contexto dos usuários em suas formas de ação. E ainda, quando a oficina parece não estar

“dando certo”, ao invés de repensarem sua ação, culpabiliza-se o usuário. Há um descolamento dos pesquisadores da realidade dos sujeitos a sua frente e ações baseadas em pressuposições sobre o que eles necessitam. Porém compreendemos que é uma ação pedagógica e talvez por sua especificidade possa ser realizada dessa maneira.

É interessante que a música possa ser utilizada por diferentes profissionais como uma ferramenta de ação na Saúde Mental. A música não é propriedade da Musicoterapia. Porém, é importante estarmos atentos às formas como a música será utilizada, dependendo de cada profissional que a for utilizar, e as consequências que essas ações podem gerar.

Observamos como outra repercussão da experiência no grupo de Musicoterapia, uma mudança nas relações estabelecidas pelos participantes com a música. Pudemos observar mudanças em relação a participantes que não escutavam mais música passarem a escutá-la. A proposta de se fazer música juntos criou um ambiente desafiador para muitos participantes e possibilidades de tentarem coisas novas, novas experiências, novos papéis. Também houve aqueles que mantiveram características de sua relação com a música – ZI, por exemplo, que significava a música como algo que a fazia recordar – mas ampliaram essa relação (no caso de ZI ela conseguiu lembrar de um evento de sua vida e o elaborar). Ou no caso de MO que passou a dar mais importância ainda no papel da música em sua vida.

Ruud (1998) coloca a música como um mapa da realidade, tanto da humanidade, de uma sociedade ou cultura, quanto de um sujeito. Cada som ou música carrega um traço de história, uma pequena narrativa de uma cena. Porém, estes mapas podem mudar quando os contextos mudam. É o que se pode observar a partir de algumas entrevistas, que mostram o quanto esse mapa aponta para um contexto de mudança e de reestruturação de uma forma de ser, de uma identidade. Podemos pensar, a partir disso, nas possibilidades de compreensão do sujeito e de seu contexto num momento de acolhimento e diagnose, no qual sua relação anterior e atual com a música pode nos dizer muito do momento de vida deste sujeito. Além disso, pode nos informar sobre o que ainda traz a ele estrutura, identidade e ancoragem em sua vida.

Além de mudanças na relação com a música pudemos perceber o quanto a música possibilitava novos papéis que eles assumiam ao fazerem música. Como WO, que no cotidiano do CAPS era visto por seus colegas como alguém que estava em crise, mas quando ele começou a tocar e a cantar no grupo, todos ficaram boquiabertos pela qualidade de sua produção. WO passou a ser um membro muito admirado e querido pelo

grupo, especialmente por MO. Também promovia novos espaços de relação entre os integrantes que muitas vezes se deparavam com o desafio de se relacionar com o outro, mesmo com suas diferenças. O que possibilitou que muitos integrantes se repensassem a partir do outro. O grupo como um todo teve que descobrir formas de estarem juntos, pois havia uma grande heterogeneidade entre eles.

Pavlicevic (2006) afirma que fazer música em grupo diz respeito a criar e sustentar relacionamentos humanos, com suas complicações, frustrações e potenciais. Dispor-se a tocar em grupo é uma ação que exige comunicação, negociação de tempo (andamento), intensidade, duração e contorno. Há um esforço de adaptar sua forma de tocar para se adequar à forma do outro estar na música. Com relação a alguns integrantes, foi difícil afirmar sobre repercussões a respeito da experiência vivida em grupo. Mas algumas reflexões puderam ser realizadas em cima do material coletado.

Um exemplo dessa repercussão foi MO, que em dado momento desabafou que queria que trocassem todos os membros do grupo por pessoas mais animadas. Mas, que finalmente pode compreender que sua forma de agir e as músicas que escolhia afetavam o grupo, muitas vezes de forma a encorajar e alegrar e, noutras, em desarmonia com os outros participantes. MO demonstrou uma compreensão que muitos profissionais da saúde não conseguem alcançar, a de se afinar ao grupo e se flexibilizar para acomodar as diferenças que ali havia.

Podemos resumir as reflexões realizadas nessa pesquisa em dois conceitos utilizados na Musicoterapia: Afinar-se e *Groove*, descritos no capítulo 4. Talvez nosso desafio maior em busca da reforma na atenção à Saúde Mental esteja muito mais em uma reforma de mentalidades e na forma de cuidado, do que uma reforma dos locais de atenção. Ou expressando em outras palavras: os locais mudaram, as mentalidades nem tanto. Ainda mantemos uma compreensão do fenômeno do sofrimento psíquico devedor de uma lógica explicativa do modelo das ciências naturais, e, como tantos psicopatologistas (Jaspers, Minkowski, Van den Berg, Binswanger) e fenomenólogos (Husserl, Dilthey) defendem este modelo não dá conta da complexidade dos fenômenos humanos. Ainda mantemos como nosso foco na compreensão das psicopatologias, o fenômeno “doença”, ou muitas vezes apenas no fenômeno “sintoma”, ao invés de se focar no fenômeno humano, como tenta realizar os psicopatologistas fenomenólogos, citados neste trabalho.

As políticas públicas se voltam para as doenças: “Plano de enfrentamento ao crack”, é um exemplo. As formas de funcionamento dos dispositivos da rede de Saúde

Mental acabam utilizando a proposta do CAPS como um serviço ambulatorial com suas oficinas, cada uma em uma sala, para pessoas com transtornos mentais melhorarem.

Estamos longe de sabermos o que é uma psicose (Costa, 2003), não compreendemos o que sejam “doenças mentais”. Szasz (1961/1982) afirma que são mitos, invenções, já que não dizem de uma doença concreta. Mas parece que assumir nossa limitação e nossa incompreensão, abdicando do nosso lugar de suposto saber-poder, são coisas difíceis de se fazer. Por que então não escutar o outro para buscar compreender seu sofrimento, suas formas de estar no mundo e suas redes de apoio, potencialidades, sonhos? Em especial, escutar suas demandas ao invés de presumir o que o sujeito precisa. “Afinar-se”. O musicoterapeuta busca se afinar às formas de ser dos sujeitos do grupo, as suas intensidades e andamentos, a sua cultura, a seu contexto, para que possa estar junto na música de uma forma que faça sentido para o sujeito. Podemos transferir esse conceito para pensarmos no cuidado a Saúde Mental de forma geral.

Para orquestrarmos uma rede de Saúde Mental, que possa oferecer uma atenção de qualidade, parece necessário que nos afinemos. Isso não quer dizer que tocamos os mesmos instrumentos, fazemos as mesmas intervenções ou até mesmo que compreendemos o fenômeno da mesma forma. Apenas que temos um objetivo em comum: o sujeito que está à nossa frente, e que este é o centro, ao invés do centro ser nossas concepções teóricas sobre o sujeito. Uma orquestra precisa afinar seus instrumentos (cada instrumento com suas próprias características de afinação) antes de se proporem a tocarem juntos. Eles têm um objetivo em comum, uma peça musical, e esta é o centro, ela é quem dita o caminhar da produção sonora de cada musicista.

Perguntamos, em suma, se os fatos insignificantes que, com frequência, fazem desabar sistemas teóricos inteiros (em nosso caso, os doentes que vegetam nos asilos) não entraram há muito tempo em conflito com a teoria que a Psiquiatria recorre, e se não seria o caso de a teoria ceder a vez para deixar falar os fatos (Basaglia, 1924/2005, p.63).

Basaglia demonstra sua preocupação em relação à supressão do sujeito em sofrimento em prol de uma confirmação de uma ideologia e a cegueira que esse posicionamento dispara. Costa (2013) também alerta sobre o cuidado que adquirem as formas de controle ou planos de orientação regidos por normas, modelos

comportamentais pré-estabelecidos ou estilos de existência elegidos como saudáveis. “Tais formas de cuidar não disfarçam a vontade de dominação que as sustenta. Por isso, excessos também costumam acontecer no exercício do cuidado” (Costa, 2013, p.63); em outras palavras, ao ser invasivo o terapeuta impossibilita que o outro assuma a si mesmo e suas possibilidades enquanto sujeito. Acreditamos, pautados em um posicionamento fenomenológico, que um primeiro importante passo é parar para olhar e escutar o sujeito em sua relação com o mundo. Afinar nossos instrumentos de trabalho (ações, conhecimento, técnicas, intervenções, nosso próprio ser) para que possamos compreender e criar nossas formas de trabalhar, que muito provavelmente mudarão a cada dia, dependendo do contexto de cada sujeito.

O conceito de *groove* nos ajuda a compreender essa flexibilidade. Encontrar uma sintonia com o sujeito à nossa frente para que possamos estar em *grooving*, numa mesma sintonia. O *groove* é usado na Musicoterapia para falar dessa possibilidade que a música tem de acolher quaisquer discrepâncias musicais. A forma musical é ajustada para acolher diferentes musicalidades, dando ao sujeito que poderia se sentir tocando “fora do ritmo”, uma estrutura para que seu ritmo não esteja “fora”, mas “dentro”. Não se torna a exceção, mas parte integrante da regra. Porém, isso não é feito a partir da adaptação do sujeito à regra imposta pelo grupo, mas sim, de uma adaptação do grupo a partir de uma outra possibilidade rítmica. Seu ritmo, ao invés de estar fora da norma, ajuda a criar uma nova norma.

Essa discussão lembra a reflexão de Canguilhem (1943/1995) de que os organismos têm diferentes formas de funcionamento frente às adversidades de seu meio, que por vezes dizem de uma normatividade vital, mas fogem a uma normatividade social, criando uma significação de anormalidade. Porém, o autor afirma que é no interior da relação entre sujeito e mundo que poderemos definir conceitos como normal e patológico. Não há fato algum que seja normal ou patológico em si, são apenas outras normas de vida possíveis, que se forem consideradas inferiores às normas anteriores, serão chamadas de patológicas. A saúde seria a possibilidade de produzir novas normas nas relações com o meio. Canguilhem aponta para a definição do que é normal enquanto uma estrutura valorativa positiva que irá definir o campo da clínica. Assim, talvez uma posição clínica que esteja disposta a compreender a normatividade vital de cada indivíduo dentro de seu contexto de vida, possa dar espaço para o sujeito questionar seu estado de sofrimento enquanto uma anormalidade. Para que, então, seu empenho se volte à produção de novas

normas nas relações com seu meio, e não a busca por uma normalidade perdida ou idealizada.

Parece que o posicionamento de se afinar e buscar o *groove* diz desse respeito à singularidade do sujeito sem deixar de lado seu contexto e, principalmente, de um fazer clínico que se pautar menos em uma adaptação a uma normalidade ideal, e mais em uma busca por uma nova norma em que o sujeito possa viver bem em seu mundo. Porém, relembremos o quanto se afinar e criar um espaço de *groove* é algo difícil. Ao longo do processo musicoterápico, verificamos a dificuldade de se afinar a um grupo tão heterogêneo; levaram sessões para que o grupo pudesse encontrar seu *groove*, para que pudessem estar juntos na música, para que as diferentes musicalidades, dificuldades e potencialidades pudessem ser acolhidas. Assim, utilizando-nos da mesma metáfora, é também difícil o exercício de se afinar no cotidiano de atendimento na rede de Saúde Mental. Se encontramos dificuldade de criar um *groove* em um grupo de 11 pessoas, imagine em um CAPS ou em uma rede municipal de Saúde Mental.

Pavlicevic (2006), ao discorrer a respeito dos momentos de tensão, conflitos, desmembramento do grupo, ou qualquer outra situação de potencial desconforto ao terapeuta, dá uma importante dica:

A regra de ouro é simples: escute! Escute cuidadosamente. Não julgue muito apressadamente o que você escuta ou se jogue em conclusões precipitadas. Também não tente “consertar” instantaneamente o desconforto – tanto pessoal quando musical. Geralmente lhe diz algo enormemente valioso [...] Apenas continue escutando! (p.219, tradução nossa)

Muitas vezes, diante de uma situação que foge ao nosso controle, que não compreendemos ou que nos coloca em um lugar de insegurança, tendemos a buscar o controle através de atividades propostas, ou nos esconder através de supostos saberes e teorias metafísicas inacessíveis ao outro, já não mais conectadas à realidade. Pavlicevic alerta: continue a escutar. Basaglia defende, coloque a doença entre parênteses para se encontrar com o sujeito. Husserl afirma que para compreender é necessário ir às coisas-mesmas, ou seja, ao fenômeno. Jaspers alerta aos pré-conceitos que anuviam nosso olhar e preza pelas descrições dos sujeitos em sofrimento. Minkowski crê que deveríamos nos voltar ao vivido, à “grande arena da vida”, ao invés de nos prendermos ao “cerco estreito” de nossos princípios e teorias.

Assim, concluiu-se através da experiência junto ao grupo de Musicoterapia e as reflexões levantadas em cima desse material que se afinar, numa escuta disposta a compreender com o outro, e a criar junto ao sujeito em sofrimento um espaço de *groove* na clínica e em sua vida, não é uma tarefa fácil, porém possível, e especialmente necessária. Apesar do objetivo desta pesquisa ser o de melhor compreender as implicações da atuação da Musicoterapia no contexto de vida dos sujeitos em sofrimento psíquico grave, nesta pesquisa muito mais pôde ser discutido. Partindo dessa questão, muitas outras mais foram abertas, a respeito da saúde e da doença, do papel do terapeuta, da autonomia do sujeito em sua saúde e manejo de seu sofrimento, das intervenções terapêuticas, dentre tantas outras que estão presentes em qualquer fazer da Saúde Mental, independente do profissional envolvido.

Deixamos muitas questões ainda em aberto. Vemos o material recolhido e a experiência vivenciada como um mar infinito de possibilidades de temas a serem abordados e refletidos. Esperamos que pelo menos uma pequena parte dessas possibilidades tenha sido devidamente aprofundada para que possamos fazer jus à incrível experiência que vivenciamos ao longo dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Abreu e Silva Neto, N. (2004). A Atualidade da Obra de Eugène Minkowski (1885-1972). *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, XXIV(2), 50-62.
- Alvin, J. (1967). *Musicoterapia*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Amarante, P. (2007). *Saúde mental e Atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Amatuzzi, M. M. (2003). Pesquisa fenomenológica em Psicologia. Em M. A. de Toledo Bruns & A. F. Holanda (Orgs.). *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas* (pp.17-16). Campinas: Alínea.
- Amui, J. M. (2006). Imagem musical: reflexões sobre a musicalidade da alma. *Em Anais do IV Congresso Latinoamericano de Psicologia Junguiana*, (pp. 30-35). Punta del Este, Uruguay.
- Ansdell, G. (2006). Rethinking Music and Community: theoretical Perspectives in Support of community Music Therapy. pp. 65-90. Em *Community Music Therapy*. Editado por Mercédès Pavlicevic & Gary Ansdell. London e Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.
- Aristóteles (1990). *A Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. Lisboa: Casa da Moeda.
- Bastos, J. C. (2012). Poluição sonora: uma tortura socialmente aceita XV Encontro de ciências sociais do Norte e Nordeste e pré-alias Brasil, Universidade Federal do Piauí - Teresina-PI.
- Barbara, B. B.; Duarte, C.; Mello, H. C. & Goldenstein, N. (1999). Musicoterapia e Psiquiatria: Um estudo de caso. *Revista Casos Clínicos em Psiquiatria*, 1 (1), pp.16-20.
- Barcellos, L. R. (2012). Levantamento sobre o ‘Estado da Arte’ da Pesquisa em Musicoterapia no Mundo. *Em Anais do XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, (461-591). Olinda, PE, Brasil.
- Barcellos, L.R. & Santos, M. A. (1996). A natureza polissêmica da música. *Em Revista Brasileira de Musicoterapia*. Rio de Janeiro: ano 1 nº 1, 1996. p.5-18.
- Basaglia, F. (1979). *Psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática*. (Vol. 1). Tradução de Sonia Soianesi e Maria Celeste Marcondes. São Paulo: Editora Brasil Debates (Original publicado em 1924).
- Basaglia, F. (2005). *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. Organização: Paulo Amarante. Tradução de Joana Angélica d’Ávila Melo. Rio de Janeiro: Garamond (Original publicado em 1924).

- Benenzon, R. O. (1988). *Teoria da Musicoterapia: Contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal*. São Paulo: Summus editorial.
- Benenzon, R. O. & Yepes, A. (1972). *Musicoterapia en Psiquiatria*. Buenos Aires: Barry.
- Blasco, S. P. (1999). *Compendio de Musicoterapia*. Barcelona: Herder.
- Bohlman, P. V. (1999). Ontologies of Music. Em N. Cook & M. Everist, *Rethinking Music* (pp. 17-34). Oxford: Oxford University Press.
- Botti, N. C. L. (2004). *Oficinas em saúde mental: história e função*. Tese de doutorado. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP.
- Brandalise, A. (2001). *Musicoterapia Músico-Centrada: Linda – 120 sessões*. São Paulo: Apontamentos.
- Bruscia, K. (2002). *Definindo Musicoterapia*. (2 ed.). Rio de Janeiro: Enelivros.
- Burton, R (2012). *Anatomia da Melancolia*. Curitiba: Editora UFPR (Original publicado em 1621).
- Canguilhem, G. (1995). *O Normal e o Patológico*. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. (4 ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária (Original publicado em 1943).
- Cardoso, L. N. & Cunha, R. R. dos S. (2011). Trocas afetivas e psicossociais em musicoterapia: Grupos no centro de atenção psicossocial álcool e drogas. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, Curitiba v.2, p. 74 – 94.
- Chagas, M & Pedro, R. (2008). *Musicoterapia – Desafios entre a modernidade e a contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Manau e Bapera Editora.
- Cirigliano, M. M. S. (2004). A canção-âncora: descrevendo e ilustrando a contratransferência em Musicoterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, IX (7), p.38-42.
- Condillac, E. de. (1993). *Tratado das Sensações*. Campinas: Editora da Unicamp (Original publicado em 1974).
- Costa, C. M. (1985). A estranheza do corpo: uma abordagem musicoterápica. Trabalho apresentado em mesa redonda no *I Congresso Internacional do Corpo*, (s/p). Rio de Janeiro, Brasil. Disponível na Biblioteca da Musicoterapia Brasileira (online).
- Costa, C. M. (1986). A linguagem musical no tratamento de esquizofrênicos. Trabalho apresentado no *XI Congresso Internacional de Psiquiatria Social*, (s/p). Rio de Janeiro, Brasil. Disponível na Biblioteca da Musicoterapia Brasileira (online).
- Costa, C. M. (1989). *O despertar para o outro: Musicoterapia*. São Paulo: Sumus.

- Costa, C. M. (2008). Uma pesquisa sobre Musicoterapia nas esquizofrenias. *Em Anais eletrônicos, ICD-ROM, do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, (s/p). Rio de Janeiro, Brasil.
- Costa, C. M. (2010). *Música e Psicose*. Rio de Janeiro: Enelivros.
- Costa, C. M. & Vianna, M. N. (1982). Musicoterapia - grupos de pacientes psiquiátricos internados por períodos breves. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 31(3), 185-194.
- Costa, C. M. & Vianna, M. N. (1984a). Musicoterapia - uma pesquisa sobre sua utilização para pacientes esquizofrênicos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 33(3), pp. 178-185.
- Costa, C. M. & Vianna, M. N. (1984b). Musicoterapia - Música e Linguagem nas esquizofrenias. *Revista do Corpo e da Linguagem*, 2(6), 153-157.
- Costa, C. M. & Vianna, M. N. (1985). Música – uma linguagem terapêutica para psicóticos. *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria e da Associação de Psiquiatria da América Latina*, 7(27), 163-167.
- Costa, C. M. & Vianna, M. N. (1987). A importância da linguagem musical para psicótico – abertura de canais de comunicação. *Em III Congresso Mundial de Niño Aislado*, (s/p). Buenos Aires, Argentina.
- Costa, I. I. da (2003). *Da fala ao sofrimento psíquico grave: Ensaio acerca da linguagem ordinária e a clínica familiar da esquizofrenia*. Brasília.
- Costa, I. I. da (2010) (Org.). *Da psicose aos sofrimentos psíquicos graves: caminhos para uma abordagem complexa*. Brasília: Kaco Editora.
- Costa, I. I. da (2013) (Org.). *Intervenção Precoce e Crise Psíquica Grave: Fenomenologia do sofrimento psíquico*. I. I. da Costa (Org.). A. F. Holanda (Coord.). Curitiba: Juruá.
- Cunha, R & Volpi, S. (2008). A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação. *Revista Científica/FAP*(3), 85-97.
- Cusick, S. G. (2006). La música como tortura / La música como arma. *Revista Transcultural de Música* 10, s/p.
- Dartigues, A. (2008). *O que é fenomenologia?* Tradução Maria José J. G. de Almeida. (10 ed.). São Paulo: Centauro.
- De Backer & Van Camp (1999). Specific aspects of the music therapy relationship to psychiatry. Chapter 1. pp. 11-23. Em: *Clinica applications of music therapy in psychiatry*. Editado por Tony Wigram & Jos De Backer. London & Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.

- Dilthey, W. (2008). *Idéias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica*. Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia (Original publicado em 1894).
- Foucault, M. (1968). *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Tempo brasileiro (Original publicado em 1954).
- Foucault, M. (1978). *História da Loucura na Idade Clássica*. Tradução de José T. C. Netto. São Paulo: Editora Perspectiva (Original publicado em 1961).
- Frohne, I. (1991). *Musicoterapia na educação social e na psiquiatria*. Em Música e Saúde. E. Ruud (Org.). Tradução de Vera Bloch Wrobel; Glória Paschoal de Camargo; Mirian Goldfeder. São Paulo: Summus.
- Freire, J. C. (2003). Sofrer por outrem e não sofrer de si: uma escuta do sofrimento psíquico por via da ética da alteridade. Em I. I. da Costa; A. F. Holanda; F. Martins; M. I. Tafuri. *Ética, linguagem e sofrimento. VI Conferência Internacional sobre Filosofia, Psiquiatria e Psicologia*. (pp. 131-137). Brasília: ABRAFIPP.
- Gaston, E. T. (1968). *Tratado de Musicoterapia*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Giacomoni, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP, XII(1)*, (pp.43-50).
- Giacomoni, C. H. & Hutz, C. S. (1997). A mensuração do bem-estar subjetivo: escala de afeto positivo e negativo e escala de satisfação de vida [Resumos]. Em Sociedade Interamericana de Psicologia (Org.), *Anais XXVI Congresso Interamericano de Psicologia* (p. 313). São Paulo: SIP.
- Giorgi, A. (2000). *Phenomenology and Psychological research*. Pittsburgh: Duquesne University Press (Original publicado em 1985).
- Giorgi, A. & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Goldberg, F. S; McNiel, D. E; Binder, R. L. (1988). Therapeutic factors in two forms of inpatient group psychotherapy: Music therapy and verbal therapy. *Group*, 12(3), pp.154-156.
- González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira.
- Goulart, M. S. (2007). *As raízes italianas do movimento antimanicomial*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guazina, L; Vitor, J.S.F; Gonçalves, C.S.G.A; Nascimento, R.L.N & Cunha, L.M. (2011). A Entrada da Musicoterapia no Sistema Único de Assistência Social (SUAS):

- conquistas e perspectivas. *Em Anais do XIII Fórum Paranaense de Musicoterapia*, (s/p). Curitiba, PR, Brasil.
- Holanda, A. (2001). Psicopatologia, exotismo e diversidade: ensaio de antropologia da psicopatologia. *Psicologia em Estudo*, 6(2), 29-38.
- Holanda, A. F. (2003). Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. Em M. A. de Toledo Bruns. & A. F. Holanda (Orgs.). *Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas* (pp. 35-56). Campinas: Alínea.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 363-372.
- Holanda, A. (2009). Fenomenologia e Psicologia: diálogos e interlocuções. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(2), 87-92.
- Holanda, A. F. (2011a). Fenomenologia do "cuidado": reflexões para um olhar sobre o binômio saúde-doença. Em A. J. Peixoto & A. F. Holanda (Coord.). *Fenomenologia do cuidado e do cuidar: Perspectivas multidisciplinares*. Curitiba: Juruá.
- Holanda, A. F. (2011b). Gênese e histórico da psicopatologia fenomenológica. Em V. A. Angerami (Org.). *Psicoterapia e Brasilidade*. São Paulo: Cortez.
- Holanda, A. F. (2013). Prefácio. Em I. I. da Costa (Org.). A. F. Holanda (Coord.) *Intervenção precoce e crise psíquica grave: fenomenologia do sofrimento psíquico*. Curitiba: Juruá.
- Holanda, A. F. & Freitas, J. (2011). Fenomenologia e Psicologia: Vinculações. Em Adão José Peixoto, *Fenomenologia diálogos possíveis* (pp. 97-112). Campinas: Alínea Editora.
- Ilari, B. (2006). Música, comportamento social e relações interpessoais *Psicologia em Estudo* (Maringá), 11 (1), 191-198.
- Jaspers, K. (1987). *Psicopatologia Geral*. Tradução Samuel Penna Reis. Rio de Janeiro: Atheneu (Original publicado em 1913).
- Jardim, K. & Dimenstein, M. (2007). Risco e crise: pensando os pilares da urgência psiquiátrica. *Psicologia em Revista*, 13(1), Junho, 169-190.
- Jensen, B. (1999). Music therapy with psychiatric in-patients: A case study with a young schizophrenic man. Em T. Wigram & J. de Backe (Org.). *Clinical Applications of Music Therapy in Psychiatry*. London: Jéssica Kingsley Publishers.

- Jorge, M. S. B; Pinto, D.M; Quinderé, P. H. D; Pinto, A. G. A; Sousa, F. S. P. & Cavalcante, C. M. (2011). Promoção da Saúde Mental – Tecnologias do Cuidado: vínculo, acolhimento, co-responsabilização e autonomia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(7), pp. 3051-3060.
- Keil, C. (s.d.). *Born to groove*. Disponível em: <http://borntogroove.org/>
- Cunha, R; Arruda, M & Silva, S. M. da. (2010). Homem, música e musicoterapia. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, Curitiba, 1, p.9-28.
- Leandro, J. A. Liz, A. M. de J; Puhl, A; Camargo, A. E; Bueno, R. M. S; Galdino, S. R. (2011). Promoção da Saúde Mental: Música e Inclusão Social no Centro de Atenção Psicossocial de Castro/PR. *Revista Conexão*, n. 3, pp. 59-63.
- Lelis, C. & Romera, L. M. (1997). Musicoterapia nas Oficinas Terapêuticas: trilhando e recriando horizontes. *Revista Brasileira de Musicoterapia* (Rio de Janeiro), 2 (3), pp.41-49.
- Laplantine, F. (1991). *Antropologia das doenças*. Tradução de Walter Lelis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1986).
- Leinig, C. E. (1977). *Tratado de Musicoterapia*. São Paulo: Sobral Editora Técnica Artesgráficas LTDA.
- Lima, E. M. F & Pelbart, P. P. (2007). Arte, Clínica e loucura: um território em mutação. *História, ciência e Saúde*, Rio de Janeiro.
- Malloch, S., & Trevarthen, C. (2009). Musicality: Communicating the vitality and interests of life. In S. Malloch & C. Trevarthen (Eds.), *Communicative musicality: Exploring the basis of human companionship* (pp. 1–15). Oxford: Oxford University Press.
- Maranhão, A. L. V. (2007). *Acontecimentos sonoros em musicoterapia: a ambiência terapêutica*. São Paulo: Apontamentos.
- Merriam, A. P. (1964). *The anthropology of music*. Chicago: Northwestern University Press.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1945).
- Messas, G. P. (2004). *Psicopatologia e Transformação: Um esboço Fenômeno-Estrutural*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Minkowski, E. (1960). *La esquizofrenia: Psicopatología de los esquizoides y los esquizofrénicos*. Buenos Aires: Paidós (Original publicado em 1927).

- Minkowski, E. (2000). Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto pático da existência). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3(4), 156-164 (Original publicado em 1968).
- Muszkat, M.; Correia, C. M. F. & Campos, S. M. (2000). Música e Neurociências. *Rev. Neurociências* 8(2), pp. 70-75.
- Nick, E. (2005). Musicoterapia em Saúde Mental. Em *Anais da V Jornada Científica de Musicoterapia. Musicoterapia: Teorias e Práticas Contemporâneas*, (s/p). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Odell-Miller, H. (1999). Investigating the value of music therapy in psychiatry: Developing research tools arising from clinical perspectives. Em: *Clinic applications of music therapy in psychiatry*. Editado por Tony Wigram & Jos De Backer. London & Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.
- Pacheco, M.C. dos S. C. & Cunha, R. (2011). Música na Vida Cotidiana. *Revista Científica/FAP* (Curitiba), 7, 319-334.
- Pahlen, K. (1965). *História Universal da Música*. Tradução de A. Della Nina. (5 ed). São Paulo: Edições Melhoramento (Original publicado em 1947).
- Paim, I. (1993). *História da Psicopatologia*, São Paulo: E.P.U.
- Pavlicevic, M. (2006). *Groups in Music: Strategies from Music Therapy*. London: Jessica Kingsley Publisher.
- Pereira, M. E. (2000). Minkowski ou a psicopatologia como psicologia do pathos humano. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, III, 153-155.
- Pessotti, I. (2006). Sobre a teoria da loucura no século XX. *Temas em Psicologia*, XIV(2), Dezembro, 113-123.
- Piazzetta, C. M. (2006). O Desenvolvimento da Pesquisa em Musicoterapia no Brasil. Em *Anais do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, (s/p). Goiânia, GO, Brasil.
- Piazzetta, C. M. (2003). Relatório final da CLP - UBAM 2003. Em *Anais do XI Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, (s/p). Natal, RN.
- Podolsky, E. (1954). *Music Therapy*. Nova York: Philosophical Library.
- Ribeiro, J. P. (1994). *Gestalt-terapia: o processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística*. São Paulo: Summus.
- Ricoeur, P. (2006). *Na escola da fenomenologia*. Rio de Janeiro: Vozes.

- Robortella, S. C. (2000). *Relatos de usuários de saúde mental em liberdade: o direito de existir*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Rogers, C. R. (1994). *Grupos de encontro*. Trad. Joaquim L. Proença. São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (1987). *Tornar-se pessoa*. Trad. Manuel José do Carmo Ferreira. São Paulo: Martins Fontes.
- Ruud, E. (1990). *Caminhos da Musicoterapia*. São Paulo: Summus.
- Ruud, E. (1991). *Música e Saúde*. Tradução de Vera Bloch Wrobel; Glória Paschoal de Camargo & Mirian Goldfeder. São Paulo: Summus.
- Ruud, E. (1998). *Music Therapy: Improvisation, Communication and Culture*. Barcelona: Barcelona Publishers.
- Sagan, C. (2006). *O mundo assombrado pelos demônios*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Companhia de Bolso (Original publicado em 1995).
- Sampaio, R. (2005). Por uma nova noção de Música em Musicoterapia. *Em Apontamentos em Musicoterapia*, 1, 21-24. São Paulo: Apontamentos.
- Sigerist, H. E. (2011). *Civilização e Doença*. Tradução de Marcos Fernandes da Silva Moreira. São Paulo: Hucitec (Original de 1944).
- Santos, B. de S. (1988). Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, 2(2), pp.46-71.
- Silva, M.N.R.M.O. (2010). *Redes sociais significativas na saúde mental: (des)coabrindo relações no sofrimento psíquico grave e (redes) coabrindo elos de encontro*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília, Brasília.
- Silva, R. S., & Moraes, M. (2007). Musicoterapia e saúde mental: relatos de uma experiência rizomática. *Revista Psico*, 38(2), 139-147.
- Silva, R. S. (2012). *Grupos musicais em Saúde Mental: conexões entre estética musical e práticas musicoterápicas*. Tese (Doutorado) em Psicologia. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia. 198f.
- Stockinger, R. C. (2007). *Reforma Psiquiátrica Brasileira: Perspectivas Humanistas e Existenciais*. Rio de Janeiro: Vozes.

- Trevarthen C. (2011). What is it like to be a person who knows nothing? Defining the active intersubjective mind of a newborn human being. *Infant Child Dev.* 20, 119–135.
- Tyson, F. (1981). *Psychiatric music therapy: Origins and development*. New York: Wiedner & Son.
- Van den Berg, J. H. (1994). *O Paciente Psiquiátrico*. Campinas: Editorial Psy.
- Vignoli, M. L. & Silva, O. A. (1975) Musicoterapia na Comunidade Terapêutica. Em *Anais do XII Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental*, Brasília.
- Wigram, T. & Backer, J. (Ed.). (1999). *Clinical Applications of Music Therapy in Psychiatry*. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.
- Wigram, T., Pedersen, I. N., & Bonde, L. O. (2002). *A comprehensive guide to Music Therapy: Theory, Clinical Practice, Research and Training*. London: Jessica Kingsley.
- Wisnik, J. M. (1989) *O som e o sentido: uma outra história das músicas* (2a ed.). São Paulo: Companhia das Letras (Original de 1948).
- Zanini, C. R. de O. (2004). Musicoterapia e Saúde Mental: um longo percurso. Valladares, A. C. A. (Org.). *Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental* (pp.181-203). São Paulo: Vetor.
- Zanon, C. (no prelo). Afetos Positivos e Afetos Negativos. Em C. S. Hutz (Org.). *Avaliação em Psicologia Positiva*.

ANEXOS

Anexo I

ANEXO 1 - Referências levantadas de algumas produções acadêmicas sobre Musicoterapia e Saúde Mental

Abreu, F. M. (2003). A Musicoterapia no acolhimento ao sofrimento psíquico infanto-juvenil. *Anais do XI Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Natal.

Abreu, F. M. (2008). *O lugar ético dos sons musicais quando significantes na clínica e na política de saúde mental infanto-juvenil*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, 135p.

Albinati, M. E. C. B. (2008). Recursos musicais aplicáveis à saúde da criança e do adolescente. Tese de Doutorado, Belo Horizonte, 138p.

Andreolla, L. E. F. & Piasensk, V. M. (2004). A Musicoterapia no Hospital Psiquiátrico São Pedro. *Protestantismo em Revista*, XX, Rio Grande do Sul, 54-57.

Aquino, G. B. de (2009). Sobre os efeitos da musicoterapia numa instituição de saúde mental de longa permanência: Acolhendo as dissonâncias. Dissertação de Mestrado, Niterói, 87p.

Aquino, G. B. de (2008). O ritmo como expressão do mundo interno do paciente: a prática musicoterapêutica em uma instituição asilar de longa permanência. *Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, Rio de Janeiro, s/p.

Arndt, A. & Volpi, S. A canção no processo de resgate de identidade durante episódio maníaco com sintomas psicóticos. *Anais do XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*.

Bárbara, B. B. (2006). Interdisciplinaridade em Reforma. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, X(8), 100-108.

Calicchio, R. R. (2007). *Novas Práticas de Cuidado e Produção de Sentidos no Contexto da Reforma Psiquiátrica Brasileira - Análise da Experiência do Grupo Hamonia Enlouquece no Campo da Saúde Mental no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro.

Campos, N. de L., Kantorskil, L. P. (2008). Música: abrindo novas fronteiras na prática assistencial de enfermagem em saúde mental. *Revista de Enfermagem UERJ*, XVI(1), 88-94.

Cardoso, L. N. & Cunha, R. R. dos S. (2011). Trocas afetivas e psicossociais em musicoterapia: Grupos no centro de atenção psicossocial álcool e drogas. *Revista NEPIM*, II, 74-94.

Carmen Lúcia de Vasconcelos. (2006). Contribuições da musicoterapia para o acolhimento de crianças e adolescentes no CAPS I CEMPI – Centro Médico Psicopedagógico Infantil. *Anais do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Pernambuco, s/p.

Celano, C. (2003). Musicoterapia na instituição questões transferenciais clínicas e institucionais. *Anais do XI Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Natal.

Costa, C. M. (2008). Uma pesquisa sobre musicoterapia nas esquizofrenias. Fase 2 - O processo musicoterápico e a Linguagem Musical. *VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, Rio de Janeiro, s/p.

Costa, C. M. (2008). Uma Pesquisa sobre Musicoterapia nas Esquizofrenias - Fase 1 - O Processo Musicoterápico. *VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, Rio de Janeiro, s/p.

Costa, C. M. (2009). Música e Psicose. Rio de Janeiro: Enelivros.

Costa, C. M., & Figueiredo, A. C. (org.) (2008). Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania (pp. 23-58). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Costa, M. E. B. M. (2009). Um Estudo de Caso em Saúde Mental. *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Curitiba, s/p.

Cordeiro, C. C. (2011). A experiência musical como narrativa na clínica da musicoterapia: uma possibilidade de criação e reinvenção de sentidos e de memórias. Dissertação de Mestrado.

Craveiro de Sá, L. (2003). A teia do tempo e o autista: música e musicoterapia. Goiânia: UFG.

Cruz, M. C. dos S. (2009). Musicoterapia e Reforma Psiquiátrica: ópticas profissionais e intervenções sociais. *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Curitiba, s/p.

Cruz, K. B. da. (2008). A Potência da Música no Trabalho com Pacientes Psiquiátricos - do setting ao palco. *Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e Encontro de musicoterapia do estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, s/p.

Cruz, K. B. da. (2008). A potências da música em pacientes psiquiátricos: do setting ao palco. *Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e Encontro de musicoterapia do estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, s/p.

Dias, M. (2012). A utilização das técnicas psicomusicais com grupos psiquiátricos. *XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, s/p.

Gatti, P. (2005). *Recursos musicoterápicos para idosos: uma intervenção numa unidade básica de saúde de Campinas/SP*. Dissertação de Mestrado, Campinas.

Gheur, H. P. G. (2001). Relato de experiência realizada no Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz em Curitiba – Paraná. *Anais do II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, Paraná, 66-70.

Guazina, L. & Jaques, M. da G. (2004). Musicoterapia e Cuidado: Ressonâncias no Campo da Saúde Mental e Trabalho. *Anais do V Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, Rio de Janeiro, s/p.

Guazina, L. (2006). *Sons, silenciamentos, poder e subjetivação no hospital : a musicoterapia na saúde do trabalhador*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 159p.

Iarema, I. D. P. (2011). A sublimação como finalidade do trabalho em Saúde Mental. *Revista NEPIM, II*, 59-73.

Leonardi, J. (2007). *O caminho noético o canto e as danças circulares como veículos da saúde existencial no cuidar*. Dissertação de Mestrado, Ribeirão Preto, 140p.

Leonardi, J. (2011). *Logomúsica- criação de novo approach musicoterápico como veículo na promoção de saúde mental*. Tese de Doutorado, Ribeirão Preto, 131p.

Lima e Silva, C., Zanini, C. R. de O., Pereira, M. A. D. (2004). A Contribuição da Musicoterapia no Tratamento de Pacientes Depressivos. *Anais do V Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, Rio de Janeiro, s/p.

Loureiro, C. M. V. (2009). Efeitos da musicoterapia na qualidade de vida visual de portadores de neurite optica desmielizante. Tese de Doutorado, Belo Horizonte.

Loureiro, C. M. V. (2006). Musicoterapia na educação musical especial de portadores de atraso do desenvolvimento leve e moderado na rede regular de ensino. Dissertação de Mestrado, 102p.

Loureiro, C. M. V., Daker, M. V. & Corrêa, R. (2003). Musicoterapia na saúde mental estudo e implementação de um programa de atendimento musicoterapêutico a pacientes externos portadores de distúrbios psicóticos do “projeto psicose” no hospital das clínicas da UFMG. *Anais do XI Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Natal.

Loureiro, C. M. V. (2001). Estudo e implementação de um Programa de atendimento musicoterápico a pacientes Externos portadores de distúrbios psicóticos no Hospital das Clínicas da UFMG, Pesquisa Piazzetta e Zanini.

Magalhães, N. E. & Florencio, R. S. B. (2009). Pense em mim, chore por mim: a canção sertaneja no tratamento da esquizofrenia. *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, s/p.

Michahelles, B. (2011). "Escutando musicalmente entre muitos" uma música para mudar minha vida. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, XIII(11), 36-50.

Miglieta, M., Cabral, B., Magalhães, T. & Barcellos, L. R. M. (2012). A musicoterapia como coadjuvante no tratamento de depressão: ressignificando a vida. *Anais do XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, s/p.

Mozar, N. M. S., Oliveira, S. G. de, Portella, M. R. (2011). Musicoterapia e exercícios terapêuticos na qualidade de vida de idosos institucionalizados. *Estudos interdisciplinares do Envelhecimento* XVI(2), 229-244.

Negreiros, M. (2006). Musicoterapia no campo da saúde mental precoce - uma intervenção possível na área materno-infantil. *Anais do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Goiânia, s/p.

Negreiros, M. & Figueiredo, R. (2003). Vida louca, vida breve, vida imensa. *Anais do XI Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Natal, s/p.

Nick, E. (2003). Mosaico de olhares e interesses para além do enquadre do setting terapêutico. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 135p.

Oliveira Cruz, N. F. de O. (2008). Como se fora brincadeira de roda – musicoterapia e psicodrama. *Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e Encontro de musicoterapia do estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro.

Passoni, T. R. (2006). O Transtorno Bipolar sob a ótica da Musicoterapia. *Anais do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Goiânia, s/p.

Pimentel, A. de F., Barbosa, R. M. & Chagas, M. (2011). A musicoterapia na sala de espera de uma unidade básica de saúde: assistência, autonomia e protagonismo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, XV, (38).

Pinho, M. C. C. (2005). Musicoterapia e o cuidado ao cuidador: uma experiência junto aos Agentes Comunitários de Saúde na Favela Monte Azul. Dissertação de Mestrado.

Pinho, M. C. C. de A. & Trench, B. V. (2012). Encontros sonoros: o corpo e a voz num processo musicoterapêutico grupal. *Revista Nepim – InCantare*, III, 30-41.

Puchivailo, M. C. (2009). “Um pouco de possível senão eu sufoco...”: A escuta da Desrazão no fazer musicoterápico. *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Curitiba, s/p.

Puchivailo, M. C. (2008). Implicações de uma escuta de silêncios: a desrazão no trabalho musicoterápico. *Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e Encontro de musicoterapia do estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro.

Sales, C. A., Silva, V. A. da, Pilger, C. & Marcon, S. S. (2011). A música na terminalidade humana: concepções dos familiares. *Revista de Enfermagem USP*, XXXV(1), 138-145.

Schembri, M. (2003). Musicoterapia e saúde mental da mulher. *Anais do XI Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Natal.

Silva, L. C. L. da (2011). A prática da musicoterapia: uma reflexão a partir de um estudo etnográfico-musical. Dissertação de Mestrado.

Silva, R. S. da (2008). Utilização do método cartográfico em pesquisa musicoterápica. *Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e Encontro de musicoterapia do estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, s/p.

Silva, R. S. da (2008). Coral Musicalidade Brincante. *Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e Encontro de musicoterapia do estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, s/p.

Silva, R. S. da (2007). Resumo da dissertação: Cartografias de uma experimentação musical: entre a musicoterapia e o grupo Mágicos do Som. *Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, São Paulo.

Silva, R. S. da (2007). Cartografias de uma experimentação musical: entre a musicoterapia e o grupo Mágicos do Som. Dissertação de Mestrado, Niterói, 128p.

Silva, R. S. da (2012). Grupos musicais em saúde mental: conexões entre estética musical e práticas musicoterápicas. Tese de Doutorado, Niterói, 199p.

Silva, R. S. da (2009). Grupos musicais em saúde mental: o estético, o ético e o político em questão. *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Curitiba.

Silva, R. S. da (2009). Um coral Chamado Musicalidade Brincante. *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Curitiba.

Silva, R. S. da (2007). Musicoterapia e saúde mental: relato de uma experimentação rizomática. *Revista Psico*, XXXVIII(2), 139-147.

Silva, E. A. (2007). *Dores dos cuida-dores em saúde mental: Estudo exploratório das relações de (des)cuidado dos profissionais de saúde mental em Centros de Atenção Psicossocial de Goiânia-Go*. Dissertação de Mestrado, Brasília.

Siqueira, F. N. & Valentin, F. (2010). Musicoterapia e Psicose: um estudo de caso sobre as contribuições da linguagem musical no discurso e nos laços sociais de um paciente esquizofrênico. *Anais do X Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, Salvador.

Steenbock, C. & Lima, B. R. (2007). Musicoterapia como processo físico-psicológico em relação de ajuda a pacientes com depressão e medo nos casos de aids. *Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, São Paulo.

Tangarife, A. S. (2006). O sonoro na construção da identidade: Musicoterapia Saúde Mental e outros constructos. *Anais do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Rio de Janeiro, s/p.

Tangarife, A. S. & Petersen, M. E. (2008). Musicoterapia em saúde mental da pesquisa clínica à Desinstitucionalização. *Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e Encontro de musicoterapia do estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, s/p.

Vasconcelos, C. L. de (2006). "...E para que palavras?... Se eu não sei usá-las!". *Anais do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Pernambuco, s/p.

Herrera, C. L. H. & Bezerra, J. A. H. (2009). Inserção da Musicoterapia na Rede de Saúde Mental de Caxias do Sul. *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Pernambuco, s/p.

Vivarelli, B. L. (2006). A Música as Palavras e a Constituição do Sujeito Ressonâncias na Clínica do Autismo e Psicose infantil. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, X(8), 109-126.

Volpi, S. & Arndt, A. (2012). Naquela mesa... A canção no processo de elaboração de luto e despedida. *Anais do XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*.

Volpi, S. & Arndt, A. (2012). A canção e a construção de sentidos em musicoterapia: história de mulheres em sofrimento psíquico. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, XIV(12), 27-38.

Xavier, C. F. (2008). Atenção Psicossocial Fator de apoio a pacientes esquizofrênicos em Musicoterapia. *Anais de VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e Encontro de musicoterapia do estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro.

Zanini, C. R. de O. (2002). Musicoterapia: Semelhanças e Diferenças na Produção Musical de Alcoolistas e Esquizofrênicos. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, V(6), 97-109.

Zanini, C.R. de O. (2001). Musicoterapia e Saúde Mental. *Informativo Científico da Sociedade Goiana de Musicoterapia*.

Volpi, S. (2009). A canção recontando histórias de vida de mulheres em atendimentos musicoterapêuticos: a construção de sentidos. *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, Curitiba, s/p.

Zanini, C. (2002). *Coro Terapêutico – Um olhar do Musicoterapeuta para o idoso no Novo Milênio*. Dissertação de Mestrado, Goiânia.

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Intervenções musicoterápicas no sofrimento psíquico grave: Um estudo empírico-fenomenológico”, de responsabilidade de Mariana Cardoso Puchivailo, aluna de Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Paraná. O objetivo desta pesquisa é: investigar as repercussões clínicas, apresentadas por sujeitos em sofrimento psíquico grave, frente às intervenções musicoterápicas. A importância dessa pesquisa se dá pela possibilidade de compreensão de novas formas de intervenções no sofrimento psíquico grave. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de uma entrevista inicial, do preenchimento de uma Escala de Bem-Estar Subjetivo (na entrevista inicial e na entrevista final), de sessões em grupo de musicoterapia (realizadas pela pesquisadora) e de uma entrevista final. As entrevistas terão a duração de cerca de 30 minutos. As sessões terão duração de 1 hora à 1 hora e meia, e o processo como um todo terá a duração de 4 à 5 meses. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco. As intervenções musicoterápicas poderão despertar alterações emocionais nos participantes, tais como euforia, tristeza, raiva, etc. Em relação a tais alterações, entende-se que evidenciar sentimentos é previsível e esperado diante do tratamento musicoterápico. Tais alterações serão acolhidas e trabalhadas nas sessões. Espera-se com esta pesquisa você possa ter a oportunidade de vivenciar musicalmente o que sente e o aflige, podendo buscar alternativas para auxiliar o enfrentamento de seus conflitos, atenuando seu sofrimento intenso. No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Rubricas:
Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____
Pesquisador Responsável _____
Orientador _____ Orientado _____

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios, não implicará na interrupção de seu atendimento e/ou tratamento, que está assegurado.

Não haverá nenhum custo a você, relacionado aos procedimentos previstos no estudo. Você não será pago por sua participação neste estudo. Todos os dados coletados sobre você serão mantidos de forma confidencial, significando que seu nome nunca será citado. As informações oferecidas por você serão usadas em publicações científicas sobre o assunto pesquisado, sem que sua identidade seja revelada. A fita ou arquivo digital contendo a gravação de sua entrevista será arquivado no Laboratório de Fenomenologia da UFPR e destruído passados 5 anos.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de um retorno após o término da pesquisa via e-mail, caso haja demanda por parte dos participantes será então convocado uma reunião com todos para conversarmos sobre os resultados da pesquisa. Os resultados podem ser publicados posteriormente na comunidade científica. Esta pesquisa obedece às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 041 8834-6844 ou pelo e-mail marianapuchivailo@yahoo.com.br

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e uma com o participante da pesquisa.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta decisão afete meu tratamento.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

(Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)

Curitiba, ____ de _____ de _____

Assinatura do Pesquisador

ANEXO 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: INTERVENÇÕES MUSICOTERÁPICAS NO SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Pesquisador: Mariana Cardoso Puchivailo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 13502213.6.0000.0102

Instituição Proponente: Programa de pós-graduação em psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 218.224

Data da Relatoria: 13/03/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo empírico-fenomenológico quali-quantitativo com 10 a 18 sujeitos portadores de transtornos mentais graves que frequentam um CAPS-II e participam de sessões de musicoterapia. Será aplicada a Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos (PANAS) e entrevistas qualitativas gravadas em dois grupos de 5 a 9 sujeitos que serão analisadas a partir da microanálise fenomenológica de improvisação em Musicoterapia.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral desta pesquisa é investigar as repercussões clínicas, apresentadas por sujeitos em sofrimento psíquico grave, frente a intervenções musicoterápicas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e os benefícios foram adequadamente descritos tanto no projeto quanto no TCLE

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Nenhum

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos estão presentes

Recomendações:

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento,

Endereço: Rua Padre Camargo, 280

Bairro: 2ª andar

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

CEP: 80.060-240

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto, do ponto de vista ético, mostra-se adequado à legislação vigente. Caso os sujeitos tenham um sofrimento psíquico maior que o usual com as sessões de musicoterapia, serão encaminhados para tratamento com outra equipe.

É obrigatório retirar na secretaria do CEP/SD uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com carimbo onde constará data de aprovação por este CEP/SD, sendo este modelo reproduzido para aplicar junto ao participante da pesquisa.

O TCLE deverá conter duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma cópia ficará com o participante da pesquisa (Carta Circular nº. 003/2011CONEP/CNS).

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Por se tratar de pesquisa envolvendo Instituição da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, o pesquisador poderá iniciar a pesquisa somente após a análise de viabilidade emitida pelo CEP/SMS. Após análise do CEP da SMS, favor anexar o Parecer de Viabilidade no Sistema PB, modo: notificação

CURITIBA, 13 de Março de 2013

Assinador por:
Claudia Seely Rocco
(Coordenador)

Endereço: Rua Padre Camargo, 280

Bairro: 2º andar

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

ANEXO 4



PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

DECLARAÇÃO

Declaramos para os fins que se fizerem necessários, que a pesquisadora Mariana Cardoso Puchivallo protocolou sob o número 21/2013 sua solicitação de campo de pesquisa para o projeto intitulado: "Intervenções musicoterápicas no sofrimento psíquico grave: um estudo fenomenológico" (CAAE : 13502213.6.0000.0102)

Declaramos ter lido e concordar com o parecer ético emitido pelo CEP da Instituição Proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Res. CNS 196/96.

Informamos que o projeto recebeu sugestões de alteração que deverão ser comunicadas pelo pesquisador ao Comitê de Ética da Instituição Proponente.

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança de sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/SMS.

Por ser verdade firmamos a presente.

Atenciosamente,

Curitiba, 26 de abril de 2013.

Coordenador do CEP/SMS

ANEXO II – Transcrições

ANEXO 5 - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS INICIAIS

Análise da Entrevista Inicial – AN

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
Entrevistadora (E): Primeiro eu queria saber como que é tua relação com a música. AN: Ah, eu não sou muito de... de escutar música, não. E: É mesmo? Cê não gosta de escutar, como é que é? AN: Não, não gosto de escutar música.	Ao discorrer a respeito de sua relação com a música AN revela que não gosta de escutar música.	Não gosta de escutar música.
E: Aham, Sempre foi assim ou é assim ultimamente? AN: Não, depois que... que eu perdi meu piá. E: Ah, tá. E faz quanto tempo isso? AN: Quatro anos. Desde 2010. E: Desde então você não quis mais escutar música? AN: Não.	AN fala que parou de escutar música quando seu filho morreu há quatro anos.	Parou de escutar música após a morte de um familiar.
E: Como que é pra você quando você escuta música? AN: Ah, é ruim né. Eu me sinto mal, não... E: O que que te faz sentir mal assim quando você escuta? AN: Me dá tristeza... E: É? AN: Aham	AN relata que ao escutar música sente tristeza, e isso a fazia se sentir mal.	A música suscita sentimentos.
E: Tristeza de lembrar, ou... AN: É, lembrar dele... que ele gostava muito, sabe? E: Entendi, então escutar música te lembra dele... AN: Lembra. E: E te deixa triste, é isso? AN: É.	(Entrevistadora sugestiona uma resposta)	
E: E... como que era antes, AN? AN: Eu gostava de escutar música. E: Aham. Que tipo de música que você escutava? AN: Caipira. E: Ah é? AN: Eu gostava de música caipira.	AN afirma que antes da morte de seu filho ela gostava de escutar música. A música que gostava mais de escutar era a música caipira.	Antes da morte de um familiar próximo gostava de escutar música.
E: Aham. Aquelas antigas... E como que você se sentia quando você escutava essas músicas caipiras? AN: Ah... Eu... ficava alegre E: Aham. Que mais assim, que outros sentimentos que te dava? Alegria, o que mais? AN: Ah, me dava... alegria, é... me sentia bem assim.	AN relata que se sentia alegre quando escutava música caipira, e isso a fazia se sentir bem.	A música suscita sentimentos.
E: Aham. E você escutava assim no teu dia-a-dia assim, como é que era? AN: No dia-a-dia. E: Escutava radio? AN: Eu escutava dia-a-dia. E: Era bem presente antes... AN: Aham.	AN fala que escutava música em seu cotidiano.	A música estava presente em seu cotidiano antes da perda de um familiar próximo.
E: E o teu filho também escutava? AN: Ele gostava. E: Ele gostava de música caipira também?	AN discorre sobre as músicas que seu filho	Menciona a relação de seus

AN: Não, ele já gostava das, das... mais... E: Moderna. AN: É, mais moderna. E: É? Mas era mais tipo rock, mais pop? Era música estrangeira ou aqui do Brasil? AN: Mais rock. E: Rock? Em inglês ou em português? Cê lembra? AN: Escutava em português. E: Em português. Então devia ser talvez um Legião Urbana, assim, esse tipo... AN: É. Aham.	gostava: bandas de rock cantado em português.	familiares com a música.
E: Ah, tá, entendi. E daí então faz uns quatro anos que você não escuta mais música. AN: É		
E: E como é que você tá pensando, assim, desse negócio de participar da musicoterapia? Que que você acha que... Como é que você acha que vai ser? AN: Ah, eu não imagino... E: Risos AN: Nem imagino.	Ao ser questionada sobre sua expectativa com a grupo de musicoterapia AN relata não saber o que esperar.	
E: Então tá bom. Deixa eu ver que mais... E na sua casa hoje, as pessoas escutam música? AN: Eu, ah, escuto hino. Hino da igreja né? E: Da igreja? AN: Da igreja. E: Aham. AN: Gosto de escutar hino bem baixinho. E: Ah, tá. E... que mais que eu ia te falar... perguntar? Tem mais alguma coisa que cê queira me contar da música, assim? AN: Não. E: É isso? Tá.	AN relata que em sua casa ela escuta hinos religiosos em baixa intensidade.	Gosta de músicas com baixa intensidade sonora.

Análise da Entrevista Inicial – LI

Unidades de significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
Entrevistadora (E): Então LI eu queria saber é... qual é a tua relação com a música? Assim na tua vida, como que é essa relação com a música? LI: Ah...como assim relação assim? E: Ah não sei, tudo quanto é tipo de coisa que se relaciona com a música... por exemplo, você costuma escutar música no seu dia a dia assim? LI: Não...não sou acostumada	Ao discorrer sobre sua relação com a música LI relata que não costuma escutar música em seu cotidiano.	Escuta pouca música.
mas tipo assim eu gosto é...tipo assim daquela música do Victor e Léo, eu gosto assim de músicas que falem de amor... E: Uhum... LI: porque tipo assim eu tenho muita dificuldade com o amor... E: Uhum... LI: Não sei, eu fico muito assim sentimental sabe? E: Uhum... LI: E não sei tipo...eu gosto também de escutar as músicas é..da igreja, igual essa aí que eu achei, que eu pensei que não	LI relata que existem alguns tipos de música que gosta. As músicas que falam de amor, como as de Victor e Léo, suscitam em LI uma “felicidade momentânea”, uma sentimento de felicidade que dura pouco pois LI diz que se lembra que sua vida não é daquela forma	Música suscita sentimentos. Relaciona as letras das músicas com a sua vida.

<p>tinha, que eu achei e gostei muito...assim que fala assim... pra ter paz na vida né?</p> <p>E: Uhum...</p> <p>LI: que é uma coisa que eu não tenho...que eu to procurando ter paz, ter felicidade, que é uma coisa que eu não consegui ainda achar, que eu quero voltar a ser a pessoa que eu era antes, porque eu tipo sou muito infeliz assim...</p> <p>E: Uhum... e no que que assim, por exemplo a música romântica de ajuda assim? Nessa sua questão do seu sentimental e tal...</p> <p>LI: A dá tipo uma felicidade momentânea!...</p> <p>E: Hum...entendi!</p> <p>LI: Uma felicidade assim momentânea sabe? Tipo assim eu fico tipo acelerada assim...com felicidade assim, tipo eu fico me vendo na música assim...daí depois passa...daí depois passa...</p> <p>E: Uhum...tá... e quando você canta música da igreja assim, como é que ela te ajuda?</p> <p>LI: Ai ...é...dá um pouco de paz assim!</p> <p>E: Uhum...ela é momentânea como a música romântica assim?</p> <p>LI: É</p> <p>E: é aquele momento que você tá cantando ela, que você tem esse sentimento e depois passa ...</p> <p>LI: Eu passo a se sentir bem assim, mas depois...é... eu vejo que não é assim que a minha vida...é totalmente diferente!</p>	<p>e que tem muita dificuldade em relações amorosas. Com as músicas religiosas LI relata que se identifica com as mensagens que elas trazem, pois ela deseja se sentir em paz. Quando ela ouve música religiosa ela se sente em paz, porém esta também é passageira.</p>	
<p>E: Uhum, entendi...</p> <p>LI: Mas é tipo assim, porque tem certas músicas assim que fala... é... da igreja assim principalmente...que fala assim sobre o que a gente passa, fala assim das coisas que a gente passa! E...daí as vezes você se vê assim na música né, você se vê na música! Mas daí eu gosto de escutar a música da igreja, eu gosto de escutar a música mais simples que eu não to assim para escutar, daí eu não quero nada...daí eu não quero!</p>	<p>LI relata que se identifica com as letras das músicas religiosas, e pois isso gosta de as escutar. Porém quando não está bem não gosta de escutar nada.</p>	<p>Identificação com a letra da música.</p> <p>Quando não está se sentindo bem não escuta música.</p>
<p>E: Você comentou também antes, ali no comecinho, que você não escutava mais música né? alguma coisa assim, como é que foi que você falou?</p> <p>LI: Ai eu não... tipo eu não escuto música porque irrita, na verdade meu filho liga rádio sabe? Só que tipo assim, ele liga lá, no quarto dele lá, e eu gosto de música, mas só que tipo eu ando muito agitada assim não tenho como...igual eu tava, eu tava até, até eu posso falar que eu tava seguindo você, mas eu tava meio irritada assim...</p> <p>E: É?</p> <p>LI: eu tava irritada!</p> <p>E: Com o que exatamente que estava te irritando?</p> <p>LI: Não sei...</p> <p>E: Em todos os momentos...?</p> <p>LI: Eu tava irritada!</p> <p>E: Uhum...você acha que pode ser o violão, ou todo mundo cantando junto?</p> <p>LI: Não, porque eu fiquei ainda... acho que a que mais cantou fui eu né!</p> <p>E: É...foi você né!</p>	<p>LI relata que não escuta música porque a música a irrita. Ela diz que gosta de música, porém, quando está agitada música a irrita. Ela exemplifica esta situação com a sessão de Musicoterapia que acabara de acontecer, na qual estava se sentindo irritada, porém, não sabia ao certo o que a estava irritando. Ela afirma que mesmo cantando bastante durante a sessão estava irritada.</p>	<p>Música suscita sentimentos.</p>

<p>LI: É! E: Uhum... LI: é... mas irrita! Não sei irrita...</p>		
<p>E: Uhum...entendi...mesmo essa do Zaqueu por exemplo, te deu paz naquele momento? LI: É essa tranquilizou um pouco! E: Não tava tão irritada então nesse momento? LI: Não! E: Talvez quando a gente tava cantando a dos outros? LI: é... E: É? Que a gente cantou a a tua também, a Fada né? LI: Uhum... E: Na fada tava...? LI: Não, eu tava irritada...tipo eu sentei nervosa já! Por causa do menino que entrou amarrado com a camisa de força lá... E: Ah eu não vi... LI: Ele entrou na ala, e o médico falou que ele tinha que ficar lá, então eu já passei mal lá, daí eu não tava, não tava me sentindo bem, daí eu fiquei com muito medo, e daí eu comecei a ficar muito nervosa! E...daí eu já vim irritada assim pra cá, mas só que eu...tipo...eu...tentei para seguir a... (Interrupção por outro integrante do grupo)</p>	<p>LI relata que a música religiosa tocada durante a sessão a tranquilizou. LI discorre sobre como já estava nervosa antes mesmo da sessão porque tinha visto um menino do CAPS amarrado em uma camisa de força. Essa experiência a deixou com medo e nervosa e isso a deixou irritada.</p>	<p>Música suscita sentimentos.</p> <p>O estado mental prévio a sessão influencia na relação que se estabelece com a música durante a sessão.</p>
<p>E: Tá bom!...o que a gente tava falando mesmo? LI: Sobre a música! E: Uhum... LI: Então eu tenho um trauma dessa música E: Qual música? LI: Dessas música assim...pesada sabe? E: Tá... LI: Essas música de balanço... E: Balanço? LI: É essas músicas assim de balada! E: Tá...mas assim essas mais de pop assim? Ou mais rock, metal...o que que é pesado? LI: É... é tuchi tuchi tuchi... E: é essa? LI: é... E: De eletrônica então? LI: É!! Eu passei a ter trauma por causa do meu ex marido...por causa que tipo, sempre ele chegava bêbado e drogado, e ligava no último volume o som, e daí eu ia falar e ele me batia... E: Ah...entendi! LI: Então eu passei a ter esse trauma!...assim passei a ter raiva assim, de ficar escutando música, e até ficar irritada com essas músicas... E: Mas de qualquer música ou esse tipo de música mais? LI: Não, tipo...eu tenho mais trauma desse tipo de tuchi assim... E: Aham... LI: são de músicas assim, mas...é...e tipo assim esses negócio, esses instrumentos aí, porque ele canta pagodeiro, ele...na verdade ele toca pagode sabe, com os amigos, e pandeiro, essas coisas assim ele tinha tudo... E: Hum...daí te lembra...</p>	<p>LI relata sobre sua relação com a música eletrônica. Esse é um tipo de música que não gosta de escutar porque seu ex-marido costumava chegar em casa intoxicado e colocava este estilo de música para tocar no aparelho de som em alta intensidade e quando LI ia reclamar do volume do som ele batia nela. Ela acredita que por isso hoje se sente irritada e com raiva quando escuta música. LI relata que alguns instrumentos como rebolo e pandeiro também a deixam irritada porque seu marido costuma tocar esses instrumentos com os amigos. LI diz que tem vontade de quebrar tudo a sua volta quando escuta esses instrumentos. LI falou que gosta de música que lhe suscite um sentimento de paz, mas quando ela não está se sentindo bem, nem mesmo esse tipo de música ela gosta de ouvir,</p>	<p>Relaciona algumas características da música ou estilos musicais à situações vividas no passado que suscitam sentimentos.</p> <p>Música suscita sentimentos e lembranças.</p> <p>Quando não está se sentindo bem não gosta de ouvir música.</p>

<p>LI: Daí faz barulheira assim, eu...nossa que eu tenho vontade de quebrar tudinho aquilo lá...</p> <p>E: Uhum...</p> <p>LI: dá vontade de quebrar e voar longe, daí eu não gosto...eu gosto de música que tipo...é...me dê uma paz assim, mas que...tipo assim, que eu não seja irritada, tipo assim se eu tiver irritada assim eu já não quero ficar, não quero escutar, eu quero mais é ficar quieta no meu canto, no meu quarto, ficar quieta sabe...</p>	<p>ela prefere nesses momentos ficar sozinha em silêncio.</p>	
<p>E: Mas como que foi hoje assim para você LI, que você tava irritava, e você veio, e você ficou?</p> <p>LI: Ah eu fiquei assim, porque...tipo assim, não é, é coisa diferente, igual daquele, que ligava música lá, e cantava e resolvi cantar...</p> <p>E: É coisa diferente, eu falei para você...cada um tem um jeito...</p> <p>LI: Tipo assim eu fiquei meio irritada, mas não foi ruim...</p> <p>E: Uhum...</p> <p>LI: Foi bom.</p>	<p>LI relata que permaneceu na sessão porque achou a sessão diferente do que esperava, diz que ficou irritada, mas que mesmo assim foi bom.</p>	
<p>E: Uhum...então legal para você é lembrar disso da próxima vez, você vem e pode falar ah nem vou, ai nem vou...vou ficar lá fora! Daí as vezes vem, e tente ficar um pouquinho, que as vezes com a música isso vai melhorando, você canta uma música que te trás uma paz né... e isso vai passando as vezes, ou pelo menos fica tolerável né, consegue ficar, é legal lembrar disso assim sabe...</p> <p>LI: Mas quando eu não consigo mesmo, eu saio da sala!</p> <p>E: Ah sim, você tem sua liberdade né LI...você faz o que você precisar!</p> <p>LI: porque tipo, que eu não conseguia ficar muito, eu saia da sala, tipo assim, as vezes eu até tentava ficar um pouco, mas eu não aguentava e saia da sala...</p> <p>E: Uhum, a hora que você... só que assim, eu peço que você primeiro antes de sair, de você me falar sobre o que tá te incomodando, acho que é importante, porque daí como o grupo todo tenta ver o que tem... digamos o que está te irritando é que o MO está tocando o tambor lá, então você chega e fala, tipo ó MO hoje não tá dando haha</p> <p>LI: Não, mais se ele começar a tocar esses instrumentos eu não vou poder ficar...</p> <p>E: Mas daí a gente conversa sobre isso...</p> <p>LI: porque eu não, tipo assim, nada contra a pessoa que vai tocar, mas... é...não consigo aguentar esses instrumento!</p> <p>E: Tá, mas a gente...assim eu só to te pedindo para você me falar o que tá te incomodando, antes de você ir embora! Você tem a liberdade de ir embora a hora que você quiser, dá uma volta, voltar, mas só me fale assim para gente ver se a gente consegue adaptar tá?</p> <p>LI: Uhum...</p>	<p>LI declara que quando não consegue permanecer em uma atividade ou em um local com música ela se retira. LI relata como durante a sessão quando não conseguia mais permanecer na sala ela saía.</p>	<p>Discorre sobre como sai da sala durante a sessão quando não está se sentindo bem.</p>

<p>E: é...o que mais eu ia te perguntar da música...é... então você falou assim, que a sua coisa com a música assim mudou por causa do teu marido um pouco né...? Principalmente a eletrônica né...</p> <p>LI: Na verdade desde que eu era criança eu escuto música né, e o Roberto Carlos era para mim...ser decorado de cor, de cada texto, porque meu pai era bem parecido com o Roberto Carlos assim, e ele gosta das música do Roberto Carlos...todas...então ele vivia tocando dentro de casa, ele tocava piano, ele tocava guitarra, ele tocava violão...e tipo assim, eu sempre se irritava com música assim...não eu gosto...</p> <p>E: Desde criança?</p> <p>LI: Desde criança...</p> <p>E: É mesmo? Olhe só...</p> <p>LI: Aham...mas tipo assim eu gosto, só tipo assim bem melhor as músicas do Roberto Carlos do que tuchi né?</p> <p>E: Aham...</p> <p>LI: Bem melhor... tipo eu não tenho nada contra as músicas do Roberto Carlos, mas tipo assim, pelos instrumentos que eu ficava irritada com o meu pai sabe...mas tinha muitas músicas do Roberto Carlos que eu gostava, que eu gosto...</p> <p>E: Mas os instrumentos você diz que tava gravado na música? É isso?</p> <p>LI: Instrumento...</p> <p>E: é que você falo...</p> <p>LI: então...tipo</p> <p>E: Ou teu pai tocava algum instrumento?</p> <p>LI: Ele tocava piano...</p> <p>E: Ah ele tocava...</p> <p>LI: ...guitarra...</p> <p>E: Então quando ele tocava junto é que te irritava?</p> <p>LI: Aham!</p> <p>E: É isso?</p> <p>LI: Aham!</p> <p>E: Ah entendi...</p>	<p>LI relata eu escuta música desde sua infância, especialmente Roberto Carlos. LI conta que seu pai era parecido com o cantor e que gostava de suas músicas. LI discorre sobre como seu pai tocava diferentes instrumentos dentro de casa: piano, guitarra, violão, e que ela se irritava com a música. LI relata que mesmo assim ainda prefere as músicas do Roberto Carlos do que músicas eletrônicas. Ela diz que o que a irritava não eram as músicas do Roberto Carlos, mas sim os instrumentos que seu pai tocava.</p>	<p>Fala da relação com a música de seu pai e como isso a afetava.</p>
<p>LI: Só que depois...é...as outras músicas, essas músicas de tuchi, porque... tipo assim, eu nunca fui, eu na minha vida nunca fui baladeira, nunca fui...tipo assim, cada um tem seu jeito de ser né, tem gente que gosta de balada, que gosta de tuchi, de bagunça assim, eu nunca fui de gostar de bagunça, sempre fui de gostar de coisa tranquila, de ficar tranquila, de ficar tranquila!</p> <p>E: Uhum...</p> <p>LI: Ao contrário do meu ex marido que ele era baderneiro, até muito tempo, bebe e usa droga...e eu nunca fui dessas coisas assim...</p> <p>E: Uhum...</p> <p>LI: Então eu sou contra essas coisas assim, eu não gosto dessas coisas, me dá irritação...</p>	<p>LI relata que nunca gostou de sair à noite para bares, festas ou boates, que preferia evitar bagunça e fazer programas mais tranquilos. Porém seu ex-marido gostava de sair à noite, bebia, usava drogas e causava confusões. LI não se identifica, não concorda e não gosta desse tipo de comportamento, este tipo de comportamento a irrita.</p>	<p>Discorre sobre a relação com seu ex-marido.</p>
<p>E: Entendi...e é qualquer tipo então de, que quando você, teu pai tocava piano, também não é de percussão podia ser</p>	<p>LI afirma que o que a irritava era quando seu pai tocava os instrumentos, as</p>	<p>Fala da relação que tinha com a</p>

<p>percussão, mas pelo jeito é, e só os ao vivo também, porque no rádio não te irrita tanto?</p> <p>LI: No rádio como?</p> <p>E: Tipo quando você falava música do Roberto Carlos quando você era pequena no rádio assim... teu pai colocava um disco lá...</p> <p>LI: Não...</p> <p>E: Daí não te irritava, era quando ele tocava?</p> <p>LI: É!</p> <p>E: Uhum...</p> <p>LI: Só que eu não queria ir lá, e falar para ele não né?</p> <p>E: Aham...</p> <p>LI: Só que eu não podia ir pegar ir lá e falar, não, não faça isso, porque é meu pai né?</p>	<p>músicas tocadas no rádio não a irritavam. Porém ela não podia pedir para ele parar porque ele era seu pai.</p>	<p>música quando era criança.</p>
<p>LI: Tipo mais depois que eu casei eu tive a liberdade de pegar e falar, desliga isso aí, porque era até madrugada né... só que daí eu apanhava do meu marido...</p> <p>E: Uhum...</p> <p>LI: Daí eu passei a pegar trauma, eu não gosto, tanto música de funk de hoje em dia, Deus o livre!</p>	<p>LI relata que quando pedia para seu ex-marido abaixar ou tirar a música alta do rádio ela apanhava dele. LI discorre sobre como isso influenciou sua relação com alguns estilos musicais como funk por exemplo, um estilo que não gosta de ouvir.</p>	<p>Experiências com um estilo musical influenciaram sua relação com esses estilos atualmente.</p>
<p>E: Uhum...</p> <p>LI: Meu filho gosta, eu não gosto...tenho pavor!</p>	<p>LI discorre sobre como seu filho gosta de ouvir funk, mas ela não gosta.</p>	<p>Discorre sobre a relação de outro familiar com a música.</p>

Análise de Entrevista Inicial - LU

Durante toda a entrevista havia como sonorização de fundo, músicas tocadas no violão por MO

Unidade de Significado	Expressão de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>E: Então LU, eu queria saber primeiro, é.... Qual que é tua relação com a música?</p> <p>LU: Em que sentido?</p> <p>E: Como que é sua relação com a música, ultimamente, hoje em dia... Assim, você escuta música? Como...</p> <p>LU: Não.</p>	<p>Ao discorrer sobre sua relação com a música LU diz que não escuta música atualmente.</p>	<p>Não escuta música.</p>
<p>E: Você não escuta música. E sempre foi assim LU?</p> <p>LU: Não.</p> <p>E: Não? Como que era assim, que mudou assim nesse...</p> <p>LU: Uhm.</p> <p>E: Quando que você parou de escutar música?</p> <p>LU: Ah, tem um tempinho.</p> <p>E: Aham.</p> <p>LU: (Incompreensível).</p> <p>E: Sim, é.</p>	<p>LU relata que parou de escutar música há algum tempo e que costumava escutar música. Também relata que às vezes ouve música da sua sacada quando o vizinho coloca.</p>	<p>Antes escutava música. Às vezes escuta música que o vizinho coloca.</p>

<p>LU: Mas, tem um tempinho. Assim, quando da sacada eu ouço. Lá na minha casa e na do vizinho, que as casa são uma encima da outra.</p> <p>E:É.</p> <p>LU: Daí eu pego e ouço a música do vizinho.</p>		
<p>E: E... É...Você, Você consegue linkar um momento, por que que você parou de escutar música?</p> <p>LU: Não.</p> <p>E: Você não lembra, faz uns cinco anos, você disse né?</p> <p>LU: Não, eu falei que faz um tempinho.</p> <p>E: Ah, nossa! (risadas) Faz um tempinho, mas meses, anos?</p> <p>LU: Meses.</p>	<p>LU relata que fazem alguns meses que não escuta música.</p>	<p>Fazem meses que não escuta música.</p>
<p>E: Meses, tá, entendi. E... por quê você não escuta mais música? Que que ela te faz?</p> <p>LU: Por causa da vontade.</p> <p>E: Aham.</p> <p>LU: De algumas coisas, vamos dizer assim, da vida.</p> <p>E: Aham.</p> <p>LU: Mais autoestima, como diz a doutora. A autoestima minha tá muito ainda pra baixo, ainda.</p>	<p>LU discorre sobre como parou de escutar música por falta de vontade de coisas relacionadas à vida. LU relaciona essa falta de vontade a um termo utilizado por uma médica que a atende baixa autoestima.</p>	<p>Parou de escutar música por uma característica de seu sofrimento (falta de vontade).</p>
<p>LU: Até eu ia conversar com o Dr. F, por que tanto medicamento que eu tô tomando e não tá fazendo nada de efeito.</p> <p>E: Demora um pouquinho, né LU.</p> <p>LU: É que eu nunca tomei tanto medicamento. É que eu sinto, hoje mesmo, ontem, que assim que eu levantei da cama, eu levantei e me deu uma tontura enorme. Sabe? Tudo rodando.</p> <p>E: É esses efeitos colaterais eu sei que tem, assim, dependendo de cada medicamento. Mas, acho que é legal você falar com o seu médico mesmo, com o Dr. F, né.</p> <p>É...porque é bom acompanhar estes efeitos colaterais. Assim, ver se está tudo bem, o que precisa mudar, né. Mas, o que eu posso te falar é que cada medicamento tem um tempo para começar a funcionar, pra você ver os efeitos. Então, demora semanas mesmo pra... ver efeito, né.</p> <p>LU: Uhum.</p>	<p>LU relata que sente vontade de falar com seu médico a respeito de seu medicamento porque sente que não está fazendo efeito. Ela diz que nunca tomou tanto medicamento e que está sentindo alguns efeitos colaterais como tontura.</p>	<p>Relata sobre o uso de medicamentos.</p>
<p>E: E, como que era antes assim a sua relação com a música?</p> <p>LU: Era bem. Eu gostava de ouvir música, gosto de músicas [?] de raízes, né, música sertaneja, música romântica.</p> <p>E: Música mais antiga... (a fala é dita no mesmo momento que LU diz música romântica). Música Romântica, também?</p> <p>LU: Uhum.</p>	<p>LU relata que antes gostava de ouvir música de suas raízes, sertaneja, romântica.</p>	<p>Relata estilos musicais que gosta.</p>
<p>E: E o que que você sentia quando você escutava essas músicas? Como é que era para você?</p> <p>LU: Assim, mais alegre.</p> <p>E: Ficava alegre, te trazia alegria, então.</p> <p>LU: Isso, pra... limpá a casa.</p> <p>E: Uhum.</p> <p>LU: A música ajuda bastante.</p>	<p>LU relata que se sentia alegre quando escutava as músicas que gostava e que colocava música para limpar a casa e acrescenta que a música ajuda bastante.</p>	<p>Se sentia alegre quando escutava música.</p>
<p>E: Entendi, tá. E... que mais que eu ia te pergunta? Hoje em dia quando você escuta música, como por exemplo, dos seus vizinhos, ou como por exemplo, o MO tá ali tocando música, como é pra você?</p>	<p>LU discorre sobre como hoje quando escuta música acha chato, que é desagradável.</p>	<p>Não gosta de escutar música.</p>

LU: Chato. E: É chato. Te irrita? LU: Sim, embora, não só aqui, né, em qualquer canto. E: Entendi. LU: Assim, pra mim tá sendo desagradável, né.		
--	--	--

Análise da Entrevista Inicial - MA

Unidades de significado	Expressões de caráter psicológico	Estrutura geral
E: Então, MA, eu queria saber como que é a tua relação com a música. MA: Hm, não escuto música.	Ao ser questionada a respeito de sua relação com a música MA responde que não escuta música.	Não escuta música.
E: Não escuta música... Mas assim, ultimamente ou você nunca escutou? Como é que é isso? MA: Não, acho que depois mais que eu, que eu fiquei com... que entrei em depressão assim, que aí eu não... E: ...aí você parou de escutar música MA: É, uhum. E: Faz quanto tempo mais ou menos isso? MA: Ah, acho que faz um ano mais ou menos.	MA relata que parou de escutar música quando entrou em depressão a cerca de um ano.	Parou de escutar música depois de adoecer.
E: Uhum. E daí como é que é assim é quando você escuta música, sei lá, o vizinho tá escutando, ou alguém da sua casa? MA: Me irrita. E: Te irrita? MA: Me irrita, porque minha irmã às vezes coloca música... sertanejo que ela mora no mesmo terreno, mas perto, então me irrita quando fica muito alto. Então, tanto que meu marido assim também dorme com a televisão ligada daí depois que eu durmo que ele coloca... que ele gosta de dormir com música, com a música, mas ele parou de colocar.	MA diz que quando seus vizinhos ou sua família colocam música alta isso a irrita. Ela relata que seu marido gostava de dormir com música, mas ele parou por causa dela.	A sua relação com eventos familiares e sua rotina familiar com relação a música se modificou. Irritação com a música escutada em alta intensidade. Marido se adapta a irritação da esposa em relação a música.
E: Entendi. E como que era antes, MA? MA: Antes eu gostava de música. E: Que que você escutava assim? MA: Ah, tudo quanto é tipo de música,	MA relata que antes ela gostava de música e escutava vários estilos musicais.	Sua relação com a música se modificou com o adoecimento.
MA: E agora assim que eu não gosto de música assim, alta, minha cabeça num...	MA relata que agora não gosta de música alta.	Não gosta de música alta.

<p>E: Se for baixinha, como é que é?</p> <p>MA: Baixinha... não tem problema (sic), eu não gosto de música alta mesmo.</p>	<p>MA relata que se a música estiver com pouca intensidade não a incomoda.</p>	<p>Música com baixa intensidade não incomoda.</p>
<p>E: Entendi, te irrita, né? Assim, cê tinha algum grupo ou banda favorita, ou um estilo de música que você gostava mais</p> <p>MA: Eu gostava mais de Pink Floyd, Nazareth...</p>	<p>MA discorre sobre as bandas que gostava.</p>	
<p>E: Pink Floyd, Nazareth, nossa, mais uma roqueira. / A gente tem várias no grupo. Temos memso. Nazareth acho que todos falaram, eu preciso trazer vários CDs do Nazareth (risos). / Ah, legal. Gostava então de rock, né?</p> <p>MA: É.</p>		
<p>E: Mais de rock, legal. / E como que era assim na tua família, teus pais, eles escutavam que tipo de música, assim, não sei se você tem irmãos também...</p> <p>MA: É, eles escutam sempre quando tem festa, alguma coisa, sempre música alta, / só que eu nunca fico junto.</p>	<p>MA relata que na sua família eles escutam música alta quando tem alguma festa acontecendo</p>	<p>Não permanece em locais com música alta, por exemplo nas festas de sua família.</p>
<p>MA: Daí é tudo tipo de música, daí eu tenho os sobrinho, que eles gosta desse tipo de música de agora, né? Rap, não sei como que é, daí... Mas eu não gosto de música alta assim.</p>	<p>MA relata que seu sobrinho gosta de rap e ela diz que não gosta de música alta assim.</p>	
<p>E: Tá... Uhum... / E... como que era assim, como você se sentia quando você escutava aquelas bandas que você gostava, Nazareth...</p> <p>MA: Hmmm, me sentia bem.</p>	<p>MA diz que se sentia bem quando escutava as bandas que gostava.</p>	
<p>MA: Agora que eu não tenho, eu tô fazendo tratamento né. Eu gosto de ficar mais sozinha, mais quieta assim, sem ouvir nada. / Eu gosto de ouvir o que tá acontecendo, porque eu tenho muito medo assim de, eu ouço algum grito já me apavora, então, assim, se eu tiver ouvindo a música assim, sem tar sabendo o que tá ao meu redor, até assim quando eu vou tomar banho assim até o barulho do chuveiro assim fico irritada porque nun tá quieto, assim.</p>	<p>MA relata que agora que está fazendo tratamento gosta de ficar sozinha, em silêncio. MA diz que gosta de ouvir o que está acontecendo a sua volta porque tem muito medo. Quando escuta um grito se apavora. Então quando ela ouve música, ou mesmo o som do chuveiro, e não sabe o que está acontecendo ao seu redor fica irritada.</p>	<p>Aborda sua situação de isolamento.</p> <p>Se irrita e sente medo ao não conseguir ouvir os sons ao seu redor.</p> <p>Prefere ficar sozinha em silêncio.</p>
<p>MA: É, talvez porque eu tenho que tar vendo o que tá acontecendo ao meu redor. Se eu ouço algum grito, se às vezes a música, vamos supor, tá alta, parece que eu to ouvindo gritos assim, alguma coisa então me dá muito medo assim, muito... Tem essa parte assim...</p>	<p>MA acha que talvez sinta essa irritação porque precisa saber o que está acontecendo ao seu redor. MA descreve que quando a música está alta parece que escuta gritos e então sente medo.</p>	<p>Com a música alta parece escutar gritos e isso lhe causa medo.</p>

Unidade de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>Entrevistadora (E): Então RO, eu queria escutar um pouquinho de você, qual que é a tua relação com a música?...como que é essa relação com a música?</p> <p>RO: Como assim?</p> <p>E: Ah...qualquer coisa que você possa me dizer sobre a música...se ela tá presente no seu dia a dia...</p> <p>RO: Não...</p> <p>E: Você não escuta muito música...</p> <p>RO: Não..</p> <p>E: Assim no seu dia a dia...não?</p> <p>RO: Não</p>	<p>Ao discorrer a respeito de sua relação com a música RO declara que não escuta música em seu dia-a-dia.</p>	<p>Não escuta música.</p>
<p>E: E sempre foi assim Ro?</p> <p>RO: Não, antes eu gostava...</p> <p>E: Você gostava?...eu vou deixar mais pertinho porque não sei se eu consigo...você fala tão baixinho.. ae pronto, antes você gostava?</p> <p>RO: Gostava</p> <p>E: É? Como é que era assim? Me conta dessa época que você gostava de música...</p> <p>RO: Eu era mais jovem né, daí já gostava mais, depois passei a ficar doente, a partir do momento que eu comecei adoecer eu acabei me afastando das música...</p> <p>E: Ah e porque que você sente isso que você se afasto da música assim? O que que ela te...</p> <p>RO: É que ela traz muitas lembranças ...</p> <p>E: Uhum...entendi! E daí você não escutava mais tanto?</p> <p>RO: Daí eu parei de escutar!</p> <p>E: Entendi, aham... e hoje é a mesma coisa, você não escuta muito música?</p> <p>RO: Não!</p>	<p>RO declara que antes gostava de música, quando era mais jovem, depois que passou a ficar doente se afastou da música porque ela trazia muitas lembranças.</p>	<p>Costumava ouvir música, parou de ouvir depois que adoeceu pois a música suscitava lembranças.</p>
<p>E: Uhum... e o que você sente quando você escuta música assim hoje em dia assim.. tipo aqui...quando você... como é que é?</p> <p>RO: Eu fico muito agitada...</p> <p>E: Fica agitada? Uhum...o que mais assim, como é que é essa agitação?</p> <p>RO: Eu começo me dá agitação...daí eu já começo escutar voz...</p> <p>E: É?...uhum..</p>	<p>RO declara que se sente agitada quando escuta música e começa a ouvir vozes.</p>	<p>A música suscita comportamento agitado e alucinação auditiva.</p>
<p>RO: Hoje já não, hoje eu escutei, mas hoje eu fiquei mais calma!</p> <p>E: Ah hoje não foi assim então? Você não fico...é que aquele dia que tava os meninos tocando muito, que eu não tava aqui né? E daí aquele dia não foi legal né?..</p> <p>RO: Não...</p> <p>E: ...Você ficou ruim...mais hoje foi mais tranquilo você achou?</p> <p>RO: Mais tranquilo...</p>	<p>RO se refere a sessão de musicoterapia que acabava de participar dizendo que não havia se sentido mal durante a sessão, mesmo tendo música, disse que ficou mais calma.</p>	
<p>E: É? Ah legal, que bom! e como que era antes quando você era mais jovem e escutava música, o que que você sentia assim quando você escutava música?</p> <p>RO: Eu sentia emoção...</p>	<p>RO descreve que se sentia emoção ao escutar música quando era jovem e que tinha lembranças boas.</p>	<p>Música suscita emoção e lembranças.</p>

E: Emoção...assim que tipo de emoção que você sentia? RO: Sentia emoção, sentia mais paz ...sentia muita lembrança boa né!		
E: Uhum... e depois que você começou a adoecer aí vinham lembranças ruins? Por isso você parou? É isso? RO: Uhum... E: Entendi... Que tipo de música você costumava escutar? Você falou Nazareth né? O que mais... RO: Essas músicas diferente também...(inaudível)	RO menciona alguns tipos de música que gostava de escutar como Nazareth e outras que não foi possível identificar no áudio.	Estilos musicais que gosta.
E: Uhum...também né, entendi... e como que era na tua casa assim, com o seus pais, com...não sei se você tem irmãos... RO: Tenho, tenho irmãos... E: Como que era assim, como que era a vida na sua casa quando você era menor, quando você morava com seus pais, como que era essa vida musical assim de vocês? RO: Ah lembro que não tinha música, era muita perturbação... E: É mesmo...não tinha muita música então? RO: Não...que era muita, muita droga, muito agitado, isso me faz lembrar o passado... E: Entendi... RO: Uhum...	Com relação com a música de sua família RO diz que quando era menor não havia música na casa de seus pais, havia perturbação, uso de drogas, agitação.	Menciona a relação da família com a música.

Análise de Entrevista Inicial - NEI

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
Entrevistadora (E): Você se importa de eu gravar? NEI: Não. E: Não. Pronto.NEI sabe o que eu queria, a primeira coisa que eu queria saber de você? Como que é a sua relação com a música. NEI: A minha relação com a música é bem pouco. E: Bem pouco. NEI: Bem pouco...	A respeito de sua relação com a músicaNEI declara que escuta pouca música.	Escuta pouca música.
E: Uhum...O que mais? NEI: Eu gosto assim de música bem suave, porque me acalma.	NEI fala que gosta de música suave porque este tipo de música a acalma.	Características da música ou estilos musicais suscitam sentimentos diferentes.
E: Uhum... e como é que estava escutar os meninos cantando legião..? NEI: Ah.. explodindo .. E: Mas porque você não fala nada NEI? NEI: Não.. porque tem música que tava tocando ali... que antes eu não conseguia ouvi.. e agora me deu uma lembrança assim..tan tan tan (cantarola) E: Ah era uma lembrança boa então? NEI: Foi, foi uma boa música para mim... E: Aham... e o que que é fazer a cabeça explodir assim? NEI: Não, é ..explodir não, tava de ouvir antes... E: Então mais falou assim antes tava...	NEI discorre sobre como estava se sentindo na sala junto com os outros integrantes do grupo antes da entrevista (que aconteceu em outra sala), ela diz que estava “explodindo”. Uma música que estava tocando suscitou uma lembrança. O que fez sua cabeça girar foi a intensidade da música,	A música suscita sensações e lembranças.

<p>NEI: Explodindo porque muito né...muito barulho forte e intenso. E: Ah... e daí o que isto te trás assim? NEI: Ah minha cabeça... E: Hã.. como que é ? NEI: Ela ficou rodando... E: Roda? NEI: Aham! E: Mais tava bom, tava ruim? isso que eu não entendi... NEI: Teve um tempo lá que tava bom... E: Tava bom...entendi...entendi! NEI: Girando mais o girando tava bom, tava gostoso!</p>	<p>mas apesar dissoNEIafirma que estava gostando de estar no grupo.</p>	
<p>E: É? Ah então tá. Então hoje em dia você escuta pouca música isso? NEI: Pouca. E: E pelo o que você me falou música mais tranquila né...tipo ouro verde assim né! NEI: Aham... E: Entendi! NEI: Meu marido em casa ele põe cd assim ... E: Aham.. NEI: Eu até escuto né...mais eu mesmo se tiver que chegar lá por música, eu não... eu não, eu não suporto, não aguento!</p>	<p>Sobre seu cotidiano em relação a músicaNEIrelata que escuta músicas mais “tranquilas” e que geralmente é seu marido que coloca cds com esse “estilo” de música. Porém,NEIafirma que ela não coloca música para tocar.</p>	<p>Fala da relação familiar com a música.</p>
<p>E: Hum... O que que te incomoda assim, que você não suporta? NEI: É que eu gosto muito de ouvir música é... a letra da música! E: Uhum.. NEI: Então quando eu não to entendendo a letra da música, é o que me incomoda! Então tem é... tem música assim que tem... que não tem um fundamento... E: Entendi... NEI: Tá...que a gente não entende, acho que tem que ter um... objetivo, a letra também né, não o toque... E: Uhum... NEI: Então eu gosto muito daquelas que tem a letra, eu gosto de ficar prestando atenção na letra da música... E: Uhum.. NEI: tá...e tem outros que não tem nada a ver daí eu não escuto,musica de agora assim, não...jamais...não escuto.</p>	<p>NEI afirma que gosta de escutar e compreender a letra das músicas. Porém quando não compreende ou não gosta da letra da música, esta a incomoda.</p>	<p>Aspectos específicos da música a faz gostar ou não de uma música.</p>
<p>E: É.. Mais e essas que a letras faz sentido para você, você tem vontade de colocar no rádio, no rádio não, no CD, para escutar? R – Tenho... M – Você coloca? NEI: Algumas sim! E: Hm.. e quais são essas que tem letras que você coloca? NEI: Ah eu gosto assim todas aquelas que faz sentido...é que você...no momento eu não lembro... E: Tem alguma banda...algum artista, ou cantor que você gosta...e lembra? NEI: Gosto muito de Roupas Nova.. é ..as mais antigas mesmo do meu tempo como diz né! E: Uhum..</p>	<p>NEI afirma que músicas que ela gosta ela coloca para tocar em casa. Ela gosta de músicas que fazem sentido para ela. Roupas Nova, Ela cita algumas bandas que ela gosta como: Roupas Nova.NEI também discorre sobre como não vê finalidade na letra de algumas músicas. O sentido para ela vem das letras que trazem</p>	<p>Gosta de músicas que fazem sentido.</p>

<p>NEI: só que também sempre ouvindo a letra da música! Agora no momento eu não lembro quem, qual.. mais é assim...é uma letra...por mais que seja a primeira vez que eu to ouvindo, eu presto atenção na letra! Então as vezes eu posso ta ouvindo música, alguma coisa pelo carro.. eu falo “vê se pode isso”...que finalidade isso tem na música...</p> <p>E: Hum...entendi...</p> <p>NEI: deveria ser assim por alguma finalidade assim, tipo é um...conselho, um poema... né? É isso que eu penso, senão não tem!</p>	<p>conselhos ou que se parecem com poemas.</p>	
<p>E: Uhum...Entendi! E como você se sente quando você escuta músicas que você gosta...com letras que fazem sentido assim...Como você se sente?</p> <p>NEI: Ah eu gosto, daí eu vivo mesmo, fico alegre...não deixo desligar...não deixo, não deixo...nada!</p> <p>E: Uhum...o que ela te trás assim?</p> <p>NEI: Ah trás boas lembranças...</p> <p>E: Uhum..</p> <p>NEI: É bom...as vezes tem música de agora que tem né ...</p> <p>E: Uhum...</p>	<p>NEI afirma que quando escuta músicas que gosta ela se sente alegre e faz questão que a música continue tocando. Ela também declara que as músicas que gosta a trazem boas lembranças.</p>	<p>Música suscita sentimentos e lembranças.</p>
<p>NEI: Mas né...eu gosto de ouvir MC sabe?...gosto de ouvir ...é... assim bem interessante né...eles acham que eu não sou normal sabe!</p> <p>E: Hm..Quem?</p> <p>NEI: Lá em casa...gosto de músicas de 1900 e já nem te conto</p> <p>E: Ah antigo</p> <p>NEI: Ah bom...aquelas coisas né!</p> <p>E: Legal!!!</p> <p>NEI: Cássia Heller</p> <p>E: Aham, é muito boa também!</p> <p>NEI: hmm...Pitty, e agora essa ... Fernanda...</p> <p>E: Fernanda lima? Fernanda lima não!</p> <p>NEI: É alguma coisa Fernanda...</p> <p>E: Ah aquela que tem um cabelão assim?</p> <p>NEI: Uhum...</p> <p>E: Aham sei!</p> <p>NEI: Então eu gosto da letra, as vezes eu se encontro sabe...então...é isso que eu gosto na música!</p>	<p>NEI discorre sobre como gostou de ouvir um dos integrantes do grupo cantar, pois em sua casa ela é criticada por ouvir músicas mais antigas. Ao falar sobre isso ela lembra de algumas cantoras como Cássia Heler, Pitty, Paula Fernandes. NEI ainda reafirma que o que mais gosta na música é a letra.</p>	<p>Identificação com membros do grupo.</p>

Análise Entrevista Inicial – VA

Unidade de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>VA: Tava pintando a nossa casa, e teve um dia que eu tomava banho e não podia ir no vento ... e eu tava sujo de tinta, as mãos e tudo, ela passo do meu lado no banheiro e foi lá fora pega a toalha. E eu falei: mãe eu não vou lá porque to com a mão suja, vai sujar a toalha ... e ela caiu e quebrou a perna, operou mas... eu sou culpado de tudo porque vazei embora e ela ficou lá, 3 dias em casa e eu trabalhava a noite e troquei minha folga para posar com ela...</p> <p>Entrevistadora (E): Uhum...</p> <p>VA: eu sai as 11 hrs, deixei ela bem em casa... 22 hrs o irmão desses dois que morreu ligou que ela não tava boa me</p>	<p>VA discorre sobre a morte de sua mãe e como se sente culpado por sua morte. Ele descreve que esse pensamento o perturba o dia todo e que tem dificuldade para dormir. VA diz que precisa cansar muito o seu corpo para conseguir dormir, e logo que acorda</p>	<p>Relatos de sua história de vida e de seu sofrimento.</p>

<p>chamando, chamando... diz que morreu me chamando, eu não tava lá, eu troquei minha folga para ficar com ela...e não vi mais ela ... (choro)... Eu minha filha tava tão cansado, tava lá...me deu um cansaço tão grande...fui para casa dormir... descansar...fui deitar sei lá o que me deu... nunca mais vi ele também... daí chega gente no portão e chamava meu mais velho para ver o encanamento que tava lá, e vi ele se abraçando quando meu pai (inaudível), nunca mais vi ele...(choro)... me doi e que vivo agora? Todo dia de noite e de dia...</p> <p>E: E você fica assim...é o dia todo VA? Ou tem momentos assim que bate essa tristeza?</p> <p>VA: O pensamento dia e noite, pra dormir é um sacrifício...Essa noite foi assim, fiquei sentado até dormir...</p> <p>E: Nossa...de cansaço mesmo né...</p> <p>VA: Eu tenho que cansar muito, andar muito muito muito...</p> <p>E: Pra conseguir...</p> <p>VA: Quando não aguentar mais minhas pernas e minha dor no corpo daí eu consigo parar...E quando acordo já acordo pensando...o que aconteceu...e daí vejo tudo...ai a noite eu vejo, meu filho caído ali e eu correndo...correndo um monte...(silêncio)...eu antigamente eu... todas as vezes que eles foram batizados, crismados e pedido em comunhão... tudo... sempre tivemos o sistema de fazer todos no mesmo lugar,... (inaudível) alguém deve ter feito do jeito certo mais agora não ligo ..isso é tudo é um acidente...um grande acidente! É que nem mato na grama, nasce por acaso... Minha família não quer que eu vá no cemitério, diz que eles não tão lá... mais os osso que tanto abracei, cuidei tão lá...os osso que eu apertei quando nós brincava, nós brincava de lutinha, jogava bola de derrubar ta la ... tem que cuidar para ninguém mexer...é isso que eu faço!</p>	<p>suas lembranças e pensamentos retornam. VA também descreve sua dor pela morte de seus filhos, como ele considera um acaso sem compreender a razão de sua morte. Ele lembra de alguns momentos felizes com seus filhos e relata como protege os ossos de seus filhos no cemitério, pois é o que restou deles.</p>	
<p>E: E nisso não tem nada de música?</p> <p>VA: Não me lembro da música...adorava...adorava..</p> <p>E: Que música que você gostava?</p> <p>V- sempre gostei de música lenta para escutar só... que nem ela falou da ouro verde muitos e muitos anos tem essa rádio né nem pensei que existia ainda... e sertanejo só... nunca gostei de outra música.</p> <p>E: E você não escuta mais?</p> <p>V- Não me lembro de algum lugar com música nenhuma, eu passo e já saio, nem me convidam mais pra festa nada, nada com (inaudível)...</p>	<p>VA relata que gostava de música. Gostava de música lenta e de sertanejo. VA lembra da rádio ouro verde que foi mencionado por outra integrante do grupo. VA relata que não lembra de músicas e não vai em lugares com música, quando chega em um local assim logo vai embora, e por isso não o convidam mais para festas.</p>	<p>Menciona músicas que gostava de escutar.</p> <p>Não participa mais de festas ou eventos com música.</p>
<p>E: O que te incomoda na música VA?</p> <p>V- Viajando na praia...indo pro jogo... uma pescaria.. que tem um monte de sertanejo e um monte de gente berrando, e (incompreensível), brincando e cantando...não gosto mais!</p> <p>E: Escutar música lembra você desses momentos VA?</p> <p>V- É, (incompreensível), filmagem em festa, na piscina, na chácara, na praia em tudo quanto é lugar... ainda não tive coragem de ... ainda não ...ainda não tive, eu não sei o que eu</p>	<p>VA relata que música o faz lembrar de seus filhos, dos eventos em família como praia, jogo, pescaria, pessoas falando, alto, cantando, brincando e a música sertaneja ao fundo. Ele menciona</p>	<p>A música suscita lembranças e sentimentos.</p>

<p>faço...eu ando por aí, mas eu vejo tudo, enxergo tudo, sinto tudo mas não...a cabeça não...só me pergunto o porque eu to aqui... porque que to aqui, porque que to aqui... é eu sou um morto mesmo, um morto andando... e quando eu te mostrar as fotos deles você vai entender...não preciso dizer mais nada!</p>	<p>algumas filmagens que foram feitas em festas, na piscina, na chácara, na praia e que ele não consegue ver. VA discorre sobre sua dor e como não compreende porque ainda permanece vivo quando se sente morto. VA menciona que irá mostrar as fotos dos filhos morte pois assim a entrevistadora poderia entender sua dor.</p>	
---	--	--

Análise da Entrevista Inicial – WO

Unidades de significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>Entrevistadora (E): Então, WO, é... queria saber, é... como que é tua relação com a música.</p> <p>WO: Hm...</p> <p>E: Como que é sua relação com a música?</p> <p>WO: Minha relação com a música é desde os sete anos de idade, né?</p> <p>E: É o quê?</p> <p>WO: Desde os sete anos de idade.</p> <p>E: Ah, é? Cê toca, escuta... Como é que é, me conta.</p> <p>WO: Eu comecei a tocar violão foi mesmo com um tio meu, tio caçula meu, né? Tio Jorge, violão meu se lembro até, o nome do violão, era... um violão japonês. É...</p> <p>E: Taka...</p> <p>WO: Não, não, não, muito antigo esse violão. Inclusive é... se chama... deixa eu ver... Sokio</p> <p>E: Ah, não conheço...</p> <p>WO: Sokio, japonês, muito antigo. Fininho... criança, né? Sim, pra criança.</p> <p>Sofio, Sokio, uma coisa assim. Sokio, Sokio é...</p> <p>E: Ah, legal... E daí você tocou, é... começou a tocar violão com sete anos então.</p> <p>WO: Sete anos.</p> <p>E: E daí?</p> <p>WO: Aí assim, fiquei um ano aí, tio Jorge tava sempre lá em casa, ele toca, sempre tocou, né? Ele ia em casa e às vezes a gente, ele tava com o violão, ele tava com o violão dele e ia, ia revezamento, né? Revezava um com o outro, né?</p>	<p>Ao discorrer sobre sua relação com a música WO relembra quando começou a tocar violão aos sete anos. O violão em que começou a praticar música foi dado por seu tio que visitava sua casa e tocava junto com WO.</p>	<p>A música está muito presente em toda sua vida e em suas relações familiares.</p>
<p>E: E o que que é a música pra você assim, na tua vida? Que que ela representa assim? Que que...</p> <p>WO: A música, né? A música sempre foi uma coisa na vida muito profunda.</p> <p>E: É?</p> <p>WO: É. Porque... quando eu comecei a tocar, meu tio ele viaja, ele viajava, tinha a banda dele, né? A banda de rock deles, né? Então, assim que ele deu esse instrumento, evolui rápido, assim, evolui rápido, ... rápido e (incompreensível) aí,</p>	<p>WO relata que a música é algo muito “profundo” em sua vida. Ele discorre sobre suas viagens com a banda de rock de seu tio, como Canadá, Alemanha e Rússia, e como ele evoluiu rápido na execução do instrumento</p>	<p>Diferentes experiências de vida estão relacionadas com a música.</p>

que que ele fez? Ele ele me levou pra viajar com ele. Outros países, outros lugares. Canadá que a gente foi a gente foi né, depois a gente foi pra Alemanha também, né? Né? E Rússia, pra Alemanha, e Rússia, né? E fui lá, né? Com o tio Jorge, eu aprendi muita coisa, entendeu? Aprendi muita coisa com ele. Evoluí com isso aí, né? Aquilo ali (incompreensível), né? bom, né?	e aprendeu muitas coisas com essa experiência.	
E: Sim, com certeza. E assim, que que você sente quando você tá tocando, quando você escuta música? WO: Que que eu sinto? E: É. WO: Podemos dizer que eu sinto... eu sinto... uma outra... como diz isso? Um sentimento maior, um sentimento, ou uma outra... assim... como é que fala? E: Hm? WO: Eu acho que toca na alma. Quando toca na alma. E: Toca tua alma? WO: O espírito, a alma, o corpo, né? Eu acho que toca o espiritual, era isso mesmo que eu queria falar.	WO declara que quando está tocando ou ouvindo música sente que isso “toca seu espírito”.	A música suscita uma experiência espiritual.
E: E... hoje você continua também escutando música, tocando, né? Assim no teu cotidiano... WO: É, tá difícil escutar música porque eu tô sem rádio, então (incompreensível) não escuto música, né? E: Ah, tá, na rádio. WO: Porque não adianta (incompreensível)	Ao discorrer sobre sua relação atual com a música WO declara que está escutando menos música porque não tem rádio em sua casa.	Atualmente escuta menos música porque não tem rádio em casa.
E: E que tipo de música você mais gosta, WO? WO: Qual delas, como assim? E: É, assim, estilo, ou banda... WO: Ah, todas... E: É? Cê gosta de... WO: Até samba assim, (incompreensível) também eu gosto, né?	WO relata que gosta de todos os estilos musicais e menciona o samba como exemplo.	Gosta de vários estilos musicais.
E: Ah, legal. Legal. Então é isso, WO. Tem mais alguma coisa que cê queira falar sobre a música? WO: O que por exemplo? E: Não sei (risos). Alguma coisa que cê lembrou, sei lá, se tem alguma coisa a acrescentar. WO: É... Veio um tio meu pro Brasil que é músico. Ele tá no Brasil, ele é da Alemanha, e ele vem pra cá, pro Paraná. (incompreensível) Ele é músico, profissional. E: E cê tá tocando com ele? WO: Eu toquei com ele. E: É? WO: (incompreensível) E: Legal... WO: (incompreensível) E: É aquele, aquele tio que cê tava me contando... WO: Não, não é esse, é outro. E: É outro. Ah... WO: Qual tio? Esse é irmão do meu vô. E: Cê falou que teve um tio que te... WO: Ah, o Jorge. E: Que te levou pro Canadá... WO: O Jorge, não, o Jorge é o caçula, é o irmão do meu pai. E: Ah tá. E esse outro?	WO discorre sobre seu tio músico que é da Alemanha e vem para o Paraná e sobre tocar com ele.	Discorre sobre a relação musical entre membros da sua família.

WO: Esse que veio é irmão do meu vô. E: Ah, tá, é teu tio avô? WO: Tio avô, é.		
--	--	--

Análise da Entrevista Inicial – ZI

Unidades de significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
E: Então ZI, eu queria saber qual que é a sua relação com a música? ZI: Eu gosto de ouvir música. E: Uhum. ZI: Me faz..., me dá recordações, me faz chorar, me faz sorrir.	Ao discorrer sobre sua relação com a música ZI diz gostar de ouvir música, diz que lhe trás recordações, a faz chorar e sorrir.	Gosta de ouvir música. Música traz lembranças e sentimentos.
E: Aham gosta (sussurrando)? O que você escuta? ZI: Música. E: E em casa, assim, como é que é? ZI: Eu gosto de ouvir todos os tipos de música... Romântica, eu gosto de escutar música... até Funk eu gosto de ouvir, depende do dia. E: Uhum. ZI: Músicas românticas, músicas sertanejas. Gosto de Rock, alguns não muito. E: Uhum. ZI: Mas, gosto de música brasileira, eu entendo mais a letra, né, e de música internacional.	ZI declara que gosta de ouvir músicas românticas, Funk, Sertanejo, Rock, MPB. ZI declara que gosta de ouvir vários tipos de música, mas isto depende de como está se sentindo no dia.	Grupos que gosta de ouvir. Sua relação com a música depende de como está se sentindo.
ZI: Gosto de ..., a música me transmite...vida. E às vezes, tristeza, lembranças... boas, lembranças ruins. E:Uhum. ZI: Isso.	ZI relata que a música lhe transmite vida, tristeza, lembranças boas e ruins.	A música suscita sentimentos e lembranças.

Análise da Entrevista Inicial - MO

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
E: Então, M. eu queria saber... é..., como que é a sua relação com a música? MO: Ah, a minha relação com a música, vou te falar rapidamente oh. Eu sou o cara. Você é católica? E: Eu... acredito em Deus. MO: Acredita em Deus, então tá. Você veja, eu sou de de de origem evangélica, né. Então, eu quando tinha seis, sete anos eu colocava, eu ia e voltava e já colocava o violão na minha mão, pra eu toca. E daí meu pai [incompreensível], isso aqui é Dó, é Ré.. e tal. E eu acompanhava minha irmã que cantava na igreja evangélica, entendeu? E: Ah tá, desde pequeno então! MO: Desde pequeninho, desde os seis, sete anos eu acompanhava o pai e a minha irmã, né, cantando na igreja. Mas, só que não passava disso, sempre Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si e eu pegando as notas assim... inventando, assim notas, assim. E:Ah tá.	MO afirma que sua relação com a música remonta a sua infância, pois a música era bastante presente na sua família e estava bastante ligada a religião evangélica. Aos seis ou sete anos MO já tocava violão na igreja para acompanhar sua irmã que cantava.	Considera que sua relação com a música está vinculada a sua história com sua família e a religião.

<p>MO: Mas, dava pra ter uma noção muito boa de música assim. E de lá pra cá, uns sete oito, quando tinha, quando tinha pela ordem dos nove, dez anos eu conheci o rádio, eu conheci o rádio e os meus irmãos ali, a, é lidando com o rádio, eu comecei a mexer com o rádio e gostei de música, que eu me lembro, foi exatamente pelos nove anos quando minha mãe morreu, né. Daí eu comecei a mexer com música, daí o meu irmão, os irmãos do meio... a minha mãe morreu, tudo, minha família se desintegrou-se, e o meu irmão começou a fazer... é...o que chamavam de sarau, esse sarau festinha, terça, sábado e domingo lá em casa.</p> <p>M:Uhm.</p> <p>MO:E aquele sonzão pesado, e meu irmão começou a colocar uma caixa no tamanho daquele armário ali, bem grandona.</p> <p>M:Nossa!</p> <p>MO: Né, e chamava o pessoal lá em casa pra gente ouvi, este tipo de som que o M. fala ali né, Led Zepellin, e... só Rock paulera, Rock pesado... Led Zepellin, Pink Floyd, e essa coisa toda.</p>	<p>MO discorre sobre a influência de seus irmãos em sua história musical, através do rádio e dos saraus que eles faziam em sua casa. MO relata que foi nessa época que sua mãe morreu, fato que acabou modificando as relações da família. Nos saraus seu irmão colocava para tocar em caixas acústicas grandes e potentes, rock. O exemplo das bandas que escutavam era: Led Zepellin, Pink Floyd, que MO categoriza como “rock pesado”.</p>	<p>Relação com a música ligada a história da família.</p> <p>Relembra a morte da mãe.</p>
<p>MO: e... eu sempre me identifiquei com isso aí, então eu não consigo viver sem música. Sabe, sempre música. É... eu moro sozinho, daí então, eu tenho que fazer minhas coisas lá então, é fazendo comida, é lavando roupa, é deitado, é sentado, é é ... andando na rua, assim então, a música é uma parte importante da minha vida. Eu acho que, sabe pelo o que me conheço, assim, Marina, eu acho que tirá a música da minha vida, assim sabe tirá a música, eu não sei, eu acho vai ser complicado, muito complicado.</p> <p>M: Uhm. É importante pra você então, né?</p> <p>MO: Uhum.</p>	<p>MO relata que se identifica com a música, ela tem uma importância vital. MO diz que escuta música o dia todo. Ele mora sozinho então escuta música enquanto realiza os afazeres da casa, como cozinhar, lavar roupa, ou enquanto está deitado, sentado, andando na rua. MO considera a música uma parte importante de sua vida. Ele acredita que seria muito difícil viver sem música.</p>	<p>A música tem uma importância grande em sua vida.</p> <p>A música bastante presente no cotidiano.</p>
<p>E: Ah, legal. E como que ela faz você se sentir MO?</p> <p>MO: Ah, a música é manero. Então, o seguinte, você veja, música, música, música.... a música é inerente ao ser humano, porque você veja bem, né, partindo do princípio evangélico e também cristão, no céu tem música, os anjos tocam pra Deus. O mal, o mal, o mal de Lúcifer, Satanás lá no céu, (barulho) lá no céu, lá no céu ele se chamava Lúcifer porque ele era portador de luz, e quando houve, né, uma rebelião no céu, Deus expulsou ele do céu aqui para a Terra e então ele passou a se chamar Satanás, que significa adversário de Deus. Então, no céu tem música, se nós fomos feitos imagem e semelhança de Deus, você, quando a bíblia fala homem, Deus, né, a bíblia, a palavra de Deus, homem, homem e mulher, é o ser Homem, ser humano. Então..., agora eu não entendo o sermão esse aí, né, por exemplo, aquele cara que veio aí falô Oh, é... eu não gosto de música, esse é o estilo psicológico dele. Mais, na maior parte das pessoas do mundo, Mariana, todo mundo gosta de música, isso aí já, mais suave, mais pesada, mais ritmada, menos né,</p>	<p>MO discorre sobre como a música é inerente ao ser humano. Partindo de sua compreensão religiosa MO considera que os anjos tocam música para deus. MO liga esse relato a história religiosa de Lúcifer, que segundo ele, morava no céu e era portador da luz porém quando houve a rebelião no céu deus o expulsou e o mandou para a terra aonde se chama satanás, que MO relata significar o adversário de deus. MO discorre sobre como no céu a música está presente. Ele não</p>	<p>A música está relacionada com sua religião.</p> <p>Estranha que outras pessoas não gostem de música.</p>

<p>ou não. É... as pessoas gostam de música e eu graças a Deus, né Mariana, isso é uma benção que eu tenho que agradecer,</p>	<p>compreende como alguém pode não gostar de música, já que fomos feitos a imagem de deus, e se no céu tem música, ele considera que todos haveriam de gostar de música. Ele demonstra que considera isso um estilo psicológico, mas acredita que a maior parte das pessoas gosta de música. Segundo ele uns preferem música mais suave, outros música mais pesada, mais ou menos ritmada. MO considera a música uma benção de deus.</p>	
<p>MO: eu gosto tipo de música, eu consigo ouvir todo o tipo de música eu tô sempre analisando ali.. é... esse violino ali, você viu o arranjo que o criador dessa música deu para o violino, olha só..., esse solo interessante ele é meio desconcertante. O solo da guitarra, ele tem o... quando você imaginava que ele fosse fazer, que ele fosse, nossa!! Então todo o tipo de música eu gosto.</p> <p>M:Que legal!</p> <p>MO:É assim que eu vejo, eu fico analisando a música assim sabe? Lá na minha casa eu falei, tem gente que cada um escuta a música de um jeito, né. Cada um escuta a música de um jeito e eu ouço música, eu escuto música eu fico prestando atenção, né... como que foi o arranjo, né aquela bateria fez uma virada, mais ou menos assim, que é diferente da virada, do do ritmo, que bom que os bateristas tocam. Tá tocando ali, por exemplo ali, é uma música do Legião Urbana, aquela música lá que fala “uma menina me ensinou...” (cantando o verso) se você prestar atenção no baixo daquela música, ele é um baixo mais é é... ele é mais é.... como que se fala com palavra, ele é mais é... quando a música assim, você pode , bem mais...posto assim , bem mais, sabe mais, mais marcial [?], assim.</p> <p>M:Claro... Talvez mais preciso.</p> <p>MO: Mais é, ele é mais provocante, ele é mais agressivo, ele é mais agressivo.</p> <p>E: Uhum, entendi.</p> <p>MO: “Uma menina me tum, tum tum (canta a progressão do baixo)</p> <p>E: Aham, mais presente, assim né.</p> <p>MO: É, e lá no meio o cara usa, o que eles chamam eu acho esses de, uma espécie de ...Slep.</p> <p>E:Aham.</p> <p>MO: Que ele fica mais pulsante. (MO começa a imitar o baixo) Tam, tam, tam, tam, tom, tom, tom, tom. Então eu ouço música assim, eu tô escutando, é claro eu falo... Puxa vida e esse teclado o que o cara coloco nessa música agora,</p>	<p>MO discorre sobre como percebe a música. Ele diz que gosta de ouvir todo tipo de música e que fica analisando suas características, os instrumentos, as formas como são tocados, os arranjos, os solos, e os sentimentos que cada parte da música provoca. Ele relata que cada pessoa escuta a música de uma forma, ele escuta a música a analisando com atenção, em suas diferentes características. Ele dá o exemplo de uma música do Legião Urbana que tem um baixo que ele considera mais provocante e agressivo, que é tocado com uma técnica de “slap” que deixa mais pulsante. MO relata que também compara os estilos músicas. Ele considera essa sua forma de escutar e sua paixão a música uma “santa loucura”, um vício.</p>	<p>Sua forma de escutar músicas é as analisando, essa sua capacidade de análise é considerada uma dádiva.</p>

<p>poxa se fosse os americanos, talvez os americanos não usariam só esse efeito de tecladiá, é o tempo todo, é mano , na na na (tentando imitar a situação). É uma santa loucura, assim entendeu? O tema da música de minha cabeça. E eu so viciado em música, eu so viciado em música, viciado. Televisão nem tanto, nem tanto eu to sem televisão lá em casa, o que eu posso fazer (inaldível), né to sem televisão. E: Uhum.</p> <p>MO: Agora não pode faltar música, se faltar música.</p> <p>E: Fica feio, né? (risada)</p> <p>MO: É, volto louco[?] Então é ouvindo música, né, se vai banalizando [?] os detalhes e você pode ver, tanto você diz que eu não escutei música, eu não escutei música...</p> <p>E:Nossa, tem um....</p>		
<p>MO: Só meu pai que me ensinou dó, ré, mi, fa, sol, lá, si, e anda com um cara ali, um cara não, um toque numas notas aqui. Mas no entanto, toca um tipo de música que está bom, essa aí eu sô capaz de tocar. Eu tô aqui fazendo floreado, floreando, floreando...</p> <p>E: Que legal</p> <p>MO: E as pessoas só, acham que é verdade.</p> <p>E: Sim, nossa, você toca muito bem! E eu acho que você deve ter um ouvido muito bom, né?</p> <p>MO: É eu...</p> <p>E: Você essa percepção que não é todo mundo que tem mesmo, né.</p> <p>MO: A música... Você sabe disso aí, você estuda isso aí, né. Eu não sei se é todo esse lado, que [Inc] lá o que eu estudo. Mas a música é um dom, né, é um talento, ele é uma arte, né, leve como lé, como lé... tanto como, tanto quanto você vê um negócio pintado; puxa, o que a pessoa usou, é , puxa que cores... É algo cativante, não é algo assim, né.</p> <p>E:Uhum.</p> <p>MO: Então a música é... é... O Jimmy Hendrix uma vez falou, ele falou “Eu imagino uma nota tão intensa quanto uma cor”.</p> <p>E:Uhm.</p> <p>MO: “Eu imagino uma nota tão intensa quanto uma cor”.</p> <p>Então, se ele bombô [?], o Jimmy Hendrix foi um dos maiores guitarristas da época dele, né. E a música tinha a ver com essa coisa toda.</p>	<p>MO considera a música um dom, um talento, algo cativante. Ele menciona uma frase de Jimmy Hendrix que diz “Eu imagino uma nota tão intensa quanto uma cor” e revela sua admiração pelo musico.</p>	<p>Considera a música um dom, um talento.</p>
<p>E: Que legal! Muito legal ouvir você falar da música. Hehe, porque você tem muita paixão pela música, daí transmite assim pros outros né.</p> <p>MO: E só que ao mesmo tempo, o... Mariana eu já sô o cara que, que, que... eu tenho ódio...</p> <p>E:Uhn?</p> <p>MO: Bem inclusive, dentro dessa linha ai, musical que eu ouço porque eu não pude expandir isso dentro de mim.</p> <p>E:Uhn.</p> <p>MO: Você entendeu? Eu poderia, né, porque... Você sabe como é que são as coisa ainda , né? Se você não tivé capacidade pra passa no vestibular e fazer uma faculdade de musico, musicoterapia, você não tem (inaldível), porque eu não tem capacidade. Eu não sei uma coisa assim que você</p>	<p>MO relata que sente ódio por não ter conseguido desenvolver sua habilidade musical, não conseguiu passar no vestibular. Ele diz que tem consciência de sua musicalidade e de seu potencial, mas se sente frustrado porque não pôde se dedicar a música. Ele considera isso uma consequência de sua história de vida, da morte</p>	<p>Sente-se frustrado por não ter se dedicado ao estudo da música.</p>

<p>olha, e fala poxa, não isso eu não (inadivível), mas eu não gosto[?], não tem, mas até tem pra pagá, mas eu não gosto de isso aí.</p> <p>E: Uhum.</p> <p>MO: Você entendeu?</p> <p>E: Uhum.</p> <p>MO: Agora eu... eu sei que eu tenho uma capacidade na música. Entendeu? Eu vejo assim essa musicalidade...</p> <p>E: Uhum</p> <p>MO: ... que você falou.</p> <p>E: Tem mesmo.</p> <p>MO: Esse ouvido bom, improvisos bons...</p> <p>E: É...</p> <p>MO: E o que eu sou capaz de fazer, mas só que eu me sinto frustrado.</p> <p>E: Uhm.</p> <p>MO: Então eu me enquadrado ali, na ala ali, na galeria ali do, das pessoas frustradas com a música, porque devido, devido morte da mãe, morte do pai, incluí a a ... me muda de um lugar pro outro, acarretou em, eu nunca tive a oportunidade de me dedicar a música.</p> <p>E: Uhum.</p> <p>MO: De me dedica à música, ir em cada aula pra mim, e ensinar e explicar. E o interessante, lá com os treze, quatorze, quinze, hoje, né, quem sabe poderia até ter um grande cargo.</p> <p>E: Uhum.</p> <p>MO: Então nesta página aí, eu sou um cara frustrado, porque eu sei que é... que que, sabe? Eu até criei uma frase que fala assim, é..., “ Eu, eu sei como fazer, mas só que eu não sei fazer”.</p> <p>E: Uhm.</p> <p>MO: Entendeu? Eu sei tudo que deve ser posto numa música.</p> <p>E: Sim...</p> <p>MO: Uma música triste, uma música alegre.</p> <p>E: Uhum.</p> <p>MO: Uma música melancólica, uma música... mais Rock’n Roll, uma música mais pra coisa erudita assim, vamos dizer assim, entendeu. É... dependendo da letra que a pessoa soube falar, eu sei como fazer.</p> <p>E: Sim.</p> <p>MO: Mas só que eu não sei fazer, porque eu não tenho na prática. A teoria...</p> <p>E: Aham...</p> <p>MO: mas eu não tenho a prática...</p> <p>E: Sim.</p> <p>MO: Então... quando você falou, como que eu lido com a música. Então eu amo a música... mas ao mesmo tempo eu tenho ódio por não poder ter um bom desempenho.</p>	<p>de sua mãe e de seu pai que fez com que ele tivesse que mudar de casa várias vezes.</p> <p>Ele acredita que se tivesse conseguido estudar música, poderia ter um bom emprego, uma boa colocação no mundo da música. MO cita uma frase que criou para resumir essa situação “Eu sei como fazer, mas só que eu não sei fazer”. Ele explica a frase dizendo que sabe entender uma música, a classificar em estilos, escrever letras de música, mas não sabe as reproduzir.</p> <p>Ele odeia não poder tocar os instrumentos da forma como gostaria.</p>	
<p>E: E você pensa em fazer aula hoje MO?</p> <p>MO: Ah... Eu penso em fazer aula hoje, só que você sabe Mariana... conforme vai passando o tempo da vida da gente... agente que é pobre né, mais necessitado né, de pessoas comuns da vida assim.... Então fica difícil... agora inclusive apareceu na Igreja lá, depois de tanto tempo que eu tô lá...</p> <p>E: Uhum...</p>	<p>MO gostaria de fazer aulas, mas acha difícil porque não tem dinheiro. Ele comenta que lhe disseram que tem um professor de música em sua igreja que cobra trinta</p>	<p>Gostaria de fazer aulas de música mas não tem dinheiro e se considera muito velho</p>

<p>MO:Chegaram pra mim e disse: Olha tem um professor dando aula aí sábado e tal ele é bom, ele cobra trintão durante duas ou três horas de música... eu tô pensando qualquer coisa, mas hoje eu já to quase quarenta ano.</p> <p>E:É (Concordando e discordando ao mesmo tempo). Nunca é tarde né. Tem tanto... agora não me vem na cabeça... mas tem muito mais músicos que começam mais tarde mesmo né.</p> <p>MO:Pois é...</p> <p>E: Começa aí [?] pra ver se tem...</p> <p>MO:Eu gosto de cantar, eu gosto muito de cantar cara, mesmo. Então é isso aí, sai cantando as palavras decor, uhn... né... se compreendem a língua né.. Mariane...</p> <p>E:Uhum...</p>	<p>reais por três horas de aula. Mas MO relata que acha que está velho pra começar a aprender música agora. Ele acrescenta que gosta de cantar.</p>	<p>para começar a fazer aulas de música.</p> <p>Gosta de cantar.</p>
<p>MO: Pô olha eu vou te falar o que [?], não sei se você vê assim a coisa como eu vejo...</p> <p>E:Ahn...</p> <p>MO: Mas é dolorido.</p> <p>E: O que?</p> <p>MO: Você gostar da música, você saber que você tem uma certa...</p> <p>E: Tem...</p> <p>MO: Você tem capacidades e habilidades, daí quem tá na tua frente, o tempo todo ali, mexendo no time ali e... CD e DVD. Aí você fala... puxa vida! Essa é uma das coisas que abaixo [?] do filho de Deus é a coisa que mais amo, que tá aqui na minha frente e eu to vendo o tempo passa e eu não... tô conseguindo expandir isso.... É uma loucura.</p>	<p>MO considera dolorido ter consciência de suas habilidades musicais e de seu amor pela música e ao mesmo tempo perceber que o tempo está passando e ele não pode desenvolver essas habilidades.</p>	<p>Sofre por não desenvolver suas habilidades musicais.</p>
<p>E:Você compõe MO? Você já fez música?</p> <p>MO:Eu não, Eu não fiz música, mas eu.... olha sinceramente eu acredito que eu tenha a capacidade...</p> <p>E:Uhum...</p> <p>MO: ... porque eu gosto muito de escrever...</p> <p>E:Inclusive MO com o tanto de acorde que você já sabe e com a sua intuição de escuta assim mesmo... Você já... já tem as ferramentas pra fazer música... sabe...</p> <p>MO: Eu já tenho toda a base pra fazer música.</p> <p>E:Eu acho que sim...</p> <p>MO: Eu tenho (...) ao longo do... da vida aí ... agente vai pegando métodos diferentes, né mariana</p> <p>E: Sim...</p> <p>MO: Porque a vida é assim você traz algo bruto aqui e com é... eu chego com algo bruto aqui e no caminho só entendendo né?</p> <p>E:Esculpido, lapidado...</p> <p>MO:Lapidado... Mas eu acho que sou capaz...</p> <p>E:E você escreve então algumas coisas... passa um...</p> <p>MO:Ah eu não escrevo, eu não escrevo. Eu só escrevo assim... se alguém me pedir para escrever.</p>	<p>MO relata que nunca compôs, mas acredita que tenha capacidade para isso, que tem o conteúdo básico da música, mas que precisa ser lapidado. Diz que só escreve letras se lhe pedirem.</p>	<p>Acredita que tem capacidade para compor músicas.</p>
<p>E:Aham... Em casa não assim?</p> <p>MO: Não.</p> <p>E:Você pensa em alguma coisa e escreve?</p> <p>MO: Tem um ambiente muito agitado lá em casa lá...</p> <p>E:É...</p> <p>MO: Quando eu sento é muito agitado assim lá. Mas eu estudei, eu estudei até a oitava série. Eu passei no letivo do</p>	<p>MO discorre sobre o ambiente agitado que tem em sua casa. Mas diz que sabe escrever porque estudou até a oitava série e que tirava notas boas em suas redações. Ele conta</p>	<p>Considera que escreve bem.</p>

<p>primeiro e do segundo. Eu estudei mais ou menos um mês, dois meses e parei. Eu me lembro... eu sempre tirava notas boas em redação.</p> <p>E:Uhm...</p> <p>MO: ótimas... Uma vez me pediram para eu fazer uma redação e todo mundo me aplaudiu de pé.</p> <p>E:Ah... que legal!</p> <p>MO:Dentro do meu nível...</p> <p>E:Da tua turma né?</p> <p>MO:...escolar assim. Fale sobre a estrutura política e não sei o que e tal e tal. Leia e você leu e vai ler pra turma [?] , pois é [?] quando eu li e terminei... a professora lá na frente aplaudiu e todo mundo de pé.. começou a aplaudir.</p> <p>E:Ah que legal!</p> <p>MO: Pô então eu escrevo bem, ein.</p> <p>E:Sim com certeza...</p> <p>MO: E nas outras escolas que eu estudei também... Redação... eu tive que escrever... a professora sempre elogiou... “Nossa... você é muito bom... só tem erro aqui de português, esse acento aqui...”</p> <p>E:Aham... Tá... Legal MO.</p>	<p>sobre certa vez que foi aplaudido em pé por uma redação que fez sobre estrutura política e leu em voz alta para sua turma. Ele considera que escreve bem.</p>	
<p>MO: Então é isso... O meu sonho na verdade é cantar... num grupo aí né...</p> <p>E:Aham...</p> <p>MO: E é muito bom...</p> <p>E:É verdade... Uma coisa que faz faz...bem pra gente, que a gente gosta tanto...É tão assim quando a gente consegue...[?]</p> <p>MO:E você é desse mesmo estilo de pessoa Mariana?</p> <p>E:Como assim?</p> <p>MO:Como você falou assim né, a sua relação com o negócio de música é... diferente né. É mais considerado assim né...</p> <p>E:Isso é... aham... Mas... eu já toquei MO um pouco...</p> <p>Também não sei tocar muito né, mas eu já tive grupinho em barzinho e tal...</p> <p>MO: Sério?</p> <p>E:Um tempo assim...</p> <p>MO: Você gosta de cantar?</p> <p>E: Adoro!</p> <p>MO: É? Que tipo de música você gosta de cantar?</p> <p>E:Olha eu gosto de ouvir tudo quanto é tipo de música e de cantar também. Mas, nos barzinhos eu cantava... MPB.</p> <p>MO:MPB.</p> <p>E:Tipo samba...</p> <p>MO:É nisso aí que agente aprende aquelas notas bem....</p> <p>E:É então mas... eu não toquei violão no barzinho porque meu violão é bem básico. Você... Eu acho que não me viu tocar ainda, mas é bem basiquinho sabe? Bem... é menos que você até. Ah... mais eu cantava e tocava percussão no bar...</p> <p>MO:É...</p> <p>E:Eu gostava.</p> <p>MO:E você tem musicalidade assim... de ritmo, de tempo, de espaço...</p> <p>E:Um pouco... Um pouquinho....</p> <p>(risadas)</p>	<p>MO relata que seu sonho é cantar em um grupo. Ele pergunta a entrevistadora a respeito de sua relação com a música e compara o nível de conhecimento musical da entrevistadora com o seu. Também pergunta sobre sua formação e lugares em que trabalhou como terapeuta.</p>	<p>Sonho de cantar em grupo.</p>

<p>E: Mas é que nem... é... que nem você. Tô aprendendo muito ainda né... Tô no começo assim... Que nem eu te falei, você sabe muito mais acorde, muito mais coisa que eu, sabe. Porque eu peguei bem o basicozinho, sabe bem o... [?]. Mas é isso... Mas eu...</p> <p>MO: Você pegou e resolveu fazer uma faculdade?</p> <p>E:É... aham...</p> <p>MO: E... vocês já fizeram em bastante lugares, Mariana? Assim... terapia com as pessoas.</p> <p>E: Alguns... eu já... no Nossa Senhora da Luz, no Porto seguro... Você conhece?</p>		
<p>MO: Mas... como é a terapia Mariana? Você pode falar como é que vai ser com a gente assim?</p> <p>E: Ah.. Posso mais ou menos, que também é assim... depende muito grupo... depende do que vocês precisam, entendeu? Então não é uma coisa pronta... então basicamente agente vai... é... pegando a música, seja cantando com canções que nem agente já chegou [?]. ... sair e cantar, ou improvisação MO, tipo pegar vários instrumentos e tocar juntos... às vezes né... é um instrumento que você nunca tocou... agente toca junto porque é... quando agente toca na música, quando agente é na música. Agente é na forma como agente é na vida né... Essa é a teoria por detrás, por exemplo assim... é... é... muito do que agente canta... tem dificuldade... por exemplo esse senhor. Tava falando que ele não tem mais música na vida dele, não é... e o que ele tava me contando ... é que a música às vezes faz lembrar ele de pessoas muito queridas e isso traz muita tristeza. Então você vê que às vezes falando de música a pessoa fala muito dela e consegue lidar com coisas dela. É mais ou menos por aí MO.</p> <p>MO: A música é... por exemplo... a música é... O que que é música? Música... pro artista que vive na faculdade é assim... é... expressar... Música é a arte de expressar os sentimentos...</p> <p>E:Eu acho que sim... Para mim ... o sentimento é uma das formas de se expressar né... Quem a gente é, o que agente pensa, o que agente deseja o que que....</p> <p>MO: Música não é apenas uma fórmula.</p> <p>E:Não...</p> <p>MO: (inálidvel)</p> <p>E:Então você vai ser na música dessa forma né...</p> <p>MO:Aham...</p> <p>E:Então naquele dia eu só quero escutar música triste ou a música que me lembra daquela pessoa... Tem esses dias né... que muda um pouco o nosso gosto musical... Mas depende muito do que agente tem de relação com a música sabe MO?</p> <p>MO: Mas como que vai ser?</p> <p>E:Então, aí agente ... vai ter dia que agente vai cantar música aqui ... vão ser cantores, músicos conhecidos, vai ter dia que agente vai tocar, improvisar de todos os lados... de instrumentos... com a voz, vai ter dia que agente vai compor música juntos... agente vai compor.... tem dia que agente pode só escutar música. E através dessas... tipo tocar, escutar e compor agente vai conversar sobre questões da nossa vida, que tenha a ver com a música... sabe...</p> <p>MO: E isso serve pra... que? Pra...</p>	<p>MO pergunta sobre o que é a musicoterapia e como será realizado o trabalho com eles. Ele considera a música a arte de expressar os sentimentos, que ela não é uma fórmula e que pode ajudar as pessoas.</p>	<p>Considera a música a arte de expressar sentimentos e que pode ser terapêutica.</p>

<p>E: Olha...pra ajudar no que vocês precisarem de ajuda. Então por isso que eu falo, não tem como explicar exatamente como é que é porque eu não sei o que você precisam da musicoterapia... entendeu? Ah... por exemplo é... esse senhor é...o filho gostava, até tava cantando Legião aí ele lembrou. Ele gostava de Legião né...</p> <p>MO: Como que era o nome dele [?]? E:É... ah... esqueci o nome.</p> <p>MO: Será que você não lembra? E:É um nome diferente mesmo, deixa eu ver... É o ...VA, VA... E, por exemplo pra ele é difícil dele membrar essas músicas. Talvez se ele conseguir... aqui na Mon Senhor... Eu não sei se ele vai permanecer, mas se ele conseguir ... talvez ele possa resgatar um pouquinho da lembrança boa dos filhos dele. Não viver só com o sofrimento da morte dos filhos... sabe? Nesse sentido assim, que a música pode ajudar...</p> <p>MO:A música ajuda as pessoas mesmo né. É só agente vir aqui, né, manter [?] E:Isso... Até encontra uma faísca de vida assim, né... uma coisa, uma alegria de uma música... Lembra o que é ser alegre ... numa música... faz agente pensar também algumas coisas né? Dá pra ver como é que vai ser mais ou menos... mas é no decorrer aí se vai... Mas é mais ou menos assim.</p> <p>MO: Isso aí. E: Então oh... Fechou.</p>		
--	--	--

ANEXO 6 - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS FINAIS

Análise da Entrevista final – AN

Unidade de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>E: Então AN, é ... queria te perguntar como que foi para você a experiência do grupo da musicoterapia assim, como que foi...me conta um pouquinho assim, do que que você aproveitou, o que que você não gostou, assim...</p> <p>AN: Ah não tenho do que falar, gostei!</p> <p>E: Uhum.</p> <p>AN: teve no começo assim, eu não tava gostando muito assim,</p> <p>E: Aham...</p> <p>AN: mas depois foi indo... foi indo que... eu acabei gostando!</p>	<p>Ao discorrer sobre sua experiência no grupo de musicoterapia NA afirma que no início do processo não gostava mas que depois foi se acostumando e acabou gostando.</p>	<p>No início não gostava de participar do grupo, depois que se acostumou e gostou do grupo.</p>
<p>E: É? E me fale um pouquinho desse sentimento que você teve no começo, que era ruim para você assim...</p> <p>AN: Ah porque eu não tava acostumada de escutar música assim...</p> <p>E: Aham..</p> <p>AN: ...fazia tempo que eu já tava meia...isolada assim né, de música...</p> <p>E: Uhum...e daí como que era quando você escutava música que você não gostava muito, assim, aqui no grupo no começo?</p> <p>AN: Ah eu sentia aflição...</p> <p>E:Aflição...</p>	<p>AN afirma que não gostava no início pois não estava acostumada a escutar música e porque estava isolada do convívio com a música já há algum tempo. AN no início do grupo sentia aflição e tristeza quando escutava música, mas não sabia muito bem o que a deixava aflita.</p>	<p>Grupo como oportunidade de convívio com a música.</p> <p>A música suscita sentimentos de aflição e tristeza.</p>

<p>AN: Aflição, uma tristeza...</p> <p>E:Uhum...e você conseguiu perceber o que exatamente te deixava aflita assim? na música que a gente fazia?</p> <p>AN: Não!</p> <p>E: Não...você só sentia-se aflita</p> <p>AN: Só...</p>		
<p>E: E quando que isso começou a mudar AN? Quando você percebeu assim que, poxa mas não é só aflição, como é que foi...me conta</p> <p>AN: Foi no período que eu fui me adaptando...foi assim...na metade assim..</p> <p>E: Aham...você acha que você foi se acostumando com a música assim...</p> <p>AN: Aham...</p> <p>E: Foi uma coisa assim de costume mesmo?</p> <p>AN: É!</p>	<p>AN relata que esses sentimentos que tinham com as músicas tocadas na sessão foi modificando com sua adaptação ao grupo, mais ou menos a a partir da metade do processo.</p>	<p>Ao se adaptar a escutar música a relação com esta e com o grupo se modifica.</p>
<p>E: Hum...Entendi! E daí como é que foi então depois assim, quando você se acostumou, e você começou a vivenciar diferente o grupo...</p> <p>AN: Ah daí eu ficava contente...</p> <p>E: Uhum</p> <p>AN: aproveitava mais né!</p> <p>E: Uhum...O que que te deixava contente?</p> <p>AN: Os toque das músicas, as música...</p> <p>E: Uhum... e o que que elas te traziam assim?</p> <p>AN: Trazia...paz!</p>	<p>AN relata que depois começou a ficar contente nos grupos e a os aproveitar mais. AN relata que o que a deixava contente eram “o toque das músicas e as músicas” e que essas a traziam paz.</p>	<p>A música suscitava sentimento de bem estar e paz.</p>
<p>E: Uhum...muito bem! Que mais assim, que você experimentou no grupo assim, que você gostaria de falar agora?</p> <p>AN: Ah... foi muito bom!</p> <p>E: Uhum... Como que foi a tua relação com as outras pessoas do grupo assim, o que que você achou?</p> <p>AN: ...É, eu acostumei com eles também!</p> <p>E: Aham, (risos) você foi acostumando aos pouquinhos assim? (risos) Entendi, entendi!</p>	<p>AN relata que gostou do grupo e quando interrogada a respeito do convívio com os outros membros do grupo, ela diz que se acostumou com eles também.</p>	<p>Experiência positiva com o grupo de musicoterapia.</p> <p>Com relação a interação com os membros do grupo foi um processo adaptativo.</p>
<p>E: E AN tem alguma coisa que você achou, porque os outros grupos também são grupos que são com várias pessoas, e vocês dividem, conversam né, os outros grupos aqui do CAPS, ou fazem artesanato, o que que você acha que foi diferente do grupo, ou você achou que foi assim muito parecido com os outros...como é que, me fale um pouquinho disso, você que experiência várias oficinas assim, o que que você podia falar, que é parecido, é diferente...</p> <p>AN: É, foi diferente!</p> <p>E: O que que você acha que foi diferente?</p> <p>AN: Mais...comunicativo assim...</p> <p>E: Hum...que mais AN? (risos)</p> <p>AN: Não sei.</p> <p>E: Mais comunicativo...você acha que o grupo se aproximou mais, ficaram mais juntos</p> <p>AN: Juntos..</p>	<p>AN relata que a diferença do grupo de musicoterapia para os outros grupos foi o fato deste ser mais comunicativo.</p>	<p>Diferença: mais comunicativo .</p>

E: Hum...Entendi, Uhum! E por que você acha que isso aconteceu assim? Porque será que... AN: Não sei, por causa...da própria música né!	AN relata que acredita que o grupo se aproximou por causa da própria música.	A música aproximou os integrantes do grupo.
--	--	---

Análise da Entrevista final – HI

Unidade de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>E: Então hoje é dia 10, entrevista com o HI. HI, como que foi para você a sua experiência com o grupo de musicoterapia? Como que foi para você esse período que passamos juntos e tal...</p> <p>HI: ... Foi razoável!</p> <p>E: Uhum, me fala mais sobre isso, o que que foi razoável...</p> <p>HI: No momento que eu me senti triste, algumas músicas que tocava eu me sentia meio triste, e pensativo, meio negativo, problemas de pensamento...ficava pensando com as músicas que tocava, eu lembrava dos meus irmãos que morreram...é...e algumas músicas que tocou sobre tudo de Deus, assim, eu gostei porque eu lembrei da minha mãe, que ela é crente, lembrei da minha mãezinha, e aí umas músicas que tocou assim do Elvis também, que ele tocou e cantou, também...me senti triste bastante, porque...um pouco meio alegre e um pouco meio triste, porque sentia uma música tão linda que tocava antes, quando eu era o HI do passado, eu era forte, não tomava remédio, me sentia feliz quando tocava Elvis, e agora não me sinto bem feliz, porque tenho muitos problemas né, cheio de problemas, e me sinto triste em não poder voltar a ser quem eu era antes sabe, me sinto meio apagado, me sinto todo quebrado, não me sinto mais aquele HI forte que eu era antes, me sinto muito quebrado, muito forte, me sinto forte, fraqueza, e eu não posso mais cantar, e eu me sinto triste por isso, por não poder voltar a cantar mais, por causa dos meus problemas, da minha saúde, muita dor nesse corpo, muita dor, muito problema, essa fadiga, essa falta de ar, essa tristeza, angústia, nervoso, ansiedade...tudo junto, revoltado, nervoso, tudo nesse tipo que eu não queria ser, não queria ser assim, queria ser diferente, queria ser diferente sabe? queria ser como você, como eles, mas eu não posso, eu tento, tento mas não consigo, por isso eu to me tratando para ver se eu consigo melhorar. To procurando... To fazendo altas consultas, com os médicos por aí nos hospitais, para ver se eu consigo voltar, voltar a minha saúde, voltar a melhorar, to tentando, e me apegando muito com meu Deus, com meu Senhor Jesus, me dá força para mim poder vencer, me levantar de volta, eu to fazendo de tudo, to me apegando muito com Deus também sabe?</p> <p>Porque só esse pouco aqui da terra não dá, esses remédios, médicos, só isso aqui não dá, eu tenho que me apegar muito mais, muito mais é com Deus, que ele é o maior de todos, que é nosso médico, é Jesus, é nosso chefe, é nosso mestre que pode dar força para a gente, por isso nós temos que nos</p>	<p>HI considera a experiência que teve no grupo de musicoterapia como razoável. Ele menciona que houveram momentos em que se sentiu triste com algumas músicas tocadas pelo grupo. Algumas canções faziam ele ter pensamentos considerados por ele como negativos, ele se lembrava de seus irmão que morreram por exemplo. Mas ele gostava das músicas que falavam de deus porque isso o lembrava de sua mãe, que também já está morta, porém para ele essa lembrança era tida como positiva. HI também cita as músicas de Elvis que foram tocadas e cantadas por MO que o fizeram sentir alegria e tristeza. HI ficava assim dividido porque lembrava as músicas que cantava no passado, então se recordava de sua vida quando ele se sentia forte, não tomava remédio e se considerava feliz. Essa era a época que ele cantava músicas do Elvis. Porém, ao mesmo tempo ao lembrar desse passado HI lembra de seus problemas atuais e se sente triste em não poder voltar a ser quem era antes. Isso faz com que ele se sinta apagado, quebrado, não mais forte como antes, mas fraco. Ele não considera que não pode mais cantar e isso faz com que ele se</p>	<p>Avaliação: Razoável.</p> <p>Momentos em que se sentiu triste em que lembrava de seus irmãos mortos e momentos que gostava porque se recordava de sua mãe.</p> <p>Gostaria de voltar a cantar.</p> <p>Sente-se dividido em relação a música porque fica alegre por lembrar de seu passado mas se entristece por pensar em tudo que perdeu e no que é hoje.</p>

<p>apegar muito a ele, eu tenho que me agarrar com ele sabe? com muita fé, muita fé com ele, para ver se eu chego, me levanto, me levantar e seguir em frente, para mim tentar com toda idade que eu tenho ainda, 53 anos de idade, com 53 anos quero ver se consigo me levantar ainda sabe? voltar a ser alguém, alguma coisa na vida ainda, voltar a ter um pouco de alegria pelo ao menos sabe? to tentando voltar, ainda tenho que fazer de tudo para tentar voltar, ser aquele que eu era antes, mas enquanto a gente ta aqui a gente tem que tentar se levantar...</p> <p>E: Uhum...</p> <p>HI: Deus, e agora é tudo por conta de Deus, deixo tudo por conta de Deus, Deus sabe o que faz, eu to aqui, com todas essas dor no corpo, com essas fraquezas, mas se Deus quiser eu tento, eu vou tentar que Deus me dê bastante força, que eu consiga me levantar, que eu consiga voltar...</p>	<p>sinta triste. HI sente que não pode cantar devido seus problemas de saúde, sua dor no corpo, fadiga, falta de ar, tristeza, angústia, nervosismo, ansiedade. Isso o deixa revoltado e nervoso. HI não quer ser essa pessoa que é hoje, queria ser diferente. Queria ser como as outras pessoas, mas apesar de tentar não consegue, por isso está se tratando no CAPS, para tentar melhorar. HI está fazendo várias consultas em Hospitais também para tentar recuperar sua saúde. Para isso HI se apegar a deus e considera que isso lhe dá força e esperança para continuar sua luta.</p>	
<p>E: Uhum...HI, eu gostaria de saber de você, se o grupo de musicoterapia te ajudou de alguma forma?</p> <p>HI: (respiração ofegante por um tempo)</p> <p>E: Pode ser bem sincero tá HI? (risos)</p> <p>HI: ... O que eu posso fazer... Ajudou, ajudou um pouco, um pouquinho ajudou, não ajudou muito sabe...</p> <p>E: Uhum...</p> <p>HI: Ajudou um pouco!</p> <p>E: E no que que ajudou assim?</p> <p>HI: Ajudou um pouco porque...conheci pessoas que nunca vi né no meio do grupo, conheci você, e fiquei, me senti feliz assim um pouco, porque fiquei perto, me senti bem, perto das pessoas que cantava, que canta, que canta até hoje, que canta e que brinca com a gente aqui né no grupo, um pouco eu senti, um pouco eu me senti bem, um pouco, e um pouco não sabe, porque me lembra muito do passado...</p> <p>E: Entendi...</p> <p>HI: Me lembra muitas coisas do passado, um pouco pela metade, um pouco sim, um pouco sim, e um pouco não sabe!</p>	<p>HI considera que o grupo ajudou um pouco porque conheceu pessoas, se sentiu feliz por estar perto de pessoas que cantavam e brincava no grupo. Mas não gostava quando se lembrava do passado.</p>	<p>Gostou do grupo porque conheceu pessoas e pôde as escutar cantar e brincou com elas no grupo.</p> <p>Não gostou porque o lembrava de seu passado.</p>
<p>E: Entendi, e por exemplo se você pudesse escolher, voltar e escolher participar ou não do grupo, já que foi um pouco bom e um pouco ruim, o que que você me diria assim?</p> <p>HI: Ah eu queria aprender, aprender a ficar mais perto de vocês né, para mim tentar ver se eu melhorava né, eu senti que queria ficar perto, queria ficar perto...</p> <p>E: Então é... você faria de novo o grupo mesmo com aqueles momentos que você se sentia mal?</p> <p>HI: Sim, ficar junto com vocês!</p> <p>E: É..uhum. A companhia é que fez, foi o pessoal assim cantando junto é que você gostou mais, foi isso?</p>	<p>HI relata que gostaria de aprender a ficar no grupo para tentar melhorar. Ele faria o grupo novamente para ficar junto com os membros do grupo. Ele considera que os hinos o ajudaram.</p>	<p>Voltaria a fazer o grupo para ficar junto.</p> <p>Considera que o hinos ajudam.</p>

<p>HI: Sim, é que eles cantam as coisas de Deus né, música, hino né...</p> <p>E: Uhum...as músicas de Deus também...</p> <p>HI: Hino que ajuda muito!</p>		
<p>E: Uhum, entendi! HI é você acha que o grupo de musicoterapia foi parecido...o que você acha que foi parecido com os outros grupos, o que que foi diferente...</p> <p>HI: É...deixa eu ver...ai não tenho ideia, não sei como explicar, não tenho ideia...</p> <p>E: Mas você achou meio parecido com as outras oficinas, você achou diferente...</p> <p>HI: Achei meio diferente!</p> <p>E: Diferente você achou...</p> <p>HI: Uhum, diferente!</p> <p>E: Esse sentimento que você tá me falando de tá com os outros cantando assim e...</p> <p>HI: Eu achei diferente porque os outros grupos falam muito de coisas ruins né, pessoas falando das que aconteceu na vida deles, e coisas ruins, coisas que deixam a gente assombrado, sabe, e, coisas assim que acontecem assim Não gosto muito de ficar ouvindo essas coisas assim sabe, muita coisa ruim, e na coisa é das musicoterapia gente escuta coisas boas né, é música, alegria, conversa assim, você conversa assim das música né, coisas de Deus assim né, é uma coisa, o grupo melhor que eu achei era a terapia das música, o grupo que achei melhor.</p> <p>E: Aham enterndi</p> <p>HI: Dos grupo eu achei melhor, parece que de todos os grupos eu acho que eu dava nota cem.</p> <p>E: Ah, obrigada [risada] Ai ai</p> <p>HI: Eu achei bom</p>	<p>HI considera o grupo de musicoterapia diferentes dos outros grupos do CAPS porque estes falavam de “coisas ruins” e ele diz que não gosta de ficar ouvindo essas histórias. Na musicoterapia ele considerava que escutava “coisas boas”, que são para ele música, alegria, conversas, coisas de deus. Ele considera que foi dentre os outros grupos o melhor.</p>	<p>Diferença: nos outros grupos se falava sobre histórias e vida tristes, enquanto na musicoterapia o foco estava na música e as conversas sobre outros temas.</p>
<p>E: Legal</p> <p>HI: Espero ficar aqui ainda com você mais tempo, aqui ainda, tá?</p> <p>[Risadas]</p> <p>HI: Que se você pudesse ficar com nós mais tempo</p> <p>E: É, pois é num posso, o povo não me contrata aqui</p> <p>HI: Por que?</p> <p>E: Não sei, pergunta pra eles, acho que não tem dinheiro... ai ai [risada]. Mas eu ficaria aqui fácil foi super legal o grupo, eu me diverti um monte aqui com vocês.</p> <p>HI: É, mas é que eu gostaria tanto dessa...</p> <p>E: Mas o pessoal vai ficar aqui...</p> <p>HI: Pagar você pra ficar aqui, trabalhar aqui fica aqui com nós, pagar aqui, pagar você aqui né</p> <p>E: [risadas] Eu ficar aqui como paciente né, a gente ficava tocando</p> <p>HI: [risadas] Claro.</p> <p>E: Né. Aiai.</p> <p>HI: Podia trabalhar aqui pra gente, trabalhar aqui...</p> <p>E: Legal HI.</p> <p>HI: Era melhor né, uma coisa desse tipo assim que pras pessoas doentes daqui, que nós todos estão doentes aqui, que temos esse problema aqui né, que precisamos umas pessoas assim como você aqui com nós, pra alegrar todo</p>	<p>HI diz que gostaria que o grupo continuasse. Ele considera que a musicoterapia poderia ajudar outros usuários do CAPS, pois poderia alegrar as pessoas. Ele sugere que houvesse um dia com o grupo deles e outro dia com outras pessoas. Ele considera que as pessoas iriam se sentir feliz, pois iam aprender “coisas boas”. HI discorre sobre como nunca tinha visto os instrumentos musicais que eram levados em sessão e que os achou bonitos. HI considera que o grupo de musicoterapia poderia fazer as pessoas se sentirem feliz. Ele relata que nos outros grupos os assuntos estavam voltados</p>	<p>Gostaria que o grupo continuasse.</p> <p>Acha que a musicoterapia poderia beneficiar outros usuários do CAPS.</p> <p>A musicoterapia traz alegria.</p> <p>Conheceu instrumentos musicais que nunca havia visto antes e os achou bonitos.</p>

<p>mundo esse povo que tá aqui dentro, é o certo né, o certo... leva assim, faz assim, tipo assim, um dia com nós, com o HI, com o MO, com nós aqui, e outro dia com outro grupo com outras pessoas diferentes sabe assim, um dia sim, um dia não, um dia nós e outro dia outras pessoas sabe. Aí eu acho que daí todo mundo ia se sentir feliz aqui. Daí ia dar certo.</p> <p>E: pode ser que sim, pode ser que não [risadas]</p> <p>HI: Com certeza que sim, aprender muita coisa boa com você né, é que foi que eu nunca tinha visto essas coisa assim de instrumento, assim...</p> <p>E: É mesmo? Nunca tinha vista... ói só...</p> <p>HI: Tanta coisa bunitinha que você traz aqui né, tanta coisa, era bom se você ficasse com nós, sabe, e como eu te falei né, e fizesse um grupo com todas as pessoas aqui dentro assim.</p> <p>E: Todo mundo né.</p> <p>HI: Olha muita gente com o tempo ia sair curado daqui.</p> <p>E: Olha, imagina se eu tivesse esse poder ein, seria bom.</p> <p>HI: Tá certo. Mas é que ia se sentir feliz né, sabe, tem muita coisa boa sabe, e daí assim nesses grupos eles falam muita bobagem muita coisa ruim que ouve sabe? Eles falam dos problemas da casa deles, outros falam dos problemas que acontecem, muita coisa ruim sabe, a gente vai guardando aquelas coisa na cabeça, nossa, tanta coisa horrível.</p> <p>E: Aham entendi</p> <p>HI: Esse que é o problema. Tem que falar umas coisa boa né, aprender coisa boa né, faz bem pra cabeça, pra gente sentir aquela energia assim, sabe? Coisas boa assim na cabeça sabe? Pra ver se a gente esquece um pouco do passado, essas tristeza, essas coisas ruim que passou.</p> <p>E: Entendi.</p>	<p>a problemas, e ele ia guardando aquelas histórias em sua memória. Ele acredita que o grupo deva ser voltado a “coisas boas”, aprender “coisas boas”, isso faz com que ele sinta uma “energia boa”, e que assim talvez ele possa esquecer seu passado e sua tristeza.</p>	<p>Diferença: nos outros grupos se falava sobre “coisas ruins” enquanto na musicoterapia se falava sobre “coisas boas”.</p> <p>A “energia boa” pode fazer esquecer o passado e a tristeza.</p>
<p>HI: E todas as moléstias que acontece nesse mundo tem que acontecer mesmo, quer dizer, ter que acontecer não, ter que acontecer não, é que acontece assim de uma hora pra outra, sem a gente sabe e quando ele vê aconteceu, acontece com qualquer tipo de família sabe? Tem famílias assim que de repente ela tá alegre, no mesmo minuto ela tá tristes, porque ela pode chegar em casa e "Ah, que mataram meu filho", "Ai que aconteceu um acidente, e o carro pegou meu filho" "Ai que aconteceu um acidente morreu alguém lá dentro de casa", mas em todas as famílias acontece isso, e um dia todos nós aqui da terra vamos partir mesmo, todo mundo vai morrer, ninguém nasceu pra ser [Inc] nessa terra, todos nós vamos partir dessa terra, todo mundo vai morrer, não adianta, eu fico pensando assim comigo, a pessoa assim se sente bem, fala ah eu mas eu me sinto bem, claro que se sente bem por enquanto está se sentindo bem, mas todos nós aqui da terra nós um dia vamo, nós tamo só de passagem na terra, aqui é uma lugar que tamo só de passagem, tipo uma viagem aqui na terra, tamo viajando aqui na terra, só uma passagem só, apenas uma passagem, mas todos nós vamos partir dessa terra, pra outro lugar que eu não sei pra onde nós vai, mas só Deus sabe pra onde vai levar nós pra outro lugar, paraíso com Jesus com Deus, né</p>	<p>HI acredita que moléstias acontecem na vida de todos, todos irão morrer ou perder alguém. Ele recorda dos irmãos que morreram e diz que busca colocar nas mãos de deus, e pensar que um dia ele irá se encontrar com seus irmãos. Ele diz que não adianta a pessoa ficar remoendo a situação, inicialmente é comum chorar, mas depois é preciso que o sujeito se conforme com o tempo. Ele relembra da morte dos dois filhos de VA, ele considera uma situação muito triste, mas acha que com o tempo ele também deve se conformar. HI relata que se ele acreditar em deus ele deve conversar com ele</p>	<p>Acredita que deve se conformar com uma situação de perda e a superar.</p> <p>Considera que a religião ajuda a superar a dor.</p>

<p>por isso tem que se pegar muito com Deus aqui enquanto a gente tá vivo aqui, sabe por que? Sabe por que? Porque aqui na terra, porque aqui na terra, vou dizer uma coisa, nós tamo aqui uma viagem aqui na terra, sabe, nós tamos aqui, morando aqui, porque Jesus quer que nós viva por enquanto aqui na terra, mas nós não vamos viver muito tempo na terra, ninguém vai viver, sabe, todos nós vamos, nossa família vai, nossos filhos vai, todo nós vai, por isso nós temos que conformar, os irmãos da gente que morreu, meus irmãos morreram, né, eu coloco sempre na mãos de Deus, eu falo, olha o senhor levou o senhor levou tudo bem, mas eu coloco na mão de Deus, tá tudo bem sabe? Um dia você vai me levar e eu vou me encontrar com meus irmão lá também sabe? To colocando isso na cabeça sabe? Porque não adianta a pessoa ficar aqui choradeira, chorar ai ai ai, vocês, sabe, claro que no começo chora um pouquinho, mas ele tem que se conformar depois, com o tempo, com o tempo, ele tem que se conformar, não, chegou a hora, aconteceu, é a mesma coisa com os dois filhos daquele homem que morreu, claro que é muito tristes, tristes triste, bastante, claro que é triste, mas só que daí com o tempo tem que se conformar, se ele acreditar no senhor Jesus que é Deus, se ele acreditar nele, ele tem que conversar com deus, não, Jesus levou meus filhinho, Deus levou ele, tá com Deus, tá com ele, um dia eu também vou me encontrar com meus filhos lá, então ele tem que se conformar ele tem que colocar na cabeça que ele vai ter que se conformar, a dor é só na hora sabe, depois com o tempo com o tempo vai saindo aquele trauma cabeça, é só ele colocar Deus no meio, assim que vai saindo aquela dor, tem que colocar Jesus no meio que pra tirar a dor da gente, que é Jesus que tira a dor. Então eles ficam [Inc]. Que nem eu perdi cinco irmão, perdi o ano passado perdi cinco irmão, mas to colocando na cabeça que Deus quis assim né, então nós tem que se conformar, que um dia eu também vou, nós também vai, minha mãe vai, meus outros irmão que tão lá em casa vai, minhas irmãs vai, então não sei quem vai ser a próxima vítima, mas, só Deus que sabe né, se vai ser eu se vai ser.</p>	<p>sobre sua perda. Ele acredita que a dor maior é no momento em que se vive a perda, mas depois isso vai passando. HI considera que a religião ajuda a superar a dor. Ele volta a relembrar da morte de seus irmãos e relata que tenta se conformar com essa perda.</p>	
<p>Mas claro que eu peço muito com Jesus, eu converso com ele eu faço minhas consulta com os médicos na terra, porque Jesus dá o dom pros médicos trabalhar, e Jesus ele deu o dom pros médico trabalhar aqui na terra, por isso que que existe os remédios que a Natureza de Jesus, que tudo que vem do mato é tudo que é feito dos remédio, que é feito esses comprimidos, tudo isso aí, é tudo feito do mato que veio dos índios, sabe, do mato, aí fez as pesq, pesqu, pesquisas, que faz a pesquisa que é o as pessoas que fazem as pesquisas sobre os remédio e faz os remédio pra mandar pros hospitais, sabe, pra deixar os remédios lé, mas é tudo coisa da natureza de Jesus, tudo natureza de Deus, por isso que eu digo tudo que tem os remédio, eles tem os remédios, é de deus, porque remédio é pra acalmar a pessoa, os remédio é pra curar as pessoas, ele tá sentindo muita dor toma injeção lá pára a dor, então é tudo natureza de Jesus, é tudo natureza dele, eu acredito que Deus ele deu o dom dos</p>	<p>HI relata que busca conversar com jesus, faz suas consultas com os médicos para que melhore. Ele acredita que jesus dá o dom para os médicos trabalharem e os remédios vem da natureza, por isso são criações também de jesus. HI considera que as pessoas que fazem mal as outras não tem deus no coração e que colocam outro deus, o bicho, que faz maldade. HI acredita que quando essas pessoas</p>	<p>Busca a melhora de sua saúde na religião, com os médicos e remédios.</p>

<p>médicos que trabalha na terra, sabe, tudo tudo, tudo que tem aqui na terra Jesus deixou sabe, tem a mão de Jesus é tudo de Deus, tudo ordem de Jesus, as coisas ruim que acontecem é pra pessoa coloca coisa na cabeça, sabe essas coisas que acontecem, morte, matam, isso e aquilo é porque não coloca Deus no coração, coloca outro deus que é o bicho, bicho é o deus deles também, o deus dele é o bicho que só faz maldade pras pessoas, sabe, gosta de fazer as desgraça, maldade, ele pensa que vai viver pra sempre, não não é isso, ele tá pensando, mas tá fazendo as maldade, mas quando chegar o momento que ele se for desse mundo com certeza ele não vai aceitar ele no céu, com Jesus, que Deus não vai aceitar ele lá, porque quando ele tava vivo ele não se pegava com Deus, só fazia desgraça e maldade com as pessoas, pensava em matar os outros, pensava em fazer maldade, olhar com maldade pras pessoas, então, esse tipo de pessoa não entra no reino dos céus, só entra no reino dos céus pessoas com carinho, amor, com alegria e não olha com maldade pras pessoas, pode ser polaco, pode ser negro, pode ser japonês, pode ser tudo que for, não importa, o importante é que ele também é um filho de Deus também, todo nós somos filhos de Deus nesse mundo, nós tem que olhar sem malícia pras pessoas, sem malícia, é assim ter um carinho pelas pessoas, sabe? Olhar com amor pras pessoas, não sentir essa brabeza com ninguém, sabe, porque a gente tem que colocar que Jesus é nosso Jesus é nosso Deus, e que Deus abençoe todos nós, que dê força pra nós, isso que a gente quer.</p>	<p>morrerem deus não vai aceitar eles no céu, pois eles só fizeram maldade em vida. Para ele no céu só entra pessoas com carinho, amor, alegria e que não olham com maldade paras os outros, independente de suas características e nacionalidades, pois são todos filhos de deus.</p>	
<p>E dá um carinho, sabe, conversar com aquela pessoa, ah você tá na droga, vem cá vamo conversar, saia da droga, saia disso, larga mão disso isso só vai te roer teu corpo, só vai te matar, venha comigo, vamo pra igreja comigo, se vai ver que Jesus vai conversar com você lá na igreja, coisas boas que você vai aprender lá da vida do senhor Jesus Cristo, que ele deixou escrita na pedra, as coisas que ele deixou as palavras lá que foi escrito no livro do senhor Jesus, vamo que você vai escutar coisas boas, coisas de Deus, você vai largar mãos das drogas, vai largar mão de tudo, como já tem acontecido, que eu já peguei muita gente da rua, sabe, levei muito pra igreja, hoje até pastor é, e tem muitos que largou o mundo das drogas e já é casado, bem casado com uma crente sabe, tem colega meu que agora tem dezenove anos, tava nas drogas eu tirei levei ele pra igreja comigo, agora ele casou com uma crentinha lá sabe, ele vai convidar, não casou ainda, vai casar agora, convidou eu, foi lá em casa convidou eu, meu irmão, convidou pro casamento dele, sabe, ele conheceu uma crentinha lá na igreja, a crentinha gostou dele, e vai ser muito feliz com essa crente sabe vão se amar os dois pro resto da vida, e convidou nós pro casamento, vai ser lá na igreja, com uma mocinha lá, da idade dele, 22 anos ele tem 20 e mocinha tem 22 anos, que vai casar com ele, ele convidou n[os] pro casamento, eu falei então eu falei é isso mesmo Jesus preparou uma grande mulher pra você, Deus prepara é só ter fé e Jesus em Deus.</p>	<p>HI relata sobre sua experiência de ajudar pessoas que usavam drogas. Ele menciona uma história sobre um rapaz que era usuário de drogas e que ele o levou para a igreja, e ele parou de consumir drogas, e agora irá se casar com uma crente da mesma igreja. HI diz que foi convidado para o casamento.</p>	<p>Relato de experiência com a igreja</p>

<p>Eu to fazendo tratamento aqui porque Jesus quer que eu seja sarado, tomando os remédio certinho que o Dr F. me dá pra mim se acalma, até tem um remédio aqui, uma receita que eu tenho aqui com remédio que to indo lá no centro, sabe, vou ver que se vou meio devagar pra comprar o remédio pra eu me acalmar mais, sabe, que eu to muito nervoso, me receitou uma receita de um remédio, diz que é muito bom, vai ser comprado, não sei quanto vai custar, mas vou ter que comprar sabe, eu peguei cinquentão do meu irmão do N. e vou lá buscar lá sabe, vê se eu compro esse remédio diz que é muito bom pra se acalmar, o Dr. F falou sabe, pra mim tomar, você vai tomar, você vai se relaxar bastante com esse remédio. Ele sabe o que faz pois ele é profissional Jesus deu o dom pra ele trabalhar, ele sabe o que é bom e o que não é bom pra gente o Dr. F.</p> <p>E: Legal.</p> <p>HI: Então é isso.</p> <p>E: Então tá HI, obrigada pela entrevistas.</p> <p>HI: É que nem você tem a tua profissão que Deus deu pra você.</p> <p>E: É verdade</p> <p>HI: Que Deus te abençoe e que você continue assim.</p> <p>E: É. Amém.</p> <p>HI: Seja a profissão que você gosta.</p> <p>E: É sou muito feliz fazendo ele mesmo.</p> <p>HI: Claro, se você gosta do seu trabalho você é muito feliz né, isso é muito importante, graças a deus né.</p>	<p>HI discorre sobre seu tratamento, sobre os remédios que toma e repete que Jesus deu o dom para os médicos o ajudarem,</p>	<p>A percepção sobre seu tratamento está vinculada a sua experiência na religião.</p>
---	--	---

Análise da Entrevistas Final - LI

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>E: LI, eu queria saber como foi pra você participar das sessões de musicoterapia? Você pode ser bem sincera, tá?</p> <p>Eu quero que você seja bastante sincera. Como foi pra você participar desse processo da musicoterapia?</p> <p>LI: Ah, pra mim foi um terror.</p> <p>E: Aham, por que que foi um terror?</p> <p>LI: Ah, porque eu não gosto, eu não consigo me sentir bem com música. Até tipo assim, na verdade eu sempre me senti mal desde pequena né, não me sentia bem, e daí, mais ainda aqui, que o meu ex-marido bebia e... chegava bêbado e botava as músicas no alto volume, acho que eu peguei uma revolta com música, não consigo me sentir bem com música. Mais música alta, essas coisa barulhento assim, esse negócio barulhento eu não me sinto bem, eu me sinto muito mal, eu tenho vontade assim de fazer voar tudo longe, de jogar as coisas muito longe, tenho raiva muita raiva.</p> <p>E: Daí quando você ia pra sessão de musicoterapia você sentia raiva quando começava a tocar a música?</p> <p>LI: Sentia raiva, tinha um nossa um barulhão na minha cabeça assim, terrível. Tipo por mais que peguei aquele dia e eu mesma toquei, mas mesmo assim eu não consigo, é muito difícil.</p>	<p>LI considera sua experiência no grupo de musicoterapia um terror. Ela assim considera porque não gosta de música. LI relata que desde sua infância se sente mal com a música, e isso piorou na convivência com seu ex-marido, que chegava alcoolizado em casa, colocava música em uma alta intensidade. Ela acredita que por esses motivos não consegue se sentir bem com música produzida em alta intensidade. Quando ela escuta música assim ela fica com muita raiva e tem vontade de atirar tudo o que está ao seu redor. Ela relata que quando entrava na</p>	<p>Avaliação: Terrível.</p> <p>Não gosta de música, tem experiências ruins relacionadas a música de grande intensidade.</p> <p>Sentiam raiva, desespero, queria ir embora e atirar o que tinha a sua volta.</p>

<p>E: Que mais que você sentia assim durante a sessão?</p> <p>LI: Desespero, vontade de sair correndo, ir embora.</p>	<p>sessão de musicoterapia era terrível, sentia raiva, desespero, vontade de sair correndo e escutava um “barulhão” em sua cabeça. Ela diz que mesmo o dia em que ela mesma tocou o instrumento foi difícil.</p>	
<p>E: E por que que você não falava pra mim assim, ah eu quero ir embora?</p> <p>LI: Ah, porque tipo assim eu queria é ver se eu conseguia acompanhar junto com eles, continuar, pra tipo, que eles falam que é bom pra gente fazer esses, por isso me colocaram lá, porque seria bom pra mim, mas não consegui.</p>	<p>LI revela que não falava que queria ir embora da sessão porque tentava acompanhar o grupo. Pois achava que se seus terapeutas a haviam indicado aquele grupo era porque ia lhe fazer bem. Mas ela afirma que não conseguiu participar.</p>	<p>Não expressava seu desconforto no grupo pois acreditava que deveria lhe fazer bem já que lhe havia sido indicado.</p>
<p>E: É... LI, na tua opinião você acha que, por exemplo, te ajudaria mais no teu tratamento estar em outra oficina do que na musicoterapia, naquele momento?</p> <p>LI: Sim</p> <p>E: Você acha que tinha mais ganhos nas outras terapias, nas outras oficinas?</p> <p>LI: Sim. Sim, porque tipo assim o que eu mais gostava de ficar era junto com a no artesanato, porque era mais quieto, eu gosto de ficar num lugar quieto.</p> <p>E: E você acha que esse ambiente te ajuda no...</p> <p>LI: Ajuda.</p>	<p>LI avalia que teria sido melhor participar de outra oficina, que teria mais ganhos, pois ela preferia oficinas mais silenciosas como a de artesanato. Ela considera que esse tipo de ambiência sonora é melhor para ela, lhe faz mais bem.</p>	<p>Preferia ter participado de outra oficina.</p> <p>Oficinas com um ambiente mais silencioso lhe faz mais bem.</p>
<p>E: Que mais que eu ia te perguntar das sessões? Pra algumas pessoa elas também tinha dificuldade com a música, mas ali foi um lugar em que elas podia lidar coma música, sabe? Você acha que no teu caso isso poderia ter acontecido? Ou você acha que era assim tão ruim a experiência que achava que não valia pena?</p> <p>LI: Eu pensava que não valia a pena, aqui pra mim não servia.</p>	<p>LI julga que não valia a pena participar do grupo de musicoterapia, pois para ela o grupo não tinha serventia.</p>	<p>O grupo não tinha serventia em seu processo terapêutico.</p>
<p>E: Entendi. Ah sim... Você escuta música fora daqui?</p> <p>LI: Ah, é difícil, mas os meus filhos ele gostam de música, né, é difícil tipo lidar com isso. Mas eu tipo assim eu fico meu quarto trancada e, não que, tipo assim eu tenho mais terror é desses negócio barulhento aí, mas tipo assim uma música mais ou menos suave, quando eu não to irritada, eu escuto, tipo de igreja, assim uma música suave, tipo que não seja aquelas barulheira, zumbido, eu gosto de escutar, mas quando eu to bem, quando eu não to bem eu não escuto nada, eu quero ficar quieta.</p>	<p>LI relata que seus filhos escutam música e que tem dificuldade em lidar com isso. Ela busca ficar trancada em seu quarto para não escutar as músicas que eles escutam. LI considera que fica mais irritada com músicas com maior intensidade. Músicas “suaves”, como as tocadas na igreja, não a incomodam quando ela está bem. Porém quando está mal</p>	<p>Tem dificuldade em lidar com as músicas que são reproduzidas em seu contexto familiar.</p> <p>Prefere músicas de baixa intensidade.</p>

	nenhum música lhe faz bem, ela prefere ficar em silêncio.	Quando está se sentindo mal nenhuma música é boa.
E: Tá. E o que que o silêncio te traz assim nesse momento que te ajuda você acha? LI: Na verdade o silêncio não ajuda né, porque tipo é você pensa muitas coisa é negativas, mas eu prefiro ficar assim. Não sei... eu acho que tenho que ficar quieta num canto pra ninguém me incomodar, mas daí vem os pensamentos ruim né.	LI afirma que o silêncio não a ajuda, pois nele ela fica pensando “coisas negativas”, mas ela ainda prefere o silêncio enquanto alternativa.	O silêncio também não a ajuda em momentos que se sente mal pois abre espaço para pensamentos “ruins”.
E: como que é pra você quando você tava pro exemplo como que era a tua experiência de estar no grupo de musicoterapia, assim, queria que você falasse um pouquinho mais detalhadamente como que era pra você. Como é que você sentia, tenta lembrar quando você entrava que que você pensava que que você sentia... LI: Na verdade eu não queria nem entrar, não queria entrar, eu me esforçava, eu pensava assim, ah eu não vou entrar eu vou pra outro lugar, eu não, isso não serve pra mim, isso não vai me ajudar em nada. E: E por que que você pensava isso? LI: Porque realmente não, pra mim não ajuda. E: Aham, porque você comentou que te deixava irritada, nervosa né? LI: Nervosa, irritada. Eu até tentei. E: Aham, é verdade. LI: Tentei. Mas num dá. Muitas vezes eu tentei ficar dentro da sala tentar acompanhar, mas não sei, não consegui.	LI relata que ao chegar na sessão de musicoterapia não queria nem entrar na sala, pois achava que aquela oficina não lhe ajudaria em nada. Por vezes ela tentou, mas se sentia nervosa e irritada.	A musicoterapia não lhe ajudava.
E: Então tá, tem mais alguma coisa que você queira acrescentar da tua experiência? LI: É que tipo eu queria poder conseguir com os barulhos, porque lá fora eu vou ter que enfrentar isso, mas é, eu vou ter que um dia me libertar disso, dessa coisa ruim assim que eu acho que é horrível assim. E: Desse sentimento ou da música você diz? LI: Sentimento, porque todo mundo gosta da música, faz bem, espanta as coisas ruins, eu queria poder tar bem né tá bem assim pra poder... porque tipo como eu vou ir numa festa, como que eu vou né sair, tipo se, eu não vou conseguir ficar em lugar nenhum. E: A música faz bem pra você? LI: Depende da música, tem que ser aquela música bem calma, suave. E: Obrigada.	LI relata que gostaria de conseguir lidar com os sons, ruídos e músicas porque em seu cotidiano se depara com essas condições. LI considera esses sentimentos deflagrados pela música horríveis. Ela considera que todos gostam de música e que esta faz bem e espanta “coisas ruins”. Ela gostaria de conseguir lidar com a música para poder conseguir ir em festas ou sair. LI considera que músicas calmas e suaves fazem bem a ela.	Gostaria de conseguir escutar músicas de intensidade alta para conseguir permanecer em locais com esse tipo de ambiente sonoro. LI considera que música suave e calma lhe faz bem.

Análise da Entrevista final – LU

Unidade de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
------------------------	-----------------------------------	-----------------

<p>E: Então LU, o que eu queria saber de você, é... como que foi a tua experiência no grupo de musicoterapia, nesse nosso grupo né.</p> <p>LU: Aham, foi uma novidade nova né!</p> <p>E: Uhum...</p> <p>LU: Eu gostei... né, eu percebi que a música também ajuda bastante né...</p> <p>E: É...me fala mais assim, do que...como que foi para você assim, geral assim, tipo...han...o que que você gostou, o que que você não gostou, o que que você acha que ajudou e que não ajudou, tudo assim que...</p> <p>LU: Pra mim música...foi muito bom né..</p>	<p>LU ao discorrer sobre sua experiência no grupo de musicoterapia ela relata que para ela foi uma novidade e que percebeu que a música a ajuda, que para ela foi uma boa experiência.</p>	<p>Declara que a experiência foi positiva.</p>
<p>E: Uhum...</p> <p>LU: eu só a única coisa que talvez, foi a equipe mesmo né!</p> <p>E: Aham,equipe você diz a...</p> <p>LU: as pessoas..</p> <p>E: o grupo!</p> <p>LU: Uhum...</p> <p>E: Uhum...me fale então um pouco disso...</p> <p>LU: É...eles interagem assim muito pouco né...</p> <p>E: Aham...</p> <p>LU: que nem aquele HI vive com dor aqui, dor ali, dor não sei aonde né...</p> <p>E: É verdade...</p> <p>LU: Daí tem aquela RO, é RO né?</p> <p>E: Aham...</p> <p>LU: Também, ela interagiu assim bem pouco, daí tem aquela outra loirinha também né</p> <p>E: A ZI?</p> <p>LU: É.. então eu vi que não tem assim muita...participação delas...</p> <p>E: Aham..</p> <p>LU: Mas eu também tenho que pensar que cada um tem os seus problemas né...se ela não quer, eu não posso obrigar...paciência!</p>	<p>LU relata que o único aspecto do grupo que não gostou foi o fato de alguns participantes como HI, RO e ZI, terem, na sua opinião, interagido pouco. LU contra-argumenta a si mesma de que deveria compreender que cada integrante tem suas dificuldades e que ela não poderia os obrigar a participar mais do grupo.</p>	<p>Reclamação a respeito de outros integrantes do grupo.</p>
<p>E: Uhum...o que mais (tosse) LU?</p> <p>LU: Ah pra mim (incompreensível), pra mim a música faz muito bem!</p> <p>E: Uhum... e no que que você que ela te fez bem? Nesse tempo assim...</p> <p>LU: Na paz...me sentindo assim bem aliviada...me sinto aliviada, e vejo que a música, quando a pessoa assim tá nervosa, alguma coisa, ouvi uma música faz bem...né</p>	<p>LU relata que a música lhe fez bem pois nos grupos ela sentia paz, se sentia aliviada e ainda acrescenta que acredita que ouvir música quando se está nervosa faz bem.</p>	<p>Tinha sentimento de paz e alívio nos grupos.</p>
<p>E: Uhum...e...teve momentos assim que eu lembro que você comentou assim, que teve momentos que você queria sair correndo né (risos)</p> <p>LU: Foi, teve uns dias, aham...</p> <p>E: Que você me falou assim né! E como é que foi isso assim...é...você tá falando que a música traz paz em muitos momentos e tal, como que foi nesses momentos pra você?</p> <p>LU: Ah foi tranquilo...</p> <p>E: Mas nesses momentos que você queria sair correndo (risos)?</p>	<p>LU relata que nos dias em que dizia que queria sair correndo da sessão era porquê não estava se sentindo bem e por isso não queria ficar ouvindo música, mas mesmo assim fazia um esforço para permanecer na sala.</p>	<p>Não queria permanecer na sessão porque não estava se sentindo bem.</p>

<p>LU: Nesse momento que eu queria sair correndo, era o dia que eu assim não estava bem né, não queria ficar ali ouvindo música, mas eu fazia uma forcinha né, para ficar...</p>		
<p>E: Uhum...! E LU o que que você acha que na musicoterapia foi o que te deu paz? Você acha que foi a música em si, as músicas que a gente cantava, ou...é... foi assim, eu queria saber exatamente o que que você achava que te trazia paz, se era por exemplo quando a gente tocava junto, ou se foi o grupo em si, essas interações que a gente teve...como que foi assim, o que que te trazia essa paz?</p> <p>LU: É a música em si né...é ...poder interagir junto ali com os instrumento, e você né, como professora, sempre tando ali junto, incentivando a gente a participar né, da música!</p>	<p>LU relata que o que a fazia se sentir bem nas sessões era a música, a expressão através dos instrumentos e algumas características da musicoterapeuta como incentivo a participação.</p>	<p>Elementos do processo musicoterápicos significativos para o participante: música, expressão através dos instrumentos e características do musicoterapeuta.</p>
<p>E: Uhum...E LU, o que que você acha assim, se é que teve alguma coisa que você acha que...eu to perguntando isso baseada no que você já me falou um pouquinho né...</p> <p>LU: Uhum...</p> <p>E: Você acha que você teve alguma conquista nesse grupo, pessoal, tua assim?</p> <p>LU: conquista...</p> <p>E: É..uma conquista, alguma coisa que você, puxa foi nesse grupo que eu consegui tal coisa, ou foi mais a sensação de paz... como é que foi?</p> <p>LU: Ah no grupo eu consegui o que...ouvi música na minha casa né..</p> <p>E: Que antes você não tava ouvindo?</p> <p>LU: Não!</p> <p>E: Uhum...entendi...</p> <p>LU: Uhum..</p>	<p>LU menciona que conseguir escutar música em casa foi uma conquista pessoal com o grupo, já que não estava escutando mais.</p>	<p>Conquista: Escutar música em casa.</p>
<p>E: E como que foi essa coisa assim de, que você comentou lá na última sessão, de...da interação assim, de poder falar, e de se colocar no grupo, que você falou que você é bem tímida né</p> <p>LU: Sim...</p> <p>E: e no grupo você tava super se colocando né.. e tal</p> <p>LU: É eu tava procurando assim, interagir um pouco né!</p> <p>Porque eu falo pra você que eu tenho um colega meu, eu falo por telefone eu falo bastante, mas pessoalmente, assim eu sou bem calada né</p> <p>E: É..</p> <p>LU: Uhum... Então queria quebrar esse sigilo assim sabe...</p> <p>E: Uhum...e você acha que você conseguiu?</p> <p>LU: Um pouco sim!</p> <p>E: Uhum..</p> <p>LU: e ainda eu vejo que não posso deixar a timidez tomar conta, que ela toma conta de mim né!</p> <p>E: Aham..</p> <p>LU: mas eu tenho que quebrar...não sei se vou conseguir isso totalmente né...mas foi bastante importante para mim!</p>	<p>LU relata que no grupo buscava interagir. Ela menciona que fala com um colega por telefone, mas pessoalmente tem dificuldade de se comunicar por ser mais calada. LU relata que queria superar essa dificuldade. LU avalia que conseguiu superar um pouco, mas que tem que se controlar para não deixar a timidez a dominar. LU relata que não sabe se vai conseguir superar sua timidez totalmente, mas para ela sua pequena conquista foi importante.</p>	<p>Utilizou o grupo para buscar superar sua timidez.</p>

<p>E: Aham...legal! É.. o que que eu ia te perguntar mais...tem alguma coisa na minha cabeça... Ahh tá! Você vê alguma diferença, ou você acha muito parecida, a oficina da musicoterapia com as outras que você tá fazendo...</p> <p>LU: As outras...</p> <p>E: As outras terapias, que você tá fazendo aqui no CAPS né</p> <p>LU: Uhum..</p> <p>E: Você acha parecida, você acha diferente, o que que é parecido, o que que é diferente...</p> <p>LU: Diferente em tudo!</p> <p>E: É?</p> <p>LU: Uhum...</p> <p>E: O que que é diferente assim?</p> <p>LU: É...é que nas outras equipes não é, não tem música né, não tem assim as pessoas se dialogando, brincando, que nem tinha aqui na musicoterapia...</p> <p>E: Hum... Como que é assim nas outras, como que você sente as outras oficinas?</p> <p>LU: Ah eu vou começar pelo SA, se eu pudesse mudar, (risos) eu mudaria..</p> <p>E: (risos)</p> <p>LU: Porque tem dia que a gente não quer assim falar, assim dialogar, parece que ele olha com aqueles olhos pra mim, de quem diz “fale alguma coisa”, porque eu não falo nada lá dentro (risos)..</p> <p>E: (risos) É mesmo?</p> <p>LU: Daí se pudesse mudar a oficina alí eu mudaria, porque até que eu gosto porque daí, por exemplo se você tem algo pra falar, o vizinho também tem, eu fico ouvindo né, porque não sou só eu que tenho problemas né! Tem um vizinho que tem, eu tenho que entender, que as vezes eu procuro não, só quero ver o meu lado, então é bom...</p> <p>E: Uhum...Então assim, você acha... tipo que algumas dessas oficinas trabalham com histórias de vida, com os problemas de cada um, como eles se superaram, enfim...e a musicoterapia você definiria como assim?</p> <p>LU: Ah eu defino ela como uma paz mesmo, pra mim né, ouvir música...</p> <p>E: Entendi! Era uma oficina que te trazia algum conforto, alguma paz...</p> <p>LU: Sim, uma tranquilidade mesmo!</p>	<p>LU menciona as diferenças do grupo de musicoterapia e os outros grupos do CAPS, para ela Eles eram muito diferentes, pois no grupo de musicoterapia havia música, pessoas dialogando, brincando. LU explica que tem dias que não tem vontade de falar nos grupos e ela sente que outros terapeutas parecem querer que ela fale no grupo. LU afirma que gostaria de mudar de oficina se pudesse. Ela diz que gosta quando tem algo para falar e outro integrante do grupo também e ela pode o ouvir, já que não é só ela que tem problemas, e isso faz com que ela consiga ver o lado do outro também para além de somente seu lado. LU define a musicoterapia como uma oficina que trazia paz, tranquilidade.</p>	<p>Diferença: música, pessoas dialogando, brincando.</p>
<p>E:Uma tranquilidade...tá...então tá! Tem mais alguma coisa que você queira falar?</p> <p>LU: Ah eu só tenho que agradecer né, você!</p> <p>E: (risos) Imagine!</p> <p>LU: Te agradecer muito, que você seja uma pessoa muito feliz nos seus objetivos né</p> <p>E: Obrigada, pra você também!</p> <p>LU: Vou te dar uma abraço né</p> <p>E: Ah eu também quero (risos)</p> <p>LU: (risos) Muito obrigado por tudo...</p> <p>E: Foi tão bom te conhecer...</p> <p>LU: Me desculpa qualquer coisa</p> <p>E: Imagina LU! E ó, eu vou te falar que...você no grupo não tava nada tímida viu (risos)</p>		

LU: (risos) E: Eu não te achei tímida (risos) LU: E quando as coisas começam a ficar boa, é que sempre acaba né E: (risos) LU: sempre desse jeito!		
--	--	--

Análise da Entrevista Final - MA

Unidades de significado	Expressões de caráter psicológico	Estrutura geral
Ah, eu acho que pra gente se abrir um pouco, né? No grupo assim, porque eu não consigo sair de casa, né, assim. Muito menos assim prum grupo assim de algum lugar que tenha música.	MA ao se referir a experiência com o grupo de musicoterapia relata que este serviu para ela se abrir um pouco. MA relata sua dificuldade em sair de casa e ainda mais de estar em um lugar com música.	Função do grupo de musicoterapia: Interação.
Porque eu tenho muito assim, é... Pânico, né? Porque eu não gosto de ouvir música alta assim, que nem eu falo assim que eu, da parte assim, que nem, se eu vou tomar banho, então quer dizer que eu não tô vendo as coisas lá fora, não tô escutando, e pra mim parece que nesse tempo que eu não tô escutando as coisas lá fora, parece que tem gente gritando, gente pedindo socorro, sabe?	MA relata que tem pânico ao ouvir música alta ou mesmo quando toma banho e pelo barulho do chuveiro não consegue escutar o que está acontecendo a sua volta, assim, tem a impressão que escuta pessoas gritando e pedindo socorro.	Relação com a música: Medo de escutar música alta.
Então me ajudou nisso assim, sabe? Conviver com as pessoas. Pra mim tentar assim de repente sair.	MA relata que o grupo a ajudou a conviver com pessoas, um primeiro passo para que ela consiga voltar a sair.	Função do grupo de musicoterapia: Convivência.
Eu sei que aqui é um grupo que a gente tá, que a gente sabe se aconteceu alguma coisa, ouvir um grito eles vão entender porque eles têm a mesma coisa. Não é que nem lá fora se acontecer alguma coisa. Porque às vezes as pessoas perguntam: ah, por que que você não tá saindo? Então quanto mais se isola mais elas vão perguntar pra você, e daí quanto mais elas perguntam mais você fica irritada. Então disso chega a parte que você se isola totalmente que nem eu me isolei. Eu não saio de casa, eu não saio pra festa, aniversário dos meus sobrinhos eu não vou, sabe?	MA acredita que no grupo em questão se ela reagisse a algum medo que sentisse ou a algum grito que escutasse o grupo iria compreender porque eles estão em situação similar. No dia a dia as pessoas questionam porque MA não sai o que faz com que ela se isole ainda mais, e essas perguntas vão irritando MA. Assim MA acabou se isolando totalmente, ela não sai de casa, não vai a festas e nem aniversários dos sobrinhos.	Grupo: Similaridades / Confiança

Então pra mim acho que nessa parte assim de tentar, tentar sair, sabe? Tentar assim sair mais.	MA acha que o grupo de musicoterapia a ajudou a tentar sair mais.	Função do grupo de musicoterapia: Combater o isolamento
E com a música já assim, já tolerei assim, aqui no grupo também, tinha que ficar em silêncio (???). Com a música aqui assim eu não sei se porque estar dentro do grupo, assim, que a gente o que nada acontece, mas pra mim assim foi muito bom essa parte de conseguir passar nesse estágio assim, né, de conseguir ouvir música, assim mais alto, assim, né?	MA relata que teve momentos do grupo que foi difícil permanecer escutando a música que tocava e ela diz que buscava ficar em silêncio. MA diz que conseguiu superar essa obstáculo de ouvir música mais alto, ela não tem certeza mas supõe que possa ser devido ao grupo.	Momentos de desconforto. Conquista: ouvir música alta.
E por você assim, que acho que você assim, é... cativa as pessoas, entendeu? Daí você se sente mais segura, do que uma pessoa assim que ela é mais fechada, assim sabe? Não, não dá tanta liberdade, não sabe compreender, então nessa parte acho que todo mundo assim se sentiu mais à vontade de vir.	MA também relata que a personalidade da terapeuta, que cativa, mais aberta, que dá liberdade e busca compreender, auxiliou nessa conquista pro trazer segurança a ela. Ela acredita que esses aspectos fizeram com que os integrantes do grupo tivessem vontade de ir as sessões.	Personalidade e do Te: cativa, liberdade, empatia.
Porque você faz um trabalho que uma pessoa às vezes que é mais fechada assim, às vezes cê quer falar alguma coisa a pessoa te corta. Eu vi que às vezes alguém falava no grupo assim e você deixava falar, né? Entendeu, e às vezes tem pessoas que não. Você quer falar alguma coisa e te cortam, então aquilo lá (???) cê já cria uma barreira, né?	MA relata que a terapeuta abria espaço no grupo para que os integrantes falassem, sem os interromper. MA acredita que para uma pessoa mais fechada, como ela, isso é importante, pois quando a pessoa interrompe a fala isso cria uma barreira entre o terapeuta e o integrante do grupo.	Personalidade e do Te: espaço para falar livremente.
Mas pra mim assim foi muito bom, esse tempo assim, até que queria mais assim, sabe? A gente vai assim né... Não vou dizer assim que amanhã eu vou sair, vou numa festa. Mas acho que com esse trabalho assim, ou tivesse assim continuando, né, a gente acho que conseguiria mais, né? Sair de casa, que acho que o pior medo fora tudo que eu tive assim, seis (???) abortos, é o isolamento, de você não sair. Então chega um ponto que você não sai, você se isola de todo mundo, você não tem mais amigos, né? E daí quando você vai sair você sabe que todo mundo vai perguntar: ah, porque que cê não veio mais, por que você não faz mais isso, sabe? Então as pessoas começam a cobrar de você, né, então daí você não sai, daí simplesmente você, sabe, pra você não ter	MA acha que o tempo que passou com o grupo foi bom e gostaria que o grupo continuasse. MA acredita que o trabalho que estava sendo desenvolvido ajudaria ela no processo de tentar sair de casa. Relata que seu pior medo, fora seus abortos, é o isolamento. Ela sente que chegou num ponto em que se isolou de	Grupo de Musicoterapia auxiliava em um dos objetivos terapêuticos – sair de casa.

<p>que... que sei lá. Às vezes ser grossa, às vezes agredir, como eu já agredi, né, então dessa parte assim, porque eu ainda...</p>	<p>todo mundo e que não tem mais amigos e quando sai as pessoas perguntam e cobram sobre seu isolamento e MA responde a isso muitas vezes sendo grossa e agredindo o outro.</p>	
<p>Esse negócio dos abortos ainda pra mim é bem difícil assim. Eu acho que até, até me controlaram, porque faço coisas assim, jogo coisas na parede e... e... depois que eu faço eu, eu, eu me culpo muito, daí traz toda aquela ansiedade, sabe? Daí dá aquele arrependimento, daí que eu faço pra isso? Daí eu pego e me corto. Pra aliviar uma dor que, que nem eu falei pro médico, que é um, tá virando um ciclo, né? Eu faço uma coisa ruim, pra curar outra coisa ruim, pra curar outra coisa ruim.</p>	<p>MA discorre que os abortos que teve são um tema difícil para ela ainda. MA acredita que esse tema ainda a controla fazendo com que ela jogue coisas na parede. Depois desse comportamento MA se sente culpada, ansiosa e arrependida e para aliviar esses sentimentos se corta. MA acredita que essa situação relatada está se tornando um ciclo, fazer uma coisa que acredita ser ruim para curar uma outra coisa ruim, para curar outra coisa ruim.</p>	
<p>Então eu acho assim que essa parte que você fez com a gente foi muito bom, né? Só pena que foi pouco tempo, né? Porque a gente podia mais tempo por causa que aí a gente ia conseguindo, né, sair um dia, tentar, né? Entender da música, muito bom assim, né? Foi muito bom assim. Eu gostei bastante.</p>	<p>MA acredita que a ajuda que o grupo de musicoterapia dava no processo de vencer o isolamento foi muito bom. MA sente por ter sido pouco tempo. Acredita que se houvesse o grupo por mais tempo ia melhorando até conseguir sair um dia. Ela também relata que foi bom entender sobre música. MA relata que gostou bastante.</p>	
<p>E: E MA, você sentiu diferença assim com os outros grupos também? Porque os outros são em grupo também, né? Vocês conversam... Qual que você acha que foi a diferença assim? Do grupo da musicoterapia? MA: Porque no... Porque aqui assim era mais, não sei, lá a gente se expressava mais assim com a dor que a gente tinha. Aqui a gente se, soltava a dor, acho que na música, né? Porque a gente tinha que falar sempre da dor, da dor, da perda, que nem eu tive, mas então aqui eu acho que era mais ao contrário, aqui você se soltava com a música e esquecia a dor. E: Legal.</p>	<p>MA relata sobre a diferença entre a Musicoterapia e os outros grupos do CAPS, ela relata que nos outros grupos ela expressava mais a dor que sentia, no grupo de Musicoterapia ela soltava sua dor no música. Nos outros grupos ela tinha que falar sempre sobre sua dor, sua</p>	<p>DIFERENÇA A – ao invés de falar da dor; esquecia, soltava sua dor. Distração.</p>

<p>MA: Então acho que eu não ficava tanto assim... Porque nos grupos é bom assim você falar da dor, é importante você falar, pra tentar compreender por que você sente aquela dor. E a música, ela acho que tira um pouco da tua dor, tipo, cê tá cantando cê não tá muito focada ... né? Mas eu acho que assim, devia ter mais, porque pra mim foi muito bom assim.</p>	<p>perda, mas no grupo de musicoterapia era o contrário, ela se soltava com a música e esquecida a dor. MA relata que é importante falar de sua dor para tentar compreender porque sente essa. E a música tira um pouco da dor, porque quando ela cantava estava focada na música e não na dor.</p>	
<p>E: Os outros grupos tão te ajudando, MA, nessa questão do, de sair do isolamento e tal, você acha que tá te ajudando também?</p> <p>MA: Tá, assim, ajuda, mas é que nem o médico falou, tem o remédio que a gente toma e 50% é da cabeça da gente. Então é todo um tratamento assim, que nem eu venho de... acho que de seis anos, com esses abortos, com parar de andar, com uma cirurgia na coluna. Então, coisa do meu passado assim, que, que foi bem assim con... tipo... conturbado, né? Porque meu pai sempre bebeu, eu... assim... não meu pai não chegava a ser violento, daí tinha meu tio que era violento. Então tudo aquele negócio do passado, eu não esqueci, eu trouxe tudo pra agora. Então aquele negócio (...), que eu tô indo num psicólogo, é, individual agora. Ele falou que eu tenho que tratar tudo isso porque isso ficou na minha mente, né? Então agora o que eu faço, eu sinto medo de tudo, né? Que nem meu pai bebeu muito tempo, e... às vezes ele trancava a gente dentro de casa, no banheiro, falando que tinha alguém que queria, queria bater, queria matar a gente, então é essa sensação que eu tenho agora, mas é uma sensação que eu não tratei quando eu era criança. Foi indo, foi indo, e então quando eu tive esses abortos, tive esse negócio de oarar de andar, e, e... essa cirurgia na coluna, eu acho que juntou tudo e foi um negócio que explodiu. Que daí eu me isolei, daí eu acho que eu comecei a ter a depressão forte mesmo. Um medo, né, um... Mas acho quer todo grupo que a gente faz ajuda, assim.</p>	<p>MA ao discorrer sobre se os outros grupos estão auxiliando nesse aspecto do isolamento relata que ajudam a compreender a origem de seu sofrimento.</p>	
<p>Mas o teu grupo assim é mais pra liberar, sabe? Pra extravasar assim, de... Então acho que... foi pra gente assim foi muito bom.</p>	<p>MA relata que o grupo de Musicoterapia ajuda a liberar a extravasar.</p>	<p>Função do Grupo de Musicoterapia: Liberar / extravasar.</p>
<p>Até as pessoas assim, que nem o MO que é bem extrovertido assim, né? Então ajudou bastante também no grupo o MO. Porque se todo mundo ficasse calado, né? Né, eu falo assim que o MO é, ficou um centro, assim, porque ele que puxava a corda de todo mundo. Então se fosse todo mundo mais quietinho, acho que, né... que era mais complicado, mas foi muito bom assim pra mim, esse lance aí.</p>	<p>MA discorre sobre a importância de MO no grupo por sua personalidade extrovertida, por incentivar o grupo a participar.</p>	<p>Grupo: Importância do integrante MO.</p>
<p>??? E eu acho que devia ter mais assim, pra gente extravasar, né, porque uma hora a gente tem que extravasar, porque a gente fica tão presa, tão presa em tudo, que se a gente não</p>	<p>MA acredita que o grupo de musicoterapia deveria continuar para ela</p>	<p>Função do extravasar o que o Grupo</p>

<p>extravasa desse jeito, a gente extravasa agredindo, jogando as coisas na parede, né? Uma coisa que eu faço, né? Porque eu ainda não consegui parar com isso, porque vem aquele negócio assim em mim, que eu faço e depois eu penso e depois, assim, vem a angústia, que nem eu tenho que pensar agora que eu fiz a cirurgia na coluna, que era na lombar, agora eu tô com problema na cervical. Então eu tenho medo de passar tudo o que eu passei, passar de volta, porque eu sei que... que cervical, o médico me explicou, o movimento dos braços e... E então como eu parei de andar eu tenho medo de... sabe... parar de mexer os braços, né? Tenho muita dor, muita dor assim que, de noite eu acordo assim com muita dor, muita câibra, né, daí é o tratamento. Não adianta a gente querer, tem hora que eu falo: não vou vim mais pro CAPS, não vou fazer mais tratamento nenhum, parece que eu só junto, só junto coisa ruim pro meu corpo, porque se eu... se eu tenho que sair num dia, um dia antes já me dá diarreia, muita ânsia de vômito, sabe, bastante coisa assim que parece que meu corpo fala: não, cê não vai. E desse, de tudo isso, quando eu comecei ter né, bem assim na depressão, eu comecei a ter pressão alta, né? Então, ela chegava a 20 por 10, então daí o médico falou, fez exame, e fiquei com um aparelho 24 horas e marquei tudo o que eu sentia, né? Ele falou assim: ó, teu problema não é, você não é hipertensa. Porque daí que o médico chegava e minha pressão tava muito alta, ele chegava e me dava injeção direto na veia pra baixar direto, aí. Só que daí depois me fazia mal porque ela baixava muito rápido. Porque eu não era hipertensa.</p> <p>E: Ah, entendi.</p> <p>MA: Era ansiedade tudo, porque na realidade foi um médico tirar eco lá, me deu um remédio pra ansiedade, pra acalmar, e ficou lá. Achei estranho, né? E ele não me dava nada pra baixar a pressão. E ficou conversando comigo e nisso minha pressão baixou. Então na realidade eu tenho que tratar ansiedade e a depressão, e não pressão alta, que eu não tenho pressão alta. Ela só sobe porque o coração acelera, né, tudo faz uma monte de coisa no... no... assim no corpo da gente, mas... Tem que tratar, não adianta. É cansativo às vezes, a gente tem vontade de desistir, mas...</p>	<p>extravasas, já que ela fica presa em tudo e se ela não extravasa acaba extravasando na agressão ou jogando as coisas na parede. MA relata que dependendo de seus pensamentos sente angústia, ela dá exemplo de tipos de pensamentos que causam angústia. MA sente que junta coisas ruins em seu corpo, sente que responde com o corpo a situações difíceis, como sair de casa.</p>	<p>de Musicoterapia a prevenia.</p>
<p>E: É, tem que ter paciência mesmo, né, MA? Que é um processo um pouco lento, mas acho que as pequenas conquistas assim tipo, ai, escutar uma música, e não ter medo, né, de estar acontecendo alguma coisa, os pequenos passos, né, mas... É assim, né? É assim mesmo.</p> <p>MA: É bem lento, pra mim tá sendo bem lento. Porque tem dia que eu acho que eu tô bem, daí no outro dia assim eu já vi que nossa, aqueles dois dias que eu passei bem, 10 eu to passando ruim.</p>	<p>MA acha que seu processo de recuperação está bem lento.</p>	
<p>Então... mas a música pra mim foi bom assim. Que eu te falei no começo que eu não gostava de música alta, né? Então agora eu já consigo assim... aceitar mais, né? Não sei como ficar em casa escutando música, que eu não consigo. Que daí eu não consigo ver assim o que que tá acontecendo lá fora. Minha cabeça ela fica trabalhando, trabalhando assim, sabe? Pensando, pensando só em coisa ruim, coisa ruim, coisa</p>	<p>MA relembra que na entrevista inicial falou que não gostava de música alta e relata que agora consegue aceitar melhor a música alta. Ainda não escuta música</p>	<p>Conquista: escutar música alta.</p> <p>Grupo: similaridades, confiança.</p>

<p>ruim. Então se eu não tiver escutando assim o que tá acontecendo lá fora, eu acho que tão gritando , tão se matando, tão pedindo por socorro, então... Acho que eu, assim, eu consegui um pouco ver que a música assim pode me ajudar, ela não sendo tão alta mas ela pode assim... tirar um pouco assim.</p> <p>E: E quando a gente tocava aqui em grupo você não tinha essa preocupação, do que tava acontecendo lá fora, de escutar tipo alguma coisa que...</p> <p>MA: Às vezes sim, mas não é tanto assim que nem eu falo assim de eu tar sozinha assim e...</p> <p>E: Entendi. Daí cê não tolera. E aqui você conseguia...</p> <p>MA: É.</p> <p>E: Entendi.</p> <p>MA: Aqui era mais pessoas assim, né? E sabe, mesmo que eu tivesse isso, aquele... stress, e alguma coisa assim, as pessoas aqui iam me entender, porque acho que o maior medo da gente não é tar aqui, aqui a gente tá, é tar lá fora. Porque aqui todo mundo vai entender se eu sair gritando de repente da sala: ai, não quero ouvir mais essa música. Mas lá fora não, lá fora a pessoa vai te condenar, e daí se acontecer isso, vocês ??? não consegue sair mais. Então daí você evita de sair pra não acontecer isso.</p>	<p>em casa pois se escutar música não consegue saber o que está acontecendo do lado de fora. MA relata que sua cabeça fica trabalhando, pensando só em coisas ruins, então se ela não escuta o que está acontecendo do lado de fora ela acha que estão gritando, se matando, pedindo socorro. MA diz que conseguiu um pouco ver que a música pode a ajudar, não sendo tão alta pode tirar um pouco desses pensamentos. MA relata que quando estava no grupo as vezes se sentia insegura por não estar escutando o que estava acontecendo a sua volta, mas às vezes conseguia ficar bem com isso porque com o grupo tinham mais pessoas. MA relata que o que a tranquilizava também era que se ela tivesse alguma reação como sair gritando da sala as pessoas do grupo iriam entender, enquanto que no dia a dia ela sente que as pessoas iriam a condenar por uma reação dessas. Esse receio faz com que ela evite sair de casa.</p>	
<p>MA: Mas eu... eu gostei bastante, da música. Foi bem assim, foi... distraí um pouco a cabeça assim, da gente, porque a gente anda com a cabeça, né, na realidade dentro da cabeça tem só doença, né? Que que vai acontecer depois, será que eu vou melhorar? Será que eu vou conseguir superar isso? Quanto tempo vai levar ou... Que a gente sempre pergunta: o que que eu tenho se eu tinha uma vida normal tudo e de repente decai o mundo. Só que cê decai nesse ponto, cê decai e a tendência que eu acho, que eu sinto, é decair mais, porque cê vai se isolando, se isolando, se isolando e...</p>	<p>MA discorre sobre como a música a distraía sua cabeça de pensamentos sobre sua doença, sua perspectiva, e possibilidade de estar piorando devido ao isolamento.</p>	
<p>MA: E depois quando cê tá totalmente isolada você tem medo de sair, porque daí você não tem reação lá fora, é diferente. Pessoas são diferentes, né? Cê já não tem mais aqueles amigos, na realidade cê não tem mais ninguém, né? Porque se isolou de todo mundo. Ou se alguém te vê em algum lugar, pare: por que que cê não sai? Por que que cê não</p>	<p>MA relata que quando está isolada você perde seus amigos e as pessoas cobram o porquê está isolada o que deixa MA irritada.</p>	

<p>faz mais isso? Então já é aquela cobrança que daí aquela cobrança te irrita, né? Por que daí você quer... acho que pular no pescoço da pessoa.</p>		
<p>Porque... É que nem uma vez que eu tava, ano passado, quando eu tava (???) de cachecol daí minha vizinha falou: Ah, cê me ensina? Ah, eu ensino. Só que na hora que eu fui na casa dela me deu um branco assim que eu não sabia, eu não sabia fazer. Sabe? Porque assim, quando tem algum momento de pressão assim, não sei, dá um branco que você não... Sabe, cê não, de repente você não sabe nem pra que lugar que vai, assim, às vezes eu tenho um branco assim que eu não sei nem pra que... Sabe? Tanta coisa que cê fica pensando assim que... que... vamos supor assim, eu tenho que sair daqui e pegar o ônibus, só que cê não tá pensando nisso, cê tá pensando: eu tô com problema na coluna e... sabe? Eu me corto, eu agrido as pessoas, então aquele negócio do ônibus cê não... De repente... E: Um pano de fundo assim... MA: É. De repente cê tá andando e cê já passou de onde tinha que pegar o ônibus e... e tá pensado naquilo. Funciona assim a cabeça da gente, trabalha muito, muito, muito assim. Fica assim, 24 horas se você fica acordada, pensando, coisa que cê tem que descansar, né? Porque senão você... Sei lá, acaba ficando louca, eu acho. E: É cansativo, né? Imagino que deve ser muito cansativo ficar só pensando nas, nos problemas, sem saber o que vai acontecer, né e tal... MA: Porque também eu tenho... Vou lá, deito na cama daí tenho que ver se o bujão tá desligado. Daí chego lá e conto: um, dois, três, quatro, cinco. Daí de volta, um, dois, três, quatro, cinco. Um, dois, três, quatro, cinco. Acho que conto umas cinco vezes. Daí volto pro gás. (???) Daí deito na cama, daqui a pouco porta, vou lá na porta. Abro a porta, fecho a porta, tá. Daí, de repente, vou lá na janela, então você fica assim num vício, assim, sabe? Fazendo coisas assim que você sabe que cê já fez três vezes, mas tem que ir lá ver de volta, né? Meu marido às vezes para, fica me olhando assim eu contando os negócios do... dos botão do gás, eu tenho que saber. Daí ele fala que eu faço a ronda. E: Ah, a ronda da casa. MA: É. Só que não é uma vez, se fosse uma vez tava tudo bem, coisa normal. Só que faço várias vezes. Se eu acordo no meio da noite, saí eu fico fazendo, fazendo, fazendo, até... Que me canso, sei lá o quê. E assim mesmo eu deito daí eu fico assim... E: Meio pensando naquilo... MA: Fico pensando: será que eu desliguei isso? Será que a hora que eu fui desligar eu não liguei? De tanto que cê faz as coisas você já não sabe se você desligou ou ligou. E: Entendi. MA: Daí é cansativo assim. Mas música pra mim acho que foi... bem interessante assim, essa parte assim. Que dava pra gente se soltar um pouquinho assim.</p>	<p>MA discorre sobre um acontecimento para exemplificar o resultado desse isolamento. MA relata que combinou de ensinar sua vizinha a fazer cachecol, mas quando chegou na casa dela não conseguia lembrar de como fazer cachecol. MA relata que tem tanta coisa passando por sua cabeça que num momento de pressão às vezes não consegue se lembrar nem aonde estava indo. MA relata que sente que sua cabeça está trabalhando 24 horas, que não consegue descansar. MA relata antes de dormir tem que checar a casa toda muitas vezes, e se acorda no meio da noite confere a casa toda novamente. MA acha isso muito cansativo e que a música ajudou ela a se soltar.</p>	<p>Função do Grupo de Musicoterapia: Ajuda a se soltar das preocupações de sua cabeça que a cansam.</p>

<p>MA: Que nem, que lá no hospital quando eu tava lá no Nossa Senhora da Luz também tinha. Que as meninas da pastoral que iam lá cantar assim. Aí também era bom assim.</p> <p>E: É, vamos ver, mas eu acho assim: tudo o que vocês conquistaram nesse, nesse pequeno... Que nem eu falei na quinta, né? Nesse momento curto assim, mas é uma conquista de vocês, tipo a relação que você fez com o MO, vocês cantando as mesmas músicas, poxa, vocês podem chegar num cantinho ali no CAPS conversar disso, e pegar o violão e tocar, quer dizer, legal pensar assim nisso também, de que é uma coisa que vocês podem fazer, né? Tentar começar a fazer isso sozinhos.</p> <p>MA: Confiar...</p>	<p>MA lembra que em outro hospital que esteve haviam algumas meninas da pastoral que iam cantaram para eles e ela gostava também.</p>	<p>Outros lugares da música.</p>
<p>E: É difícil, mas... Isso, você já confia no MO, já confia na LU, né? São pessoas que já tão mais próximas, então tentar fazer isso junto, né? Puxar...</p> <p>MA: É, porque até antes desse grupo assim eu sou totalmente isolada assim. Não conversava com ninguém assim, trocava uma ou outra palavra assim, mas não era assim. Sabe, não tinha afinidade assim.</p> <p>E: Então, aqui vocês descobriram umas afinidades, então, uma coisa que você pode agora tentar batalhar você também, né, MA? Tipo, pô, cê sabe que o MO é uma cara que vai acolher qualquer um que vá conversar com ele, né? Poxa, e ele, puxa um papo com ele um dia, né? Quer dizer, é um... até um treino, né? Além de dar um bem-estar, uma sensação de ter alguém pra conversar, é um treino pra você poder fazer isso com os teus amigos e tal, com os seus...</p> <p>MA: Começar a sair...</p>	<p>MA relata que antes do grupo de musicoterapia ela estava totalmente isolada no CAPS, não conversava, não tinha afinidade com ninguém.</p>	<p>Função do Grupo de Musicoterapia: Integração.</p>

Análise da Entrevista Final – RO

Unidade de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>E: Então, RO, eu queria te perguntar como que foi pra você a tua experiência no grupo de musicoterapia.</p> <p>RO: Ah, pra mim não foi muito bom.</p> <p>E: Hmmm, me conta.</p> <p>RO: É, não me sentia bem. Às vezes sim, às vezes eu me sentia bem, às vezes eu me sentia muito mal, com as músicas.</p> <p>E: Me fala um pouquinho mais disso, assim, como você se sentia bem em algumas músicas, outras vezes mal. Como é que é?</p> <p>RO: É como se, se mexesse alguma coisa por dentro. Mexesse com alguma coisa, né, a música. E... daí eu começava a passar mal assim. Geralmente eu passava mal.</p> <p>E: E como que era, assim, o teu passar mal? O que que você sentia...</p> <p>RO: Eu escutava vozes, e ficava me sentindo muito mal, me dava crise nervosa, agitação.</p>	<p>A respeito de sua experiência no grupo de musicoterapia RO declara que não foi boa. Ela diz que às vezes se sentia bem, mas às vezes se sentia muito mal com as músicas. RO declara que era como se a música mexesse com alguma coisa por dentro e que por causa disso ela começava a passar mal, a escutar vozes, a sentir agitação.</p>	<p>Não achou boa a sua experiência no Grupo de Musicoterapia.</p> <p>Se sentia muito mal com algumas músicas tocadas e/ou cantadas.</p>
<p>E: E, RO, você conseguiu perceber é... em que momentos que isso acontecia? Assim, o que que te deixava nervosa. Se era uma música, se era algum instrumento, se era uma forma de</p>	<p>RO declara que os momentos em que isso acontecia dependiam da</p>	<p>Seu mal estar está relacionado as músicas</p>

<p>tocar, o que que te deixava assim? Em que momentos que isso acontecia?</p> <p>RO: A música, conforme as música.</p>	<p>música que estava sendo realizada.</p>	<p>utilizadas durante a sessão.</p>
<p>E: Dependendo da música... Entendi. E... Por que que você não falava quando estava te incomodando assim, geralmente, se... Porque, se você, pelo que você tá me falando, isso aconteceu várias vezes, né? E tinha vezes que eu nem percebi que isso tava acontecendo, né? O que que te fazia guardar isso pra você e não...</p> <p>RO: Eu ficava quietinha, porque eu não achava, né, eu não queria incomodar os outros do grupo.</p> <p>E: E daí você ficava lá sofrendo, quietinha... (risos).</p> <p>RO: Quietinha...</p>	<p>RO discorre sobre o porquê não falava que estava passando mal com a música. Ela diz que não queria incomodar os outros do grupo.</p>	<p>Não expressava seu desconforto/s ofrimento com relação à música ou ao Grupo de Musicoterapia.</p>
<p>RO: O bom era o instrumento, que eu me sentia... Me sentia parece mais leve, tocando, mexendo com alguma coisa.</p>	<p>RO declara que o que gostava de fazer no grupo de musicoterapia era tocar os instrumentos. Ela diz que se sentia mais leve tocando.</p>	<p>Gostava de tocar os instrumentos.</p>
<p>E: Não sabia. E... Deixe eu te perguntar... O que que te manteve no grupo que você não chegou pra mim e falou: Mari, não quero mais participar do grupo. Assim, o que que... Por que que você não veio falar disso comigo? Porque assim, em alguns momentos eu perguntava, né? Lembra que eu perguntava? Falei com a AN uma vez: oh, AN, mas você fica triste com a música, como é que, como é que você não me fala, pode me falar, né? O que... Você ficou... Como é que foi assim, por que que você não veio falar comigo?</p> <p>RO: Ah, eu fiquei com vergonha.</p> <p>E: Ah, é?</p> <p>RO: Fiquei com vergonha de chegar e falar que não queria participar.</p>	<p>RO declara que não falou com a musicoterapeuta a respeito de não se sentir bem e de não querer mais participar porque ficou com vergonha.</p>	<p>Não expressava seu desconforto/s ofrimento com relação à música ou ao Grupo de Musicoterapia.</p>
<p>E: É... Uma última coisa que eu queria te perguntar, queria entender melhor, assim. É... Quando a gente cantava as canções, que pelo que você me falou era o que mexia mais com você, né? Eram todas as canções ou eram algumas canções?</p> <p>RO: Algumas.</p> <p>E: Algumas. Tá. Então tinha momentos que... que a gente tava cantando uma canção que tranquilo pra você?</p> <p>RO: Tranquilo.</p> <p>E: Aham. As músicas que mexiam com você, eram aquelas que você escolhia, que o outro escolhia ou as duas assim às vezes?</p> <p>RO: As duas.</p> <p>E: Às vezes... Mesmo as que você escolhia também mexiam com você e você não gostava.</p> <p>RO: É.</p> <p>E: Mexer com você é ruim.</p> <p>RO: É ruim.</p>	<p>RO declara que haviam canções que a incomodavam e outras que era tranquilo, independente dela ter escolhido ou os outros terem escolhidos.</p>	<p>Seu mal estar está relacionado as músicas utilizadas durante a sessão, mesmo das que ela mesmo escolhia.</p>
<p>E: Entendi... Aham. Teve alguma música que mexeu com você e... mas mexeu de um jeito bom? Tipo assim, como que</p>	<p>RO afirma que algumas músicas a emocionavam,</p>	<p>O bem estar ou mal estar</p>

<p>é esse mexer, assim, sabe? Queria tentar entender. Porque às vezes uma música ela mexe, mas ela mexe e deixa você triste, né? Às vezes uma música mexe, mexe e te deixa alegre, não sei. Né? Queria entender um pouquinho mais como que foi pra você, RO, isso.</p> <p>RO: Teve música que mexeu, que me emocionou. Que me emocionou, né? Me deu aquela emoção grande. Agora teve música que ela abalou, me deixou muito abalada.</p>	<p>porém, algumas músicas a deixavam muito abalada.</p>	<p>dependia das músicas, algumas faziam bem outras não.</p>
--	---	---

Análise da Entrevista Final – NEI

Unidade de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>E: Então, hoje é dia 10, entrevista com RO. Deixa eu sentar perto docê. RO, eu queria saber como que foi a tua experiência no grupo de musicoterapia.</p> <p>NEI: Foi diferente, né?</p> <p>E: É? Me fala sobre... sobre isso. Que que cê achou diferente...</p> <p>NEI: Ah, diferente assim, que não é... não é uma coisa que a gente vê sempre, né? Em todos os lugares que a gente, né?</p> <p>E: Aham, é verdade, aham.</p> <p>NEI: Mas... É... Aqui agora é a minha primeira experiência nisso.</p>	<p>NEI declara que achou o grupo de musicoterapia diferente. Ela diz que nunca havia participado de um grupo assim.</p>	<p>Achou uma experiência diferente.</p>
<p>E: E como é que foi pra você, assim? Que que você achou?</p> <p>NEI: Achei bom. Bom. É... distrai um pouco, né? E... Acalma assim, uma espécie de tranquilo... tranquiliza. Sabe? É isso.</p>	<p>NEI afirma que gostou da experiência com o grupo. Ela descreve que se distraía no grupo que a acalmava e a deixava tranquila.</p>	<p>O grupo servia como distração e suscitava sentimentos de calma e tranquilidade.</p>
<p>E: E... você consegue me dizer o que que exatamente te deixava calma, tranquila? Era... não sei...</p> <p>NEI: Cê tira o foco de outra coisa, sabe? Cê tá com o pensamento numa coisa, você desvia o pensamento, né?</p> <p>E: E geralmente esse pensamento é... é o quê? É bom, é ruim? Como é que é esse pensamento?</p> <p>NEI: É sempre pensamento ruim, né?</p> <p>E: E daí você saindo dele te trazia uma tranquilidade?</p> <p>NEI: Aí tranquiliza.</p>	<p>NEI explica que o que a deixava calma era tirar o foco de pensamentos ruins e isso a tranquilizava.</p>	<p>O grupo servia como um momento de distração.</p>
<p>E: É isso? Uhum... Entendi. Ah... Você achou o grupo... O que que era parecido com as outras oficinas, o que que era diferente? Em relação às outras oficinas que vocês têm aqui, que que você tem pra me dizer assim?</p> <p>NEI: Que ela é mais, é... Ela é mais assim voltada pra, pra, pra, pra, pra música, né? E no... nos outros é voltado mais pro corpo, pra mente, né?</p> <p>E: Uhum, entendi.</p> <p>NEI: Essa é a diferença.</p>	<p>NEI ao discorrer sobre a diferença do grupo da musicoterapia para os outros grupos ela relata que era um grupo que utilizava mais a música, enquanto os outros grupos se voltavam para o corpo e para a mente.</p>	<p>Diferença: Utiliza a música enquanto as outras terapias tem como ponto central o corpo e a mente.</p>
<p>E: Uhum. Teve alguma coisa assim, algum momento que foi mais significativo pra você, que você lembra, assim?</p> <p>NEI: Deixa eu tentar... Ah... Deixa eu ver. No dia que eu vi o WO tocar. Uma coisa que eu não esperava.</p>	<p>O momento mais significativo para NEI foi quando ela viu WO tocar o violão, foi inesperado</p>	<p>Vivência com membros do grupo</p>

<p>E: É? O que que você pensou, que que você sentiu assim?</p> <p>NEI: Como que uma pessoa tão deli... debi... Debitada assim é... consegui tudo, tentar ele tocou inteiro, né. Daí eu fiquei pensando é... qual atitude, né? A pessoa pode tudo.</p> <p>E: Hmm, que legal. Legal. Tem mais alguma coisa que você queira falar assim, NEI, da tua experiência?</p> <p>NEI: Não. Mais é isso, né? Foi, foi, foi isso.</p> <p>E: Então tá, beleza. Obrigada.</p>	<p>para ela pois o via como uma pessoa muito debilitada e que quando começou a tocar o violão conseguiu. Com essa experiência ela parou para pensar como as pessoas podem tudo.</p>	<p>trouxeram reflexões a respeito de sua própria vivência pessoal.</p>
--	---	--

Análise da Entrevista Final – VA

Unidade de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>E: Então VA o que eu queria saber de você como que foi a tua experiência no grupo de musicoterapia? Pode ser bem sincero tá VA.</p> <p>VA: Eu sou uma pessoa morta, uhn... nada vale pra mim do que eu faço, nada. Eu acho que nada vai me ajudar. Nada. Só vou onde me mandam e... eu me sinto morto, mortinho. Ando em cima do asfalto, vivo andando assim. Minha cabeça ... não ajuda em nada, nada. Então não só música, é tudo, não tem mais jeito, não tem mais, não tem mais jeito não.</p>	<p>Ao discorrer sobre sua experiência no grupo de musicoterapia VA relata que é uma pessoa morta e que nada pode o ajudar. VA diz que só vai aonde o mandam ire que se sente morto, andando em cima do asfalto. Ele relata que não foi somente a musicoterapia que não adiantou, que nada o ajuda pois ele acredita que “não tem mais jeito”.</p>	<p>Avalia que o grupo de musicoterapia não o ajudou.</p>
<p>E: VA como foi pra você o dia que você trouxe as fotos dos seus filhos, que você contou pro grupo tudo que aconteceu, por que eles não sabiam né? Como que foi esse dia pra você?</p> <p>VA: Um modo de mostrar aquilo... que não tem mais nada na vida. Você também viu né?</p> <p>E: Aham...</p> <p>VA: Pras pessoas sentir porque que eu sou desse jeito né, imaginar o que que eu sinto. Só de olhar pra eles... então a gente imagina como é que é.</p> <p>E: Ahn... E como que isso fez você se sentir? Dividir com os outros a tua história, o teu sofrimento?</p> <p>VA: Não senti nada, só queria que eles vissem pra não ficar me condenando pelo jeito que eu sou.</p> <p>E: Aham... Talvez uma forma assim de eles te entenderem?</p> <p>VA: É também...</p>	<p>Ao relembrar uma sessão em que VA trouxe as fotos de seus filhos ele relata que foi uma forma de mostrar para o grupo como ele se sente, o sentimento que não há mais nada na vida que valha a pena. VA relata que seu objetivo em mostrar as fotos foi de que as pessoas pudessem compreender o porquê ele é desse “jeito”. Ele acredita que só de olhar para as fotos as pessoas conseguem imaginar seu sofrimento. VA diz que não sentiu nada ao mostrar as fotos, apenas queria que o grupo compreendesse sua dor para não o condenar por seu “jeito”.</p>	<p>Busca pela compreensão e empatia do grupo com seu sofrimento.</p>
<p>E: E o que mais?</p> <p>VA: Eu não me lembro, as vezes a cabeça, não me assombraia, não sei. É, até no círculo ele falaram que você já</p>	<p>VA relata que tem dificuldade para lembrar de algumas coisas. VA discorre sobre como</p>	<p>Discorre sobre o apego que sentiu aos</p>

<p>tinha embora eu... eu senti saudade de, nossa eu nem dei tchau.</p> <p>E: É mas eu não ia sair sem dá tchau pra vocês né.</p> <p>VA: Então imagina meus filhos então, me apego as pessoas aqui né, imagine os filhos. É assim que eu sou. Eu sempre ajudei as pessoas, hoje não posso mais fazer isso mas quando podia... fazia minhas doação pra gente da rua, nunca neguei nada, nem eles. E agora não sei mais nada. Não sinto nada no coração nada nada. Não faço nada, não posso fazer nada. É só.</p>	<p>quando falaram em uma reunião que a musicoterapeuta tinha finalizado as sessões ele sentiu saudade e desejou ter se despedido. Ele relaciona esse acontecimento com o sofrimento pela perda de seus filhos. Ele relata que se apega as pessoas, então pede a entrevistadora para que ela imagine sua dor pela perda de seus filhos. VA afirma que é assim, que sempre as ajudou, fazia doações para pessoas que moravam na rua, que nunca negou nada a elas, porém que hoje já não tem condições de fazer isso. Agora se sente perdido, não sente nada em seu coração, não faz nada, não pode fazer nada.</p>	<p>membros do grupo e à musicoterapeuta.</p> <p>Fala sobre como era antes da morte de seus filhos e como se sente perdido.</p>
<p>E: VA mas aquela dor que você me falava lá no começo, ela passou? Ela tá agora, tipo não sinto mais nada ou aquela dor ainda continua?</p> <p>VA: Nunca muda</p> <p>E: Nunca muda. Aham...</p> <p>VA: Nunca muda. Nunca mais vou lembrar de ... falar em aniversário, tudo mundo. Já não vou pra estragar. Nada pra ninguém. Sei que eu não posso ir. Sem eles eu não vou pra lugar nenhum. Eu tive no cemitério essa segunda e fiquei olhando o meu lugar. Eu disse que vou com eles.</p>	<p>VA discorre sobre sua dor, conta que ela nunca muda. VA relata como já não vai mais em aniversários ou em lugar algum. Ele diz que foi ao cemitério naquela semana e ficou olhando seu lugar e relata sobre seu desejo de ficar com eles.</p>	<p>Não sente mudança em seu sofrimento.</p> <p>Ideias suicidas.</p>
<p>E: E essas semanas assim VA que não teve grupo, você sentiu falta do pessoal aqui, que a gente tava convivendo, MO, HI, as meninas? Como é que foi pra você?</p> <p>VA: Às vezes eu nem lembro.</p> <p>E: Você nem lembra quem tava no grupo?</p> <p>VA: Eu nem lembro... As vezes eu nem sei o que to fazendo também.</p> <p>E: Então assim, esse grupo era como qualquer outro grupo que você meio que ia indo... Não diferenciava assim um grupo do outro. É isso VA? Como é que é?</p> <p>VA: Não sei, eu me importo e... tento. Mas é que eu fico pensando, pensando, minha cabeça fica pensando, pensando e eu vou pra longe e às vezes eu nem sei o que eu tô fazendo ali, daí me chamam eu vejo que tô ali.</p> <p>E: Você volta...</p> <p>VA: Eu vivo só me perguntando tanta coisa e... só o que eu faço.</p>	<p>VA relata que às vezes não se lembra de várias coisas, como de estar no grupo ou do que está fazendo. VA afirma que se importa com o grupo, e que tenta se concentrar, mas começa a pensar, a se perguntar e isso faz com que esteja ausente, e por vezes não sabe o que está fazendo no grupo, e só volta a prestar atenção quando alguém o chama.</p>	<p>Relata que se importava com o grupo e que tentava se concentrar nele, mas acabava ausente do grupo e não os acompanhava.</p>

<p>E: E como que foi o... Você foi, chegou a ir grupo do luto que a Maria te indicou? Como é que foi?</p> <p>VA: Eu fui, mas não quero ir mais lá.</p> <p>E: Não foi bom?</p> <p>VA: Não quero ir mais lá</p> <p>E: Como é que foi?</p> <p>VA: Eu fico muito nervoso e ... pede oração quando a gente fica nervoso e reza. Eu não quero saber disso, não quero saber disso, não quero saber de rezar, não quero oração, não quero nada.</p> <p>E: Não quer o que?</p> <p>VA: Oração, não preciso disso.. Precisava que cuidasse dos meu filho, agora não preciso mais, isso não existe mais, não mesmo, não tô nem aí.</p>	<p>VA ao discorrer sobre seus grupos terapêuticos relata não querer mais participar do grupo de luto que foi conhecer pois quando fica nervoso o grupo reza e ele não se identifica com isso e nem quer estar próximo a isso. Fala que precisava que alguém cuidasse de seus filhos, mas agora que eles morreram não precisa mais de oração, diz que não acredita mais.</p>	
<p>E: VA, o que você espera de uma terapia, de um grupo, ou de qualquer coisa assim?</p> <p>VA: Eu só gosto de vir aqui.</p> <p>E: O que que seria bom você.</p> <p>VA: Eu só gosto de vir aqui, eles são muito bom aqui.</p> <p>E: Aqui você se sente bem?</p> <p>VA: Aqui eu... meu coração parece que dói um pouquinho menos quando venho aqui. Mas ao sair daquele portão ali é um inferno.</p> <p>E: Mas o que que você acha que aqui que ajuda a sentir um pouco menos de dor no coração.</p> <p>VA: A calma que eles tem de conversar com a gente, também era assim.</p> <p>E: A calma deles?</p> <p>VA: Eles entendem né. Eu também era assim, mas não chegava nem perto deles e a calma.</p> <p>E: De escutar assim VA?</p> <p>VA: É.</p>	<p>VA relata que gosta de ir para o CAPS pois sente que seu coração dói um pouco menos, porém, fora do CAPS sente que seu sofrimento retorna. VA relata que o que lhe ajuda é a calma dos profissionais para conversar com ele e para tentar compreendê-lo, VA se identifica com essa postura.</p>	<p>Aspectos terapêuticos do CAPS (diminuição do sofrimento): calma, escuta e compreensão.</p>
<p>E: Entendi. Tem mais alguma coisa que você queira falar VA?</p> <p>VA: Eu uhn... Eu queria que você (incompreensível) talvez eu nunca mais eu te veja mas eu ando muito ruim. Eu tô morto mesmo. Ninguém pode imaginar o jeito que eu tô. Mas acredito que eu tô igual ao meus filhos, só que de pé ainda, mas eu tô igualzinho eles. Eu vi eles no IML num saco preto, eu me vejo assim deitado também, todo dia. Eu queria tar lá e eles irem me ver, mas não foi desse jeito. Mas, eu me vejo naquele saco certinho, eu enxergo. E ... eu sempre digo pra mãe cuidar deles, e logo nós vamos nos encontrar. Eu falo bastante sozinho, sozinho mas eles me escutando, né.</p> <p>E: Você fala pra eles né.</p> <p>VA: E a mãe também. É isso.</p> <p>E: Tem alguma coisa que eu possa fazer por você VA?</p> <p>VA: Acho que não, não. Eu quero que você torça pra mim encontrar meus filhos pra me deixar feliz.</p>	<p>VA termina sua entrevista falando que está se sentindo muito mal, se sentindo morto. VA acredita que ninguém possa compreender o quão mal ele está. Ele relata que está morto como seus filhos. Ele discorre sobre como viu eles no IML dentro de sacos pretos, e ele se vê assim, dentro do saco preto, diariamente. Ele gostaria de ter morrido no lugar de seus filhos, porém não foi o que aconteceu. VA relata que fala pra sua mãe (já falecida também) para</p>	<p>Descrição de como se sente e seus desejos.</p>

	cuidar dele e que em breve todos eles irão se encontrar. Ele relata que conversa bastante com sua mãe e seus filhos. Ele pede a musicoterapeuta que torça para ele reencontrar seus filhos e voltar a ser feliz.	
--	--	--

Análise da Entrevista Final – ZI

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
<p>E: Entrevista com a ZI...vou deixa aqui do seu lado tá? É ZI , queria saber como que foi para você a tua experiência com grupo de musicoterapia...que a gente teve..</p> <p>ZI: Foi bom, trouxe recordações boas, como recordações ruins...</p> <p>E: Também, uhum..</p> <p>ZI: Mas...é foi bom! Eu gosto de música né...é ...foi assim, tinha momentos que eu não estava bem, não que eu não gostasse, mas é que tinha momentos que eu não tava me sentindo bem, mas foi bom, foi bom sim!</p>	<p>Ao discorrer sobre sua experiência no grupo de musicoterapia ZI relata que foi bom, trouxe recordações boas e ruins. ZI afirma que gosta de música, porém, haviam momentos em que não estava se sentindo bem e isso não queria dizer que não estava gostando da sessão de musicoterapia. Mas no balanço geral avalia sua experiência como boa.</p>	<p>Experiência positiva com o grupo.</p> <p>Música suscitou lembranças boas e ruins.</p> <p>Haviam momentos em que não estava se sentindo bem.</p>
<p>E: Uhum...Você podia me falar um pouco mais assim, do que era difícil com o grupo, e no que que era bom...o que exatamente, você achava difícil as vezes quando você não tava bem, o que que você achava bom...</p> <p>ZI: Assim, o que eu achava difícil era algumas situações que me fazia lembrar a minha irmã, é... me doía demais, a lembrança dela!</p> <p>E: Uhum...</p> <p>ZI: E algumas situações de música me fazia lembrar muito dela, então eu me desesperava...porque eu ainda não consigo aceitar a morte dela, então ainda ta doloroso para mim...mas assim... no mais tava tudo tranquilo...tava bem.</p>	<p>ZI relata que o que achava mais difícil no grupo era quando algumas situações a música a fazia recordar de sua irmã, trazia lembranças dela, e isso doía muito, a deixava desesperada porque ela relata que não consegue aceitar a morte da irmã. Esse tema ainda está muito doloroso relata ZI, mas que no restante era tranquilo.</p>	<p>Dificuldade no grupo: Lembranças da irmã que morreu.</p>
<p>E: Uhum...e o que que, por exemplo, esses momentos bons que você fala assim do grupo, o que que você mais gostava, o que que você achava mais significativo assim... do grupo?</p> <p>ZI: Assim... ah...assim as vezes as recordações boas que eu tive de quando eu era mais jovem né, lembranças de namoro...gostoso, que eu não tinha decepção né, antes de acreditar que o amor era verdadeiro né, então... ai depois que tudo virou desilusão, dai ficou difícil né! Mas assim, na inocência do amor verdadeiro eu me sentia feliz...eu me sentia bem... gostava de escutar, de lembrar... (Momento em que o gravador foi trocado)</p>	<p>ZI relata que os momentos mais significativos das sessões para ela eram as recordações boas de quando era mais jovem: lembranças de namoro, época onde não havia decepção, quando acreditava na inocência do amor verdadeiro. Nessa época ela se sentia</p>	<p>Momentos significativos : música suscitou lembranças de uma época em que se sentia feliz.</p>

<p>E: Então essa é a continuação da entrevista com a ZI. Você tava me contando de como te lembrava desse momento onde o amor era inocente, onde não tinha desilusão...</p> <p>ZI: É, sim...</p> <p>E: Então isso, o que você achou mais legal da musicoterapia, é quando a música te trazia essas lembranças</p> <p>ZI: Sim, as lembranças da inocência, onde eu me sentia muito bem, muito feliz...</p> <p>E: Uhum...</p>	<p>feliz. Ela relata que depois desse período tudo virou desilusão. ZI relata que gostava de escutar as músicas que a lembravam dessa época.</p>	
<p>ZI: E agora eu gosto de música, só que tem música que me trazem lembranças assim, dolorosa, tem outras que já me fazem sentir saudade, são variados os sentimentos, até as vezes eu fico confusa, acabo me perdendo dentro deles...</p> <p>E: Entendi...</p> <p>ZI: Então não sei assim, explicar totalmente, o que foi bom e o que não foi, mas assim, foi bom...foi bom!</p>	<p>ZI afirma que gosta de música, porém, algumas músicas trazem a ela lembranças dolorosas. Ela relata que a música a faz sentir sentimentos variados, como saudade e que por vezes até se sente confusão com tantos sentimentos e que acaba se perdendo neles. ZI relata que por isso não consegue delimitar bem o que foi bom e o que não foi, mas de modo geral avalia o grupo positivamente.</p>	<p>Música suscita sentimentos e lembranças.</p>
<p>E: tá... deixa eu te perguntar outra coisa. Você acha que essa oficina foi diferente das outras que você faz aqui, outras oficinas, terapia, é...o que você achou parecido, o que que você achou diferente...</p> <p>ZI: Na verdade musicoterapia eu só fiz aqui né...</p> <p>E: Uhum, mas aqui nas outras do CAPS mesmo que eu to falando, que você participa aqui no CAPS, o que que você achou parecido, o que você achou diferente...</p> <p>ZI: A diferença de outras terapias?</p> <p>E: É, Uhum...</p> <p>ZI: É que ela mexe mais com o sentimento, né... então para mim, eu achei que a musicoterapia pra mim, ela mexe mais com o meu emocional...</p> <p>E: Ah entendi!</p> <p>ZI: e as outras atividades, exercita um pouco a mente, é... ajuda a aprender outras coisas né, então é diferente, a diferença é o emocional!</p>	<p>Ao discorrer sobre possíveis diferentes do grupo da musicoterapia com outras oficinas ZI relata que a musicoterapia mexia mais com seus sentimentos, com seu “emocional”. Ela relata que as outras atividades exercitavam sua mente, ajudavam a aprender algumas coisas. A diferença então estaria no aspecto mais emocional.</p>	<p>Diferença: a musicoterapia mexia mais com seus sentimentos e emoções.</p>
<p>E: Entendi, uhum...e você acha que algumas das vivências que a gente teve durante o grupo, te ajudou na tua, enfim, na tua vida, no teu processo de recuperação, não sei se pode se dizer assim aqui do CAPS...</p>	<p>ZI relata que o grupo a ajudou a superar momentos que não conseguia lembrar. Mesmo sendo um processo doloroso ZI</p>	<p>Conquista: ajudou a superar momentos que não se recordava</p>

ZI: Sim, me ajudou, me ajudou sim. Me ajudou a superar momentos que antes eu não conseguia lembrar, mas...me ajudou sim, E: Apesar de em alguns momentos ser meio doloroso (risos) ZI: Sim. Mesmo com dor assim, eu aprendi que eu consigo vencer a dor, e mesmo contrariando meu ser, ainda eu senti que consegui vencer, a dor.	afirma ter aprendido que consegue vencer a dor.	mais e aprendeu que consegue vencer sua dor.
E: Entendi, tem mais alguma coisa que você queira falar? ZI: Não! E: Então tá, muito obrigada! ZI: Tá bom, obrigada você. E: Obrigada pela entrevista, por ter participado.		

Análise da Entrevista Final – MO

MO inicia a entrevista improvisando no violão

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico	Estrutura Geral
E: Escolhe uma então... aí a gente canta junto MO continua a improvisar e diz: Ah? É só () E: Eu não sei MO. Uma que você gosto, que a gente cantou, a gente canta de novo. MO continua a improvisar. MO: O que acontece é tocar violão... () E: (risadas) MO começa a tocar o violão e a cantar MO: Eu não sei a letra... Como é que é o nome dessa música? Eu não sei... E: Qual? MO continua a tocar e cantar. MO: Você já viu o Pearl Jam cantando essa aqui? E: Tô tentando reconhecer... MO: Só (Inc) uma vez. MO prossegue com a música. E: (risadas) MO: Todo lugar que eu vou... Deus abençoe, me desculpa M. M: Eu posso deixar assim? E: Pode deixar MO prossegue a música e fala: Sabe onde eu conheci essa música? E: Ah muito bonita. MO: Ela é forte cara. MO parou de tocar. MO: E a outra Mariana? Não tem palheta aí? E: Ah hoje eu não trouxe. MO inicia outra música (Nome da Música) MO: (risadas) Eu não sei o começo Mariana. Acho que por isso tá explicado... E: Ah? Explicado que? MO: (risadas) Não nada... MO toca uma cadencia de acordes e diz: É... (Inc) É um som bastante legal...	Interação inicial	

<p>MO toca alguns acordes e diz: Tem uma do Pink Floyd que é assim... É bem pra tua área, é no disco <i>The Wall</i> [?], no disco <i>The Wall</i>. Então ele é depressivo assim...</p> <p>E:É...</p> <p>MO começa a tocar a música e finaliza na introdução da música.</p> <p>E: Que bonito né? Essa entrada....</p> <p>MO toca algumas notas e diz: Só o começo assim... Legal né?</p> <p>E: Muito legal, ficou muito legal essa música.</p> <p>MO: E agora..(inicia alguns acordes) preciso pensar...</p>		
<p>E: O MO posso fazer a entrevista contigo?</p> <p>MO: Claro pode fazer... Cara, você tava gravando ali?</p> <p>E:Tava depois eu te dou... (risadas) a gravação....</p> <p>MO: Ah meu Deus...Cara...</p> <p>E: Sabe o que eu tava pensando MO? Eu pensei na hora que você falou que queria ouvir né você cantando. Aí... sabe o que eu posso fazer? Eu posso pegar alguns sessões, se lembra que você tocava no começo? O povo ia entrando, você ia tocando... Eu posso pegar uns trechos desses e fazer um CD pra você. O que que você acha? Não sei... CD ou MP3?</p> <p>MO: Não... Não precisa Mariana, não precisa... É...deixa assim mesmo. Só de saber que você tá com minha fala aí né e com o meu violão né...</p> <p>E: Ah... mas sei lá?</p> <p>MO: Se estudar muito, até pra saber alguma coisa.</p> <p>E:Nossa...</p> <p>MO: Vai dar trabalho pra você, vai dar trabalho pra você.</p> <p>E: Não... Eu vou eu vou tentar trazer pra K. Senão na outra semana... Tá, eu vou tentar... Vou ver se... é muito trabalhoso ou não... Mas acho que... acho que rola.. Eu pego algumas... não vou pegar todas.... assim...</p> <p>MO: Aham...</p> <p>E: Só pra você escutar... Você ficou com vontade ... né?</p> <p>Então MO posso começar a entrevista?</p> <p>MO: Ah... Pode, leva quanto tempo?</p> <p>E: O tempo que você quiser falar... (risadas) tá?</p> <p>MO: Tem a ver com o que essa entrevista?</p>	Interação inicial	
<p>E: É uma pergunta essa entrevista. Daí você fala o quanto quiser. A minha pergunta é... Como foi a experiência do grupo da musicoterapia pra você?</p> <p>MO: Como foi a experiência da musicoterapia pra mim?</p> <p>Ah... a partir de que você é uma pessoa muito simpática né...</p> <p>E: Quero ficar mais perto de você (risadas)</p> <p>MO:É? A partir de que você é uma pessoa muito simpática né Mariana? Você é muito legal, você é carismática né...</p> <p>Você vê que tem essa coisa assim de Deus... essa luz assim que você vê que irradia, né... né... Graças a Deus por existir pessoas assim como você. E.... eu adoro tocar né, eu gosto... na verdade né... eu quero tocar e cantar. Tem um repertóriozinho aí né. Mais ou menos aí dá pra dizer que eu tenho essa [?] musical aí.</p> <p>E:É verdade.</p>	MO ao discorrer sobre sua experiência no grupo de musicoterapia relata características da musicoterapeuta como simpatia e características carismáticas. MO também relata que adora tocar e cantar e diz que a experiência foi maravilhosa.	<p>Características da musicoterapeuta.</p> <p>Gosta de cantar e tocar, e diz que a experiência foi maravilhosa.</p>

<p>MO: Então pra mim eu não tenho o que reclamar, né. O que eu posso... eu acabei de entrar ... Eu fiz [?] esse nome aqui dentro.</p> <p>E: Você tá é com coceira na mão... [?] (risadas)</p> <p>MO: É então.... é maravilhoso. I é só isso aí.</p>		
<p>E: E assim é... como que foi pra você MO, por exemplo, tar no grupo e tem pessoas que tem relações muito diferentes com a música né?</p> <p>MO: É...</p> <p>E: Que a gente conversou já algumas vezes né? Como que foi pra você lidar com isso?</p> <p>MO: Como foi pra mim lidar com isso... é o seguinte... Eu to vivendo um período da minha vida que eu to, eu to tendo muitas descobertas e redescobertas assim. Agora mesmo eu tava ali, sentado naquele banco de madeira que tem ali.</p> <p>E: Aham...</p> <p>MO: E pensando na minha vida assim, né. Daí vem aquela frase daquela música de uma banda de muito tempo atrás. Viagem ao centro do ego, é...</p> <p>E: Ah...</p> <p>MO: Então... é a... Você... você encontra pessoas aí que você vê a essência da vida né. Você coloca os pés no chão né. Você... descobre que nem todo mundo gosta de berinjela, você adora berinjela, aí você pega e adora brócolis, aí você descobre que a minoria das pessoas gosta de brócolis. Então a música é assim. Eu achava que todo mundo gostava de música. No entanto é... é essas pessoas que vem aqui, essas pessoas que vem aqui . Aquela velhinha [?] não vou citar nomes, esse pessoal todo que vem aqui, que já é casado, separado, que já fez isso assim . Essas pessoas não são débil metal elas conseguem falar, organizar as ideias e tudo. Então a princípio quando eu entri nessa sala aqui e... eu gosto de música professora Mariana e não sei o que lá e tal tal tal. Eu vi a música aqui e já peguei o violão e comecei a tocar aqui , é por exemplo é ... The night , the sun.... Faz [] né agora aqui na terapia você descobre a cabeça dessas pessoas. Essas pessoas não são débeis, essas pessoas tem sua especialidade, um problemas. Elas são uma parte... né....ali no intelecto delas ali elas tem [?] bipolarismo, né, é esquizofrenia, tal tal tal. Então você descobre que essas pessoas são diferentes, as pessoas tem cabeças diferentes, as pessoas falam que não gostam de música. Quando eu ouvi eu fiquei de boca aberta. Na sua casa você não tem uma rádio assim... pra você ouvir... Na minha casa eu gosto de de... ficar fazendo as coisas na minha casa lá, ouvindo ... uhn puxa eu não suporto música, sabe? Então só desses que tem lá sabe... e olhe pra mim... tanto ter quanto não ter, sabe? Então pra gente que tem todos esses conteúdos quanto musical. Então você que já percebi né. Questão co tal... não é a toa que você vai fazer mestrado nessa coisa de música, você ama música e tem música no sangue. Então agora quando... não sei né se é assim que você pensa... Quando você encontra alguém que fala que não gosta de música, que não gosta de nenhum tipo de som, qualquer tipo de harmonia, qualquer tipo de harmonia omoda a pessoa... É impactante pra você. Poxa , algo tão maravilhoso,</p>	<p>MO relata estar em um momento de sua vida de redescobertas, ele relaciona esse momento a uma frase de uma música que diz de uma viagem ao centro do ego. Ele diz ter encontrado em algumas pessoas a essência da vida, e esse encontro o fez colocar os pés no chão. MO achava que todo mundo gostava de música, mas não foi isso que experienciou no grupo. Ele exemplifica sua experiência com o fato de que nem todos gostam de berinjela e brócolis quase ninguém gosta. Ele relata que as pessoas do grupo conseguiam falar, organizar ideia. Assim que ele entrou no grupo logo começou a fazer música. Mas na terapia ele conheceu as pessoas do grupo. Elas não eram “débeis” elas tinham problemas, como bipolaridade ou esquizofrenia. MO relata que descobriu que as pessoas são diferentes, elas dizem por exemplo que não gostam de música e isso o surpreendeu, pois ele relata que gosta muito de música e s escuta o dia todo. Ele busca relacionar seu ponto de vista com o da entrevistadora para tentar exemplificar o impacto dessa descoberta para ele. MO diz que diminuiu seu ritmo.</p>	<p>Perceber a diferença do outro foi impactante.</p> <p>Mudança de comportamento a partir de uma percepção das necessidades do outro.</p>

<p>tão espiritual, eleva o espírito tal. Então pra mim é algo assim que eu diminui o meu ritmo né. Eu diminui meu ritmo.</p>		
<p>MO: O WO , por exemplo, aquele cara né. O WO tem uma espécie assim, meio psicótico né meio psicótico né. Ele fica falando ali sozinho... t t t t t . De repente ele falou ah é... Vou pegar esse cidadão aqui (som de respiração pesada) Você vê só... que o cara mete o caralho, já começa. (MO começa a tocar no violão imitando-o) MO: E você que toca um pouco... no caso eu. E eu tenho essa sensibilidade pra capta quando a pessoa tem assim aquele dom pra música. Então são coisas chocantes né, e eu não sabia disso. E aqui dentro na instituição aqui né... Então... não tem o que falar aqui.</p>	<p>MO discorre sobre WO que, apesar de sua patologia, quando pega o violão toca muito bem. MO percebe seu dom para a música. Isso também o impactou.</p>	<p>Surpresa em ver as capacidades do outro.</p>
<p>MO: E foi gostoso tocar com os instrumentos aí tal e... e isso aqui só [?] a ela isso aqui... em mim em você para que a gente possa muito essa coisa... a música. Se desse pra viver só de música, isso aqui que eu passei você aqui. Essa experiência, isso só faz com que... que... que você tenha aquilo que comichão, que comichão assim do seu coração assim... que poxa porque que eu não aprendo mais, por que que eu não me aperfeiçoo mais. Poxa, eu tenho tempo ainda, tanta gente gostaria de estar sabendo isso e não sabe. Então é dessa forma. E:Aham... MO: Então você só vem a, você veio, você veio chamar minha atenção né. No caso, você né, eu participando dessa terapia aqui. No caso você veio chamar minha atenção, principalmente por Deus ter me dado esse talento, poder cantar, tocar E:Aham MO:Então você veio servir assim como alerta né. Que muitas vezes você tem... né... não tenho como falar, muitas vezes você... eu era feliz e não sabia, eu era feliz e não sabia só que depois que o tempo passou e você perdeu aquilo ali e você falo puxa vida ... eu tinha aquilo na minha mão. E:Mas o que você quer dizer com o que você tinha e você perdeu MO? MO: Não eu to dizendo assim... qual que né... o que causou impacto em você, o que mais de chamou a atenção é por saber que eu tenho todo esse amor pela música, todo esse apreço, né todo esse amor que tenho pela música, assim... E no entanto é ...quem sabe o que isso é ou não, como se chama isso... né, é um tesouro, é um tesouro isso é uma preciosidade, isso é, né, isso é uma arte. E:Uhum... MO: E... daí no entanto, você sabe que tem isso e que é possível você desenvolver. Agora se você não for atrás e não desenvolver, vai acontecer isso você vai falar...Puxa vida o tempo passou eu tinha 35 anos e só ouvia música, só ficava naquela ali e não corria atrás... e o tempo passou e agora eu to velho, e agora eu perdi completamente a motivação pra música né. Então, é... então é... é....Eu ... é é... isso aqui cura né [?], veio a fazer com eu goste mais de música, goste mais de música, continue valorizando o que eu tenho...</p>	<p>MO relata que gostou de tocar os instrumentos e imagina como seria viver só da música. Ele considera que essa experiência deu a ele uma vontade de buscar aprender mais música e se aperfeiçoar. Ele considera que tem tempo ainda e percebe que muitas pessoas gostariam de ter o seu talento e não tem. Ele considera que essa experiência de terapia veio lhe chamar atenção para esse seu dom. Ele percebe que se não começar a se aperfeiçoar agora irá se arrepender depois.</p>	<p>Vontade de se aperfeiçoar e viver só da música.</p>

<p>MO: e ... entivar né... entivar as pessoas a gostarem de música, né... porque música né alegre a alma. Deus gosta de música né. Pra quem acredita em Deus... no céu sempre tem música, o tempo todo...</p> <p>E:Uhum...</p> <p>MO: A questão do mal. Ontem ainda eu tava... ontem ainda... eu tava ouvindo o cara falar sobre a bíblia, sobre né ... a questão da bíblia lá que o mal, né... assistente de Deus... lá e tal... E... eu não sei onde é que é que tem uma parte lá, que diz que era o responsável por toda a questão de música e tal. Entende?</p> <p>E:Aham... E daí?</p> <p>MO:E daí o seguinte, e daí que... Mariana a gente tem que... pregar música para as pessoas, compreende? Insentivar as pessoas a gostarem de música...</p>	<p>MO relata que gostaria de entivar as pessoas a gostarem de música porque ela alegre a alma. Ele vula a música a sua religião dizendo que no céu sempre há música. MO relata que estava lendo na bíblia sobre um assistente de deus que era responsável pela música e diz que devemos pregar a música para as pessoas.</p>	<p>Quer entivar as pessoas a gostarem de música.</p>
<p>MO: e é lógico né, você com todo esse carinho pela música né, colocando esses instrumentos tudo ali... trazendo aquelas caixinhas bonitinhas e tal, saindo lá do teu carro, com aquelas coisas tudo nas costas trazendo aqui, você entendeu? É algo assim comovente, não tem como não se emocionar né...</p> <p>E:Aham...</p> <p>MO: esse carinho que você tem pela música né.</p>	<p>MO relata que o comovia observar o carinho da musicoterapeuta pela música. Ele descreve como todas as vezes que chegava ao CAPS retirava os instrumentos do carro e os arrumava na sala.</p>	<p>Características da musicoterapeuta</p>
<p>MO: E é isso aí.... E ontem mesmo, ontem eu tava lá perto de casa lá, ontem eu tava lá perto de casa, numa pracinha que tem lá, aí coloquei naquela educativa lá, aconteceu algumas coisas lá casa tal, e tava umas óperas lá, e aqueles cantos assim... sabe. Pra você vê eu coloquei assim o fone de ouvido, né aquelas vozes, aquelas harmonias assim... aquela música penetra assim no seu coração que você fica olhando os carros passando, a chuva caindo é... tudo que vi que você tá vendo assim, é entrar em harmonia sabe? Você olhas pros carros, eles tão caminhando da mesma cadência assim da música. A mulher cantando ópera Lá lá lá lala la lala ta tata e a chuvinha caindo assim. Então...a música é algo poderoso.</p>	<p>MO relata a como experiência a música que ouve. Ele discorre sobre como estava ouvindo música com seu fone de ouvido e sentia a música penetrar em seu coração. Aquela sensação entrava em harmonia com a paisagem ao seu redor, como se os carros caminhassem na cadência da música. MO diz que a música é algo poderoso.</p>	<p>Experiência a música de forma intensa e singular.</p>
<p>E:Aham... E a partir desse... é disso, desse comichãozinho que você falou assim, que começou a aguçar...</p> <p>MO:Que horas, que hora Marina?</p> <p>E:Ah desculpa eu não... Eu não tô cuidando do horário. Você tem ônibus né?</p> <p>MO:Não, não é por causa do ônibus, só pra saber que horas são.</p> <p>E:11:30. Você pode ficar mais um pouquinho, eu posso...</p> <p>MO:Pode pode... É que eu não quero...</p> <p>E:Se tiver com pressa...</p> <p>MO:Eu não quero é ficar meio piegas assim.</p> <p>E:Ah? Por que?</p> <p>MO: Ah, eu não sei o que é isso... Fica meio repetitivo</p> <p>E:Não, não tá repetitivo não.</p>	<p>MO relata que se preocupa com a duração da entrevista pois teme que soe piegas o que se torne repetitivo.</p>	
<p>E: Assim... pensando nesse comichãozinho assim... você parou pra pensar no que que você quer fazer com essa coisa da música na sua vida, MO?</p> <p>MO:Olha...</p>	<p>MO relata que seu sonho em relação a música é ter uma banda gospel. Ele relembra sua formação</p>	<p>Sonho: ter uma banda gospel.</p>

<p>E:Porque eu ando pensando muito, assim, no que que o CAPS pode te ajudar, para te encaminhar para algum lugar que se faça música, e as pessoas toquem juntos sabe? Eu queria sabe o que que você gostaria? Qual que é teu sonho com relação a música assim?</p> <p>MO:Calma Mariana , presta atenção no que eu vou te falar. A real dessa pra você [?]</p> <p>E:Por favor.</p> <p>MO:Eu sou de formação cristã evangélica, eu sou crente, é só você olhar pra minha cara você já vê Deus, essa crença em Deus, essa fé em Deus. Então eu cresci no meio da música, eu aprendi Dó, Ré, Mi, fá, Sol, Lá, Si com seis anos de idade. Cantava pra minha irmã, pra minha irmã... tocar, cantar sempre ali no arroz com feijão, mas tudo em cima tá tá tá tá. E no final os irmãos, glória a Deus e glorificava o nome do Senhor Jesus Cristo. Né, então eu ... meu sonho é ter uma banda gospel,</p> <p>E: uma banda gospel</p> <p>MO: um conjunto de Rock</p> <p>E:Sim... porque tem muita música evangélica de rock,né.</p> <p>MO:Resgate. Aham, Resgate, né tem o Resgate.... Aquele que sonda [?] morreu, interior...(cantando uma música da banda). Tem Oficina G3, né.</p> <p>E:Aham...</p> <p>MO começa a cantar</p> <p>MO: Na , na (Inc) não importa o tempo, quando estou com você, o medo, ele não pode entrar. Porque é impossível, os meus sonhos areiam ainda...</p> <p>Então, o meu sonho é cantar, né. Eu gosto muito de música, eu so viciado em música, eu so viciado em música, sabe...</p> <p>E:Eu vejo assim... Um negócio muito...</p> <p>MO:É o tempo todo. O problema é que eu não tenho grana.... né. Pra ser sero ... eu não tenho tanta, não tenho desenvolvimento musical, né. Lembra daquela frase que eu te falei, né: “Talento sem desenvolvimento é a mesma coisa que nada”</p> <p>E: Entendi, então você gostaria assim digamos... aula de música mesmo, pra aprender mais da teoria ...do...</p> <p>MO:É pra dar uma... pra dar...</p> <p>E:Crescer...</p> <p>MO:uma fermentada no meu conteúdo aí, que vai ver que é mais, ainda mais, mais além do eu posso saber, entedeu. Do que se eu fosse... Quando eu converso com alguém que realmente entende da coisa, muitas vezes você pega e despreza algo assim, né. O cara pega assim, ali um pedaço assim de ouro, só que o cara não sabe que aquilo ali é ouro, então o cara despreza.</p> <p>E: Ahn...</p> <p>MO: [?] Se encontrar alguém que olhe pra mim, e que..... lá.</p> <p>E:E.... eu tenho que...</p> <p>MO: fale.</p> <p>E:que... entendi, que enxergue essa tua relação com a música e que ajude a crescer nisso.</p> <p>MO: É... de eu... por exemplo, de eu ser... de eu ser negro, ah porque eu sou negrão, eu sou negro, não importa com aquele</p>	<p>religiosa em na música desde pequeno. MO discorre sobre como cantava para sua família no cotidiano.</p> <p>MO menciona o nome de algumas bandas de rock Gospel. Ele relata o quanto gosta de cantar e expressa seu desejo de se aprimorar na música. Mas diz que não o faz porque não tem dinheiro. MO relata que gostaria que alguém reconhecesse seu talento, mas teme que sua falta de conhecimento de teoria musical o prejudique no momento de entrar numa banda.</p>	
--	---	--

<p>cara ali. Eu ser negrão e gostar de cantar rock, gosto de cantar bem assim é.... né...estridente estilo seu [?] estilo Fred Mercury.</p> <p>E:É verdade...</p> <p>MO: Sabe que meu som é isso aí (22' 55''). Então meu sonho era cantar, mas só que não adianta ficar com [?]. Que chega uma hora que você encontra uma pessoa que fala... MO o que, que é aquela clave de sol lá. MO o aquele lá encima lá? Eu não sei. Você sabe o que é aquele ali? Não. Você sabe qual tempo está dizendo lá? Você sabe o que é $\frac{3}{4}$? Daí o cara pega e olha pra minha cara e diz: Só que no mínimo pra você fazer parte dessa banca aqui, que é de um pessoal que tem um nível assim mais [?]. Então você tem saber o básico, se você não sabe o cara fala pois é, você tem toda aquela vontade, você tem conteúdo, mas não tem o desenvolvimento.</p> <p>E:Entendi... aham. Mas sabe eu acho que já te falei isso MO, eu acho que se você começar a aprender teoria você vai pegar muito rápido. Você entende a música, você não sabe só o signo, mas isso você aprende muito rápido, você tem ouvido bom, quem não tem ouvido bom é que demora mais, entendeu? Como você tem ouvido bom eu acho que você aprenderia muito fácil isso, mas com certeza eu acho que você precisa de um professor, alguém que esteja com você ensinando</p> <p>MO:E é isso que você acha que o CAPs pode fazer pra mim?</p> <p>E:Eu acho que sim. Eu estava conversando com o pessoal a respeito disso, que eu achava que tipo, você poderia... a gente poderia... pensar em alguns lugares pra você fazer aula... E de graça eu acho que tem MO</p> <p>MO:Aham...</p> <p>E:Então a gente vai entrar em contato com a fundação cultural e falar do seu caso, falar que você tem muito talento e tem muita vontade de desenvolver seu talento.</p> <p>MO:Então no caso eu ia fazer aqui, ou?</p> <p>E:Você ia em outro lugar fazer, numa escola de música.</p> <p>MO:Próximo da minha casa?</p> <p>E:Eu não sei? Por quê? Você queria que fosse próximo da tua casa?</p> <p>MO: Ah...</p> <p>E:Seria bom né, mas tipo se fosse no centro, numa escola legal, você iria... O que você acha?</p>		
<p>MO: Porque pra mim tem que ter muita paciência Marina</p> <p>E:Não... Mas sim... Vamos pegar uma pessoa legal... uma pessoa legal.</p> <p>MO:Eu tenho... um sobrinho meu falou assim... “Oh, tio oh, não existe gente burra, gente idiota, é que tem gente que tem facilidade pra aprender as coisas e tem gente que tem dificuldade, ce entendeu? Eu tinha, você ensina a coisa uma vez, eu já pego na hora, que usa uma fórmula, lá de equações, de número. A professora só passou uma vez, explicou uma vez, (Inc) olha eu to aqui... sabe tio, eu pego eu já resolvo no caderno e levo lá, e ela fala tá certo. Agora tem gente tio que é como você que tem dificuldade , você aprende...</p> <p>E:Aham...</p>	<p>MO relata que o professor que fosse dar aula para ele teria de ter paciência. Ele relata que seu sobrinho discorreu sobre diferença das pessoas que aprendem com facilidade e outras que tem mais dificuldade mas aprendem do mesmo jeito. MO acredita que em seu caso é preciso ensinar várias vezes para ele compreender o assunto, porque ele acredita que</p>	<p>Fala de suas limitações.</p>

<p>MO: Você aprende, mas a professora ensina muitas vezes, enquanto que pra mim ensina uma vez só, pra você vai ter que ensinar co vezes que sabe até</p> <p>E: Ah...</p> <p>MO: 15, 20 vezes, você.... Sabe, então eu sou assim...</p> <p>E: Tranquilo... professor é assim mesmo, tem que ter paciência</p> <p>MO: Minha... memória, minha memória é muito ruim.</p> <p>E: Mas cara, você toca um monte de música de cor, como que tua memória é ruim?</p> <p>MO: Não...</p> <p>E: Né, tipo assim tem um lado que uma memória tua que é boa?</p> <p>MO: Eu sou um cara que eu tenho dificuldade pra aprender...</p> <p>E: Não tudo MO, pode ser que tipo assim... ela tenha que te explicar várias vezes... Mais isso é o papel do...</p> <p>MO: Depois que a (Inc)</p> <p>E: Exatamente, isso é o papel do professor. Professor é um cara que tem paciência né... Isso não se preocupe é... Eu tenho certeza ...</p> <p>MO: Certeza, sabe o que que é isso?</p>	<p>sua memória é ruim e que te dificuldade de aprender.</p>	
<p>E: Então, eu vou junto com a equipe, a gente ta pensando junto nessas possibilidades. E eu queria escutar de você exatamente o que você quer. Entao, pelo o que eu entendi você quer aula de música e a questão da da de montar um grupo gospel, você acha que consegue correr atrás disso? Na tua igreja, tem um grupo? Como é que é isso?</p> <p>MO: Ah é... Tem, tem, é difícil.</p> <p>E: É difícil porque o grupo é muito bom.</p> <p>MO: É porque (Inc) santo de casa não faz milagre. Existe, não se você sabe disso?</p> <p>E: Ah, como é que é?</p> <p>MO: Não sei se é estrelas, entendeu? Acho que não é possível que você sabe disso</p> <p>E: O que?</p> <p>MO: Aonde você mora? Aonde você nasceu?</p> <p>E: Curitiba</p> <p>MO: Curitiba? Em que lugar de Curitiba você nasceu?</p> <p>E: água verde</p> <p>MO: Você nasceu ali mesmo?</p> <p>E: É.</p> <p>MO: Sabe então, porque no meu caso que eu sou cristão, essa coisa toda aí. É difícil a música que eles diziam ao lar [?]. Eu já me envolvi com música, umas duas, três vezes essa questão de banda.</p> <p>E: Tá...</p> <p>MO: Mas eu não sei, chega num momento que as pessoas falam... é sabe, não dá mais pra você ouvir. Eu canto bem, né, a questão do visual ali é só produzir, corremo atrás de grana e depois gravamos um CD que tipo...</p> <p>MO começa cantar: Sou, sou naves imperiais a serviço do nosso rei...</p> <p>MO: Faz o né... entendeu, qual outro grupo que eu poderia citar...</p> <p>E: Então...</p>	<p>MO discorre sobre suas experiências com bandas. Ele diz que chegava um momento em que os integrantes da banda falavam a ele que não podia mais participar. MO acredita que canta bem, mas que precisava de produção. MO relata que gostaria de encontrar pessoas que olhassem para ele e reconhecessem suas qualidades. MO começa a descrever como imagina uma banda dos seus sonhos, que faz evangelização com jovens usuários de drogas, ele imagina sendo o vocalista de um evento na Boca Maldita.</p>	<p>Relata necessidade reconhecimento.</p> <p>Descreve seu sonho de ter uma banda Gospel.</p>

<p>MO:Foi gravado em inglês... minha pronuncia... em inglês é boa. Mas só aqui, são musical cristã... elas são muito difíceis. Não sei se é o mal que age...</p> <p>E:Mas o que você acha difícil? O que que foi difícil na tua experiência.</p> <p>MO:Encontrar os caras que olhem pra mim... Pô, gostei desse aí, eu quero tocar o desse negão aí, eu quero esse cara aí no vocal, nós vamos. Você sabe como funciona, né? Esse mo...e... a banda que pede se vai cantar, se vai tocar o baixista aqui, o baterista aqui tal... eu aqui. E é o seguinte, nós vamos trabalhar... nós não vamos tocar pra dentro da igreja entendeu? Dentro da igreja vai ter o grupo de louvor da igreja. Chega aí ...</p> <p>MO começa a cantar: Cantar...vou mais que a neve...</p> <p>MO:Sim entendeu e daí tem o grupo de evangelhismo que trabalha mais os sentido de evangelizar pessoas assim...é adolescentes de 15, 16, 17, 18, pessoas drogadas, pessoas que é... pessoas que precisam de uma mensagem musical.</p> <p>E:Né, vocês...</p> <p>MO:Mas no estilo [?] , um cara mais descolado.</p> <p>E:Claro gosta de Rock.</p> <p>MO:Calçola toda rasgada aqui... tal</p> <p>E:E vocês vão e...</p> <p>MO:Bro aqui e tal e o cara ta fumando. Mas, só o cara tem tem o cara é voltado pra Deus. Entendeu? Então o cara ta saindo de isso aqui, o cara tá com o piercing na orelha, o cara tá com o cabelão todo pintado, tá com a calça rasgada, mas o cara tá querendo ir pra igreja. Então, nós vamos fazer um evento lá na Boca Maldita, então na Boca Maldita eles vão montar um palco lá. Eu sou o vocalista da banda, compreendeu? E daí eu tenho minha banda, baixista, guitarra, bateria, teclado e... nós vamos fazer música, nós vamos tanto trabalhar ... este é o objetivo, como você perguntou. Nós trabalhamos com música como Cover de bandas de Oficina G3 que já existe...</p> <p>E:Tá.</p> <p>MO:Resgate, tudo mais... e tal... Compreende? É... Covers de música de [?] do ... Love [?] love (cantando)...essa até que tem que fazer um outro arranjo, é... Third Day essa coisa toda...</p> <p>E:Ah...</p> <p>MO:Então a gente apresenta é... seis músicas compostas pelas pessoas da banda e gostam daqui, eu [?] faço um rascunho, jogo na mão do cara, aquele outro lá e compila tudo isso aí.</p> <p>E:Tá.</p> <p>MO: E daí...seis música escritas pela banda é... é... Farol... Farol Único, o renascer [?] por exemplo. Já, existia, já existia, já ouviu falar do sistema Hernandez?Ah, sabe?</p> <p>E:Não</p> <p>MO:Conhece? Renascer Prazi, o que é prazi? Prazi é... fale outro nome aí, fale uma banda aí. Oficina G3.</p> <p>E:Tá.</p> <p>MO:O nome da nossa banda é Oficina G3, então nós vamos fazer um trabalho, um trabalho, chama-se trabalho, um</p>		
--	--	--

<p>evento lá, na Boca Maldita lá, o MO vai ensaiar o vocal, o MO vai cantar três músicas cover do Resgate, ou do Regi Tanesi, lá e mais seis músicas compostas pela banda.</p> <p>E:Tá.</p> <p>MO:E eu sou o vocalista, então é esse o meu objetivo.</p>		
<p>E:E o... As bandas que você já teve MO dentro da igreja. O que que deu errado assim que que...?</p> <p>MO:Não, não. Eu nunca tive (Inc)...</p> <p>E: Mas, você já tocou na igreja?</p> <p>MO:Eu toco na igreja, né. Eu já toquei na igreja, mas na verdade não desenvolveu, na verdade eu nunca toquei, eu nunca toquei. Eu sempre estive ali, naquele, naquele calor da coisa... Sabe, sabe ali no calor... de chegar ...MO nossa, meu Deus, esse cara, esse negrão tem tudo no vocal, o que ele canta, essa música! Oh, canta aquela uma lá que fala assim, assim, assim...</p> <p>E:Daí você ia lá e cantava...</p> <p>MO:Oh, esse cara tem interesse.... Eu chegava e uá! Poxa, os cara vão vê eu dando tudo de mim aqui... Agora a gente vai monta um grupo e a gente vai tocar tanto aqui dentro da igreja como a gente vamo... a igreja, sair pra fazer um trabalho externo...</p> <p>E:Tá.</p> <p>MO:...por exemplo no CAPs no asilo.</p> <p>E:Sim... Aham...</p> <p>MO:... numa clínica pra drogados, vai então...</p> <p>E:E isso não rolava?</p> <p>MO:Nunca rolou, nunca?</p> <p>E:Porque as pessoas não estavam interessada em montar uma banda. É isso?</p> <p>MO:Não sei, é a questão que eu te falei. Eu acho que... Jesus uma vez falou assim... Jesus falou na na... bíblia tá escrito assim: Um profeta não tem honra senão na sua própria pátria. Já que estamos na semana da pátria. Um profeta não é bem recebido na sua própria pátria, um profeta não tem honra senão na sua própria pátria. Pra ele ser conhecido como profeta, pra ele surgir a vida, pra ele expandir, pra ele (Inc) arrebanhá um de nós ele tem que sair da pátria dele, ele tem que sair do meio daquele povo ali, no caso da minha igreja, lá, que me evangelizou, que eu cresci, que eu to lá nessa igreja até hoje. Eu tenho que sair daquele vínculo e ir para uma igreja longe dali. Conhecer pessoas completamente diferentes, mas só que eu não tenho essa condição.</p> <p>E:Ah?</p> <p>MO: Eu não tenho, porque eu precisava ter o início, mas como é que eu vou ter o início.</p> <p>E:O início é ter uma banda dentro da sua igreja,tá.</p> <p>MO:É... ter uma banda...</p> <p>E:Tá, deixa eu te perguntar uma coisa MO. E os adolescentes? Que adolescentes geralmente tem vontade, né de montar banda...</p> <p>MO:Tem, tem, tem...</p> <p>E: (Inc). Então, porque você não propõe na tua igreja, de repente um grupo de adolescente, onde vocês vão fazer música juntos?</p>	<p>MO relata que nunca teve banda na igreja, apenas tocou e cantou em alguns eventos. Mas nunca dava certo de montar uma banda. MO acredita que precisa procurar outra igreja para montar a banda, mas diz não ter condições para isso. MO não vê possibilidades de formar uma banda em sua igreja, por ela ser muito simples. Ele menciona um sujeito que vai dar começo a dar aulas de música e sua igreja. Mas MO relata que ficou afastado da igreja alguns meses, e nesse período ele voltou a fumar e beber e por isso ele não pode tocar, porque os instrumentos são sagrados e isso pode gerar consequências ruins.</p>	<p>Dificuldades de ter uma banda Gospel.</p>

<p>MO:Olha...</p> <p>E:E você ensina pra eles o que você já sabe?</p> <p>MO:A minha situação é assim oh ... é... tem um homem que vai dar aula na igreja, lá, o João, o rapaz que congrega lá, o filho dele nasceu a pouco tempo. Ele vai dar aula na igreja.. Só que eu me afastei da igreja</p> <p>E:Uhn...</p> <p>MO: Eu me afastei da igreja e fiquei co meses fora da igreja. Eu tô fumando, eu tava na igreja, mas daí eu comecei a pisar na bola, daí o mal conseguiu passar a perna em mim e eu saí da igreja. Agora eu tô retornando pra igreja. Na verdade tem um cara que vai dar aula, mas eu não vi o cara. O João, o rapaz que que que é... ministro de louvor, é ele que canta lá. Ele falô... tem um rapaz que vem todo sábado três horas aí dar aula.</p> <p>E:AHam...</p> <p>MO:Compreendeu? Mas só que lá não dá pra mim, não dá pra mim lá. Em termos, em termos assim de profissionais, em termos assim audaciosos de ver um projeto, assim não dá. Eles não sabem nada lá...</p> <p>E:Como assim? Não sabem tocar tão bem?</p> <p>MO: Não, não, lá não dá. A igreja que eu vou é muito simples, muito...</p> <p>E: Ah tá. E você já pensou em ter em...começar a frequentar só por uma questão musical, assim outra igreja maior, que sabe que tem uma banda, que tem esse tipo de coisa?</p> <p>MO: É mais... é o que to te falando agora. Como eu me afastei da igreja, como me afastei da igreja e... eu tô voltando agora. Então, nem tocar eu posso, porque eu tô fumando, sabe?</p> <p>E:Ah...</p> <p>MO:Minha igreja lá, é muito... como se chama aquela palavra lá? Ela é muito conservadora dos prípios de Deus e tal. Então a irmã falou oh, ela falou lá na frente, oh... Eu tava sentado no banco, ela disse assim: É porque eles estão fazendo barulho lá frente, pá, pá, na na nana. Daí daqui a pouco falô (Inc), daí a irmã falou : MO não pode, você não pode fingir aqui, que você está fumando...</p> <p>E:Ah...</p> <p>MO:... que você está bebendo, MO você está vindo pra igreja agora, MO (Inc) você está voltando agora. Então vocês não podem vir aqui e pegar os instrumentos santificados, que foram ungidos, que foram comprados e consagrados ... Vai dar até uma maldição na vida deles isso aí. Pode acontecer uma desgraça, já aconteceu na bíblia, pessoas que foram má com os utensílios sagrados, lá e pegaram o copo e levaram pra orgias, tal e daqui a pouco apareceu uma mão do céu e escreveu: Apesar do reino, fostes à balança, e foi achado de falta e [?] e certamente qual era essa mesma madrugada os persas e os não persas invadiram a região lá da Babilônia, levantaram calha misturaram sangue [?] vinho que tava...Entendeu?</p>		
<p>E:Então assim MO, eu vou pensar junto com o pessoal aqui um lugar pra você fazer aula, pra começa, né. Isso é uma coisa que você curtiria, né?</p>	<p>MO pede para que as aulas sejam individuais.</p>	<p>Sonho de cantar.</p>

<p>MO:Mariana, pra mim, seguinte... tem que ser meio particular, meio particular.</p> <p>E:Não... Tudo bem. Individual.</p> <p>MO:Individual.</p> <p>E:Individual, é isso?</p> <p>MO: Quando uma pessoa..</p> <p>E:Um professor pra você.</p> <p>MO:Oh, e daí oh, pra não ser desonesto com você eu vou também perguntar pro meu colega da igreja lá, qual que é essa questão do professor que dá aula. Sabe?</p> <p>E:Como assim?</p> <p>MO:Eu ouvi, ele falou: Oh tem um professor que vem três...</p> <p>E:Ah, você pensa em ter aula lá também?</p> <p>MO:É.</p> <p>E: Aham, acho que é possível. Tem nos dois lugares MO, aproveita, aproveita é uma coisa que você gosta tanto, que você quer investir, né, que é um sonho teu. Vai na aula aqui, vai na outra aula ali, vai (Inc)...</p> <p>MO:O que eu quero é sair cantar.</p> <p>E:Cantar, agora eu... Não tanto o violão, mas pra cantar, ok.</p>	<p>MO diz que o que quer fazer é cantar.</p>	
<p>MO: O que eu gosto o que eu acho que eu tenho capacidade de chegar, de um dia ter um palco assim... Porque eu sou crente, eu te falei, então é preciso né, entrar nuns trajes assim... meio esporte assim, pra agradar meio que as pessoas , pra não chegar também todo... e ir cantando : Glória, glória. Então tem que ser uma coisa com uma pegada meio gospel, Rock tipo André Baladão [?], essa coisa toda</p> <p>E:Legal</p> <p>MO:Bem legal.</p> <p>MO começa a cantar: Posso crer que um milagre vai... Tel el el (imitando as cordas de uma guitarra)</p> <p>E: Mas é alegria. Será, que não é legal você associar música com o cantar com o violão? Você toca tão bem.</p> <p>MO:Então, o meu sonho, o meu sonho é o seguinte ter baixo, bateria, guitarra solo, esse cara, o cara faz guitarra solo, eu faço violão, teclado, o outro cara faz teclado, bateria... e moças pra fazer um pega[?] vocal, e eu sou o vocal principal e só canto em algumas músicas, como essa que eu acabei tocar ali, que faz ...</p> <p>MO começa a cantar: la la lalalala</p> <p>MO: Com meu irmãozinho, começo a tocar aí de repente uma determinada autora da música vem a banda, pega e fica junto. Então esse é meu sonho...</p> <p>E:Aham...Então tá, MO, então é o seguinte, a gente vai pensar nisso na coisa da aula. Eu acho que também esse professor também pode te ajudar a entender um pouco como começa uma banda... na na... E você vai conversando com ele e tal né.</p> <p>MO:Sim, (Inc)</p>	<p>MO relata que para cantar tem que ir em trajes meio esporte devido sua religião. MO discorre um pouco sobre suas influências da música Gospel. Ele relata que seu sonho é ter uma banda para o acompanhar e ele fazer vocal solo.</p>	<p>Sonho de ter uma banda Gospel.</p>
<p>E:E...daí assim MO, só que tenha na cabeça, que é importante eles também, de você na cabeça que as coisas são difíceis mesmo, que as coisas levam tempo... não é daqui a dois meses que você vai ter uma banda que vai tocar na Boca maldita. Tem... e essa paciência eu acho que você precisa também, pra não desistir no meio do caminho, entendeu?</p>	<p>MO relata que irá fazer quarenta e dois anos e que não tem condições de bancar esse sonho sozinho. Ele confia em seu potencial, mas precisa</p>	<p>Relata necessidade reconhecimento e apoio.</p>

<p>MO:Sim.</p> <p>E: Você tem que, aquele negócio que a gente já conversou, perseverar, que nem toda a banda de rock, já escutou muito não na vida e tal. Mais ou menos assim, mas o que eu tava conversando com a equipe é isso, que eu acho que pra você seria legal começar a ter aula, começar a ver essas coisas sabe? Já que é um sonho teu, começa hoje.</p> <p>MO:Sabe, toda essa minha vida pregressa, sabe? Eu tô com quarenta anos, não tenho sacada assim de vó, eu tenho quarenta e um anos. Em dezembro, agora dia vinte e dois de dezembro eu faço quarenta e dois anos.</p> <p>E:Aham...</p> <p>MO:Entendeu?</p> <p>E: Então pronto, começa a viver teu sonho né MO.</p> <p>MO:Vou começar, só que é o seguinte, eu sou um cara pobre. Eu dependo do dinheiro do governo, recebo amanhã esse meu benefício, isso é o que eu consegui, entendeu?</p> <p>E:Aham, mas é isso MO, lusive a ... o papel do CAPs é justamente isso, de conseguir pra você encaminhar menos na rede que seja de graça e te ajude a manter você saudável mentalmente, né. Então que te faça bem, o mal de [?] te faz bem, entendeu?</p> <p>MO:Eu vou ver com calma isso aí.</p> <p>E:Aham.</p> <p>MO: Eu sei que é possível, sabe eu to colocando fé no meu capo, no meu taco.</p> <p>E: Sim.</p> <p>MO: Só que é o seguinte, eu boto muita fé no meu taco. Eu sei que eu canto bem, eu gosto de canta e se é... pensar em [?] bem o [?], músicas nacionais, músicas internacionais são legais, só que aqui eu preciso das pessoas...</p> <p>E:Sim...</p> <p>MO: Eu preciso do apoio das pessoas, eu preciso do entivo e eu preciso, como se chama aquela palavra lá, eu preciso da colaboração das pessoas.</p> <p>E:Aham...</p> <p>MO: Colaboração, eu preciso do empenho das pessoas, porque a a...banda ela deslancha, a banda ela arrebenta contudo quando todo mundo tem o mesmo nível de pensamento e objetivo. O nosso negócio, o nosso negócio é rock e roll é fazer [?] é fazer letra, é fazer música. E é o seguinte vamo contudo e vamo dá tudo de nós, vamo entrar pra arregaça, não vamo querer dar uma lá de...de Fred Mercur e nem querer dar uma de de de Jorge Maicon [?] notas sabe, não. Nós só queremos o limite da gente, vamos dar duro para o que Jesus Cristo merece. Não é essa filosofia, porque Jesus Cristo merece o melhor e a gente tem que mobilizar.</p> <p>E:Sim.</p> <p>MO: Porque as coisas estão difíceis e as pessoas precisam ouvir de Deus e tal. E nada de melhor que isso né, do que a música. Mas, só que, não adianta só eu pensar desse jeito. E eu penso assim desse jeito desde que eu nasci.</p> <p>E:tá. Mas assim MO, eu acho que é importante também...</p> <p>MO:Eu to aqui sozinho se limpando, assim...</p>	<p>de apoio, entivo e colaboração das pessoas, a banda tem que estar no mesmo pique, todos correram atrás de um mesmo objetivo.</p>	
---	---	--

<p>E:Eu acho que é... Eu acho que é importante também MO, nessa sua empreitada ir na cabeça que as pessoas não são iguais. Tipo aqui, o que você viveu aqui assim de putz as pessoas não são iguais...</p> <p>MO:Não...</p> <p>E:E ir com esse pensamento, que assim toda banda tem problema, toda banda tem discordância e isso é batata MO, todas, tá...</p> <p>MO: Eu sei</p> <p>E:Tem que ter paciência, tem que ter , eu sei que você tem o trivial, eu acho que teu pique é muito legal,mas você tem que saber conviver com as pessoas da tua banda também.</p> <p>MO:Marina, já aconteceu com você assim... aqui claro que não, que aqui né... É questão de você... a professora que tá aqui, você tá ensinando pra nós,né mostrando todo esse troço. Mas já aconteceu ter esse espírito? Você é uma pessoa assim autêntica, você é um pessoa extrovertida, aí de repente precisa ter um evento e as pessoas te colocarem, aqui tem que gerar, aqui tem que engatar, sabe? No meio de pessoas totalmente diferentes de você.</p> <p>E:Ah...</p> <p>MO:Sabe, então quebra as tuas pernas. Você fala poxa, eu não consigo fazer tudo isso aqui sozinho, tocar teclado, violão, baixo. Você entendeu? Tem que todo mundo ter o desempenho.</p> <p>E:Aham...</p> <p>MO: Sabe isso desmotiva você.</p> <p>E:Claro, claro.</p>		
<p>MO:E eu sou assim, entendeu? Eu sou assim, oh, eu sou desse jeito que você tá vendo aqui. Eu olho pra mim, eu analiso a minha vida, eu vejo que toda a minha família já casou, já teve seus filhos... bisneto. Eu sou o MO, o cara, o único que nasceu em Curitiba, todos nasceram fora, alguns nasceram fora do Paraná, outros aqui no Paraná mesmo. Mas só que lá no norte do Paraná, Nova Tebas é é... não sei quanto lá... Oúnico que nasceu em Curitiba fui eu. Então veja... é... eu preciso encontrar pessoas com a mesma garra, a mesma gana, a mesma sede de música que você vê, eu preciso encontrar pessoas como você, que olhe pra mim assim e fale: Meu Deus MO, eu vejo que você... que que você adora música. Cara, você só precisa encontrar aí mais quatro caras igualzinho a você, que tenham a mesma adrenalina que você. É aí que tá o lance, eu chego com tudo, eu te falei, voltamos ao início... Eu chego desse jeito, entendeu, então... Eu não sei se de repente é o fato das pessoas pegar e fa... Oh MO, não vai dar... meu amigo, tocou eu e ele, a gente tocou dois finais de semana junto eu, ficou [?] , mas eu , o seguinte, já fui lá várias vezes...</p> <p>E: Ah...</p> <p>MO: Ficou bem legal! O... você manda bem no vocal, po nossa aí... letra lá... hoje você fez um negócio assim meio parecido com Barão Vermelho, assim ficou legal... (MO está repetindo a fala do seu parceiro).Mas cara não vai dar, eu acho que não vai dar... Eu acho que eu entro com muita sede.</p> <p>E:Pode ser MO...</p>	<p>MO discorre sobre suas impressões sobre si mesmo, um cara que nasceu em Curitiba, o único que ainda não casou que não teve filhos. Ele considera que tem garra e precisa de pessoas que tenham a mesma garra e amor pela música, e que reconheçam seu potencial. MO se pergunta se ele não vai com muito entusiasmo aos ensaios das bandas que teve e que talvez isso tenha os afastado.</p>	<p>Sente-se a parte, fala da necessidade de pessoas parecidas com ele.</p>

<p>MO: Sabe... é aí que tá...</p> <p>E: As vezes eles acham que não dão conta né, dessa tua expectativa.</p> <p>MO: Exato.</p>		
<p>E: Então é importante você observar isso também...</p> <p>MO: Então é o seguinte Mariana... Mariana, esse esse é o meu sonho, esse é o meu objetivo e eu ... e eu vou lutar por isso até o fim, porque é algo que não tem como se livrar é... como se chama aquela palavra lá? É... algo que está inerente a minha vida.</p> <p>E: É uma paixão...</p> <p>MO: Não tem como arrancar isso da minha vida, é inerente, faz parte, então não dá.</p> <p>E: Sim...</p> <p>MO: Sabe...</p> <p>E: Claro, entendo perfeitamente. O que eu to te falando é assim, eu vi, eu vejo e assim você, o que eu tô falando pra equipe assim oh... é o sonho do MO, vamos ajudar ele nesse sentido.</p> <p>MO: No CAPS aqui, esse CAPS aqui oh..., esse CAPS aqui... me prejudica indiretamente, me prejudica... Na primeira vez que eu fiz uma terapia aqui, eu reclamei de uns barulhos lá perto de casa lá, que os vizinhos tavam me enchendo o saco lá. Daí falei pra um irmão meu que quando tinha as reuniões aqui no CAPS ele vinha aqui... ouviu o doutor falando, né, já quase (Inc) que tem aqui.</p> <p>E: Ah...</p> <p>MO: Que que aconteceu, ele chegou aqui numa dessas reuniões e pegou e deu umas reclamações aí, pro pro antigo Dr. Paulo Vagner.</p> <p>E: Ah...</p> <p>MO: Não sei se você conheceu? Sabe o que aconteceu, eu falei que tava ouvindo muito barulho perto de casa, lá e... a minha cama fica, tem uma parede aqui e a rua vira logo ali. Tava muita bagunça, tive que bater na parede lá, pra pará com a bagunça, porque eu... quando eu ia fechar o olho, as pessoas Ah.... (som de grito), hora que eu ia fechar o olho todas Ah.... (som de grito). Daí que aconteceu... eu contei isso pro meu irmão, daí chegou na reunião o meu irmão chegou aqui e distorceu tudo. Meu irmão pego e chegou aqui e falou: Oh, seguinte MO chegou reclamando pra mim que ele anda ouvindo vozes, que ele não consegue ouvir de noite, que ele dá umas porretada na parede lá. E o que aconteceu... o doutor ouviu e disse o seguinte: Ah é, ele tá ouvindo vozes? disse, Tá ouvindo pessoas no meio da madrugada? Meu irmão falou tudo errado pra ele.</p> <p>E: Ah....</p> <p>MO: Sabe quando o seu irmão, mas é rival. Ama o irmão, mas só que o irmão, sabe, pisa na bola com você. Aí, o.... falou pro Dr. Vagner e flagrou [?]: O MO ele, ele tá vendo vultos, tá ouvindo coisas que não existe, tá dando soco na parede, quando ele quer dormir, daí todo mundo faz Ah... daí acorda. Então quer dizer que ele vai dormir, quando ele vai dormir as pessoas ficam dizendo: Ah... e ele pega e bate</p>	<p>MO diz que esse é seu sonho, seu objetivo, a música é inerente a sua vida. Ele relata um ressentimento que tem com o CAPS. Uma vez seu irmão chegou no CAPS distorcendo um fato que MO tinha dito a ele sobre barulhos dos vizinhos, deixando parecer que ele estava ouvindo vozes. MO relata que sente que seu irmão é seu rival.</p> <p>Por causa disso segundo MO lhe foi aplicado um medicamento que deixou sua boca torta até hoje. MO associa isso a uma possível dificuldade em cantar na banda.</p>	<p>Fala sobre a falta de apoio.</p> <p>Reclama sobre o CAPS ter lhe dado um medicamento, sem necessidade, que lhe causou danos.</p>

<p>na parede? É isso aí? Daí o meu irmão falou: É isso aí. Ele armou pra mim e tinha uma banquinha na frente de casa... E:Ah...</p> <p>MO:E daí eu não sei o que aconteceu, que meu irmão pegou e chegou aqui e distorceu tudo. Aí o Paulo Vagner pego e me deu [?] e até hoje minha boca tá torta. E:É?</p> <p>MO:Quando eu tô conversando calmamente, né tranquilamente, ela é boca é uma tranquila, mas se eu começar a acirrar uma conversa, já pode perceber que minha boca já começa a fazer assim. E:É? Nunca reparei.</p> <p>MO:Você compreendeu? Então assim que eu digo... Como é que eu vou ser vocalista de uma banda com a boca, assim. E:Ah MO, não dá pra vê MO. É só você, você que tem essa... essa impressão, dá pra ver não. MO: Então é isso aí Mariana, oh. E:Mas, vamo no... eu vou falar com eles, a gente volta a falar...</p>		
<p>MO:Tô contando, é tudo isso Mariana. Mas, só que, sabe meu bem olha aqui oh. Eu so sozinho Mariana, sabe Mariana, sozinho sem apoio. Assim no sentido exato de pessoas que se interessem por música, patrocínio, entivo que olhem pra mim e falem: Poxa vida, esse negão aí, poxa... ele tem uma bagagem, ele tem um...um... um... uma pegada musical que a gente pode adaptar [?], a gente (Inc?) dinheiro, a gente (inaldivel) dinheiro, isso (Inc) e vai em sintonia. Eu penso assim, mas só que precisa de mais pessoas que pensem assim também. E:Aham...</p> <p>MO:Compreende? Eu preciso de mais pessoas que pen... que pensam assim né. Sem falar que eu sou curitibano,né, eu sou um dos únicos, um dos únicos na minha família que nasceu em Curitiba. Sabe? E:Ah...</p> <p>MO: E daí, é... vamo deixar que o L. [Inc]. Vou ver com ele lá, né. E:Veja lá no... co... na tua igreja. Eu vou falar com a equipe aqui pra conseguir aula, e... daí vocês vão conversando... Você com a equipe, lá na igreja... vai articulando isso aí, pra conseguir realizar teus planos, né. MO:Se Deus quiser vai dar certo. E:Que isso é o principal...</p>	<p>MO relata que é sozinho e não tem apoio, e que precisa de pessoas que se interessem para fazer música, para o patrocinar, que reconheçam suas habilidades. Ele relata que precisa de mais pessoas que pensam como ele.</p>	<p>Relata necessidade reconhecimento.</p>

ANEXO 7 - Transcrição das Sessões de Musicoterapia

Mt = Musicoterapeuta

[Inc] = Incompreensível

[?] = Não se sabe qual integrante fez a fala

1ª Sessão – 20 de Junho de 2013

Estavam presentes na sessão: LI, AN, RO e VA

Pesquisadora [P]: Agora vamo pra da RO? A... você quer O Sol ou Além do Horizonte? Qual...?

RO: Além do Horizonte.

P: Além do Horizonte? Tá, então vamo lá. Tá nessa pasta aqui.

[Mt procurando pasta. Grupo permanece em silêncio].

LU: Não é essa aqui?

Pois é, é essa, mas eu to tentando achar a cifra, a parte assim do violão sabe? Agora não to achando... será que eu vou saber de cabeça.

[Mt pega o violão e e tenta tirar a cifra de ouvido. Som da Mt tocando o violão, toca alguns acordes pausadamente].

P: Tá, vamos lá?

[Som de um acorde do violão. Mt tocando Além do Horizonte no violão e cantando. Alguns membros do grupo cantam juntos, não há como identificar quais estão cantando. O grupo acompanha a Mt]

P: Era essa RO?.

RO: [Inc]

P: Agora vamo tocar a do VA. Tudo bem aí VA?

VA: Aham.

P: Canta a sua agora tá?

VA: [Inc]

P: Sua [Inc]

P: Conhece essa LI? [Inc] Vocês que gostam de Nazareth, por favor, me ajudem tá?

[Mt começa a tocar "Love Hurts" no violão e a cantar, alguns membros do grupo cantam junto. Mt para de tocar no início da segunda estrofe].

P: E daí agora?

[?] Não sei.

[Mt dá risada]

P: RO, any hearth...

[Mt tenta continuar a música com a mesma melodia continuando com a letra seguinte].

P: Será que é assim.

[Mt continua cantando e tocando o violão].

P: E agora? [Risadas] VA você lembra dessa?

P: Você lembra dessa?

[?]: Não aprendi [Inc].

LI: Eu lembro dessa música, mas eu não sei canta [?]

P: Você lembra RO? Lembra?! Então tenta canta pra então, só pra eu pegar...

[Inc]

P: Mas você lembra como é que continua?

Mt tenta continuar a canção

P: Como é que é? Tenta cantar um pouquinho...

RO: Não sei

P: Não? E a parte do refrão? Essa é a parte do refrão essa que a gente cantou?

[RO balança a cabeça indicando que não].

P: Não também não consegue cantar a parte do refrão? Você também não lembra dessa VA?

[VA balança a cabeça indicando que não].

P: Não? Então vamos escolher outra pra vocês que a gente não sabe cantar... [risada], pode ser?

VA: Aham.

P: Pode? Ah... tem uma VA que tem é do a pasta do sertanejo que talvez você conheça alguma lá, [Inc]

[Mt entrega a pasta para VA].

P: Ó por exemplo esses sertanejos antigos você costumava escutar? Tipo Meninos da Porteira, ou tem Chico Mineiro.

[Alguém bate à porta].

P: Pode entrar.

P: É... Coração de Pedra, não sei se você lembra...

VA: Não lembro.

P: Estrada da vida
 [Mt canta um trecho da música].
 AN: Essa é bonita.
 P: Essa é bonita né? Tem Chalana... Qual você prefere VA?
 VA: [Inc]
 P: Então vamos Estrada da Vida já que a AN gostou? Pode ser?
 [VA acena com a cabeça que sim].
 P: Então vamo lá.
 [Mt começa a cantar Estrada da Vida e tocar o violão acompanhando. Alguns membros do grupo cantam junto].
 P: Lembrou dessa VA?
 [VA acena que sim].
 P: Lembrou?
 VA: Sim.
 P: Essa é das antigas né? [risadas] Né AN? Você lembrava dessa né?
 [AN acena com a cabeça que sim]
 P: Vamo ver outra aqui, agora... é... a LI escolhe um? Quer escolher um?
 [LI pega a pasta]
 P: Dá uma olhada aí.
 [LI procura]
 P: Gente, com óculos vocês conseguem ler? Com óculos? Consegue AN, consegue RO?
 [AN acena que sim].
 RO: Eu não sei ler.
 P: Ah, tá. Porque, sabe que eu ia pedir, pra você trazerem o óculos daí, é mais fácil vocês irem lendo né.
 P: To procurando O Sol pra gente.... [Inc] pra RO né?
 [Silêncio enquanto algumas pessoas procuram as músicas na pasta].
 P: Então vamo cantar O Sol enquanto você vai procurando LI, essa você nem precisa ler que você vai reconhecer.
 [Mt começa a cantar e tocar no violão a música O Sol].
 VA: Posso ir?
 P: Você tá querendo ir já? Que horas são? Nossa já são cinco pras onze né?
 VA: Não tem problema.
 P: [risada]Não pera aí deixa...
 VA: Senão eu tenho que pegar o próximo daí [Inc]
 P: Ah, entendi, tá, só deixa eu te pedir uma coisa pra você enquanto a gente canta essa tá? Deixa eu pear aqui. Segura aqui pra mim?
 [Mt pede para um integrante do grupo segurar a pasta enquanto ela busca o caderno para VA escrever antes de ir embora].
 P: Aqui você só, você é, [Inc] ou desenha VA, ou desenhar, ou você consegue sem o óculos
 VA: Eu não sei.
 P: Não? Então você espera um pouquinho, vamo cantar esse daí vamos lá fora e você me diz, tá?
 VA: Tá.
 P: Aí eu escrevo pra você. Vamos só cantar essa aqui.
 LU: É Como Zaqueu?
 P: É. [Inc]
 [Mt começa a tocar no violão e a cantar Como Zaqueu].
 P: Então gente, vou finalizar por aqui hoje, só vou pedir pra RO e pra LI ficarem só pra gente fazer uma entrevista rapidinho, tá? Terça feira a gente se vê. Vou pedir também pra você também AN uma coisinha antes de você ir embora e pro VA tá, beleza? Então a gente se vê na terça. Só um pouquinho. Só esperem um minutinho.

2ª Sessão – 25 de Junho de 2013

[Não há áudio dessa sessão, a descrição é do Diário de Campo]

Estavam presentes na sessão: LI, AN, RO, LU, NEI, VA, MO e HI

Esqueci de gravar a sessão. Iniciei a sessão explicando para LU, paciente nova, o que era Musicoterapia e a respeito da pesquisa. Pedi para o grupo aguardar a realização das entrevistas. Enquanto isso dei as pastas de música para que cada um do grupo escolhesse uma canção. Alguns não quiseram escolher. LI ajudou RO a escolher a música. Pedi para MO ajudar VA, que não havia trazido o óculos novamente. VA não escolheu nenhuma canção, então MO escolheu “Estrada da Vida” para ele.

Sai da sessão com a sensação de um começo “truculento” pois HI estava reclamando de muita dor, parecia não querer estar ali no grupo. LI não quis participar, saiu em um momento, mas ficou até o final. VA chorou quando cantamos “Chico Mineiro” e “Menino da Porteira”, o que demonstrou que apesar de parecer estar desatento ao que acontece no grupo ele está sim atento e é afetado por o que acontece no grupo. Nesta sessão ele mesmo escreveu no caderno, não precisei escrever para ele.

Enquanto fazia a entrevista com LU escutei que MO estava tocando o violão com intensidade alta e improvisando, utilizando diversas notas em um ritmo acelerado. Pensei que isso poderia estar incomodando alguns membros do grupo devido a experiências passadas com a mesma situação, na qual uma vez RO ficou bastante mal, começou a escutar vozes e disse que não estava bem. Voltei a sala e perguntei se estava tudo bem, direcionei também a pergunta à RO e ela falou que não estava bem. Pedi para o MO parar um pouco até eu voltar e ajudar o VA a escolher uma música.

Estou me sentindo incomodada com as disparidade das expressões, modos de ação na música, sensibilidades e necessidades diferentes. MO tem uma “energia” muito diferente do resto do grupo, ele sempre chega já disposto a tocar, pega o violão e começa a improvisar ou a tocar algum dos seus rocks favoritos. Sua expressão tem bastante intensidade e ele é bastante acelerado, tendo dificuldade em esperar o resto do grupo ou permanecer na velocidade do resto do grupo. Sua necessidade está em fazer música, enquanto que o resto do grupo em sua maioria está se acostumando novamente com a música, já que não tem mais tanto contato com a música. A música de modo geral para o restante do grupo é algo desconhecido, que dependendo da forma como for apresentada irrita ou perturba. O restante do grupo é bastante silencioso, e quando cantam o fazem com baixa intensidade. É preciso de agora em diante pensar em como acolher essa diversidade entre os [?]s do grupo, já que essa a realidade de grupos em CAPS. E penso que essa pode ser uma diversidade interessante a todos.

AN cantou e novamente nas músicas caipiras sua voz se projeta de forma muito mais intensa. Ela pediu “Chico Mineiro”. RO pediu “Amor Maior”, LU pediu “Menino da Porteira” e LU pediu “Você é assim”. HI dormiu durante parte da sessão. Quando mencionei a entrevista que havíamos feito ele não se lembrava. MO, RO, NEI, AN, MO, LU cantaram durante a sessão.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES:

LI: *Eu não estou bem hoje*

AN: *Saudade. O menino da Porteira. De cantar junto.*

RO: *Emoção. Violão.*

VA: *Saudade.*

NEI: *Que bom! To me soltando. O menino da porteira.*

MO: *Palavra: Paz. Música: Velha infância. Eu gosto de estar com você. Eu sou do meu amor e o meu amor é meu.*

HI: *Quero sair sem dor.*

3ª Sessão – 27 de Junho de 2013

Participaram da Sessão: AN, RO, ZI, VA, MO, HI, WO, RON, LU

MO tocando violão e cantando junto com o grupo Let it be. MO improvisa em cima dos acordes.

P: Ae!

MO: Ah! Agora saiu Mariana. E agora...

WO: [Inc]

P: Todo mundo já escolheu a música? Sim? Todo mundo? RO já escolheu? ãh?

WO: Eu também já escolhi.

P: Você também já escolheu? Que bom. Ah, tá aqui? Ah, entendi, legal. Então vamos começar com a da AN que ela já trouxe aqui. Posso pegar o violão? Se quiser pegar o outro, junta os dois, daí se quiser me acompanhar.

MO: Pega aí, então eu vou pegar, per aí.

P: Daí quem souber, canta junto né? [risadas] Vamo lá.

[Mt começa a tocar no violão e cantar É o amor. O grupo canta junto.

MO improvisa vocalmente durante a música além de cantar a letra].

MO: É! Bonita!

P: Vou fechar aqui, alguém se importa.

VA: Eu preciso ir embora.

P: Precisa?

VA: Preciso

P: Por que? Deixa eu falar com você então.

MO: Pega o violão aí cara.

WO: [Inc]

[Mt sai da sala para conversar com VA]

MO: Como é seu nome?

WO: WO.

MO: WO. WO. WO.

[?]

MO: Tá faltando uma corda nesse violão aqui.

WO: É inglês esse violão aí.

MO: É inglês esse violão? Que que tá escrito aí?

WO: Memphis.

MO: Memphis. É um lugar dos Estados Unidos né.

WO: É inglês é americano.

P: Tá ao contrário aí o MO.

MO: Calma to arrumando.

P: [risadas] eu já ia falar, [Inc] computador, vamo lá? Vou sentar aqui do seu lado.

[Sons do MO afinando o violão. Mt ajeita o gravador].

MO: Ah, vai gravar?

P: É to gravando. Agora vamo de Lulu Santos.

[Mt começa a tocar violão e cantar Assim caminha a humanidade. Alguns membros do grupo cantam junto].

MO: [Inc]

WO: [Inc]

P: Você quer ajuda aí pra afinar?

WO: Eu não quero, eu sei.

P: Eles colocaram uma corda a mais?

WO: Tá faltando uma.

P: Tá faltando uma?

MO: Tá faltando uma. Ah, vai dizer que o WO não consegue.

WO: Vai dar...

[?]

[Mt começa a tocar no violão e a cantar Chalana. Alguns membros do grupo cantar junto].

MO: Ah, vai WO. [MO falando pra WO tocar o violão]

WO: [Inc]

P: ãh?

WO: Sérgio Reis.
P: É, aham, é do Sérgio Reis essa eu acho essa.
MO: Almir Sater.
WO: Almir Sater né.
P: Pode ser, é um dos dois.
WO: [Inc]
MO: Ele toca umas viola, faz uns arranjo.
WO: [Inc] [risada]
P: Quer a tua antes que eu esqueça?
MO: Não, cante a minha aí.
P: Estrada da vida.
MO: Não, a minha já é uma outra aí.
P: Ah, já é uma outra, então você que vai tocar então...
MO: Ah não, eu quero que você toque
P: Se não quer?
MO: Ah, professora eu queria que você tocasse.
P: Tudo bem.
MO: Eu sei que você sabe
P: Vamo ver. Ah, eu acho que essa aqui dá.
MO: Mas cante bem bonito.
P: Tá [risadas] [Inc] Como é que começa essa? Eu lembro do refrão
MO: Você conhece ela?
P: Sim, mas não to lembrando do começo.
MO: Ela começa assim...
MO começa a cantar a música
P: Lembrei.
MO: [Inc]
Mt começa a tocar a música.
P: Me ajuda ein MO.
MO: Mas você tá com a letra aí.
P: Vem aqui perto.
MO: Não tem uma cópia? Ah, então eu canto e você toca. O que você acha?
P: Pode ser, pode ser, mas deixa eu ler junto senão eu não vou conseguir, coloca aqui, daí nós dois conseguimos ver, ah ou segura.
MO: Vou começa pela letra.
P: Pode começar.
[MO começa a cantar Let it be e Mt acompanha no violão, cantando junto algumas partes, alguns membros do grupo cantam junto].
MO: Agora o refrão!
MO começa a cantar o refrão, Mt o acompanha no violão e vocalmente.
MO: Daí no caso agora você faz tan, tan, tan [MO demonstrando como seguiam os acordes da canção. O grupo continua a cantar a canção/.
MO: Tinha mais uma aqui.
MO continua a final da música.
MO: O que é let it be?
P: Let it be é deixe acontecer.
MO: Deixa ser, deixa estar.
P: É isso aí. [MO dá risada].
P: Onde tá a AN?
MO: Mari-ana [Inc]
P: Tudo bem RO? Tudo bem? Você tá tão quietinha hoje, to te achando tão paradinha.
MO: Ei ei ei Mariana [Inc]
P: Só um pouquinho MO.
MO: [Inc]

P: Não, o RO tá aí tá bem, mas é que a RO tá meio paradinha hoje né RO? Tá tudo bem? [RO acena que não].

P: Não? O que que tá acontecendo? Você tá mal, tá se sentindo mal?

[Ela acena que sim].

P: a música tá ajudando ou tá piorando?

RO: Tá piorando.

P: Tá piorando? Você quer então dar uma voltinha lá fora e depois voltar?

[RO acena que sim].

P: Ficar um pouquinho em silêncio depois você volta? Já sei, vou pedir pra você ir ali na salinha do lado...

MO: Mas você tava escolhendo uma música Mariana.

P: Ah, a gente não cantou a sua...

MO: Porque daí a gente canta a música...

P: Vamo cantar a sua primeiro RO? O que você acha da gente cantar a sua primeiro?

RO: Eu não escolhi.

P: Você não escolheu? Quer escolher?

RO: Acho que sim

P: Acha que sim? Então tá. Você quer música antiga, você música do Nazareth, ou você quer Mpb?

[Sons de WO afinando o violão].

MO: Quer que eu afine o violão cara?

WO: [Inc]

P: Vou te ajudar a escolher uma.

WO: [Inc] Lá.

[Sons de WO afinando o violão].

P: Vou te falando o nome delas. [Inc]

[Sons de WO afinando o violão. MO ajudando].

P: Posso só tocar a da RO e depois vocês fazem uma juntos?

MO: Tá bom.

P: [Inc] Vamo lá.

MO: Vou ali pegar um...

P: Tá.

[Mt começa a tocar no violão e a cantar Aquarela num ritmo lento e com pouca intensidade].

[Inc]

P: RO como é que você tá? Me conta.

WO: [Inc]

P: O que que você quer, quer ficar aqui, você quer sair lá fora um pouco? Me fala o que você precisa.

RO: Quero sair.

P: Quer sair? Então tranquilo, RO sempre quando você tiver se sentindo mal assim você tem que me falar, tá? Tá bom. Pode sair um pouquinho depois eu vou conversar um pouquinho com você no final, tá bom? Pode ir RO.

WO: [Inc]

[?]: Que horas que acaba?

P: Já tá acabando. Vamo só acabar de cantar a música de todo mundo. [Inc] WO já escolheu?

WO: Escolhi.

P: Então vai lá, manda vê.

WO: [Inc]

P: Qual música você vai tocar?

WO: Engenheiros.

P: Engenheiros. Vou tentar te acompanhar, senão você manda a ver tá?

WO: Engenheiros do Havaí.

P: Vamo lá.

WO: Engenheiros do Havaí, é, o nome da música é, Engenheiros do Havaí.

P: Ah.

WO: [Inc]

[WO Começa a tocar no violão]

WO: Vamo cantar?

[Quando WO começa a cantar a articulação de sua voz é muito mais compreensível. WO toca as cifras e canta com precisão].

MO: Vai terminar!

[MO acompanha uma improvisação melódica final no violão de WO com a voz].

MO: Ah, é que a gente não canta muito bem a letra [risada]

P: Não, tava muito legal.

WO e MO: [Inc] [risadas]

MO: E tem aquela outra... Como que é aquela outra Mariana que fala assim é, é "Ei mãe..." Conhece?

MO: Fala uma outra aí que nós cantamos. Legião Urbana.

WO: Legião? Qual do Legião?

P: Vamo mais uma então [Inc].

WO: Qual do Legião?

MO: [Inc]

P:[Inc] Ah, beleza, te espero.

WO começa a tocar no violão.

MO começa a cantar Eu sei do Legião Urbana, WO toca no violão, a Mt também canta junto e mais alguns membros do grupo.

MO: Esse violão [Inc]

WO: [Inc]

P: Gente, agora eu vou pedir pra vocês escreverem no caderno, lembra aquele caderno que vocês escrevem?

MO: De novo?

P: Vai ser todo dia.

MO: Todo dia.

P: Todas as vezes. Inclusive hoje eu vou colocar é um post it na frente pra vocês colocarem os nomes de vocês na frente, se não tem que abrir um por um pra achar... Deixa eu [Inc]

MO: [Inc] Tem um guardião aqui hoje Mariana?

P: Sei lá.

MO: Deve ficar aqui né?

P: Não sei. Ó VO, estes tão em branco, vamos ver o resto do pessoal...

MO: Tá cheio de rádio aí, teclado.

WO: Quer pegar aí ou não?

MO: Não, pode tocar aí cara, manda ficha aí cara, eu to enjoado de tocar em casa.

WO: Tem violão?

MO: Tenho um violão da [Inc]. Mas tenho que colocar [Inc] Eu to enjoado de corda de aço.

WO: [Inc]

MO: Ah eu vou... Como é só as três de baixo que é de náilon eu vou comprar as três de cima.

WO: [Inc]

MO: Você é daqui mesmo WO?

WO: Eu sou daqui.

MO: Do Paraná mesmo?

WO: Paraná.

MO: Nasceu mesmo aqui no Paraná?

WO: Do Paraná, nasci no [Inc]

MO: Eu nasci no Nossa Senhora de Lourdes, e eu nem sei onde é que fica esse Nossa Senhora de Lourdes. [risadas]

P: Esse aqui é o seu MO.

MO: Esse aqui é do...

P: Aí você coloca seu nome, daí faz, só lembrando gente, vocês colocam daí então, um é... vou explicar aqui pro WO e pra ZI. Eu quero que vocês coloquem na primeira folha a data de hoje e coloquem uma frase, um sentimento uma palavra, uma imagem...

MO: E aqui eu coloco meu nome aqui nesse amarelinho.

P: E... o que vocês levam com vocês daqui... Tá? Alguma coisa que vocês... que tenha a ver com que a gente fez hoje que vocês levam daqui. Tá bom ZI?

ZI: Tá.

P: Eu já te dou uma caneta.

WO: [Inc]

P: Pois é... Deixa eu ver, todo mundo tá...

WO: Hoje é dia 27 né?

P: Hoje é 27 gente? 27.

MO: Pode ser de caneta ou de lápis né.

P: Você quer de lápis.

MO: Não pode ser de caneta mesmo.

P: Tá bom. Daí RO, qual que é tua palavra, frase, imagem... de hoje?

RO: Tristeza

P: Tristeza... só isso?

RO acena que sim.

P: Tem mais uma coisinha pra fazer. E qualquer parte da música que mais te tocou hoje?

RO: [Inc]

P: Aquarela? E o que ela fez você sentir?

RO: Liberdade

P: É... ZI e WO, vocês também colocam daí embaixo alguma coisa da música que vocês mais gostaram. Pode ser um instrumento, pode ser cantar junto, pode ser tocar o violão, pode ser uma música, qualquer coisa que vocês acharam mais significativo hoje.

WO: Uhum. [Inc]

P: Pode fazer desenho se quiser... o que vocês quiserem, daí só a parte da música daí vocês escrevem o que da música que vocês mais gostaram, mais gostaram assim, o que vocês acharam mais significativo, que as vezes por exemplo, a RO né, é, não foi o que ela mais gostou né, porque na verdade trouxe tristeza né RO, mas foi o que mais marcou ela hoje então foi o que ela colocou né. Então tá bom. E o HI vou perguntar pra ele agora... HI, HI,

HI: Hum?

P: Tudo certo aí? Tudo certo?

HI: Tudo.

P: Escuta HI, é a gente já tá acabando, e eu queria saber o que você leva com você hoje, da assim, dessa sessão, do momento que você tava aqui com a gente...

HI: [Inc]

P: Tchau ZI. [Inc] Tchau RO, até terça. Tchau AN, até terça, tchau LU. Ei espera, tenho mais uma pergunta, tem alguma coisa da música que você gostou HI? Ou você não...

HI: Música? Boas músicas.

P: Boas músicas? Vou colocar aqui então.

HI: Boas músicas

P: Vamos ver se quando você estiver com menos dor, você consegue aproveitar melhor né HI, por enquanto tá meio difícil ainda né... então tá bom, tá liberado já HI, tá?

HI: Uhum.

P: Até terça feira, tchau.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES:

AN: *Tristeza. Aquarela.*

RO: *Tristeza. Aquarela.*

ZI: *Emoção. Chalana. Lembranças.*

VA: *Saudade.*

MO: *Palavra: Confiança, Esperança. Frase: É o amor que deve regar as nossas vidas acima de tudo, amar à Deus a si próprio e ao semelhante.*

HI: *Livro de Jesus. Boa as música.*

WO: *Bom dia para todos eu estou no meu primeiro dia de aula e foi muito bom estar com vocês que passamos compartilhar mais e mais o quanto estivermos juntos um abraço do seu amigo de classe WO Filho Tchau Abraços* ♡ ☆ *Z W L K*

LU: *Eu levo uma paz. Lulu Santos Pais e Filho.*

4ª Sessão – 02 de Julho de 2013

Estavam presentes na sessão: ZI, HI e LU.

P: Hoje é dia... 2, terça-feira. É, tá certo [risos]. Deixa eu ver, vou pegar... vou deixar aqui no meio, será que as pessoas vão chutar?

[Sons da Mt arrumando o gravador no meio da sala].

P: Vou fechar um pouquinho aqui, vou deixar meio abertinho, pra gente começar.

[Sons da Mt fechando a janela].

P: Então pessoal, tudo bem? Tudo bem LU?

LU: Tudo.

P: Tudo bem RON?

RON: Tudo, tudo.

P: Então pessoal, é, vamos começar com as canções de novo? Pra gente poder conhecer um pouquinho de vocês e tal, [Inc], tem alguma canção que vocês tem escutado mais, ou tem ficado na cabeça.

RON: Eu já venho.

P: Mas a gente já vai começar a cantar RON...

RON: Mas eu já volto aqui, já volto.

P: Tá bom, vou te esperar ein... Te espero tá?

RON sai da sala.

P: Tem alguma música que vocês andam escutando mais ou que anda na cabeça?

LU: Eu nem rádio tenho, então nem ouço.

P: Aham. Mas na cabeça assim tem alguma?

LU: Tem aquela lá do Zezé de Camargo e Luciano, quando ele fala da carreira deles né, quando o filho querer asas.

P: Ah, é... no dia em que sai de casa.

LU: Aham.

P: Tá então vamo pegar essa aí então, essa é legal. E você ZI?

ZI: Hoje eu não to... hoje não to com vontade de escutar música [Inc]

P: Nem de escutar... mas assim... é de escolher música, ou de escutar música

ZI: Não to com vontade de escutar música.

P: tá então vamos fazer assim, a gente começa a tocar, se tiver te incomodando aí a gente conversa e vê o que faz... tá bom... vamo ver [Inc]. E você HI?

HI: Eu?

P: Tem alguma música que anda aí na tua cabeça, que você anda escutando? Assim em casa...

HI: Faz tempo que eu não escuto música.

P: É você comentou comigo. Mas tem alguma música assim que você tem alguma lembrança, assim que...

HI: A única que eu escutei [Inc], só um hino que eu escutei, um hino de Jesus.

P: Como que é esse hino?

HI: Eu não sei eu [Inc]

P: Aonde, na igreja?

HI: Na igreja, eles cantando lá, mas eu não lembro.

P: Se não lembra... É igreja católica, igreja evangélica?

HI: Não. Mundial do reino de Deus

P: Mundial. Ah essa tem bastante músicas, daí é difícil adivinhar... Você não lembra de um trequinho?

HI: Eu vi eles cantando, mas não sei, não lembro...

P: Não lembra nem de um trequinho...?

HI: Não lembro...

P: Então vamo começar com a música da LU e daí se você [Inc] porque a gente tá em três só né, daí a gente vai [Inc].

P: Você não quer sentar aqui do lado pra ler junto? Ou você sabe decor essa música?

LU: Aham.

P: Não sabe, quer sentar aqui junto?

LU se aproxima da Mt.

[Sons de cadeira arrastando. Mt começa a tocar violão e cantar No dia em que sai de casa de Zezé de Camargo e Luciano, em andamento lento e baixa intensidade. LU cantou junto com pouca intensidade].

P: Daí ZI, foi muito ruim?

ZI: Não.

P: Tranquilo?

[ZI Acena que sim].

P: HI e você aí? HI?

HI: Foi boa.

P: HI deixa te perguntar uma coisa, será que hoje você consegue ficar acordado na minha sessão? [risadas]

HI: To tentando... tomei um remédio agora as 9h da manhã.

P: Daí dá uma...

HI: É, o remédio é... [Inc]

P: Tá, mas tenta ficar acordado hoje HI, pra você poder aproveitar [Inc]

HI: Eu tento mas [Inc] eu tomo cinco, três de noite e três de manhã.

P: Então tá HI, eu vou...

HI: mas eu to tranquilo. Tô só com os olhos fechados aqui, mas eu tô ouvindo cê cantar. Eu to ouvindo.

P: Beleza. Escute... ZI você lembrou de alguma música com essa? Não, você lembrou?

HI: Canta um hino pra nós.

P: Qual hino você gosta? Um assim mais conhecido, porque daí todo mundo conhece, porque eu não conheço muitos hinos. Então ó, lembrei de uma, vê se você curte HI, aquela Como Zaqueu, você gosta daquela?

HI: Gosto de todos os hinos.

P: Você gosta LU, você gosta ZI?

[Ambas acenam que sim].

P: Vamo ver aqui. Quem quiser ler pode vir aqui do lado.

[Mt começa a cantar e a tocar no violão Como Zaqueu. O grupo canta junto].

P: Lembrava dessa HI?

HI: Lembro.

P: Essa foi boa?

HI: [Inc] vive cantando na igreja essa aí.

P: Agora uma você ZI. O que que você quer pra você hoje?

ZI: Não sei. Não to com nenhuma na cabeça hoje.

P: Alguém quer oferecer uma música pra ela?

LU: Oferecer?

P: É.

LU: Ai, tantas músicas que tem.

P: Pois é, muitas opções, muitas opções.

LU: Aquela do Zezé de Camargo e Luciano, No dia em que sai de casa, eu dedico totalmente ao meu filho.

P: É mesmo?

LU: Ele tem 19 anos graças a deus, e ele tá indo morar sozinho né, tem uma mentalidade graças a deus muito boa.

P: Aham.

LU: Então quando eu ouço em casa, tenho meu radinho velho lá, toca essa música, [Inc] eu digo pra ele, eu falo pra ele, porque é uma verdade né, filho quando cria asas ele quer voar, então aí

acaba sendo pro meu filho, entendeu? Ele criou asas e agora quer voar. Eu falo pra ele eu falo você tem tudo, né? Porque, que nem eu falo pra ele, a mãe carregou, a mãe ganhou, era pequenininho, não tinha dente, não tinha unha, não tinha nada. Agora que já tá bem encerrado quer sair voando. [risadas]

P: Verdade.

LU: [Inc] tem filho, vai prum bom caminho, essa música toca lá no fundo mesmo, né?

P: É verdade.

LU: Fio de cabelo vou dedicar pra ela então.

P: Fio de cabelo? Como que é essa?

LU: [Inc]

P: Você lembra do comecinho?

LU: Não. Ver uma outra, [Inc] que ela gosta. Aquela que a casa subiu do Padre Marcelo Rossi [Inc]

P: Você lembra?

[LU cantarola um pedacinho da música].

P: Ah, essa? Ai, eu acho que eu conheço mais ou menos. Então como é que começa? Cês lembram?

LU: Só não lembro o começo.

P: Vamos ver o refrão, partir do refrão, daí às vezes lembra.

[Mt começa a tocar no violão e ZI e LU começam a cantar Anjos de Deus do Padre Marcelo Rossi. O grupo não lembra muito bem da música mas vai aos poucos se lembrando - risadas]

P: Vamos de novo, vai lá [risos - o grupo recomeça a cantar desde o início]

P: Ah, já foi um trequinho bacana, legal.

ZI: [Inc]

P: Alguma outra LU?

LU: Não.

P: [Inc] HI?

HI: Oi.

P: Lembra de alguma canção?

HI fica pensando.

[ZI acha na pasta Mãe do Rick e Renner e pede].

P: Vai pensando aí, daí você me fala.

[Sons da Mt procurando uma música que havia sido pedida].

P: Você me ajuda nessa que eu não lembro muito bem. Eu lembro do refrão. Me ajuda aí. Vamo lá.

[Mt começa a tocar no violão e a cantar junto com ZI Mãe do Rick e Renner. Iniciam devagar para lembrar da melodia - Risadas]

P: Como é que é O refrão cê sabe, né, ZI?

[Continuam tocando e cantando com algumas paradas para lembrar da melodia].

ZI: Ela é bem bonita. Minha filha cantou para mim no dia das mães [Inc].

P: É mesmo?

[Mt começa desde o início novamente a música].

ZI: Ela é muito linda.

P: Eu conheço algumas partezinhas dela, as outras... tem que improvisar [risos].

ZI: Muito bonita a letra dela.

P: E você RO como tá hoje?

RO: To bem.

P: Tá bem?

RO: Aham

P: Quer escolher uma música? Tem alguma música assim que você anda escutando ou que você que vem assim na cabeça de vez enquanto

RO: Não.

P: Não. Não consegue se lembrar de nenhuma

RO: Não.

P: É? Hmmm... [Inc]. Quer que eu fale algumas letras e daí você escolhe?

RO acena que sim

P: Quer? pode ser? Que estilo que você quer ouvir, que você prefere?

RO: Caipira

P: Caipira, música antiga? Tem aqui Menino da Porteira, Chico Mineiro, Coração de Pedra, Chalana, Estrada da Vida, Um violeiro toca, Minha Viola, Tocando em Frente. Oi VA.

VA: Oi.

P: Bom dia.

VA: Bom dia.

P: Assim, quando eu falo assim, você lembra da música ou você quer que eu cante assim um pedacinho.

RO: Cante um pedaço.

P: É, então vamo ver.

VA: Saímos só agora lá do salão agora.

P: Pois é, será que o resto do povo tá descendo VA?

VA: Não sei.

P: Será que o pessoal? Bom, vamo esperar mais um pouquinho né, enquanto não descer. Todo mundo já saiu?

VA: Eu já tenho que ir, porque eu vou na acupuntura.

P: Mas que horas são? São quinze pras onze. A gente termina as onze, pode ser VA? Só pra você ficar um pouquinho.

VA: Quinze pras onze chego 10 minutos pra meio dia, daí quinze pra uma já tenho que sair.

P: Tá. Uhum. É... então, vou falando o sertanejo aí e daí vocês escolhem tá, se você quiser escolher alguma daí uma VA, daí você me fala, Ah eu gosto dessa, tá bom?

[risada]

P: Menino da Porteira é aquela [Mt cantarolando], Chico Mineiro é aquela [Mt cantarolando], Coração de Pedra eu não sei bem como é que se canta, Chalana é aquela [Mt cantarolando].

RO: Essa.

P: Essa? Vamo lá então?

[Mt começa a tocar no violão e a cantar Chalana. Alguns membros do grupo cantam junto].

P: Era essa? É? Legal. Você quer escolher uma hoje VA? Pode ser?

VA: Não, pode escolher.

P: Você não quer escolher uma? Dessas antigas, música caipira. Você gosta de música caipira

VA? Gosta? Desses estilo assim

VA: Gostava

P: Gostava né. Você gostava desse tipo de música? É? Então vamo escolher uma. Será que você... Topa escolher uma? Eu vou falando e daí você fala se você conhece? Pode ser? Que que você acha? Se me fala se você não quiser, tudo bem.

VA: Eles escolhem.

P: Eles escolhem? Beleza. Então AN fala uma você. Assim hoje a gente tá, é, eu li pra RO que ela tava com mas a gente começou tentando lembrar de uma música, assim uma música que

AN: No dia em que sai de casa.

P: Nossa a gente cantou essa agora, juro, vamo lá, cantar de novo, essa foi a primeira que a gente cantou, coincidência né... A gente cantou essa. Você conhece essa VA? Do Zezé de Camargo e Luciano.

VA: Não to muito lembrado.

P: Vamo ver ó. [Inc]

P: Vamos ver, ó. Cê vai escutar daí cê me fala se lembra.

Aparece uma funcionária do CAPS para pegar a chave da sala

[?]: Dá licença.

P: Aham. Tá aqui.

[Mt começa a cantar e o tocar no violão No dia em que sai de casa. Alguns membros do grupo começaram a cantar junto].

P: Essa tá na top 10 hoje. [risadas]. VA lembrou de alguma música com essa?

VA: Hmmm, mais ou menos.

P: É? Lembrou de alguma? Não, mas essa aqui você conhecia?

VA: Nem me lembrava mais.

P: É. Essa é das antigas né. E você lembrou de alguma?

VA: Não.

P: Não? Deixa eu ver... ainda dá tempo. Alguém lembrou de alguma?

LU: Panela velha.

P: Ah, panela velha... deixa eu ver se eu tenho aqui, mas se não tiver acho que até consigo... começa como?

LU: Nessa casa tem goteira... não não é...

[Mt começa a tocar no violão e a cantar esse trecho. O grupo tenta lembrar do início da música. Mt começa a tocar no violão e a cantar Panela Velha. Parte do grupo canta junto. Faz-se uma parada depois do refrão porque o grupo não lembra do resto da música. Aí então a Mt emenda com o trecho da música que LU havia lembrado da música Pinga ni mim].

P: Qual que é aquela que você tava cantando.

LU: [Inc]

P: Pinga ni mim.

LU: Nessa casa tem goteira.

[Mt e LU começam a cantar Pinga ni mim, a Mt tocando no violão].

P: Lembra dessa VA? Essa também é das antigas.

LU: É tudo música antiga que termina deixada de lado [Inc]

P: É pois é, mas quando a gente canta a gente sempre lembra né.

LU: Cê sabe alguma do Barreirinha?

P: Barreirinha?

LU: Aquele que compôs aquela música “Avião maldito”.

P: Avião maldito? Como é que é essa?

LU: Eu não lembro. Tenho um CD em casa. E do Milionário e José Rico, tem alguma?

Ah, José Milionário e ... como é que é?

LU: Milionário e José Rico.

P: Milionário e José Rico, essa eu acho que eu tenho. Ah, é essa Estrada da Vida é do Milionário e José Rico né?

LU: É. Nessa longa estrada da vida... [Cantarolando]

P: Vamo essa daqui, pode ser? Pessoal topa? Topa, topa? O HI topa. [risadas]

[Mt começa a cantar Estrada da Vida acompanhando com o violão, alguns membros do grupo cantam junto].

P: Mais alguma?

VA: Eu preciso ir.

P: Calma aí você ficou só um pouquinho. Já deu 5 pras 11.

ZI: Daniel

VA: SA demorou.

P: Pois é vou falar com o SA.

ZI: Daniel

P: Tá bom só um pouquinho. Vamo cantar essa aí, eu só vou dar esse caderninho pra você anotar, tá? Lembra né VA, qual era o esquema do caderninho né? Lembra?

VA: Eu me lembro. Tem que escrever?

P: Precisa. Você consegue, tá com o óculos aí? Quer ajuda eu te ajudo.

VA: Não, não preciso o óculos, eu vou...

P: Você consegue? Você escreveu seu nome na frente?

Sons da Mt procurando o caderno de VA.

P: Aqui. Lembra né, uma palavra, uma frase, que, assim mesmo pode ser VA, que você leva com você e daí a parte da música que você mais gostou, e que você, não que mais gostou, que foi mais significativa assim, que você quer anotar aí. Qual foi a do Daniel que você pediu?

ZI: Pra ser feliz.

P: Pra ser feliz? Como é que é?

ZI: Pra ser feliz do que que o ser humano necessita... [cantarolando]

P: Alguém lembra dessa?

LU: Eu não.

P: Vamo lá, vamos nós duas então.

ZI: Eu não sei [Inc]

P: Ah, vamo a parte que a gente sabe. Conseguiu aí VA?

VA: Uhum.

P: Tá bom, muito obrigada...

VA: Eu sempre vou escrever a mesma coisa.

P: Tudo bem. É... então nos vemos na quinta, tá VA? Até.

VA: Tá.

P: Tá bom? Tchau.

VA: Tchau.

P: Vamo lá, Pra ser feliz...

[Mt começa a tocar acordes no violão para acompanhar ZI cantando].

P: Como que era o nome mesmo?

ZI: Pra ser feliz.

P: Pois é, essa, nunca nem ouvi essa...

ZI: Qual que você ouviu?

P: Do Daniel?

[Sons da Mt procurando canções na pasta].

P: Tem Dengo, Quando um coração se apaixonou, Meu reino encantado, Meu pai.

ZI: Meu pai então

P: Você lembra dessa?

ZI: Não.

P: Ixi Maria, alguém lembra dessa Meu Pai do Daniel, não? Começa assim, vê se você se lembra ZI.

[Mt começa a cantar. ZI acena que não].

P: Ó, então deixa eu ver uma que eu sei... Essa meu Reino encantado vocês não conhecem? Essa parece que o pessoal conhece...

[Mt começa a tocar os acordes e a cantar a letra pra vê se alguém conhece].

P: Lembra dessa LU?

LU: eu não lembro dela totalmente, não.

P: Você lembra gente?

[Mt volta a tocar os acordes e a cantar a letra pra vê se alguém conhece].

P: Alguém pensou em mais alguma outra?

LU: Leandro e Leonardo Vento no portão.

P: Dentro do portão?

LU: Vento no portão.

P: Vento no portão.

LU: Uhum.

[Sons da Mt procurando a canção na pasta].

P: Vento no portão... É, não, não tem. Não tem muitas assim... Tem só algumas. Você lembra como que é? Preciso assim de uma internet aqui, daí a gente digita lá e baixa na hora e daí a gente lembra, porque...

ZI: Da Paula Fernandes, tem alguma?

P: Tem aquela... como é que é... a Paula Fernandes tem umas músicas bonitas né. Você lembra de alguma específica?

ZI: Pássaro ferido.

P: Ah, Pássaro ferido. Acho que essa a gente consegue fazer até sozinha. Como é que começava?

ZI: Não sei.

P: Não sabe? Essa aqui você conhece LU? Como é que começa?

LU: Pássaro ferido.

P: É.

LU: Não sei.

P: Você lembra, RO lembra?

RO acena que não.

P: Como é que é ZI que começa?

ZI: Não sei.

P: E o refrão você lembra?

ZI: Também não.

P: Você lembra LU?

LU: Não.

P: Essa tá na ponta da língua e eu não lembro. É essa eu não tenho. Sou pássaro ferido [cantarolado]

[Mt lembra de um trecho da música e tenta cantar e acompanhar no violão].

P: Sou pássaro ferido... [cantarolando e tentando tocar] Uma coisa assim não é?

Vou trazer na próxima. Essas aí que vocês estão falando eu trago na próxima, tá? Mais alguma, que talvez vocês querem? Vamos cantando, gente. Uma hora a gente encontra uma que todo mundo lembra. RO lembra de alguma, não?

LU: Rick e Renner, aquela de Nossa Senhora Aparecida.

P: Aquela Nossa Senhora... [cantarolando]

HI: de Aparecida.

P: Ai, não me lembro dessa. Ai essa eu não sei. Do Rick e Renner tem duas só, e não é, é Filha.

[?]: Filha? Filha eu não lembro.

[Silêncio].

P: Tem Mãe, do Rick e Renner. É, não tem. É, não tem.

P: Mais alguma, pessoal? HI, quer escolher uma? Não?

HI: Não. Tá tudo bom.

[?]: A M. não está por aqui?

P: Não. Gente, alguma então, é...

LU: Chitãozinho e chororó, Fio de cabelo.

P: Pois é, como é que é essa Fio de Cabelo? Eu não lembro dela. E às vezes a gente consegue, mesmo que não tenha aqui, a gente consegue cantar junto, né? Mas essa eu não, não lembro. Ana, cê lembra de alguma? Não? Eu vou falando então daí vocês escolhem uma pra gente finalizar, tá?

LU: A partir dessas que a gente tava falando, Colcha de retalhos.

P: Qual que é Colcha de Retalhos?

LU: Colcha de retalhos é do... Teodoro e Sampaio, né? Colcha de Retalhos.

P: Como é que é?

LU: Ai, eu não sei. Eu lembro das músicas mas não sei.

P: Você é boa de título, né? [risos] Você lembra do título, do autor. Pior que essa aí também não tenho. É, tem Minha Viola; Lá do Fundo do Coração, do Teixeira; Meu velho pai, do Teixeira; Filho adotivo... Essa eu conheci faz pouco tempo [cantarola um pouco], Guardei minha viola; vocês falam qual vocês gostarem, tá? Um violeiro toca, aquela Quando uma estrela cai no escurão da noite, e um violeiro toca suas mágoas [cantarola]. É... Beijinho doce: Que beijinho doce que ela tem... [cantarola]

LU: Que beijinho doce é bom.

P: É boa essa? Pode ser? Então vamos lá.

[Mt começa a tocar no violão e a cantar Que beijinho doce. Alguns membros do grupo cantam junto].

P: É isso pessoal, vou pedir pra você anotarem num caderninho antes de ir, tá? Peguem o caderninho.

LU: Por que que tem que anotar num caderninho?

P: Então, essa é na verdade não é uma coisa que eu faço em toda a Mt, mas como eu to fazendo a minha pesquisa, um jeito, até não sei se eu te expliquei, LU, é que eu fui explicando pingado, aí eu nem lembro. Mas perguntem quando tiverem dúvida. O caderno pra ajudar a minha pesquisa a entender assim o que da sessão vocês mais gostaram ou o que mais fez sentido, assim. Então por exemplo eu peço pra vocês colocarem uma palavra, uma frase né, de como vocês estão saindo da sessão, o que que mobilizou em vocês, as vezes vem uma frase, as vezes vem uma história, as vezes vem uma imagem, e fica aquilo com vocês, né? E, uma parte musical, então assim o que que de musical mais... mais chamou atenção assim né, o que que

vocês mais vão ficar com aquilo na cabeça, e com o passar no tempo eu vou vendo o que que ajudou vocês, o que que fez mais sentido na sessão, sabe? É mais pra isso. Tá bom? Deixa eu pegar aqui... ZI, HI, esses aqui tão sem nome... Ó HI [entregando a caneta]. Você colocou a data de hoje. Coloca a data, uma palavra que você leva hoje com você e uma parte da música que você mais gostou, que fez mais sentido. Hoje é dia 2 né? Tchau ZI até quinta. RO, com o que que você vai hoje? Uma palavra, uma frase, uma imagem... Pense assim que que você leva daqui hoje, da sessão.

RO: Emoção.

P: E que emoção é essa, você consegue?

RO: Emoção de lembrar.

P: Lembrar da sua família ou de um familiar específico?

RO: lembrar de um familiar.

P: Tá, “Lembrar de um familiar”.

[?]: Que dia que é hoje?

P: Hoje é dia 2. Tá, e da, e da música?

RO: Da mãe.

P: A do... Do Zezé de Camargo e Luciano? O dia em que eu saí de casa... [cantarolando] É essa?

RO: Não.

P: Ah, tá... Aquela é a mãe do... Tá eu sei qual que é... Depois eu anoto ali.

HI: Eu coloco aqui aquela música [Inc]

P: Do... do Zaqueu?

HI: Do Zaqueu. Eu gostei daquela.

P: E escuta, HI, o que que você...

HI: Ah, eu não sei o dia hoje.

P: Ah, tá, é dia 2. É, com que que você sai daqui hoje, HI? Assim uma palavra, uma frase, uma imagem, um sentimento... Qualquer coisa assim.

HI: [Suspiro] Zaqueu...

P: O que que você vai levar com você?

P: Obrigada, RO, até quinta.

RO: Até quinta. Tchau.

LU: Deixo aqui em cima?

P: Pode deixar, LU. Obrigada! Tchau, LU, até quinta.

HI: Saio daqui tentando ter uma boa memória.

P: Hein?

HI: Saio daqui tentando ter uma boa memória.

P: Tentando ter uma boa memória.

HI: É.

P: Aham. Legal.

HI: Tá. Tchau.

P: Então tchau, HI, até quinta.

P: Até quinta.

Tudo bem, RO, com você?

RO: Tudo.

P: Então tá bom, tá liberada já. Até quinta, RO.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

RO – *Emoção: lembrar de um familiar, Mãe*

HI – *Zaqueu. Tentando ter uma boa memória*

AN – *Lembrança: No dia que eu sai de casa*

ZI – *Saudade misturando com tristeza*

LU – *Hoje eu levo paz: música Zezé de Camargo e Luciano – Filho cria Azas*

5ª Sessão – 04 de Julho de 2013

Estavam presentes na sessão: RON, NA, ZI, MO, VA, RO, HI

P: Então tá, hoje que dia que é gente?

LU: Dia quatro.

P: Dia quatro de Julho. Deixa o gravador aqui no meio junto com...

ZI: (?)

P: Mas faz daquele jeito ZI, que nem da outra vez, a gente começa, e se você não for se sentido bem, você vai falando tá? Vamo ver as vezes a gente canta umas músicas que a gente gosta, você não se sente tão mal, e vamo... né... Então tá pessoal... Gente, vocês tem, trouxeram alguma música hoje... lembraram de alguma música desde terça, você não veio terça né MO.

MO: Terça, terça, eu faltei.

P: É você não veio.

MO: Terça eu não vim.

P: (?) E... alguém lembra de alguma música?

Tosse

MO: Uma música?

P: É... você tem uma música MO?

MO: Agora? Ah, não sei, tem que ver no papel né...

P: Então... é que a gente tá numa segunda etapa que eu to agora tentando, é, que vocês me tragam da cabeça as músicas, se não lembrarem a gente vai pra pasta, mas eu queria que vocês comessem a exercitar isso, de lembrar as músicas de vocês assim sabe? Entendeu MO? Você escuto o que eu tava falando. [risada]

MO: Claro que eu escutei, escutei sim, claro que escutei.

P: Entendeu, aí tipo vamo tentar exercitar essa memória aí, né, por isso que eu to pedindo assim, sem a pasta, assim daí se vocês não lembrarem daí a gente pega a pasta, beleza?

MO: (?) Se sabe é... não deixa pra lá...

P: Não, pode falar...

RON: Eu já volto, já volto.

P: RO a gente já vai começar a música eu prometo...

RON: Eu já volto, eu já volto...

MO: De novo.

P: RO não gosta que a gente fique conversando, acho que ele quer ir direto pra música [risadas]

MO: Eu vou pensar na minha então, uma música bem legal pra esse dia né...

P: Isso, vai pensando. VA você quer escolher uma música hoje?

VA: Não.

P: Não? Tá bom. Se você lembrar de alguma me fala tá? ZI? (?)

(?)

P: RO você lembra de alguma música

RO: Não.

P: LU?

LU: Aquela do fio de cabelo.

P: Ai... eu não peguei essa, droga! [risadas]

LU: (?)

P: Eu fiquei de pegar mesmo, o que você falaram, e eu não trouxe. Mas eu trago na terça eu prometo.

MO: Ah! Eu lembrei de uma bem legal.

P: Qual?

MO: Aquela uma que fala: a luzes da cidade acesas, caminhando as fotos sobre a mesa, e eu comigo aqui trancado...

P: (?) Desculpa. Sabe tocar essa?

MO: Eu acho que eu sei.

P: O HI, você sabia que tinha que vir pra cá, pra onde você foi? O Rafa, você não é daqui, você quer ficar hoje?

RAF: Quero.

P: Então tá bom.

MO: Posso tocar ela.

P: pode claro, deve.

MO: Vou puxar uma nota bem alta.

MO começa a tocar o violão e a cantar "Desculpe mas eu vou chorar" de César Augusto e Gabriel Desculpe mas eu vou chorar. A musicoterapeuta canta junto e alguns membros do grupo cantam juntos. Durante a canção MO interage com o grupo falando "Vamo lá", A "Agora" e "Everybody".

MO: Pronto essa era minha [risadas]

P: Legal.

MO: Mariane

P: RAF se você quiser ficar, tá saindo já?

RAF sai da sala.

P: Tá bom

RAF: Eu gostei muito.

P: Legal, que bom. É que ele fica enchendo o saco do VA, tadinho. Essa é muito boa. VI e você, como foi escutar essa música?

ZI: [Inc]

P: Mas não dor de cabeça?

ZI: Um pouco.

P: Mas o choro é por causa da tristeza.

ZI afirma que sim com a cabeça.

P: E vocês pessoal?

LU: Tá tudo bem. Aqui eu me sinto bem, vou embora bem.

P: É mesmo?

LU: Só hoje quando eu tava vindo que tinha um policial do meu lado e eu tava naquela cadeira especial pra cadeirante.

P: Sim.

LU: Daí eu vi que ele tava com a arma assim do lado e eu [Inc] meu deus do céu, meu pensamento foi em direção, que queria tirar a arma dele e dar um tiro na minha cabeça daí que nem tá ele e eu aqui, [Inc] ele se virou e eu fiquei olhando pra ver [Inc]

P: Com certeza.

LU: Aí eu fiquei olhando onde [Inc] minha vontade era pegar dar um tiro na minha cabeça.

P: E daí?

LU: Aí eu [Inc] Eu quero melhorar, quero voltar a trabalhar, antes eu queria muito matar meu filho, e depois me matar pra não ficar sofrendo né, mas agora graças a deus aos pouco meu pensamento... foi outro [Inc] meu cérebro [Inc].

P: Legal, que bom que te ajuda.

LU: Eu nem sabia que tinha essa coisa da música, meu companheiro que falou...

[Inc]

[momentos de silêncio]

P: E vocês, gostaram da música que o MO trouxe?

MO: Agora toque uma pra nós aí Mariana.

LU: Uma bem legal.

MO: Uma do Led Zeppeling.

P: Ah, você gostou do Led Zeppeling?

MO: Brincadeira, brincadeira.

P: Mas podia ser...

MO: Pense numa bem legal.

[Sons da Mt tocando alguns acordes no violão]

P: Tava pensando aqui que essa tua música... [Mt tocando alguns acordes no violão] Como são os acordes MO?

MO: É o seguinte...Começa em lá, depois vai pra ré. Daí vai pra lá. É bem simples, é lá,ré fá... é isso aí mesmo, mi, lá ré dó e mi.

P: Beleza, acho que eu peguei.

[Mt começa a tocar e cantar enquanto MO vai falando os acordes]

MO: Daí Ré. Agora... daí ré, aquele de novo...

P: Vamo lá.

MO: Lá, ré, lá de novo, ré de novo, lá de novo, ré, ré, e daí...

P: Ah! MO [Inc]

MO: Isso aí.

P: Queria agora que a gente tentasse um pouquinho de um jeitinho mais lento.

[Grupo começa a cantar junto com a Mt, em andamento mais lento que a primeira versão e intensidade mais baixa. Cantam somente o refrão]

MO: [Inc] Daí tem o início.

P: Era só essa parte que eu queria mesmo, sabe MO. É porque essa música fala de um sentimento né?

MO: Essa música é bem legal é um cara que tá numa situação sozinho lá, ele tá lá bebendo e ele olha pro brilho dos faróis, eu me pego a pensar voando na velocidade do meu pensamento, enquanto vem a lucidez que ele bebeu e voltou ao normal, estou sozinho outra vez daí eu volto a pensar na minha tristeza, é meio deprê essa música. É deprê. Seria legal não cantar essa música.

P: Se acha MO?

MO: É. Seria não cantar pra pessoas que tão com esse tipo de problema, vontade de se matar, pessoas que [Inc] então daí você canta [Inc] quer dizer que você tá lá num apartamentinho numa casa num lugar, bebendo, pensando na mulher, sozinho e depois que passa o efeito da bebida ele continua pra baixo. É meio deprê né?

P: Vamo falar um pouquinho disso de cantar sobre tristes, músicas tristes. Como que é pra voês? Você não gosta AN? Que mais eu queria escuta um pouco de vocês. Essa música que o MO trouxe, quando ele trouxe que que vocês acharam, acharam que não cabia? Como é que foi?

LU: Eu achei legal. Essa música [Inc] porém fez muito sucesso. Pra mim assim não interfere em nada

P: Aham. Que mais, você RO que que você acha?

[Inc]

MO: Tem aquela outra também “Pense em mim, chore por mim...” [cantarolado]

P: Ah podemo cantar essa depois. HI que que você acha?

HI: Apertado, nervoso, to [Inc]

P: nervoso por que? Por causa do grupo?

HI: Tipo uma bexiga aqui parece que foi estourada no coração, um aperto um aperto no peito... uma falta de ar sabe?

P: Escute HI. Deixa te perguntar uma coisa. Tava assim antes de você entrar ou foi quando você entrou?

HI: Faz tempo já.

P: E você percebe se dá uma diferença quando você escuta música que você gosta?

HI: Não gosto de escutar música. Parece quem [Inc].

P: E essa música que o MO cantou?

HI: [Inc] meu irmão que morreu cantava muito essa música, tinha um violão, cantava direto essa música.

MO: Vamo cantar a do Elvis, deixa cantar a do Elvis que ele vai gostar, empresta aqui esse violão.

P: Já vamo. Só deixa eu perguntar mais pro VA. VA o que que você acha? Dessa coisa do MO falou que ele cantou essa música que a gente cantou agora. Que que você acha VA? Você gostou da música que ele trouxe ou você achou muito triste?

VA: Faz tempo que não escuto mais essa música.

P: Mas o que que ela trouxe pra você?

VA: [Inc] aniversário [Inc]

P: Aham. E ela te traz uma lembrança boa, ou ela te traz tristeza?

VA: Não sei bem

P: Não sabe bem? Mas te traz essa lembrança talvez, no mínimo né?

VA: Pouca coisa.

P: Aham. Tá, quer então tocar...

MO: Quero, tem a letra dele ali?

P: Qual?

MO: Do Elvis...

P: Elvis. Tem, tem algumas do Elvis.

MO: Você tem ali, qual que você tem ali?

P: Eu tenho uma aqui que eu até peguei por causa do HI...

MO: Como que é o nome dele?

P: HI? HI, você não conhece o HI?

[MO dedilhando no violão enquanto Mt procura a música na pasta]

P: Você quer olhar aqui ou quer que eu pegue uma caderia? Quer uma cadeira pra ficar mais pertinho.

MO: {Inc}

P: Não, mas se sabe tocar pode tocar

MO: [INc]

P: Não, não tem

MO: Ele gosta de Elvis então vamo tocar...

Eu não sei muito bem a letra dela.

[MO começa a tocar e a cantar "You were always on my mind" do Elvis].

MO; E agora? [MO começa a tentar tocar e cantar "Love me do", vai percorrendo a cifra aos poucos]

MO: Não sei muito bem essa...

P: É assim HI?

HI: [Inc]

MO: Vamo outra.

P: Peraí MO, vamo dar uma paradinha agora pra ver como tá o pessoal...

[MO dá risada]

P: Não é por você tocar é só pra ver o pessoal.

MO: É porque ele é fã do Elvis e eu toquei uma do Elvis

P: É verdade, foi boa, foi boa. Mas assim como vocês são muito quietinhas as vezes vocês tão mal e não me falam.

HI: Pareceu, pareceu que tava tocando um cd do Elvis, porque a voz é igual.

MO: É bem parecida, né, só que eu sou negrão.

P: Mas o que que tem MO?

HI: Não tem nada a ver. Não tem nada a ver.

P: A voz é bonita...

HI: A voz é boa.

MO: Eu ouvi uma conversa, aí ó, eu ouvi uma conversa aí, que o Elvis ele é lá ele é lá de Topelo, parece que de Topelos, Mensfield nos Estados Unidos, e diz, eu ouvi uma conversa desde que eu era pequenininho que o Elvis, a maior influência dele foi sempre negrão, que cantava blues, aqueles negrão que colhiam algodão nos estados unidos lé, parece que o Elvis, toda a influência dele, a voz dele, foi uma voz puxada de negão,

P: Uma voz bem grave.

MO: Então se um negão tocar Elvis fica bom

P: Combina, combina né? O HI também canta muito bem Elvis.

HI: Eu deixei de cantar [Inc]

MO: Ficaria bom né Mariana. Bem arranjadinho.

P: Com certeza gente eu boto fé mesmo.

HI: [Inc] Tem uma voz, uma voz, eu gosto do Elvis

MO: Mas eu quero ver você cantando Elvis qualquer dia como é que o nome dele mesmo?

P: HI

HI: Deixa eu melhor bem, eu não to muito bom.

MO: Eu vou ver o dia que você tiver bem alegrão, bem pra cima.

HI: Não to muito bom, sinto muita dor no corpo, muito remédio, muita cabeça pesada de remédio.

P: Vamo ver se você ficar com vontade você me avisa tá HI?

HI: Muito pesada de tanto remédio que eu tomo [Inc]

MO: Mariana, não sei o caso dele ir fazer uma consulta?

P: Ele acho já tá fazendo exames e tudo né HI? Pelo que eu conversei com ele ele já tá...

MO: Pra ver se não é problema no coração e tal.

P: Ele já tá fazendo exame e tudo, né HI?

HI: To.

P: É tá fazendo já. RO como que você tá aí? Tá tranquilo... Vai me falando se as sonoridades tão.. E você AN? Tá com dor de cabeça, passou da ZI pra você.[risada de LU] E a música tá tranquilo. E você ZI? Tá tranquilo? Legal, tá só pra saber como vocês tão... Agora queria que alguém, que outra pessoa escolhesse também, o MO já escolheu duas, agora vocês...

LU: Alguma do Jean e Giovane...

P: Jean e Giovane?

MO: Jean e Giovane

P: Se sabe alguma MO?

MO: Não sei, só sei que é uma dupla bem simpática, bem legal.

P: É? Eu não conheço.

ZI: Aquela, do Legião Urbana, é preciso amar?

MO: Essa é bem extensa né.

P: Não tem problema. Eu acho que é...

MO: Eu tenho a letra dela de cabeça.

P: Peraí deixa eu ver aqui...

MO: Que horas que são agora ZI?

ZI: [Inc]

MO: Meu deus do céu.

LU: O meu é cinco pras onze.

MO: Cinco pras onze...

P: acho que tá nessa pasta.

LU: Não é até 11:30?

P: Até 11:15.

MO: esse negócio aqui é velho e daí as vezes aparece furo, aqui ó, e daí eu não sei se já tinha ou se alguém fez, o dúvida cruel...

[risada da Mt]

VA: preicos ir embora.

P: Cê já uer sair VA? Por que?

VA: Quando eu preciso sair, eu preciso sair de qualquer lugar...

P: Ah, tá bo entendi...

VA: E caminhar...

MO: Tem aqui também.

P: Ah tá bom entendi.

MO: Tem uns furinho aqui...

P: Eu já vou te liberar então, só um minutinho...Você quer caminhar e voltar?

VA: Não. Eu quero caminhar e ir embora [VA fala mais ríspido]

P: Tá,.. Deixa eu só vou pedir pra vocês escrever aquilo no caderno, pode ser VA, você anota pra mim?

MO: [Inc]

P: Oi? Que que foi? Você coloca a data pra mim VA.

MO: Eu quero que você olhe...

P: Talvez seja traça MO, traça come roupa sabia? Às vezes é traça. To achando aqui tá gente só um minutinho.

MO: O problema de comprar em brechó é que não dá pra saber se já tava assim ou se alguém fez...

P: É verdade.

MO: Eu só queria saber se eu já fiz um furo na roupa de alguém...

Lu: hoje é dia 4

P: dia 4.

MO: Ou na pele de alguém, se algum dia eu andando pela rua eu fiz algum furo na pele de alguém ou na roupa de alguém, comi a roupa de alguém...

P: mas porque você tá preocupado com isso

MO: Ah, porque ó Mariana, você dorme a roupa tá de um jeito e você acorda e tá furada.

P: Mas então, porque traça é bichinho é muito pequeno um negocinho cinza desse tamanho, as vezes você nem sabe que tem na sua casa e tem sabe? Obrigada VA por ter ficado com gente

VA: Tá

P: E a gente se vê na terça então. Tá bom? Até.

VA: Tchau.

P: Tchau.

MO: Foi a traça então.

P: Olha eu acho bem possível né gente eu já tive traça em casa e apareceu um monte de roupa toda furada. Vocês já tiveram isso?

MO: Vamo cantar a música dela ali, como é que ela falou, Jean e Giovane?

P: Não.

MO: Legião Urbana né?

P: Legião Urbana. Como é que é?

MO: Vamo lá.

P: Você quer tocar?

MO: Não. Eu canto.

P: Eu não sei onde é que tá a letra, eu tenho certeza que tenho essa aqui mas não sei onde é que tá.

MO: Mas você tem ela de cabeça?

P: É pode ser eu acho, de cabeça, vamo ver...

[Mt começa a procurar as cifras no violão da música Pais e Filhos, MO segue cantando os trechos junto]

MO: Dó.

P: Dó. Vamo fazer em dó?

MO começa a cantar

P: Ai eu não lembro dos acordes...

MO: Complicado então.

P: Peraí deixa eu pegar aqui... HI tudo bem aí? Tá com sono?

HI: [Inc]

P: Gente essa música... inclusive eu tinha um monte de cópia... peraí só umminutinho... Ah, aqui achei, é que tá tapado o título...

[Mt começa a tocar o violão e junto a MO cantar, do meio ao fim da música Mo para de cantar]

P: Que acharam dessa? ... MO? Tudo bem aí MO?

[silêncio]

P: Alguém quer mais alguma música? [voz menos intensa]

[Inc]

P: Vamo fazer assim, hoje pra fechar eu vou escolher uma música pra voc~es. Pra fechar não, que ainda falta 15 minutos. Vocês podem ficar mais 15 minutos né? Então tá. Agora eu queroa que vocês me falassem de um tema, que música vocês gostaria de cantar. Sobre o que vocês querem cantar?

ZI: Paz

LU: Vanerão, gaúcho da fronteira

P: Paz, Vanerão... tá ficando fácil pra mim aqui... [risadas do grupo e da Mt] Que mais? Que que vocês querem que que vocês precisam?

LU: Acho que alguma que levante assim... a auto-estima...

P: Que levante nossa alto estima né... Tem uma que eu pensei agora...

[Mt busca a música na pasta]

P: Ó. Não sei se vocês gostam...

[Mt começa a cantar "Tente outra vez" de Raul Seixas]

[silêncio]

LU: [Inc]

P: Essa música lembra vocês de alguma música? Lembram de alguma outra... Podem falar... Eu já escolhi a minha...

[silêncio]

LU: João Paulo e Daniel, tem alguma?

P: Tem alguma que você lembrou deles...

LU: Não.

P: Não tem. É porque às vezes tem um outro que as músicas que eles cantam, por isso que eu perguntei daí.

LU: [Inc] aquela música lá A longa estrada da vida.

P: Você quer que eu toque essa de novo hoje?

LU: Eu queria, tudo bem?

P: Pode.

LU: Se as colegas também quiserem?

P: Vocês querem pessoal? Pode ser essa? LU tá perguntando pra vocês...

LU: Eu gosto [Inc]

P: É pois é eu falo pra vocês...

LU: A maioria [Inc]

P: É importante que vocês falem “Ahhh essa não” ou sim. Porque as vezes é uma música que a pessoa não aguenta escutar... Então você tem que ir falando né... Porque eu também não vou conseguir adivinha...

[Mt começa a cantar e tocar o violão “Nessa longa estrada da vida” algumas integrantes do grupo cantam junto com intensidade baixa]

[silêncio]

P: MO quer escolher uma? Você quer me contar como você está se sentindo agora?

MO acena que não.

P: Não? Tá. [silêncio] Sabe as vezes, é, quando em algum grupo assim tem alguém que a gente vê que não tem alguém muito legal no dia assim no momento que não tá muito legal, eu peço pro grupo oferecer uma música pra essa pessoa.

LU: Uhum.

P: Pra ver uma música que traz uma coisa que traz uma mensagem legal uma música que você ache que a pessoa gosta. Que tal a gente fazer isso pro MO? Vocês topam? Vocês pensam em alguma música que vocês gostaria de tocar pro MO? Pode ser uma música que faz bem pra vocês que as vezes se faz bem pra gente pode fazer bem pro outro, ou uma música que vocês achem que tem uma mensagem legal.

LU: Pode ser uma do Padre Marcelo Rossi?

P: Pode ser, qual que você pensou?

LU: Não pensei em nenhuma...

P: Não pensou em nenhuma... [Mt pega a pasta de músicas] Noites traiçoeiras. Sabe qual que é?

LU: Não.

P: Daí tem aquela Como Zaqueu.

LU: Essa é boa.

P: Essa é boa? Acho que todo mundo já cantou essa.

P: Então essa vai pra você MO, de todo o grupo. Vocês ajudam a cantar também... tá?

[O grupo canta junto com a Mt que acompanha no violão o grupo, a intensidade do canto dos integrantes nessa música foi mais alta do que nas anteriores]

ZI: A noite traiçoeira também é bonita...

P: Noites traiçoeiras? [Inc] Como que começa?

[ZI tenta ajudar a Mt a lembrar a melodia da música]

P: consegue ler aqui?

ZI: To sem o óculos.

P: Tá sem óculos

[Mt vai falando a letra da música]

P: Alguém lembra dessa? Quer tentar olhar bem de pertinho? Você consegue?

[HI começa a respirar ofegante]

HI: Já tá na hora de eu ir embora...

P: Já tá quase acabando... quer esperar até o final? Falta... A gente canta mais essa e já tamo indo embora... Tá bom? Beleza? Aguenta aí? Você que sabe HI... Pega a cadeirinha ali...

[Mt começa a tocar as cifras e ZI canta a melodia com a letra, ao Mt busca a acompanhar também na letra]

Então eu vou pedir pra vocês, se alguém não tiver mais alguma música, escrever no caderno, pode ser? Pode?

LU: escrever música?

P: Não escrever no caderno... Escrever música talvez um dia, a gente escreva uma música juntos. A gente na musicoterapia assim a gente compõe música as vezes sabe, durante a sessão não é muito difícil é só... [Inc] caneta...

[Mt distribui os cadernos ao grupo]

P: HI. Opa. [Inc] É só colocar a data do lado pra saber, você quer caneta ou lápis, coloca a data aí pra mim, caneta ou lápis? Vamo lá RO? Ah, vocês lembra o que é pra fazer? Pra escrever uma palavra, um sentimento uma imagem sobre o que vocês levam daqui e em baixo uma coisa da música, relacionada a música, que vocês mais gostaram, se foi de escutar, de tocar, de cantar, se foi uma música específica.

[?]: Que dia é hoje?

P: Dia 4.

[Inc – Mt ajudando RO e HI a anotar no caderno deles]

ZI: mariana

P: Diga Zi.

ZI: [Inc] esse aqui que eu [Inc] Eu não aceito que eu to doente, eu não quero ser doente.

P: Mas que implica em você não aceitar ser doente?

ZI: Eu não aceito. Eu não quero ser doente. Não quer.

P: Tudo bem. Você pode ser a ZI, uma pessoa que está num momento em que está sofrendo. Isso pode ser? Isso você aceita?

ZI: Não aceito.

P: Você aceita que você está sofrendo?

ZI: Eu não aceito, eu não quero ser doente. Eu quero ter minha vida normal.

P: Tá. Tudo bem. Eu acho isso totalmente normal, ninguém quer ser doente, só que assim é importante a gente perceber que a gente tá num momento em que as coisas tão difíceis, né, mas que isso é um momento, que isso vai passar também né?

ZI: Mas eu não quero ser doente, eu não quero.

P: Claro, claro. Ninguém quer, né Zi, é horrível, a sensação é horrível, mas é assim aos pouquinhos que você vai saindo disso, é tentando ficar aqui, é tentando pensar no que dá pra melhorar, nas coisas boas que tem na tua vida né, pensando assim nas coisas, que não são só doença, são saúde o que que são as coisas legais que você vê em você mesmo tando num momento ruim né? Pensar nisso. Você não precisa pensar só em doença. Pensa nas tuas coisas boas. Nos teus potenciais. Em tudo aqui que... Por exemplo, hoje você não queria ficar aqui. Você ficou você pediu música, você ofereceu música pros outros. Né? Pensar nisso, se focar nisso, né. Se a gente fica assim to doente to doente to doente, não quero não quero.

ZI: [Inc]

P: Então, pensa na tua saúde então, ao invés de pensar na tua doença, você pensa na tua saúde, no que tem de bom, no que dá pra melhorar, né, assim fica um pouco mais fácil, não fica?

ZI: Fica.

P: Então tá...

ZI: Tchau.

P: Tchau.

ZI: Tchau MO.

MO: Tchau.

P: MO como você tá hoje?

MO: Mariana, olha aqui, eu vou embora, quando você vai estar aqui?

P: Vou tar terça.

MO: Terça-feira. Só terça que vem? Então a gente conversa, troca uma ideia na terça.

P: É?

MO: Essa semana você não vem mais né?
 P: Não venho.
 MO: Beleza. Você não fica chateada?
 P: Não. Não. Se você quiser conversar você me chama.
 [Inc]
 P: Tá.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

HI: *Zaqueu. Tentando ter uma boa memória.*
 MO: *Confiança, Esperança. Música: Noites traiçoeiras. Frase: Confiar no poder de Deus. Terei uma vida de qualidade com certeza em nome do Senhora Jesus Cristo. Posso todas as coisas naquele que me fortalece.*
 ZI: *Tresteza Angustia Desespero. Músicas sobre Deus esperança.*
 LU: *Legião Urbana Pais e Filhos. E uma paz.*
 AN: *Saudade. Como Ezaquiel quero subir.*
 RO: *Paz. As músicas cantadas.*
 VA: *Saudade.*

Sessão 6 – 09 de Julho de 2013

Estavam presentes: RON, ZI, LU, RO, HI, VA, AN e MO.

P pergunta: Hoje é 09 de julho e HI responde que sim. Em seguida pergunta por ZI, que responde que estar bem.
 P: Daí pessoal quem vai querer escolher a primeira música? Há um breve silêncio e ressalta a pergunta para LI se quer escolher e torna a perguntar: ninguém vai ariscar?
 LI pergunta se pode ser a mesma, daquela primeira semana...
 P diz que pode e que lembra que ela pediu “Fio de cabelo” (Chitãozinho e Chororó) e “No dia que eu saí de casa”. LI concorda que pode ser a segunda. P prepara-se para começar a música com o violão e é que entra na sala MO...
 P: Oi MO? Hoje B. não veio não.
 MO: Oi, eu tô procurando por ele, talvez ele esteja fazendo educação física lá.
 P comenta com alguém fora da sala, que se B chegar pode entrar, fechado a porta. Torna a perguntar para MO se ele está bem hoje e ele responde: Hoje eu estou um pouco melhor MA, hoje eu estou um pouco melhor, graças a Deus, naquele dia lá eu tava, né... Devido a problemas da vida, mas tô bem melhor, bem melhor...
 P prepara-se como o violão dizendo a MO que LI escolheu a primeira música, “No dia em que eu sair de casa” e diz a todos: Se souberem podem cantar, pois já fizemos algumas vezes essa música. E começando a música, canta e toca o violão sem que ninguém acompanhe. No final HI aplaude.
 P: Gostou dessa HI?
 HI: Essa é boa.
 P: Alguém lembrar uma depois dessa?
 MO: É pra lembrar uma? Pra mim?
 P: É. Você quer lembrar uma?
 MO: Eu vou lembrar...
 P: Enquanto MO lembra de uma música eu vou mostrar pequenos instrumentos, com bem levinhos pra não incomodar vocês, pra aqueles que não gostam de som alto, mas quem quiser hoje podem tocar juntos, enquanto MO lembra da música dele. Quem se lembrar de uma música pode falar também. A dinâmica do grupo é essa, vocês vão lembrando e vão pedindo às músicas.
 RO levanta-se falando sai da sala: tenho uma receita eu vou pegar licença, licença, obrigado, tchau pra vocês.
 P: Você pode voltar tá bom. Obrigado.

MO: Isso aí é tudo é instrumento, isso aí?

P: Aham... É tudo.

HI: Essa música que você tocou é triste, essa música...

P: Você acha? O que ela faz você sentir assim?

HI: É triste, a condição da mãe dele, né...

P: É

MO: Que lindo tudo isso aí, muito lindo.

P: Você gostou?

MO: Muito lindo verdade mesmo.

P: Alguém tá com vontade de pegar um instrumento?

LU rindo diz: Eu não.

P: Por que LU? O que você pensa quando vê esses instrumentos?

LU: O quê eu penso. Tem que saber tocar.

P: Então não tem que saber tocar pessoal, na musicoterapia à gente toca e vai experimentando as coisas, pode ficar bem a vontade, na musicoterapia vocês podem tocar, podem tocar comigo, não é só eu que tenho que tocar, vocês podem experimentar, vê como é o som, ainda mais esses instrumentos que são bem fáceis de tocar, não precisa saber de nada não. Vocês fiquem à vontade.

LU: Eu prefiro ficar olhando.

P: Hoje eu estou colocando pra se vocês quiserem experimentar os instrumentos, e vocês fiquem à vontade, a RO, HI, WA, LI, tem os instrumentos aí.

MO: Eu tô tentando lembrar uma música e não lembro...

P: Ah, é assim mesmo, às vezes dá um branco, aí outro do grupo lembra, no meio da música o outro lembra, e daí a gente vai...

MO: Na sua banda que você tinha você tocava esses instrumentos MA?

P: Alguns...

MO: Você não toca mais MA? Em barzinhos.

P: Não, agora só musicoterapia.

MO: Então, posso pegar um instrumento?

P: Pode pegar, vai pega...

MO rindo pega e pergunta: Esse com certeza devem ser assim...

Tocando o instrumento comenta: Ah, é esse que dá esse som?

P: Esse é a Calimba.

MO: Calimba? De onde ele é? É do Brasil, não?

[MO começa a tocar a calimba]

P: Não, a origem eu não sei, de onde inventaram esse instrumento eu não sei, mas eu comprei no Brasil.

MO: E esse buraquinho, como funciona esse buraquinho, põem o dedo? Como toca?

P: Não, é pra reverberar o som, você pode tocar nas teclinhas com uma mão, ou você toca pode tocar com os dois dedões.

P: É bonitinha a música do seu celular VA... é animadinha...foi você quem escolheu, a gente pode improvisar em cima da música do seu celular

VA: Foi meu filho, ele que colocou, é o trem pra lembrar o viajar no trem, eu sou de Santa Catarina de Caçador, eu gosto do trem, eu que pedi pra ele colocar a música do trem pra eu me lembrar do trem.

P: RO você tem certeza que não quer experimentar o instrumento? VI você quer? Quer AN, VA, você quer tocar um instrumento? LI quer?

LI: Não.

P: VA quer pegar um instrumento pra ver como é que é?

VA: É esse aqui que eu quero.

P: Aproveita e faz um barulhinho. Alguém lembra uma música? Alguém quer pedir uma música?

MO: Eu não lembrei.

P: RO você lembra?

RO: Não.

P: Você quer escolher uma pasta RO? Que tipo de música?

RO responde: Sertanejo.

P: Então eu vou lendo aqui (pasta de cifras) e você escolhe tá?

MO ainda tocando a calimba diz: E eu acompanho você com esse daqui.

P: Isso é essa ideia gente, vocês tocarem juntos, pode pegar o violão também, pode ficar a vontade.

P: Temos aquelas... E canta: “Quando uma estrela cai na escuridão da noite... o violeiro toca a sua magoa” ... “Que beijinho doce”.

MO: MA, como é que se afina esse instrumento aqui?

P: Você puxa as pecinhas de ferro para cima ou para baixo, vão mudando o tom. E temos “Encosta tua cabecinha no meu ombro e chora”, “Fusão preto”. Vai falando o que quiser? MO:

Puxa, como é que afina isso?

P: Você conseguiu?

MO: Não, eu só estou olhando aqui.

P: Ah, tem essa aqui “Eu não vou lembrar que sou louco”... Pode ser essa...

MO: Ah, cara toca uma música mais moderna, pelo amor de Deus, essas musiquinhas aí, tá louco esse Zezé de Camargo e Luciano são tudo doido...

P ri começa a música cantando e tocando o violão: “Eu não vou lembrar que sou louco” (Zezé de Camargo e Luciano) e o celular torna a tocar o refrão de Beethoven, TAN, TAN, TAN.... e marca no violão e canta junto com o celular... e ri e volta para a canção.

MO toca o tamborim marcando o andamento da canção com viradas agudas e constantes, entretanto com intensidade forte contínua até no final da música quando para de tocar começa a ri e diz: Essa ficou boa, essa ficou boa.

P: Gostou?

MO: Toca umas mais ritmadas, uma sensacional que eu toco aqui. Fala uma música HI, uma bem ritmada. Ah, eu acho legal uma assim, “muito prazer de em rever, você estar bonita...”

MO para de cantar: Eu não sei a letra e volta a cantar: “Quanto tempo no mundo...” e diz essa música é sertaneja, eu gosto assim: “De repente nesse minuto você se transformou em luto e logo desapareceu, quando acordei não te vi, que desespero...” Comenta MO: Mas eu não sei a letra, só sei um pedacinho, essas outras que eu considero músicas descentes, muito legal.

P: Alguma dessa você reconhece HI?

HI: não conheço.

P: Como é o nome deles? João Mineiro e...

HI: João Mineiro e Marciano.

MO: Porque MA você não escolhe uma?

P: Eu não, escolher uma, eu queria uma que vocês escolhessem, topassem, né? E você ZI não quer escolher uma hoje? Luciana? VA?

MO: Toca o tamborim ri e diz: A musicoterapia...

HI: Jesus Cristo.

P: Aquela do Roberto Carlos? Essa eu acho que sei.

HI: É.

MO: Enfim, eu não sei o que acontece comigo, mas eu acho que a MA vai entender. É só eu ficar aqui na musicoterapia, ter instrumentos, violão essa coisa toda, eu não sei, mas parece que tem um espírito, que fica perto de mim, e fica impedindo eu de fazer parte “dadadada” tua terapia.

P: Por quê?

MO: Eu não sei, mas você sabe que Satanás lá no céu era Maestro e ele foi destituído do cargo e expulso pra cá. Então, todas as pessoas, até nas igrejas, as pessoas dando o testemunho: Tava querendo ensaiar o hino pra cantar na igreja, mas eu não sei, teve uma coisa, na hora ali e comeu a atenta meu filho, meu marido e eu não conseguir gravar o hino na mente e eu não pude apresentar.

P: Deixa eu te perguntar MO...

MO: Eu estou sendo sincero, eu quero participar da música, cantar, tocar, mas bem na hora parece um espírito e não deixa eu me envolver, aquela atmosfera ruim pra eu não me soltar, não cantar, não tocar, não participar da tua terapia, é impressionante.

P: Mas sabe assim MO, tem uma coisa que eu acho que faz parte que a gente...

MO interrompendo: O mau não gosta de música, vamos dizer assim, tem horas, por exemplo, que eu, você ou ela, sei lá... Ele não gosta que tenha fé a música, eu acho que o mau, Satanás, essa pessoa tem aptidão, ela tem uma vertente muito forte eu vou atrapalhar, eu não vou deixar a pessoa se envolver com a música.

P: Mas o que eu ia falar MO, que é bem normal...

MO interrompendo: Eu percebo claramente a presença de algo que não deixa eu... E acabo me enrolando e eu não participo.

P: Deixa eu falar uma coisa que é bem normal. Só um pouco MO, a gente é um grupo bem no começo, muitas pessoas estão se conhecendo e aqui para várias pessoas é difícil escutar música, elas estão voltando a escutar música agora. Dependendo do grupo que a gente participa, a gente sente de um jeito, não é verdade?

MO: Eu estou falando de mim, de mim, Mariana.

P: Às vezes o clima que tu estar sentindo é o clima do próprio grupo. Que tá começando... Se tá todo mundo tímido, quietinho e você estar com vontade de fazer um monte de coisas, às vezes você se sente meio preso. Eu estou falando assim que eu sinto na prática.

MO: Eles ficam raivosos, uma sombra, tá doido. Você sabe do que eu to falando, você é de origem cristã. Às vezes em casa quando eu pego o violão e parece uma atmosfera escura e não dá pra fazer as notas e dá pra perceber claramente que tem seres raivosos pra eu largar o violão, daí quando eu solto o corpo fica leve.

P: Vamos cantar a Música que HI pediu?

MO: É por isso que eu fiquei cabisbaixo naquele dia sexta feira. Que eu fiquei amuado, no canto.

P: Eu achei que você estava [Inc]

ZI: Toca aquela...

MO: Quando vem esse clima, mas não em volta deles, mas envolta de mim, você fica tocado, sente que algo estar travando a sua mão, você tenta lembrar a letra e não dá pra lembrar da música, ele tem ciúmes de eu tocar.

P: ZI vamos tocar a do HI e aí gente toca essa depois. MO você sabe tocar essa no violão?

MO: Eu não quero que você me tome por estúpido, ignorante, o mal tem ciúmes de certas pessoas de tocar, se a pessoa tocar tem uma nitidez muito forte de percepção de música, então a pessoa tem que querer e daí impede de tocar.

P: Eu estou entendendo o que você estar falando.

VA: Preciso ir MA.

P: Já? Por que?

VA: Eu vou embora e depois volto para a acupuntura.

P: Não pode ser daqui a dez minutos?

VA: Eu posso sair cinco para as 11 h.

P: Só a gente tocar a música do HI e você já sai tá bom? Pode ser? Beleza?

VA: Cinco minutos faz diferença para onze.

P: Será que dá tempo de cantar uma música? Não tem problema se você quer ir embora, você vai ter a nota no caderno e vai embora, pode ser.

P pergunta para MO: Escute você sabe tocar no violão "Jesus CRISTO" do Roberto Carlos? Eu acho que a cifra é bem simples.

MO: Daí e toco e...

P: Pode ser.

MO: Enche o saco de tanto, trava a gente, enquanto que você quer fazer uma coisa bem ou mal, no meu caso até que eu não sou tão ruim, porque eu improviso bastante, fico frustrado, porque você que mostrar o que sabe pelos menos aquilo ali, o pouco que sabe e esses espíritos chegam do lado e travam. Lá em casa quando eu estou tocando é terrível, eu tenho que tocar quase que arrancando as cordas do violão.

P: Pois é.

HI: Quando eu cantava, todo dia, na minha casa, eu tinha uma casa lá no fundo da casa de meu pai, queimou toda minha casa, o capeta, mexeu na estrutura de minha casa, queimou toda minha casa, meus instrumentos, meu violão, minhas coisas, daí azarada minha cabeça, começou a

puxar minha coberta, me cobrando, porque agora que apareceu o capeta, hoje foi coisa ruim mesmo, sabe.

P: Eu quero saber o que você falou sobre o colar quando você colou, o que abriu?

HI: Abriu a vontade de falar sobre a minha vida, de confiar em vocês, o que eu contei que o colar tá bom.

P: Então o colar tá bom.

MO: É isso aí, quem mexe com música tem que saber que música é algo sublime aqui na terra e o mal lá em cima te tira o controle disso aí.

P: Pois é sabe, eu entendo o que você tá falando, mas eu não tenho essa associação...

MO: Eu quero, sabe MA olhando nos seus olhos, eu quero que esses malditos espíritos malignos entendam que eu estou participando de uma terapia, você trouxe os instrumentos e colocou e disse o pessoal peguem e eu peguei e já começa aqui aquele clima aqui ao meu redor pra eu não tocar, pra eu ir ali, pra eu lembrar uma música, tô pelejando pra lembrar, se eles não estivessem perto de mim aqui se vou tocar a música que MA pediu, mas não, eles ficam travando a mente pra que não. É uma terapia, o estabelecimento aqui é municipal, centro de apoio psicossocial então a gente tem que se queixar se não eles...

P: Eu entendo, escute você acha que consegue tocar do Jesus Cristo? Se você não conseguir eu tento improvisar, mas você é melhor do que eu no violão.

MO: Eu improviso aqui no violão.

P: A música começa assim: “Olho pro céu e vejo...” (Roberto Carlos).

MO começa tocando o violão e gaguejando “o,o,olho, olho, olho” e solfeja a melodia da música e P canta junto com ele. No final após ter tocado da execução diz só saber dessa parte.

P: Era essa música?

HI: Eu não cantava eu sou ouvia só.

P: Tá tranquilo.

HI: Por enquanto.

MO: Tem uns que tem histórias lá na igreja, os irmãos relatando lá na frente irmão, ia ter, vai ter um trabalho especial, quer dizer vai ter um trabalho especial aqui hoje, sábado a noite, que começa as sete horas, irmão, nós estávamos ensaiamos lá a tarde desde o meio dia até as três da tarde, irmão, quando chegou no momento de pegar os instrumentos para colocar dentro do carro e colocando aqui dentro da igreja, fomos olhar o amplificador estava queimado, a guitarra rebentou cordas sozinha, o cabo que era pra ligar aqui já começou a ter defeito pra não funcionar, só porque ia haver uma programação grande de evangelismo, e tal estragou tudo, daí o irmão chegou pra mim, irmão estenda as mão de vocês pra cá, pra abençoar esses instrumentos, pra proteger esses instrumentos, por que o mal fica a noite, é saber que a gente vai dedicar algo pra Deus, de uma grande dimensão, duas ou três igrejas dentro de uma igreja só, muita gente, o cabo aparece queimado, a corda arrebentada sozinha, a gente tem que se ligar nessa coisas sabe MA. Ainda bem que você escuta a gente né MA, não acha que eu sou igual a um... Hum, Hum.

P: Vamos pensar então em músicas que fazem bem pra gente, que dá uma situação melhor e deixar a coisa ruim de lado, meio longe vamos cantar uma coisa boa.

MO: Naquele dia, sexta feira, que estava amuado, no canto, nossa a MA é tão legal, meu Deus, eu adoro ela, é uma pessoa decente, legal pra caramba, sabe, porque eles estavam lá...

P: Mas isso aí MO não eu não vou ficar chateada, nem nada, normal,

MO: Eu sou comunicativo, no lugar que eu chego eu começo a conversa com as pessoas, sabe? Ter um instrumento, eu gosto de chegar. Mas eles chegam e vê a aquela presença escura do mal né? Travando tudo, mas gente lembra o nome de tal música assim..., mas já não dá pra lembrar, eles já chegaram travado tudo.

P: ZI quer pedir uma música? Tá certo então.

MO: Guns and roses ela gosta.

MO afina o violão e pede a letra da música e canta e toca a música na integra. Knocking on heavens doors (Guns and Roses).

MO: O que quer dizer a letra?

P: Batendo na porta do céu.

MO: Batendo na porta do céu.

P: Gente como é pra vocês que estão se acostumando a escutar música, como que é escutar uma música mais alta, assim, vários instrumentos... Como é que é? RO como é que é pra você? É muito agitado? Tá depende do tipo? Como é pra você HI? HI? O que você achou com a música mais animada e com vários instrumentos, você achou? Alguma coisa só pra nortear.

HI: Não sei não, dá uma tristeza...

P: Aham, aham. E você LU?

LU: Eu sou igual a você [Inc] é divertido, naquela quinta feira que ele não veio, quando ele falta...

MO: Na realidade só tenho uma falta aqui, só.

LU: Você vai se acostumando com aquela rotina.

P: É foi na quinta passada ou terça.

MO: Não eu sou um cara, sabe, eu tenho os meus defeitos, eu um cara sou bipolar, não preciso falar mais nada, sou bipolar, mas eu havendo espaço pra mim, eu sou um cara que gosta de chegar e trazer alegria para as pessoas, sabe, fazer a coisa virar, fazer o sincronismo das coisas, agora eu não sou o cara assim estúpido, agora eu só não gosto de fazer esse tipo de coisa, a coisa que eu mais gosto e alguém chega e fica pisado em cima, eu quero é concluir e uma pessoa chega e trava, isso eu não gosto, eu gosto de ver as pessoas bem. Eu fico olhando, eu já aprende que as pessoas são diferentes, eu me amo e as pessoas. Oh eu gostei dessa aqui.

P: É?

MO: É bonita ou é feia?

P: É bonita.

MO: É na parte que ele diz mamãe arranque esse crucifixo.

P: Eu não me lembro desta parte, lembro-me do refrão, bate, bate, bate na porta do céu.

LU: Entendo assim as portas do céu.

MO: Essa música é do Bob Dylan, nessa época que ele fez, na ditadura, na guerra. Mamãe arranque esse crucifixo do meu pescoço, porque eu não preciso mais dele. Parece que ele estar se despojando de uma coisa e ele estar mais próximo das coisas que ele quer.

MO: E agora qual música nós vamos cantar?

P: Pássaro de fogo.

LU: É.

MO: O que é isso aqui?

MO: Parece macarrão aquilo ali?

P: Vocês querem saber o que é aquilo? Adivinha o que é.

MO: O macarrãozinho?

LU: Casquinha de ovo?

P: Não, é pior...

MO: Testículo de alguma coisa?

P: Não tão ruim assim. O que parece?

MO: Morcego?

P: Não, só se for uma parte do morcego.

MO: Resto de um animal?

P[rindo]: Você estar muito ruim, é meio termo.

MO: Couro de alguma coisa?

P: Não, querem sabe o quê que é?

HI: É...

P: Adivinha HI?

HI: É ostra?

P: Não é ostra.

MO: É animal ou não é animal?

P: É a parte de um animal. Vou falar então o quê que é, é unha de bode.

MO: Ah, menos mau. Mas parece orelhinha de morcego.

P: Mas veja o barulho que ele faz, é bem bonito o barulho que ele faz, bem bonito.

MO: Tudo que nós estamos falando aqui estar sendo gravado?

P: Sim, mas só eu escuto e eu guardo bem guardado pra ninguém escutar.

MO: Daqui a três meses você vai embora, Mais ou menos?

P: É de repente, a gente pode dar continuidade, mas a princípio é até agosto.
 MO: MA você vem aqui e tal, faz a música, explora o som e o que mais vai acontecer?
 P: Olha na verdade assim, na musicoterapia muita coisa pode acontecer, a gente pode compor música, a gente pode só tocar os instrumentos sem cantar, a gente pode improvisar. No começo sabe MO, a gente faz mais canção, que é mais fácil...
 MO: MA, podemos compor uma música, assim muito louco?
 P: Pode ser, mas agora não dá tempo de terminar. Com certeza, pode...
 MO: A gente coloca tudo que a gente discute aqui...
 LU: Pode ir embora?
 P: Você quer ir embora?
 LU: Eu quero.
 P: Vamos só cantar mais uma, tá bom?
 MO cantando: “Meu caminho é cada...”
 P fala as cifras a música enquanto canta e MO toca o violão e começa a cantar a letra com P.
 MO toca muito bem a música com P cantando.
 P: Eu vou pedir para vocês escreverem no caderno.
 MO: Vou ver o que a palavra de Deus nos diz agora. Pois querem que todos os homens sejam salvos e findem ao pleno conhecimento da verdade, pois há um só Deus mediador entre os homens, o homem Jesus Cristo, Jesus Cristo o homem. Isso ajuda a combater o mal, sabia MA.
 P: Vocês colocam a data de hoje, com que vocês vão embora hoje, eu estou lembrando que LI faltou um pouquinho, é para você colocar o que você vai levar para a casa hoje, uma frase, uma imagem e em baixo uma parte da música que você gostou ou que foi significativo. Pode ser, gostei de cantar junto, gostei deste instrumento ou gostei daquela parte, ou uma música.
 LU: Qual é aquele instrumento?
 P: O tamborim.
 Todos se despedem e HI diz: Eu tenho saudade da família que já se foi. Tem uma coisa dentro de mim, uma coisa ruim e eu tento ignorar e eu tento melhorar.
 MO: Tchau, MA, fica com Deus, desculpa alguma coisa, tá...
 P: Então tá até quinta.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

LI: *Hoje eu não estou legal eu estou indo muito mal não quero saber de música.*
 HI: *Nervoso, tristeza, dores no corpo. Saudade da família que se foi.*
 MO: *Palavra: fé, esperança e paz e harmonia. Música. Frase: Resisti ao Diabo e ele fugirá de vós. Bíblia.*
 ZI: *Saudade do passado que eu era feliz e não sabia.*
 LU: *O dia que eu sai de casa c/ Zezé di Camargo. Eu gostei do istrumetno tâmpuri.*
 AN: *Aflição. No dia qu eu sai de casa.*
 VA: *Saudade.*
 RO: *Tristeza. No dia que sai de casa.*

7ª Sessão – 16 de Julho de 2014.

Participaram dessa sessão: HI, MO, MA, WO, AN, LU e VA.

[Os instrumentos já se encontravam dispostos no centro da sala quando os [?]s chegaram. Ao chegar à sala, MO pegou o violão e começou a tocar “Blues da Piedade”, de Cazuza, que foi cantado conjuntamente por P e por MO. O trecho cantado com mais intensidade vocal na recriação da canção realizada por MO foi “Vamos pedir piedade; Senhor piedade!”, referente ao refrão. Mesmo se tratando de uma recriação musical MO realizou improvisos dentro da estrutura musical do blues nos intermezzos entre as estrofes. Estes foram improvisos baseados nas frases musicais da música original, com variações].

MA entrou e P comenta:

P: É MA, né?

MO continua a improvisação; quando finaliza, MO dá risada e P também ri e diz:

P: Ê, que lindo! Ficou legal né?

[MO tocou o violão, intermezzo da música “Blues da Piedade” [Cazuza]. Na recriação desta canção apresenta-se diferentes dinâmicas musicais desde o piano ao forte, com crescendos e diminuendos].

[Som de MO afinando o violão durante os diálogos. Risos e comentários sobre a recriação musical. MO improvisou no violão enquanto afinava o violão].

MO: É... muito bom! [...] Daí você vê [?] eu parar aqui, né”.

P: Não, não MO, você é o nosso aquecimento musical.

MO: Aquecimento... Então vamos lá.

[Uma técnica do CAPS entrou e pediu a chave da sala].

P, dirigindo-se a MO, perguntou:

P: Quer usar meu violão?

MO: Não, só esse aqui mesmo.

P: É?

MO: Me vê uma palheta aí.

P: Palheta...

[P não encontrou a palheta. P se dirige a H., mas não é possível compreender o que falam. MO continua afinando o violão durante o diálogo, parando apenas para perguntar que música irão cantar. Após P falar que irá esperar os outros chegarem, mas que podem continuar tocando MO altera o ritmo no violão, dos arpejos da afinação para um ritmo que indica a música que puxa no decorrer do encontro].

P: Ixi, eu não sei onde eu enfiei.

MO: Achou?

P: Não lembro... não achei a palheta.

MO: Que música nós vamos cantar pro aquecimento?

P: Então gente, eu tô, eu tô esperando um pouquinho o resto do pessoal chegar, porque eu vou fazer uma atividade com os nomes, que eu percebi que vocês não sabem [risos] os nomes de todo mundo, né? Só eu sei praticamente. Então eu vou fazer uma atividade com os nomes de vocês e queria que todo mundo estivesse. Enquanto isso, vamos escutando o MO, se quiserem pedir músicas para o MO, fiquem à vontade...

P, dirigindo-se a H, pergunta:

P: Tudo bem, H? Tá com dor hoje?

HI: [Inc]

P: é, né?

[MO continua a afinar o violão. Retoma a afinação do violão, em arpejos. Faz uma pausa e começa a introdução da música. Começa a tocar “Stand by me” [Ben E. King]. WO entrou e começou a tocar junto com o outro violão, fazendo alguns solos].

MO: Canta, canta! [Fala direcionada a algum membro do grupo]

MO: É agora! [na introdução do refrão da música]

MO: “If the sky!” [MO traz essa frase como uma chamada à próxima estrofe, para os integrantes do grupo lembrarem de como continuava a música].

P: Aê!, e aplaude baixinho.

MO: [Inc].

[LI entra na sala]

P: Oi, LI!

LI: [Inc]

P: Deixa eu ver, só um pouquinho.

[P sai da sala para conversar com LI a pedido dela]

[MO realiza algumas improvisações vocais em meio a música- decantação melódica com a vogal “u”. MO toca o violão desde a introdução e por toda a música com a mesma intensidade sonora. Na recriação de “Stand by me” apresenta um diminuendo apenas no final, no qual a cadência não fica muito clara, e a indicação da finalização da música é dada pelo ralentando - diminui o andamento em dois compassos. MO realiza algumas improvisações no violão antes de iniciar a próxima música. MO começa a tocar “Minha vida”, de Lulu Santos, e canta sozinho.

No meio da música, WO emite um som parecido com um gemido, como um lamento: “Eee”. MO tenta quatro vezes iniciar a música parando na letra “Quando eu”. Na quarta vez entra com voz e violão continuando a música. Uma vez que não altera a tonalidade da voz indica-se que ele estava se ajustando ao ritmo da canção no violão. Apresenta nesta música uma maior dinâmica musical, usando dedilhados. Próximo do final da canção, WO improvisa frases musicais com notas agudas a partir da harmonia, algumas notas saem da harmonia mas nem por isso MO para de tocar. Aos poucos, MO começa a diminuir a intensidade de seu instrumento, destacando as improvisações de WO, hora improvisando junto hora tocando os acordes. No término da música WO, aos poucos começa a ralentar as notas e alguns acordes, e termina a frase musical que estava improvisando. Logo em seguida, MO toca o acorde final da música, concluindo a cadência e o diálogo musical].

MO: Toque aí uma sua agora, WO!

WO: [Inc] sair fora do hospital, minhas pernas.

MO: [Inc] Não sei nota [Inc]

[MO começa a tocar “O tempo não para”, de Cazuza. WO o acompanha com outro violão. Apenas MO canta. MO e WO tocando, afinando o violão e improvisando até que MO inicia a música. WO o acompanha no violão, fazendo na maior parte do tempo o baixo, noutras improvisando em notas mais agudas. MO continua cantando e tocando “O tempo não para”, solando. WO o acompanha em outro violão. WO permanece em notas mais graves. MO continua a tocar e cantar “O tempo não para”. WO permanece acompanhando com outro violão. MO canta ao final: Não não não não não não não pára! WO acompanha no violão complementando com solos melódicos mais agudos. MO também improvisa solos melódicos. MO conclui a canção. Improvisa um pouco e começa a tocar “Stairway to heaven”, de Led Zeppelin. Assim que termina a canção do Cazuza, MO modaliza a harmonia e emenda e começa a tocar. Ao fundo pode se ouvir P conversando com LI do lado de fora. MO continua a tocar violão e cantar, WO improvisando no violão, a música “Stairway to heaven”. P retorna à sala e faz uma intervenção verbal enquanto MO prossegue a música].

P: Vou começar, pessoal. Vamos lá!? ... Tudo bem, MO?

[MO continua a música, quando P fala que vai começar ele continua com o violão, mas para de cantar, começa a improvisar. Depois que ele fala Ok, ele para de tocar].

MO: Tudo. Ok [risadas] rock and [Inc] roll, com rock não se brinca.

P: Pode colocar aqui no chão pra mim, MO?

MO: Falou.

P: Posso guardar um pouquinho o violão, WO? Depois a gente volta a tocar, tá?

[WO continua tocando até P pedir pra colocar no chão].

WO: Aham, ok. [Inc] desafinado [se referindo ao violão].

P: Tava meio desafinado, né?

WO: Tava, é.

P: É, ele desafina. Pessoal, hoje eu queria primeiro propor uma, uma, uma coisa com vocês que é o seguinte... Eu percebi que vocês não sabem os nomes de vocês, assim...

[Inc] dos colegas, né, de muitos colegas vocês não sabem. E.. então eu queria propor uma atividade pra gente aprender a falar os, começar a decorar assim... nomes, né. Eu também tenho muita dificuldade pra decorar nome, mas eu vou repetindo, repetindo... aí uma hora cai a ficha e eu lembro. Então... é... Eu vou pedir assim, pra gente fica de pé um pouquinho, sim ... e... Daí assim, cada um vai falando o... seu nome e o grupo vai repeti, num coro assim, tá?

MO: Tá.

P: Daí... por exemplo, vou falar o meu e vocês repetem, tá? E... só que a gente tem que fazer num ritmo, pra que o grupo consiga falar tudo junto, né. Então eu vô...ah...

P começa a escolher um instrumento musical e diz:

P: Deixa eu vê o que vou pegar.

Ao escolher o agogô de coco, P comenta:

P: Esse aqui pode ser. É pra pegá um instrumento, e eu vou fazer um ritmo, e daí vocês repetem junto comigo. Tipo assim, oh: MA-RI-A-NA [acompanhado por batidas no agogô]. Beleza?

Conseguem?

[Som da manipulação dos instrumentos, sendo guardados ou escolhidos].

P: Vamos ver? Um, dois, três e...

TODOS: MA-RI-A-NA [ao som do agogô de coco].

P: Ah, daí fica junto, né, entendeu por que eu faço o ritmo? Então, quem é o próximo? Quem quer ser o próximo [numa intensidade menor]?

MO: O WO, vai lá WO né...

P: Pode ser você WO, como é que você quer fazer o ritmo do seu nome?

WO: WO---

P: Legal, vai lá então. Um, dois, três.

TODOS: WO--- [ao som do agogô de coco tocado por P].

[risadas]

P: É... Legal, legal. Agora você... seu nome, por favor, eu não gravei.

MA: MA.

P: MA como é que você quer fazer seu nome, o ritmo do seu nome?

MA: No último formato [?] MA---

P: Então vai lá, um, dois, três.

TODOS: MA--- [ao som do agogô de coco, tocado por P].

P: Legal, legal. AN?

AN: AN.

P: Como é que você quer fazer seu nome?

AN: AN [apenas falado]

P: Peraí, vou fazer assim. AN--- [ritmado com o Agogô de coco]. Pode ser? Então vamo lá, um, dois, três.

[O grupo consegue falar os nomes ritmicamente juntos].

TODOS: AN--- [ritmado com o Agogô de coco].

P: Legal, legal. Agora o que é, como é o seu? É [LU] na ou ne?

LU: Na.

[Enquanto isso, MO pronuncia o nome Maria algumas vezes].

P: Então...

LU: LU---

P: Tá, um, dois, três.

TODOS: LU--- [ao som do agogô de coco, tocado por P].

P: Legal! Você HI? Como é que você vai fazer teu nome?

MO: Estilo Elvis.

HI: HI

P: HIL---. Assim, pode ser?

HI: Aham. [respondeu baixinho]

P: Um, dois, três...

TODOS: HI--- [ao som do agogô de coco, tocado por P].

P: Aê! Agora o seu NEI.

NEI: NEI---

P: Como é que você quer fazer?

NEI: NEI---

P: Isso Beleza. Um, dois, três...

TODOS: R---[acompanhado pelo agogô de coco tocado por P].

P: E você, MO?

MO: MO--- [risadas]

P: Beleza. Um, dois, três.

TODOS: MO--- [acompanhado pelo agogô de coco tocado por P].

[risadas]

P: E você, VA?

VA: Meu nome é VA

P: Como é, só faz um ritmozinho, só pra gente... conseguir falar teu nome junto.

WO: Vê com a música [Inc] [?]

VA: VA---

P: Isso, beleza. Então é VA, tá? O dele. Um, dois, três:

TODOS: VA---[acompanhado pelo agogô de coco tocado por P].

P: Aê! Deu pra gravar mais ou menos, agora? Conseguem? Agora a gente vai fazer um teste então. Pra ver se vocês, se vocês é... tão... pra gente ir mais um pouquinho.

P: Tudo bem VA?

WO: [?]

VA: Tá, tá, joia.

P: [fala rindo] VA não tá gostando muito, mas vamo lá. Se você não quiser fazer me avisa tá?

WO: Não dá.

P: Você não curtiu também WO?

WO: Curti, sim.

P: Então beleza.

O celular toca e P diz: Então, Opa! [Inc]

WO: [Inc].

P: Agora, a gente vai fazer assim, oh. Eu vou, é..., a gente bate assim, AN, um pé, outro pé, palma. Entenderam? Um pé, outro pé e vocês falam o nome do outro que você aponta.

Entendeu? Então assim, um-dois, AN [acompanhando com as batidas dos pés]. Daí a AN, um-dois MO [acompanhando com as batidas dos pés]. Daí o MO. Um, dois WO [acompanhando com as batidas dos pés]. Beleza?

WO: Beleza

P: Entenderam?

MO: Sim.

P: Deu, RO? Beleza, beleza? Vamos tentar? Tenta? Quem não quiser fazer fala... “Eu não quero fazer isso aqui”, daí não tem problema, tá. Vamo lá então. Eu começo, tá. Vai lá, um, dois, WO [acompanhando com as batidas do pé].

WO: Um, dois MA. [acompanhando com as batidas do pé].

WO trocou o nome da colega, nisso P interveio.

P: MA, isso.

MA: Um, dois, MO [acompanhando com as batidas do pé].

MO: Daí é eu, né. Um, dois [risada] um, dois AN. [acompanhando com as batidas do pé].

P: Isso!

AN: Um, dois, RO [acompanhando com as batidas do pé].

[risadas]

RO: Ai eu não sei.

P: O meu você sabe? Tenta o meu...

RO: Eu esqueci...

P cochichando: Mariana

MO: Mariana [risadas]

RO: MA-RI-A-NA [risadas]

P: Meio ruim o meu.

LU: Eu não gravei o nome dele. [risadas]

P: VA

VA: VA

LU: VA--- [acompanhando com as batidas do pé].

P: Vai lá, é só bater os dois pés e falar o nome de alguém.

HI: HI.

P: Vai lá, HI, sua vez.

HI: É...

P: Vai lá, sei que é [Inc]... Sabe o nome de alguém aqui dentro? Conseguiu guardar o nome de alguém?

[Inc]

MO: Fica aí WO, fica aí WO!

WO: Vou dar uma volta.

MO: Então volta depois cara!

HI: É...

P: Vai lá, HI, o nome de alguém do grupo.

[Barulho de porta se abrindo]

HI: É o da RO.

P: Isso, então faz lá com o pé. Um-dois RO---.

HI: Um-dois, RO---.

P: Isso, beleza. RO, né?

RO: é.

P: RO, mas ô! Tá bom gente. Então tá, era só isso pra gente treinar um pouquinho, pra vocês começarem a se chamar pelo nome, né. Porque às vezes vocês ... às vezes vocês falam “ai, o nome daquele moço lá...”, daí vocês já conseguem... Beleza, podemos cantar então.

[Quanto a organização rítmica dos [?], o grupo não mantém um ritmo constante, percebe-se alguns usuários com maior dificuldade para manifestar-se até mesmo verbalmente, uma vez que os nomes falados não acompanham os ritmos da percussão corporal/.

P: Bom gente... é... eu sei que vocês, ah, tem dificuldades com os sons, né, com as músicas, e... é... que às vezes irrita, às vezes vocês começam a ouvir vozes, quem ouve vozes, começa a ouvir vozes com música, e tal. Então eu queria começar a introduzir vocês aos sons dos instrumentos, aos pouquinhos, pra vocês escutarem, ver como é que é, se adaptarem, porque lá fora, quando vocês vão pegar o ônibus, quando vocês vão no supermercado, tem muito som, né. É muito barulhento às vezes. Pega um ônibus às seis horas; é super barulhento né? E vocês tem que lidar com isso de alguma forma, não tem? Então assim, quero começar a trabalhar isso com vocês, pra isso não ficar tão... tão irritante. Ou tão... difícil de lidar né? Mas pra isso eu preciso que vocês me falem quando vocês não estiverem se sentindo bem com algum som. Tá RO? Se não tiver se sentindo bem com algum som... ou com alguma situação que a gente tá fazendo aqui... eu quero que vocês levantem a mão ou falem direto pra mim: “Ô, não tô bem, não tá legal esse som pra mim”. É importante pra gente saber, porque daí a gente manera no som, entenderam qual que é a ideia? Tá então... MA você também tá? Se algum som tiver te irritando, tiver ruim pra você, você tem que me falar, pra eu poder fazer alguma coisa, né? Que nem eu tava conversando com a LI, a LI semana passada tava, tava difícil pra ela ficar aqui, mas ela não me falou nada... então como é que eu vou saber que tava difícil pra ela, né? Então, fiquem bem à vontade pra falar alguma coisa assim tá? ... Então assim, é a gente vai começar é testando o instrumento um de cada vez, tá? Então vocês querem começar por qual instrumento? Assim, qual que dá mais vontade de tocar aí?

[silêncio]

LU: Violão

P: Violão? Vamo pegar esse aqui mesmo, que tem todas as cordas.

P: Então LU que pediu, LU começa. Você pode tocar o que você quiser com o violão, quiser testar, ver o som dele. E daí você passa pro do lado.

LU: Tá. É aqui mesmo que segura?

P: Isso aí, isso aí.

[LU começa a tocar. Toca 10 segundos. LU toca percutindo as cordas juntas de forma constante, repetitiva, homogênea com certa rapidez].

LU: Pode passar?

P: Pode, claro. Vai lá HI, testa o violão...

MO: Ah loco, se o HI não tocar uma música agora aí HI.

HI: Eu não sei.

P: Ué, mas é assim mesmo, é só pra experimentar hoje.

MO: Olha, até o estilo é aquele que é do Elvis, né, Mariana?

P: Pois é.

HI pega o violão.

P: Veja o som, o que te agrada, o que te incomoda...

[HI toca 5 segundos, passando a mão por cada corda de cima para baixo na vertical. HI toca uma corda de cada vez iniciando na primeira corda, a mais grave, e continuando até a última].

HI: Não sei tocar.

P: Não, beleza, é só pra testar assim.

[HI passa o violão para RO, ela sorri].

P: Vai lá RO, manda ver.

[RO toca o violão o percutindo um pouco mais lento. RO toca as notas juntas, com mais força na corda mais grave. Toca por 6 segundos, e passa para MO].

MO: Agora é minha vez. Eu vou tocar só sentindo realmente as notas.

P: Tá.

[MO começa a tocar. MO toca uma corda de cada vez iniciando na corda mais grave indo à mais aguda. Mt fala durante a experimentação de MO/.

P: Legal perceber, por exemplo, o grave é mais gostoso, ou o agudo? O grave é aquela nota bem “booom” [imita um som grave], e o agudo é aquele nota mais fininha [imitando um som agudo]. O que agrada mais o ouvido?

[Celular de VA toca].

P: O que vocês preferem... O som do celular [dá risada] ou o do violão.

MO: Ó VA...

[MO passa o violão para VA]

MO: Só uma, só ali os dedos nas cordas ali...

P: Quer testar, VA?

VA: Não...

P: Não? Tudo bem, não tem problema, aqui a gente faz o que quer, né...

P: MA?

[MA pegou o violão. Toca-o no colo também. Toca algumas cordas soltas sem um ritmo fixo, por 6 segundos. MA toca o violão uma corda de cada vez com a mesma intensidade.

AN pegou o violão e tocou em velocidade mais rápida utilizando não só as notas soltas, mas também tocando as notas nos trastes durante 7 segundos. AN toca com cordas soltas e cordas tocando notas, formando uma pequena melodia].

P: Como é que foi o violão assim de modo geral pessoal? É um som que incomoda vocês, é um som agradável? O que que vocês acharam assim?

LU: Pra mim particularmente é... normal.

P: Normal? Tá. Então tá, vão me falando. Agora é, pra. ah, acelerar um pouco, eu vou pedir pra cada um escolher um instrumento e tocar pros outros ouvirem, pra ver como é que é, tá? Então cada um tem o direito de escolher aí um instrumento pra... que acha que é mais interessante, que gostaria de experimentar, tá?

LU: Como que chama aquela tabuinha ali?

P: Qual?

LU: Esse contemporânea aí.

P: Esse aqui?

LU: É.

P: Esse aqui é o pandeiro.

LU: Isso.

P: MO

[LU pegou o instrumento e tocou durante 10 segundos. LU toca o pandeiro fazendo uma sequência rítmica que é repetida 3 vezes e depois começa a explorar sem uma figura rítmica definida. Enquanto tocava, MO riu].

P: Esse é um instrumento bem brasileiro né, porque toca no samba, o pandeiro, no pagode...

LU: É pra passar ou só eu mesmo?

P: Alguém quer experimentar o pandeiro? [Silêncio] Não? Não? Quem quiser daí vai falando.

MO: Aham.

[Tocou o celular do VA].

P: Quer, quer experimentar o pandeiro?

MO: Aham, aham.

P: Vai lá, vai lá. Que daí agora assim, cada um vai escolhendo um e quem quiser experimentar, experimenta, né, pra não ter que passar...

LU: Aham.

MO: Bom, eu, pra ser bem sincero, eu não gosto né, eu sou negão, eu sou negão, mas eu não gosto muito de samba, de pagode, então, meu negócio é rock, né, pá pá pá, então eu vou fazer um som meio de rock. Led Zepellin.

Tocou o pandeiro uma vez e falou:

MO: Não, pera aí.

[Começou a tocar novamente durante 9 segundos. MO toca o pandeiro fazendo um ritmo definido com variações].

P: Ah, legal!

MO: Esse seria o rock.

P: Quer experimentar VA?

VA: Não.

P: Agora outra pessoa escolhe um instrumento que acha interessante, que dá vontade de experimentar...

LU: O que que é esse troço aqui?

P: Qual?

LU: Esse compridão aqui?

P: Esse?

LU: É.

P: Esse se chama... vibrafone.

LU: Vibrafone? É porque tem fone?

P: Não, é porque fone quer dizer... puts eu não sei exatamente o que quer dizer, mas fone quer dizer assim, que tipo, transmissão de som, né? Tipo telefone, microfone, então tem a ver com o som que sai, e vibrafone é esse o som que vibra, né, por causa dessas teclas metálicas, né.

LU: Daí usa aqueles palitos ali?

P: Isso. Quer experimentar LU?

LU: Não.

P: Alguém quer experimentar esse?

[AN estava sorrindo].

P: AN quer experimentar?

MO: Depois eu quero experimentar esse, eu acho legal esse aí.

AN: Esse aqui?

[AN pegou o instrumento].

P: É. Pode usar esse ou esse. Bate aqui no meio que vibra mais.

[AN tocou durante 13 segundos. Utilizando mais ou menos um mesmo ritmo e andamento, caminhando pelas notas do teclado. AN toca o metalofone com intensidade média/alta, iniciando nas notas médias, indo ao agudo explorando as notas graves um pouco e voltando para as notas médias].

P: Que que vocês acharam do som?

LU: Ah, eu achei legal...

P: Diferente né?

LU: Aham. Até o dia assim de sala de aula pra mim tá diferente. Porque tem dia que eu tenho vontade de ir embora.

[LU e Mt riram].

P: Viu, é importante perceber essas coisas. Quer experimentar, MO, esse?

MO: Quero.

P: Quer?

MO: Não eu vou aí eu vou aí. Aham. Eu não sei tocar esse aqui.

P: Ah, mas gente, isso aqui é pra experimentar...

[MO começa a tocar, experimenta algumas notas]

MO: Não. Como é que é?

[Experimenta mais algumas notas].

MO: Não tá bem afinado isso aqui não né?

P: Ah, não sei. Esse não tem como afinar, ele já vem pronto né.

MO: Deixa ver se eu consigo tocar uma música aqui.

[Toca mais algumas notas].

MO: É a música que eu mais quero ouvir na minha vida, essa aqui ó.

[MO começa a tocar "Marcha Nupcial". Ele tirou a música de ouvido. MO começa tocando algumas notas soltas, buscando uma melodia. Depois começa a tocar a marcha nupcial. Mt dá uma risada ao perceber a música].

MO: Sabe?

P: Aham.

MO: Já viu essa aqui ó?

[Continua a tocar. MO dá risada]

P: Vocês reconheceram essa música? Qual que é essa música? Não reconheceram? [risadas]

LU: De casamento.

P: De casamento né? Muito bom. Pô você tirou de ouvido MO?

MO: Pode crer, pode crer.

P: Bem legal, bem legal.

P: Vai lá. Agora outra pessoa escolhe.

[silêncio]

[MO coloca o metalofone no chão].

P: Pesado né??

MO: É, só quero ver é assim que segura isso.

P: RO quer escolher um?

RO acena com a cabeça que não.

P: Não? Não tem curiosidade pra testar nenhum aí? É? E você MA?

MA: Esse aqui.

P: Pega aí, pega aí...Acho que é a... é...

MA: E esse aqui como é que faz?

P: É com os dedos esse. Com os dois dedões você pode tocar.

[MA começa a tocar. Celular toca. M toca 11 segundos. MA toca sem um ritmo muito claro, parecendo explorar as sonoridades das notas].

P: O nome desse é... puta, eu falei na semana passada, agora eu não lembro... Kalimba, o nome desse.

MO: Kalimba...

P: Gostou do som?

MA: Uhum.

P: Gostaram?

MO: Esses instrumentos ali que você trouxe, do estilo da Kalimba, aquele negócio que põe no pescoço Mariana...é...

MO: Isso é, isso é, afro-brasileiro né?

P: É eu acho que tem algumas coisas que sim... e também dos índios, né MO...

MO: Ah, tem os índios também...

P: Tem, e eu acho que vem também da... do... dos índios né, essas, essas é correntes de semente é muito indígena, né. Bem... Mas também eu acho que tem muita coisa afro-brasileira aqui né...

MO: Afro porque é África e Brasil, né?

P: Isso, as pessoas que vieram pra cá, e daí se transformou muita coisa né? Então... eu acho que o Brasil é uma grande mistura né. Já esse aqui [mostra o metalofone] por exemplo, acho que já não é dos índios nem dos africanos, eu acho que deve ser talvez dos asiáticos ou dos europeus. Esse aqui, a do vibrafone né? Então assim, até, o Brasil é um pedacinho de cada país né, engraçado, e daí as nossas sonoridades são muitas né gente, muita diferença.

MO: Eu acho que o Brasil deve ser um país que tem uma das maiores sonoridades do planeta né...

P: Assim de diversidade né?

MO: Aham.

P: Eu acho também MO. Com certeza. HI quer escolher um instrumento?

HI: Não, não quero não.

P: VA quer escolher um instrumento?

VA: Ah?

P: Quer escolher um instrumento pra testar?

VA: Não...

P: Não? Então tá... Mais alguém quer escolher algum? Não?

VA: Eu preciso ir cinco [?], tá na hora de ir embora [?]

P: Tá, você quer ir já?

VA: Eu vou na acupuntura...

P: Você quer ir já?

VA: Hoje é terça?

P: Hoje é terça. Você quer ir já? Então é, é... Posso te dar o caderninho antes pra você... escrever pra mim, por favor?

[VA acena que sim].

P: E daí a gente continua tá gente pessoal, vai até 11 e 15, só o VA que precisa ir um pouco antes.

[Mt vai pegar o caderno].

P: Aqui achei... Daí aquele esquema tá VA? Coloca a data de hoje, tá? Daí você coloca com o que você está saindo e tal... e qual parte da música que você mais gostou, assim, o que que chamou a atenção...

VA: Que dia que é hoje?

P: Hoje é dia 16 né, 16, 17?

MO: 16

P: Então pessoal... agora, a gente vai fazer o seguinte... Eu quero que cada um escolha uma... um... uma dupla, tá? E escolha um instrumento e vocês vão tocar juntos esse instrumento. Então por exemplo, eu vou lá e escolho a AN, daí a gente escolhe esse instrumento, então daí a AN pega esse pauzinho eu pego o outro pauzinho.

MO e VA falam algo no fundo [Inc]

P: E a gente vai ter que montar uma música juntos, entendeu? Fazer assim... montar uma música que eu digo assim, é que nem vocês experimentaram agora, que nem você fez assim... [toca o metalofone] vocês fazem uma coisa juntas com isso e depois vocês vão apresentar pro grupo, tá? Aí pode ser, por exemplo, esses aqui [mostrando dois caxixis], esses dois, aí um fica com esse e outro com esse, você pode brincar com essas sonoridades, ou no tambor, um fica de um lado o outro fica do outro... pra tentar...

[VA entrega o caderno].

P: Ai, obrigada VA. Então... até... quinta não vai ter CAPS, é isso? Então até terça tá VA...

VA: Ah é, terça...

P: Pois é daí a gente se vê, boa semana pra você, tá?

VA: Tchau.

P: Tchau, até depois.

P fecha a porta

P: E... vocês entenderam qual que é a proposta? Deixa eu ver, dá certinho três, três... duplas. Então... podem fazer as duplas e escolherem os instrumentos. Quais instrumentos vocês vão querer.

MO: Tá. Daí toca uma música com aquele instrumento?

P: Calma, eu vou... eu vou explicar melhor. É... LU você vai com quem?

LU: Ai eu não sei, com elas ali...

P: Elas estão em dupla já... vai com o HI, com a RO ou com o MO.

LU: Ah, não é de três?

P: Não, é... três duplas.

LU: Então eu prefiro o MO.

P: MO. RO você fica com o HI, pode ser?

[RO acena que sim].

HI: Não vou tocar...

P: Ah, não HI, mas a RO vai ficar sozinha... [risada]. Tá eu fico com vocês, tá? Eu dou uma força, beleza?

P: Calma HI, vai dar tudo certo... [risada]. Tá, então pode ir pra perto do MO e ver com ele que instrumento que vocês vão pegar... Daí você tem que pegar um instrumento e tocar juntos, tá?

MO: Ó, eu peguei esse aqui...

P: Veja com a LU se ela quer esse aí... que é a tua dupla...

MO: Ah, ela já tocou já, deve querer né?

P: Mas pergunta pra ela MO... [risada]

MO: Menina [?] você quer tocar esse instrumento aqui também?

LU: Toco.

MO: Você gostou desse aqui ou daquele lá?

LU: Não ... [resto Inc]

MO: Não né.

[MO toca um acorde no violão]

P: RO, qual instrumento você querem tocar?

[RO aponta para o metalofone].

P: Esse aqui?

[RO ela confirma acenando com a cabeça].

P: É? Legal. Esse aqui é bom pra fazer dupla. Vou colocar aqui em cima pra facilitar pra você [tenta colocar na cadeira, mas não dá certo, então coloca no colo de RO], não.

MO: Os dois vão ter que tocar juntos? De uma vez só?

P: Isso. Isso. Essa é a, esse é o desafio do dia. Porque vocês tem que tocar juntos né. Por exemplo elas estão com o mesmo instrumento, mas são separados, mas elas vão ter que ver como que elas vão tocar juntas, né? Vão testando aí [Inc]...

Começa a se ouvir os caxixis ao fundo. Aos poucos vão falando um, dos, três, e tocando o caxixi no momento que fazem a contagem.

P: Conversem aí pra ver como é que vocês vão tocar juntas isso aí...

MO: Isso tá sendo no sentido do quê, Mariana?

P: Por que a gente está fazendo isso?

MO: É.

P: A gente tá experimentando os instrumentos MO, bem, bem simples assim, experimentando como é que é tocar junto, você tem que achar um jeito de tocar junto com o outro, às vezes isso não é fácil, né? Então é experimentando o som junto com o outro.

MA e AN começam a experimentar tocar junto MA sugere tocarem juntas falando 1,2,3.

HI: Tô nervoso.

P: Tá nervoso, HI?

HI: Tô nervoso.

P: Quer dar uma volta ou quer tentar?

HI: Não, eu fico aqui mesmo, mas só não quero pegar.

P: Não quer pegar? Então tá, eu faço com você RO. Mas tudo bem a gente ficar aqui tocando aqui junto de você?

HI: Pode ficar aí.

P: Pode? Então beleza.

WO entra na sala.

P: RO vamos ver como a gente vai tocar juntas. Vamo ver como vocês vão tocar juntos. Ah, vem aqui com a gente, aproveitar [Inc] WO.

MO: Que tipo de música você quer tocar LU?

LU: Ah, não sei.

P: Oh, a ideia WO, a tua dupla é a RO, tá? Aí vocês vão ter que tocar juntos esse instrumento. Montar um som juntos, tá? Então vocês treinem, combinem como é que vocês vão fazer. Daí você são apresentar pra gente. É uma coisa bem rapidinha é bem pequena, tá?

WO: Uhum.

MO: Você prefere dedilhado, né?

[Várias pessoas falando juntos, conversas incompreensíveis]

P: Tenta acompanhar ela WO.

MO: Então o seguinte, eu vou escolher essas duas fortinhas fininhas, você fica com as três grossinhas [Inc]

LU: Então eu não posso passar [Inc]

MO: É pra ficar legal tem que definir que não pode passar da terceira pra baixo.

LU: Uhum

MO: Pode começar então?

P: Deu certo a deu vocês?

MO: Deu, deu certo.

P: Tá, deixa eles experimentarem e a gente já começa.

[Momento em que só se escuta WO e RO improvisando no metalofone.

Aos poucos os outros instrumentos se silenciam, as vozes também e ficam WO e RO tocando uma melodia no metalofone].

MO: Pode até surgir uma música disso aí, né? É.

P: Legal, já experimentaram? Então vamo lá, gente. Quem quer começar apresentando?

MO: Eu vou primeiro... Vamo ensaiar aqui então LU.

P: Agora o resto espera um pouquinho pra escutar o deles, tá?

[MO e LU começam a tocar. LU começa tocando as cordas soltas do violão, MO entra depois também tocando as cordas soltas, num ritmo constante, andamento constante e intensidade constante].

MO: tenho que pegar o ritmo dela. Faz o teu ritmo que eu vou acompanhar o teu ritmo.

[MO e LU tocam o violão].

MO: é que esse violão tá faltando uma corda.

[Continuam tocando mais um pouco].

LU: Pronto?

P: Ah, ficou legal gente.

MO: [Inc]... No meu olhar musical e tudo mais, isso aqui ficou assim algo como um rock meio progressivo.

P: Isso... contemporâneo assim, né? [risadas]

MO: É contemporâneo... tanandandanda [MO imitando uma melodia progressiva]

P: Aham. Pensa uma bateria assim junto [P imita uma bateria vocalmente]

MO: É.. um negócio progressivo...

[Risadas].

P: E agora quem quer fazer?

[WO se oferece].

P: Você? Vamo lá?

[WO e RO começam a tocar [WO no lado mais grave do metalofone e RO no lado mais agudo]. Tocaram durante 35 segundos. WO e RO constroem uma melodia com WO fazendo uma melodia na parte grave, RO tocando mais livremente na parte aguda do instrumento. Ambos tocando num ritmo bastante similar e num mesmo andamento].

No meio da produção MO fala:

MO: Cê viu que legal ali, o sincronismo, o ritmo ali, que legal.

MO dá risada. WO e RO param. P também dá risada

P: Muito bom! [Inc]...

MO: Ficou legal!

P: Ficou muito boa, gente, vocês conseguiram tocar juntos.

WO: Inc...

P: Foi muito legal, foi bonito.

P: Agora vocês duas, pode ser?

[AN e MA tocaram o caxixi juntas no mesmo ritmo e pararam juntas, durante 13 segundos].

P: Aê [risadas].

[As duas estavam sorrindo].

P: Pô foi ensaiado esse negócio. Que vocês tocaram, até acabaram juntas! Legal gente muito bom! Pô to surpresa com vocês, porque vocês conseguiram tocar juntos mesmo né. E... vocês mal sabiam seus nomes, fiquei bem contente. Agora vamo ver se a gente consegue tocar os três grupos juntos?

WO: Vai piorar?

[Dois chocalhos tocando no mesmo ritmo tocando três vezes, fazendo uma pausa, e voltando a tocar três vezes. Tocaram 7 vezes e pararam juntas].

P: Vamo ver. Vocês vão tentar se sincronizar, tá? Então escutem, por exemplo, o ritmo acompanha eles, tá? Então veja como é que eles começam a tocar. E vocês vão...

WO: A gente?

P: Pode ser vocês, depois vocês começam [apontando para MO e LU], depois o ritmo. Porque daí a melodia, a harmonia e o ... né? Beleza?

MO: Certo, certo, certo. Daí no caso, não sei se eu posso falar isso, procurar casar todos os ritmos

P: Isso... exatamente...

MO: Dentro de uma música.

P: Isso, tentar tocar junto, combinar.

MO: Elas vão fazer aquele arranjo, ele aqui vai fazer esse arranjo aqui, eu vou fazer o meu arranjo, mas dentro de uma mesma velocidade

P: Se adapta, isso, se adaptem assim né, pra vocês tocarem juntos.

WO: Não tô bem, doutora [voz chorosa e aguda].

P: Não tá bem MO, é WO.

WO: Ai meus filhinhos [voz chorosa e aguda].

P: Oi?

WO: Ai meus filhinhos [voz chorosa e aguda].

P: Você não quer tentar?

WO: Não [volta a sua voz usual].

P: Então eu vou te substituir, tá bom?

WO: Tá.

P: Se quiser voltar depois... tava bem legal a tua apresentação.

[WO sai da sala].

P: Vamo lá, vamo lá.

MO: Vamo pegar o ritmo aí então.

P: Vamo lá. Podemos começar.

[Metalofone inicia, depois entram os caxixis. Metalofone inicia com duas melodias uma mais aguda e uma mais grave. A parte mais aguda [RO] toca mais notas, a mais grave faz mais acompanhamento, como um baixo da melodia. Logo os caxixis começam num mesmo ritmo sem pausas. Depois inicia o violão. No meio da improvisação também toca o celular de HI].

MO: Vamo lá.

[MO inicia o violão].

MO: Tá [?] mudando de corda.

[MO inicia uma narração da improvisação. Durante a narração MO olha para fora da janela, apontando para o cenário que ele descreve na narração, que é baseado nos arredores do CAPS, que se pode ver pela janela].

MO: Essa música que nós tamo tocando agora aqui é o seguinte... presta atenção... é uma música pra um clima igual este que está balançando, igual um clima este que tá lá fora agora, ó. O vento soprando devagar, soprando [Inc], bem devagarzinho, né. A cena tá aparecendo lá no monitor de TV, né, um filme e tal, demonstra assim nossos olhares, assim, e tá aquela câmera assim filmando esse clima e tá tocando essa música aqui... E as cenas vão saindo, sai daquela bananeira ali, vai pra lá, mostra uma grama verde, mostra o topo da árvore lá, e tá tocando essa música.... [pausa] Daí de repente... Aparece uma cerca assim, e um portão bem bonito, bem alegre, meio cor de rosa. Ali tem um monte de cachorro, [faz alguns ruídos], êêê, [Inc], os cachorros [sonorizações de cachorro chorando], e umas crianças [sonorizações de êêê]. E essa musiquinha tocando. Daí daqui a pouco, é na rede globo que tá tocando, né, na Rede Globo que tá tocando isso... Daí de repente... [sonorização] Plim plim, daí foi pro intervalo.

[risadas e palmas]

[O grupo todo prestou muita atenção na narração de MO, o acompanhando musicalmente. No final o grupo todo deu risada].

P: Muito bom! Ai que legal. E daí pessoal o que vocês acharam?

LU: Diferente...de outra, de outras aulas que a gente teve.

P: É verdade gente, bem diferente.

MO: Esse instrumento aqui...

LU: [Inc].

P: E como é que...

MO: Esse instrumento aqui ó, esse que você falou, o sonoro... como é que é o nome?

P: Vibrafone.

MO: Vibrafone.

P: É metalofone na verdade...

MO: Gramofone?

P: Metalofone, eu errei...metalofone, que é de metal, é que o vibrafone é um outro maior assim. É parecido, mas é maior.

MO: Geralmente esse instrumento aqui ele é tocado, geralmente em músicas e em filmes que tá rolando uma cena muito assim, é... bem humorada, de uma contemplação assim, cê sabe, de uma figura de uma foto, tipo assim, dia de sol, tipo geralmente você não vai ver esse instrumento desse aqui aquela merda, topo mundo assim, né, agora geralmente é quando sol aberto, é coisa que tem a ver com muita alegria, assim, pode ver que geralmente os filmes [toca uma frase musical no metalofone] “Aqui você compra um suco, é maguari, não sei o que lá” [risadas]

MO: Você compra o suco maguari não sei que lá e pápápá, e eles precisam tocar, porque [começa a tocar o metafone novamente], e aquela criançada entra [Inc] “Agora meu filhos só tomam [Inc]”. [Inc]... ê!

P: É verdade.

MO: entendeu?

P: É, é verdade, você pegou a sonoridade ali que eles usam mesmo. Muito bom... Gente, e como é que foi assim, porque, é... às vezes, por exemplo, já aconteceu de chegar assim olhar um monte de instrumentos “Ai, hoje vai ser barulhento, alto [Inc]” né? E ... Como é que foi pra vocês hoje assim? Porque a gente tocou vários instrumentos que vocês nem tão acostumados, nem conheciam às vezes. Como é que foi assim? Incomodou em algum momento, vocês conseguiram perceber isso?

MA: Eu achei que ia incomodar.

P: Ah?

MA: Eu achei que ia incomodar.

P: Acho?

MA: É porque eu tô com resfriado, e tô com dor de cabeça, né. Mas assim, é, da forma como foi feita assim, não incomodou.

P: Não incomodou... tá....

P: E como é que foi pra você AN?

AN: Foi bom.

P: É? Foi tranquilo...?

[AN acenou com a cabeça que sim]

MO: Como é que é o nome do outro nome que você falou? Vibrafone?

P: Vibrafone é um maior, sabe MO. Ele é maior e ele tem pedal, então você segura o pedal e ele ressoa mais tempo, por isso que é vibrafone, porque ele vibra mais tempo. Esse é metalofone, eu me enganei.

MO: Metalofone.

P: Metalofone. E daí tem o Xilofone, que é a mesma coisa, só que é com madeira, ao invés de metal, madeira, daí o som é diferente. RO como que foi pra você hoje?

RO: Foi bom.

P: É? Foi tranquilo os instrumentos? Não te incomodou, assim?

[RO acena que não].

P: É? Legal. Pra você foi legal, MO? Você gostou de experimentar os instrumentos?

MO: Ah?

P: Que que você achou de hoje? Hoje foi um pouco diferente né?

MO: Ah, olha, coisa que tem música pra mim Mariana, eu adoro, [Inc] é essa entendeu, isso aqui, tudo aqui, porque tem música, e eu no futuro um dia eu quero poder fazer música, escrever letra.

MO: Letra, isso não seria tão difícil, agora música pra mim, seria mais complicado, porque eu nunca tive acesso a tanta coisa. Então isso aqui pra mim é maravilhoso isso aqui, sabe? Porque é, sabe é como eu te falei, cada instrumento ele tem uma peculiaridade dentro dos teus sentimentos, entendeu? Você ouve o baixo, então o baixo já atinge uma área do seu cérebro, você ouve esse vibrafone aqui, ele já atinge uma parte mais sensível do seu coração, da sua mente, essa musiquinha assim, então eu adoro.

P: Legal, legal. E pra você LU?

LU: Pra mim foi diferente. Bem legal.

P: E você HI?

HI: Foi uma misturação.

P: Uma misturação. Mas foi uma misturação boa?

HI: Mais ou menos.

P: Mais ou menos?

HI: Mais ou menos.

P: Mais ou menos. Tá bom [risada]. Legal gente. É... Então eu vou pedir agora pra vocês...

MA: Ah, eu gostei do MO tocando.

P: O MO toca muito bem né?

MA: Eu gosto de Pink Floyd [Inc]

P: Ah, legal, legal.

MO: Né, eu toco uns Pink Floyd muito [Inc] aqui.

P: Quer tocar uma no meu violão? Toca uma no meu violão.

MO: Toco nesse aqui mesmo.

[MO começa a tocar “Heaven from Hell” do Pink Floyd. MO tocou uma parte da música e parou].

MO: É isso aí, Pink Floyd. Wish you were here, gostaria que você estivesse aqui. Não sei direito a tradução dessa música.

MO: Mas me disseram no passado, uma galera que eu andava, coisas do passado aí, me disseram que teve, existia um outro integrante da banda, um tal de Sid Berek, ele morreu né, teve uma overdose de droga, então daí fizeram essa música em homenagem a ele.

P: Ah é? Eu não sabia dessa

MO: Por isso I wish you were here. Não tem o David Guilman que canta [MO canta: “Hey teacher, leave thoses kids alone” - P canta junto]? Tá, então, tem o David Guilman, né, que é o cara brancão lá tal, e tem o Roger Waters, um que eu quase não conheço, então, ele era no lugar desse... desse Guilmore, que agora [Inc] pro Pink Floyd, ele tá na frente do Pink Floyd. Então quando ele morreu e daí fizeram esse disco.

P: Que legal! [Inc]. Então assim MA esse caderno é... por causa da minha pesquisa, eu comentei com você no primeiro dia né? Então assim, é... é pra você escrever o que vocês está levando com você hoje.

P: Pode ser uma frase, pode ser uma palavra, um sentimento, pode até ser uma imagem, alguma coisa assim. E daí embaixo, você escreve essa parte, e daí embaixo você coloca da música ou dos instrumentos o que que você mais gostou. O que que foi? Foi escutar o MO, foi tocar junto, foi um instrumento, que que você mais gostou assim, sabe? Coloca data também e o seu nome, por favor.

MO: Não sei se você tem alguma coisa contra Mariana, sabe né que eu sou de origem cristã, crente né, então eu sempre escrevo coisas assim, permeadas com palavras que tenha a bíblia, entendeu?

P: Ah sim aham, não, tudo bem MO.

MO: Mas daí eu escrevo, isso aqui foi extraído da bíblia.

P: Ah, não, beleza, tranquilo. [Inc]

P: Hoje é dia 16 não é?

LU: É?

P: Com o que você sai daqui hoje? RO? [falando com RO]

RO: Com emoção.

P: Emoção? Você consegue descrever que emoção é essa?

RO: Alegria?

P: Alegria. E o que que você mais gostou da música hoje?

RO: De tocar.

Som do celular de HI.

P: Obrigada RO, a gente se vê então terça-feira, que quinta não vai ter né? Daí terça-feira a gente se vê, Até, boa semana.

MA: O que que você falou de como se sentiu e outro que que era?

P: É... Ah... A coisa da música, assim, o que que você mais gostou? Foi de tocar junto, foi o instrumento, foi de escutar o MO, o que que você mais gostou, tá? E daí HI como que você tá, o que que você tá levando com você hoje?

HI: Hoje eu tô mal, sabe?

P: Tá mal?

HI: É tô mal hoje, to meio [Inc].

LU: Tchau, até quinta-feira [Inc].

MO: Tchau Lu, vai com Deus, Deus te proteja.

LU: Tchau MO.

P: Tchau LU, tchau AN boa semana pra vocês, até, aham, obrigada MA, até semana que vem.

HI: Eu tô me sentindo um peso na cabeça. Sabe, uma tontura assim sabe? Tipo de um ar que [Inc], tremedeira nas pernas, tá dando nas pernas também.

P: Mas assim HI, você conseguiu, desculpa, fale...

HI: Me sinto muito nervoso sabe, muito nervoso, tô mal, não tô muito bom hoje..

P: Então, mas assim, com relação à sessão assim, como é que foi pra você, o que que você leva da sessão? Te irritou? Foi bom? Que que?

HI: Eu não sei, sabe, hoje pra mim [Inc].

P: Ou você nem prestou atenção?

HI: Não, eu fiquei vendo. Mas não vi, só vi barulho assim, sabe? Foi uma mistura de barulho na minha cabeça. Minha cabeça sabe? Não tô bom hoje.

P: Mistura de barulho.

HI: Me desculpe hoje eu não to bom hoje.

P: Não HI, eu quero a tua sinceridade.

HI: Me desculpe, mas não tô bom hoje. Me desculpe

P: E daí... é... daí você tá saindo... vou colocar que você não tá legal hoje.

HI: Não tô legal, não tô bom hoje. [Inc] um pouco de raiva, assim sabe? Tô preso [Inc].

P: Lembra aquele negócio que eu te falei sobre respirar pela barriga, né HI.

MO: Você lê isso aqui em casa Mariana?

P: Oi?

MO: Você lê nossas histórias [Inc] em casa?

P: Eu leio sim, uhum.

HI: Meu irmão coloca essa porcaria aqui pra fazer barulho aqui do meu lado, meu irmão colocou essa merda aqui.

P: [risada] Você não consegue desligar?

HI: Não gosto de desligar essa porcaria aqui, é meu irmão que coloca.

P: Coloca no silencioso...

HI: [Inc]

P: Lembra de respirar pela barriga tá HI?

WO entra e começa a tocar violão.

HI falando com Mt [Inc]

[MO para de tocar violão].

HI: Posso ir então?

P: Pode, HI, até semana que vem, boa semana pra você.

HI: Por que semana que vem? Amanhã não tem?

P: É porque quinta, é porque eu só venho quinta né, e quinta não tem né?

HI: Quinta não vai ter?

P: Pois é me disseram que quinta não vai ter.

HI: Hoje é quarta não é?

P: Hoje é quarta, não, hoje é terça, desculpe.

[WO entra na sala].

WO: Hoje é terça

[Inc]

HI: Até.

[HI sai da sala. WO começa a tocar violão. MO dá risada].

[Inc]

MO: Só não leia agora, leia depois...

P: Tá bom, pode deixar. Ei WO posso te pedir uma coisa? Posso te pedir uma coisa? É...pra você escrever aqui ó, é... o que que você leva assim da sessão hoje, se ela foi boa ou não... e assim da parte da música, o que que você mais gostou de hoje, tá bom?

WO: Da música.

[WO começa a anotar em seu caderno. Sons da Mt arrumando os instrumentos. Alguém aparece na porta e dá Oi]

P: Oi.

[Sons de P arrumando os instrumentos. P cantarola com intensidade baixa ao fundo. Alguém assovia. Pode-se escutar alguém falando na sala ao lado].

WO: [Inc]

P: Conseguiu?

WO: Consegui.

P: Valeu.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

AN - *Alegria. Gostei de tocar.*

HI - *Misturação de barulho. Não to bem hoje.*

RO - *Emoção – alegria. Gostei de tocar.*

MO - *Palavra: Alegria Harmonia. Música: A força e o Poder que a música maravilhosamente exerce sobre nós. Frase: Mariana a senhora é um benção. Que Deus te abençoe e proteja grandemente.*

WO - *Presados amigos do caps do Batel levo de hoje algumas boas lembranças ainda mais na hora da música converçativa[?] Ass WO.*

MA - *Tranquilidade – liberdade. Tocar todos os instrumentos juntos.*

LU - *Eu gostei da união, c/ os colegas. Toquei o violão.*

8ª Sessão – 23 de Julho de 2013

Estavam presentes na sessão: MA, NEI, HI, MO e WO.

P: Dia 23 terça-feira.

[Sons de violão e canto. MO tocando violão e cantando. MO improvisando melodicamente no violão para finalizar a música - Risadas]

MO: [Inc]

WO: [Inc]

[MO tocando o violão e cantando What's going on do Guns and Roses. Há sons de atabaque acompanhando].

P: Legal!

MO: Daí Mariana. Vamos fazer um som, tem palheta aí?

P: [Inc]

MO: [Inc]

[Improvisações no violão. MO começa a cantar Flores do Titãs tocando o violão. A Mt toca o rebolo para acompanhar ritmicamente. Alguns membros do grupo cantam juntos].

P: Tudo bem com vocês?

WO: Não.

P: Não? Tá mal WO? WO [?]

WO: [Inc]

P: Oi?

WO: [Inc]

P: [Inc] Obrigada.

[Improvisações no violão].

P: Tudo bem, faz tempo que eu não te vejo. Tudo bem com você?

[Inc]

P: Vocês viram a neve pessoal? Você estavam aqui já? Ah, legal.

P: E você HI como tá hoje?

HI: [Inc]

P: Mas como é que você tá hoje?

HI: Não to bom.

P: Tá bom hoje não?

HI: To com falta de ar com o peito apertado [sons dificuldade para respirar], dor no peito, dor aqui em baixo...

P: Uhum.

P: Vou esperar o MO voltar daí eu faço [Inc]

[Inc]

[risadas]

P: Vamo ver se nosso som nos esquentar.

MA: [Inc]

P: Piora no frio né?

MA: [Inc]

P: No frio fica pior né?

MO entra na sala.

P: Então pessoal... é... hoje eu queria saber de vocês semana passada a gente tocou os instrumentos né, eu queria saber de vocês se hoje vocês querem trabalhar com as canções ou com os instrumentos. O que vocês preferem hoje?

MO: Com as canções.

P: Canções? E vocês?

MO: Com as canções de amor.

P: HI, você prefere o que?

HI: Eu não quero nada.

P: Você prefere escutar os instrumentos ou as canções?

MO: Acho que esse cara tinha que [Inc] tinha que ser levado pra...

P: Mas ele já fez MO.

MO: Pra uma clínica, pra

P: Né que você já fez HI?

HI: Eu fiz

MO: Fazer um check-up geral.

P: Faz tempo que você já foi né?

MO: [Inc]

P: Ó lá

HI: To tomando remédio.

MO: [Inc]

P: Com certeza, dá agonia mesmo. Imagina pra ele né. Né HI, imagina pra você que tá ruim todos os dias né? E você NEI o que você prefere?

NEI: Tanto faz.

P: Tanto faz? E você MA?

MA: O que que é canção?

P: A canção são das pastas, que você ficou um tempo sem vir daí você não viu, é são as pastas com as músicas com letras, que a gente canta junto, cada um escolhe uma.

MA: Pode ser.

P: É, você prefere as canções?

MA acena que sim.

P: Então vamo fazer as canções já que o MO e a MA escolheram né, e pra NEI tanto faz, então vamo com as canções. Então eu vou pedir pra você pensarem numa canção que vocês queiram cantar hoje.

MO: Pegue umas bem [Inc] umas bem power

P: Power?

MO: Você é daqui mesmo do Paraná?

P: De Curitiba.

MO: De Curitiba?

P: Pensem aí pessoal, que canções que vocês vão querer hoje.

[risadas]

P: NEI tem alguma canção que você queira, uma música?

NEI: [Inc]

P: Tem que ver na pasta. Então vamo tentar lembrar, se não lembrar a gente vê na pasta. E você MA? Tem alguma que você queira escutar hoje?

MA: [Inc]

P: MO quer escolher uma?

MO: Eu quero [Inc]

P: Você quer escolher nas pastas? Então vamo espalhar as pastas aí.

MO: Espalhar já por aqui?

P: É, veja que estilo de música que você quer?

MO: Assim né, [Inc]

P: [Inc]

MO: Ah, MA você não [Inc] volte.

MA: Já volto.

P: Ela vai medir a pressão, tá meio tonta. Ah, é, deixa eu só ver uma coisa aqui, bom, veja aí nessa pasta, acho que essa só tem as músicas internacionais. Você gosta?

[Inc]

P: Não? O, o HI, [Inc] tem do Elvis, pode ser? Se quiser né...

HI: Pode ser uma do Elvis, pode ser.

P: Quer escolher?

HI: Qualquer uma do Elvis

MO: [Inc]

P: [Inc]

HI: Qualquer uma do Elvis tá bom.

P: então tá a gente faz uma do Elvis.

HI: [Inc]

MO: [Inc]

P: [Inc]

MO: Imagine there no heaven.

P: [Inc]

MO: Its easy if you try, no hell below us, [...]

[MO cantando a música Imagine dos Beatles].

MO: essa parte ficou um pouco alto

P: [Inc]

[MO continua procurando música na pasta e cantando Imagine].

WO: John Lennon?

P: Uhum.

WO: [Inc]

P: Você quer escolher uma WO?

WO:[Inc]

MO: love love me do, you know I love you ...

MO começa a cantar Love me do, música da pasta.

P: Você quer começar então MO?

MO: Eu to procurando ainda.

P: Ah, você tá procurando ainda?

MO: É porque pra mim tem que procurar

P: Ah sim

MO: [Inc] se não

P: Quando você escolher a gente...

WO: Tá bom.

MO: All you need is love, all singing, [risadas] all you need is love, all you need is love, all you need is love... tudo que você precisa é de amor [risadas]

P: É...

MO: Ah vai dizer que você não sabia [risadas]

P: Sabia, é que eu conheço

MO: All together, everybody [risadas] Jude. O que que significa Hey Jude.

P: Ei Jude.

MO: Um cara falou que disse que parece que é... Jude, jude, é que lá fora, Judite diz que lá é Jude, então na verdade era Hey Judite

P: Ah, pode ser.

MO: O nome de uma mulher que se chamava Judite.

[MO cantarola o início de "Hey Jude"].

MO: Hard Days Night.

[MO começa a cantarolar "Hard Days Night"].

P: MO, eu vou fazer então da NEI e do WO, e daí quando você achar uma aí, cê avisa

MO: Deixa eu olhar as música

P: quer começar WO?

WO: Quero.

P: Você quer só cantar ou quer tocar o violão também

WO: Eu quero tocar.

P: Então pega lá o violão. [Inc

WO começa a tocar o violão

P: Se vocês quiserem pegar instrumentos para acompanhar vocês podem ficar a vontade

MO: Pode acompanhar.

P: Pode, pode acompanhar.

MO: Posso acompanhar WO?

P: WO?

WO: Pode.

[MO pega o tamborim para acompanhar WO que canta e toca o violão. WO toca "Aonde quer que eu vá"].

WO: De novo, eu errei

[WO inicia a música novamente].

WO: [Inc]

[MO continua a percussão no tamborim]

P: [Inc]

MO: Faz mais um WO.

WO:[Inc]

P: Faz Lá menor que já fica bonito.

WO continua tocando o violão e cantando Aonde quer que eu vá.

WO: [Inc]

P: [Inc]

WO: To com sono

P: Tá com sono?

[MO continua a percussão improvisando com velocidade acelerada].

MO: Agora a minha.

P: Pode ser

MO: Pegue lá Marianne. Mariana vai tocar pra mim e eu vou cantar.

P: Ah você quer que eu toque?

MO: [Inc] Você acompanha e eu canto. Ah até que enfim [Inc] Dream on.

[Mt começa a tocar o violão]

MO: Aí que começa?

P: Eu acho que é. Eu não lembro dessa música

MO: E a aqui?

P: Ah isso aí é uma bolinha.

MO: Uma bolinha? Pode começar?

P: Pode.

[MO começa a cantar Dream On e a Mt acompanha no violão].

MO: [Inc]

P: Você quer? Faz essa aí você, eu não conheço muito bem essa música MO.

MO: Feito. [Inc]

P: Essa música eu não conheço. Ó.

MO: Acho que não vou tocar esse som.

P: Ué toca o que você quiser.

[MO começa a tocar e a cantar Dream On]

MO: Mas você conhece essa música?

P: Mais ou menos.

MO: Você conhece essa música?

P: Mais ou menos.

MO: Ah, você nunca ouviu Nazareth cantando essa música.

P: Não, eu já escutei uma vez mas daí

MO: Teu negócio é mais uma música

P: Não, eu gosto, mas eu escutei uma vez só, então eu não lembro muito bem a batida.

MO: Deixa eu ver.

P: Então vamo lá, eu vou lembrar do refrão [risada]

MO: Deixa eu ver o que a [Inc] tem.

MO começa a cantar e a tocar Dream On. Mt o acompanha no tamborim.

MO: Tá meio complicado aqui, mas ela é bem bonita

[risada]

[MO continua tocando e cantando].

MO: Tem uma nota aqui [Inc]

Mt o acompanha cantando também.

MO tem dificuldade em uma parte da música.

MO: Não vai.

P: Será que tá errada a cifra?

MO: Eu acho que tá um pouco errada [risada]

P: É, não sei pode ser.

MO: definitivamente tá errada. [risada]

[MO continua tentando tocar e segue a música, tocando o violão e cantando, a Mt o acompanha no tamborim e cantando alguns trechos da música].

MO: ãh, não vai dar certo porque eu também tenho que pegar as cifras.

[MO pula um trecho que não consegue tocar o finaliza a música].

MO: Eee.

P: Ae.

MO: Se a gente ensaiasse mais pegava.

P: É aos pouquinhos vamo indo né.

MO: Ai ai.

P: Vamo fazer agora dá NEI. Segura, por favor

[MO canta Love Hurts. Mt começa a tocar no violão Aquarela].

P: Quem souber daí canta com a gente.

[Mt começa a tocar no violão Aquarela e a cantar, NEI canta junto, MO acompanha com o pandeiro].

MO: Iooou, [Inc] Não tenha medo de ser feliz.

[MO começa a percutir no pandeiro].

MO: Escolha uma bem ritmada aí MA.

[risada]

[MO continua a percussão no pandeiro].

MO: Não sei tocar esse instrumento aqui sabia?

P: É [Inc]

MO: Mais ou menos assim né?

P: Aham. Vamos tocar uma do Elvis pro HI então? Se o HI acordar.

MO: Ih o HI tá no quinto sono já.

P: Então deixe, se ele acordar a gente faz.

MA: [Inc]

[Sons de MO chacoalhando o pandeiro].

P: Você conhece essa Fada NEI?

NEI: Conheço.

P: Então se quiser acompanhar... Então vai lá, [Inc], MO

MO: Eu to pegando o ritmo.

P: Então beleza. Oi [Inc]

[Mt começa a tocar o violão e a cantar Fada, MO acompanha com o pandeiro. MA e NEI cantam junto. A música é finalizada MO continua batendo no pandeiro].

P: Essa parte [Inc]

NEI: [Inc]

P: Você lembra NEI?

NEI: [Inc]

P: Gente, agora eu queria propor pra gente escolher uma música todo mundo escolher uma junta pra gente tocar tentar tocar todo mundo junto

MO: OK.

P: É um desafio.

MO: [Inc]

P: Que música que vocês querem tocar juntos. Vocês podem propor.

[Inc]

MO: Eu gosto de música mais ritmada... eu não gosto dessas músicas bimbibim. Tem que escutar uma música mais embalada.

P: Pode ser, vocês querem uma música mais embalada, pode ser NEI, MA, pode ser? Seria interessante uma que todo mundo conseguisse cantar.

MO: Português né. Então não vou nem procurar aqui, porque aqui é [Inc]

P: Dá uma olhada naquela ali [Inc] ali tem umas boas

MO: Socorro Cássia Eller [MO lendo os títulos das músicas da pasta]

[MO cantarola Aonde quer que eu vá].

MO: Ah essa aqui ó

[MO cantarola Segundo Sol].

P: Quer propor essa MO?

M: Ah?

P: Quer propor ou quer dar uma olhadinha?

MO: Não, não, não, não não to propondo não.

P: Você só tá cantarolando?

MO: É só estou cantarolando ela.

P: Tá entendi. [risada]

MO: To cantando... eu to procurando aqui e vocês procuram aí também.

P: É, claro, [Inc] não quer procurar ali ROS?

NEI: Não.

[MO cantarola Ela dormiu no calor dos meus braços].

MO: [Inc]

MO cantarola mais um trecho de À sua maneira do Capital Inicial.

MO: [Inc]

P: [Inc]

MO: Ah, mas essa música eu não gosto não, mano.

P: [Inc] [risadas]

MO: Eu sou ao contrário de vocês num tempo frio assim, tudo parado, assim lúgubre assim, eu gosto de música paulera, plá plá plá. [Inc]

P: Entendi.

MO: Vocês já são diferentes.

P: Não, pra mim tanto faz.

[?]

P: Ó tem uma tomada ali ó, aqui.

[?]

MO: Eduardo e Mônica, Legião Urbana.

[WO começa a tocar teclado, iniciando com uma melodia, seguindo de um acorde].

WO: Não limpavam o teclado direito.

P: Tá meio sujo é?

[MO toca alguns acordes no violão, WO continua tocando o piano].

P: Então vamo ver quais instrumentos cada um vai tocar pra gente tocar junto.

MO: [Inc]

P: Se lembrarem algum de cabeça assim daí vocês podem falar [Inc] tem uma pasta aí.

MO: [Inc]

P: Qual você quer? Quer cantar?

MO: [Inc]

P: Pode tocar o teclado se você quiser.

WO: Teclado?

P: É, se você quiser tocar né, pode ir, é pra vocês usarem né. Achou aí MO [Inc] o que vocês estão procurando? A gente vai tentar achar uma música WO pra gente tocar junto.

WO: [Inc]

MO: Eu to procurando aqui, você podem procurar aí também.

NEI: Até que horário que vai?

P: Até onze e quinze, né. Só vamos tocar mais essa e daí... Achou MO?

MO: Ainda não.

P: Alguma coisa? WO quer propor uma música?

WO: É... Como uma onda

P: Querem essa? Ei, querem? Como uma onda

MO: Toca aquela...

P: [Inc]

WO: [Inc]

[Mt tenta encontrar os acordes no violão para Como uma onda]

P: Você sabe tocar essa MO?

MO: Qual?

[Mt começa a buscar os acordes novamente].

MO: É eu [Inc] já tem uma voz com a música

P: Tá, mas eu não sei quais são as notas...

MO: Você não tem aí?

P: Não tenho.

MO: Vamos tocar essa então... Pra que mentir, fingir que perdoou.

P: Pode ser essa pessoal?

MO: Você tem essa?

P: Conhece essa NEI?

MO: Essa eu canto bem, daí você pega e toca bem.

P: [Inc] Aquela pra que mentir fingir que perdoou...

MO: Ó ó pra que mentir fingir que perdoou. Lá, faça lá.

P: Peraí, peraí, vamo ver

MO: [Inc]

P: [Inc]

MO: Pra que mentir fingir que perdoou. Lá. Com essas duas frases que eu vou falar vai ser isso. Pra que mentir, fingir que perdoou.

P: [Inc]

MO: Pra ficar amigos, Sol

P: De cabeça WO, sabe tocar essa?

WO: [Inc]

P: [Inc]

[MO começa a cantar e WO o acompanha no violão].

MO: É bem bonita essa música Mariana.

P: É bonita. [Inc]

[MO e WO continuam a tocar e cantar].

P: [Inc]
 MO: Bemol. Toque agora. Lá. [?]
 [MO continua cantando e em alguns momentos fala qual o acorde WO deve tocar no violão.
 MO e WO pararam de tocar]
 P: É bonita essa música, meu deus do céu.
 MO: É muito bonita.
 [Várias pessoas falando].
 P: Já tamo finalizando NEI.
 NEI: mas eu quero ver se o médico vai me atender [Inc].
 P: Tá então deixa eu pedir só pra você anotar um negócio.
 MO: Eu to com fome.
 P: To com fome também. Então tá gente então deixa só.
 MO: Essa aqui ó. A minha alma tá armada e apontada para a cara do sossego [cantado]. Tum
 tum tum.
 WO: [Inc]
 [WO começa a tocar Minha Alma do Rappa no violão, MO diz os acordes que ele deve começar
 a música].
 MO: Am depois F depois G depois Am.
 WO: Tá.
 [MO começa a cantar e WO acompanha no violão. Algumas pessoas do grupo ainda conversam
 ao fundo. A Mt leva o caderno para NEI. Depois a Mt acompanha MO cantando e toca o
 rebolo].
 MO: Sol.
 P: Aeee galera.
 [risadas]
 P: Muito bom, muito bom
 MO: É, o Rappa [?].
 P: Ficou legal né.
 MO: Vamos guardar os instrumentos.
 P: [Inc]
 MO: [Inc] Só tem aí não tem aqui não?
 WO: [Inc]
 MO: Vai vai vai vai.
 WO: [Inc]
 [Alguns membros do grupo começam a guardar os instrumento e a conversar].
 [Inc]
 P: Obrigada.
 [MO liga o rádio].
 MO: Aqui não pega Fm WO? Aqui é a aula de musicoterapia [?].
 P: O que?
 MO: Ai ai.
 P: HI [?]
 HI: Não to bom hoje.
 [Difícil de compreender o que os integrantes do grupo falam porque o rádio está ligado.
 Esse trecho da sessão a Mt está auxiliando HI na escrita do caderno e se despedindo dos
 integrantes do grupo. O rádio permaneceu em um programa religioso que contava histórias].

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

MA – *Felicidade – liberdade. Cantar juntos com meus colegas.*

NEI – *Saí antes por motivo de mede mas ta muito legal fico bem a vontade.*

HI – *Quero melhorar.*

MO – *Música: John Lenon. Frase: Não desistir do meu sonho jamais nunca. Palavra: perseverança, fé no Senhor Deus. Procurar manter a “auto estima” sempre em alta.*

WO – *Satisfação é ter a cristo Pois com jesus a vida é bem mais melhor.*

9ª Sessão – 25 de Julho de 2013

Estavam presentes na sessão: MA, NEI, AN, LU, RO, HI, MO, WO e RON.

P: Hoje é dia?

MO: 25.

P: 25?

MO: Quinta-feira.

P: 25, quinta-feira, beleza.

LU: Você veio de carro?

P: Eu venho, pra carregar esses negócios todos né. [MO dedilha uma melodia no violão]. Gente eu queria aproveitar hoje que está todo mundo aqui, quer dizer, quase todo mundo... Oh MO, só um minutinho, pra eu perguntar uma coisa pra vocês, pode ficar com o violão, é... rapidinho. Eu queria perguntar pra vocês, se vocês se incomodam de eu começar a filmar as sessões, como que é pra vocês?

LU: Eu particularmente não gosto

P: Aham.

LU: Eu particularmente não quero

P: Você não quer

LU: Isso

P: Alguém mais se incomoda?

[Três batidas na porta]

P: Pode entrar.

MJ: Licença Mari, a chave.

P: Ah! Tá, desculpa, tá aqui.

P: Então tá, pra saber, é que assim, tem muitos momentos que a impressão que eu tenho da expressão facial, do incômodo, da alegria, ajuda a eu lembrar o que estava acontecendo. Por isso eu perguntei se vocês se importavam. Mas se vocês se importam. Então, eu...

LU: Não, eu falei por mim, agora os outros, ninguém, [risos]

MO: Eu só depois, eu, é... eu não quero ver né, eu não sei, eu acho que eu não saio bem na foto, eu não saio bem

P: Em filmagem, essas coisas assim

MO: É... então quer dizer, se você quiser filmar, pode filmar, só depois não ver né

P: A tá! E pra você como é a coisa da filmagem? Lembrando que só eu vou ver, e depois eu deito.

MO: Mariana, eu...

AN: Eu [Inc]

P: Não se incomoda ou não gosta?

AN: [Inc]

P: Não se incomoda, ok. RO, pra você tudo bem?

RO: [Inc]

P: Tudo bem? HI?

HI: Que?

P: Você se incomoda se eu começar a filmar as sessões, só pra eu ver

HI: Você que sabe.

P: Não tem problema. E você NEI? Que que você acha?

NEI: Não sei, acho que não

P: Acho que você não gosta? Ah, tá bom. Ah, então, tá bom. Então eu vou perguntar, vou ver se não dá outro caminho, vamos ver. Mas acho que não vai precisar não, acho que eu vou continuar com o áudio, mesmo.

HI: Ai.

P: Então tá bom, quem tava semana passada, a gente fez um trabalho com os instrumentos né, e hoje eu queria que a gente, queria que tem tava na semana passada, explicasse pro pessoal

como é que foi naquela semana, vocês lembram né? Que foi aquela que a gente experimentou os instrumentos e tal né. Quem que tava aqui?

LU: Eu.

MO: Eu!

MA: é eu acho...

P: Só a NEI que não tava?

NEI: É eu acho que não tava

P: É, né. Então tá, alguém pode explicar pra NEI como é que foi?

MO: Eu vim, e a Mariana pediu o seguinte, que era pra gente, pra todo mundo, tocar alguma coisa, aí uma pessoa vinha e tocava algo naquele audiofone, aquele audiofone, e aí tocava, e aí outro fazia um pá né, um pá, e aí vinha outra pessoa e pegava outro instrumento e tocava, né, e acompanhava, se você pegasse, a RO pegasse esse bumbo aqui, e outra pessoa pegava outro e assim por diante.

P: Hm... Legal. Então, hoje a gente vai fazer um pouquinho diferente. Hoje a gente vai trabalhar com os instrumentos de novo, pra ver como é que tá, Continuar aquele trabalho que a gente estava fazendo, só que hoje, quem tiver com o metalofone, é quem dita a música. Então assim, por exemplo, a MA tá com o xilofone, com o metalofone né, então a MA tá fazendo uma melodia ou então, né, pra tocar as notas, e o resto do grupo vai tentar acompanhar a Marcia, tá? Deu pra entender mais ou menos? Vamos ver o que que sai [risos]. Quem que quer começar, a ser o maestro que dita a música?

MO: Mas pode ser qualquer outro instrumento, né?

P: Não, é, eu prefiro que seja, o, é... o...

MO: Metalofone

P: Metalofone, porque é um instrumento que sobressai assim, e aí ele faz a melodia e os outros instrumentos conseguem se encaixar melhor. Vou pedir pra gente tentar assim, aí se vocês quiserem mudar depois a gente pode mudar.

MO: Então eu vou começar então.

P: Você começa? Então pega aí o metalofone. E aí o resto do pessoal, escolhe um instrumento pra acompanhar o MO. Não sei se você prefere no colo ou...

MO: Eu quero ver, se eu [Inc]

P: Olá pessoal, pode entrar. Tudo bem WO?

WO: Tudo bem?

P: Tudo bem. Valeu. Pode sentar RON.

S (técnico do CAPS): Se o RON não quiser fazer, não quiser participar ele fica de pezinho [Inc] Mas fica aqui dentro, não lá fora no frio.

P: Então beleza. Então tá, é, todo mundo já escolheu o instrumento? WO, deixa eu te explicar o que a gente tá fazendo. Quem tiver com o metalofone, vai ditar a música, entendeu. Por exemplo, o MO tá com o metalofone, ele vai fazer uma melodia ali e a gente vai tentar acompanhar ele. Ele que dita a regra da música, né? E depois o metalofone vai passando. [Mt falando com RON] Ih, vamos fazer música agora! Então deixa a porta aberta pra você escutar.

P: Tá, bom beleza?

MO: Tá bom.

P: Então você pode escolher um instrumento, se você quiser participar, escolhe aí um primeiro que aí eu escolho.

[melodia no metalofone - 2^{as} ascendentes e descendentes, intervalos de 2^a e 4^a]

P: MO tá pronto?

MO: Tô, to ensaiando aqui pra ver

P: Tá, então vai, pode ensaiar, o pessoal pode pegar um instrumento daí ...o grave.

[metalofone-melodia: ré, mi, ré mi, ré, mi, ré fá]

P: Vamo lá, a gente vai se esforçar tá.

MO: Eu preciso ver aqui Mariana.

P: O quê? Viu MO, é bem livre, o que você quiser pode errar, se ver uma nota.

MO: Então vai, essa aqui é tema de casamento, como seria o acompanhamento dessa música.

P: Você quer dar um nome pra sua música?

MO: A música do casamento.

P: A música do casamento. Tá ok.

MO: É, a música do casamento! É música nupcial, marcha, nupcial

P: Marcha nupcial acho que é

MO: É marcha nupcial vou fazer uma vez pra vocês que eu não sei- canta a marcha nupcial em um crescendo corta falando - Então vamo lá.

[metalofone começa, bumbo marca o tempo, agôgô entra depois. Começam a tocar juntos, se destaca o som do bumbo e do metalofone que continua no motivo da marcha nupcial em outro modo. Os instrumentos ouvidos respeitam andamento e ritmo proposto pelo “maestro da vez”] - [Risos]

P: Muito bom!

MO: Essa é a minha música, música do casamento

P: Legal! Quem quer fazer agora, quem quer tentar?

MO: Esse negócio aqui é complicado heim.

P: Você achou difícil?

MO: É você sabe com é né.

[som de percussão]

P: [Inc] você quer tentar? Ser o, mestre da roda?

WO: Quero

P: Tipo aquela, aquela brincadeira do siga o mestre né, esse é o siga o mestre na música. Você pode até escolher outro instrumento, você pode pegar esse instrumento que você tá na mão e pode até propor uma troca

MO: Afirmativo

P: Deixa só eu pegar o tambor aqui. Se alguém quiser trocar de instrumento trocar com outro. Já vamos começar tá...

WO: tá

P: Pode começar?

WO: Pode

P: E como vai ser o nome dessa música que você vai, tocar pra gente? Dá um nome

WO: Er...Acho que o nome é, jardim de infância

Pesquisadora; Como? Jardim de infância?!

WO: É!

MO: Como que é?

[Começam a tocar. O metalofone faz: dó, ré, ré; dó ré mi enquanto pesquisadora fala e orienta a continuação da atividade. Essa melodia se desenvolve dividindo mais o ritmo enquanto um tambor acompanha. Música denominada “Jardim de infância” mais acelerada ritmicamente, ela lembra a melodia da canção infantil dos dedos da mão: “Polegares, polegares, onde estão, aqui estão, eles se saúdam, eles se saúdam e se vão, e se vão”, com algumas poucas notas diferentes].

P: Aa ê!

[risos]

P: Ficou legal!

Alguém: Parece a dos polegares

P: Ah! Dos polegares né! Tum tum tum [canta]. Mas legal! Gostei do nome também! Quem vai tentar agora?

[Conversas entre o grupo, som da percussão]

P: Vai lá, quem que é o próximo?

LU: A professora!

P: Eu?!

LU: Sim

P: Tá bom, pode ser, vai! Todo mundo com instrumentos pra me acompanhar?

LU: Qual vai ser o nome da música?

P: Ah [risos] é...

MO: Pink Floyd Another brick in the wall [risos]

P: Vai ser, o nome vai ser, inventando!

LU: Inventando

[metalofone cria uma melodia, bumbo entra mais acelerado que o metalofone, depois o agogô complementa o ritmo do bumbo e os três harmonizam o ritmo, com o metalofone acelerando, até que terminam, em suspensão-imagino que houve um gesto corporal para o fim já que param quase juntos apesar da frase musical não ser claramente conclusiva]

WO: Nossa! [Inc]

P: É, é o nome da música né! Quem mais, quem mais?

MA: Eu quero.

P: É? Quer que coloque uma cadeira na frente? Daí você toca aqui? Ah, mas não precisa saber tocar, o legal desse instrumento é isso! Oh, se você não puder mexer o ombro, mexe o pulso que já sai o som. Como vai ser o ser o nome da sua música?

MA: Quinta-feira fria, quinta-feira gelada.

P: Quinta-feira gelada? Vai ser essa, então vamo lá!

[metalofone inicia a melodia, logo se ouve algo como um chocalho de sementes, e o tambor. Cada instrumento está em um ritmo diferenciado]

P: Aê! Obrigada! Quer tentar NEI. Não mesmo? É divertido

NEI: É que eu não tenho força

P: Alguém?

MO: Esse cachecol dela fala sério, muito lindo mesmo, muito lindo

P: Legal né!

MA: Eu ganhei de uma colega de trabalho.

P: E essa malhinha é tão gostosa né!

[silêncio]

P: Pera aí, só um minutinho, vai pensando num nome aí

LU: Vou ensaiando

P: Isso vai ensaiando

[som do metalofone em escalinhas, vai para as notas mais agudas, criando melodias]

[conversas]

MO: Toque aquela. Atirei o pau no gato!

LU: Dormi na praça.

WO: Mariana, tira a música aí pra nós.

P: Qual? Atirei o pau no gato? Ih, mas é difícil tirar. Depois você tira essa.

LU: Inventando.

P: Inventando número 2.

[Sons do metalofone]

P: Aê! O legal que o seu teve um [faz o som da percussão]

[Alguém pede para sair]

P: Tá bom, aí depois você volta, pode deixar aí em cima da cadeira

P: Quer tentar RO?

RO: Não

P: Não mesmo? Sério? Quer tentar AN? Você RO, mesmo? Ô! HI quer tentar? Não quer? Ok, Agora gente, é...eu vou pedir pra alguém que vai ser o que vai tocar, que vai tocar a música e outro vai ser o maestro, o que o maestro faz nessa história. O maestro, ele vai pedir pra quando ele quiser pra aumentar o som ou diminuir, ou acelerar ficar mais rapidinho, desacelerar que é bem lento, então os movimentos serão esses. Deu pra entender?

MO; Deu

P: Então tá, quem quer ser quem? Quem quer tocar o metalofone? Quem quer fazer a música?

MO: Eu já toquei o metalofone, então nesse eu vou ser o maestro

P: Então você vai ser o maestro, tá bom, e quem vai tocar a música?

MO; Mariana? [risos]

P: Não, eu quero um de vocês. Porque esse é um dos papéis principais assim

[silêncio]

P: Quer tentar LU?

LU: Eu não vou conseguir

P: Não, mas você já conseguiu!

LU: Tá

P: Vai lá!? Legal!

[conversas]

MO: Ela vai e eu vou aqui [canta a marcha nupcial]

P: Legal, então, quem tiver tocando, escutando, presta atenção, você também LU tá, se ele pediu você já foi

[risos]

P: Tá bom? RO entendeu como que é? Olhe pro MO, que o MO que vai ditar as regras .

Primeiro, é, assim mais baixinho, e aí quando ele fizer assim, é pra desacelerar, mais lento [dá exemplo dos movimentos]

MO: Quando eu fizer assim é pra para

[risos]

P: Entao você espera a LU começar, quando ela começar aí você começa a fazer tá bom?

[metalofone ja esta tocando]

[entra o tambor]

[metalofone continua enquanto MO conversa com a Pesquisadora como seriam as alturas “media”-falando da intensidade sonora e não do grave e agudo]

MO: Agora vai! [pedindo mais volume no som]

P: Desacelerando! Mais devagar...

P: Ah ê!

P: Agora quer tentar você tocar metalofone e alguma delas ser o maestro?

MO: Positivo!

P: Então tá, quem quer ser o maestro?

[silencio]

MO: Eu sou o maestro

P: Ana? É muito legal ser o maestro, acho que você devia tentar. RO, quer ser o maestro? É só levantar, abaixar,...quer tentar? Vai ser divertido. Não mesmo? NEI? Então vai lá LU, mais alto, mais lento...

[metalofone está tocando enquanto a Pesquisadora fala]

P: Quando começar avisa tá?

[para o metalofone]

MO: Atirei o pau no gato

[Metalofone e tambor começam tocando, em ritmos diferentes, o metalofone constroi frases]

[tambor sai]

[metalofone continua, até que o tambor entra de novo acompanhando o ritmo]

[A pesquisadora fala esclarecendo para quem está tocando do que o maestro está pedindo]

P: Continua! [tocar]

MO comenta mas não dá para ouvir

P: Agora vai encerrar? Agora lento!

[termina a improvisação]

[?]: Às vezes a gente fica assim com vergonha né, e quando vem tocar [não escuto]

[metalofone volta a tocar enquanto a usuária dá seu feedback sobre a experiência]

P: Viu!? Alguém quer tentar, agora que tá com menos vergonha? Alguém quer tocar xilofone então?

[metalofone aumenta a intensidade e andamento]

P: HI quer tentar, fazer o maestro?

[metalofone faz glissandos]

MO: ô Mariana!

P: Bonito esse som, né! [risos]

[metalofone continua]

MO: E agora uma conhecida! Traz aí Mariana

P: Uma conhecida?

MO: Assim uma [não entendo]

P: hum...digam aí pessoal uma conhecida pro MO tentar tocar

MO: [não entendo] começa a tocar e ri

MO: Não vai, não vai

[risos]

MO: Quer tentar?

P: Não, não, pode tocar. Então pessoal, agora, eu queria, é...você tocarem, e quem ainda não foi líder, ser líder e agora escolher o instrumento que quiser, pode ser até o instrumento mais baixinho. Vocês topam? Ser líder da música? Pode ser? O que vocês acham? NEI, [fulano] e RO.

[MO tocando a marcha nupcial no metalofone]

P: RO? Pode ser? Vamo tentar...

P: Então ô MO!

[para o metalofone]

P: Então agora a RO vai ditar a música, então ela vai inventar, ditar o ritmo e a gente vai tentar acompanhar ela, tá bom, então pega aí na mão.

[metalofone começa, logo entra o tambor]

[metalofone para]

MO comenta sobre a música com a Pesquisadora

P: Acompanha. Agora vamos tentar tocar mais alto?

[tambor marca o ritmo de um xote]

P: Agora bem baixinho

P: Mais alto

P: Canta “Capelinha de Melão”

MO fala e toda a música para.

MO: Será que essa música

[metalofone começa a tocar a melodia “Polegares”= “Frere jacques”]

P: Pode ser. [E começa a cantar a melodia] É “frere jacques”, acho que é né?

[silencio]

P: Pessoal, como é que foi tocar junto, todo mundo junto?

LU: Legal

MO: Ah, foi bem legal!

P: É difícil?

LU: É mais pra começar e quebrar aquele medo que tem, as vezes tem vergonha pra cantar pra tocar [Inc]

P: É! E quanto mais participa mais consegue tocar, os instrumentos, brincar de maestro...

LU: Talvez com a pessoa, passar a vergonha...

P: é verdade! Talvez o mais difícil que você tá falando é quebrar o gelo. E você dessa mescla que foi agora, o que que você achou?

P: É? Foi tranquilo? Foi mais fácil do que você imaginava ?

LU: Foi

P: Então né, as vezes a gente faz um bicho de sete cabeças o que não era nem tão difícil! E pra vocês, o que foi mais difícil assim,?

[longo silêncio]

P: Ana, o que você achou mais difícil assim?

MO: Mariana...só pergunta pra elas, assim, o que elas mais gostam de escutar

P: Ah, elas já me falaram assim, na entrevista né...um pouquinho né! Mas quer perguntar pra elas pergunte

MO: Vocês ouvem música em casa? Tipo, hoje ou sexta feira, no sábado ou domingo, vocês tipo varrendo a casa, lavando a louça, fazendo comida, vocês deixam a radio ligada ou não?

[silencio] é isso, isso que perguntei pra elas

NEI: Eu ouço, na minha casa sim, ou fico no meu quarto assistindo tv, tv 24 horas por dia

MO: 24 horas! Então só chega em casa e TV, TV, TV, agora rádio não.

NEI: Não, rádio não, eu nem tenho rádio

MO: E a senhora também? Não ouve rádio? Nem hino, nem nada, nem am e fm?

AN: Eu escuto hino

MO: Evangélico? De que igreja a senhora é?

AN: da congregação

MO: Da congregação? Hm...é Mariana, eu tô sempre tão acostumado, a ter a música, como companhia

P: Aham, e como é que fica pra vocês quando a gente faz música junto? Já que vocês não estão acostumados a ouvir no dia a dia assim, como é que é?

[silêncio]

NEI: Eu não entendo sabia, eu não entendo o que a musicoterapia ajuda a gente?

P: É...não sei pessoal, o que que vocês acham que ajuda a musicoterapia? Até agora a gente fez umas 10 sessões já quase né, é claro, que nem todo mundo participou de todas, mas o que vocês acham que até agora ajudou em alguma coisa, o que que ajuda da musicoterapia

MO: Pra mim a música sempre ajuda né, a primeira vez que entrei já, poxa tem uma menina aí que vai, aí, dar aula de música e não sei muito bem, vai lidar com música, eu adoro música, pode ver! Sempre me debatendo numa coisa aqui e tal. Mas o lance é que você falou, é mais intenso né, o que a música faz em mim, o que a música ajuda em mim? Aí que tá o desafio né Mariana, porque aqui quando a gente sai de dentro de você aqui, é violão, e chocalho, é essas coisas aqui, mas o lance é quando você sai daquela porta pra fora. Porque a música, a música! Ela tem um papel muito forte no nosso espírito. Sabe, ela eleva teu espírito, ela expande teu espírito. Teu espírito é como um líquido, ele tá dentro de você assim e ele tem a capacidade de expandir tudo isto, isto transcende, isso sai, mas veja, o lance quando você está ali na presença da música, no seu dia, [canta a melodia de "polegares"] isso toca você [canta]. Mas depois que você sai da presença, dessa terapia musical, aí você não escuta música, ali você, já ve uma pessoa vindo em cima de você você ouve os carros, ouve um estouro, um pá! Eu adoro música, eu vivo com, eu to sempre em casa tocando violão, mas é, pra elas aí, é mais difícil, ter o hábito de ouvir.

P: O que que vocês acham? A LU também, ouve pouco música. Como que é a Musicoterapia pra vocês?

LU: Pra mim foi uma coisa diferente né, pra vencer pra

P: Aham, e o que que você acha que te ajuda assim?

LU: Ajuda assim a pessoa a se abrir mais, a ser mais criativo, ter tentativa, no meu caso né. Que eu sou muita quieta, e até em sala de aula, por eu ser muito quieta, aí não falava com as pessoas, saía da aula com dúvidas, entendeu? Problema com os colegas, então tá me ajudando

P: RO... aham, brigada. RO pra você, ajuda a Musicoterapia? O que que você acha?

RO: Como um ...a gente pode conversar, falar, não ter vergonha de se expressar

P: Aham, então será que respondeu um pouquinho?

NEI: Eu assim [não ouço] e sei que é usado muito em pessoa especial

P: Também, é uma área de atuação né...Mas assim o que eu me pergunto sempre, e no final de cada sessão, como o MO falou, eu espero que vocês possam me dar um feedback em relação a isso, é assim, é que, é,...a nossa hipótese é que a gente acha, é que a música é que quando por exemplo, quando vocês cantam algo novo aqui na música, quando vocês experienciam algo novo aqui na música, quando ta na música, tocando, numa experiencia diferente, você se desloca do seu lugar, isso você leva com você, e claro, sabe MO, por mais que a música não esteja da porta pra fora no seu dia a dia, acho que o espaço que causou essa experiencia é que você vai levar com você.

MO: A música, sabe, eu tava analisando aqui agora sabe mariana, a palavra é de um cara que curte música desde que nasceu né, a música tem um impacto na tua vida ainda que você não queira, mesmo que você não ouça durante o dia, mas ela tem um impacto, ela tende a, tocar você, toca em areas do teu cerebro, você ve, uma pessoa que era fechada assim, e derrepente, ah vamo tocar aqui, e derrepente ah te dá um sorriso, por que, porque a música tem essa capacidade de agir no espírito da pessoa, eu pra mim, é positivo, eu adoro esse tipo de coisa, música, atabaque, agora eu, eu se fosse elas, aconselharia elas a ir, a escutar mais música em casa, a escutar a a música, limpou a casa com o rádio ligado, e prestar atenção nas notas na letra. Você pode ver, pode ver que Deus, Deus ele adorava tanto dentro da igreja católica quanto evangélica, através da música, quando as pessoas querem que chegue , o louvor, ele é através da música, do violão do louvor, você pode ver o que o ser humano tem de relação com a música, pra mim é totalmente positivo isso aqui

P: Hm...gente eu queria propor pra gente finalizar, pra que mais uma vez a gente tocasse junto

né, quem quiser tocar o metalofone, só que dessa vez, tentem perceber como vocês estão se sentindo, tocando junto, tocando assim seu instrumento, escutando o outro, tá bom? Pode ser? Então podem escolher o instrumento, e

MO: Quero tocar o violão

P: Isso pode ser, o que você quiser tocar. O que você quer tocar RO?

[violão afina]

MO: Oh Mariana, a gente podia tocar uma música e elas acompanharem do jeito que elas quisessem

Mariana: Pode ser MO, a ideia é tocar junto assim

MO: Você sabe tocar essa aqui? Canta: “Pra que mentir...” Ou você quer uma música mais improvisada

P: Vocês que sabem, o que vocês acham pessoal? Vocês querem tocar na improvisação ou tocar uma música mais alegre, o MO propôs aqui, o que que vocês acham meninas? O que preferem?

MO: Só que eu não sei a letra daquela ali

Pesquisadora, pode ser assim, mas vamos decidir em grupo MO, pra ver o que a maioria prefere, O que vocês preferem meninas.

[violão para]

P: Então, oh, o MO propôs, tocar uma canção, e a gente acompanhar com os instrumentos, ou a gente pode só tocar os instrumentos sem letra, o que vocês preferem?

LU: Eu particularmente prefiro sem letra,

P: Então vamo fazer assim, a gente toca só os instrumentos, e depois no final a gente faz uma canção. Bom, a gente faz os dois, mas é que eu acho que só os instrumentos a gente consegue prestar mais atenção do que se for com letra, o que vocês acham, tá bom? Pode ser?

MO: E então, é sem música nenhuma, só o som?

P: Isso, beleza? Então prestem atenção no que forem sentindo!

um acorde do violão, metalofone começa a tocar.

Tambor marca o tempo. Violão faz uns acordes tentando acompanhar o metalofone, percussão entra, marcando as vezes o contratempo. Metalofone desenha a melodia da improvisação em altura mediana para aguda, violão traz mais os graves, há um motivo musical que se repete no metalofone, e que é acompanhado pelo violão em escalas, metalofone vai diminuindo, percussão também vai parando]

MO: Ficou uma música clássica heim?

[metalofone volta, violão para, percussão continua pianinho]

MO: Sério, ficou uma música clássica

[música para]

[risos]

MO: Violãozinho ali!

P: Ficou legal!

[risos]

LU: Como é que chama esse instrumento aqui?

P: Esse eu não sei, vem lá do Uruguai me trouxeram de presente, não tenho a mínima ideia, mas tem um barulho peculiar né

[violão está tocando]

P: Então pessoal, eu quero que vocês fiquem com esse sentimento que vocês perceberam, e escrevam no caderno aqui, lembrando desse sentimento, que no final nos vamos ver

[violão continua]

MO: É, e na próxima vez nos tocamos uma música

P: Podemos fazer agora se quiser

MO: Agora não né, pelo tempo né,...depois que horas que acaba aqui no caps?

P: 17h...Então esse aí vocês colocam o nome e data e colocam o sentimento uma palavra, de como vocês estão saindo hoje, e embaixo na parte da música vocês colocam o que que você mais gostou, se foi um instrumento, se foi uma canção, hoje não teve canção, ah não teve um pouquinho ali. Hoje é dia...

MO: 5

[silencio]

[conversas entre pesquisadora e [?]]s individualmente, não dá para ouvir]

P: Acho que sim, a gente vai tocar ainda mais tarde uma música

MO: Eu não vou tocar

P: Putz agora vou ficar me sentindo mal que a gente não vai tocar a música disse, dá tempo, o pessoal que quer ficar fica né,

[estão escrevendo no caderno com a ajuda da pesquisadora que faz questões]

LU: Tchau pra vocês até terça

P: Tchau pessoal, até terça.

MO: Mariana eu to indo embora

P: E o caderno, mesmo? Então MO, semana que vem a gente ensaia uma, uma canção daí tá?

MO: Com certeza, vamos fazer uma bem bonita aí

P: Então tá bom então! Até terça!

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

LU – *Eu gostei da união do grupo, cada um tocando instrumento*

AN – *Satisfação. Tocar.*

RO – *Emoção – Boa. Tocar o metalofone.*

MO – *Frase: A música alegra o espírito na maioria das vezes. Frase Música fortalece e enleva o espírito, as nossas vidas.*

NEI – *Gostei foi uma diferente. Gostei de ficar com o pandeiro.*

HI – *Barulho na cabeça. Não é muito bom. Nada chamou atenção. Metalofone – barulho de lata. Meio esquisito o som.*

MA – *Divertido. Acompanhar meus colegas nas melodias.*

10ª Sessão – 30 de Julho de 2013

Estavam presentes: WO, MO, LU, LI, RO e HI.

P: Hoje é dia? Trinta? Dia trinta, de Julho.

(Sons de MO dedilhando o violão)

P: Então pessoal, é, hoje, a gente vai fazer um uma atividade parecida com aquela atividade dos instrumentos, só que uma ideia além assim, mais assim. A gente pode explicar, já que a LI não tava o que que a gente fez com os instrumentos da outra vez. Lembra que tinha o maestro? [Inc] Vocês explicam pra ela?

(Enquanto a Mt diz a fala acima MO continua dedilhando melodias no violão e fazendo alguns acordes)

[Inc]

P: Ah é teu?

MO: Aham.

P: Então, alguém pode explicar pra LI? MO, você gostaria de explicar pra LI o que a gente fez, lembra da última vez?

MO continua tocando o violão.

P: Ein?

MO: Ah, eu to tocando agora! Agora eu não posso falar!

[risadas da Mt e de MO]

MO: Ah, o que que a gente fez, a gente fez o seguinte, exploramos ali né a questão dos sons e daí em cima de cada instrumento que teve como por início o seu som, nós procurávamos construir um arranjo em cima daquele instrumento que tava ditando ali o né né a questão de né né, foi misturado ali os sons de corda com sons ali de ... como se chama de?

P: De percussão.

MO: De percussão. E tudo dentro de um ritmo né pra produzir uma certa melodia, é uma música.

P: E daí LI, assim, é quem tava com o metalofone ditava a música, né, então, ah, quem quem do jeito que a pessoa tocar a gente tem que acompanhar né, e além dessa pessoa que ditava a

música tinha o maestro que ditava a intensidade, se era mais alto, ou mais pianinho mais levinho assim o som assim [Mt exemplifica, falando com intensidade maior ou menor], e daí é a gente foi um desafio né, tocar todo mundo junto, mas ficou legal até, ficou bonito. Então, hoje, eu vou propor pra vocês é... uma coisa parecida, só que desta vez cada um vai ter uma função, então assim por exemplo, vai ter o metalofone que vai fazer a melodia que é o líder da música, vai ter o maestro e a gente tá e quatro, eu queria que vocês invetassem mais duas tarefas, o que que podia ser?

[Inc]

P: Tipo pra cada um ter um papel na improvisação assim, por exemplo, alguém tem vontade de ser o líder e ficar o metalofone?

Lu: Eu não.

P: Não? Alguém quer ser o líder

MO: Eu quero ser o líder, eu nasci pra ser o líder.

P: Então você vai tocar o metalofone tá?

MO: Afirmativo.

P: Quem quer ser o maestro, aquele que faz a música ficar mais alto ou mais baixo...

LU: Elas não querem, alguma delas?

P: LI você quer aproveitar que não gosta de música muito alta ficar controlando essa questão da intensidade? É só você a hora que quiser que alguém aumente assim [Mt faz o movimento com a mãe] a hora que você quiser que diminua, faz assim [demonstra com a mão]. Quer tentar?

Pode ser? É?

LI acena que sim.

P: Você só faz com a mão.

LI: Mão?

P: Com a mão. [Inc]

[risada de MO]

LI: Ah.

P: Entendeu? Você [Inc] você pode pegar um instrumento tocar e a hora que você quiser que abaixe o volume, faz assim, a hora que quiser que aumente o volume faz assim, tá?

LI: Aham.

P: E daí o resto de vocês tem que ficar atentos a LI, porque pra obedecer o que ela está fazendo né?

MO: Só pra quebrar o gelo, mesmo, pra quebrar aquela timidez, aquela coisa, né né

P: É também isso, porque daí da uma dinâmica na música né? Uma hora faz [Inc]. Então LU e RO vocês vão ter duas [Inc], ah tem uma função que a gente pode fazer, que é o seguinte, quem finaliza a música.

[Inc]

Por exemplo a gente pode escolher um instrumento mais assim, tipo o sapo, ou esse aqui [Mt toca o sino], que vai falar a hora que termina a música, entendeu? O sino ou o sapo, sei lá, pode ser um outro, pode ser um chocalho assim. Que daí quando a pessoa finalizar é porque a gente tem que ir abaixando e finalizar a música. Deu pra entender? RO entendeu?

RO acena que sim.

P: Sim? Tá tudo bem com você hoje RO?

RO acena que não.

P: Não? não tá muito.

[MO dá uma risada]

P: Mas tá dando pra ficar aqui? Se você tiver incomodada não tiver muito legal, é porque a gente faz que nem da outra vez, você sai um pouquinho depois volta quando tiver, melhor tá?

LU e RO quem vai ser a pessoa que finaliza a música.

LU: Pode ser.

P: Pode ser você?!

LU: Aham.

P: Legal

LU: Pegar qualquer instrumentinho né?

P: O que?

LU: É pra pegar um instrumento [Inc]

P: Isso. Pode pode, você pode pegar até dois LU, porque um você faz durante a música e você deixa o sapo ou o sino do lado a hora que você quiser terminar você usa ele e... RO qual que você quer que seja a tua função? [Inc]

MO: A LI vai cantar, a gente vai tocar aqui e vai cantar.

P: A LI?

MO: LI.

P: LI.

MO: Ah, pensei fiquei pensando que era LI.

P: Não, LI.

MO: LI!

P: A LI vai ser quem vai ser, o maestro né.

MO: Vai ser o maestro. [MO imita os movimentos de um Maestro e cantarola uma melodia]

P: Isso, o MO gosta muito de ser o Maestro. É legal ser o Maestro né?

MO: É bom.

P: Agora a gente tem que dar uma função pra RO. O que que a RO pode, que função ela pode ter na música? Fora tocar né, que todo mundo vai tar tocando.

MO: Qual função que ela vai ter?

P: É tipo assim ó, a LU vai finalizar a música, você vai ditar a melodia, a LI vai ditar a intensidade né.

HI entra na sala

Oi HI, já acabou a aula do S.? O pessoal tá vindo será?

[?]: Do S. não [Inc]

P: onde você tava?

HI: Eu não sei onde eu tava.

P: Você não sabe onde você tava?

HI: [Inc]

P: Ah, tava lá fora.

HI: Tava no pátio

P: Beleza.

MO: Além da pessoa tocar o instrumento...

P: Ela tem uma função, além do tocar o instrumento

MO: Qual função?

P: Tipo a tua função é ser líder do grupo, você que faz a melodia.

MO: Mas daí sempre eu vou ser isso?

P: Não, só nessa improvisação, depois a gente troca, entendeu? É daí tipo assim a LI vai estar tocando, mas ela também vai tar responsável por por pela intensidade.

MO: Mas só que daí eu não posso fazer isso, só ela que faz.

P: Isso exatamente, você tem que seguir ela por enquanto, se você quiser ser o maestro na próxima vez, aí você, na próxima...

MO: Então vamo começar logo.

P: Mas tem que achar uma função pra RO e pro HI.

MO: Que instrumento ela, que a RO vai tocar?

P: RO, que instrumento que você quer tocar?

MO: Vamo! Que instrumento?

P: Ô MO! [risadas do grupo] É difícil escolher, olha o tanto de instrumento que tem.

[risadas de MO, RO escolhe o pandeiro]

P: Ae, o pandeiro legal.

MO: Quando eu olhei o pandeiro, eu notei que ela gostava do pandeiro, ela tem ritmo, ela tem

P: Tem, tem mesmo, legal. Então, é... vamo fazer o seguinte, é... a RO então vai ditar a velocidade. Pode ser? Porque ela tá com o pandeiro, ela dita a velocidade, se você quiser que seja mais rápido você toca mais rápido [Mt exemplifica tocando o rebolo em um andamento mais rápido], se quer que seja mais lento, você toca mais lento [exemplifica], e você que tá na melodia, fique de olho nela, porque a tua melodia vai acompanhar ela também.

MO: Mas daí eu fico de olho nela ou nela?

P: Isso, é todos.

MO: Mas isso é muito difícil.

P: Mas sabe MO, quando você tá tocando em grupo...

MO: [Inc] O maestro [Inc] mas eles tão sempre de olho no maestro lá,

P: Mas olha só, quando você tá num grupo assim menor, não numa orquestra, um grupo assim de rock por exemplo, você tem que ficar de olho em todo mundo né?

MO: É.

P: Tem que ficar de olho, porque se o cara da bateria começa a acelerar fio, você tem que acelerar junto, né.

MO: Sabe que que eu não entendi... o que isso ajuda nós?

P: Olha, no mínimo pra vocês lidarem com a concentração...

[risadas de MO e da Mt]

P: No mínimo. Pra ver se a agente consegue fazer isso. HI, que função você vai ter hoje? Vamos pensar em uma função pro HI.

MO: O HI ele vai ter que [Inc] figurativamente representativamente, né, ali vai compor a música com os "ais" dele, ai.. ai...

[risadas do grupo]

MO: Tem que ser uma música tensa, tipo aquela dor ali, então uma tensão, um sofrimento, tipo assim, como é que é aquela música lá? [MO começa a cantarolar a melodia do refrão da música do Fantasma da Ópera]. [risadas do grupo] e o HI, aaaiii

P: [Inc]

MO: Sinfonia dos Ais.

P: Bom, vamo dar uma coisa bem simples pro HI fazer, já que ele tá com, com muita dor.

LI: Eu também to com muita dor, porque aconteceu um acidente no ônibus comigo.

P: Hoje?

LI: Domingo.

P: O que aconteceu?

LI: O ônibus pulou contudo a lombada e eu voei.

P: [som de espanto] e daí?

LI: E eu bati minha perna, tá inchada, [Inc] tá tudo dolorido, a médica disse pra eu ir no médico.

P: É porque vai que machucou alguma coisa.

LI: É. Porque pegou bem aqui nessa parte aqui, essa parte tá inchada, não dá nem pra encostar, assim.

P: Aham. Você tá mancandinho então?

LI: Não. Não conseguia encostar o pé no chão.

P: Nossa.

LI: Não conseguia fazer nada, tudo as meninas tinha que me ajudar, vesti roupa eu não conseguia, eu não conseguia encostar o pé no chão, ontem eu também não conseguia. É aqueles micro-ônibus né, eles acham que são quase deus, o cara passou correndo a lombada [Inc]. Só que eu tava bem atrás não tinha onde me segurar.

P: Ah, lá atrás não dá...

LI: Eu gosto de segurar, mas atrás não tem, e eu voei de lá. [Inc]

P: É bom ir no médico, as vezes ele dá até um remédio pra dor.

LI: É.

P: Que a gente pode dar pro HI, que ele pode fazer na nossa música? HI você pode dar a sua opinião também, se você quiser. Ah, já que a LU vai dar o final da música o HI pode dar o começo da música. Pode ser?

LU: Aham.

P: HI que instrumento você quer pra dar o começo da música? Só pra gente saber... [Inc]. É só escolher um instrumento, tá HI?

HI: Deus abençoe as crianças... [cantarolado]

P: Esse vai ser o começo da música? Beleza. Essa vai ser a frase pra começar a música, tá?

Beleza gente?

[grupo dá risadas baixinhas]

P: Então tá, cada um pega os seus instrumentos. O MO pega o vibrafone, né, metalofone, pode escolher os instrumentos. LU quer escolher um instrumento pra você? Desculpa, LI, é que eu tava pensando na LU. LI. Pra acompanhar, daí a hora que você quiser [Inc].

LI: [Inc]

P: É um bom sinalizador [Inc]. Ó. Quando a LU tocar o sino é porque é pra parar, tá?

LU: Eu não vou tocar nenhum né? Só ficar parada?

P: Não, não. Pode tocar o caxixi, normal, não, toca ela, deixa esse aí do lado, a hora que você quiser acabar a música, toca o sino. Daí, eu quero escolher depois que todo mundo tiver escolhido. E daí HI quer escolher um instrumento? Você que sabe.

MO começa a tocar o metalofone, repetindo duas notas com intensidade alta, e a partir dessas duas notas desenvolve uma pequena melodia.

[Inc]

P: MO. Presta atenção que a LI dá a intensidade.

MO: Sim sim sim.

P: Vamo, lá, todo mundo concentra agora.

MO toca o metalofone novamente.

P: MO. Todo mundo concentra agora.

[MO e Mt dão risada]

P: E o HI vai cantar aquela frase, e daí a gente começa.

LU: Toca junto?

P: Toca junto, mesmo o sino.

MO: Mas cadê a música aqui? Porque quem vai mandar é eu.

P: Quem dá o ritmo é a RO, quem dá a intensidade é a LI. Tá bom? Se a LI fizer assim, abaixa, se ela fizer assim, aumenta. Beleza?

MO: Tá.

P: A cara do MO de preocupado.

MO: É que eu tenho que olhar pra muitas pessoas.

P: Tá. Agora assim, o, o HI vai começa a fazer daí a gente começa. Vai lá HI. A frase do deus abençoe as crianças.

HI cantarola: Deus abençoe as crianças.

A Mt inicia sonorizações no violão, MO começa a melodia que estava treinando no metalofone, com base em duas notas que se repetem e desenvolvem outras melodias. A intensidade do metalofone é bem mais forte do que a dos outros instrumentos.

P: MO. [Mt chama a atenção de MO, para os movimentos de LI, indicando que ele diminua a intensidade do som]

MO: Ah?

MO começa a desenvolver a melodia do "Another brick in the wall" do Pink Floyd.

Musicoterapeuta busca dar um suporte de ritmo para o grupo com o violão, mantendo um acorde, acompanhando a melodia de MO. Algumas conversas ocorrem ao fundo mas não é possível as compreender. Também não é possível escutar muito bem o restante do grupo devido a intensidade do metalofone, mas se percebe o grupo buscando uma unidade através do ritmo, MO é o centro do grupo.

[risadas de MO]

MO: Já descobriu que música que é?

P: [Inc]

LU toca o sino.

O grupo dá risada. Falam algumas coisas, mas não é possível compreender.

MO: Você gostou?

P: Ficou legal! Difícil gente? Acharam difícil? Tem que ouvir muita coisa né.

[MO volta a tocar uma nota no metalofone]

[Inc]

LI: Irrita.

P: O que que irrita exatamente?

LI: Irrita...

P: Tudo, o metalofone,...

LI: O metalofone.

P: O metalofone? Então que tal agora você pegar o metalofone, e você toca do jeito que você quiser?

LI: Ai meu deus...

P: Você que dita a música é claro.

LI: Ah, eu não sei ditar uma música.

P: Não, é só você tocar [Inc]

MO: Que instrumento você gosta de tocar, o LI? Que tipo de instrumento?

P: O MO, deixa ela tentar porque ela disse que irrita esse instrumento, daí de repente ela consegue achar um som que não irrita.

MO: [Inc] deixa eu colocar no teu colo.

[Inc]

P: Quer que coloque uma cadeira na frente?

[Inc]

P: Então agora vamos trocar as funções. Quem que quer ficar na função de finalizar a música?

LI: Ela que começou né?

P: Foi o HI que começou.

MO: Eu fui o líder.

P: É, o MO quer ser o maestro?

MO: Como que vão ficar?

P: A LU ficou responsável pelo sininho que finaliza a música. Você quer ser o maestro, é isso? Maestro?

MO: O maestro, eu quero ser o maestro.

P: Você quer ser o maestro. Beleza. HI você quer finalizar a música? Você é o responsável por finalizar a música? Pode ser? [Inc] Não?

HI: Não sei.

P: É só a hora que você quiser que finalize a música você toca o sino. Beleza? [Inc]

MO: [Inc]

P: Aí, RO e LU, querem tocar então? Quer dizer... que que tá faltando? Falta o ritmo e... ah, o começo da música, quem que começa...

LU: Atirei o pau no gato to mais o gato to... [cantarola]

[risadas do grupo].

P: Então você começa então. Pode ser? E RO fica no ritmo? Pode ser? Tá tudo bem? Tá indo? Qualquer coisa me avisa tá? Então vamo lá.

LU: Eu canto...

P: Isso isso, canta um pedacinho. Daí quando você finalizar a LI começa. MO quer pegar um instrumento?

MO: Ò eu to com essa aqui...

P: É se quiser acompanhar com algum instrumento... você que sabe

MO: Não só assim tá bom. Só quero ficar segurando [Inc]

P: Tá beleza.

Alguém toca o sapo.

[Inc]

LU: Pode começar?

P: pode começar.

LU começa a cantarolar Atirei o pau no gato to mas o gato to... e interrompe.

LU: Pode começa.

LI começa a tocar o metalofone.

[Inc]

A Mt começa a tocar o violão com intensidade baixa novamente buscando um ritmo comum ao grupo. Depois troca de instrumento e pega o rebolo.

MO: Mas elas não olham.

MO faz sinal de aumentar a intensidade.

[risadas]

MO: Quando eu apontar para aquele instrumento, ele tem que aumentar.

MO vai apontando para cada instrumento, e cada um vai aumentando.

MO: [Inc]

P: Quem dá o finalmente é o HI tá? HI, a hora que você quiser finalizar pode finalizar tá?

MO: [Inc]

WO entra na sala e pega o violão

MO: Lá, Ré e Dó.

MO: [Inc]

[risadas]

HI toca o sino.

[risadas]

P: WO, o sininho dita o fim da música.

[Mt toca as cifras, conversas e risadas entre o grupo]

MO: [Inc]

[risadas]

P: Ahn?

WO: Pararam a música.

P:

WO: Ah, agora eu quero ir embora.

P: Vai embora mesmo?

P: Como é que foi tocar o metalofone aí você no controle da intensidade?

LI: Ah no controle...

MO: Vou tirar aqui para você.

P: Foi mais tranquilo?

[sons de diversos instrumentos]

LI: Foi mais tranquilo porque eu sabia o que, que eu ia, fazer...

P: E essa música que a gente fez te irritou?

LI: Que música?

P: Essa que a gente fez.

LI: [Inc]

P: Foi mais tranquilo, então... E agora, quem que vai querer ficar na no, metalofone, pra compor a melodia?

LU: Mas tem que ser esse instrumento?

P: Ah, a gente pode pegar outro. Quer? Tá.

HI fala algumas coisas [Inc]

P: Alguém quer? Você quer?

[risadas]

P: Você quer segurar no colo? Agora a RO... RO você quer ficar com o sino pra finalizar a música? Pode ser?

RO acena que sim.

P: Tranquilo? Se quiser pegar um instrumento um chocalho pra ficar mais fácil pode tocar, pode tocar tá?

Sons de MO tocando o metalofone.

MO: [incompressível - MO perguntando sobre o metalofone]

Sons de WO tocando uma melodia no violão

P: Você quer propor uma música WO? Daí a gente já pode acompanhar uma canção também, também dá...

MO: Toca uma música aí que você saiba tocar aí WO...

P: Daí o MO canta, pode ser.

WO: Qual?

MO: Toca aí, pensa aí, Engenheiros, Legião, não sei, [Inc.

P: Então a RO finaliza a música...

WO: Lulu Santos

MO: Ahn?

WO: Lulu Santos [Inc]

MO: Vai tocando as cordas aí que já...

P: E deixa eu perguntar, quem que vai ser o maestro da intensidade aí, quem que quer?

MO: Não, o Maestro é o WO.

P: Então tá, vamo tentar...

WO começa a tocar o violão e RO toca o metalofone, o grupo acompanha ritmicamente tocando instrumento de percussão. WO começa a cantar Vendaval do Ed Motta. MO começa a improvisar vocalmente junto com WO. RO tocou o sino e o grupo parou de tocar.

P: Ae! RO finalizou.

MO: Eu escutei esses dias Samurai

P: Do Djavan?

MO começa a cantar Samurai

WO: Essa é legal.

P: Teclado?

WO: [Inc]

WO sai da sala.

P: O MO quer pegar o violão tocar uma canção, daí a gente te acompanha que nem a gente fez agora?

MO: [Inc]

P: Ah?

MO: Pro pessoal [Inc]

P: Pro pessoal?

MO: Ó vou fazer assim e você faz assim

MO demonstra no violão o ritmo da música e diz para RO como percutir o pandeiro para o acompanhar

MO: Mais forte. Agora!

MO começa a cantar Another brick on the wall. A Mt o acompanha cantando e tocando o rebolo. O grupo acompanha ritmicamente com instrumentos de percussão. No refrão o grupo aumenta bastante a intensidade, especialmente o vocal de MO. MO finaliza com uma improvisação melódica no violão e falando...

MO: E vivam todo os dias as vaquinhas do campo e os bois nos montes... [risadas]

MO: Os espírito ficaram [Inc] tocados quando eu comecei a tocar... vc viu?

P: Por que? Tocados assim em que sentido?

MO: Eles não querem me ver tocar bonito.

P: E você conseguiu fazer?

MO: Consegui fazer.

P: Então massa!

MO: [Inc]

P: [Inc]

MO: Quando eles viram que eu ia pegar o violão e vou tocar eles começam a [pegar?] a voz, e a voz distorce...

P: E você conseguiu né MO.

MO: [Inc] Eles não querem que eu faça nada, não posso chamar atenção

P: Mas que bom que você conseguiu MO.

MO: Mariana, eu vou no banheiro e já volto.

P: Como é que foi essa aí LI, porque tava tensa essa música.

LI: Não foi bom.

P: Eu falei que podia diminuir.

LI: Mas ele não olha...

P: Mas faz na frente, não tem problema.

LI: Ele pega no ritmo e via embora.

P: Então gente quem quer propor uma música agora? Pode propor a música, a intensidade, tudo. silêncio

P: HI quer propor uma música?

HI: Não quero.

P: Hoje não?

HI: Não.

P: RO quer propor uma música?

RO acena que não.

P: Não? LI quer?

LI: Que música?

P: Ah, qualquer uma que você quiser...

[silêncio]

P: LU?

LU: Não sei qual é a música...

P: Ah, pode ser qualquer uma gente, pode ser uma bem simples, tipo atirei o pau no gato que nem você falou, pode ser uma canção mesmo, que a gente faz.

LU: [Inc]

P: Ah, a gente canta junto.

LU: Eu proponho essa aí.

P: Quem lembrar de uma música pode propor...

[silêncio]

P: RO quer tentar tocar o o, você ainda não tocou o metalofone? Quer tentar? Que que você acha?

RO acena que não.

P: Não? Tá bom aí o pandeiro? Tá tranquilo? Tá?

RO acena que sim.

MO voltou para a sala

MO: Já tomei uma água gelada, já, [Inc]

[risadas]

MO: Brincadeira.

P: Vocês querem fazer mais uma improvisação ou vocês querem as canções?

LU: As canções.

P: Canções?

LU: Uhum.

P: Então tá, então proponham as canções...

LU: Vai lá MO, propõe...

MO: O que?

LU: Vai lá MO.

P: A que vocês quiserem.

MO: Ah, eu quero usar esse aqui [MO toca o sino]

P: Você vai finalizar a música?

MO: Áhn?

P: Você vai finalizar a música?

MO: Quando eu pegar fizer esse assim [tocando o sino] todo mundo tem que parar a música.

P: Isso. Beleza.

MO: Tá mas que música que vai ser Mariana?

P: Pois é, não sei, vocês que sabem...

MO: Fale uma você LU, que música a gente vai tocar

LU: Uma música do Rio Negro e Solimões.

P: Qual que é?

LU: Bate o pé. [LU começa a cantarolar o refrão da música].

[Mt começa a tocar alguns acordes no violão procurando a harmonia da música].

MO: Ah, eu não conheço. Mas você conhece ela?

LU: [Inc]

P: Tá vamo cantar a parte que a gente lembra

[Mt começa a tocar no violão alguns acordes e começa a cantar, porém está fora do tom da música, então recomeça e pega o tom. O grupo está tocando com os instrumentos que escolheram. Todos conseguem acompanhar o ritmo, andamento e intensão melódica da música. O grupo canta a o refrão da música e a Mt continua os acordes da música, o grupo continua tocando, MO começa a improvisar no violão, volta-se ao refrão e depois novamente uma parte

de improvisação, MO finaliza com uma melodia que mostra sua intensão de finalização assim o grupo finaliza todos juntos. Ao final todos riem].

[O grupo continua sonorizando com os instrumentos]

MO: Mais uma! Pra fechar...

P: RO quer escolher uma? Pode ser assim uma banda que você goste... e a gente tenta lembrar de alguma...

RO acena que não.

P: HI, você quer pedir uma agora? Pode pedir a que você quiser... pode ser um estilo, ou... qualquer coisa...

MO: [Inc]

[Grupo se torna mais silencioso, mas ainda se escuta uma melodia no metalofone e no violão]

P: Você tá tentando lembrar de alguma?

MO: Bom... se não lembrou até agora não lembra mais... [MO toca o sino, simbolizando o fim – risadas de Mt e MO]

P: Bom, se você lembrar depois pode falar tá... A gente podia procurar músicas com um tema. Que tema que vocês gostariam de trabalhar? Pode ser um sentimento que vocês tem dificuldade de lidar, pode ser uma... ou um sentimento bom que vocês querem resgatar, assim... Um tema qualquer.

MO: Um tema... Tema de união pra nós aqui.

P: União?

MO: É.

P: União... Que músicas que lembram união?

MO: [Inc] União entre nós aqui né, eu e eles aqui, nós, nós todos aqui no CAPS unidos. Uma coisa boba que tem aqui no CAPS muitas vezes é quando por exemplo tá todo mundo reunido por aqui e daí por exemplo eu quero falar alguma coisa e daí eu puxo um assunto assim e daí todo mundo “Ai meu deus do céu... ai eu vou embora... ai”

[risada da Mt]

P: O que?!

MO: Todo mundo, [Inc] o Dra. eu queria, aí todo mundo “Ah...eu voou embora” fica aquele alvoroço. Tem que ter união, tem que ter união, entendeu? E tem que ter atenção questão da atenção. União e atenção. E ela pega e fala “ó, lá em casa aconteceu isso e isso, e daí quando eu morava com meu ex-marido aconteceu isso e isso”. E a gente tem que ouvir e tal aí de repente ela pega e fala (Inc) “ô psicólogo porque que acontece assim?”. Aí todo mundo presta atenção ali. Pra aprender com ela, ela aprende com ele ali, ele aprende comigo, eu aprendo com você, você aprende com ela. A questão da união, né?

P: Sim. Sabe uma música bem, bem, que me vem na cabeça agora de união, agora, da Xuxa.

(Inc). Aquela assim: [cantando] “Todos somos um e juntos não existe mal nenhum...”.

MO: [risos]

P: Sabe. Lembram dessa?

MO: Eu não me lembro.

P: Não? Lembra daquele filme, né? [instrumento musical] [cantando]

MO: Eu sei aquela assim, é: [cantando] “bom estar com você, brincar com você, deixar corações pro que a gente quiser, qualquer faz de conta, a gente apronta, é bom ser moleque enquanto puder... [vozes cantando]

MO: bala, capim?

P: E chulé!

[Risos]

MO: [cantando] tem cheiro de bala, capim e chulé!

P: [risos]

MO: É uma música bonita.

P: Am?

[?]: Foi longe.

P: Foi, é! Esse grupo, né, a gente vai longe!

[?]: Uma boa memória.

P: Aham, verdade. Outra de união, união, que lembra união.

MO: União... União, tem que ser músicas bem doces assim pra gente...

P: Uhum.

MO: Pessoal lida com problemas e dificuldades, né. Inclusive de fácil assimilação, por exemplo a união. [cantando]

[Risos]

P: Essa é ótima.

MO: Agora..

P: Essa me lembrou aquela.. é...

MO: [cantando] A galinha magricela, e bota um e bota dois e bota mil... [risos]

[?]: Meu Deus do céu!

P: Ô gente, essa é ideia que vocês vão lembrando.

MO: [Inc]

P: Quê? Hum?

[?]

P: Você não lembra de nenhuma? Mesmo com todas essas diferentes que a gente ouviu.

[risos]

[?]

P: [cantando] Super fantástico, amigo, que bom estar contigo no nosso balão...

[outros cantam junto] Super fantástico, o balão mágico, o mundo fica bem mais divertido...

MO: (Inc). Não tô suportando mais!

P: O que?

MO: Vou ficar lá em cima, tá?

P: Tá bom.

MO: Foi bom ficar com vocês aqui enquanto durou, tá?

P: Tá. [risos]

MO: Desculpe alguma coisa aí. Afinal de contas, sabe como é, né, se tudo tivesse normal, né, eu não taria aqui. Então fique com Deus aí. Tá bom?

P: Tá bom..

MO: Tchau.

P: RO?

[violão]

P: Querem continuar música de união ou querem escolher outra?

LU: Você que manda..

P: A gente tá tentando escolher um tema. Vamo pensar então num tema assim, tipo como vocês estão hoje.

LU: Como nós estamos hoje?

P: É! Você tá bem? Sossegado? E você, HI?

HI: Tô apertado

P: Tá todo apertado. E você, RO?

NEI: Eu tô ansiosa.

P: Aham. Ansiosa, tá. E você, [??]?

LI: Nervosa.

P: Nervosa, tá. Nossa aqui tem várias pessoas, nervosa, ansiosa, apertado e, bem. Que música a gente pode cantar então? É... Pra ajudar essa coisa da ansiedade, da excitação, e do aperto.

LU: Padre Marcelo Rossi.

P: Pode ser, qual?

LU: Falar a música eu não sei não.

P: Tá. Deixa eu pegar aqui as que tem do Marcelo Rossi.

[?]: Eu quero ir embora!

P: Quer ir embora? Quer escutar essa primeiro ou já quer ir?

[?]: Eu tenho que pegar um papel com a ??, tenho que falar com ela.

P: Uhum.

[?]: Eu posso sair agora?

P: Pode, vocês tão livres pra sair. Ah, eu só ia pedir, só pra você anotar no caderno, [??].

[?]: Pra falar o que?

[Instrumento]

P: Você escreve como você tá saindo daqui e você coloca embaixo você coloca a questão da música que mais te chamou atenção, que você mais gostou.

[?]: ??

P: Ah. Não, porque assim, do que a gente fez, se você gostou mais de tocar junto, de cantar junto, se você achou engraçado, uma coisa assim, sabe?

[?]: ??

P: É. Aham. (Inc)

[?]: ??

P: É, tem aqui, daí...

(vozes)

[?]: Esse eu lembrei.

P: Tá. [risos]

(vozes)

[?]: ??.. também..

P: Ah, tá bom. Então vamos fazer assim, é, vamos cantar “Como um Zaqueu”, que a gente já cantou uma vez. [risos]. Que é uma que a gente já cantou, e que, vamos vê se dá uma fechada, pra dar uma aliviada nessa ansiedade e tal. Daí. Você conhece essa, né? Então vamos lá.

[?]: Aham. Aí você toca, né?

P: Não, vamos cantar junto, pode tocar, pode tocar também. Vamos lá? [cantando] Como o Zaqueu, eu quero subir, o mais alto que eu puder, só pra te ver... [vozes cantando] e chamar sua atenção para mim, eu preciso de ti, senhor... [instrumentos] [música continua].

[?]: ??

P: Você lembra, né?

[?]: Aham.

P: Como você sai daqui, pode ser uma imagem, uma frase, um sentimento. E embaixo o que foi mais significativo da música, foi um instrumento, tocar junto, alguma canção, quê que você mais...

[?]: Aham...

P: E o quê que você leva assim..

[?]: [voz muito baixa]

P: E o quê que você mais gostou assim da música... das coisas que a gente tocou, do instrumento. Tá me entendendo?

[?]: Uhum.

P: RO, a música hoje, você acha que ela ajudou, um pouquinho da sua ansiedade, ou você acha que ela piorou assim?

RO [?]

P: É? Você achou? Ah, que bom então. Então tá. Quinta a gente se vê? Então tá bom, RO, até depois. [??], quê que você leva daqui hoje?

(vozes)

P: Tchau. Até quinta. Obrigada.

HI: sufocado..

P: Sufocado?

HI: Sufocado, muito nervoso. É... tô com uma dor no braço, no ombro assim, um aperto no peito, assim, sabe...

P: HI... você..

HI: e aí... é.. um barulho assim na cabeça, de cantar.. e.. do Zaqueu.

P: Uhum. Escuta, HI, deixa te perguntar uma coisa. É.. Você sente mais aperto quando tá aqui dentro?

HI: Em todo lugar.

P: Qualquer lugar? Entendi.

HI: (Inc)...

P: Ah, então tá.

HI: (Inc)

P: Deve ser muito ruim, né?

HI: demais...

P: Uhum..
 HI: Eu vou tomar..
 P: Então tá, HI..
 HI: (Inc)
 P: Uhum, então tá, HI. É legal você ir percebendo essas coisas, isso te faz te sentir um pouco melhor, assim, né. Uma comida mais leve..
 HI: no rosto..
 P: Uhum..
 HI: (Inc)
 P: Mas é isso. Vai vendo, que tipo de respiração que te ajuda.
 HI: Essa falta de ar.
 P: Lembra que eu falei pra tentar respirar pelo..
 HI: embaixo..
 P: Uhum.. E aquela respiração que eu te falei, HI, respirar com a barriga embaixo?
 HI: Não.
 P: Não ajuda? Ah, tá.
 HI: (respiração).
 P: É, aham. É, pois é..
 HI..
 P: Enquanto fazer os exames, pra investigar, o que te faz bem, né?
 HI: (??)
 P: Conversar?
 HI: conversar demais?
 P: Então tá, HI. Tá liberado.
 HI:....
 P: Respirar. Tranquilo. É que, ó, HI, eu vou te mostrar, como é que eu vejo você respirando. Assim, olha pra mim [respira diferente]. Se você respira assim, é muito mais difícil. Tem que respirar longo e devagar. [demonstra respiração]. (Inc). Se você respirar forte, daí, nossa.. entendeu? Tenta respirar bem devagar, soltar bem devagar, tá? Isso vai te relaxando. Tá bom? Isso dá uma diferença. Tenta respirar bem devagar, que eu acho que alguma ajudinha pode dar. Tá bom?
 HI: tá bom.
 P: A gente se vê na quinta, HI.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

RO – *Ansiosa – Levo a música. Pandeiro.*

MO – *Palavra: Tranquilidade, união e atenção.*

LI – *Eu gostei de tocar porque eu abaixei o volume. Eu estou irritada.*

HI – *Me sinto sufocado, nervoso. Levo uns barulhos, a música como Zaqueu.*

LU – *Hoje estou normal. Eu gostei dos instrumentos de tocar.*

11ª Sessão – 01 de Julho de 2013

Estavam presentes na sessão: RON, RO, NEI, WO, HI, VA e MO.

P: Hoje é dia 01 de Julho.

Ao fundo toca um rádio que foi ligado por WO. Toca uma música de Chico Buarque.

WO: (?)

P: É?

WO: (?)

P: Gente, eles devem estar em outro grupo mas já descem né.

WO: Você assistiu o Bicho vai pegar III?

P: O bicho vai pegar III? Não assisti, é legal?

WO: (?)

P: Eu não vi esse aí ainda.
 WO ri e fala mais algumas coisas que não dá pra compreender.
 P: Tudo bem RO?
 RO acena que sim.
 P: Eu vou chamar o pessoal, você cuida das coisas aqui, já volto tá? Já volto.
 WO: Sim sim.
 Musicoterapeuta sai da sala pra chamar o restante dos integrantes do grupo.
 Som de tosse.
 P: O pessoal já tá vindo tá?
 Musicoterapeuta assoviando.
 P: Tão vindo já RON. (?)
 O Rádio continua a tocar ao fundo.
 Musicoterapeuta assovia a música do rádio.
 P: (?) tá tudo espalhado por aí, eu tentando chamar eles e eles não vem...
 P: Oi VA.
 VA: Oi.
 P: (?)
 Sons da musicoterapeuta arrumando a sala.
 P: Só vou esperar mais um pouquinho daí a gente já começa.
 P: Daí VA, como você tá, faz tempo que eu não te vejo.
 VA: Tive com a mulher semana passada e depois nós viajamos.
 P: Ah você foi viajar?
 VA: Fui, tavam me enchendo o saco.
 P: Quem tava te enchendo o saco.
 VA: (?) pra mim viajar.
 P: E você gostou?
 VA: Só (?)
 P: Uhum. Não foi boa a viagem?
 VA: É que não muda nada nunca.
 P: Escute a Maria me falou que você foi no grupo segunda feira lá da federal, você foi no grupo de luto?
 VA: É a doutora me falou pra eu ir lá
 P: Não sei se é terça né...
 VA: na terça, mas era na segunda.
 P: Ah, é na segunda, é é isso que eu tava pensando...
 VA: (?)
 P: Ah tá então você vai segunda, na próxima segunda?
 VA acena que sim.
 P: Ah, legal VA. HI? HI (?). E você RO, como é que tá.
 RO acena que sim.
 P: Que bom. Ai eu esqueci meu relógio hoje, acabei de lembrar. HI? Esses cds fazem uma luz que incomoda né? Pode sentar HI (?)
 Musicoterapeuta fecha a porta.
 P: Então pessoal. Hoje vocês querem pedir uma música ou vocês querem tocar os instrumentos, querem experimentar? Que que vocês acham? Deixa eu perguntar uma outra coisa. É... como que tá sendo assim, é VA por exemplo você que tá vindo já algum tempo aqui tla, é, você voltou a escutar música alguma coisa, ou continua a mesma coisa?
 VA: Não.
 P: Uhum, não tá escutando mais música.
 VA: (?)
 P: Aham entendi.
 VA: Meu filho sempre ia junto. Até o mato quando passa o carro me incomoda.
 P: O mato, que mato? Como assim?
 VA: Quando to viajando.
 P: Mato do campo mesmo assim.

VA: (?)

P: Uhum. E como que é assim VA, que a gente nem falou disso, é, como que é quando você escuta as músicas aqui no grupo?

VA: Só lembro dele.

P: É aham.

VA: Não consigo escutar.

P: É ruim pra você escutar?

VA acena que sim.

P: É? Como é que você faz pra aguentar ficar aqui aguentando então?

VA: É que as vezes me dá uns branco, fico pensando nele e nem sei aonde que eu to.

P: Ah. Mas assim VA, é, se a música tiver te fazendo mal alguma coisa, pode me falar, pode tá? Eu acho que é, eu não to aqui pra piorar a situação entende?

VA: Eu sei.

P: Uhum, daí você fala.

VA: Eu sou o pobrema.

P: Não, eu acho que você tem uma dor muito grande né VA, não que seja um problema. E eu fico pensando assim que é você lembrar dele quando a gente toca uma música é uma coisa que vai acontecer né, porque você já lembra dele sempre né.

VA: É.

P: Mas daí acho que cabe a você decidir se você quer ficar ou não né. Se você aguenta ficar e lembrar ou não. Daí você que tem que falar tá (?) não vou obrigado você a ficar aqui, entende?

VA: Vou tentar.

P: Uhum. Não tranquilo VA, só...

(?)

P: Bom pessoal, então vamo começar? HI, hoje você quer pedir uma música? Quer?

HI: To me sentindo muito mal,

P: É?

HI: Eu to ruim hoje.

P: Tá bom

HI: Não to bom hoje, to com muita pontada hoje, me sinto inchado.

P: E você RO?

RO: (?)

P: Aham. É as vezes é difícil lembrar, né, dá um branco. mas você prefere fazer as canções das pastas ou tocar os instrumentos?

RO: Acho que as canções da pasta.

P: É? Então tá. Você quer que eu leia a letra das músicas e daí você escolhe uma que nem a gente faz?

RO acena que sim.

P: É? Vamo lá. Que estilo que você quer? Que tipo de música? Rock, pop, caipira, religiosa, qual você prefere?

RO: Caipira.

P: Caipira? Menino da Porteira [cantarola um trecho da canção], Chico Mineiro, Chalana [cantarola um trecho da música], Estrada da vida [cantarola um trecho da canção], tem.... deixa eu ver aqui... é... tem aquela lá, Cabecinha no ombro [cantarola a canção], vai me falando aí tá

RO? Fuscão preto [cantarola], é tem... essa aqui, É o amor [cantarola].

RO: Essa.

P: Pode ser essa?

Musicoterapeuta começa a tocar o violão e a cantar É o amor. Alguns membros do grupo cantam junto.

(?): Linda essa música né?

P: MO, você quer tocar ruma música?

MO: Quero.

P: Quer?

MO: Quero.

P: Quer. Então toca uma aí pra gente começa

MO: (?) Toca pra todo mundo ouvir?

P: Pode ser, já que estamos todos aqui, né?

MO: Eu não lembro de nenhuma música Mariana.

P: ah, só se você quiser... se não a gente...

MO: Deixa eu vai, ah eu não sei nenhuma música Mariana...

MO começa a toca alguns acordes no violão.

P: (?)

MO começa a tocar Como Zaqueu no violão e a cantar. Alguns membros do grupo começam a cantar juntos.

MO: Até que saiu ein

P: Ah, ficou lindo, muito bom muito bom.

MO: E agora?

P: Então pessoal, eu vou eu queria propor hoje vamo ver se vocês topam, da gente fazer a improvisação né, com aqueles papéis lá, só que a gente pode mudar de papéis agora. Que que vocês acham? (0 de fazer as músicas das pastas, como é que tá?

(?) Que papel?

P: ãh?

MO: Papel.

P: Ah, o papel que eu tava falando, é que assim, a gente fez na, você tava aqui na terça?

NEI acena que não.

P: Não? A gente fez a improvisação né, a gente tocou os instrumentos e daí cada um assumiu um papel, assim, tinha o que mandava a música parar, tinha o que fazia mais alto mais baixo, cada um tinha um papel assim no meio da música, foi um desafio né MO?

MO: Foi.

P: A gente teve que (?) todo mundo assim. Aí queria ver com vocês se vocês topam fazer de novo ou se voc~es preferem fazer as músicas da pasta.

MO: Eu prefiro da pasta.

P: Prefere?

NEI: Também.

P: Também? Não tem problema, é então, vamo fazer. HI quer opinar? VA?

HI e VA acenam que não

P: Tanto faz? É? Então beleza. Então como que vocês querem trabalhar com as músicas da pasta hoje? Ou as músicas não precisa ser só as músicas da pasta né?

NEI: (?)

P: Uhum. Quer acompanhar nos instrumentos? Cantando?

NEI: Não.

MO: Você não falou que a gente ia fazer uma música?

P: Ah, podemos fazer uma música. Querem fazer uma música hoje?

MO: Vamo fazer hoje.

P: Podemos fazer hoje. Sobre o que que vocês querem fazer a música de vocês?

MO: Ah, sobre superação tem que ser né Mari.

P: Pode ser, sobre superação, uhum.

MO: Sobre tipo as nossas situação aqui né, sobre (?) problemas sabe, e fazer uma música.

Quando eu estive aqui eu não sei se você vai lembrar disso tinha uma menina aqui, se não me falha a memória o nome dela era Mariana também, Mariana, daí quando parece que, qualquer um dos dois dias.

P: (?) Daí faltando dois dias...

Mo; Faltando parece que dois dias ou um dias pra sair do CAPS, parece que ela ia sair daqui não sei, ela resolveu (?) trazer uma música do Ivan Lins.

P: Ah

MO: Aquela música do Ivan Lins que ele fala... ele fala (?) é que eu não conhecia a música, ela que (?)

P:

MO: Que o Ivan Lins falava, deixe me ver, (?)

P: Falava de superação

MO: Falava, uma música bem bonita, inclusive eu não conhecia, ela que (?) Ele fala

P: (?)

MO: Tem música do Ivan Lins aí?

P: Tem acho que duas só. Depende de nós [cantarola] tem Um novo tempo.

MO: Ah é essa aí, é essa aí.

P: Um novo tempo?

Mo;. É essa aí.

P: Ai, como que é essa música?

MO: Sò que ela (?) olha essa música, e ela tocou no violão sabe?

P: (?) Você lembra dessa NEI? Um novo tempo?

NEI não lembra.

P: Bom ele vai dar uma olhada ali...

MO: Você conhece essa música?

P: Pois é eu não me lembro, talvez se você cantar...

MO: Eu me lembro.

P: Consegue tocar será?

MO: Tocar não, eu consigo cantar...

P: É deixa eu ver como é que é...

MO começa a cantar a música.

(?)

Musicoterapeuta começa a tocar o violão e a buscar o tom de MO.

No meio da música MO ajuda a musicoterapeuta com a sequência dos acordes.

MO: Meio complicado essa música, mas pode ser outras Mariana.

P: Mas era essa que você tava pensando NEI? MO vamo um pouquinho mais pra cá, (?) e daí a gente faz uma, vamo ver se a gente consegue fazer uma música hoje, né. Vamo ver. Vamo lá.

MO: (?)

P: Beleza, a gente vamo vamo (?) um novo tempo um novo caminho, né, legal. Escute, então você sugeriu superação. E você NEI o que você sugere? De tema assim, que tenha, pode ser enfim, faz uma proposta aí.

NEI: Começo.

P: Começo.

Musicoterapeuta escreve os temas ditos em um papel.

P: VA, um tema que tenha a ver com superação, começo, que outra palavra você

VA: Eu não sei

P: E você RO? Tem alguma que você queria falar sobre da música, ou um outro tema?

RO: Não.

P: HI? Tá o HI... não [risadas]. Quando você quiser participar tamo aqui tá?

HI: To ouvindo.

P: Tá ouvindo? Então se você tiver sugestão pra música será bem vinda. Você tem alguma outra palavra que lembre superação, começo?

HI: Eu tomei um laxante to (?)

P: Ah, tpa bom. Então tá gente, a gente tem superação e começo.

NEI: Uma nova vida

P: Uma nova vida;. E como que a gente faz é.. pra... o que que vocês acham que tem a ver superação, o que a gente precisa pra criar uma nova vida uma nova chance, um novo começo?

MO: BAstante dinheiro.

P: Dinheiro? Que mais?

(?): A hora que a gente decide né

P: Decisão

(?): Decisão.

P: Que mais? Obrigada (?)

Sons de violão.

P: A gente está fazendo uma música, estamos compondo hoje.

Musicoterapeuta começa a tocar no violão e a cantar Um novo tempo.

P: Você lembra dessa música?

WO: Lembro.

MO: É muito complicada essa música.

P: Você consegue tocar?

WO: Consigo. Tem que (?) um pouco.

P: A gente podia usar essa parte da harmonia né, pra nossa música, a gente podia usar né. Quer que eu te ajude?

WO: (?)

WO começa a tocar no violão alguns acordes e depois começa a tocar no violão os acordes da música e a cantar.

WO: (?)

P: É isso aí eu acho WO. Aham.

WO:

P: Quer tocar ela inteira, será que consegue?

WO: Aham.

P: É. Então vai lá, vamo escutar essa, cantar junto.

VA: (?)

P: Tá bom VA, você escreve no caderno antes de ir embora?

VA acena que sim.

MO: Vai WO!

P: [risadas] que susto!

[risadas]

MO: Vai. Um, dois, três.

WO começa a tocar no violão e MO a cantar. WO também canta e a musicoterapeuta também.

MO: (?)

WO: Pô é difícil.

MO: (?)

WO continua a tocar o violão, a musicoterapeuta acompanha cantando.

WO: Acabou o tempo.

[risadas]

P: Que bonita essa música né?

WO: É.

P: A letra dela, e a harmonia, nossa muito bonita.

MO: Foi com essa música que (?) ela pegou e colocou num quadro (?)

P: Então pessoal, na nossa música então ela tem a ver com superação, começo, uma nova vida, dinheiro, decisão. Tem mais alguma idéia WO assim sobre um tema que tenha a ver com superação.

WO:

P: Não, assim palavras pra gente fazer a nossa música.

WO: Pode (?)

(?): O tempo

P: O tempo.

WO: Nova era

P: Uma novela.

WO: Nova era

P: Nova era! Eu tava pensando... Nova era

WO: (?)

P: Difícil eu não consigo.

MO: Se eu cantar ela você toca.

WO: Eu toco.

MO: (?)

WO: Toco.

MO: Você conhece essa música ou não.

WO: Essa música (?)

MO: É do Ivan Lins, Ivan Lins

WO: Ivan Lins.

WO começa a tocar o violão e MO começa a cantar.

MO: Muito alto

WO Muito alto, quer que eu abaixe, muito alto.

MO e WO voltam a tocar agora em um tom mais baixo a musicoterapeuta acompanha no tamborim.

(?)

P: Ficou muito bom vocês tocando juntos.

MO: (?) Você tem que ouvir a música

MO cantarola mais uma parte da música WO volta a acompanhar com o violão.

MO: Cada nota, cada cada palavra tônica ele muda de nota. Entendeu? (?)

MO volta a cantar o refrão e WO a acompanhar

MO: Cada palavra tônica ele...

WO: (?)

P: Tá doendo a mão?

(?)

P: O que que vocês acham da gente ensaiar essa música (?) tipo cada um faz um instrumento e a gente ir lá, ali no (?)

Mo: Um novo tempo, apesar dos perigos, das força, da noite que assusta...

P: Gente, vou fazer uma proposta aqui... vê qo que que vocês acham...

MO ri

P: Ensaiar umas duas vezes aqui, daí a gente vai lá fora e cantar, tipo de boa, a gente não chama ninguém, quem quiser vem

MO: Você tem que fazer o seguinte então, você tem que oegar a música, com certeza você tem acesso a internet. Pegar essa música e trazer pro WO escutar.

P: O WO conhece a música né

MO: Você traz a música (?) tem internet essas coisas tudo

WO: (?)

MO:

P: A gente faz junto

MO: Ah é...

P: O que vocês acham da gente ensaiar na próxima sessão e daí a gente apresenta, você acha que hoje não...

Mo: Vamos tocar mais uma vez então pra ouvir

P: É? Então tá. Mas pera, deixa eu só ver, você vai ficar com o pandeirpo? Gostou do pandeiro? E você RO o que que você vai querer tocar?

P: Porque a RO é boa no ritmo né.

MO: Ela é boa no ritmo.

P: A RO ela pega bem certinho.

MO: Você consegue pegar no vocal (?)

(?)

MO começa a cantar e WO tocar o violão.

MO: Já foi pro Sol?

WO: (?)

MO volta a cantar e WO a tocar o violão. A musicoterapeuta acompanha no tamborim.

(?)

MO: Você entendeu como é o negócio (?)

MO começa a cantar a melodia sem a letra pra mostrar a WO como é esse trecho da música.

(?)

Pequena improvisação no violão.

P: Vamos tentar mais uma vez.

WO: (?)

MO: Não quero tentar mais um vez. (?)

P: Querem deixar mais redondinho...

MO: (?)

WO: (?)

P: Oi?

MO: Um, dois, três, quatro, é rápido.

P:

Esse trecho

P: Eu tenho uma outra proposta pra gente fazer, mais uma vez, com o o o MO o WO no violão tocando, e daí no final a gente faz tipo uma improvisação da gente entendeu?

MO: Música.... ahn

P: (?) Com a voz que nem a gente tava cantando ali... pa pa pa pa... entendeu?

MO: Ah, daí tira o violão

P: Daí não fica nada entendeu

MO: Entendi

P: Ou até o violão toca junto só que daí (?) todo mundo na pira entendeu?

MO: (?) Ele toca a música, eu canto aí no final vocês, a gente vai se apresentar aqui na frente?

P: Pode ser, é MO, foi uma sugestão, não sei.

MO: Aí você pega e cria um texto na tua cabeça, você cria um texto dentro dessa teoria que apesar da noite que assusta, da força estamos na liuta, na nossa esperança, (?) você pega e cria um texto (?) ó pessoal estamos todos aqui aqui somos todos iguais, não tem preto, não tem branco, todos nós estamos aqui, né tipo a pessoal falando né, defendendo aqui as nossa escolher próprias (?) de ninguém e muito mais de nós mesmos, da nossa busca, e tal tal tal tal tal, (?) e que a nossa esperança seja muito mais do que vingança, entre a força do meu corpo desejar uma boa sorte pra vocês e daí [MO começa a cantarolar] pra que nossa esperança...

P: Mas você podia falar né (?)

MO: (?)

P: (?)

WO se levanta pra sair

P: A gente faz assim (?) O WO vamo só mais uma vez?

MO: O WO vamo tocar aqui WO!

WO: (?)

P: Só mais uma, mais uma?

WO: (?)

P: daí o Wo faz o violão (?), beleza, pode ser?

P: (?) Vamo lá.

MO começa a cantar e WO a tocar no violão, musicoterapeuta no tamborim.

MO sugere algumas mudanças na música, na ordem dos acordes.

Várias pessoas falando simultaneamente.

MO continua a cantar e WO a tocar o violão, Musicoterapeuta acompanha agora no agogo de coco, RO toca a pulsação no rebolo.

MO: (?) Volta lá, cada verso volta lá pro refrão.

WO: (?)

P: (?) Faz a última parte d'á gente faz a improvisação.

O grupo toca a última parte da música.

P: Agora improvisação, vai lá.

MO Começa a fazer um discurso baseado no anterior que havia feito enquanto o resto do grupo continua a tocar.

[risadas]

Depois MO volta a refrão e finaliza a música desacelerando.

[risadas]

MO: (?)

[risadas]

(?)

P: Então ó, Semana que vem terça feira venham, tá (?) porque daí a gente pode ensaiar

MO: (?)

P: Tanto faz gente, e daí, vocês querem ficar com a cifra pra ensaiarem?

MO: (?)

(?)

MO: O cara que canta, se o cara que tá tocando não sabe ler...

P:

P: Daí terça feira a gente fecha direitinho eu vou pegar isso que você falou pra gravar daí a gente (?).

MO: Complicou...

[risada]

P: Pois é.

P: Daí se vocês quiserem dar um firuleio aí, podem tentar.

P: Vou pegar o caderninho

MO: Vamo fazer um som (?)

MO fica conversando com WO.

WO começa a tocar o violão

MO: faz um som aí WO

WO afina o violão

MO: (?)

WO começa a tocar Flores do Titãs no violão, WO e MO cantam, a musicoterapeuta também acompanha vocalmente intermitentemente.

Ao mesmo tempo algumas pessoas já começam a escrever nos cadernos e a conversar entre si.

MO e WO param de tocar e conversam entre si, não é possível compreender o que dizem.

WO começa a tocar alguns acordes no violão MO começa a cantar (?)

WO improvisa no violão, MO improvisa vocalmente.

WO inicia no violão Have you ever seen de rain do Creedance. MO canta.

Ao finalizar essa música WO volta a afinar o violão e faz algumas improvisações melódicas.

MO: É! (?)

(?)

MO: (?)

P: Mariana Cardoso Puchivailo

MO: É de onde?

P: Austro-Hungaro

[risadas].

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

WO – *Quando nos encontramos formamos mesmo um laço de união para que todos sejam (incompreensível) Para todo o sempre assim que acharmos alguém para compartilhar nosso sonhos aí então realizamos tudo aquilo que nos é permitido.*

NEI – *Amo coisas diferente. Talvez nosso planos dão certo. As vezes alguém pode ver nosso trabalho.*

RO – *Feliz. Novo Tempo.*

MO – *Nunca pare de lutar pelo seu ideal. Palavras: paz, amor, esperança, confiança.*

VA – *Saudade. Tristeza.*

HI – *Sufocado e Nervoso. Sonho das músicas na cabeça.*

12ª Sessão – 06 de Agosto de 2013

Estavam presentes na sessão: WO, MO, LU, HI e AN.

MO: Dentro de uma margem de erro para mais e para menos, positivamente tá tudo bem.

[risadas]

P: É porque a margem de erro sempre vai ter, sempre vai ter um diazinhho meio mais...

MO: Pelo menos eu admito né.

P: É, isso aí.

MO: Os problemas tão aí, tem que discutir sobre eles.

P: Verdade.

MO: Então encarando de maneira otimista tá tudo em paz, tá tudo bem.

P: Levando em conta (?) tá beleza.

MO: É.

AN entra na sala.

P: Ai, Jesus, a AN saiu na rua, né AN e ... mas foi agora de manhã?

AN: Foi de manhã.

P: por isso que deve ta bem dolorido né

AN: Tá.

P: Super sensível né.

WO:

P: Você quer o teclado?

WO:

P: Sim, pode ir. E você não caiu assim com a mão assim AN?

AN: Não.

P: Não deu tempo?

AN: Não deu tempo. Porque tem aqueles degralzinhas pra pssar a rua

P: Ah, o meio fio.

AN: O meio fio.

P: E alguém te ajudou?

AN: Tinha um rapaz que me ajudou a levantar.

P: Ai que bom.

P: E WO, você treinou a música

WO: Eu treinei um pouco (?)

P: Ah legal. E daí pessoal vocês querem fazer a música hoje? Aquela lá?

MO: Aquela lá?

P: É.

MO: E você fez o lança lá que nós combinamos?

P: Sim.

MO: (?)

[risadas]

P: Não sei qual o lanla que combinamos. Mas eu trouxe a cifra, letra e a música pra gente ouvir.

WO tocando teclado.

MO: Aquela música do Ivan Lins?

P: É.

MO: Bom tem que decorar né?

P: Ah, pode levar a letra né.

MO: É o que eu sugeri aquele dia. Você acha que aquilo que eu sugeri tá certo?

P: Qual? Qual foi a sua sugestão?

MO: Tipo pegar aquela música lá fora e apresentar pra todo mundo?

P: Então, vamo ver se todo o grupo concorda, eu acho uma idéia legal.

VA: Tudo bom?

P: Oi VA.

MO: Daí a gente poderia, como é que fala a palavra? Torna-la um pouquinho menor né.

P: Menor?

MO: É. inve's de ficar... Pegar... é... estrofe que fala?

P: Aham.

MO: Cada cada trecho ali, três estrofes. Deixa eu ver quantas estrofes tem ali o Mariana.

P: Olha essa aqui, eu acho que essa aqui dá pra ver melhor. Aquela parte em vermelhinho ali é o...

MO: Essa que você escreveu ali?

WO para de tocar o teclado.

WO: Esse aqui é bom. Esse de baixo é melhor do que o de cima.

P: É melhor?

WO: Melhor.

P: Ah, legal

WO: Esse tem mais efeito.

P: Legal.

MO: Ela é bem grande.

MO começa a recitar as estrofes.

P: Ah ó tá repetindo, a gente pode cortar algumas né. ó, perigos castigos castigos perigos castigos perigos, dá pra cortar alguma né? Ah não sabem que a segunda parte é diferente.

MO: E daí (?) que a nossa esperança seja mais que a viangança, seja sempre um caminho que se deixe de herança.

P: Então pessoal, na, quando que foi? Na quinta-feira? Foi né? Hoje é terça? É, na quinta-feira a gente fez essa música que é NOvo tempo do Ivan Lins, você sabe né LU?

LU: Não

P: Não, então tava o HI, o MO e o WO. È e a gente pensou de de treinar ela e não é bema apresentar mas ir lá em cima em um cantigo e só tocar assim, [risada]

P: Como quem não quer nada né, como uma forma diferente, e é uma música que tem uma mensagem muito legal né, uma mensagem bem interessante. Então a gente pensou assim, é, o que que vocês acham assim? De... vocês querem escutar a música pra ver como é que ela é, primeiro... o que vocês... pode entrar.

P: Oi.

(?)

P: É, mas é, não sei se vocês tão nesse grupo.

(?): N]apo, é que não vai ter o outro grupo

P: mas sabe o que que é, esse é um grupo que t'pa envolvido numa pesquisa então

(?)

P: Ai eu infelizmente eu não tenho como deixar o grupo aberto sabe? Porque como eu to gravando tudo é complicado. Tá bom?

(?) Não tem problema então, obrigada.

P: Ué o Wo se foi...é... que que vocês acham? Querem escutar a música pra ver como é que ela é? Ou não querem, querem fazer outra coisa...

MO: O WO saiu, era ele que ia tocar, e eu não sei tocar ela, vamo só cantar daí.

P: É podemo. Eu posso tentar tocar mais ou menos, não vai ficar que nem o Wo né, mas posso tentar. Eu deixei em Sol, era em Sol que você cantava né?

MO: Eu acho que sim.

P: Que era um tom abaixo né, porque tava muiot agudo né? Que que vocês acham pessoal?

MO: (?)

[risadas]

MO: Muitas dores né Mariana, muita batalha.

AN: Quero ir embora.

P: Você quer ir embora? tá com muita dor? É? Vai lá em cima e pede um remédio pra dor né, antes de ir lá... você quer que eu vá com você?

AN: Não.

P: Tá tranquilo? É? Ah, então tá, imagine que deve tar...

MO: Ela não vai voltar né?

P: Anh?

MO: Ela não vai mais voltar daí?

P: Acho que não, acho que vai pra casa né, porque deve ta doendo muito né gente, ralou tudo

LU: Nossa ela caiu de cara no chão.

P: Agora de manhã.

LU: Meu deus

P: Dor né. Vamo cantar uma vez daí vocês veem o que a gente faz. Pode ser?

LU: Pode.

P: Vamo lá, é, posso ficar com a cifra então? Daí... a deixa eu dar uma...

MO: Você (?)

P: Ahn? Não. (?) Quer uma letra VA pra acompanhar?

VA: Não. To sem óculos.

P: Ah tá. Você quer? Quer HI uma letra pra acompanhar?

HI: Não sei ler, não sei ler.

(?) É que a (?) tá lá em outra unidade e ela foi fazer um acolhimento daí ela...

P: Então eu expliquei pro resto do pessoal, é porque assim esse grupo faz parte de uma pesquisa, então eu não tenho como abrir pra outras pessoas porque eu to gravando inclusive, aí eu eu precisos da autorização de todo mundo, então infelizmente eu não posso abrir o grupo, tudo bem?

(?): Da minha parte tudo bem então..

P: desculpa, mas é que é uma coisa assim de ética né...

(?): Não, tudo bem, não não

MO: Tchau meu bem

(?): Tchau.

P: Ai que ruim né, mas não tem como...

Musicoterapeuta começa a tocar o violão

MO: Mas você vai ficar catando milho ou você vai no ritmo meu aqui eu vou tocar bem devagar.

P: [risada] Vai eu vou no seu ritmo

MO: Bem devagar.

MO começa a cantar e a musicoterapeuta a acompanha-lo no violão.

MO: De novo do início.

A música começa novamente. A musicoterapeuta começa a cantar junto.

A musicoterapeuta erra o acorde e param a música

P: Opa

MO: Eu não sei Mariana, a gente devia fazer o seguinte...

P: Você acha que eu to tocando muito mal né [risadas]

MO: Não, não é isso não, tá tocando bem pra caramba, tá tocando bem pra caramba. O negócio é o seguinte...

P: Diga lá

MO: É que tinha que tipo a gente tinha que trazer essa música você não trouxe ela?

P: Trouxe

MO: Gravada?

P: Gravada.

MO: Então, a gente tem que ouvir essa música.

P: Pode ser, podemos ouvir essa música.

MO: E aqui Mariana, tá igualzinho, aqui tá igualzinho, no no na música? Aqui tá igualzinho lá no cd?

P: Acho que sim, peguei da internet. Não fui eu que escrevi, peguei da internet.

MO: Você viu ele cantando? Ah tá aí é? Vai aparecer ele ali?

P: Não na verdade só tem o audio aqui. Cadê a música...

MO: Que que tem nesse tablet Mariana? Tem tudo?

P: Ah é tipo um computador, mesma coisa que um computador.

MO: Testar qualquer parte do Brasil e tudo?

P: É daí tem que ter internet né?

MO: E aí tem uma internet aí?

P: É... tem, uhum. Ó vamo escutar.

Musicoterapeuta coloca a música Novo Tempo para tocar no tablet.

MO: Tá igualzinho aqui Mariana.

Musicoterapeuta canta alguns trechos junto.

P: É igual (?) né?

MO: Uhum.

A música continua.

MO: E daí essa ultima parte aqui Mariana, um novo tempo apesar dos perigos a gente se encontra cantando na praça fazendo pirraça e daí só adiciona aí pra sobreviver, pra sobreviver...

P: Ah, que não tem essa última? Ah, deve ser por causa...

MO: Daí a gente vai direto aqui pra que nossa esperança.

P: Beleza, é isso aí.

MO: Essa música que a gente tava tocando que ele cantou.

P: Não sei se é o mesmo tom porque eu baixei um tom.

MO: Contarola o início.

MO: Vou cantar nesse tom porque ficou bem suave Mariana.

MO começa a cantar e a musicoterapeuta a tocar no violão.

MO: Não essa aí ficou alta. Ele canta, ele cantou no novo tempo.

MO volta a cantarolar em um outro tom.

P: Sol, Fá.

MO: Consegue tocar?

MO Começa a cantar novamente.

MO: Certinho.

P: Só um pouquinho [risada], deixa eu perguntar só antes da gente fazer de novo. O que que vocês acharam da música? Vocês já conheciam ela?

LU: Eu não.

P: Não? Que que você achou?

LU: Foi legal.

P: É.

LU: Música suave...

P: E você VA que que você achou da música?

VA: Ahn?

P: Que tocou agora, voce escutou?

VA: Um pouco

P: Que que você achou?

VA: Nada.

P: Nada. Então tá. E você HI? Você tá dormindo né? Você escutou a música? Que que você achou dela? Se você escutou...

MO: Um novo tempo apesar dos perigos, apesar dos problemas nós estamos sobrevivendo e seguindo em frente...

P: Que que você achou

MO: Acreditando na esperança

HI: Que eu não to (?)

P: Mas você gostou da música?

HI: Gostei.

P: Uhum. E o que que vocês acham, vocês querem tocar juntos ela?

MO: Agora eu vou fazer uma batria aqui também

P: Faça uma bateria. Ein? Que que vocês acham?

LU: (?) como?

P: Agora, (?)

MO: Ok, você consegue tocar (?)?

P: Peraí vamo ver se o pessoal quer né fazer junto?

MO: Será que eu consigo decorar isso de cabeça?

P: Não precisa decorar, usa a letra.

MO: Ah, usa a letra né?

P: É. Que que vocês acham? Querem tocar junto ela?

Lu: A gente vai cantando.

P: Pode cantando junto, tocando junto

(?): Só ouvindo também

P: Só ouvindo.... é pode ser né, mas só eu e o MO fica meio solitário né MO? Só nós dois cantando aqui... seria legal se todo mundo né?

LU: É que tem uns dias que a pessoa não tá assim aquela (?) né?

P: É você não tá muito...

LU: Não, hoje não

P: Tá, vamo escutando se der vontade de tocar alguma coisa a gente toca. Então vamo fazer MO?

MO: O Mariana, então vamo tocar essa nota que eu falei. Nossa senhora to meio egoista aqui ein.

P: Por que?

MO: Não é, é porque vai ficar legal nesse tom, no mesmo tempo e no mesmo ritmo que ele fez ali agora.

MO começa a demonstrar o ritmo no pandeiro, começa a cantar junto. A musicoterapeuta busca acompanhá-lo no violão.

MO: Tem a letra (?) tipinho aqui Mariana.

P: Tem.

MO: Ok? Então simhora. Um, dois, três, quatro.

MO começa a cantar e a tocar o pandeiro, a musicoterapeuta o acompanha no violão.

MO: (?) Ó como que tá aqui a percussão, primeiro... pra nos socorrer... e daí aí é bem rapidinho, se viu né, você entendeu ó ó? Pra nos socorrer um, pra nos socorrer dois, pra nos socorrer três.

P: O que que é rapidinho?

MO: Eu vou fazer um arranjo aqui na percussão aqui ó.

P: Ah tá.

MO inicia novamente o refrão do "pranos socorrer"

MO: Você continua.

P: Ah beleza.

MO: Entendeu?

P: Entendi. (?) Faz a virada.

MO continua a música e a musicoterapeuta acompanhando no violão, cantando junto também.

MO faz uma virada na percussão.

MO: Pegou essa nossa esperança?

P: Me perdi. [risada]

MO: Pegou essa nova esperança?

P: Peraí, ao invés de Dó tem que ser Sí bemol.

VA: Eu tenho que ir

P: Já tá na hora já?

VA: Eu tenho que ir na acupuntura.

P: Ah você já quer ir. Então tá. Você só anota no caderno? É se é Dó é Sí bemol, meu deus, como faz Sí bemol, peraí já vejo.

Musicoterapeuta começa a cantarolar a música, MO percute no pandeiro.

MO: Aí eu vou entrar. Vai ficar bem bonito alí Mariana fazer que nem a gente fez ali o arranjo.

P: Vai ficar legal

VA: Que dia que é hoje?

LU: Seis.

P: Seis?

LU: Uhum.

MO: Seis do oite de trezes, do treze. Seis do oite do treze.

P: Hum.

MO: Eu vou fazer umas variações da voz aqui (?)

P: Beleza.

MO: (?)

MO começa a cantar e a percutir no pandeiro.

P: Tchau VA até quinta.

VA sai da sala.

P: Desculpa.

MO: Olha esse aqui ó.

MO começa a cantar novamente e a musicoterapeuta acompanha no violão.

MO: Agora.

P: Não tá faltando (?)

MO: Não.

P: Então vamo do refrão?

MO começa a cantar Novo tempo e a tocar o pandeiro, a musicoterapeuta acompanha no violão.

MO: E a folha? Já entra logo ali?

P: (?)

Mo: É assim? Ela é meio chatinha.

A canção continua.

MO: Aí tem que por um...

P: Vaz a virada que você fez antes, tac tac

MO: Pra sobreviver, sobreviver de novo... aonde que eu to, eu to aqui?

P: Não, a gente foi pro refrão e voltou pro Um novo tempo apesar dos castigos.

MO: Tá, vamo do pra sobreviver ali.

P: Daí vai pro refrão de novo?

MO: Pro refrão de novo.

Voltam a tocar.

MO: Peraí, peraí, esse arranjo esse aí que a gente vai fazer, pra sobreviver pra ir lá pra esse (?), vai ter que ser diferente.

MO volta a cantar.

MO: Daí aí você tem que aí tem que dar um floreamento aí pra gente fazer um arranjo entre só os instrumentos, você a gente tem que fazer uma parte entre a percussão aqui e o violão, então olha lá...

MO volta a cantar

MO: Tinha que fazer uma introdução um arranjo aí.

P: É... eu não sei fazer isso não... [risadas]

MO: Faça isso aí que você tá fazendo e faça Sí, quero ver o que vai acontecer aí.

P: Eu faço Sí bemol.

MO: Então faça Sí comum.

Musicoterapeuta toca no violão Sí bemol.

MO: Não, faça aquele outro Si, aquele ali

P: Sí menor?

MO: É esse aí, tire esse dedininho, o dedinho, tira o dedilho ali, isso esse ali, agora pra baixo, um pouquinho mais pra baixo um pouco.

P: Pra cá?

MO: Não não não, uma corda pra baixo, uma corda, isso.

Musicoterapeuta toca o violão.

MO: Ó Marianne, assim ó, ó,

P: (?)

MO: Aqui ó, você vai ficar aqui assim lá né, (?) assim, lá, você tava lá né?

P: Tava aqui, aham.

MO: Você tava assim, ó, daí você (?) Daí você vai fazer isso aqui ó. Aí do sol ali, bem onde está essa bolinha

P: Sol?

MO: É bem ali onde tá essa bolinha você vai fazer o Sí.

P: Aqui? Não, eu tava aqui...

MO: Você tava lá, você tava lá, isso, agora, empresta esse violão aqui pra eu te mostrar. eu não sei também se vai dar certo. Ó, você tava aqui, você tava aqui?

P: Não, tava com esse qui ó, isso.

MO: Mas você tava aqui aqui?

P: Isso.

MO: É?

MO começa a tocar o violão, testando alguns acordes.

MO: Você tava aqui.

MO volta a tocar.

MO: (?) Aqui Mariana ó.

MO continua tocando os acordes, agora no ritmo e andamento da música.

MO: É o WO que tinha que fazer isso... ó

P: (?)

MO continua a tocar, tenta começar a tocar, mas para.

P: MO vamo chamar o WO, daí ele consegue fazer ele direito, você também, mas...

MO: Vou lá chamar ele

P: Chama ele lá então

P: (?)

P: (?)

LU: Não

P: Ué, quem será que esqueceu? Será que foi o VA? E aí LU tudo bem?

LU: Tudo, tudo conforme... (?) Às vezes eu tenho vontade de abandonar

P: Abandonar tudo, a musicoterapia?

LU: (?) Pra mim parece que final de semana (?) nada, pior que eu gosto de alguém que não gosta mais de mim daí eu viro em função daquilo. Não consigo fazer um curso (?), não consigo nem sair de casa, tenho medo (?), medo das pessoas.

P: (?)

LU: (?)

P: E você não tem alguma amiga que faça lá, que possa passar na sua casa?

LU: Não.

P: (?)

LU: Eu faço curso de confeitaria né.

P: Ai que delícia.

LU: Confeitaria e panificação, é bom (?)

P: Legal, muito legal.

LU: E eu praticamente não sei fazer nada assim

[risadas]

LU: (?)

P: Sim, sim, sim

MO: Ele disse que não pode agora

P: Não pode?

MO: É

P: Por que?

MO: Porque ele tá, ele tá, ele falou que vai conversar com o Dr. F. agora. Mas ela tá indo bem, ela tá indo bem, a música tá indo bem Mariana.

P: Tá indo bem (?).

MO: Você quer prosseguir com ela?

P: Vamo. LU, prosseguimos aqui?

LU: Sim.

P: É? Então tá.

MO começa a percutir no pandeiro.

P: (?) Ah, essa parte não tá muito boa...

LU: Não, não, tpa bom, 'ta bem diferente...

MO: Aquele daqui?

P: Não, só tem uma dessa, você pode pegar aquelas pequenininhas se você quiser.

MO: Mas como?

P: É porque essa é pra tocar tamborim, daí só tem uma mesmo

MO: (?) Então okay, here we go again.

Musicoterapeuta começa a tocar o violão e MO a tocar o pandeiro.

P: Olha tem aquela comprida ali também, não é melhor?

MO: Aham, não, tá (?) Então o lance mostra que era o seguinte... o nosso lança aqui...

MO começa a cantar o refrão e a tocar o pandeiro, musicoterapeuta acompanha no violão

MO: Ó ali dá um tempinho, dá um tempinho maior.

Voltam a tocar.

MO: Mas essa nota que você tá segurando, que você tem que fazer esse lance lá que eu te disse... que te deixa de herança...vai lá atrás, lá pra baixo, lá menor lá, vai lá pra lá menor Musicoterapeuta toca o acorde de Lá menor

MO: Menor, maior quer dizer. Como que nome daquele outro debaixo do Lá.

P: Esse?

MO: (?) Lá ali.

Musicoterapeuta faz o acorde Lá.

MO: Agora faça Mi, agora

Musicoterapeuta faz o acorde Mi

MO: Agora faça Mi menor. E pra baixo desse aí como é que é?

P: Ai eu não sei tanto assim, deixa eu ver qual que (?) só um minutinho

MO: porque tá ficando meio é meio meio insonso, daí (?)

Musicoterapeuta tenta alguns acordes.

MO: Faz isso daqui Mariana, você consegue fazer isso daqui?

MO mostra um acorde no violão.

P: Não [risadas]. Não sei o que que é isso.

MO: (?)

[risadas]

P: Mas sério você faz assim.

MO: Você tá aqui ó, daí você vai fazer isso aqui. Relaxa ali.

P: Tá, aqui...

MO: Meu deus do céu.

P: Cara, eu... ó, esse é o Sí bemol.

MO: Sei... olha lá olha lá ó

MO começa a cantar novamente.

MO: (?)

MO: Emprista um pouquinho aqui, ó né Mariana. Olha aqui deixa eu ver...

MO começa a tocar o violão.

MO: Captou?

P: Não.

MO toca e canta mais uma vez o trecho da música.

MO: Aqui tem que dar um tempo, a música ela tem uma pausa entre dela mesma para que haja ali uma melodia ali para que faça ali...

P: Tá.

MO: Entendeu? Depois como que começa o (?) que nota que é?

P: É... Fá.

MO começa a tocar o violão e a cantar desde o início da música, mas tem dificuldade com os acordes.

MO: Iii, tinha que ser o WO mesmo, tinha que ser o WO, porque eu até tocara ela mas só que...

P: Quer tentar?

MO: Continue você

P: Você não quer tentar fazer...?

MO: Não, mas...

P: A música, você tocar no violão?

MO: No dia lá quem é que vai tocar?

P: Ah, pode ser o WO...

MO: O WO... então vamo lá. Tudo de novo lá pra baixo, sempre uma linha (?)

P: Ahn?

MO: Agora vai essa parte aqui ó?

P: O refrão?

MO: É.

P: Não, tá apontando pra...

MO: Não agora aqui é uma estrofe aqui...

P: Tá, um novo tempo lê pra mim apesar dos castigos... beleza.

MO: Apesar dos castigos estamos na luta tirando as algemas...

P: Então lá em baixo.

Musicoterapeuta toca o violão, MO canta e toca o pandeiro.

[risadas] as risadas aconteceram por uma brincadeira no final da música, uma improvisação entre o violão e a percussão numa espécie de diálogo.

Tosse

MO: O meu Jesus.

[risada]

P: A gente pode a gente pode fazer um uma outra música por enquanto e daí ah quinta feira quando o Wo tiver a gente faz essa então.

MO: Afirmativo. O WO vai tar aqui quinta-feira né?

P: Eu acho que sim né, ele sempre tá por aqui, mas as vezes ele dá uma saidinha, mas geralmente ele volta né, que que você acha?

MO: (?) Ele tem aquelas neurose dele ali ele tem aquelas piração dele ali, (?) porque tem que falar com Dr. F. (?)

P: É (?)

MO: E assim caminha a humanidade

P: Uhum

MO: Com passos de formiga e sem vontade.

P: Vamo cantar essa?

[risadas]

MO: Você conhece essa aí?

P: Conheço, vamo?

MO: Agora vamo cantar uma aí pra encerrar.

P: Então pode ser essa? Assim caminha a humanidade?

MO: Do Lulu Santos? [risadas] (?) Olha aqui ó?

P: Pode ser?

MO: Como ela começa?

P: Eu tenho aqui na...

MO começa a tocar o pandeiro e a acompanhar a percussão com a voz fazendo a melodia do início da música

P: É

MO começa a cantar e interrompe no meio da primeira estrofe

P: Pra gente poder dar risada...

MO continua na percussão

P: (?) Essa acho que você conhece.

Musicoterapeuta começa a fazer os acordes da música Assim caminha a humanidade, WO acompanha no pandeiro.

MO: Bem lentinho (?) Um pouquinho mais lento.

P: Mais lento, vamo lá, dita aí o ritmo que daí eu entro com você

MO: O ritmo?

A música inicia da primeira estrofe novamente, a musicoterapeuta canta e toca o violão e MO toca o pandeiro.

MO: Tem que dar um tempo. A gente tem que dar um tempo porque a música não pode ter tipo Ahhhh, a cada dois refrão a gente pode pegar e para então, eu falei igual o Lulu Santos faz na música. Tantantan [MO começa a cantar a melodia do início da música, acompanhando com a percussão].

MO: Agora, daí você pega e entra.

P: Tá.

MO: Então repete só a última frase ali, pra gente fazer isso

P: Qual, qual? Apenas não te ...

MO: Essa que você acabou de cantar, a última frase só, última frase...

P: Apensa não te quero mais.

MO: É

P: Esse?

MO: Isso isso

Musicoterapeuta volta a esse trecho do refrão.

MO: (?) Apensa não te quero mais...

Voltam e refazem esse trecho acrescentando a parte sugerida por MO

MO: Aí você entra aí...

MO faz percussão no pandeiro

P: Mas daí eu faço de novo, porque já tinha acabado

MO: Apenas não te quero mais, e daí você pega e daí... apenas não te quero mais, presta atenção ó

MO mostra a percussão e melodia para Mariana acompanhar.

MO: (?) O último não faz o pulso igual o outro.

MO e a musicoterapeuta voltam a tocar.

P: Tá entendi.

MO: Captou a mensagem? Não?

P: Uhum, beleza

MO: (?)

P: Vai lá, apenas não te quero mais e daí a gente faz essa última estrofe.

MO: Positivo.

MO e musicoterapeuta voltam a tocar.

[risadas]

MO: Ah! Viu... (?) bom já que a gente tá cantando a música então que que custa fazer um arranjo... pra (?)

P: Com certeza, deu a a (?) assim da música assim

MO: (?) Tipo um acústico.

P: Aham.

MO exemplifica cantando novamente.

P: Legal, legal.

MO: Então é o seguinte, é isso aí...

P: (?) LU quer pedir uma música anrtes de acabar?

LU: Não.

HI Quer pedir uma música?

HI: Não

P: Não? Vamo acabar com essa então mesmo?

MO: Você que sabe Mariana se você quiser tocar mais uma pra fazer a saidera aí

P: É? (?) Quer pedir mais uma? Qual que você quer fazer então? Olha que interessante hoje a gente cantou músicas assim que achei que tiveram temas bem legais assim. Essa que tá falando muito de esperança né, que apesar de tar, a música fala um pouco de tar num período não muito bom né, apesar dos castigos, apesar dos perigos, é... ela tá falando a gente tá em cena a gente tá buscando né, pra que nossa esperança, ela fala muito de esperança né. E essa do Lulu Santos tá falando que "ainda vai levar um" [cantado] e engraçado foi bem o que você cantou se referiando ao WO, putz ainda vai levar um tempo né tipo, tem momentos que tem que ter um pouo de paciencia né...

MO: É... chega um momento aí que você tem que... você tem que ficar na mesma aí porque quem espera sempre alcança, eu espero e eu não me canso... é isso aí.

P: Sabe o que essa tua frase me lembrou, que você me lembrou? Aquela... é... "quem espera que a vida seja feita de ilusão" [cantada].

MO: Exatamente. Essa música aí também, são músicas que não tem como você dá outro, outro, outro direcionamento pra música porque a música já vem falando diretamente. Agora tem músicas aí que são poetizadas, né, muito poetizadas, elas são muito cheias de de de figuras, que você precisa imaginar aquilo lá que o cara floriou, tem cosias que, tem músicas que não tem floreamente, elas vão direto ao ponto.

P: Verdade.

MO: O cara fez todo ali um... tá ligado?

P: Tipo ela é simples mas ela vai lá e ...

MO: Tem um nome pra isso aí... tem um nome pra isso aí que é a poesia né.

P: Vamo fazer com essa? Pode ser?
 MO: Essa que a gente acabou de tocar.
 P: Ahn?
 MO: Essa que a gente acabou de tocar?
 P: Não. Essa outra aqui, "Quem espera que a vida" [cantada]
 MO: Então vamo fazer. Eu quero ir embora com essa música aí.
 P: Vamo fazer ela? Se quiserem propor outra...
 Musicoterapeut
 MO: Não tá muito alta pra você?
 P: Tá. Vou baixar.
 MO: Se não você vai estourar seu pulmão aí.
 Musicoterapeuta tenta outros tons no violão.
 MO: "quem espera..." [cantado] Ah, agora ficou legal.
 Musicoterapeuta começa a tocar no violão e a cantar a música Saber Viver desde o início no novo tom. MO acompanha no pandeiro.
 MO: (?) Vamo fazer de novo
 Musicoterapeuta volta ao final para refazer o final da música.
 MO: Ai meu deus do céu.
 P: Ai ai...
 MO: (?)
 P: O que?
 MO: essas músicas aí.
 P: Que que tem?
 MO: Ah é maravilhoso né, a música é algo impressionante né. (?)
 P: (?)
 MO começa a tocar o violão
 MO: Vou tocar um Nazareth.
 MO começa a tocar o violão e a cantar Where are you now do Nazareth.
 Enquanto isso os integrantes do grupo escrevem no caderno.
 MO: Thank you!
 P: Uhul!
 [palmas]
 LU: Como é o nome dessa música?
 MO: Where are you now, onde está você agora.
 LU: Legal.
 MO: Com certeza é a mulher né, a namorada dele e pá...
 P: Pode ser.
 MO: Onde estpa você agora [cantada], onde está você agora Marianne.
 [risada]
 MO: Onde está você (meu velho?) (?) Seguinte, (?)
 P: O que que você leva daqui hoje...
 MO: Frase(?) Hoje é terça feira
 P: Dia seis
 MO: Dia seis de agosto. (?)
 Musicoterapeuta vai arrumando os instrumentos enquanto MO escreve no caderno.
 MO vai relatando o que escreve no caderno, não é possível compreender muito bem tudo que fala.
 P: Não esquece de escrever a parte da música (?)
 MO: A palavra é superação. A palavra é... a palavra é...

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

HI: *Deus dê saúde, que saia bem do hospital, todo nós, que Deus abençoe todos nós. Cada um que fez a música que gosta. Boa as música.*

MO: *O amor supera o abismo. O amor é Jesus. Palavra: Superação, a palavra é conquistar a vitória. Música: O tempo é hoje porque o ontem já se for e eu sou vitorioso hoje e sempre serei em nome do Senhor Jesus.*

LU: *A música nova que nós tó-camos. Hoje eu não estou muito legal.*

VA: *Saudade. Tristeza.*

Sessão 13 – 08 de Agosto de 2013

Estavam presentes: RON, WO, MA, LU, RO, HI, MO e ZI.

P: Hoje é dia?

LU: Oito.

MO: Nove, oito.

P: Oito? Oito. Legal. Vou lá chamar eles e a gente já começa.

Barulho de celular desligando.

Sons da musicoterapeuta arrumando os instrumentos.

(?): (Sala?)

(ZI): Dor de cabeça.

(LU): Dor de cabeça?

P: Vamo lá? Então vamo. Eu vou encostar aqui mas você pode entrar...

(?): (?) Como é seu nome?

G: GU

P: (?) que vamo. (?) Mas uma hora eles aparecem né.

LU: (?)

P: É pode ser? É... Como é que é seu nome?

G: GU

P: Já se apresentou pro grupo?

G: Ainda não.

P: Então pessoal...

(?): Não é com você?

P: Acho que não... [risada] obrigada.É... então pessoal o Guilherme... quer se apresenta? Se apresente...

GU: Então, sou estagiário do evagálico, acho que eu conheço alguns de vocês, daí to acompanhando as oficinas e tal, queria acompanhar vocês na Musicoterapia se ela permitir.

P: Sim, vocês se importam pessoal?

LU: Não.

P: Não, tudo RO, tudo bem WO? Do GU participar?

WO: Tudo.

P: Então tá bom [risada. GU meu nome é Mariana eu sou musicoterapeuta. É eu proponho da gente fazer um breve jogo pra gente se apresentar. Lembra que a gente fez o jogo com os nomes, aquela vez? Do [barulhos de percussão], RO lembra né?

ZI: Cê sabe que eu to com dor de cabeça hoje, eu não queria escutar música.

P: Então a gente vai começar com uma atividade que não... deixa só eu tirar a chave aqui se não o pessoal tranca a gente. É, não vai ter música diretamente, daí você vai ficando...

WO: Tá então eu vou sair... não vai ter música eu vou sair...

P: Não, WO. Tá o WO ficou brabo. Era só no primeiro momento...

LU: O povo tá estressado hoje.

P: É verdade, você percebeu LU?

LU: É ele, e o (?) tem umas patadas no SA.

P: Quem que é o menino? É alguém do nosso grupo?

LU: É, aquele que tem dor no peito.

P: O HI? Ah, por isso que o MO está falando com ele será?

LU: Aham.

P: Bom,, vamo ver. É... é uma atividade com os nomes, daí assim ZI, você vai ficando vê como você tpa se sentindo, se tiver te incomodando você avisa, mesmo esquema que a gente sempre faz, tá bom? A MA também.

ZI: (?) Eu já passei mal no onibus.

P: Uhum.

ZI: Eu já vomitei, tive, cheguei quase 10 horas, nem sei, 9 e pouco...

P: Tá ruinzinha mesmo.

ZI: Daí tive crises de choro... assim não to... me sinto muito tonta.

P: Então ZI, mas assim, as atividades daqui elas são justamente pra tentar te ajudar de alguma forma, em momentos de crise mesmo, nesses momento nesses momentos que a gente tá muito bom, então assim, mas eu entendo que as vezes uma atividade não ajuda, e só piora né, então se você achar que tá piorando a tua situação daí você me avisa tá? Mas vamo tentar, vamo ver, teve dias que você ficou e foi legal, mesmo você não estando bem, então, vamos tentar né. Vocês topam fazer a atividade dos nomes? Pra gente decorar os nomes de novo?

(?)

P: É, é bem fácil. Você lembra né, você tava?

LU: Tava.

P: Pode ser?

LU: Pode, por mim..

P: [risada] Vamo então? Então vamo ficar de pé, (?) vamo VA? Força.

[risada]

P: É... então assim, é lembra que a gente fez assim, um coro que um falava o nome e o resto do coro repetia o nome, lembra? e a gente fez com a ajuda desse negocinho aqui que pra ajudar a gente fazer num ritmo todos iguais, né. Então vamo ver se a gente consegue de novo, vou dar o exemplo pra quem não tava né. Então assim por exemplo, meu nome né, Ma-ri-a-na [percutindo cada sílaba no agogô de coco], né, então vocês veem que tinha um balaceio né no nome, aí cada um inventa um balanceio com seu nome, entendeu? Eu vou falar meu nome desse jeitinho e vocês repetem todos juntos tipo um eco assim do jeito que eu toquei, pode ser? Então vamo lá, Ma-ri-a-na [percutindo cada sílaba no agogô de coco], agora vocês...

Grupo: Ma-ri-a-na

P: Legal, agora ZI, pode ser?

Zi acena que sim.

P: Zi inventa um ritmo aí com seu nome.

ZI: (?)

P: Não, só o primeiro nome.

ZI: ZI---

P: Então vai lá, ZI--- . Vamo juntos?

Grupo: ZI---

P: Legal. [risada] Agora tá alto esse negócio pra você?

ZI: Não eu to assim com um mal estar na caberça.

P: Tá tudo bem, por enquanto então... MA pode inventar os ritmos.

MA: MA---

P: MA---. Assim né? Então vamo lá pessoal.

Grupo: MA---

P: VA. (?) seu nome que nem da outra vez.

VA: VA--

P: VA---? Assim? Então vamo lá.

Grupo: VA---

P: RO?

RO: RO---

Grupo: LU---

LU: LU---

Grupo: LU---

GU: Ah... GU---

P: Ah é.

Grupo: GU---

P: Beleza. Todo mundo mais ou menos decorou? Agora a gente vai fazer um diferente que é assim. A gente bate o pé [musicoterapeuta bate o pé no chão duas vezes, uma com cada pé e bate uma vez a mão apontando para outra pessoa do grupo] RO, aponta pra pessoa que você lembra o nome e faz uma (?) como se fosse uma flecha. Daí a minha flecha foi pra RO então a RO escolhe o nome de alguém pra bater, MA por exemplo. Então eu vou começar, tá? LU.

LU: ZI-

ZI: RO--

RO: MA---

MA: GU---

GU: VA--

P: VA

GU: VA

P: Pode chutar o nome...

VA: (?)

P: Ah, muito bem VA, legal, tudo bem. Mais uma rodada só pra ver se todo mundo pegou... ZI

ZI: RO

RO: MA

MA: LU

LU: GU

GU: Mari-ana

P: VA

VA: GU

P: Ae muito bem VA. Bom o pessoal tá bom de memória acho que tá bom, legal gente, querem fazer mais uma rodada, querem? Querem? Beleza, deu pra decorar mais ou menos? Aí vocês não precisam chamar "Ah aquele menino que tem dor no coração", aí você chama de HI. Pode entrar pessoal, tava falando de vocês.

MO: Po tava falando de nós que legal ein.

P: Sim, tava falando bem como sempre.

MO e HI entram na sala

P: Tudo bem meninos? HI e MO tudo bem?

MO: Tudo bem.

HI: Tudo.

P: Beleza. A gente tava fazendo as brincadeiras dos nomes pra gravar os nomes. Ah deixa eu apresentar, esse é o GU, ele é estagiário da evangélica.

MO: Ah tá da Evangélica.

P: Esse é o MO e esse é o HI. O resto do pessoal a gente já apresentou. É... O GU vai estar aqui com a gente hoje porque ele passa por todos os grupos, né, então ele vai ver o nosso nosso grupo aí, beleza. Eu tentei manter o WO, mas ele ficou brabo comigo porque eu não ia fazer música no começo, daí ele foi embora. E daí... bom pessoal, é, hoje já que a gente tá com bastante gente e pensei da gente fazer um trabalho com os instrumentos né, é...

MO: Mariana só um instantinho, eu tomei um medicamento agora só vou tomar só um copo básico d'água

P: Beleza, té. É... tem duas questões também que me fazem pensar em fazer essa atividade, que é a MA e a ZI não tão muito bem hoje e... e... e....a ZI principalmente tava meio receosa de ficar no grupo por causa da música né. Então essa atividade é voltada justamente pra gente ter um certo controle do som pra você controlar a intensidade do som pra você se sentir bem, tá?

ZI: É que eu não gosto do violão

P: O violão?

ZI: É, ele fica na minha cabeça assim, eu não gosto...

P: Aham. Então a gente vai usar vários instrumentos

WO: Vai ter música

P: Vai, agora vai começar a música

WO: (?)

P: Pelo menos, pelo menos (?) Musicoterapia.

(?): MA JO não tá aí né?

Entram na sala WO e mais 3 estagiários para observar a sessão.

WO:(?) Por que não tem música? (?)

P: Oi?

WO: Por que não quer música? (?)

P: Ah ela disse que não queria ouvir música né

WO: Por que?

P: Perguntei porque que ela não quer? Pergunta aí pra ela porque que ela não quer...

WO: Por que?

ZI: Mal estar na cabeça.

WO: Mal estar, dor de cabeça.

ZI: Não, um mal estar. Um negócio que parece que minha cabeça tá assim cheia.

WO: (?)

ZI: Não. Parece que ela tá cheia assim de alguma coisa.

WO: (?)

P: É, bom... Então vamo apresentar o pessoal novo que chegou depois do GU.

JO: Eu sou a JO.

P: JO

CI: E eu sou a CI.

P: CI. É... tá, vamo se apresentar de novo. MA, vai falando aí um por um... nome...

VA: VA

P: Seu nome?

RO: Por que?

P: Só pro pessoal novo conhecer.

RO: RO

MO: MO

LU: LU

CI: CI

GU: GU

P: Mariana

ZI: ZI

JO: JO

P: Ae, agora todo mundo (?) sabe né. Então WO eu tava falando com o pessoal pra gente fazer uma atividade com todos os instrumentos hoje que nem a gente fea da outra vez, tá? Então...é, lembra das funções que cada um tinha? Tinha o mestre, tinha o maestro, lembra né?

P: Então, nessa atividade quem tiver com o metalofone vai ser quem dita a música que agente chama de mestre, começa com a melodia e o resto do povo vai ter que acompanhar, e tem também uma outra pessoa que é o maestro, o maestro eçle controla a intensidade quem a gente tá tocando. Então (?) intensidade que é mais fácil, então assim se o maestre quer que toque mais alto faz assim [levanta as mãos em um movimento lento], se quiser que mantenha pode deixar assim [mantem as mãos com as palmas para baixo na altura do tronco] e tal ou não fazer nada, mantem a intensidade, a intensidade é a força com que você toca tá. E...o... se ele quiser que passe a diminuir a intensidade ele faz assim [mão se direcionam lentamente para baixo], aí todo mundo ó, toca baixinho. Beleza?

WO: (?)

P: Oi?

WO: Pode ser

WO levanta pra sair da sala

MO: Não, mas agora não vai. Você tem que ficar aí WO. O WO você tem que ficar aqui, você não pode sair agora, porque a gente vai ensaiar aquela música lá que a gente vai apresentar lá, né Mariana?

P: É, pois é, vocês preferem fazer isso?

WO: (?)

P: Oi?

WO: (?)

P: Como, que foi?

WO: (?)

MO: Tudo certo, daí você não foi e beleza, daí ele não foi e cabô. Olha aqui WO, ó você vai ter que tocar pra gente apresentar a música, vai ter apresentação lá, você não pode sair.

WO: (?)

MO: Não (?) apresentação do CAPS, no CAPS

P: Lembra aquela música que a gente fez aquele dia?

MO: WO, fica aí, num saí lá pra fora, fica aí. Vamo lá Mariana.

P: Vamo lá [risada]. É, e uma última função é com o sino, que a pessoa finaliza a música, tá?

Então eu quero saber quem quer fazer essas três fun-ções. quem quer tocar o metalofone e ser quem que dita a música?

Lu: Ah eu quero tocar o sino.

P: O Sino. Então pega o sino LU, você vai terminar a música, a hora que for pra terminar.

Lu: Cadê?

P: Tá ali.

MO: WO, pega o violão WO.

P: Pode pegar o violão se quiser.

WO: (?)

P: Você quer tocar aquele ali, tanto faz, pode pegar

WO: (?)

MO: Eu quero esse aqui Mariana.

P: Eu ia sugerir ZI pra você ser quem controla a intensidade.

MO: (?)

O grupo vai escolhendo os instrumentos e os experimentando. A musicoterapeuta vai apresentando os instrumentos.

P: Quem que vai querer ser o maestro? Maestro controla a intensidade quem tiver problemas com o som. Alguém quer?

WO: MO.

P: MO vai ser o maestro?

WO: Maestro.

P: Quer ser maestro?

MO: Eu vou ser maestro então. A minha varinha, a minha batuta vai ser o meu violão. Ok? Oh, ficou bonito...

P: (?)

MO: Então vai ser um blues.

P: Fala como você vai fazer a coisa do maestro, você vai ser maestro?

MO: Então, a baqueta minha vai ser o volão, eu vou tocar forte daí vocês tocam forte, daí quando eu diminuir vocês diminuem.

P: Tá. Por um acaso se o pessoal não não não escutar que você baixou, daí você para um pouquinho e faz o sinal. Entendeu? Porque não é todo mundo que consegue perceber quando abaixa a música.

MO: Daí você faz o sinal.

P: Você quer que eu faça o sinal? Pode ser. Posso fazer.

MO: Porque você (?)

P: Daí eu faço o sinal, faço o sinal, beleza. É deixa eu ver, ah, falta o metalofone. Quer fazer? [perguntando para RO]

WO: Quem é RO?

P: Você que sabe. Você que sabe RO, escolhe aí.

(?)

Sons de instrumentos

P: (?) É que a RO é muito boa no ritmo, ela é muito precisa, né RO? É legal que você fique com

(?) É... HI, quer fazer o metalofone? É um instrumento muito interessante, você vai curtir?

HI acena que não.

P: Não? Você quer o colar que você gosta?

HI acena que sim.

P: Pegue o colar então. VA, não quer pegar nada nada, nenhum instrumento, nem o chocalho assim?

VA acena que não

P: Não? È... MA você quer fazer o metalofone?

MA acena que não.

P: Não mesmo? PO gente mas quem que vai ser quem vai ditar tudo?

(?): GU

P: Então tá GU você vai ditar a melodia da música. Pode levar pra lá se quiser, é só colocar no seu colo ou colocar uma cadeira

MO está tocando no violão Come as you are do Nirvana.

P: Então, vamo, é, o, o GU vai ditar a melodia da nossa música e a gente tenta acompanhar ele beleza?

(?)

GU começa a fazer uma melodia no metalofone

P: Pode continuar...

MO: Só fazer aleatoriamente o que ele tá fazendo...

P: Tipo uma inspiração pra gente continuar... Podem ir...

Os outros [?]s começam a tentar acompanhar.

MO: Nós temo que tocar né

P: Vai lá, (?) pode começar.

MO: (?)

A improvisação do grupo é experimental, sem uma ordem muito estabelecida a melodia gira em torno do metalofone e do violão

MO: Faça a base, não eu faço a base e você faz o solo.

MO busca tentar organizar os sons do grupo. O ritmo ainda não é uniforme.

MO e WO conversam tentando organizar o grupo.

MO: (?)

P: Acho que tá numa boa intensidade. Eu só queria que a gente tente se escutar um pouco, podem continuar tocando, vão vão vão tocando, pra gente fazer uma coisa mais homogênia.

Talvez o violão possa fazer uma harmonia ao invés de uma melodia.

MO: Pois é (?) o GU já deu um frase ali né, a frase foi...

As pessoas param de tocar os instrumentos.

MO demonstra uma parte da melodia de GU no violão.

P: Sim, é tipo uma inspiração vocês podem improvisar a partir disso

MO: E daí no caso ele teria que dar seguimento a essa frase e não continuar na frase, ele tem que fazer

MO demonstra no violão a frase melódica e a continuação

MO: E daí dar um seguimento a frase com outras notas ali, ele tem que tocar forte ali pra gente ouvir, porque os outros barulhos juntos tavam encobrindo o metalofone ali, né, é ou não é

GU toca algumas notas no metalofone

P: Pode ser, pode ser [risada]

MO: Então vamo tocar

O grupo volta a improvisar.

23`05`` até 23`34``

MO: Que aconteceu WO, o WO o que aconteceu?

P: Tava indo bem.

MO: Ah!

P: A gente chama ele na hora que for cantar.

(?)

Até 24`19``

P: Peraí, vou dar uma base agora, só pra dar uma estruturada na música e você vai complementando, pode ser?

MO: Afirmativo.

P: daí o pessoal vai junto, tá?

VA: Tenho que ir
P: Já tem que ir, sério, já, mas não é cinco pras onze?
VA: (?)
P: Tá, (?) caderno, pode ser? (?)
MO toca uma melodia no violão [risadas]
(?): Essa é boa ein.
O grupo interage verbalmente e alguns continuam tocando os instrumentos
P: (?)
MO: Vamo fazer uma música. Vamo lá GU!
MO: Mariana você (?)
P: Não, pode fazer essa base.
MO: Difícil começar uma música aqui ein Mariana.
P: Faz essa base, faz essa base aí que você tá fazendo. Essa tá boa.
MO: Você que ia... Não Mariana (?)
P: Não eu só ia fazer isso que você tava fazendo. Uma base harmônica só pra dar uma estrutura pro grupo, entendeu? Mas faz isso aí. Vamo lá.
MO: Você quer uma música rápida ou uma música lenta?
P: Quer tocar um blues?
MO: Não sou eu pedindo.
P: Isso é uma boa vou perguntar pro grupo... O grupo gosta de blues?
(?): Sim.
P: MA?
MA acena que sim
P: RO, pode ser beleza? LU?
RO e LU acenam que sim
P: Então vamo um blues aí e vamo ver o que o grupo acha.
MO: Então vamo um blues, um blues pesado então. Só que é o seguinte ó, blues todo mundo tem que estar dentro do ritmo e da improvisação certa. Sabe que blues significa improvisado.
P: Então vamo lá.
(?)
MO: O Blues quer dizer improvisado, é exatamente o que estamos fazendo aqui agora, é improvisado, só que nós temos que saber improvisar, se você não souber improvisar, daí não vai ficar legal.
(?)
WO: Eu quero uma música (?)
P: Agora vamos fazer blues.
(?)
P: Zi? Pode ser depois do blues?
WO: Vai demorar?
P: Não é rapidinho. Vamos fazer um improvisado blues, depois o WO vai fazer uma música (?)
MO: Agora eu vou falar pra todo mundo de uma vez. Nós vamos fazer um blues, blues quer dizer improvisado, tem que saber improvisar dentro da nota base que no caso vai ser isso aqui
MO começa a tocar alguns acordes no violão no ritmo do blues, [?]s do grupo acompanham na percussão
MO: Todo improvisado vai ficar dentro dessa base aqui, derrepente, presta atenção, eu vou fazer essa base, todo mundo vai seguir essa base, essa música aqui. Só que vai chegar uma hora que eu vou aí eu vou fazer o seguinte, eu vou diminuir a intensidade, porque eu já fiz o meu solos aqui.
MO demonstra um solo no violão.
MO: Daí eu fiz o meu solo completo e eu vou diminuir, quando eu diminuir a intensidade aí eu pego e olho pra Mariana, eu faço "Mariana" daí a Mariana vai improvisar em cima disso aqui [MO demonstra a harmonia no violão novamente], daí eu pego e aumento minha nota, quando você acabar o teu solo, que foi já como eu falei, aí você pega e olha pra ela, ele vai fazer um solo em cima dessa música aqui
P: Beleza, vamo tentar tentar

MO: Porque daí todo mundo vai acabar tocando todo mundo vai acabar (?)

P: Acho uma boa idéia

MO: Não vai ter letra, só música

MO: Um, dois, três.

MO começa a harmonia no violão e o resto do grupo o acompanha.

MO: Sobe as mais agudas pra aparecer o solo.

Alguns instrumentos aumentam de intensidade.

MO: Faz a base que eu vou fazendo o solo.

[acrescentar mais detalhes da improvisação]

LU toca o sino

[risadas]

MO: Foi muito rápido.

P: LU (?)

P: gente, o que que você acharam do nosso blues

(?) Foi muito bom

MO: A intensão foi legal né.

P: Deixa eu perguntar uma coisa, vocês querem continuar com essa proposta de cada um vai improvisando e mostrando ou vocês querem fazer a canção?

WO: Fazer a canção.

P: Pois é, fazer a canção pro WO. Que que o grupo quer?

MO: Por que? (?)

P: Não é que é assim, o WO tá propondo fazer uma música para a ZI.

MO: Mas e aquela música do Ivan Lins?

P: Podemos fazer a música do Ivan Lins também...

(?)

P: O pessoal, vamo fazer o seguinte, então, o WO tá tá muito afim de fazer essa música né, é uma música que você fez né WO.

WO: É.

P: É uma música que o WO fez. Vamo então dar esse espaço pro WO fazer essa música e daí na proxi, é continuando, a gente decide o que faz, pode ser?

Grupo diz que pode ser.

MO: A gente vai fazer agora?

P: A gente pode acompanhar você WO?

WO: Pode (?)

P: Então, pessoal o WO abriu pra gente acompanhar ele se a gente quiser.

WO começa a tocar o violão. O grupo acompanha com instrumentos de percussão.

Início da música instrumental e depois começa a cantar.

WO acaba a música no meio, MO tenta continuar a canção.

P: (?)

WO: (?)

P: (?) Não tá muito alta não

Wo:Muito alta

P: Então troca o tom. Você não consegue mudar o tom?

WO tenta cantar, mas não consegue

P: E por que você não oitava a sua voz?

WO: (?)

WO levanta para sair da sala

ZI: Obrigada WO

MO: É coisa de música isso aí, fala que vai mas não vai (?)

P: Foi bonito né ZI?

(?)

MO: Eu não sei (?)

P: (?) Bem na hora que o WO saiu.

MO: Pois é.

P: Quer fazer (?) mais ou menos (?) Ou fazemos a proposta da improvisação de cada um faz um pedaço

(?)

MO: (?)

P: Pode ser, improvisamos. Pode trocar. Alguém quer fazer agora o metalofone? Quer RO? Quer LU? Quer ZI? Quer (?).

(?): Eu sou péssima.

P: Alguém quer tentar ser o maestro agora?

MO: (?)

P: Tá empapuçado de música é?

MO: (?)

P: Alguém quer ser o maestro. Quer ser o maestro RO? Quer tentar LU? ZI quer ser o maestro (?). Então tá, se alguém tiver vontade de abaixar o volume faz assim [musicoterapeuta gesticula com as mãos para baixo] tá bom?

MO:

MO começa a fazer um walking base no violão. Alguns integrantes do grupo o acompanham com instrumentos de percussão.

MO: (?)

P: Podemos improvisar no meio o que você acha?

MO começa a tocar Um novo tempo com o ritmo de blues que estava fazendo. Musicoterapeuta canta junto

MO: Essa é boa

(?)

MO volta a tocar um novo tempo cantarolando a letra.

Musicoterapeuta oferece letra aos [?]s do grupo.

MO: (?) Vamos descer o cacete agora (?)

MO começa a música do início agora do ritmo batido da música, não mais como blues. O resto do grupo improvisa com instrumentos.

P: Aeeee!

[palmas]

MO: Ela não é difícil Mariana, não é difícil. É só a gente pegar o ritmo (?)

P: Você quer pegar esse violão que é melhor?

MO: Não, porque eu vou descer a ripa (?)

P: Mas pode descer nesse aqui também. Será que a gente consegue cantar sem o papel?

MO:

P: Sabe por que, da gente tá se olhando enquanto tá cantando, faz diferença

MO: Isso aí... (?)

P: Que tal se a gente tentar cantar assim, mesmo esquecendo algumas partes, cantar juntos, que você acha?

MO: Então vamo cantar agora então.

P: Vamo? Então tá então eu vou propor já que o grupo diminuiu da gente se chegar mais perto.

MO: (?)

P: Daí a gente vai tentar, se você esquecer um pedaço da letra você vai cantantando... (?)

MO: Mas você sabe da letra dela Mariana?

P: Mais ou menos, a gente vai lembrando, uns lembram umas partes outros outra... (?)

MO: Não, mas você vai ter que puxar aqui pra ver se você acompanham (?)

P: (?)

Mo; Vai ser só vocal, a capela.

MO começa a cantar e o grupo acompanha cantando e tocando os instrumentos, a maioria de percussão.

MO: Essa música (?) Tenho dificuldade de memorizar as coisas na cabeça.

P: Eu também eu também tenho, mas daí eu invento bastante coisa...sabe eu vou... pra que nossa esperança seja mais... e vai falando...

MO: Eu não peguei a letra, não consegui...

MO começa a cantar, tentando lembrar da letra

P: Ein MO, é, vamo ó aos pouquinhos a gente tá tipo melhorando essa música explorando os lados dela e tal

MO: All right.

P: E... vamo ver se semana que vem a gente faz assim que o WO chegar daí de repente ele consegue ficar pelo menos pro comecinho né

[Sons do chocalho de unha de cabra]

P: Tá. É, então, eu vou pedir pra vocês escreverem no caderno tá?

MO: Aham.

P: Alguém quer falar alguma coisa antes da gente acabar?

MO: Falar alguma... é que é bom isso aqui, isso aqui é interessante. Porque aqui, nesse caso, pra mim que tenho dificuldade pra guardar coisa na cabeça, numa situação como essa aqui, você se vê, né, a necessidade de ter que guardar, né? A gente não pode usar a cabeça só pra...

P: Sim, não acho que tem isso também, MO, e tem também uma coisa que é, que é, hum, a gente tá flexível pra dar um jeito caso você não tenha, entendeu? Não lembre da letra, enfim, essa flexibilidade sabe, porque mesmo pra músico MO, isso é importante sabe. A hora por exemplo que um cara lá, chega e muda o tom por exemplo. Ou a gente tá sem a letra sei lá. Qualquer coisa... e isso a gente pode pensar pra vida mesmo, e a gente tem que ter essa capacidade de...

MO: improvisar...

P: Improvisar exatamente, serve pra muita coisa. Eu vou pegar o caderno então.

[instrumentos ao fundo]

MO: Essa apresentação que a gente vai fazer tá pra quando, ô, Mariana?

P: A hora que a gente quiser.

MO: Então tem que levar o (??) pra casa.

P: Cê quer levar? Pode levar. Cê quer levar com a cifra ou com a letra?

MO: A cifra eu não vou precisar.

P: Mas assim na hora que a gente for apresentar mesmo e tal, pode ser com letra, não tem problema, o coral vive com a letra. Não tem problema, sabe.

MO: Mariana, eu não consigo pegar tudo isso aqui e colocar na minha cabeça.

[instrumentos]

P: Tá, mas não se sinta pressionado por causa disso, sabe? Porque a gente pode usar a letra.

MO: Não tem um segredinho pra você me ensinar, não? Pra gravar..

P: Ah, eu, sabe um jeito que eu gravo as coisas?

MO: Que são, ó, um, dois, três, quatro, cinco, estrofe. É estrofe que fala? Estrofe, verso? Verso, né? São seis versos aqui.

P: É... sabe um jeito que eu decoro as coisas? É... Eu faço uma, tipo uma, uma historinha com a música, sabe? Tipo como se fosse fazendo uma historinha, uma imagem assim...

MO: A verdade é o seguinte: eu não tenho boa memória.

P: Eu também não tenho.

[instrumento ao fundo]

P: Vamo pegar aqui...

MO: bastante...

[?]: Quero perguntar uma coisa assim, que é totalmente, uma barreira pra mim é o ritmo.

MO: Ela ali já conhece, gostou do Blues, tem uma raiz assim meio que eclética.

[?]: Bastante.

MO: Como se fala? Muito psicodélica. Ivan Lins, rock e tudo. O quê que significa psicodélico, ein?

P: Psicodélico? Eu penso que psicodélico, eu penso no Led Zeppelin, assim, pra mim. É o exemplo do psicodélico.

MO: É, psicodelia, que mistura ritmo, hippie, com rock e tudo o mais.

[?]: Mariana, qual que esse instrumento... você sabe?

P: É esse ritmo que você tá tocando mesmo.

[?]: Não tem..

P: Você tocou muito bem.

MO: Então..

P: Não, acho que não. Eu nem sei o nome desse.

[?]: Você tem ritmo porque você tá em coral.

MO: Ô...

[?]: Eu não consigo tocar nada. Eu gosto de cantar. Mas tocar..

P: Quer apoiar no chão?

[?]: Bem bacana.

[instrumento]

MO: Led Zeppelin. Power...

P: Hoje é dia? Esqueci de novo.

MO: Hoje é dia oito do oito do treze.

[?]: [cantando] Canta, canta, minha gente, deixa a tristeza pra lá...

MO: É. Tudo ali. Entendeu?

[?]: [cantando] Que a vida vai melhorar...

[instrumento]

MO: Eu queria que a minha memória funcionasse direito, sabe?

P: Ah, mas MO, a gente, todo mundo tem seus limites.

MO: Uma vez o cara falou na televisão, assim, um pastor inclusive, falou “ó, cê tem que entender o seguinte, a imaginação tem a ver pra frente e a memória tem a ver com coisas que, que, que se passaram, né. Você não pode viver só em consequência da imaginação, você tem que gravar na tua mente coisas, memória tem a ver com o que se passou e imaginação tem”...

P: É, os dois são importantes, né? Os dois são importantes...

MO: Então, tem..

P: E o quê que você mais gostou da música? Quê que você achou mais significativo?

MO: A frase.

P: É...

MO: É...

LU: tchau pra vocês.

P: Tchau, Luciana. Até.. Do que você gostou mais? De tocar junto, ou de uma música. Ou se foi de um instrumento. O quê que você mais gostou? De tocar?

[instrumento]

P: uhum.

MO: A música é..

[?]: Um ritmo bacana.

MO: A música é..

P: Então até semana que vem, RO. Até terça.

MO: Preciso... preciso...

P: Alcança pra mim ali o caderno?

MO: Preciso..

P: Obrigada.

MO: Preciso aprender a memorizar...

P: Quê que se leva hoje com você?

MO: Preciso aprender a memorizar porque...

(vozes)

P: Do que você viveu aqui hoje, o quê que cê leva com você?

HI: Eu... Só senti esse mesmo de ontem, que tocou..

P: Que tocou a mesma música de ontem. E o quê que cê leva disso assim com você? Dessa experiência que você teve aqui... Quê que cê leva, que sentimento que fica com você? Ou que.. Uma imagem, uma frase, uma palavra...

HI: levo um espírito de paz pra casa...

P: Levo um espírito de paz, aham... E a parte da música, assim, teve alguma coisa que te chamou mais atenção? Algum instrumento? Alguma canção?

MO: Palavra.

HI: Me chamou atenção

P: Cê lembrou que era a mesma música de ontem, né?

HI: Mesma de ontem... É...

P: Que é aquela.. [cantando]. Um novo tempo... Um novo tempo do Ivan Lins.
 HI: De ontem...
 P: É, bonita.
 HI: É bonita ela... um novo tempo, bonito...
 P: Uhum. E o quê que assim, chamou mais atenção dessa música pra você? Do quê que ela fala assim, que você achou legal?
 [barulho de celular]
 P: Cê falou do tempo, né?
 HI: Eu não sei, eu não sei mesmo.
 P: Algum trequinho que ficou com você? Não?
 HI: Não sei...
 [barulho de celular]
 HI: É... (incompreensível)
 P: Uhum..
 [instrumento]
 P: Legal. Então, tá, HI. Beleza.
 HI: ...
 P: Cê parece que tá mais tranquilo hoje, HI. Cê tá um pouco melhor?
 HI: meio nervoso, mas eu tô mais calmo.
 P: É, mas cê parece que tá mais tranquilo hoje, assim, do que os outros dias.
 HI: tava fora,...
 P: É, isso ajuda..
 HI: relaxando um pouco...
 P: Legal, então tá, HI. Beleza. Então a gente se vê semana que vem, né?
 HI: Na terça-feira, né?
 P: Isso. Então tá. Legal.
 HI: posso ir então?
 P: Pode. Pode ir. Tá liberado.
 HI: Que horas são?
 P: Agora são onze e vinte.
 HI: Tá.
 P: Tchau, HI.
 HI: Você vai ficar aí? Eu já vou.
 P: Quer esperar? Pode esperar.
 MO: Só um minutinho. Pode i, HI. Tá tudo sob controle. Sem palavra. Não não esquentar a cabeça. A gente se vê amanhã, vá com Deus.
 HI: Terça-feira.
 MO: Afirmativo. Ah, é, cê não vai pro passeio lá?
 HI: quando você chegar em casa... me liga.
 MO: Positivo, falou. Deus te acompanhe, viu?
 P: Tchau, HI.
 [?]: ??
 P: Eu vou tá lá na sala dos técnicos, se cê quiser falar alguma coisa comigo, alguma pergunta, tá? Obrigada.
 MO: Aqui, ó.
 P: Valeu, MO.
 [?]: cê tava tocando bem.. bem hoje..
 MO: Não, quem toca bem. Cê viu ali? Que talento, é, vamo dizer assim, expressivo mesmo. É o VA.
 P: Vocês dois, né?
 [?]: Vocês dois. Eu acho que os dois têm os méritos.
 MO: Os dois se complementam, né? Eu poderia cantar, e ele acompanhar, mas o VA...
 P: Ah, espera um pouco..
 P: Tchau.
 MO: Falou. (continua falando). Amém.

[?]: Amém.

MO: Tá tudo ok aí?

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

RO: *Emoção da música. Gostei mais de tocar.*

ZI: *Eu hoje estou com muito mal estar na cabeça.*

HI: *Levo um espírito de paz pra casa. Lembro que é a mesma música de ontem, música pra ter paz na vida.*

MO: *Preciso aprender a memorizar porque o passado faz parte do presente. Preciso aprender a memorizar boas canções e ritmo e outras emoções sentimentos etc. Palavra: Harmonia e União não só nas letras das canções mas sobretudo entre nós. Fé em Deus e que ele esteja sempre ao nosso redor.*

LU: *A música é bom. Hoje estava melhor do que outros dia eu levo c/migo Paz.*

VA: *Saudade. Tristeza.*

14ª Sessão – 13 de Agosto de 2013

Estavam presentes: VA, WO, RO, AN, NEI, HI, MO.

P: Hoje é dia 13. Dia 13.

MO: Hoje é dia 13.

P: É, melhor fazer diferença pra Estadual e pra Federal, mas é a mesma coisa.

MO: Qualquer dia nós vamos demonstrar as coisas que você grava com a gente aqui? No áudio ou não?

P: Podemos! Podemos!

MO:

P: Não, a sua voz é linda, MO! Que nada, cê vai ver como ela é bonita. Cê nunca escutou sua voz?

MO: Mas eu não gosto..

P: Assim, no gravador...

MO: Duas coisas que eu não gosto, Mariana...

P: Aamm..

MO: Mas eu não gosto de me ver filmado e nem ouvir minha voz. Eu acho chato, “ech!”.

P: Mas sabe o que eu acho? Todo mundo quando se ouve, não gosta. Eu também não gosto de me ouvir, sabe?

MO: Cê gosta de se ver?

P: Não.

MO: Filmada. Quando alguém filma você...

P: É, mais ou menos... Mas assim, quando eu escuto meu áudio assim, eu não gosto. Eu não gosto muito. Acho que ninguém gosta, sabe. Colocar no silencioso... É normal não querer escutar assim, eu também não gosto muito, sabe. Mas é legal de se escutar pra ver a música...

MO: O HI tá deitado lá fora...

P: O HI?

MO: É.

P: Tá deitado? Na grama?

MO: É, acho que ele não tá legal, aconteceu uns problemas, né?

P: É, eu vou lá chamar o pessoal.

MO: Corredor de madeira, tem uma porta de vidro lá...

P: Mas ele tá lá fora?

MO: Ele tá deitado lá onde tem aquela escada que vem aqui pra baixo.

P: Tá, vou lá então, vou chamar então o resto do pessoal.

?!? toca o violão e canta alguns trechos...

[?]: Uma bem popular assim, que não seja sertaneja...

[?]: Eu não sei ouvir se não for sertaneja

[?]: Mas assim, um sertanejo mais moderno...

?? Tá bom..

?? Canta... [música]

?? Essa eu já conheço, meu Deus do céu!

?? É a única sertaneja que eu sei.

?? Zé Ramalho você não sabe?

[?]: Não sei. Então vai de Carlos

Qual?

MO: Raul Seixas?

[Instrumento "batido"]

[?]: Ah não quero ser perfeito... Mas não quero ser perfeito.... [cantando]

[Instrumento batido]

MO: E as outras mais menores assim, você não sabe?

[?]: Não sei.

MO: E as outras?

[?]: Não sei.

[Violão tocado] [Pessoas cantando]

[?] Toca o violão e canta... "Que pescar que nada"...

MO: É, esse cara aqui pelo jeito, o lugar que ele chega o pessoal... Ir pra algum lugar e levar um cara que só toca música animada... Não tem tempo ruim.

P: Cê não quer [Inc] hoje, VA? Aconteceu alguma coisa com o grupo?

[Alguém no violão]

P: Mas quando você vai sozinho ou com alguém?

[?]: Toca e canta...

P: Cê acha que ficar aqui...? Oi?

[?] Vai me interromper.

P: Eu tava conversando com o VA uma coisa que eu acho que de repente é uma coisa um tema que faz sentido pra vocês também né. É, daí assim, quando a gente tá mal, quando vocês tão mal, tiveram um dia ruim e tal, vocês acham melhor ficar aqui ou ir pra casa ir pra algum lugar, como que é pra vocês assim?

RO: Eu gosto de ir pra casa

P: Você prefere ir pra casa? Por que assim RO, você consegue identificar porque?

RO: Porque eu fico quieta no meu canto, deito fico quietinha, sem ninguém me incomodar.

P: Aí esse é o jeito que você se sente melhor...

RO: Aham.

P: E vocês pessoal? AN?

AN: Prefiro ir pra casa também.

P: Também, quando você não tá legal... uhum. E você HI?

HI: Hum?

P: Você, quando você não tá bem você prefere ficar aqui com as pessoas nos grupos ou você prefere ir pra casa?

HI: Tanto faz.

P: Tanto faz, uhum. E você MO?

MO: Ah, Mariana eu gosto daqui eu acho legal aqui, você, o pessoal aqui, ficar aqui. Mas é que o problema é que muitas vezes, por exemplo eu, você precisa da companhia de alguém pra você ter aquele...

P: Essa é a questão se a companhia ou conversar com alguém ajuda num momento que tá mal ou se vocês preferem ficar sozinhos né, eu acho que é uma questão pessoal né, mas...

MO: No ponto de vista psicológico as vezes pra mim vamos dizer particularmente fica meio chato, fica fica triste, eu ficar aqui tocando música "um novo tempo" [cantado] e cantando num sei o que e pá, e eles assim tudo quietinho assim sabe, e daí você gostou da música? Né porque, não esse quietinho não é pejorativo, entendeu, eu só to dizendo assim que eles tem os problemas deles, mas fica chato assim pra quem tá tocando, você tocar, vamo tocar, "When the night has come" [cantado], sabe e eles assim todos assim amuados, assim todos quietinhos assim...

VA: Eu gostava dessa música MO. É que eu sofro demais, não to desrespeitando ninguém aqui, eu sofro demais, eu não consigo ficar (incompreensível)

MO: Sabe, daí fica chato.

P: Mas acho que aqui todo mundo entende que teve uma dor forte que não dava conta e ele precisava ir né, acho que ninguém, alguém aqui culpa o VA quando ele precisa embora? Alguém acha ruim quando ele precisa ir embora?

MO: Não dá pra pegar essas pessoas aqui e trocar elas por outras pessoas.

[barulho de risada e surpresa da pesquisadora]

MO: Não, não, não desrespeitando, pega elas, se elas não estão se sentindo bem aqui nessa aula de musicoterapia, nessa terapia, nessa musicoterapia e tal, coloca elas lá com a K. coloca elas lá com a C. lá, e traz três quatro pessoas que se adaptem bem a música aqui.

P: Então, mas eu sempre falo pra todo mundo inclusive pro VA, quer lenço VA?

VA acena que não.

P: Não? Tá. Inclusive pro VA, né VA, conversei com ele várias vezes, se a musicoterapia não tiver legal, se eles não tiverem gostando, se eles não tiverem se adaptando, eles podem a qualquer momento me fala e eles podem ir pra outro grupo sabe?

MO: Mas pro grupo não ficar vazio aqui né...

P: Não, tudo bem tudo bem, mas assim tipo ninguém nuca chegou aqui pra mim assim, olha Mari eu não quer ir mais pra musicoterapia porque eu não acho legal, vocês sabem que vocês tem total liberdade disso, né, vocês podem escolher a melhor terapia que vocês acharam que é melhor pra vocês né, isso é... e no dia que não tiver legal pode ir né, se aqui não não for ajudar..., porque as vezes ajuda, mas se você achar que não... né

MO: Porque as vezes Mariana sabe, presta atenção, se a pessoa carente assim por formação, a bíblia tem um versículo que fala assim que a gente não deve entoar canções perto de alguém que tá que tá ferido, que tá machucado, só um tolo, a bíblia diz lá em sua versão, que só um tolo entoaria músicas né próximo de alguém está com o coração que está despedaçado.

P: Por que será?

MO: Não sei. Aqui é uma terapia né... eu não sei se....

P: Por que será? O que será que eles querem dizer com isso?

MO: Ele tá querendo dizer que por exemplo, você tá fragilizada, você tá fragilizada porque é... faleceu um parente teu, faleceu um parente teu e você voltou lááá do enterro lá e você pega tá aqui aí eu pego um violão e começo a cantar "Ilarilariê" [canta]

P: Ah, tá, mas e se for uma música que conforto, por exemplo.

MO: Ou então...

P: Né tipo assim, eu to pensando assim, claro, uma música totalmente alegre pra alguém que tá triste não talvez não faça muito sentido, mas talvez uma música de conforto né, porque tem outras partes na bíblia onde as pessoas estão doentes estão mal e existe, e vem um anjo toca uma harpa, tem algumas passagens que são assim, eu não vou lembrar das histórias né.

MO: Então tem que ver muito bem, você tem que analisar né, porque a gente (incompreensível) não é você, tem corações aí que, sabe como é que é essas coisas do coração, né Mariana, tem coração aqui que, igual ele falou, olha eu sofro demais, gostaria té que vocês me perdoem, eu sofro demais, e esse aqui não sei o que, sabe, entende?

P: Eu eu...

MO: A música...

P: Eu acho que você tá falando uma coisa interessante MO. Eu acho que quando a gente tá com o coração muito quebrado, não sei, acho que é uma questão muito individual se a música pode ajudar ou não mesmo, acho que tem vezes que pode não ajudar, pode quebrar mais talvez mesmo.

MO: Mas só que daí é o seguinte, só to te dando um toque aquele toque, vai de pessoa pra pessoa, ele ali já tá tão fragilizado assim, ele tá com o coração, o coração tá tá tá como sensibilizado, fragilizado, agora ela ali já não, ele ali também tá com o coração fragilizado, ela ali aqui também, mas ela lá não.

P: É. E a gente tem que lidar com toda essa diversidade né. Mas assim eu queria pra pra pra ah pra gente pensar sobre isso na prática, eu ia eu ia propor VA se você não se incomodar, se você quiser, de eu gostaria de cantar uma música pra você que é uma música que a gente já cantou várias vezes aqui e que e que eu acho uma música do grupo que o grupo trouxe e que ajudou

vocês em vários momentos, então eu queria, se você quiser, que a gente cante pra você ela pra você ver se te traz algum tipo de paz ou se não ajuda em nada sabe? Que que você acha? É um jeito que eu to tentando achar de te ajudar nesse momento sabe?

VA: Pode ser.

P: Pode ser? É aquela "Como Zaqueu", pessoa, lembra né? Tem vários momento aqui que o pessoa tava meio mal e a gente cantou e trouxe uma paz né.

MO: Porque é o seguinte Mariana, você falou um negócio muito importante essa coisa lá dos anjos lá do louvor, não sei o que, porque é o a música também ela serve pra libertar a pessoa também dessa situação, porque a pessoa se encontra presa em cadeias de circunstâncias, de situações, de sentimentos, né de lembranças, de problemas, então de repente assim você entoando músicas, ali sabendo entoar, isso liberta a pessoa, também tem, então assim

P: Eu acho que tem essas duas situações, uma que machuca mais e uma que pode de alguma forma ajudar né.

MO: É por isso que a gente tem que ver muito bem que músicas que a gente toca aqui, né?

P: Eu concordo.

MO: O cara tá com o coração fragilizado ali e o cara começa a cantar uma música igual ele tava cantando agora "Ela alisava o canudinho, ela alisava o couro, ele alisava o canudinho e num sei o que lá e bababa e todas elas rebolando e num sei o que..." [canta]. E o cara com o coração, e o cara tocando um tipo de música desse, esse tipo de música ta servindo pra colocar o cara lá pra baixo, agora essa música aí já é uma espécie de louvor a Deus pra libertar o coração da pessoa que tá com o coração ali contundido, ali é apertado. Você entende mais ou menos né?

P: Eu to concordando com você, e por isso que eu acho pessoa que é importante quando uma música não tá boa, eu já falei isso várias vezes, quando uma música não tá fazendo bem de vocês falarem, né? Porque as vezes, né MO, a gente tá tocando uma música e nem sabe que o outro tá mal com aquela música, como é que a gente vai saber, então tem que falar pra gente escolher uma música que faça bem.

MO: É e as pessoas que tão aqui, igual você disse, as pessoas tem que chegar aqui e quando você pergunta, e você sempre pergunta, e aí pessoa como vocês tão se sentindo hoje? A pessoa tem que abrir a boca e falar hoje eu to me sentindo meio na solidão, hoje to me sentindo meio nervoso porque eu fiz um negócio lá e tomei um prejuízo, hoje eu to bastante alegre porque eu fui em tal lugar, sabe, a pessoa só tem que falar o sentimento e de acordo com o sentimento da pessoa é que você vai tocar aí.

P: É verdade. Então vamo lá, quem quiser acompanhar nos instrumentos...

MO: Eu vou usar...

P: Quer RO pegar um? Você que gosta de tocar os instrumentos, quer? Fica livre aí. Você também NEI, HI. Quiser ajudar a fazer essa música pro VA.

MO: Eu vou tentar aqui. Daí você tem que tocar bem forte, viu Mariana.

P: Eu? Eu vou tocar um pouco suave porque é uma música um pouco suave, tá MO?

MO: É música evangélica, eu gosto.

P: Quem souber cantar também pode ajudar a tocar pro VA. [Tocando]

MO: Perceba aí pessoal, como o sentimento (??) pra vocês

P: Como Zaqueu, eu quero subir, o mais alto que eu puder... [música continua] [Instrumento acompanhando]

MO: [Risos] Tem uns aqui, Mariana, que eles tão, eles tão, tá desafinado, e daí? Será que eu tô enganado?

P: Não sei...

MO: Não sei, mas ficou...

P: É... VA, como é que foi escutar essa música, receber essa música?

VA: Não sei.

MO: A gente não podia fazer uma pergunta pro VA, perguntar pra ele que tipo...

P: Oi?

VA: Semana que vem você responde pra mim. Eu esqueci de trazer uma coisa pra você até hoje..

P: É, as fotos, né? Você pode trazer ela quando você quiser, VA.

VA: (incompreensível)

P: Eu sei assim, VA, eu entendo que nada do que a gente fizer aqui vai trazer eles de volta, nem vai curar tua dor, né. Nada, nada do que a gente fizer. Mas de alguma forma, o que eu propus assim, o que a gente tenta fazer, é algum tipo de conforto pra você, nem que seja por um instante, um pouquinho, né?

MO: Qual o problema do VA, você sabe ou não?

P: Você quer dividir o seu problema, VA? Quer contar pro MO?

MO: VA sofre muito.. “Ah, eu sofro muito”! Então o que é esse sofrimento tão grande assim, né?

P: Você quer falar, VA?

VA: Falta da mãe e dos filho..

MO: Falta da mãe e dos filho?

VA: ??? se matou, minha sobrinha

MO: Daí a sua mãe, a sua maré morreu também? E você vive com quem?

VA: Eu e minha esposa..

MO: Só você e sua esposa? E isso aí que partiram, é sua família, a mãe e a irmã, e aí agora não tem mais ninguém? Só você e sua esposa?

VA: Tem bastante gente ainda.

MO: Mas cê sente muita falta da mãe e esses irmãos que partiram?

VA: Meus filhos...

[?]: Ele perdeu dois filhos de uma vez...

MO: Filho grande ou filho pequenininho?

VA: 21 e 23 anos.

MO: Morreram em acidente de carro, essas coisas, não?

VA: Os bandido mataro.

MO: E faz pouco tempo, VA?

VA: ???

MO: E você fazia o que antes? Você tá sempre com essa roupa aí, cinza, é tipo, cor, de motorista de ônibus... Cê é motorista de ônibus? Cobrador?

VA: Não...

P: Quê que você fazia, VA? Eu não sei qual que é tua profissão.

VA: Trabalhava de segurança, vigia à noite.

P: Ah, tá.

VA: No shopping.

MO: Mas quanto tempo você deixou essa profissão, VA?

VA: Essas coisas lá dentro e mandaram eu embora...

MO: E faz quanto tempo que você deixou de exercer essa profissão, VA?

VA: Dois anos e pouco...

MO: Então significa que quando você tava trabalhando lá você falou que você quebrou as coisas lá. Então quer dizer que quando você trabalhava lá nessa empresa você já tava assim, meio triste, meio...

VA: Falta da...

MO: Cê tava trabalhando lá quando você recebeu a notícia que a sua mãe foi embora? Morreu, né? Daí você ficou com raiva lá e...

VA: Eu trabalhei mais oito anos, ou sete, não sei. Mas trabalhava mal..

MO: Trabalhava mal...

VA: não tinha paciência com nada nem ninguém, sabe...

MO: Eu entendo. Cê entende, Mariana, como é que funciona o lance?

P: É...

MO: É assim, eles tão aqui, mas a gente não sabe, a gente tá vendo o rostinho deles assim, entendeu..

P: É verdade...

MO: A gente não sabe o que tá por trás então, de repente cê tá aqui, tocando e festando e pá, “MO”, eu vou lá, então eu acho que esse tipo de pessoa aqui, eu posso tá enganado, esse tipo de pessoa aqui que tem esse, essa fragilidade aí, tinha que ir prum grupo pra lá e trazer uma pessoa que tá lá naquele grupo que já esteja nesse clima, que ele tá, tudo bem tá com um problema lá, não sei o que, aconteceu um problema ou em casa, um problema com os familiares, e trazer mais...

P: Eu não sei. Eu queria escutar, na verdade, do, da AN, ou da RO e da NEI, é, como que é pra vocês tá num grupo com o MO que é animado, e tal. Mesmo vocês estando mais quietinhos assim, quê que vocês acham?

MO: Não, mas tem que ser sincero.

P: Tem que ser sincero.

MO: Essa pergunta aí que ela fez tem que ser sincero.

P: Vocês se importam de eu escrever no caderno? Ou hoje não... Am?

MO: Tem que ser sincero, né, Mariana?

P: Tem que ser sincero.

[?]: Tudo bem graças a Deus.

P: Pra você tá tudo bem ou não?

?? Pra mim? Tá...

P: Aham...

[?]: MO?..

P: Eu queria escutar agora então o que eu perguntei, né, pra Ana, pro HI, pra RO? Já? Quê que cês acham? Querem começar, RO?

RO: Eu só acho que a gente ele traz um pouco de ânimo aqui pra gente, às vezes entra triste...

P: E pra você, Ana? Como é que é? Pode falar, fala a sinceridade aí...

MO: Eu acho que é crente a Ana...

AN: tristeza.

P: Oi?

AN: Tristeza!

P: Todas as músicas que a gente canta aqui traz tristeza...

MO: Incomoda também? A sra. é crente, né?

(Muitas vozes)

P: Se quiser dar um tempinho aí...

MO: A sra. não gosta das músicas que nós tocamos aqui?

P: Não, VA, não tem problema...

MO: Mas quando nós tá aqui cantando, tanto as música sertaneja, ou calma, assim, né, bem agitada assim, a sra. se sente mal?

P: E por que que você não fala disso?

[?]: ???

P: Por que você não fala pra gente? “Ó, não tô bem de tá aqui”. Você acha difícil?

MO: Entendeu, ó? É um caso desse aí, ó, Mariana, que eu tô te falando...

P: Mas é importante!

MO: Ela ali se sentindo mal com a música e a gente mandando música...

P: Mas sabe? Eu queria perguntar uma música pra você antes, seguinte, é... As músicas elas te deixam triste porque elas te trazem lembranças?

RO: (incompreensível)

P: Lembranças? Mas você acha que isso te ajuda de alguma forma ou não?

RO: ????

P: Então você acha que você devia tá aqui na musicoterapia? Será? O quê que você acha?

MO: Esse cara aí não para, porque.. ???

[Cantando]

P: Então vamos conversar né depois, no final, pra ver se você não pode achar um lugar mais legal que você curta mais.

MO: ??

P: Mas, MO, a gente... você escutou o que a RO falou? Às vezes mesmo com a diferença digamos, tá mais quietinho, ou ser mais falante. Às vezes o teu jeitão ajuda a RO, entendeu?

MO: Mas só que, pô. Às vezes aqui, cê veja. Esse papo que a nós tá batendo aqui é super importante.

P: Eu acho também.

MO: Porque às vezes eu pego e começo a tocar, e eu pego e começo aqui. Por exemplo, que música a gente começou a cantar aqui, por exemplo, é? Fala uma música aí, bem animada. Sertaneja.

P: Sertaneja, ah...

MO: Nessa longa estrada da vida.

P: Isso!

MO: Eu pego o violão aqui, ela daquele jeitinho dela lá, ele tá ali, sempre assim, né, com o olho fechado, ela tá sempre quietinha do jeito dela, a RO. Aí eu pego aqui e começo “nessa longa estrada da vida, vou correndo e não posso par...”. Sabe? Mas a gente tem que respeitar o sentimento da pessoa, não sei, se de repente, será que eu tô animando eles? Ou tô contribuindo pra machucar mais o coração..

P: Por isso eu volto a falar que é importante que todo mundo fale, que enquanto todo mundo não, não se dividir assim, nem que seja tipo, uma palavra só, pra gente saber, pra vocês todos tomarem conta do grupo. Porque o grupo é de vocês, “eu não quero essa música, né”, que isso é importante.

MO: E tem mais um lance também, nós que tocamos, vamos dizer assim, eu, o VA um pouquinho, você um pouco. Fica meio triste pega o instrumento aqui e papapá, e eles tudo só assim. É porque eu não sei qual o problema que eles tão passando. Entendeu? Eu tô aqui “nessa longa estrada da vida” [cantando]. Sabe? E eles tão só assim? Então fica chato a gente aqui naquela animação, e eles só contemplando, olhando... Tá ligada como é que funciona o lance então?

P: Sim. Acho que o que você tá falando faz muito sentido, MO.

MO: Não sei, cês podem tá me achando chato, mas é a realidade.

P: Agora eu acho que foi, é importante falar disso, né. Escute, vamo tocar uma música?

MO: Vamo tocar uma música!

P: Pra ver...

MO: Cheia de harmonia mesmo..

P: Se vocês quiserem ir embora, pode ir...

MO: Cê sabe aquela música... a música também, né como é que se chama? A música cura. A música cura também.

P: Cê quer pegar esse violão?

MO: Você já ouviu falar de terapia musical?

P: Já ouviu falar? [Risos]

MO: Vamo fazer um som animado pra esse pessoal evangélico.

[Violão tocando]

MO: Tem que começar com...

P: Ah sim... Se quiser tocar com a gente, cê quer, VA? Cê sabe tocar essa, MO?

[Violão tocando]

[?]: Qual?

[?]: Quer o violão?

[?]: É agora?

MO: Mas eu não sei, tem que ser uma música que tenha a ver com nós aqui, VA. Não adianta começar com MPB aqui. Você pegou o bonde andando, nós estamos falando sobre tipos de caráter, de psicologia, tá aqui “eu tô com um problema lá em casa”, “ah, o meu filho morreu”, a outra aqui “puxa vida e hoje eu não tenho dinheiro nem pra comprar, vamo dizer assim, o café”, e nós aqui “ah, quanto querer”. Então a gente tem que começar a tocar coisa aqui que tenha a ver..

[?]: Então toca uma sentimental aí!

MO: Não, não sei qual...

[?]: Beatles.

MO: Qual? Beatles?

[?]: É, Beatles.

MO: Mas Beatles não...

[?]: John Lennon..

MO: Tem que tocar nacional.

[?]: Tem que ser nacional.

MO: Mas eu não sei...

P: Uhum... Como é que é essa?

[?]: Hey Jude...

P: Ah, Hey Jude...

[Violão tocando]

MO: Xô vê se eu sei... Hey Jude, don't make it bad, take a sad song...

[?]: Tá errado.

[Tocando] [Música nacional...] [Retornam para Hey Jude em versão nacional]

Hey jude, não fique assim, pois a vida ainda é bela, esqueça que tudo que aconteceu, amanhã será um novo dia... [Outros instrumentos]

[?]: Para, para, para tudo!

[?]: Hey jude, não fique assim, pois a vida ainda é bela... [Outros instrumentos acompanhando]

P: Tá bonito, gente!

[Música continua]

[?]: Pessoal...

[Música] [Instrumentos]

P: Foi bom! Ô ficou bonita essa!

[Risos]

MO: Mais uma pra fechar.

P: Ei, cês querem treinar aquela [??]? Querem? Eu quero perguntar uma coisa. Como é que foi pras meninas que tão quietinhas? A AN tá sorrindo, eu não sei se tá bem!

MO: Gostou dessa?

P: O HI gostou que eu vi, que ele tá curtindasso, ali!

MO: E vocês?

P: Cê gostou?

MO: Não tem uma palheta aí, Mariana?

P: Tem. Hoje eu trouxe! Ah!

MO: Ah, hoje ela trouxe!

P: E pra você, RO? Como é que tá aí pra você? Tá beleza?

[Violão ao fundo]

P: NEI? Indiferente, igual, tanto faz?

MO: Vamo cantar mais uma mais alegre!

P: Fica aí, [?!]! Cê vai voltar? Ah, então a gente vai esperar.

(Vozes)

MO: Ele toca pra caramba! Ele tem medo de me chocar assim, porque eu acredito que eu toco, entendeu, mas ele sabe que ele toca muito melhor do que eu, seguro, ele não solta as notas..

P: Cê acha?

MO: Claro. Conhece... Fala mais uma bem bonita aí, Mariana..

P: Ah, vocês que escolhem.

MO: Você tem que tocar...

P: Por que? Eu posso tocar esse aí. Por que que o HI, a AN, a RO, a NEI não escolhem?

MO: Falem. Só não sertanejo.

P: Não, pode ser qualquer uma que eles quiserem, você já escolheu a sua, agora eles escolhem,

MO. A gente aceita tudo, pessoal, podem escolher... Que tal, HI? Você que tá mais animado com a música hoje. Quer escolher uma música que cê curta? Do Elvis Presley...

[Violão tocando] [Cantando]

P: Canta aí!

[Música continua] [Instrumentos]

MO: Não sei mais a letra, fiquei enrolando muito...

P: E aquela lá que o HI cantava? Deixa só eu lembrar qual que é... Qual que é, HI?

HI: ??

P: Sério que você não consegue? É que o primeiro dia que a gente se conheceu você cantou...

HI: ???

P: Não quer nem tentar um trequinho?

[Violão] [Música tocando] [Vozes]

P: Peraí, MO, só um minutinho.

MO: Rock n Roll.

P: Só deixa eu entregar os cadernos...

[?]: ??

P: Não parece? Só entregar, aí a gente faz mais uma.

MO: Depois você entrega.

P: Peraí, deixa eu sugerir uma coisa. Eu vou entregar só pra NEI que ela quer ir embora mais cedo e daí. Cê lembra como é que eu quero pra fazer? É daí, a gente toca uma.. Vamo cantar uma que todo mundo curta.

[?]: ??

P: Qual que a gente pode cantar assim, uma legal, pra última música?

[Violão tocando]

P: Pode ser, mas eu não vou tocar o violão, tá?

[?]: Eu não tenho. Uma bem conhecida que todo mundo conhece.

P: Dia 13...

[Violão tocando]

MO: vai falando aí.

[?]: Djavan?

MO: Que Djavan o que, uma que todo mundo conheça.

[?]: ??

MO: É.. Nacional..

[Violão]

MO: Mas eu não sei a letra...

P: a letra dessa todo mundo sabe...

[?]: Às vezes no silêncio da noite, eu fico imaginando nós dois.. eu fico aqui sonhando acordado [outros instrumentos] [vários cantam]...

P: Tinha mais um pedacinho... "Por que você me deixa tão solto, por que você não cola em mim? Tô me sentindo muito sozinho. Não sou nem quero ser o seu dono. É que um carinho às vezes cai bem..."

MO: É claro que a gente cuida...

P: Fala que me ama, só que é da boca pra fora...

[Música tocando] [Cantando] [Outros instrumentos]

P: Cabô, cabo... (49m40s)

[?]: Nós vamo chegar lá.

MO: Ah, vamo ligar esse...

P: Xô te dá uma caneta aí. Se lembra o quê que é pra fazer nesse aí, WO? Cê lembra quê que é pra escrever? Cê escreve assim com quê que você tá saindo daqui.

WO: Eu sei.

MO: [Cantando] [Help, I need somebody, help...]

[Vozes cantando]

P: Como é que você tá, [??]?

MO: É legal essa daqui

P: Tô achando você quietinho, paradinho...

MO: Sabe tocar essa ali?

P: Tá bem mesmo?

MO: Se você tocasse essa ali.. Yesterday [cantando]...

[?]: ???

P: Vê se agora fica bom, não é? Se não fica...

(Incompreensível)

MO: Hoje é 13...

P: Mas ó, eu tô achando que você tá falando menos enrolado.

[?]: ??

P: Am? Então daí, talvez esse seja mais, menos efeito colateral, né?

[?]: ??

MO: Frase, fala uma frase aí que eu possa me inspirar pra fazer a minha frase.

P: Quê que você leva hoje?

MO: Frase. Qual frase? É preciso ter paz de espírito para ser feliz.

P: Pode ser. Quê que cê leva daqui hoje, [??]

[?]: Acho que é paz.

P: Paz? E, quê que você mais gostou da coisa da música hoje, assim?

MO: Palavra. As palavras...

[?]: Palavra hoje...

P: Hum. Cê não pode? Por que?

[?]: A pesquisa.. que..

P: Mas cê conversou com ele disso?

[?]: até agora..

MO: Harmonia é com a ou com h?

P: Com H.

MO: É harmonia?

P: Uhum. Qual parte da música cê mais gostou? O que você mais gostou hoje daqui? Do grupo...

[?]: (voz inaudível).. tocar aqui...

P: Como Zaqueu?

MO: Mariana?

P: Oi? Então tá bom... Boa semana procê.

[?]: Eu tô aposentado..

P: Tá aposentado do que?

[?]: ?!

P: É?

[?]: ???

P: Tchau, Ana, até quinta.

[?]: ??? questão de...

P: Odeio agulha.

[?]: ???

P: é? Aham..

[?]: ???

P: Peraí, HI, quê que você leva daqui hoje?

HI: O que eu levo daqui é um pouco de tristeza, de nervoso, tá falando pra vocês..

P: Ficou, é?

HI: Quando melhorar minha situação de nervoso. Eu sinto muita dor. Eu sinto muita falta de ar. Eu tenho um exame pra fazer lá no centro. E vamo vê o que tá acontecendo pra poder tomar os remédios, poder sarar e voltar a cantar com vocês aqui de novo.

P: Ia ser legal.

HI: Quero melhorar pra tá com vocês aqui, sabe?

P: Uhum.

HI: Mas eu me sinto triste só vendo os companheiros cantar..

P: Dá vontade de cantar, né..

HI: Ver o André cantando, mas eu não posso com os problemas que tenho no corpo, sabe. Nervoso, assim problema, sabe.. essa falta de ar, não me deixa andar, não me dá força pra cantar..

P: Mas um dia assim que você tiver melhorzinho você pode cantar.

HI: Mas eu me sinto feliz, MO cantar a voz do Elvis. Me alegra muito a música do Elvis. Canta igualzinho. A voz igual a do Elvis, parece um artista, tem uma voz bonita e toca bem.

P: É verdade.

HI: E toca bem violão também.

P: Uhum.

HI: E eu senti muito, eu senti feliz também quando tocou do Elvis e ..

MO: ??

(Vozes)

P: Uhum. Ah, legal. A gente cantou acho que duas do Elvis. Né? Foi duas, ???. Aqui, ó, obrigada.

HI: Posso ir?

P: Pode ir já se quiser. A gente se vê na quinta?

HI: Mas diz que quinta-feira num vai ter.

P: Não vai?

HI: [som de não]

P: Por que?

HI: ela falou lá em cima que não ia ter..

P: Quê que ela falou? Cê sabe, MO?

MO: ???

P: Ah, brigada, eu vou ler depois.

HI: ??

P: Mas por que que não vai ter quinta, será?

HI: Não sei. Reunião..

P: Então se não tiver na quinta, daí terça-feira a gente se vê então.

MO: Quer que eu ponha lá pra cima isso aqui?

P: Eu quero, por favor.

HI: Fique com Deus, filha.

MO: ô, tudo sobre controle. Aquele tênis que eu comprei lá pra você, descolou tudo. HI. Ô, HI. Ouviu o que eu falei?

HI: Tchau.

MO: Ele descolou tudo. Vai ter que pagar aquele preço lá não. Vai ter que diminuir um pouquinho lá o valor.

P: Ô, HI, você escutou o que o MO, falou?

MO: Não, deixa, deixa, deixa. Ele já ouviu, já ouviu.

P: É? Então beleza. Tchau, HI, até terça.

MO: Tchau, HI. Vai ter que abaixar um pouco, né? O valor..

[?]: Pô, comprei um tênis dele por trinta conto, mas assim a primeira vista..

[?]: Vai ter que pagar um pouco menos.

[?]: Parece? Por que .. dois dias, três dias, falou que não veio..

[?]: Não, eu sempre estive aí.

P: Ah, qualquer cantinho aí.

[?]: O tênis é bom mas, pô.

MO: ó, eu tô indo embora, Mariana, Jesus te ama, você é uma benção, não vamo deixar o clima aí..

[Risos]

P: Pode deixar aberto. Falou, até.

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

VA – *Saudade. Tristeza.*

WO – *Apesar de chegar um pouco atrasado desfrutei das melhores coisas da vida o encontro depois de 3 dias com o MO um cara que é o chapa se todos nós nos encontrar e dermos a mãe seremos vencedores. Entregue teu caminho ao senhor confie nele e o mais [Inc]. Mateus 3:16*

RO – *Paz. Como Zaqueu.*

AN – *Emoção. Armonia. Deus música. Como o Ezaquiel.*

NEI – *Quando a gente ta triste nada alegre a gente. Não consigo [Inc] na aula.*

HI – *Triste e nervoso que não posso cantar. Feliz do MO cantar a música do Elvis e Zaqueu.*

MO – *É preciso ter paz para se alcança a felicidade. Palavra: União. Harmonia para se conquistar. Mariana: que o Senhor Deus te abençoe livre e guarde e proteja de toda a maldade desse mundo, e que ele esteja sempre contigo assim na presença do [Inc]. Jesus ama você muito. Pode crer. Ass. MO*

15ª Sessão – 20 de Agosto de 2013

Estavam presentes: WO, LU, MA, VA, MO, HI, LI,

Pesquisadora: Hoje é dia?

LU- 20

P: Nossa, eu sempre sou perdida com os dias né, daqui a pouco eu pergunto de novo, que dia que é mesmo?

LU- Você não ganha nada por trabalhar aqui?

P:Não,não.

LU- Nem da coordenação

P: Não, porque assim eu não trabalho pro CAPS, minha pesquisa que é aqui. Aí eu recebo uma bolsa, que é pra estudar, mas o trabalho é voluntário.

Silencio

P: Então pessoal, deixa só desligar meu celular aqui. Então, eu semana passada, me lembrei que a gente tem mais 4 sessões, contando a de hoje, mais duas semanas só, contando com a de hoje.

Oi MA!

MA-Oi, tava ali fora...

P: Então, eu tava contando pro pessoal que a gente tem mais quatro encontros contando com esse, então são mais duas semanas só de atividade. Então assim, eu queria falar pra vocês isso pra vocês aproveitarem né, nesses últimos encontros pra vocês talvez “putz, não pedi aquela música que eu queria”, então agora é o momento pessoal, então tudo aquilo que vocês quiseram fazer, ou ficou na cabeça de vocês, se vocês quiserem pensar um pouco mais com relação as músicas que a gente fez e tal. Outra coisa que eu queria falar pra vocês é a respeito daquele termo de consentimento que ficou com vocês, lembra que entreguei lá no começo, e aí quando a gente fazia a entrevista uma folhinha ficava com vocês.

MA- Só um pouco, na quinta não vai ter

P: Não vai ter denovo? Ah, então minhas contas diminuíram! Mas por que? Vai ter fórum denovo?

MA- Sim

P: Ah meu Deus.

MO- E porque fica só tendo esses fóruns assim?

P: É que o fórum MO ele serve assim pra todos os CAPS se encontrarem pra tentarem conversar sobre as dificuldades que tem aqui no CAPS. Inclusive eu acho que vocês podem participar, não sei se falaram já pra vocês, porque tem fóruns que vocês podem participar. Será que esse é só pros profissionais? Porque tem fórum que os usuários do CAPS podem participar, pra falar ah isso aqui ó, acho que não tá bom

MA- Falaram pra você que quinta não vai ter né?

LU- Eu não estou sabendo

P: É que quinta passada não teve

Partipante- Mas quem quiser pode vir

P: Ah, é?

MO- Eu ouvi dizer que quem quiser, pode vir.

[?]- Vai ser um grupo só.

MO- Mas não vai ser aqui né?

[?]- vai ser aqui, mas vai ser um grupo só, que eles vão fazer diferente.

MO- E vai ter profissionais aqui pra atender né?

[?]- Não, vai ter pouco, porque o restante vai tar a Cris só, um pouco aqui e o resto vai tar fazendo uma coisa fora.

P: Olha, eu vou ver lá. Então se eles falarem que eu posso vir normal aí eu venho e ao invés de vocês ficarem no grupão, eu vou ver certinho se vocês precisam estar no grupão, se não eu venho e a gente faz a atividade normal, de qualquer forma. Então assim, agora chegando ao final, especialmente que vocês as vezes faltam, então é sobre o termo de consentimento, que é o final da pesquisa, eu quero novamente perguntar pra vocês se eu posso usar aquilo que eu coletei aqui, que são as gravações, minhas anotações que faço depois e o caderno, que vocês escreveram no caderno né. Também, vai na verdade ter uma entrevista depois das quatro sessões, igual aquela que a gente fez no começo mas perguntando agora como foi a experiência da Musicoterapia e tal. Agora, nesse momento da entrevista, vou novamente ler com vocês pra ver se tem alguma dúvida.

[?]- Precisa trazer denovo?

P: Não, não precisa que eu tirei outros

[?]- O meu eu nem sei onde foi parar.

P: [risos] é eu imaginei, não tem problema! Eu peguei um novo com carimbo novo e vocês assinam denovo e tirar dúvidas que a gente lê junto denovo

[?]- Só um ponto de observação. De cada pessoa, que nem você comentou,

O seu ponto de observação sobre a minha pessoa qual é?

P: Ah, você quer que fale já? Não prefere que a gente fale na entrevista individual?

[?]- Eu to meio curiosa

P: É que assim ó, deixa eu explicar o que eu escrevi no meu caderno. É que assim, no final da sessão eu pego e escrevo coisas que o áudio não pode pegar. Por exemplo a gente tava fazendo uma improvisação e a MA tá com uma expressão legal e tal. Todas as impressões que eu percebo eu escrevo depois, pra me ajudar a lembrar o que aconteceu na sessão. Mas assim eu entendo o que você tá pedindo. Eu não interpreto muito o que vocês fazem, mais descrevo assim tipo, a LU pegou o violão e não Acho que a LU está pegando o violão porque, não assim sabe, não é muito como eu trabalho. Mas a gente pode conversar sim, porque como eu vou perguntar pra você como foi a tua experiência eu posso conversar também com você como que eu vi a sua experiência.

MO- E aí, o que você vai fazer com isso PE?

P: Então, eu vou pegar todo esse material,

MO- Ta na faculdade mesmo que você tá?

P: É tô. Vou pegar esse material e vou escutar varias vezes, pra ver o que que salta desse material, pra ver nesse periodo de experiencias musicais, o que que foi acontecendo. Então uma coisa que a gente trabalhou assim foi, que instrumento me irrita, que momento da sessão me irrita, o que que dá pra controlar, o que é agradável

MO- E isso aí vai servir lá na faculdade pra alguma espécie de teste assim?

P: Isso, pra minha dissertação.

MO- Então você vai ser uma pessoa que vai só trabalhar vamos dizer assim, só trabalhar com pessoas como nós.

P: Então assim, não necessariamente porque eu escrevi sobre isso eu vou trabalhar com isso pro resto da vida. Eu acho que eu vou porque eu gosto muito de trabalhar desse jeito que a gente tá trabalhando. Mas é um trabalho, voce fica muitos meses escrevendo e você ganha um título por exemplo, que é mestre. Você é graduado, depois voce é mestre e depois pode ser doutor. E esse título ele e apenas, por exemplo, se você quiser dar aula na universidade, este título de mestrado te deixa dar aula

MO- E esse é título é fruto do que você colheu aqui

P:É, é desse trabalho que eu escrevi. Sobre esse conteudo que a gente pegou aqui. Mas é um trabalho na verdade, mas não é assim, como que eu posso dizer, não me faz ter que trabalhar pro resto da vida nisso, é um trabalho.

MO- E aí depois você vai destruir tudo isso?

P: Eu vou destruir os áudios só, os áudios e minha anotação, o trabalho eu não quero destruir. Trabalho vai ficar escrito, mas no trabalho não vai estar escrito MO.

MO- É minha voz ali e tal

P: Não a voz eu vou deletar

MO- Quer dizer, a minha voz, praticamente se você falou que todo trabalho vai durar de 5 meses você falou...Você vai ficar ali com as nossas vozes ali, 5, até você se graduar lá

P: É, acabar o trabalho

MO- Aí depois acabou, entrei na faculdade e tal papapa, e você pega isso aí e “cl” taca fogo.

P: É, então, isso é uma questão ética, eles exigem que a gente faça isso. Porque assim, vai que isso fica no meu computador, e alguém rouba meu computador, e ele tem acesso à essas informações que são sigilosas. O que voces falaram aqui as vezes você não quer que saia, não quer que os outros escutem né, por isso que eu tenho que destruir, não porque eu não me importe! Vai estar tudo escrito no trabalho, mas vai estar escrito com cuidado né, não vai estar escrito com MO, vai estar José, eu invento um nome, preservando vocês. Ou ele, vai tar ao invés de MO. Então ninguém vai lincar, “ó, esse é o cara que eu conheço, meu vizinho”, não não tem como porque vai tar com codigos e tal né. Por isso. Alguém mais tem alguma pergunta?

[?]-A minha já acabou

[risos]

MO- Tá e agora, a visão que você tem de mim assim...

[risos]

P: Ai meu deus, tá, deixa eu perguntar uma coisa, o que vocês acham assim que eu penso de vocês

MO- Sincera, sendo sincera

P: Eu sou sincera. O que que vocês esperam quando voces perguntam isso né, “o que voce acha de mim”

[?](MA?)- Uma resposta positiva, e uma negativa também né, a gente tem que aceitar o positivo e o negativo né, não só as coisas boas

MO- Porque você veja né, eu tenho né, eu não sei tocar, mas eu improviso ali e a coisa é conduzida né, essa é a visão que eu tenho de mim né, agora, é muito interessante quando você ouve a visão de quem tá vendo né, ou você ouve “ó, mas é o seguinte e tal, o violão e tal...” então isso que eu queria ouvir

P: Uhum, bom, então o que eu posso dizer pra você MO, é que você toca muito bem viu! Então eu acho que tipo, se é uma coisa que te traz alegria você devia procurar e ir atrás mesmo de evoluir, de correr atrás, porque você tem muito talento, e isso é assim minha impressão de você, mas a gente também de novo pode conversar sobre isso mais.

P: Agora a ideia, é que é legal escutar o que o outro vê da gente que a gente não vê né. Então o que eu proponho pra vocês é, o que que os outros integrantes do grupo acharam né, nesse período que a gente tocou, quais foram as impressões que o grupo teve de vocês.

LU- Ai, no meu ponto de vista, muitas pessoas não interagiram, não participou, e isso eu vou dizer assim, como eu entrei bem pouco, interagi né, ele (MO) interaje bastante, nunca tá de fora, mas outros colegas, no meu ponto de vista já nao interagiram, não queriam pegar instrumento, e isso no meu ponto de vista me deixou assim um pouco desanimada, porque seria bom assim, que todos interagissem, participasse né, tirando ele (MO) que nem eu disse, tá sempre ali junto, e outros colegas já não...não pegou nenhum instrumento, não quer isso, não quer aquilo não quer sapecado não quer nada.

P: Sapecado? [risos]

LU- é! [risos]

MO- Não quer nem de um jeito nem de outro, então fica ali no meio, sapecado, então será que vai dar ou não vai

P: Ah, entendi.

LU- E aí isso faz também com que a outra pessoa não participe, por exemplo, se ela não quer, por que eu vou querer, então, eu pelo menos, nesse período que eu to participando vi muito isso né, falta acho isso de outras pessoas, né, não to falando mal to sendo sincera, só to falando o que eu vi

P: Uhum, é acho que é importante né, legal, algém?

MO-Essa aqui, a visão que eu tenho dela é...

P: Da MA

MO- É, da MA, a visão que eu tenho dela é que eu to tocando, é, não sei o que eu tava tocando ali, mas eu perguntei “você gosta de rock” e ela “eu gosto” e só de ela fala assim, que tipo assim que você gosta, led zeppelin, pink floyd, isso aí já faz, já faz com que, sabe?Eu não sei porque, não sei porque a música faz isso. Se vo

P: Afinidade

MO- Se você descobre, que tem alguém que gosta da mesma coisa que você, você já tem afinidade pela pessoa, nunca me esqueço daquele dia!

P: É verdade

MO- Eu gosto de rock e pá, você vê, é, essas é das boas!

[risos]

MO- Você já não tá perdido, tem um negócio que você tá tocando ali assim, e aah o outro você viu deep purple, agora se não você tá tocando e o pessoal nem aí né

[risos]

P: É, verdade, faz diferença né. O que mais pessoal? Alguem que não falou, quer falar, das impressões que teve assim

MO-Pigarro

LI- Eu não gosto mesmo daqui

P: Aham, da música, do

MO-[Gargalha]

P: da música, do que você não gosta? É de tar aqui?

LI- Eu não gosto, do barulho, desses negócios,

MO- Principalmente aquele ali [ri]

P: Aham,

MO- Meu deus do cé...

P: E é, LI, você diz que os instrumentos te incomodam mais? Porque a gente canta também, é tudo relacionado a música?

LI- é tudo, eu prefiro estar quietinha num canto sem barulho

P: Mas por exemplo, nas outras oficinas você aproveita melhor , o que você acha

LI- É pra mim é, por exemplo, a oficina da M.J que é tudo quieto

P: Aham, pra você é mais agradável.

LI-Uhum

P: E teve algum momento aqui que você se dispôs a participar né, e até pegou o metalofone né, eu sugeri que você controlasse a intensidade, o volume né, e como é que foi assim?Essa experiência pra você, que você teve que enfrentar uma coisa que pra você é difícil

LI- É, complicado, tipo, achei, tipo assim, eu tive que controlar, mas mesmo assim controlando vem aquela irritação desse barulho desse negócio aí,

P:aham

LI- Mesmo você controlando batendo ali, não tem como

MO- Eu queria fazer uma pergunta rapidinho pra ela PE

P: Aham

MO- É, onde, no lugar que você mora, na casa que você mora, não tem barulho de música nenhuma de nada nem aqueles tutituti nada dentro da tua casa?

LI- Não, nem tem som dentro da minha casa

MO- E em volta, os vizinhos não escutam música alto?

LI- É, difícil né, não tem

MO- Mas é assim desde que você é pequena?

LI- É que tipo assim, eu moro lá perto do parque tingui, lá é tipo assim, eu moro tipo num mato assim

MO- Retirado?

LI- é, então não tem esse negócio assim. Quem fazia muito isso de bagunça era meu marido, e agora ele não tá mais lá, e ele nossa, ele ligava o som e eu odiava, odiava

MO- Mas desde pequena você assim ?

LI- Eu nao gosto de barulho

MO- mas música não gosta de música?

LI- Tem algumas assim que eu gosto, mas aquelas tipo assim, bem suave, bem sussegada.

MO- é isso aí PE, pode

[?]- Pra mim tem dias assim que me irrita, e que não me irrita, mas tem assim, eu sinto muita dor na coluna, e a dor irrita muito então, é isso , eu gosto, gosto de música, tipo meus filhos escutam música no celular né

MO- sertanejo?

[?]- Não, essas música

MO-Tuqui tuchi?

[?]- Não! Essas que ficam passando assim

MO-Lady gaga

[?]- Não

P:Funk?

[?]- é, essas porcarias nojenta

[?]- Mas eles ficam lá no quarto deles lá, se eles ficam perto de mim eu mando sumi de perto de mim, as vezes rock, as vezes essa coisa, tuchi tuchi eu não gosto,

Outra[?] (MA?)- Tem uns que ficam assim na cabeça da gente, parece que tão batendo um pandeiro

MO- Até uns tuchi é legal né, sabe, já reparou, tem uns que são harmônico, e tem uma harmonia, agora tem uns assim que não tem sabe, não sai do lugar

LI- Eu vou sair PE

P: Você quer ir pra casa?

LI- Preciso levar minha filha pro médico

P: Tá bom então, então quinta ou semana que vem você vem?

LI-Venho

P: Tá bom, então, tchau. Ah! LI por favor espera, deixa eu esqueço de entregar, você só escreve no caderno aqui pra mim por favor.

MO- E o HI. É HI?

P: É com H. Que dia é hoje, a mas só escreve aqui e, a gente pula né, uma vez ou outra.

MO-[liga uma música no celular]

P: Mas é, o que você gostou de hoje, e da música, mas a gente não fez música hoje, mas o que você mais gostou da conversa assim HI? Ou o que foi mais significativo, não precisa ter gostado [?] fala mas não entendo “é legal assim uma vez ou outra conversar assim”...

MO- Ó PE, (mostra a música no celular) , “domingo eu quero ver”... como que pode as pessoas não gostar de música!

[?]- Ah, eu gosto de música, agora eu tenho um aparelhinho de som, e ligo até pros vizinhos escuta, não precisa nem ligar o deles, já dá pra escuta

MO- Ai eu adoro isso aí, quando eu passo na casa de pessoas, PE do céu, olha eu saio, eu sinto uma alegria assim, eu saio de um lugar, aí derrepente eu passo e tá aquilo (canta uma batida) eu vou acompanhar, você vai andando assim.

[?]- Voce vai fazendo exercicio físico e os instrumentos de casa, vassoura, rodo né

P: Aham, é verdade

MO- É vivendo e aprendendo né, eu achava que todo mundo gostava de música

[?]- É meu marido ele gosta assim né...coloca assim e dorme né toda noite,

MO- Falou LI! Deus te acompanhe

LI sai (ouve-se o barulho da porta batendo!)

Participant e mulher- quando eu to acordada e to vendo ali algum filme, alguma coisa, acordo com a música,

P: é, a música dele do fone?

[?]- Não não, da televisão, da net, daí tem aquelas trilhas sonoras que vai tocando

MO- Escute aqui PE, preciso falar um negócio com você, porque você é a única pessoa que eu to tendo contato e que assim lida com música né, então, vou aproveitar e falar né, eu ouço música sempre, desde sempre, sabe, mas porque que a gente não ouve na rádio bandas curitibanas, paranaenses, eu só ouço falar de músicas curitibanas quando a menina lá da mundo livre ou da rock lá, falava, hoje vai estar a banda curitibana no pub lá nao sei que lá, vai lá no barzinho sabe, mas porque a gente não ouve banda curitibana no rádio sabe, assim

P: Aham, então

MO- Sabe, porque que a gente não vê bandas curitibanas, paranaenses assim na tv no faustao, no gugu

P: Ah, aquela Mara do faustão que ganhou aquele concurso de cantores

MO- Uma negrona?

P: Isso, ela é daqui, ela fazia musicoterapia na FAP, faz,

MO- É, sabe,mas assim realmente, a maioria não é né,

MO- E a gente ouve muita música do Rio grande do Sul, Rio de janeiro, SP, MG, e depois o nordeste, e só, e porque Curitiba não aparece

P: Tem que montar uma banda e tocar!

Participant e mulher- é tem que ficar famoso aí!

Outra [?]- Eu acho que o MO tem bastante potencial pra, pra música

MO- Mas sabe, eu vou te falar o seguinte, a PE me falou depois que ela tava lendo aquela nota ali, aquela cifra, inclusive na globo mesmo, tava escrito assim, porque talento sem desenvolvimento não é nada. Eu tenho talento, eu tenho dom, respiro transpiro música, mas eu não tive desenvolvimento. Puxa, numa coisa que você ta vendo no seu quarto assim, voce diz puxa, eu tenho um monte de dinheiro aqui debaixo do meu colchão e tá faltando tudo dentro da sua casa, e você fala, puxa, mas eu tenho cinco bilhões aqui

P: E não vai la comprar [risos]

MO- Pois é, eu tenho noção , o pessoal chega, puxa MO você reconhece a altura da nota e tal, eu tenho talento, mas eu não tenho desenvolvimento, grana, grana, pra chegar e falar, mas eu vou abrir tua cabeça pra música

P: Então, eu acho que então tem que buscar, você diz que não tem grana literalmente pra chegar e buscar

MO- Ai PE, é que é o seguinte, eu sou um cara radical, eu sei que eu sou bom no que eu faço, eu sei que eu canto razoavelmente bem, eu canto bem , eu tenho noção de música, né, eu chego ali né eu, tenho uma cabeça, comparando, com as pessoas, como eles aqui, que não gostam de música, que não se aprofundam na música, eu sou uma espécie de né. Mas você veja, eu se fosse fazer aula no sentido da música, eu quero aprender completo, eu quero fazer música igual você mostrou ali, quero aprender

P: Sim, a teoria a prática nana

MO- Certo, eu quero no mínimo, no mínimo, cantar entendeu, ter minha banda aqui, baixo bateria, guitarra vocal, entendeu, eu quero no mínimo cantar e derrepente fazer um violãozinho assim meio acústico. E ir pra frente. Agora essa coisa de só aprender uma coisinha assim e ficar naquele anonimato sabe PE,

P: Não, com certeza, mas assim MO, você tem que pensar que isso demora as vezes né, -você quer um lencinho?(pra outro [?])- mas tem gente que tem sorte, e a banda deslança e beleza né, mas assim é esse processo de aprender apesar de que você conhece bastante, eu acho que você aprenderia rápido, mas esse comecinho meio truncado, em qualquer profissão, demora um pouco assim, e a gente tem que ter paciência, porque assim, pode escutar nessas entrevistas de banda assim quando eles falam lá do começo da carreira deles, eles falam, cara, eu penei, eu escutei tanto não, não, não, que eu só cheguei onde eu tô hoje porque eu perdurei e

MO-Mas eu tô com 40 anos, é fo.

P: Não mas, tem muita banda que começa com, tarde né também,

MO- Olha, eu vou te falar aqui sinceramente, só pra encerrar a minha parte aqui também. Olha, eu acho, olhando pra mim, você sabe, que eu acho que a gente tem que se valorizar, eu acho um desperdício, do conteúdo musical, ainda que não seja assim técnica, deixar o tempo passar assim e eu falar assim poxa, tudo sobre música, durmo com a cabeça em cima da música, acordo, e não produzir nada no sentido da música

[?]-Mas assim, algum dia você já fez algum curso alguma coisa?

MO- Não, não, eu nunca tive acesso, eu nunca tive forma...

VA- Eu vou embora

P: É? Você tá querendo ir embora já?

VA- Já, eu tava lá com o S.

P:Você trouxe!

MO- PE, sabe o que eu quero fazer, eu quero pegar umas aulas de violão

P:Eu já te dou mais, me conta o que que são essas pessoas,

VA- Minha netinha

P:É!Querem ver? Olha! Tá de coelho

MO- Você viu que olhos negros PE!

VA- Eu não sei porque isso que eu não consigo fazer nada [chora]

MO- Eu sei eu entendo

P: Mas esse aqui é o motivo que você consegue fazer alguma coisa, né, essa é tua netinha que você sempre fala né?

VA- E esse é meu filho que foi embora com a mulher dele

P: Nossa bem parecido com você VA

[silêncio]

P:Voce já viu MO?

MO- é a esposa e a netinha né?

P: Viu, ele sempre fala, posso passar? Então vai passando aí

MO- Esse aqui são os netinhos dele?

P: É , é a netinha

MO- Nossa, que coisinha mais rica meu

[risos]

MO- Você viu que coisa linda
 VA- São três, dois foram embora,
 MO-Quer ver ali HI, esse é um menininho, e essa moça linda cara, é tua filha aqui? Tua sobrinha?
 VA- Minha sobrinha
 [?]- Mas eles foram morar longe de voce VA?
 VA- Os bandido mataram os dois
 MO- Quem?
 [?]- Ui! Credo
 MO- Bandido matou quem?
 P:Esses dois aqui
 MO- Esse homem e essa mulher os bandido mataram?
 P:Não esses dois filhos dele aqui
 VA- Os dois, foram roubar eles e eles reagiram
 MO- Meu deus, você nasceu aqui mesmo no PR?
 VA- Rio Grande do Sul
 P: Ah, você é do RS!? Não sabia! E esses tres filhos aqui que voce tem, eles moram aqui? Moram perto de você? Você vê eles sempre?
 VA-Mais ou menos
 MO- O mal PE, você vê, o MA aqui que lindo!
 P:Faz tempo que aconteceu?
 VA- Um ano e pouco
 MO- Matou os dois de uma vez só?
 VA- Os dois, caiu um aqui e outro onde você tá
 MO- Qual que foi que morreram?
 VA- os dois da ponta
 P: Do meio e aqui do outro lado
 MO- Esses isso? Poxa, dois homem morrer é fogo né, porque o homem, tem um valor terrível pra esposa pra mulher
 VA- Tem esposa, a mulher
 P: Ele é parecido com a esposa dele né?
 VA- É
 MO- Deixa eu ver, poxa. Meu deus do céu
 P: Nossa aqui ela já tá grandinha né?
 VA- Não é ela aí é
 P: A filhinha dela?
 VA- Não, era uma que tava na festa de aniversário
 MO- O, dava pra ver aqui né PE, que o VA aqui né, tipo, ele tá bem aqui né! Bem tranquilo, bem
 VA- 5 filho meu aí
 MO-agora só tem 3
 VA- Esse aí do meio meu e esse sobrinho tava no casamento
 MO- Mas o que aconteceu assim, eles se enveredaram pro caminho errado assim VA?
 VA- Eles tavam em casa, foram jantar num (...) aí entraram um rapaz, avisaram ele que tavam olhando as coisas dele lá, fio, carro aberto. Quando eu fui embora, eles disse que fechavam e iam por ele, e quando eles voltaram eles pegaram o cara tentando entrar e bateram nos cara. E os cara correram e voltaram lá depois, deram 5 tiro no mais forte e 2 no mais novo
 MO- O que que os cara queriam PE?
 P: Foram roubar né VA?
 VA- Não sei se roubaram os fios coisa da GVT
 MO- Mataram lá na empresa da GVT
 VA- Não na casa do meu filho, no portão
 MO- Então teu filho trabalhava pra GVT, e tinha um monte de coisa da GVT em casa?
 P: Não, eles tavam fazendo a mudança, era 8 hora da noite
 MO- Aí chegaram os bandido lá e queriam fio computador, essas coisa,

VA- Não sei o que queriam levar, mas não levaram nada

MO- E os seus filho tavam armado também?

VA- Não

MO- Aí os cara entraram pra dentro.

VA- Eles tavam pulando pra entra, e eles tavam voltando da janta lá do meu filho. Eles eram forte.

MO- E já faz quanto tempo isso aí PE?

VA- Um ano e pouco.

MO- É, tem que erguer a cabeça né VA, eu sei que a dor é grande, não é facil né, mas você não pode, igual eu sabe, eu to enfrentando um monte de problema aí, sabe, eu to enfrentando problemas que eu jamais imaginei, nem em pensamento nada, eu tô enfrentando, mas eu tô, entendeu, dando um jeito de manter a cabeça erguida

VA- Mas olhe, esses dois piá, eu consigo achar eles em cada...

[silencio]

MO- E era esse, ele é sentimental né PE, você entendeu? Isso aí que é bom, Deus gosta, de quem tem um coração, quebrantado, já ouviu falar ? Ele tem um coração quebrantado, tem um coração que tem sentimento, que aflora, agora a pior coisa é quando a pessoa tem uma pedra no lugar do coração, ele não, ele chora, ele se quebranta, entendeu? Tem que orar VA, ir pra igreja pedir pra deus, buscar a presença de deus ne LU

VA- Não adiantou nada o que eu fiz

MO- É nao é facil, menino bonito, voce vê, os cara é forte, ai meu deus do céu

P:Que idade que eles tinham VA?

VA- 21 e 23. 21 e 23.

MO- mas ainda tem mais 3 que tao junto né

P: os netos também,

MO- E tem mulher também né, esposa tem?

P: Tem VA? Tua esposa tá com você?

VA- Nós tamo meio assim faz tempo

[silencio]

MO- É fogo, mas vai pra uma igreja, vai pra uma igreja boa que jesus preenche

VA- a minha vontade é de falar com eles e ir

VA- Ela falou, não, deixa eles lá, eles tão nervoso depois do que aconteceu, deixa eles lá

P: Ir lá onde?

VA- Onde eles tavam, talvez eu tivesse junto. Ela disse, não deixa eles lá, eles tão nervoso, os caras foram embora, e eu nao tava bem naquele dia, ela disse não, fique aí.

MO- E daí os cara foram embora?

VA- Os cara foram embora

MO- Naquele dia

VA- Na hora, e depois falaram, que depois voltaram

MO- susurra-meu deus

[silencio]

MO- Aonde que foi isso aí? Que bairro que aconteceu isso aí?

VA- Caiuá

MO- Caiuá, santa helena por ali?

VA- No caiuá mesmo, pertinho do terminal

MO- Era uma casa que você tinha ali?

VA- É, eu preciso ir.

MO- Tem que ficar firme viu VA, tem que, levantar a cabeça

P: Você quer escrever no caderno hoje ou

VA- Não,

P: Tem certeza que quer ir embora? Não quer ficar mais um pouco com a gente?

VA- Não,

MO- eu abro aqui pra você VA

VA- Ai desculpa

P: Não magina!

MO- Tá, mas juízo aí nas rua viu VA
[silencio] porta fecha

MO- Dá eu assino o caderno, pode me dar aí que eu assino

P: Não é porque, é complicado

LU- é difícil né, é uma dor assim, que a gente leva pro resto da vida. Eu falo, porque não foi filho, foi também meu irmão né, a gente era unha e carne nossa, não gosto nem de comentar, deus que me perdoe é muito triste.

[?]- É doida a vida da gente [chora] ai desculpe PE, desculpe, mas vendo ele assim. Quero não, brigado.

Outra [?]- Eu fico imaginando né, porque eu perdi assim, 6 gravidezes né

MO- meu deus

Outra [?]- Mas tava na minha barriga ainda entendeu, não sei, e eu sinto uma dor assim que é inexplicável, ai isso cutuca assim na ferida. O médico assim, veio falar assim e cutucou, arrancou um pedaço da minha ferida, ai eu não me aguentei assim sabe, nossa, meu estado emocional ainda está abalado, e não é pra menos, eu trabalhava, ai eles botaram aquela voz, e falava saia, saia do serviço. O meu irmão também foi assalto, foi passar numa rua, desviar, pegar um caminho mais perto, é a gente sempre cortava caminho, pra chegar em casa, aquele dia foi de muita dor, ele ficou 10 dia internado respirando por aparelho, e aí o medico disse que ele tinha falecido, mas a gente não acredita nisso sabe. Ai só jesus mesmo pra dar força, eu fiquei muito mal sabe. Era eu e, de tanto que eu emagreci.

[Batidas na porta]

P: Oi! Pode entrar

WO- Oi, posso entrar aqui?

P: Oi,

WO- Posso pegar o violao?

Maria jose- Já que ele abriu aqui, te incomodou, vou deixar a chave com você aqui,

P: Beleza, aí eu fecho e te devolvo brigada

Maria jose- aí voce coloca naquela caixinha

P:Pode deixar

Wo- A música é essa, o violao por favor. (nao entendo)

P: A gente tá conversando um pouquinho hoje tá bom WO?

WO- Tá bem

MO- Poxa, a perda de alguém é fogo né, pigarra, sabe o meu irmao, sabe quando a pessoa é malandra, ligeira sabe, lá em casa nao tem ladrao , bandido,mas ele é um cara esperto assim sabe, que todo mundo vai pro lado dele, todo mundo quer ele la porque ele tem conteudo ele tem a visao da situação sabe, entao ele sempre vai no meu quarto, ele parou de beber, e ele voltou a beber, ele para e volta, se separou da mulher e volta separa e volta, agora a mulher foi embora e ele voltou pra cachaça, e eu entendo esta situação sabe,sabe alguém que a gente gosta, ainda que a pessoa nao é perfeita, mesmo dando problema pra gente, e ele é meio velhão assim sabe, já ta com 50 anos, mas é esperto sabe, e eu to sempre dando conselho, maninho, não fica marcando bobeira por aí, uma hora ou outra voce pode se envolver com alguem que nao ta nem ai pros nossos sabe, valores e vocd ser e esse cara que voce é, entao eu fico imaginando essa situação que contou sabe, e eu amo meu irmao sabe, a música, é quem, quem me apresentou a música foi o meu irmao. Ele que me disse, vou te mostrar o que é música, e me colocou bee gees e falou o, isso aqui é nazareth (canta as músicas), e eu ia pra sao paulo e voltava assim, aquele paredão de caixa, então ele, foi que pôs a música no meu sangue sabe, entao eu to sempre aconselhando, voce tem que se cuidar cara, se cuidar. Então, eu fico imaginando se um dia acontecer alguma coisa, com esse meu irmao, o tanto que eu gosto dele, voce pode ver, minha vida é música, e foi ele que me ensinou a música. (explica o grave, e aparelhos). Então eu vejo os depoimentos aqui e fico pensando nele sabe

WO fala enquanto MO fala

MO- Entao cara, eu sei, a dor da perda sabe, existem várias dores ne, você entende ne PE, mas a dor da morte, aquele voce chegar e ver alguem que voce gosta, dentro daquele ataúde, daquele caixão, sabe, com aquela maozona, e voce sabe que não volta nunca mais, então eu entendo esse

tipo de dor de vocês, só que a gente tem que ter fé em deus, porque, né, consequência da vida né. Entao eu to sempre aconselhando esse meu irmao sabe, as vezes eu sou chato, sabe PE, eu sou chato, sabe como eu sou, ele chega e ai MO faz uma comida pra nós comer aí e eu chego na cabeça dele Maninho voce nao pode fazer assim, voce tem que parar de andar com certo tipo de pessoas, voce tem que para, voce é um cara inteligente, ele tá ali comendo e eu ali falando na cabeça dele

WO sai

MO- Porque eu gosto dele, porque depois acontece isso aí ó, sabe essas lágrimas, puxa vida meu filho foi embora, e eu entendo isso aí, uma dor terrível

43'02 [?]- Fala é(nao entendi)

P: é, voces querem terminar assim, com a gente conversando, voces querem uma música pra, o que voces querem pra gente finalizar

[?] vão falar

MO- Eu acho legal a gente terminar assim mesmo, porque isso, é real isso que ta acontecendo aqui, eu também tenho minhas lágrimas, você entende, ele tá ali né, derramando lágrima

[pigarra quando a [?] começa a falar em cima]

[?]- Meu irmão, ele foi colocado dentro de um saco de lixo, não teve velório nao teve nada, não abriram a tampa, sabe, ficou lacrado, meu pai que foi, nem no mesmo dia que ele foi internado meu pai não foi, só foi no velório porque era o mais novo né

MO- Então eu acho legal a gente terminar assim esse grupo hoje sabe porque, tem um pensamento que diz assim “uma palavra muda tudo”, e o que é aqui né PE, aqui não é psicologia, aqui não é psicoterapia, e de repente a gente com uma palavra muda o rumo de alguém que tá andando e fala pare que pra tal lado tem tal coisa, começa a ir pra cá ó, então né, e nem ta fora do nosso texto né PE?

P: Não, total, concordo. É, vocês assinam o caderninho, né? Pode ser?

MO- Não, nós temos que falar sobre a morte sim né PE,

P: Sim, tem que falar, ainda mais essa dor tão grande, a gente tem que dividir falar,

[?]- é...mas sabe PE, nesse mundo que a gente vive, ainda tem pessoas muito debocadas, a gente conta a dor que ta passando, a dor que carrega, e o pessoal sai andando e sai comentando, aquela lá tá sofrendo, tá, por quem que já se foi e não vai voltar mais. Porque no meio de toda minha familia, nos somos uma familia pequena, como eu já comentei tem um irmao mais velho, bebe usa drogas, e fica andando pela rua, e quem mais sofreu fui eu, ele foi lá em casa me chamou pelo apelido e falo “sama posso te dar um abraço”, ai nao gosto nem de falar, que foi tipo a despedida dele, e quando foi de noite, o vizinho veio a gente escutou os tiro, foi do lado né, mas a gente pensou que era numa mansão, aí no outro dia de manhã falaram que ele tinha levado 5 tiro e minha mae ficou mal e sobrou tudo pra mim sabe, e a gente não tinha condições de pagar um túmulo, ai minha madrinha deu, e caixao a prefeitura né, na hora assim a gente vê que a não é nada, dentro de um saco de lixo, pra, juntava todas aquela mosquinha né, jura. Eu pensava comigo PE, o que a gente é nesse mundo. E tem pessoas que se sentem mais do que os outros. Eu trabalhei como zeladora numa escola, nao fugindo do assunto, nossa ela ficava assim no meio do caminho com o nariz lá em cima, um dia ela tava assim no pátio e a gente discutiu, eu falei, não é porque eu trabalho terceirizada que eu vou deixar ela pisar em cima de mim, e eu fui la contei pra encarregada, e ela foi e contou pra diretora, mas a diretora sabia que ela tinha aquele ar meio assim né, e ela falou tanto, é não sei “fulana” o que voce tem de mais, se você fosse tão boa, você também não levantava cedo pra vir trabalhar,

P: Bem, é o que voce falou, no final, vai todo mundo pro mesmo lugar né, vai todo mundo acabar igual

MO- O interessante é a gente dar um norte pra vida da gente sabe, nós que temos esse, nos que temos esse, como diz aquela palavra, esse tino, veja, nós que temos, mesmo com o que eu to passando, eu to aqui no CAPS, e to, veja nos que temos essa coisa de querer mudar pra melhor sabe, ser alguém, se estabilizar na vida pra uma pessoa decente, sabe, isso que é interessante, não to dizendo assim que voce pode roubar matar, mas sabe que tudo que a gente fizer aqui, a gente tem que preservar, a no ssa moral né, eu tenho um monte de dinheiro, mas eu sei que eu passo as vezes assim por falhas, me excedo um pouco mas eu to tentando assim, mas porque, porque eu to tentando assim pra um dia eu ser uma pessoa bem estabilizada na vida, tanto

espiritualmente, socialmente, e a gente sempre ter uma palavra pra dar pra essas pessoas, tanto pra essas pessoas que tao no caminho errado tipo drogadicaõ quanto pra que essas aqui né, tipo o VA, né, que perdeu, alguém da família e tal, voce chegar e consolar, não é facil', tem gente PE que não tá nem aí pra vida de ninguem não, que é cruel que nao quer saber do sentimento dos outros nao, ai lesa a pessoa, sabe, sem a maior contemplaçã mas é bom falar sobre o final, ontem fui deitar ali e comecei a escutar uns depoimentos sobre cancer, voce entendeu, e eu to fumando, e o diretor do encore, de sao paulo lá, nao sei da onde de barretos, falando do coração, da oncologia , e fiquei pensando sobre minha ivda, e comecei a falar de cancer e tal tal, sabe, tem que pensar no teu fim também, não é só viver adoidado sabe, PE que dia é hoje, dia 20?! P: Dia 20, até quinta então! SE não tiver na quinta porque vocês vão participar do grupão, a gente se vê na terça!

MO- Vai com deus MA, que deus te proteja, sempre pro lado deo bem eim MA

P: Sabe que ideia que eu quero, e...o que voce leva de hoje?

HI- Olha, nervoso, tristeza, de uma paz, de um sentimento, pela morte de dois rapazes que lutou estudou trabalhou coitadinho, polaquinho novo, bonito, entrou bem fortinho coitadinhos, lutou pra ter as coisinha deles, anjo ainda 21 e 23 anos, achei um sentimento grande sabe, como se fosse pra mim sabe, pro meu pai tambem, eu levo um sentimento grande sabe, hoje não tá bom pra música sabe, é muita coisa,

P: O que voce perguntou? Sentimento é com S, aham.

[silencio]

MO- Tchau!

P: Te deixou triste hoje

HI- é muito triste, me lembrou da minha família também que também se foram, faz pouco tempo, dos meu irmão, tem as foto dele fica sempre vivo, eu nao gosto de ficar olhando as fotos deles, é muito triste, fica com deus tá, tchau

P: amem voce tambem, ate quinta ou terca

HI- quinta nao?

P: é que parece que vai ter forum e tal

51'46 MO- PE tchau! Eu vou embora, não eu falei, eu me excedi um pouco ali nas falas PE, só que o seguinte, porque, é um pouquinho propicio sabe, tem que dar um conselho sabe, a pessoa ta aqui derramando lágrima aqui, a pessoa ta entra e sai

P: É eu tambem fico preocupada assim o VA, quando ele sai assim, né, mas é

MO- Mas ai tem que falar uma coisa pro cara sair meio assim, falô?

P: Falô!, até quinta então

MO- até mais, valeu

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

LU: *Eu gostei muito da conversa me-senti leve.*

HI: *Nervoso, sentimento pela morte do rapaz, tristeza. Hoje não tá bom pra música.*

MA: *Conversa muito boa. Uma lição de vida.*

MO: *Frase: É tempo de se definir como ser humano que existe para vencer e ter consciência de paz, amor e Deus. Palavra: Esperança e fé.*

16ª Sessão - 27 de Agosto de 2013

Estavam presentes: VA, HI, NEI, ZI, NA, LU e três estagiários de medicina.

P: Hoje é dia?

- Alguém: 28

P: 28? Beleza. HI, quer se apresentar pros meninos? Depois eles se apresentam tb pra vc conhecer eles.

HI: Eu sou o HI, sou o HI: E que tipo de música vc gosta HI?

HI: Ultimamente eu não to gostando de música (?) Não to conseguindo, não to gostando de ouvir mais música, sabe...

P: uhum, beleza. Bom, meu nome é Mariana (pros meninos, os outros eu já conheço) É, deixa eu ver, Eu gosto de vários estilos de música, depende do dia, dependendo do... mas acho que o que eu mais gosto é MPB e rock, é as coisas que eu mais gosto. NEI...

RO: É, meu nome é NEI, eu gosto de músicas brasileiras que são suaves, num ritmo lento.

P: Uhum, legal.

LU: Bom dia pra vocês, meu nome é LU eu gosto de música sertaneja, principalmente aquelas raízes, e... como fala gente, esqueci o nome das músicas, me deu um branco... As músicas românticas.

FRA: Meu nome é FRA, eu e os meninos somos acadêmicos de medicina né, do último ano e como eu sou do Mato Grosso do Sul eu gosto de todo tipo de música, mas mais sertanejo também, mais sertanejo. (risos)

P: ah, legal.

VI: Meu nome é Vinícius, tb sou estagiário de medicina lá da evangélica. É eu gosto de bastante estilo de música, mas meu forte mesmo é rock.

P: Legal. Oi AN! (AN entra na sala.)

AN: Oi

GUI: Meu nome é Guilherme, eu gosto de eletrônica, de rock e de Beethoven (?).

P: Ahn, que legal! AN, a gente ta se apresentando, esses aqui são estagiários de medicina, e daí eu pedi pra cada um falar o nome e que tipo de música que gosta, se é que gosta de música, porque tem gente que falou que não gosta. Você se apresenta? Só falta vc.

AN: meu nome é ANe eu não gosto muito de música...

P: Beleza! Então ta pessoal! Pessoal, é, deixa eu avisar quem não tava aqui na terça, na semana passada: essa semana é a última semana que eu to aqui ta! A gente tem essa sessão e a próxima e daí a minha pesquisa finaliza né, mas eu ainda vou conversar com vocês pra fazer uma entrevista final, tipo aquela entrevista que a gente teve a 1ª vez, só q eu vou fazer agora no final, pra perguntar como é que foi a experiência da musicoterapia e tal! Então semana que vem eu vou ta por aqui, só que eu vou ta fazendo entrevista, então eu até comentei com o pessoal semana passada, se vocês quiserem em algum momento pedir alguma música que não pediram ou quiserem tocar algum instrumento que não tocaram, se quiserem falar alguma coisa, essa semana é o momento né, hoje e quinta é o momento pra gente ir fechando o grupo, ta bom? Beleza? (no meio desta fala surge alguém tocando um instrumento, talvez a flauta pã, bem baixinho e bem rápido).

E eu queria saber hoje de vocês o que vocês querem fazer... preferem tocar os instrumentos ou trabalhar com as canções, ou só conversar que nem a gente fez semana passada, sobre música ou sobre qualquer outra coisa, o que que vocês preferem?

(Alguns segundos de silêncio), com uma provável batida de pé no chão e sons de respiração...

- (Alguém mulher. RO?): Música também pra cantar, pra você cantar?

P: Pra eu cantar? Não pode ser pra gente cantar? (risos)

- (Alguém mulher. RO?): Ah você é mais afinada, os estagiários cantam né... (risos)

- Alguém estagiário – falando baixinho e rindo: gaúcho né...

P: Pode ser tb. Querem trabalhar com canção, é isso?

- (Alguém mulher. RO?): As duas né, semana passada a gente ficamos mais dialogando...

P: Uhum, é verdade. Então ta bom. Alguém tem alguma música em mente que quer pedir? Eu vou pegar as pastas pra, caso tenha nas pastas, a gente apóia... Aproveitem pra pedir aquela música que você ficou com vergonha...

- (Alguém mulher. RO?): Tem do... Ney Matogrosso? (risos)

P: Qual do Ney Matogrosso?

- (Alguém mulher. RO?): Ah, eu acho que qualquer uma dele, (algum comentário estagiários)

P: Você tem alguma q você gosta mais, ou que você pensou na hora que você...?

- (Alguém mulher. RO?): Acho que aquela uma “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come...”

P: Como é que é essa? Alguém lembra dessa, pessoal? Se ficar o bicho pega, se correr...

RO: Ele tá cantando aqui ó...

(e uma voz cantarolando)

P: Como é que é?

[risos]

[?]: Eu não lembro o nome dessa música.

P: Canta um pedacinho pra ver se a gente lembra...

[risos]

[?]: Nunca vi couro de cobra, pele de cobra, [cantarolando] se correr o bicho pega... porque eu sou é homem...

LU: Ela não tem nas tuas pastas?

P: Pela letra eu acho que não, agora, putz, o título... vamo tentar.. vamos pelo menos as partes que a gente lembra.

[risos]

P: A gente já fez isso antes, com menos ainda... então como é que o refrão? Essa parte que você lembra...

LU: A dessa parte que eu lembro, é duas vezes numa coisa só..

P: Como é que é seu nome mesmo?

VI: Vinicius...

P: Vinicius, cê lembra esse trequinho que ela falou?

VI: Hum, deixa eu tentar..

P: Isso, você que tá com a ...

VI: nam, nam, nam... [cantarolando] eu sou é homem...

[violão]

P: Tudo bem, [??]? Tudo bem?

[assobios]

P: Lembrou?

VI: Eu lembro só uns pedaços assim, sabe...

P: É, mas pode ser um pedacinho mesmo se for de preferência esse pedaço aí que a LU lembrou, já tava bão.

[violão]

[?]: Você consegue entrar no youtube do celular aí?

[risos]

[?]: 3g... internet da TIM é uma beleza.

[?]: Tem wifi aqui do CAPS?

P: Não sei. [risos]

[violão]

P: Sou só visitante, no CAPS.. não sei muitas coisas. Enquanto isso a gente vai trabalhando... se você lembrar de alguma canção que você quiser, pode pedir, tá?

[violão]

[?]: Eu sou rosa de Hiroshima, Tico tico no fubá, America do Sul...

[violão]

P: O refrão...

[?]: Mais ou menos assim...

[Violão]

[?]: Mais ou menos assim...

(som ao fundo) (apresentação do youtube no celular[?])

P: É que só tem hoje e quinta. [risos] Quer ir mesmo, já hoje? É? Bom, nem vou pedir pra você escrever no caderno. Cê quer escrever no caderno?

VA: quinta.

P: Quinta você escreve? Então beleza, VA.

(som ao fundo, apresentação do youtube [?])

[Violão acompanha a música] [Ney Matogrosso cantando]

(vozes)

P: Opa...

[Ney Matogrosso continua ao fundo] [violão acompanhando]

P: Cê lembrou pra cantar pra nós?

LU: Não..

P: Eu também, então..

[?]: Am?

[Ney Matogrosso]

P: Pessoal, eu queria conversar assim com vocês sobre uma coisa que eu fiquei pensando assim durante o tempo que eu tava aqui e tal. Que eu tô aqui, ainda. É, sobre assim, essa coisa assim que eu percebo, do grupo assim. Principalmente quando a gente vai trabalhar com canção, de um pede. Ai, desculpa! E, daí, eu canto com a pessoa. Aí o outro pede. Daí vocês ficam assim tão separados. Eu queria escutar de vocês se vocês sentem assim também, sabe? Porque me dá essa sensação assim de tá.. Primeiro eu tô com a LU, depois a NEI, daí a NA pede uma música. E a gente não faz algo juntos, assim, sabe? Eu não sei se sou só eu que fico com essa sensação ou vocês... como é que vocês sentem isso? Ou vocês se sentem junto quando a pessoa tá cantando? Como é que é? Queria saber de vocês...

ZI: Eu me sinto sozinha sempre.

P: Sempre?

ZI: Posso tá com muita gente, mas eu me sinto sozinha.

P: E aqui também acontece isso? Legal escutar isso de você, ZI.

ZI: Eu queria que ele visse pra mim a música do Ataíde Alexandre e do Zezé di Camargo.

P: Pode ser. Como é que é o nome da música?

ZI: Eu não sei... com o Ataíde Alexandre e o Zezé di Camargo junto.

P: Tá. Cê sabe? Cê pode procurar aí?

[?]: É...

P: Enquanto isso eu queria escutar o resto do pessoal. Vocês...

LU: Eu, me ocorreu... também me sinto assim, não só. Não só aqui, mas lá fora também. Eu sou uma pessoa assim de muito pouco papo.

P: Aham.

LU: E eu vejo que isso me atrapalha muito. Não é agora, né. É lá da minha infância. Acho que a minha infância já não foi aquela Brastemp.

P: [risos]

LU: Como usa o termo, sabe?

ZI: Tem um pedaço que ele fala... [cantando]

(Várias vozes ao mesmo tempo)

[?]: Com Raça Negra. Raça Negra e Michel Teló.

[Duas conversas paralelas, [??] continua falando com a pesquisadora, e ZI pedindo a música para outra pessoa]

LU: Eu não corro atrás dos meus objetivos, eu fico ali, chego em casa e vou pro meu quarto...

P: Aham...

LU: Fechada mesmo...

P: Mas sabe, LU, aqui no grupo você sempre me passou a impressão que era uma das mais abertas, sabe?

LU: É porque, eu acho, não sei como que funciona, é um incentivo (?). Lá fora já não tem isso. Lá fora se a pessoa não conversar comigo eu também não converso.

P: Uhum.

LU: Por isso que já tem isso de que os curitibanos são muito fechados, eu sou bem fechada...

[violão]

P: Aham.

LU: né, aqui você é professora, você incentiva que a gente participe. Achei bastante assim, essa parte até legal.

P: É, talvez você vai treinando também. Se aqui você conseguiu se abrir, né, nossa e você até semana passada você fez afirmações bem corajosas, eu achei, sabe...

LU: Aham..

P: Então eu acho que é legal você perceber isso em você também, olha como aqui você tá conseguindo.

[?]: Ah gente. Deu um branco na minha cabeça, eu já esqueci já... deu um branco na cabeça.

P: Tudo bem, quando você lembrar eu... E você, NA, como que é pra você? Sobre isso que eu perguntei agora. De parecer que tá meio isolado assim, do grupo.

AN: Sozinha...

P: É? Sozinha, cê sente também?

[Violão]

P: E você, HI?

HI: Que?

P: Cê se sente meio isolado do grupo às vezes?

HI: das músicas?

P: É, quando você parti.. esse grupo aqui em específico.

HI: (???)

P: Ou se sente participando?

HI: (incompreensível). Meus amigos assim.... ele gostava muito de música, tocar violão. Eu escuto as músicas assim. ... Minha cabeça, sabe? Eu vejo ele assim, sabe..

P: Aham.

(Vozes ao fundo)

HI: Sabe...

P: Aham...

HI: só no pensamento, aquela imagem na minha cabeça.

[violão continua ao fundo] [alguém sai da sala]

[?]: Tchau, tchau.

HI: [continua falando]. Mas eu não tenho nada contra...

P: Legal.

[?]: A sra. lembra a letra?

[?]: Não, só um pedaço.

[?]: [cantarolando] [violão] Nam, nam nam... me fez sofrer demais, nam, nam, por isso, Deus me livre de enganar você de novo... fugir desse amor... não dá pra ficar cara a cara. Eu quero esquecer, mas se vejo você, coração dispara... nam, nam... por isso não quero te ouvir nem falar, melhor continuar como estamos... [continua cantando] [outras vozes cantando juntas]

P: Ah, legal! Nossa, perfeito!

[?]: É mais ou menos assim, né?

P: Pessoal, e pensando um pouquinho no que vocês falaram e tal. Como que a gente pode, pelo menos aqui, pelo menos um momento. Tá junto? E não se sentir tão sozinho. Quer dizer... a gente pode até se sentir sozinho, mas se sentir sozinho junto? Será que é possível? Se a gente consegue por um momento isso?

ZI: Sim, um vazio.

P: Uhum.

ZI: Você pode tem um monte de pessoas...

P: Mas sabe o que eu tô pensando, ZI? Assim, de, como que a gente pode tá junto nisso? Mesmo se sentindo sozinho tá junto, no sentido assim de...

ZI: É que eu... eu sinto que falta um pedaço de mim.

P: Uhum.

ZI: Então, eu sempre vou tá sozinha.

P: Tudo bem. Mas você acha possível a gente tá junto pelo menos no momento, pelo menos numa música?

ZI: Sim... sim...

P: Quê que se acha, LU?

LU: Eu não entendi nada. [risos]

P: [risos]. NA, o quê que cê acha? É possível a gente tá, pelo menos um momento, aqui no grupo, juntos? Será que isso é possível?

AN: [?]

P: É? Como que a gente pode tá? Será que se a gente escolher uma música que é comum pra todo mundo, que faz sentido pra todo mundo, daí a gente tocar todo mundo junto, só pra ver se a gente consegue ficar junto? Quê que cês acham? Assim eu tô pensando porque eu tenho essa sensação de que a gente tá separado às vezes. Aí vocês tão me falando que vocês se sentem sozinhos mesmo

no grupo. Então eu tô tentando achar uma forma da gente tá junto. Pelo menos no momento, né?
[risos]. Quê que cês acham?

[?]: ??

P: Querem tentar? Alguém propõe alguma música que seja assim comum a todos nós, assim, ou que nesse momento possa ser comum a todos nós? Sabe uma que eu fiquei na cabeça? Quando vocês falaram disso.. Aquela “Sozinho” do Caetano. Vocês conhecem? É, como é que...
[cantarolando] Às vezes no silêncio da noite... Conhece essa?

[?]: Eu já ouvi, mas não lembro da letra.

P: Você, NA, conhece? Não? Seria então uma música de vocês mais legal. Que música vocês querem, tentar tocar junto?

[?]: Alguma música religiosa? Alguém lembra de alguma? Alguma que toca e todo mundo conhece. Tem uma, aquela que eu acho que quase todo mundo conhece: [cantarolando] Abençoa, Senhor, as famíli.. essa eu acho que a maioria conhece ou não? Conhece?

P: Querem essa? É? NA? Topa?

[violão]

P: Sei lá... [experimentando o violão] Abençoa, Senhor..

[?]: [cantarolando] Que marido e mulher não se traiam, nem traiam seus filhos... nam, nam, nam... que nenhuma família termine... nam, nam, nam...

[violão]

P: Gente, cês sabem essa música?

[?]: Só ouvi.

[?]: Não sei a letra.

P: Vamo escolher uma então que vocês sabem.

[?]: Vocês sabem Tocando em Frente? [cantarolando] Ando devagar porque já tive pressa... e levo esse sorriso porque já chorei demais...

[?]: Já ouvi essa.

P: Então pode ser essa.

[cantarolando] [violão] Ando devagar porque já tive pressa...

P: Opa. Eu acho que os nossos violões estão extremamente diferentes. Nossa, muito diferente. O meu tá em MI. [dedilhando o violão]

[Grupo cantarolando] Mais feliz quem sabe... o sabor das maçãs..

P: Não é essa...

[Grupo cantarolando]

[?]: É em Sol menor...

P: Droga, eu tinha essa, peraí.

[?]: ???

P: Gente, enquanto isso, enquanto isso, é, vocês querem escolher um instrumento pra... como é que é o nome dessa música mesmo?

[?]: Tocando em frente.

P: Tocando em frente. Você quer escolher um instrumento? Pra tocar junto... Eu tinha essa.
[procurando].

[?]: [cantarolando] Porque eu já chorei demais.

[Violão]

P: É isso, né? Então beleza. Lembramos. É... então prontas? Sim? Vou pedir para aproximarmos...
[grupo se aproxima]

P: Ficar um pouco mais junto.

[Violão] [instrumentos] [grupo cantando]

P: Opa...

[Violão] [instrumentos] [grupo cantando]

P: Putz! Tava certo agora há pouco. Ah, começava com Lá.

[Violão] [instrumentos] [grupo cantando]

P: Peraí...

[Violão] [instrumentos] [grupo cantando] Ando devagar porque já tive pressa, e levo esse sorriso porque já chorei demais, hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe... eu nada sei... [grupo continua cantando]

P: E daí? Cês se sentiram juntas?

[violão]

P: Mais ou menos? Você, ZI? Quê que cê achou? Sinceridade!

ZI: Eu me senti perdida.

P: Perdida. Você, NA?

(vozes ao fundo)

P: Vou propor uma música que a gente sempre quando a gente canta, a gente consegue cantar junto. [risos] Assim que a gente já cantou várias vezes no grupo e assim todo mundo sabe a letra, talvez seja mais fácil pra gente. Que é “Como Um Zaqueu”, lembram?

[?]: Uhum.

P: Pode ser? Pode ser?

(vozes ao fundo)

P: Enquanto a gente canta ela, eu queria que vocês pensassem um pouquinho durante ela em como estar junto do outro. Como que aqui, nesse momento, vocês conseguem tá juntos. Sabe? Tipo porque, é, eu acho que é também um esforço, sabe? Ah, digamos assim, às vezes a gente tá num ambiente que ajuda ou não, tá juntos, facilita ou não, mas é sempre uma escolha nossa, né? Tá junto ou não. A gente pode tá no meio de uma multidão e querer ficar sozinha, e ficar sozinha, ou enfim, tentar não ficar sozinha, mas mesmo assim ficar sozinha, que é uma, é um esforço, nesse sentido. Então... [violão]... Queria que vocês pensassem e cantassem junto, já que vocês conhecessem essa.

[violão] [grupo cantando] Como o Zaqueu, eu quero subir, o mais alto que eu puder, só pra te ver, olhar pra ti, e chamar sua atenção para mim, eu preciso de ti, Senhor. Eu preciso de ti, ó, pai. Sou pequeno demais, me dá a tua paz, faço tudo pra te seguir... Entra na minha casa, entra na minha vida, mexe com minha estrutura... [grupo continua cantando]

P: Alguém quer falar alguma coisa, ou acabamos por aqui? Podemos acabar aqui?

[?]: Ok.

P: Xô vê que horas são aqui. Pedi pra vocês escreverem no caderno.

HI: Eu sinto... é.. muito bom tá aqui dentro dessa sala.

P: É? Cê sentiu, HI? Pelo menos o teu coração cê sentiu que fortaleceu.

HI: fortaleceu... muito...

P: É, foi boa... Pegar o caderninho procês, tá? Nossa, a RO, faz tempo que eu não vejo ela. Ela tem vindo?

[?]: ???

P: Ontem ela veio? Ah, então tá tudo bem com ela, né? Já te dou uma caneta, tá? VA, LU... Opa. Hoje é dia 28, né, pessoal?

[?]: 27.

P: 27. [risos].

[?]: 27. 27.

P: HI, você não quer escrever hoje?

[?]: 27.

P: Ah, tá, então beleza.

[violão]

P: Então, como é que você, o quê que você leva de hoje?

[instrumento musical]

[?]: é 27 de 2013, né?

P: Uhum.

[instrumento musical]

HI: Daqui? Eu levo o amor... (incompreensível)... e levo é, com amigos, que a gente se conheceu de agora aqui, e, foi muito bom ouvir essa música, essa de agora. E quero que Deus abençoe nós todos.

P: Uhum. Legal. Beleza, HI. Quinta então, nosso último dia aqui. Quer dizer, último dia assim..

HI: ??

P: Você vem?

HI: nós se encontramos.

P: Se encontramos.

HI: ??

P: verdade! [risos]. Deus te ouça, né?! Obrigada, NA.

HI: Fiquem com Deus, todos.

P: Obrigada, ZI. Nos vemos na quinta, né? Até lá. Tchau, ZI. Até quinta.

[instrumento ao fundo]

[?]: Tchau pra vocês.

CADERNOS DE ANOTAÇÕES DOS [?]

AN: *Esperança: Como Ezaquiel quero subir.*

ZI: *Hoje me senti perdida dos meus sentimentos quase não sei me expressar.*

HI: *Levo uma música muito lindado Mateus de Jesus, os amigos que conhecemos aqui. Foi muito bom ouvir essa música. Que Deus abençoe nós todos.*

LU: *Procurei fazer mais amizade. Hoje eu levo tranquilidade.* ♡♡ Paz.

VA: *Saudade. Tristeza.*

Sessão 17 – 29/08/2013

Estavam presentes: MA, HI, MO, LU e AN.

[?]: dia 29

[MO cantando, som de violão, música do Legião Urbana “Tempo Perdido”]

[risos]

MO: Pode continuar?

Alguém: Pode

[Legião Urbana “Tempo Perdido”]

MO: (complementando a música) Aonde? Só vocês!

[termina a música]

MO: Ah! [risos] Chega aí RO(?).

[conversas incompreensíveis]

P: Pois é. Como vocês estão?

[som de cuco, risos]

[?]: É o despertador

P: Você tá bem AN?

AN: De um dia pro outro

P: nossa, é horrível né! E você MO, tá bem?

MO: Tô bem,

P: Então tá pessoal, então eu vou começar, o HI falou que vinha, acho que uma hora ele chega. Então, bom, hoje é nosso último dia né, vocês sabem, e aí eu queria saber de vocês, o que vocês queriam fazer no último dia.

[?]: Comer bolo

[?]: Tomar um refrigerante [risos]

P: Ixe, [risos] Podia ter feito, é se tivesse pensado isso na última sessão, aí... só pra antes que eu esqueça, semana que vem, nos mesmos horários daquelas sessões eu vou fazer as entrevistas com vocês

[?]: Na terça ou na quinta?

P: Na terça e na quinta. Então eu até queria ver com vocês...Oi HI!...até queria ver com vocês que dia fica melhor pra assim, por exemplo, como eu não vou conseguir fazer com todo mundo ao mesmo dia, aí a gente pode marcar assim, ‘aí eu prefiro vir na terça’, ‘eu prefiro vir na quinta’ aí já ficam liberados do outro dia, quem prefere na terça e quem prefere na quinta?

LU: Prefiro na terça

P: LU;

MO: A semana inteira que tem entrevista P?

P: Só terça e quinta

MO: Só terça e quinta, aí sim, daí eu (?) pra se ver

P: Aliás, a gente pode se ver na vida né!

[?]: Na vida também, (?)

P: Mariana

[?]: Ah, Mariana também, então tem duas Marianas aqui, a professora de literatura,

P: Na terça MA?

[?]: Eu não conhecia esse grupo

MO: Terça feira pra mim também P

P: Terça MO. Quem mais?

[?]: Pode ser terça

P: Terça? Tá, então acho que vou deixar o resto pra quinta, porque talvez terça, quatro, já dá, se bem que a gente tá em 12, então 6 e 6 né. HI, você prefere na terça ou na quinta? Pra ser semana que vem...

HI: Qualquer dia

P: Qualquer dia? Então assim vou te colocar na quinta tá? Mas assim, também se der tempo se eu estiver por aí você me vê (?) só pra e daí se vocês encontrarem o resto do pessoal que tá participando do grupo vocês avisam eles? Que aí terça e quinta, que eu preciso fazer estas entrevistas com eles. Mas, bom, pessoal, eu vou começar já falando, pra não correr o risco de não dar tempo, que foi muito bom, muito bom estar aqui com vocês, vocês são pessoas super especiais, que eu fiquei muito, muito contente de estar junto estes dois meses, eu me diverti muito! Até se quiserem ouvir as gravações, se quiserem ouvir algum dia, vocês vão ver que tem muitos momentos que a gente dá muita risada, ouvindo eu fiquei lembrando, dando risada em casa, junto,

MO: Ah, desculpa te interromper, mas assim, eu queria saber isso vai direto pra internet não, né?

P: Não, pra internet não né, sacanagem colocar na internet!

MO: E se a gente quiser ouvir?

P: Não, posso, posso gravar pra vocês, ou mostrar pra vocês no dia da entrevista, e até, outra coisa, eu tô com vontade de depois que eu escrever eu voltar e ler junto com vocês pra ver se vocês concordam com o que eu escrevi, né, dar o feedback de vocês. E vocês tem o direito de ler o trabalho, né. Então assim, eu vou deixar aqui no CAPS a informação do dia que eu for apresentar o trabalho, até se vocês quiserem ver, vocês são super convidados,

[?]: E onde você vai apresentar o trabalho?

P: Na Federal. Vai demorar um pouco ainda, tipo lá por março, tem que escrever agora. Mas, tem, naquela folhinha que eu vou pedir pra vocês assinarem lá nas entrevistas, tem meu contato, meu telefone, meu e-mail, até se vocês podem me mandar um e-mail, ah, alguma coisa, eu aviso vocês por e-mail também ou telefone, pra contar do trabalho e tal, porque vocês são grande parte deste trabalho né.

MO: Eu tenho um radinho aqui P. e meu radinho tem entrada pra pen-drive,

P: Tem mesmo?

MO: Será que dá?

P: Ah, eu posso trazer daí num pen drive, mas aí tem que ver o quanto de memória que tem né

MO: Eu não sei, mas tem um lugarzinho aqui escrito USB e e outro Tfcad

P: Você quer ter esse material MO, quer escutar todo ele?

MO: É, eu quero saber quanto que vai custar né

P: Não! Não custa nada

MO: Então, pô queria ouvir eu falando e tal

P: é, mas então você quer que eu grave num CD pra você escutar em casa,

MO: Não, CD não dá, tem que ser aqui ô. É o seguinte ó, presta atenção,

[?]: Na verdade tem que salvar num pen-drive, pode ser num CD, você pede pra alguém salvar num cartão de memória, que é esse, é pra um cartão de memória

MO: Ó, P. eu to querendo já comprar um pen-drive, um com música por causa dos roscks que eu gosto. E daí não dá pra por isso aí junto com o pen-drive. Tipo, agora acabou a música ali do ACDC e já aparece ali eu falando aqui, só pra ter gravado.

P: Pode ser, mas aí é a sessão inteira, a sessão inteira

MO: Ah, então eu posso comprar meu pen-drive então?

P: Pode, daí no dia eu trago o meu computador e te dou. Se bem que sabe, eu tava pensando agora

MO: (?)

P: O que eu tava pensando agora MO é o seguinte, o problema disso, tô pensando as implicações éticas agora, o problema disso é que não tá só você gravado, entende? Aí eu não posso gravar em algum lugar pra você e deixar você com esse material

MO: Ah, então vamo deixa pra lá

P: Faz assim, eu trago no dia e você escuta no dia tá.

MO: Semana que vem já?

P: É. Nem que eu deixe com você enquanto eu faço as outras entrevistas e você vai escutando quantas vezes você quiser, o tanto que quiser, tá bom?

MO: Tranquilo

[?]: Desculpa P, você faz faculdade, pela Federal no caso?

P: É, eu faço mestrado na Federal

[?]: é, que matéria?

P: Mestrado em Psicologia

[?]: Psicologia?

P: Mas eu sou musicoterapeuta e psicóloga

[?]: Ah...eu achava que a musicoterapia era aquela da K., e é também, mas eu só participei duas vezes da K. e nunca vi isso tudo, eu achei muito bacana, muito interessante, e daí eu tava indo pro artesanato, achei interessante e resolvi entrar aqui e ver.

P: Aham. Então pessoal, eu tô pensando aqui agora, tô pensando aqui agora e quando a gente faz uma pesquisa sempre tem aspectos éticos que a gente tem que seguir né. E, pra participar da pesquisa, tem que assinar todo um termo, então tô preocupada de vocês estarem aqui pela gravação

[?]: Ah, tá!

P: Sabe?

[?]: Uhum, tá, tá sendo gravado.

P: É, então assim, todo mundo que é gravado tem que assinar um termo e tal, então estou pensando que talvez seja antiético, pra vocês mesmo, estarem aqui sabe.

[?]: hm.

P: Vocês, é...

[?]: Não, nós não nos incomodamos. Quer, não, vaamos lá na, na terapia pra deixar o pessoal mais a vontade? Até porque...

P: Que pena, que pena assim que vocês não puderam participar desde o começo!

[?]: Eu não conhecia, não conhecia mesmo outro, é um trabalho pra faculdade né

MO: P. mas eles podem ficar aí não podem?

P: Ai, então, acho que não MO, por causa da pesquisa

[?]: Por causa da pesquisa que ela tem feito

P: É porque na verdade tem a questão de gravar

[?]: é, desculpa

P: Não! Desculpa eu, gente eu adoraria ter vocês no grupo sem ter essas picuinhas no grupo assim sabe,

[?]: Não, imagina.

[eles saem]

P: Ai é uma pena, eu fico com dó mesmo das pessoas não poderem assim participar. Mas é que eles pegam no pé mesmo.

MO: (?)

P: Da prefeitura

MO: Da prefeitura...

P: É, bom, acontece. Então é isso, eu queria falar pra vocês, só, muito obrigada por vocês estarem aqui, por terem participado, me ajudou muito, e eu fiquei muito feliz de estar com vocês aqui, foi bem legal...conhecer vocês. [pausa] Então, vamos pra música?

MO: É, então posso correr aqui, eu preciso dar um recado ali na secretaria

P: Vai lá, vai lá, vai lá!

MO: Um minutinho só

P: Uhum

[MO sai]

P: Tem alguma música que, ou algum instrumento, ou uma atividade que a gente fez, que vocês ficaram com vontade de fazer denovo, ou alguma música enfim, tem alguma coisa que vocês queiram fazer, porque, assim, tem que aproveitar que é o último dia né!

MA: Ai, eu...eu queria que fosse mais tempo

P: [ri] É, você tava gostando MA? Ah, que bom, que bom, fico feliz, pena que assim tenha um período curto né, dois meses, mais com os dias de frio que teve né,

MA: É que ontem ainda tava lendo lá, que meu marido trabalha no Pequeno Príncipe né, ele é segurança lá, e ele participa do Coral, do Pequeno Príncipe, e lá teve uma matéria até, ele falo da matéria e disse que assim, a música é boa até pra oxigenar o sangue, pra um monte de coisa assim, porque, na música você consegue se concentrar na música né, então que nem, as vezes a gente tá fazendo alguma coisa, mas a cabeça tá em outra coisa né, e nã música, é mais fácil você se concentrar na música né, e não pensar tanto em, em coisa ruim

P: Aham, é verdade, é um bom ponto mesmo.

MA: (?)

P: É?

MA: É fiz ressonância ontem e tive que ficar quase duas horas deitada assim

P: Nossa, 2 horas!

MA: Porque eu tava com muita caimbra né, muita caimbra aqui na coluna, aí eu me mexia e (?), então eu fiz duas ressonâncias da coluna cervical e dorsal e fiquei

P: Imagine! 2 horas deitada, parada ainda né, você não pode, ai, que dó

MA: Não pode ser mexer

P: É, não pode se mexer nada, nada. Alguém tem algum pedido, AN, você quer pedir alguma música?

AN: Sérgio Reis, aquela,(?)

[barulho mexendo em coisas]

[?]: Você sempre anda com tudo isso?

P: É, quando eu vou atender eu sempre levo. Vê esse, o que você acha AN? Começa aqui e daí vai vai.

AN: Eu não enxergo

P: ô, tem “Menino da Porteira”, “Chico mineiro”, aí tem

AN: Essa aqui

P: “Chico Mineiro”? Vamo lá então? Se alguém quiser tocar um instrumento junto pode ficar a vontade tá? Quer (?), se bem que você disse que tá ruim de olhar né, bem.

[começa o violão, P canta]

MO: [entra] Vou fazer o solinho

[percussão entra, parecem clavas]

MO: Aham! [pigarra] Agora, vamos cantar aquela. (?)

P: Quer pedir uma? Pode pedir

MO: Pedir uma, “Let Be”

P: Você toca aí?

MO: Eu vou tocar aqui

P: Pode ser, o pessoal aí, vocês não querem tocar junto?

MO: ô! Você (?) pra mim?

P: Ah, pode ser

[som do violão]

MO: Ah, P, rápida e precisa. Então vamo lá

[MO começa a tocar e para]

MO: Capricha P aí no, como é que se diz, aí no, na percussão

P: Tá. Pessoal, não querem acompanhar mesmo? [violão começa] Não querem não?

[MO toca]

MO: E agora? [continua a cantar]

[termina]

MO: All right!

[?]: Canta MO aquela que fala do “i wish you were here”

MO: Pink Floyd! Vou tocar “I wish you were here”. Não gosto muito dessa música entende, que eu não sei a tradução dela, não sei a tradução dela mas tem uma parte que ele fala “Heaven from hell”, tipo do céu para o inferno então,

P: Eh....será que é isso? Pode ser e pode ser que não seja

[MO começa a tocar violão e cantar, P na percussão]

[termina a música, risos]

MO: Ai a cara da P

[?]: Você canta bem uma do (?)

MO: Led Zeppelin, Led Zeppelin, mas essa (?) [dedilha a música já tocada em outra sessão]. Mas a P não desce a paulera ali!

P: Mas, não tava alto o suficiente? Sério? Você quer mais alto?

[MO começa a tocar “stairway to heaven”]

MO:Eu não sei acertar essa oitava certa [sem parar de tocar]

...

MO: Thank you!

[risos]

MO: Fala uma agora que você goste aí P

P: uma que eu goste?

MO: Assim de tocar, internacional

P: HI, você quer pedir uma? Já que é o último dia?

MO[?]: Elvis Presley

HI: Vê essa uma do Elvis então

MO: do Elvis

P: Qual delas você gosta?

MO: Pra acabar

P: Pera aí, pera aí. Qual do Elvis você quer HI?

HI: Da mamãe

MO: Da mamãe? Qual que é da mamãe? [Canta “Always on my mind” Elvis Presley]

[som do violão]

P: Se quiser cantar HI!

HI: (?)

P: É que a sua voz é muito bonita por isso que eu pedi

HI: (?)

[violão, MO cantando]

MO: Ela tem aqui P?

P: Mas você tava indo bem MO

MO: Ah, mas essa é a nossa festinha que nós vamos fazer para a tua despedida, ô, festinha no sentido, mais, mais, mais,mais, mais ,saudoso. Saudoso é que fala?

P: Pode ser aham

MO: Não, não é saudoso, saudoso é pra quem morre né? Mais nostálgico

P: Não, saudoso é de saudade né

MO: Hey jude. Não, não dá, eu não quero atrapalhar a sua aula aí P, eu quero que você dê a sua aula e

P: Ué, mas essa é a minha aula, que não é bem aula né, mas (?) Achou aí?

MO: Quer pedir alguma música LU?

P: Ué, mas toca a do HI primeiro, aí depois a gente pede pra LU e vai indo assim com as outras. Mas tava bom como você tava tocando MO

MO: Mas é que eu fico assim, e derrepente

P: Eu seu que a do Elvis tava todas juntas tá

MO: Todas juntas? E será que tem essa?

P: Não sei, eu achei

MO: Não então vou tocar uma do Nazareth então

P: Não, toca a que o HI pediu MO

MO: Mas aqui não tem Elvis P.

P: Mas você não consegue tocar do jeito que você estava tocando?

MO: Ah, mas daí fica muito no improviso ne (?)
P: Tá, então vou tentar tocar
MO: Então toque
P: Não, eu não consigo [riso]
MO: Claro que você consegue
P: Mas do Always eu não consigo
MO: Always é o que pra sempre P?
P: Ô MO, toca por favor
MO: Eita, que eu vou tocar
P: Eu não consigo tocar essa
MO: [rindo] (?) [Lê as músicas do The Beatles]
P: MO, manda ver aquela lá então
MO: Qual?
P: Always on my mind
MO: [ri] Então vamo lá então, no improviso
P: Isso! Vamo no improviso
MO: [ri e começa a tocar, cantar] Baby!
P: Muito bem!
[risos]
MO: E agora, e agora, mais uma (?)
P: LU pediu? LU não pediu uma ainda né?
LU: Qual, Raul Seixas, (?)
MO: Raul Seixas [começa a tocar]
P: Espera aí, deixa ela escolher
LU: Mas eu disse que não sei o nome
P: Ah é? Ah, então tá bom
[MO começa a tocar “Maluco Beleza”, procura o tom]
P: Acho que era ré mesmo
MO: Ah, é?
[MO toca “Maluco Beleza”, decantação melódica no final e improviso harmônico no violão]
P: Ah Ê!
MO: Agora acabou
P: Acabou o quê?
MO: Acabou o repertório
P: Ah, o repertório, ainda bem (?) Quer pedir uma, você tá procurando aí MA?
MA: Aquela, sabe cantar da Paula Fernandes?
MO: Eu não conheço, Paula Fernandes
P: Como que é o nome da...
MA: Não sei como é que é o nome
[MO dedilha o violão enquanto P e MA dialogam]
MO: Por que você não bate aqui nesse aqui ô!?
P: Pandeiro, você diz?
MO: É...
P: Posso até (?)
MO: “Knockin’ on Heaven’s Door” [anuncia a música]
[MO toca no violão a música do Guns an Roses, P toca pandeiro; com um ralentando MO termina a música com improvisações vocais]
MO: [ri] Ficou muito louco heim P!
P: Pois é
[?]: (?)
P: Gente, deixa eu perguntar uma coisa pra vocês. Eu tava conversando com a equipe, tal, pra pensar que atividade colocar pra você nesse horário né, de terça e quinta, e daí eu comentei que eu achava interessante que eles fizessem uma atividade que vocês continuassem juntos assim, né enfim, porque o grupo se conheceu e acabou tendo um carinho um pelo o outro né, pelo menos do que eu vi entre vocês né, e eu queria saber o que vocês acham disso, pra vocês, até pra eu...

MO: Então você disse que não vai ser você

P: [ri] (?)

MO: Você é maravilhosa, você é uma pessoa

[?]: Então fica uma semana de folga e depois volta?

P: Eu?

[?]: É

P: [ri] não, na verdade não vai ter nem a folga né que eu (?)

MO: [interrompe mais alto] Ah! Mas me conte uma coisa aqui. Aqui quando você sair daqui, vai ficar sem musicoterapeuta ou não?

P: Tem a K. né, mas ela só atende na segunda [pausa] na Musicoterapia

MO: A K. ela pega esse violão, ela toca e vai, ela faz igual você faz assim, tipo?

P: Não, ela, a atividade dela é um pouco diferente mas, eu não sei se totalmente diferente

MO: O negócio dela é mais tipo um baião que eu já vi

P: Não, não sei MO, não sei se tem um estilo assim, enfim, eu não posso garantir...

MO: E onde está a K. que eu não vejo mais a K.

P: Não sei, ela vem segunda. Eu...

MO: Só segunda feira?! De manhã?

P: De manhã. Ah ela vem de tarde né, daí não sei. Mas eu queria ouvir de vocês, o que que vocês, até pra levar pra eles assim o que vocês gostariam assim de, de ter nesse horário, terça e quinta, ou uma coisa na terça, outra na quinta. O quê que vocês sentem vontade assim...?

MO: Ah, uma coisa que tivesse a ver com música né Mariana.

P: Você gostaria que tivesse a ver com música?

MO: Música né, é boa a música né, a música é ela é tem tudo a ver né.

MA: Mas a música cantada assim, tipo, entendeu? Não...

P: Como, como que seria diferente?

MA: Mais ou menos assim que nem a gente faz.

P: Aham. Mas assim, mas o que você não queria?

MA: Ah, ficar muito conversando.

P: Ah, entendi, entendi, não mas assim que digamos você falou: “Ah, mais música cantada assim”, você diz em oposição a o que, a conversa ou a outro tipo de música?

MO: (?) [fala no telefone]

[risos]

MO: Meu celular tocou aqui agora

[risos]

P: Hãh?

MA: Ah, acho que mais assim que nem a gente toca instrumento, nesse nível.

[som do rádio]

P: Ô MO!

MO: Hum?

P: Você pode não ligar o rádio agora?

MA: Vai gravar!

MO: Ah?! [risos] Ô MO! [ri] Amém Jesus, sim, claro

P: [ri] Não, sabe porquê? Porque aí tipo assim, eu tô escutando a MA falar e tá uma rádio no fundo e eu me desconcentro. [pausa] É...o que mais? HI o que você gostaria de fazer terça e quinta?

MO: Esse (?) vagabundo. Esse cara eu vou te contar

P: Han?

MO: Vendeu um sapato pra mim tudo arrebitado, ele me deu um sapato tava novinho, (?) Ele falou: “ô, tá novinho”, peguei olhei “Tá novinho, quanto você quer?” eu falei, ele falou, “eu quero trintão”, eu comprei, comprei um tênis pô bonito assim, com uma aranha assim e pá. Cara! Quando eu pus o tênis, o pe abriu na primeira (?) Fez assim ô... Agora eu mandei colar, mandei colar, o cara me cobrou deizão, vou pagar deixão pro cara, e eu tenho que dar mais trintão pra ele HI: Dá vinte (?)

MO: Ah nem, nem vintão não dá HI

P: Ô gente! Depois vocês discutem esse negócio...

MO: [para HI] Se você visse o jeito que ele abriu, mas abriu tudo eu pus ele no pé e puxa, comprei, comprei desse aqui tal, coloquei no pé, saí. Quando fui na esquina de casa, e voltei, eu puxa mas tem um negócio batendo aqui, quaaando eu olhei fui, eu falei “o que é isso aqui?”, eu puxei assim e fez isso aqui assim...peguei o outro, e agora, e puxa acho que agora o outro também não, peguei o outro olhei e fez assim. Aí, levei pro cara concertar perto de casa e falei, “Gabriel, quanto você cobra pra colar esse tênis aqui?”, “Não dá pra colar esse tênis aqui, esse tem que jogar fora!”, eu falei, “Não dá pra você costurar ele aqui e botar uma costura de cera que vocês fazem aqui, ele falou “Não cara, é que ele descolou a borracha da borracha, não tem jeito” ele falou, “ô! Vou cobrar deizão pra colar pra você”, colou, e eu só pus no pé denovo, fui pra igreja e quando cheguei em casa aqui assim fez assim ó.

P: Tá bom, daí depois você se acertam [ri] Que eu não sei do negócio se (?), eu queria saber...

MO: E o pior HI é que eu gostei do tênis, o pior é que eu gostei do tênis. Eu não tinha quase sapato pra mim, (?). Eu gostei do tênis, mas pô, vou ter que pagar e...

P: MO, deixa só eu ouvir o HI, é, o que que o HI quer fazer na terça e quinta e tal, e aí eu vou escutando cada um pra dar o feedback pra equipe. HI, o que você gostaria de fazer terça e quinta? [silêncio] [som de conversas no corredor]

HI: Ficar aqui.

P: Ficar aqui, como assim?

HI: Escuta vocês cantando.

P: Ah! Na música. Você quer alguma coisa com música, é isso?

HI: Uhum

P: AN, o que você gostaria que o pessoal fizesse na terça e quinta aqui, pra vocês?

[silêncio]

MO: AN, bonito esse nome né? [fala baixinho]

P: Diz pra mim. E você gostou da música no fim das contas? É que um dia você disse que deixava você meio triste

AN: Então, agora tá gostando

P: É mesmo AN?! [ri] Olhe só! Tá bom, música então? (?) Quero saber agora, e você LU? O que que você...

LU: Pra ser uma outra pessoa música, pra ser uma outra música... pra ter uma outra pessoa... ninguém é igual a ninguém, a outra pessoa que vir vai ser diferente de você. O único problema assim é que a pessoa tem que ser como você, extrovertida, você sempre tá pedindo pra gente interagir no meio. Por exemplo, terça-feira eu fui dormir, pedi pra ir pra outra (incompreensível) entendeu. Acho que você tem que passar mais esse lado, pra, pra não sei pra quem lá de cima

P: Do que assim?

LU: Pra pessoa ser extrovertida. Os outros ficam muito quietos.

P: Entendi, ter um terapeuta que ajuda...

LU: Daí tem não sei se o professor ou professora, que seja, que são quietos, só passam ali [incompreensível] e ficam na deles, não passa assim aquele astral que você passa pra gente de alegria. Mas poderia ser a música mesmo.

P: Tá...Então tá gente. Vou ver o que que dá pra fazer assim, não...

MO: Ô P, você (?) não querendo ser bisbilhoteiro?

P: Não, não muito. Porquê?

MO: Não, nada, nada, só pra saber se (?) aqui [pigarra]

MA: Ih, você perguntou pro MO o que ele queria?

P: [ri] queria o quê?

MA: A música

P: Ah! Ele falou que queria a música né, MO?

MO: É, mas só a pessoa que viesse t, né, é, né, lidar com música.

MA: Uma pessoa ativa que nem você assim, entendeu?

P: Uhum, tá.

LU: Porque uma pessoa desagradável não sabe, a pessoa nem vai querer ficar aqui.

[risos]

MO: Tinha uma velhinha, que assim, (?) né, mas uma velhinha que aqui é, ô o seguinte, agora eu vou mostrar pra vocês

P: Não, acho que velhinha...

MO: Né!

P: Mas assim, é...o que que eu ia falar? Mas assim, um feedback que eu do então pra vocês que tão falando assim que gostam de, gostariam de alguém ativo, e que chamasse vocês e tal, eu, então o que eu falo pra vocês é o seguinte, vocês já tão assim, já tão interagindo, já tão fazendo isso, já tão, entende?

MO: Já foram [?] pela música né?

P: Então assim, mesmo que seja uma pessoa mais tímida que venha, e eu não sei se a pessoa vai fazer música ou não, tipo, não se esqueçam disso que vocês conquistaram, que foi conseguir interagir, conseguir conversar um com o outro, pedir música um pro outro, pô, pelo menos agora vocês sabem os seus nomes, do seus colegas, no começo nem isso né sabia! Então, assim, isso é uma conquista de vocês. Então, independente de quem vier aqui, isso de vocês prevalece né. E esse, esse momento de descontração com música vocês podem ter em qualquer lugar né, vocês podem pedir, “ah! S., pega lá o violão pra gente?”, pega lá! Vocês vão ali no sol, pega lá, pede música pro MO, pede música pro WO

MA: E eu queria assim que nem aqui assim, queria ser fora daqui, porque fora daqui eu não consigo.

P: Como assim? O que que você não consegue fora daqui?

MA: Sair de casa assim pra ir em algum lugar que tenha música, que tenha pessoas assim, porque meu corpo assim é quando eu for sair de casa assim vamos supor, ah tem um aniversário do meu sobrinho, é amanhã...de noite já começo a ter vômito, já começo a ter diarreia, já começo a ter ansiedade. Então é, fora eu não consigo. Aqui eu to assim conseguindo, porque assim, porque eu sei que se eu tiver fixo aqui, eu sei que as pessoas vão entender e lá fora eu não sei se elas vão entender, também não sei qual vai ser a reação né, de agredir ou alguma coisa

P: Dá um certo medo?

MA: Aham. Certo medo não, totalmente.

[MO, P e MA falam juntos, incompreensível]

MO: Aonde vocês compram esse cachecolzinho?

MA: Esse daqui eu fiz!

P: Ah! Você faz é?

MA: Eu fiz ano passado, é, ano passado

MO: Mas todo mundo que tá usando assim, é, faz em casa?

P: Não, não. As vezes compra né.

MA: Compra...Eu aprendi esse aqui lá no Bom Retiro.

P: Hm, legal, nossa, bem bonito mesmo

MO: Mas essas bolinhas, você que faz essas bolinha?

MA: Não, é uma lâ que vem com as bolinha já aí é só,

MO: Costurar uma bolinha na outra

MA: Isso, só que eu não lembro, tem muita coisa assim, que eu não sei se é por causa dos remédios que a gente toma assim

MO: Você não perdeu uma agulha ontem aí, aqui não?

MA: Não

MO: Não? Ontem eu encontrei uma agulha aqui no chão, acho que de uma japonesa, sabe de uma japonesa que tava fazendo tratamento aí? Eu peguei e daí o rapaz...

MA: Ah, ela sempre faz crochê

MO: Ela faz?! Ah, então deve ter sido ela mesmo

MA: Então, tem muita coisa assim que a gente faz e a gente esquece, eu não sei assim... medicação né

P: Pode ser, pode ser

MA: O rivotril aí

P: As vezes quando tá uma dose meio alta, é pode ser, pode ser

MA: É uma salvação, eu sem o rivotril eu não... sou, sou rivotréia

[risos]

P: E, mas assim, sabe, eu tenho pensado muito nisso sabe, de, lugares assim, fora do CAPS né, em que as pessoas possam continuar uma atividade juntas né, parece que isso é uma coisa tipo,

seria muito interessante né. Tem os Centros de Convivência né que vão começar a inaugurar, tá previsto assim, como a Unidade Básica, o CAPS, o Centro de Convivência, que é um centro onde eles oferecem oficinas, um lugar pra tipo assim, conviver mesmo sabe, e é um lugar mais acolhedor que daí as vezes você tá com medo que as outras pessoas não entendem muito né, mas o Centro de Convivência é um lugar mais acolhedor assim, onde tem profissionais que assim, enfim, entendem as patologias, e tem pessoas que também que não, que são assim, donas de casa que não tem o que fazer e vão fazer uma oficina, vão aprender a costurar, eu acho um lugar muito bacana, mas ainda não tem, eles estão abrindo assim

MA: É isso assim que devia ter, pra gente sair assim daqui e daí pra um lugar assim, pra poder,

P: E assim, pra ter digamos assim, você toca tua vida mas tem ali, duas vezes por semana você vai...

HI: (?)

P: Ai desculpa!

MO: Que horas são agora?

HI: 11h30 quase

P: É, 11h30. Eu já vou dar o caderno rapidinho

HI: É 11 e (?) que passa ali

P: Dá tempo de você,

HI: Que horas são agora?

P: é, 11h20

HI: Dá tempo

P: Nossa, a RO desapareceu né.

[som de objetos e silêncio]

[?]: Valeu

P: Aqui, MA.

MO: Ah, então semana que vem você ainda tá aí né P?

P: É, eu vou tar, só que assim, individual com vocês né, então assim não vai ter mais a sessão assim né. Hoje é dia vinte...hoje é 29 será?

MO: 29 hoje né!

P: Acho que é.

[silêncio]

P: Mas eu vou pensar nisso tudo que vocês falaram aí, e vou conversar com o pessoal tá? Ai HI, esqueci do, esqueci de tudo,[risos]

HI: Nossa! Não tá (?)

P: É né!

[silêncio]

P: Então, com o que que você sai daqui hoje HI?

HI: Saio daqui...saio daqui, é...saio daqui dizendo pra você, desejando pra você que você tenha um bom final de semana, e que Deus te abençoe e que você

MA: Posso colocar ali? Tchau! Ate terça né?

P: Até

HI: E que eu gostei um monte de você aqui né de (a liturgia aí?) e você foi muito (?) sabe, com nós aqui, que Deus abençoe você, dê saúde pra você com tuas força aí

P: [ri] Ah, obrigada

HI: E que você ganhe muitos anos de vida, que Deus abençoe todos nós que tamo aqui dentro da sala

P: É, verdade

HI: Tá, e fico muito grato da música, que MO cantou pra mim do Elvis Presley pra mim, que eu fiquei muito alegre cantando a música

P: Eu vi! Você tava com um sorriso, tão bom te ver sorrindo

HI: Aquela da mamãe lá, muito bonito sabe, muito lindo, muito bonito faz tempo que (?) até ia pedir pra você conseguir um CD com umas músicas pra mim

P: Tchau LU...Pois é! Ai, pede pro seu irmão lá, né, não deve ser caro não

HI: Que é tão bonita essa música sabe, das mãezinha (?) pra mim. Mas é isso, aí tá? Tchau, fica com Deus

P: Tchau HI! Até terça então, terça ou quinta a gente se vê, tá bom?
 HI: Aham, eu vou conversar com o médico então (?) me internar né
 P: Porquê?
 HI: (?) das pedra né,
 P: Ah, você descobriu o que que tem?
 HI: De pedra
 P: Ah, não sabia!
 HI: Desse tamanho
 P: Tchau AN! Até terça
 HI: Dava uma mancha preta assim
 P: Meu Deus, então pedra na vesícula que você tem?
 HI: (?) Pela tv, ele mostrou, que eu deitei na cama e ele mostrou pela
 P: E daí? Vai ter que operar e tirar a vesícula?
 HI: Ele falou ó HI, essa fumaça preta, isso aqui é tudo da vesícula, pedra, tá um cau de pedra
 P: Meu Deus HI!
 HI: E aí só (?)
 MO: Tchau P!
 P: Tchau MO, até terça
 MO: Pode por junto com esse aqui?
 P: Pode, claro
 HI: (?)
 P: Mas, semana que vem você ainda vai tar aqui né HI?
 HI: Deus que sabe né
 P: Ah, tá, mas a princípio sim né?
 HI: Se Deus quiser eu tô aqui
 P: A então tá bom, tchau pessoal, até terça
 HI: (?)
 P: Tá bom
 MO: Tchau P!
 P: Tchau!
 MO: [lá fora] Essa aí foi boa heim...

CADERNO DE ANOTAÇÕES DOS PARTICIPANTES

MO: *Frase: Conquistar o nosso objetivo na vida de forma digna e interligente. Palavra: União alegria fé no Senhor Jesus Cristo.*

MA: *Muito bom cantar e ouvir as músicas. Ambiente com muita paz. Calma e alegre.*

AN: *Saudade. Chico Mineiro.*

HI: *Desejando que você tenha um bom final de semana que Deus te abençoe. Fico grato com a música do Elvis.*

LU: *Hoje o silêncio vai falar pormi, Beijos Mariana da LU.*

ANEXO 8 - Conversa a respeito do estigma de ser uma “doente mental”

E: Continuação da entrevista com a ZI, número 3 (risos). Você pode me falar isso que você me falou de novo? O porquê é difícil para você estar aqui no CAPS.

ZI: É porque eu, acho que eu não sou doente, eu acho que eu tenho problema emocional, que me abalaram bastante, com tristeza, sentimentos que fazem com que eu fique transtornada, mas não que eu seja uma pessoa doente, mas os médicos, eles acham que não, que eu sou doente, que dependo do remédio, e eu precisaria de um, eu acho que de uma ajuda mais assim psicológica, do que medicamento...

E: Uhum, então para você o que é difícil mais é...

ZI: Aceitar que eu sou doente!

E: Entendi...

ZI: Eu acho que doente, doente e doente seria se eu ficasse de cama, então eu acho que seria uma (...) a doença.

E: Então ZI, e se você entendesse isso como um momento difícil que você está vivendo, onde as questões são seus sentimentos, que são muito tristes, enfim muito dolorosos como você me falou, e que o enfoque que você tem aqui, isso é uma coisa que já te falei, é na tua saúde, e como lidar com essa dor que é tua né, e que é devido à coisas que aconteceram na vida de fato né...e o remédio seria mais uma dessas coisas.

ZI : Eu acho que o remédio ele ...dopa!

E: Entendi... você se sente dopada?

ZI: Ele amortece né, ele deixa a gente sem ação, as vezes agressivo né... eu acho que depois que eu comecei o tratamento, eu fiquei mais agressiva, eu as vezes acho que perco o controle (...)

E: Entendi...quando você começou o medicamento né?

ZI: Sim, e antes não, eu tinha o controle de tudo, eu conseguia administrar a própria (...) hoje eu já tenho que depender do meu pai, então para mim é difícil, porque...quando os médicos acham que eu to doente, o meu pai também acha que eu to, e minha filha também, então aí eu fico na mão deles, daí é difícil, é difícil porque eu sempre fui determinada (...), eu já tenho 46 anos, então para mim hoje ser tratada como uma pessoa que tem que, que não posso dirigir, sair, porque se eu saio eu tenho medo de me descontrolar com uma pessoa, de alguém me machucar, então é isso que eu não consigo entender, o porquê que está acontecendo esta situação comigo, esse descontrole do meu próprio ser, que eu não tinha isso! Eu to achando que é do medicamento que eu to tomando, que tem me deixado assim, uma pessoa, não gosto nem de falar, mas até meio louca, que me deixa assim, me comporta como uma pessoa louca, que não tem controle, e eu acho que isso tem me deixado muito mais triste...

E: Entendi...

ZI: Porque eu não agia assim... depois que eu comecei esse negócio de pressão, eu to vendo que eu tô cada dia pior...

E: Uhum...

ZI: Porque tá me pressionando demais, eu não sei...

E: Tudo meio misturado né? Entendi. Você já falou disso com o seu médico? A respeito do medicamento específico...

ZI: Não, eu só falei para ele, que queria saber quando tempo...que eu ia ficar assim, e ele falou que não sabia.

E: Uhum, mas talvez ZI seja importante você falar tudo isso que você falou para mim para ele sabe, porque eu to vendo que você está com uma preocupação com relação ao seu medicamento, apesar que tem várias coisas aí que estão te preocupando, o fato da sua família que ta achando que você tem uma doença, enfim, que você é louca agora porque está vindo no CAPS, isso é um estigma que todo mundo passa aqui, acho que você já

deve ter ouvido isso de outras pessoas né?! Então você podia falar, tem muita coisa né, no que você tá me falando, tem muitas coisas que estão te machucando, mas se o medicamento é uma coisa que está te deixando preocupada, que está fazendo você questionar se é o medicamento que tá te deixando pior, ou se é o seu sofrimento que está piorando né...

ZI: Eu não sei, porque eu na verdade, eu não consigo ficar sem remédio.

E: Uhum...

ZI: Com os medicamentos já está sendo difícil para que eu me controle, e se eu ficar sem eles é pior!

E: É pior então você acha! Então talvez esse comportamento mais agressivo não seja do medicamento, talvez seja teu mesmo né, desse momento talvez.

ZI: Não sei... Não sei porque que tá assim!

E: Pois é... Talvez então isso seja legal para você conversar com o seu médico, pois as vezes é um efeito colateral, aí você já sabe, to tendo esse efeito colateral né, que daí ele pode mudar, ou ele pode falar “ não isso não é efeito colateral”, alguma coisa tua tá querendo sair para fora, e talvez seja através da agressividade, mas isso são coisas que você pode tentar entender junto com o seu médico, do medicamento, e com o seu terapeuta você pode tentar entender outras questões também, da sua família, e tal...

ZI: Sim, eu vou conversar com ele, e já pedi uma consulta com ele, porque eu fui pegar o histórico do meu psiquiatra que eu tinha pelo convênio, que ele me consultou né, e ele falou para mim que tudo que eu conversei com ele era para falar para o meu médico...

E: É então, legal! Acho que você tá precisando colocar essas coisas até para o seu médico, para ele saber o que está acontecendo com você né!

ZI: Eu falei que ele vai me internar né, (...) não sei.

E: É, eu acho que você tem que falar mesmo ZI, porque senão você vai ficar com tudo isso aí dentro de você, não sabe muito bem se é o remédio ou não é né, então joga limpo, eu acho que é importante mesmo né...

ZI: Eu já pedi uma consulta com ele

E: Ah legal...

ZI: (...) para mim falar com ele...

E: Uhum, mas é, eu concordo com você, que é muito difícil esse estigma né, esse peso de “eu estou indo para um CAPS”, apesar de que quando você tá aqui, você tá vendo que não é nada disso que o povo pensa, não é nada disso..

ZI: Não né...

E: Mas o povo tem sim preconceito mesmo, e infelizmente, as vezes você tem que arcar com esse preço né...

ZI: É... o CAPS é um meio assim, que a gente consiga lidar com a situação, agora o hospital, eu acho que o hospital para mim foi o (...), ali eu acho que ali pra mim foi assim, eu me senti ali uma pessoa louca, louca assim, e totalmente (...), eu vivia mais contida do que acordada, eu me desesperava, e eu acho que hospital não é bom para ninguém... Porque ali você vê muito coisa, que você diz “ o que que eu tô fazendo aqui, eu não sou assim”...

E: Entendi...

ZI: Eu não tô elucidando esse ponto, que você vê as pessoas comendo suas próprias fezes...

E: Claro, tem situações piores...

ZI: ...raspando a ferida e comendo sabe, então... eu achei sinceramente para mim uma opção horrível, horrível!

E: Isso é legal você falar com o seu médico também, já que você tá com medo né, de isso acontecer de novo, fala para ele “olha tive uma experiência muito ruim, não gostei” né, o importante é ele saber de tudo isso!

ZI: Mas pelo convênio foi diferente, fiquei em quarto particular, não fiquei com outras pessoas, recebia visita constantemente né, não tinha aquela área específica de psiquiatria, era um hospital comum!

E: Ah...e você se sentiu melhor em um hospital comum?

ZI: Bem na verdade, eu tinha saído de um coma né...

E: Ah você tinha?

ZI: Eu tinha saído de um coma, eu tinha saído da UTI né, daí passei pra CTI e depois fui pro quarto, então quando eu voltei assim, eu tava perdida, porque eu não sabia o porquê que eu tava internada, eu olhava no hospital, olhava assim o quarto, os enfermeiro vindo, e eu perguntava “porque que eu to aqui”, e ela falava “só o seu médico pode falar com você”, daí quando veio o psiquiatra e o psicólogo, que eles foram falar para mim, o porque que eu tinha sido internada, quanto tempo eu tinha ficado em coma, e que agora o meu tratamento era contínuo, que eu não podia parar de tratar... eu tentei ficar sem medicamento, mas não consegui, tentei suicídio novamente.

E: É tem que ter muito cuidado quando você decide parar o medicamento, porque as vezes esse parar do nada pode ser muito perigoso né, você pode conversar com o seu médico e falar “olha a longo prazo eu não quero, será que é possível? A longo prazo, a gente trabalhando juntos”, pode até ser possível, eu não sei, isso é uma coisa que você pode conversar também né, agora parar por si só pode ser uma coisa muito perigosa mesmo né?

ZI: É...

E: Como qualquer remédio, você tomando um antibiótico forte também é perigoso parar né, mas eu acho que a vida é tua né, e acho que você tem que falar das suas preferências e dos seus medos com os seus médicos, a vida é tua, então tome ela pelas rédeas né!

ZI: Sim... Quero ter a minha liberdade!

E: É, e falar disso, fale desses medos, desses desejos, pô eu não quero ser doente, quero um dia não tomar remédio.

ZI: Eu conversei com ele, ele falou para mim que eu sou doente, e eu tenho que aceitar, não só o Dr. F., como o Dr. C. que foi meu psiquiatra pelo convênio, ele falou para mim assim, olha você está doente, você tem que aceitar, você tem que aceitar o tratamento, você tem que aceitar que você está doente, se você aceitar vai se confortar melhor...

E: Entendi, mas você viu que o que eles falaram é diferente um pouco do que você falou, você é doente, e você está doente, apesar de sim, lidar com uma doença que para você pelo jeito é difícil né, mas é diferente né?! você está, você está em um momento que não está legal, vamos pensar assim né, está em um momento difícil que talvez precisa de um acompanhamento mais próximo. Não quer dizer que você vai ser assim para o resto da vida, vai ficar desse jeito assim muito mal pro resto da vida, não, isso não quer dizer né, isso são etapas né, e as etapas passam, as etapas melhoram, pioram, e melhoram de novo!

ZI: É ...e no meu caso eu acho que deu uma piorada né?!...

E: Pode ser, mas pode ser que piore, e daqui a pouco esteja melhor! Mas assim, eu acho que tudo isso depende muito de você ZI, que nem eu te falei, eu queria muito que você participasse das sessões, pois quando você estava lá, eu via o quanto que você aproveitava aquele momento, então é nesse sentido, eu sei que tem dias que é difícil, e eu concordo com você em falar “hoje eu não quero”, acho que tem que ter essa autonomia, mas acho que é um esforço né, o tratamento é um esforço, né...

ZI: É, tem que fazer, e tem que fazer!